AUTORA BEST-SELLER Nº 1 DO *NEW YORK TIMES*

ABIGAIL OWEN

A PROVAÇÃO • VOLUME 2

pa
ra
l e
l a

OS ERROS DOS DEUSES

ABIGAIL OWEN

OS ERROS DOS DEUSES

A PROVAÇÃO • VOLUME 2

Tradução
GABRIELA ARAUJO

PARALELA

Atenção!

Se você pagou por este arquivo,
em qualquer formato (epub, pdf etc),
você está sendo enganado.

Estes arquivos de ebooks são
disponibilizados gratuitamente pela
comunidade leitora em sites e
apps como Z-library, Anne's Archive etc.

Não pague por serviços de pirataria.
Se for para pagar, compre o original e
valorize o autor e demais
profissionais envolvidos.

Booklover

Sumário

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Prólogo
Nota da autora
No livro anterior de A provação...
Mapa
Parte 1: Bem-vindos ao Tártaro
- A gente tá tão ferrado
- Vivendo com os dias contados
- Ao menos se comporte como uma deusa
- O cadeado de Héstia
- Nunca sonhe
- Meu coração tá tão, tão distante
- A casa é uma mentira
- Não é da minha época
- Senhora
- Prazer, titãs
- Com o passar do tempo

Parte 2: Monstros
- Um destino pior que a morte
- Nenhuma das opções presta
- Os pilares do cosmos
- A segurança é algo relativo
- Pane no sistema
- Momento em família
- O tempo na garrafa
- Alguma coisa era verdade
- A mais bela de todas
- Rachando o bico
- O segundo cadeado
- Corre, menininha. Bum!
- Carne, osso & circuitos

Mais duro, mais rápido, mais forte, mais eficiente
E a verdade vos fará surtar
Parte 3: As verdades, as mentiras, as mentiras malditas e os desafios
A arte de negociar
Túneis, portas & punição
... amor, mais uma vez
O tempo está a meu favor
Uma questão de tempo
Sete cadeados & uma salvação
Cuidado com o que pede, porque... que situação bosta!
O significado de um nome
Caindo na real
Vez após vez
Fazendo hora
Distorção temporal
O diabo de uma era
Parte 4: Pandemônio
Enganar a morte
Mas não sou a única
A história da Perséfone
Estão vindo atrás da gente
Uma bomba-relógio
Passar no teste do tempo
Um momento para matar
Todo nascimento é um capítulo novo no livro do tempo
O verdadeiro labirinto aqui embaixo
É mais difícil do que parece
Coragem
O cadeado de Deméter
Salvando aquela que não me amou como deveria
Salvando aquele que fez da minha vida um inferno
Quem age a tempo não evita... nada
Parte 5: O tempo tá... ou não... a meu favor?
Salvar... a mim mesma
De um jeito ou de outro
Bomba
Não mente para mim
Quem sabe na próxima
O cadeado de Poseidon
É esperar & ansiar
Todo o resto confuso
Amigas lá embaixo
Quem tem coragem (ou pouco juízo) vai longe
Toda vez que você vai embora

Salvação... ou destruição?
Parte 6: Marionetista
Mas o futuro continua detonando o passado
Uma senhora redefinição
Confissões
Coloca a mão na minha
Era uma vez
Ladra do tempo
A enésima vez
De tempos em tempos
Almas
Me atualiza aí
Górgona
O cadeado de Hera
Fazendo direito
Acorda
Em tempos de desespero, medidas doidas
Parte 7: Jogada de mestre
O cadeado de Zeus
Lobo em pele de cordeiro
De terceira é mais gostoso
Já não era sem tempo, cacete
Um tempo em que era mágico
Lá vou eu de novo
Qual é a dúvida?
A pior coisa que se pode fazer é nada
O cadeado de Afrodite
Herança
Deuses da morte
Parte 8: Ateando fogo em tudo
Os que se foram
Pesadelos
Queima, quengaral
Pelo amor do Hades
Estrelas, escondam o fogo
Dando um nome à angústia
Tudo vem abaixo
Momento paternal
Tempo certo, hora certa
Um plano ruim é melhor que nada
Se eu pudesse voltar no tempo
Não tinha como prever isso
Epílogo

Glossário de deuses, titãs & outros
Agradecimentos
Créditos

Para as meninas malvadas do ensino médio que deixei me convencerem a parar de escrever por anos, porque me disseram que minha paixão era esquisita... bem-vindas ao Tártaro.

Às pessoas escritoras, leitoras, contadoras de histórias, sonhadoras... nunca, nunca deixem ninguém minar sua paixão.

Em *Os erros dos deuses*, divindades gregas caminham entre nós e os titãs estão presos abaixo de nós — e são tão indizivelmente belos quanto fatais. Assim, como seria de esperar, esta história apresenta elementos que podem não ser adequados a todos os leitores, incluindo sangue, tripas, violência (entre humanos, deuses e monstros), situações perigosas, fobia de altura, ferimentos, vômito, negligência, bullying, isolamento, aprisionamento, tortura, morte, luto, uso de alucinógenos, linguagem obscena e atividade sexual (incluindo dominação e asfixia erótica). Pessoas que possam ser sensíveis a esses elementos: estejam cientes, e se preparem para entrar no Tártaro...

NOTA DA AUTORA: UM GLOSSÁRIO DOS DEUSES E TITÃS E OS PAPÉIS (POR VEZES DETURPADOS) QUE REPRESENTAM NA SÉRIE ESTÁ DISPONÍVEL NO FIM DO LIVRO.

NO LIVRO ANTERIOR DE A PROVAÇÃO…

Caramba, quem poderia imaginar que, depois de participar de uma competição de Doze Trabalhos com alto potencial letal (além de, pra ser sincera, bizarros pra cacete), eu *ganharia* os Jogos da Provação? Eu, uma humilde contadora da Ordem dos Ladrões, amaldiçoada por Zeus a nunca ser amada. Conquistei não só o trono do Olimpo para Hades como também o coração dele. E eu mesma também fui transformada em deusa: a rainha do Submundo. Era para ter sido o felizes para sempre da nossa história.

SUPERFÍCIE
RIO ESTIGE
SUBMUNDO
TÁRTARO
ÉREBO
ELÍSIO
ABISMO
QUATRO PILARES DO COSMOS
OS CADEADOS
QUATRO PILARES DO COSMOS

PARTE 1
BEM-VINDOS AO TÁRTARO

"Tão abaixo da morada de Hades quanto da terra dista o céu."
— *A ilíada*, Homero

1

A GENTE TÁ TÃO FERRADO

Que se foda o universo! Eu sabia que ele me odiava. Só não achei que fosse ser *mesquinho* nesse nível.

Além do mais, ser transformada em deusa devia ter umas vantagens. Poderes reluzentes. Um trono. Talvez umas férias curtas em algum lugar que não desse em uma ponte de pedra suspensa sobre o nada, com um abismo gigantesco de cada lado e uma porta pairando ao longe como uma piadinha que já ouvi antes.

Não que a aparência importe. Sei onde estamos.

Tártaro.

Não porque reconheço, e sim porque eu estava do outro lado desses portões enormes quando um deles se abriu.

O pior de tudo? Arrastei Boone comigo. Um dos meus poucos amigos — que já morreu uma vez graças a mim e aos Jogos da Provação. Tudo bem, venci os jogos e garanti a deificação da alma dele. Iupi, final feliz! A alegria durou só umas semanas.

Agora ele está aqui. De novo. Comigo. Neste pardieiro.

Olho de soslaio para ele, mas ele não se vira. Só range os dentes e continua olhando para a frente, que é a linguagem não verbal para "fingindo não estar sendo corroído pela preocupação".

Respiro fundo. O ar tem cheiro de ferro. Ou talvez seja só pavor. Porque não tenho nem que perguntar quem nos arrastou pelos portões. Também já sei.

Cronos.

O rei dos titãs.

Até onde todo mundo sabe, ele é o molde que serviu de base para todos os babacas desde então. Afinal, o filho de Zeus tinha a

quem puxar. Esse cara engoliu todos os filhos no dia do nascimento para subverter uma profecia de que, um dia, seria derrotado por eles. Tipo, já ouvi falar de pais escrotos. O meu mesmo não seria convidado para nenhuma homenagem de Dia dos Pais, não. Mas Cronos era outro nível.

"Era", não. É.

Ele está parado bem à nossa frente. Alto e musculoso como um mocinho de livro, o cabelo preto que nem ônix e só um pouco grisalho nas têmporas, e uma barba escura e densa que esconde a mandíbula bem marcada.

E, pelos deuses, ele parece Hades. Não do jeito que os pais lembram os filhos, mas de um jeito peculiar e inquietante — como se fosse uma versão mais velha e mais brutal dele. Não é de admirar que Hades sempre tenha carregado uma sombra indecifrável. É dali que vem a coisa.

Se os deuses são belos, eu diria que os titãs são radiantes. Tipo, no sentido de que é difícil olhar diretamente para Cronos.

Não sei bem se existe uma palavra que descreva o quanto é enervante, devastador e absurdamente difícil encarar *esse* titã em específico. Meu coração bate tão forte que consigo até sentir o movimento do peito a cada arfada.

Fica calma, Lyra.

Alguém esmurra os portões atrás de mim.

— Lyra! — O grito é tão fraco que mal consigo discernir.

Me viro e encosto as mãos nas portas duplas, cujos entalhes espiralados parecem vinhas espinhosas. Ai, deuses!

Hades.

Minha alma é impelida em direção à dele através da barreira entre nós, mas não há como passar.

Não tem como alcançá-lo.

Não, não, não.

Enxugo a lágrima que escorre pelo rosto com um gesto impaciente. Não posso perdê-lo. *Não* vou perdê-lo. Não depois de termos nos encontrado. Sofri calada a maldição de Zeus que me destinava a nunca ser amada por ninguém, e ainda assim sobrevivi aos malditos jogos dos quais os deuses obrigam os mortais a

participar no lugar deles. *Fiz por merecer* a imortalidade e uma vida feliz ao lado de Hades. Ele também merece a felicidade.

Isso não pode estar acontecendo.

Só que eu sei, lá no fundo, que nem o deus da morte tem como consertar isso. Ainda assim, estou gritando internamente para ele me tirar daqui.

Um soluço me escapa enquanto dois pensamentos me vêm à mente depressa, um após o outro. Primeiro... ele vai se culpar por isto. É uma verdade tão inescapável quanto o Tártaro.

E segundo... eu deveria ter prestado mais atenção à profecia de Rima durante a Provação: uma visão de Hades ateando fogo no mundo. Um futuro que, para ser sincera, achei que tínhamos evitado. O que mais Rima disse?

As batidas na porta ficam cada vez mais violentas até eu sentir a estreita ponte de pedra tremer. Por um minuto de esperança, penso que talvez os portões cedam, e aí... as batidas vão parar.

E meu coração também, o que me faz sentir um vazio.

Tento sentir Hades, identificar alguma emoção vinda dele que confirme que continua ali, mas o ato de ter me dado o próprio sangue na Provação — possibilitando que eu sentisse as emoções dele em qualquer momento, sobretudo as mais fortes — já praticamente perdeu o efeito. Não identifico emoção alguma.

— Lyra! — A voz de Hades soa ainda mais baixa, abafada, como se mais distante.

O que os outros estão fazendo com ele ali? Arrastando-o para longe?

Arranho a porta de metal como se fosse conseguir abrir caminho para ir até ele ou para trazê-lo até mim.

— Não vai embora.

Contudo, a resposta é só o silêncio.

Não consigo mais ouvi-lo. Encosto a orelha na porta, fecho os olhos, tentando ouvir qualquer indício de que ele ainda está lá, que não me deixou.

— Hades? — Seu nome sai como se fosse um lamento.

— Ele ainda está lá — informa Cronos atrás de mim, um murmúrio.

Mesmo com o som baixo, fico toda tensa.

A voz do titã é *parecida* com a de Hades, seu primogênito, embora o tom seja mais áspero, mais rouco, como se tivesse passado tempo demais respirando enxofre.

— São as proteções que impedem que a gente se comunique com o mundo exterior — explica Cronos, ainda com a voz baixa. — Você não vai mais conseguir ouvi-lo.

Passo o braço pelo rosto molhado e me viro para o rei dos titãs, trocando um olhar com Boone em meio ao gesto. O recém-deificado deus dos ladrões está pronto para lutar se for preciso: a mandíbula retesada, os punhos cerrados. Faço que não com a cabeça para ele, bem sutil. Lutar parece um caminho garantido para a morte súbita, instantânea e até irreversível. Só que aí me resta um único pensamento: como podemos escapar?

A resposta é simples: não podemos.

Estamos no maldito — no sentido literal da palavra — Tártaro. Talvez se eu repetir isso para mim mesma o suficiente, a ficha caia.

Faz milênios que nem os titãs conseguem sair daqui, e sem dúvida tentaram. A Caixa de Pandora foi uma tentativa arriscada. Um último recurso. E era para possibilitar que só uma pessoa saísse.

Perséfone.

Falando nela... em nome do Olimpo, cadê a deusa da primavera? Era para ela estar esperando do lado de cá para escapar, mas só Cronos está aqui.

O que ele fez? Comeu os outros como fez com os filhos?

Cronos sorri para mim. O sorriso de um tubarão é mais acolhedor. Pior ainda, ele me lembra tanto Hades que continuo tendo palpitações, confusa sobre o que devo sentir. Não atração, lógico, mas com certeza algum tipo de afeto. Ou talvez eu esteja surtando pouco a pouco.

Solto uma risada brusca.

— De todo mundo que poderia ter arrastado pra cá, você escolheu os que têm menos serventia pra você. Arrasou.

Ou talvez eu esteja surtando bem depressinha.

Boone fica um tanto tenso. Então solta um assobio breve, do tipo usado por ladrões para se comunicar.

Um alerta.

Um que ignoro. Aprendi lá no início na Ordem dos Ladrões — na qual Boone e eu fomos criados — que o jeito de lidar com bullies é não se acovardar e, quando desafiados, responder à altura.

Cronos olha por cima do ombro, ao que parece para a porta. O que ele está procurando? Será que vem mais alguém ajudá-lo?

Olho atrás dele. Não tem mais ninguém aqui nem em lugar nenhum em que alguém poderia se esconder. A pequena porta do outro lado da ponte dá em um túnel, talvez. Não dá para ver bem só com a luz das tochas nas arandelas.

— Você tem que falar baixo — sussurra Cronos, ainda olhando para o outro lado. — Ou vai acordá-los.

Uma frase sinistra e misteriosa de tão vaga. Minhas duas coisas prediletas.

— Acordar quem?

— Shhhh.

Cronos fica imóvel, com o olhar focado no túnel.

— Eles sempre ficam piores quando você chega.

Quê?

Troco outro olhar com Boone. Faz muito, muito tempo que o titã está trancado aqui. É nítido que gerou consequências. Uma palinha de nosso destino caso a gente não consiga meter o pé.

Cronos se vira para mim, e endireito a postura com o brilho do seu olhar quando ele abre um sorriso.

Um gesto nadinha bizarro.

— Que foi? — pergunto em voz alta desta vez.

— Acha que vocês não têm serventia pra mim? — Cronos usa o tom de um tio bondoso, mas ainda é um sussurro. — Parece que é *você* que não está batendo muito bem.

Faço uma careta.

— O que eu *acho* é que você é um grandessíssimo...

Boone me dá uma cotovelada, em um gesto universal para calar a boca antes que o titã te cubra de porrada, e faço uma careta.

Cronos se mexe com uma velocidade que nunca vi, mesmo em deuses e vários monstros. Em um movimento turvo de tão rápido, ele não parte para cima de mim. Em vez disso, pega Boone pelo pescoço e bate o corpo dele nos portões. Solto um gritinho com o som da cabeça de Boone colidindo com o metal rígido.

Cronos solta Boone como um lenço usado, e não como um homem adulto de um metro e noventa. Aí o titã se volta para mim como se nada tivesse acontecido.

Tomada pelo pavor, observo o corpo mole de Boone jogado no chão. Seu peito sobe e desce. Graças às estrelas. Um dos braços está dobrado debaixo dele em um ângulo estranho; o sangue dourado, o icor dos deuses que agora somos, escorre do corte acima da sobrancelha. Estremeço. Ele parece tão frágil assim, sendo deus ou não. Como alguém que nunca deveria ter me seguido porta adentro, muito menos *essa* porta.

— Por que fez isso? — questiono, lutando contra o ímpeto de ir até Boone.

Algo me diz que, para conseguir tirar a gente daqui, preciso ficar de olho no titã.

E é aí que me lembro das armas. Faço menção de pegar os machados duplos presos às costas. Só que... não estão ali. Tateio de novo, mas nada. Sumiram. As correias seguem cruzadas em meu peito, mas as bainhas estão vazias.

Quando Cronos vê o que estou fazendo, suspira.

— Os portões do Tártaro retiram as armas de todo mundo, Lyra. — Ele ainda fala em um tom quase inaudível.

Quando baixo os braços, assimilo a última parte do que ele falou. Fico olhando para Cronos, sentindo um novo rompante de medo nas entranhas.

— Você sabe meu nome?

Ele ergue as sobrancelhas — tem como sobrancelhas demonstrarem decepção?

— Óbvio.

Tudo bem.

— Hum... como? — pergunto, um tanto distraída, e quem poderia me julgar?

— A gente já se encontrou.

Me retraio antes de conseguir conter a reação.

Eu já encontrei o senhor de todos os traumas paternos?

— Não. Nem por um minutinho.

Seria melhor se eu parasse de falar mesmo. Não vou conseguir respostas sensatas — só declarações enigmáticas e um ego de

proporções titânicas.

Minha mente está a toda em busca de soluções para conseguir tirar a mim e a Boone daqui. Rotas de fuga. Distrações. Subornos que o universo aceitaria. Nem sei ao certo como viemos parar aqui. Em um segundo, estávamos no *limiar*... e no seguinte, na boca do leão.

Caramba, como é que vou conseguir tirar Boone do Tártaro se ele não acordar?

Minha mente enfim processa o fato de que, apesar de eu estar sem as armas, ainda tenho as tatuagens. Os animais que Hades me deu estão cravados na pele do meu braço, e sem dúvida ninguém consegue tirá-los de mim. Quando penso em despertá-los, Cronos já está lá, movimentando-se rápido demais até para meus olhos de deusa detectarem. Ele me ergue pelas axilas, fazendo meus pés pairarem acima do chão, um apertão tão firme que não consigo esticar o braço para tocar e acessar os animais.

— Suas tatuagens sumiram também, junto com as armas.

— Duvido.

Começo a chutá-lo, mas ele nem se abala.

— Você sempre pronta pra lutar... — murmura ele, como se estivesse orgulhoso.

— Você acabou de me conhecer. Como sabe disso?

Talvez eu possa tentar me teletransportar. Essa área não é muito meu forte, Hades vem tentando me ensinar, mas não posso só ficar aqui pendurada que nem peixe no anzol. Torço para Boone acordar. Para se mexer enquanto o titã está de costas.

— Eu te conheço bem, Lyra Keres — afirma Cronos. Em seguida, fica sério de um jeito que me faz parar bem quietinha. — Você será nossa salvação.

Minha mente descarta a ideia do teletransporte. Fácil assim.

A adrenalina corre por mim tão depressa que parece que estou - virando do avesso.

Porque acredito nele. Pelos deuses, acredito mesmo. Ele me conhece. Me conhece de verdade. Está ali nos olhos dele: convicto demais, familiar demais. Como se eu já fosse parte de um plano que ele elaborou uma eternidade atrás e se esqueceu de mencionar até agora.

— Você está errada sobre não ter serventia — argumenta, ainda calmo, ainda baixinho. — Você tem muita serventia para mim. E vou punir qualquer um que ferir aquela que vai me libertar.

Nego com a cabeça, com o estômago revirando. Ele machucou Boone... por ter me dado uma *cotovelada*? Por achar que vou libertar um *titã*? E não qualquer titã. O pior de todos?

Um sino resolve tocar neste momento. Nítido. Gélido. Definitivo. Como se fosse uma contagem regressiva para algo ao qual não sobreviverei.

Cronos não me solta, só volta o olhar penetrante ao túnel escuro outra vez.

— O que é isso? — sussurro.

O sino *continua* tocando, de um jeito... errado. Como se tentasse ser uma melodia alegre, parecida com a de lojas de brinquedos em datas comemorativas, só que em um tom menor.

— Filho da puta.

Sem aviso, Cronos me gira bruscamente, e meus pés formam um arco até ficarem suspensos sobre o nada.

O abismo que ladeia os muros do Tártaro — o fosso cheio de monstros — paira lá embaixo como a bocarra escancarada de um kraken.

O medo forma um nó na minha garganta, e começo a me debater pra valer.

— Talvez seja mesmo mais seguro lá embaixo — comenta Cronos. — Espero que desta vez você não morra.

E aí o filho da puta me solta.

2

VIVENDO COM OS DIAS CONTADOS

LYRA

Começo a gritar.

Óbvio.

O grito irrompe da minha garganta enquanto me debato, o estômago se revirando a ponto de dar nó enquanto caio no abismo. Lá em cima, vejo Cronos se debruçando na borda da ponte. Aquele titã maldito está me observando cair como um gato observa um inseto se contorcendo em uma piscina.

Depois de um instante, seu rosto cada vez menor some de vez, engolido pela escuridão impenetrável que me consome. E é quando me toco de que *ainda* estou caindo, sem colidir com nada.

Também me vem à mente que sou uma deusa, cacete. Não lá essas coisas, mas ainda assim...

Toma vergonha, *Lyra*.

Se o Hades estivesse aqui, estaria me observando de braços cruzados e olhar impaciente, com as sobrancelhas franzidas, como faz quando não entendo de cara o que ele está tentando me ensinar. Não tivemos muito tempo de treinamento, mas vi bastante aquela expressão dele. As aulas divinas transcorreram mais ou menos do mesmo jeito que as aulas de roubo.

Tudo me ocorre ao mesmo tempo, e paro de gritar de súbito, percebendo a sensação dolorida na garganta, e só escuto o barulho de ar nos ouvidos enquanto caio... e caio... e caio.

Tipo a Alice no buraco do coelho.

Aí, em meio à escuridão esmagadora, vejo... alguma coisa.

Fecho bem os olhos, volto a abri-los, e lá está. Maior. Mais próximo. Algo se movimentando comigo. Ou talvez na minha direção?

Só tenho um segundo para assimilar o que parece uma fenda cristalina que me lembra um geodo, mas não passo por ela ao cair. A coisa flutua *comigo*.

— Mas que porra é...

A coisa vem para cima de mim. Só que, em vez de colidir ou me esmagar, nem me encosta — não é sólida. Em vez disso, me engole por inteiro.

Minha pergunta é envolta por um silêncio tão sufocante que é como se o som não existisse mais. Tudo fica vermelho enquanto o movimento me cerca de todos os lados, como se eu estivesse correndo tanto que o mundo vira um borrão.

Aí o espaço ao meu redor muda de repente, e em vez de cair sem parar por um abismo obscuro, estou em uma das pontes de entalhes delicados no jardim das águas do Hades no Submundo. A transição é tão dissonante que minha cabeça fica girando, e apoio a mão no tronco de uma árvore próxima até tudo parar de rodar e o mundo recobrar a nitidez.

Casa.

O sol volta em um instante, e estou cercada pelo gorgolejar reconfortante da água corrente, o aroma de jasmim e madressilva, o ar fresco e perfeito na pele. Estou cercada pelas cores vívidas e reluzentes de Érebo, onde fica a casa de Hades, que lembra um castelo. Fica em uma caverna tão enorme que o teto parece o céu noturno estrelado.

Estou *em casa*. Na minha nova casa no Submundo.

Ou... talvez isso seja um feitiço. Pelos campos de Asfódelos, o que acabou de acontecer?

— Em nome do Olimpo, o que você tá fazendo aqui? — Uma voz baixa ecoa atrás de mim feito um rosnado. — Este é o pior momento possível pra isso.

Uma voz dolorosa e maravilhosa de tão familiar.

Com o coração martelando de euforia, e quem sabe até reluzindo, eu me viro.

— Hades... — sussurro, então quase começo a soluçar de tanta emoção.

Ele fica com o corpo bem paradinho enquanto me encara, me analisando com atenção.

— O que aconteceu?

Tudo que parece errado neste momento é abafado pelo rompante de alívio que me assola. Avanço pelo espaço entre nós, com os braços em volta do pescoço dele em um piscar de olhos.

— Graças aos deuses — sussurro e o beijo.

Seu corpo se retrai, tenso, enquanto ele afasta a boca da minha. Só o suficiente para me olhar nos olhos. A incompreensão dilacera meu alívio como um dos meus machados. Também imóvel, encaro-o de volta.

O que vejo nos seus olhos não é alívio. É uma perplexidade raivosa.

Mas... enquanto nossas respirações se misturam, ele leva a mão à minha lombar, me puxando para mais perto, e minha incompreensão vira um desejo tão familiar que sorrio.

Hades prende a respiração, então sua boca está na minha de novo. Pelos deuses nos céus, parece a primeira vez que nos beijamos. Só que... melhor.

Dominante mas suave. Exigente mas questionador. Como se ele estivesse reivindicando e desfrutando de algo que desejou por muito tempo.

Quanto tempo mesmo fiquei presa no Tártaro?

Já eu... estou tão feliz por ter saído daquele antro de víboras e estar de novo nos braços dele que o beijo como se nunca mais fosse vê-lo. Porque parte de mim, uma bem lá no fundo que eu estava tentando ignorar, ficou preocupada com a possibilidade de ele saber. De saber que o Tártaro era meu destino, de talvez até ter me trocado por Perséfone.

Quando nos separamos, estamos ofegantes, e ele encosta a testa na minha, de olhos fechados, as mãos em minhas costas ainda pressionando meu corpo ao dele.

— Você nunca me beijou antes — diz ele.

Leva um momento para as palavras penetrarem minha bolha de felicidade aliviada. Eu nunca... o quê?

— Como assim?

Como se minha pergunta tivesse sido um tapa na cara, Hades se afasta, parecendo bem mais abalado do que o deus da morte se permite transparecer.

— Seu cabelo tá comprido. Você é a minha Lyra do futuro, não é?

Estou tão confusa que parece que estou nadando contra uma correnteza, sendo arremessada de um lado a outro por águas revoltas. Futuro? Meu cabelo? Do que ele está falando? Coloco a mão na cabeça, e estou com um coque baixo.

Não faço ideia do que está acontecendo e de que diferença faz o tamanho do meu cabelo.

— Hades?

Ele franze as sobrancelhas, fazendo uma careta intimidadora.

— Porra, Lyra. Você tá no meio do Trabalho de Poseidon agora. Não era pra eu te deixar lidar com isso sozinha.

— Quê? Não tô entendendo.

— Você disse pra eu...

Sem aviso, aquela coisa cristalina cor de sangue passa por cima da minha cabeça em um borrão, e depois de um momento silencioso e vermelho, Hades some. Ainda o sinto contra mim, a sensação se esvaindo devagar, mas identifico o instante em que a coisa desaparece de novo, por causa da escuridão e da rajada de ar quando caio.

Presa na escuridão do abismo de novo e ainda em queda livre.

Não sei se é para eu gritar ou fazer outra coisa. Me debato, um som irrompendo da garganta antes que eu o engula de súbito.

Porque gritar não vai adiantar porcaria nenhuma.

Pensa, Lyra. Como sair dessa situação?

3

AO MENOS SE COMPORTE COMO UMA DEUSA

LYRA

Fazendo o possível para controlar o coração agitado, me forço a fechar os olhos — não que faça grande diferença no escuro, mas até então só assim consegui me teletransportar.

A lembrança da voz suave do Hades permanece na mente.

Concentre-se.

Algo difícil de fazer quando estou me preparando fortemente para me espatifar lá embaixo.

Invoque o poder até sentir um formigamento sob a pele, tipo uma energia.

Demora mais desta vez, o medo afugentando a sensação antes que eu consiga firmá-la. Meu estômago se revira todo. Mas acabo sentindo.

Então o absorva até sentir a pressão no peito.

Para mim nunca funciona assim.

O formigamento se acumula na base da coluna, igualzinho ao prazer que sinto quando o Hades...

Visualize aonde está indo.

A lembrança da voz dele na minha cabeça soa mais urgente.

Porque você continua caindo, Lyra. Foco.

Mas para onde tento ir? Se o teletransporte funcionasse para sair do Tártaro, os titãs não estariam aqui. Então, me recordo do corpo molengo e emaranhado de Boone caído lá na ponte. Vou tentar voltar para buscá-lo, e assim deixamos Cronos e o que quer que tenha sido aquele sino para trás.

Libere o poder.

Uma ação que tende a me dar uma rasteira. Como a energia acabando bem quando mais preciso.

Deixo o formigamento se espalhar por mim, tentando reter na mente a imagem de onde Boone está. O vento soprando por meus ouvidos para, e abro os olhos de súbito, com o coração palpitando porque imagino, por um segundo, que consegui acertar de primeira. Sem efeitos colaterais.

A decepção me acerta que nem um tapa na cara.

Não tem ponte. Nem Boone. Nem Cronos.

Por outro lado, também não estou mais caindo. Estou de pé...

Espera aí. Quando foi que aterrissei? Como?

Na verdade, a pergunta mais importante é: *onde* aterrissei desta vez? Franzo a testa, girando para analisar tudo. Um espaço apertado com paredes de pedra que é familiar de um jeito doloroso e horrível.

Meu quarto no covil da Ordem dos Ladrões em San Francisco.

Está a mesma coisa. O computador na escrivaninha de metal barata — que só contadores podem usar. A cama arrumada e aninhada em um nicho arredondado entalhado na pedra do esconderijo subterrâneo. Montes de espólios roubados recentemente bem organizados ali para eu catalogar. Tem até o mesmo cheiro: caverna, pedra e sabão. Tenho um problema sério com mofo, o que pode ser uma dor de cabeça quando se mora na terra debaixo de um oceano. Só consigo lidar com isso limpando tudo com frequência.

— Pelo amor do Tártaro, o que tá rolando? — pergunto em voz baixa.

Será que isso é possível? Fugi mesmo do Tártaro? No entanto, ainda sinto o formigamento, como se eu não tivesse me teletransportado.

Olho para baixo e identifico a calça jeans e minha blusa de manga comprida predileta dos meus tempos no covil. Nada de mais. De um material sintético cinza mas macio, bem confortável. No geral, está sempre frio ali no espaço subterrâneo, mesmo no verão. Eu usava essa roupa com frequência, mas não era isso que estava usando quando cheguei ao Tártaro.

Será que recomecei a vida, lá do... bom, não propriamente do zero. Mas daquele lugar maldito?

Endireito a postura. Hades. *Ele sabe que estou em San Francisco?* Vou voada para a porta.

— Você entrou no Cadeado de Héstia.

Desacelero até parar e me agacho, na defensiva, ao ouvir a voz atrás de mim, então tomo um susto ao ver uma mulher vestida com um traje grego tradicional e esvoaçante. Há uma coroa de louros entrançada no cabelo carmesim ondulado, que vai até a cintura.

Não pode ser.

Fico encarando-a enquanto me levanto devagar. Só vi esculturas e pinturas dessa deusa, que dizem que morreu nas Guerras Anaxianas, quando os deuses e as deusas do panteão grego arrancaram Zeus do trono e batalharam uns contra os outros pelo posto. Estudiosos teorizam que foi a morte dela, não a destruição do Olimpo, que pôs fim à guerra.

— Héstia? — questiono, incerta.

Deusa do lar e da lareira. A filha mais velha de Cronos e Reia. O que ela está fazendo no meu quarto?

O sorriso dela é tão acolhedor e natural que me pego relaxando o suficiente para retribuir, um fragmento de esperança atravessando o pânico e o temor, mesmo que eu ainda esteja tão confusa quanto estava ao chegar ao rio do Esquecimento. Ela estar aqui é um bom sinal, não? Só pode significar que consegui sair do Tártaro de alguma forma.

— Você pode... você pode me ajudar?

— Sou um reflexo da deusa que criou este Cadeado — declara Héstia.

Cadeado? Ela já usou essa palavra. Cadeado de Héstia. Franzo a testa, olhando ao redor. Como o *meu* quarto é um cadeado?

— Não tô entendendo.

A imagem de Héstia tremeluz, como um sinal falhando, e ainda assim ela parece muito... real. Se eu tocasse nela, sua pele seria palpável?

Não tiro a prova.

Ela abre os braços, indicando o quarto em que estamos.

— Bem-vinda ao Labirinto.

4

O CADEADO DE HÉSTIA

LYRA

O choque me acerta com tudo, direto e reto. Devo ter entendido errado.

— Labirinto? — Olho ao redor, mas só reconheço as paredes do meu quarto em San Francisco. — A gente ainda tá no Tártaro?

Quando ela responde, pronuncia cada palavra como se falasse com uma criança:

— Só dá pra sair do Tártaro abrindo o Cadeado.

Meu primeiro pensamento ilógico é: *graças aos deuses. Dá para sair do Tártaro*. E é logo seguido pelo segundo pensamento...

— Como assim "cadeado"? — De um jeito sinistro, a palavra me soa como um sinônimo de *cativeiro*, e fico com o estômago embrulhado. — O que é um cadeado? Como eu abro? — Lanço as perguntas como se fossem flechas de Ártemis. — É parte de um quebra-cabeça físico?

O Labirinto é como um quebra-cabeça, não é?

O fantasma, a projeção ou o que quer que seja essa imagem da Héstia tremeluz outra vez.

— O Cadeado testa sua inocência. Te desejo sorte. Meu Cadeado vai testar o poder do seu desejo mais profundo e ainda não realizado.

Minha mente gira a toda.

— Mas o que um desejo não realizado tem a ver com inocência, caramba?

A deusa só fica me olhando e abre aquele sorriso que deu no início. Desta vez, não me causa nenhuma sensação acolhedora.

— Você entrou no Cadeado de Héstia.

Franzo a testa.

— Você já falou isso.

Ela fica me olhando de novo. Tremeluz de novo.

— Bem-vinda ao La...

— Já falou isso também.

Tremeluzir. Olhar. Tremeluzir.

Se eu não estivesse confusa pra porra, diria que faz um tempo que ninguém fala com a... gravação da Héstia?

— Bem-vinda ao Labirinto — repete ela.

— *Que Eirene me ajude* — rogo à deusa da paz, considerando que não tem nenhuma deusa que interceda pela paciência.

Suspiro, cruzo os braços e espero para ver se, sem minha interrupção, Héstia vai fornecer mais informações. Dito e feito, depois de outra pausa sorridente, ela explica:

— O Cadeado só pode ser aberto por alguém disposto a abrir mão do que mais deseja.

Cacete. A frase é *igualzinha* aos malditos Trabalhos que os deuses e as deusas criaram para a Provação. Só que isso não é de todo ruim, me consolo. Um testezinho só. Enfrentei *nove* Trabalhos na Provação. Com certeza consigo abrir um mísero cadeado e passar por um labirinto.

Assinto e abro os olhos, ignorando o coração acelerado. Abro um sorriso sinistro para Héstia em resposta. *Manda ver*.

— Então bora com isso.

Só que ela não acabou.

— No Cadeado, você vai ser testada sem os seus poderes.

Mas que *caralho*! E aí assimilo o resto do que ela disse...

— Não!

Estico a mão como se pudesse detê-la. Ela *não* vai tomar os poderes que o Hades *se sacrificou* para me dar, que salvaram minha vida. Estou com um pressentimento bem ruim de que vou precisar deles lá embaixo.

Ela estala os dedos.

A sensação de formigamento da tentativa de teletransporte fica... mais forte. E mais. E mais. Nada de prazer agora, só dor. De repente, parece que enfiei o dedo na tomada.

Eu luto contra isso. Ou tento. Com a mão fechada, me atenho à sensação bem lá no fundo que considero ser um pedaço do Hades — calor, luz, um brilho no escuro — e dou tudo de mim para mantê-la ali dentro.

Um espasmo me atravessa.

Elétrico.

E depois outro, tão violento que sou arremessada para a frente, arfando. Meu domínio sobre o poder se esvai, e, enquanto apoio as mãos nos joelhos, a visão se restringe, as bordas ficando pretas até eu só ver um pontinho de... luz.

Conheço essa luz.

Sou banhada pela coisa; tudo ao redor irradia. Está em todo lugar, dentro e fora de mim. Meu poder. O poder do Hades. Só que, ao contrário de quando Hades me fez deusa, desta vez a coisa é extraída do meu corpo, como se eu observasse um trem se distanciando num túnel. Enquanto vai ficando cada vez menor, todo o calor some, e fico arrepiada de frio.

Minha visão fica nítida, e recobro a consciência do corpo, piscando e estremecendo, ofegante, o suor escorrendo pelas têmporas, e aí percebo que nem saí do quarto e que aquela Héstia bizarra versão IA está ali parada com o sorriso vazio. Abraço meu próprio corpo, tentando estabilizar a respiração.

Já sei o que acabou de acontecer, mas tento a sorte mesmo assim. A única coisa que consegui fazer no pouco tempo que tive de aprendizado foi acender e apagar a luz. Foco no abajur de mesa triste e capenga, então agito o dedo como se fosse uma varinha de condão.

Nada. A luz nem treme. Nem um poltergeist reage.

Sou humana. Uma mortal frágil sem arma. Pior ainda, ela roubou a única parte do Hades que me restou aqui. Filha da puta.

— Agora, quanto ao teste...

— Ei, ei, ei. — Ergo a mão. — O Cronos me jogou em um buraco e vim parar aqui. Não quero passar por Cadeado nenhum nem fazer teste.

Ela tremeluz e me olha, um sinal nítido de que não compreendeu.

É uma inútil mesmo.

— Só me manda de volta por onde eu vim — imploro. — Não quero fazer isso.

Outro tremeluzir e encarar, e aí ela volta a si.

— A única saída é seguir em frente.

Malditos deuses e essas papagaiadas de "única saída" e "não há escolha a não ser competir". *Fiz por merecer* o direito de nunca mais entrar em jogo nenhum nem ser testada de novo. Isto não pode estar acontecendo.

— Seu sacrifício é ser agraciada com seu desejo mais profundo — declara Héstia.

Olho ao redor. Entendi certo?

— Hã... você quis dizer ter o desejo negado, certo?

Falha. Tremeluzir. Encarar. Falha.

Não sei por que me dou ao trabalho de perguntar.

— Quando sair deste quarto, tudo o que é não será mais, e você terá tudo o que quer em vez disso.

— Uhum... — murmuro e começo a procurar algo que eu possa usar para lutar e escapar. Um arpéu, talvez? Será que dá para sair na base da escalada? — Manda outra charada, Batman.

Como se enfim resolvesse responder a uma das minhas perguntas, ela reformula a frase.

— Tudo o que é agora será apagado da sua memória, substituído por uma nova história e pelo seu maior desejo.

Endireito a postura e a encaro. A raiva por ser enfiada nesta situação de novo se contorce, feroz, dentro de mim, e então é abafada por outro rompante de pânico. Acontece em etapas horrendas. Ela vai me tirar tudo. Inclusive... Hades?

Ai, Deuses.

Ai, infernos.

Maldito seja o Olimpo.

Vasculho o cérebro em busca de mil respostas diferentes. Um jeito de escapar da situação. Um jeito de voltar para a ponte. Talvez Cronos já tenha ido embora, presumindo que morri.

Mas também estou me perguntando...

Qual sempre foi meu maior desejo? Fácil. Meu coração grita Hades. *Hades* é o que mais quero — voltar para ele e viver a vida que começávamos juntos. Só pode ser isso, não é? Eu abriria mão da divindade de bom grado se significasse voltar para ele.

— Você tem uma escolha — informa Héstia.

— Até que enfim.

Gesticulo, sentindo um enorme alívio.

— Pode aceitar a vida com que sempre sonhou, dentro do meu Cadeado. Ou pode abrir este Cadeado e voltar para a vida real.

O alívio se esvai tão rápido que fico cabisbaixa. Não era essa escolha que eu estava esperando.

— Como abro o Cadeado?

— Você tem que fazer a escolha consciente de abrir mão da vida alternativa que suas esperanças e seus sonhos criaram, mesmo que parta seu coração e destroce sua mente. — Ela abre mais um sorriso falso de boneca. — Pode começar... agora.

O fantasma IA da Héstia desaparece sem fazer barulho nem deixar vestígios. Estreito os olhos para o abajur na escrivaninha. Por que a luz está... embaçada, turva? Esfrego os olhos, mas não adianta. O quarto todo tem um aspecto suave e romântico. Alguém bate à porta, de supetão, e eu tomo um susto.

Então faço uma pausa.

Será que abro?

— Lyra? — É a voz de Felix.

Como meu chefe da Ordem sabe que estou aqui? Então a ficha cai. É parte do Cadeado. É uma ilusão. Assim que me ocorre o pensamento, uma dor intensa toma minha cabeça, bem atrás dos olhos. Eu me encolho toda.

Outra batida à porta.

— Lyra? Tenho uma coisa boa pra contar.

Tento focar nas palavras e no quanto parecem erradas. Acho que Felix nunca usou essa expressão na vida. O conceito básico de "coisa boa" passa batido pelo homem.

Aponto para a porta, chamando a deusa invisível.

— A simulação errou nessa parte, viu?

Outra pontada de dor é a resposta que recebo. Entendo mesmo assim. Aqui dentro, ater-me à realidade, à verdade... dói.

Outra batida.

Ainda hesito. Héstia disse aquilo sobre sair do quarto. Então, provavelmente, não é para eu fazer isso. Certo?

Só que ela também disse que a única saída é seguir em frente.

Uma escolha que não é bem uma escolha. Tenho que fazer isso. Mas, se for mesmo Hades do outro lado da porta, mesmo sendo uma ilusão, e se eu não conseguir dar as costas para ele e voltar para aquele caos que é minha realidade?

Quando eu escapar daqui, preciso me lembrar de fazer uma reclamação com os deuses sobre a crueldade e as orientações de merda em tudo que envolve cadeados, trabalhos e jogos.

— Lyra? — chama outra voz.

Suspiro tão alto que quase me engasgo.

É a voz...?

Mal percebo a dor sumindo, substituída por um frio na barriga. Meus pés seguem sozinhos para a porta, e a abro, vendo Felix ali com um sorriso tão mordaz quanto o resto do corpo. Atrás dele, banhadas por uma luz rosa que forma auréolas em cima delas e lhes concede uma aparência angelical, estão as duas pessoas com quem eu sonhava e por quem rezava toda noite desde os três anos de idade, quando me entregaram para a Ordem dos Ladrões para que eu trabalhasse para sanar "nossa" dívida de família.

Só que a realidade é que, graças à maldição que Zeus rogou em mim quando bebê — a de não ser amada —, elas usaram a dívida como desculpa para me abandonar. Ou foi isso que sempre pensei.

— Mãe? — murmuro com dificuldade, apesar do nó querendo se formar na garganta. — Pai?

5

NUNCA SONHE

LYRA

Brad e Jessica Keres. Eles estão aqui. Enfim vieram me buscar.

Não Hades, e sim meus pais.

Sinto outra pontada na cabeça. Tenho a sensação de que meu coração vai se despedaçar. Até conhecer Hades, eu só queria três coisas: me livrar da maldição, me libertar da Ordem e ter uma família de verdade. Será que o desejo com o qual Héstia está me agraciando é o que eu tive por mais tempo?

— Você cresceu tanto... — sussurra minha mãe.

A ilusão é bem turva, então fica difícil discernir os detalhes. É como estar em um sonho, mas, ávida, tento absorver tudo o que consigo dos meus pais. Minha mãe é baixinha, com cabelo castanho e mechas grisalhas nas têmporas, mas tem olhos verdes como os meus, com um dourado no meio. Meu pai é alto, e sua barriga lembra a do Papai Noel. Herdei o tom preto do cabelo dele. Seus olhos são castanhos, porém. Parece que não o puxei em mais nada.

Antigamente, eu ia dormir imaginando este momento. Quando os dois voltariam para me encontrar.

Meu pai estende a mão trêmula na minha direção.

— A gente veio te levar pra casa, filha.

A esperança transborda nos seus olhos, mas há ruguinhas de preocupação nos cantinhos, bem marcadas, como se entalhadas pelo tempo. Isso é só teatro? Ou sentiram minha falta assim como senti a deles? Será que se perguntaram o que eu estava fazendo?

Será que me imaginaram roubando? Será que rezaram pela minha segurança?

É tudo mentira, digo a mim mesma, me encolhendo com a dor do pensamento. *Não acredita neles.*

Mas é... tão melhor... acreditar nisso. Não dói. Fica... mais acolhedor e mais verdadeiro a cada segundo, e convencer minha mente de que é mentira fica cada vez mais difícil.

A única chance de estarem aqui no covil seria se tivessem vindo sanar a dívida da família e me levar para casa... talvez eu estivesse errada. Talvez eles se importem, sim.

— Vocês estão aqui mesmo? — pergunto.

Essa é minha voz?

Parece... errada. Como um robô lendo um roteiro.

Além do mais, não é isso que eu deveria ter perguntado. Quero perguntar como, em nome de Hades, eles me largaram aqui por tanto tempo. Quero exigir saber por que pensaram que uma criança de três anos deveria ser responsável por sanar uma dívida. Quero questionar por que *me* culparam pela maldição de Zeus, para início de conversa. Foi a bolsa da minha mãe que estourou no templo dele, o que o deixou possesso. É culpa dela, porra.

Tantos questionamentos.

Minha mãe confirma com a cabeça, tirando a mão da boca para sorrir em meio às lágrimas.

— A gente tá, sim, filha. A gente tá aqui.

Ela dá um passo à frente e abre os braços, um convite.

Sinto um princípio de dor de cabeça. A dor significa alguma coisa, não? Mas o sentido disso me escapa. Héstia não falou alguma coisa sobre sair do quarto? Talvez eu tenha me confundido.

Engolindo em seco, consigo continuar parada no mesmo lugar, mas estico o braço e seguro a mão dela. Aí fecho os olhos, com a felicidade do toque espalhando um quentinho pelo meu corpo.

Todos os pedaços que meu coração foi perdendo — ano após ano, a cada vez que eles não voltavam para me buscar — se reintegram de uma só vez. Inteiro de novo. Como se nunca tivesse se fragmentado.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto. O luto nem sempre envolve perder alguém — também o sentimos ao perceber que

nunca tivemos essa pessoa.

Fiquei com *tanta* raiva deles, mas agora tudo o que quero é que isso seja verdade. Posso ter ambas as coisas, não? Meus pais e Hades? Outra pontada de dor — mais fraca, porém — na nuca; uma voz baixa, que mal dá para ouvir, sussurra que tem algo errado. Que isso não está certo. Não é real. Tenho novos sonhos e uma nova família.

Contudo, é uma vozinha tão baixa. Distante, bem longe de mim, ficando cada vez mais baixa e indistinta.

Minha mãe aperta minha mão.

— Vamos pra casa, Lyra.

Um tanto de mim ainda está lutando contra essa... compulsão... mas é uma parte pequenininha, e saio pela porta, sendo envolvida pelos braços dos meus pais, e o que restava daquela pequena dúvida, aquela voz de alerta, some.

De repente, fica muito óbvio que tudo o que aconteceu nos últimos tempos (a Provação, Hades, o Tártaro) não passou de um sonho. Um pesadelo, basicamente. Ainda estou na Ordem, ainda estou amaldiçoada, ainda estou pagando a dívida... e ainda assim meus pais vieram me libertar e me levar para casa.

— Vem, querida — orienta meu pai, com a voz embargada pelas lágrimas.

Ele pigarreia.

Antes que me levem embora, Felix me dá um abraço forte. É um pouco desconfortável, considerando que Felix nunca foi chegado a abraços. Só que me pego retribuindo o gesto.

— Minha pequena ladra-mestre — ele murmura no meu ouvido.

Ladra-mestre? Tento me afastar, voltando a sentir a dor atrás dos olhos. Porque isso soa errado. Não sou nenhuma ladra-mestre. Sou...

O rosto dele fica mais embaçado, mais rosado, e um quentinho interno afasta a dor de cabeça.

E, de repente, lembro que as coisas são diferentes. Ou... não de repente. É mais como se eu simplesmente... soubesse. Meu lugar era *aqui*.

Felix olha por cima do ombro, focando nos meus pais.

— Vocês deviam ficar orgulhosos. Ela é uma das melhores que a gente tem. Só perde pro Boone.

Eu... sou?

O orgulho enche meu peito enquanto as lembranças dos meus assaltos me vêm à mente. Sou, *sim*. Sou uma das melhores ladras-mestres que já viram.

Chego para trás e sorrio para Felix.

— Você tá querendo é que eu volte pra ajeitar suas planilhas.

Planilhas? Não mexo em planilhas. Isso é trabalho de contador. Por que falei isso?

Uma fisgada mais intensa de dor surge atrás dos meus olhos, e por um momento, por um bater de asas de um colibri, parece que o rosto de Felix vira algo... sobre-humano. Tem... dentes ali? Dentes afiados?

Só que bem rápido ele volta a sorrir. E não sinto dor. Deve ter sido um truque da luz bonita.

Ele balança a cabeça e estala a língua no céu da boca.

— A gente é que perde muito com sua partida.

Isso me faz lacrimejar. Consequência de passar tantos anos em um só lugar.

Quando me afasto dele, minha mãe pega minha mão e meu pai passa os braços pelos meus ombros. Juntos, me conduzem por um corredor comprido de pedra natural, contornando as várias curvas e voltas do covil escondido sob a cidade de San Francisco.

Chegamos ao ponto em que as oferendas têm que armazenar botas de borracha e lanternas para os ladrões indo e vindo dos túneis subterrâneos. Ajudo meus pais a pegarem calçados que sirvam neles antes de pegar uma lanterna. E aí o barulho de alguém correndo me faz olhar para trás.

A pessoa endireita a postura.

Boone.

— Lyra! — chama ele.

Assim que diz meu nome, minha visão periférica oscila e fica embaçada, e outra onda de lembranças me acerta. Boone e eu...

Somos parceiros.

Melhores amigos, porém mais do que isso: quando Boone e eu trabalhamos juntos, somos imbatíveis.

6

MEU CORAÇÃO TÁ TÃO, TÃO DISTANTE

LYRA

A imagem de Boone à luz rosada é mais nítida do que todo o resto. Ele está com uma calça jeans escura e um moletom com capuz, como se tivesse acabado de voltar de um assalto. Quando se aproxima, observa meus pais atrás de mim, um olhar sombrio e atento. Sabe que faz tempo que espero por eles.

Boone nunca ficou esperando pelos seus.

Nas raras ocasiões em que fala deles, é como se fossem o mal encarnado. Pela expressão dele, parece temer que meus pais sejam assim também. Ouço meu pai pigarrear, mudar o peso de um pé para o outro.

Meu pai não é um homem pequeno. Eu me pego lembrando que ele era mecânico, e os anos de trabalho o deixaram em forma, a não ser pela barriga. Não o culpo por ficar nervoso. Boone é intimidador pra cacete quando quer. O tamanho, os músculos, a barba áspera recém-feita de um tom mais escuro que o cabelo castanho. Tudo isso combinado ao traje costumeiro de motociclista (couro e jeans) e à energia palpável de "brinca com fogo, sim, pra você ver" faz com que o povo troque de calçada para não trombar com ele.

O que é engraçadíssimo porque, na real, ele é um doce. Um doce que sabe se virar e que é o melhor ladrão-mestre da Ordem nos últimos séculos, mas ainda assim...

Como se considerasse meus pais insignificantes, Boone foca em mim.

— Ia embora sem dar tchau, Lyra? — pergunta ele baixinho.

Dou um puxãozinho no seu braço para fazê-lo se abaixar.

— Eu sabia que você vinha me encontrar — sussurro.

Parcerias oficiais dentro da Ordem são estritamente proibidas. Namorar também, não que Boone e eu já tenhamos considerado isso. Não querem as oferendas se distraindo com vínculos íntimos, querem é usar o máximo possível de combinações dos recursos. Então Boone e eu manipulamos as coisas na encolha a nosso favor. A verdade é que ele está se arriscando ao vir me encontrar assim.

Embora nem Boone nem eu façamos o tipo que liga para regras.

Ele olha por cima de mim de novo.

— Com licença.

Aí me puxa para longe, virando no corredor. Engole em seco. Perto assim, vejo sua garganta se movendo, os detalhes bem nítidos.

— Vieram te buscar?

— Agorinha, sim.

Boone dá um puxão no meu cabelo comprido, o que me faz franzir a testa por um momento. Eu não estava com o cabelo preso em um coque? Ou... o cabelo não estava mais curto? Não é para estar comprido.

A pontada de dor desaparece depressa quando Boone me distrai.

— E eu? — questiona ele.

O que me faz hesitar por outro motivo, esquecendo do cabelo. Analiso o rosto do meu amigo. Ele *nunca* demonstra vulnerabilidade. Em parte por causa do treinamento da vida toda como ladrão, e em parte porque é o jeito do Boone. Reconheço o brilho preocupado nos seus olhos. Porque ele *deixa* transparecer.

— Eu não podia só chegar e perguntar pro Felix onde você tava. — Não sem dificultar a vida do Boone, que precisa ficar aqui. — Tava planejando te encontrar quando você tivesse indo pro assalto amanhã à noite. O lugar do diamante, né?

A tensão nos seus ombros largos cede um pouco.

— Você sabe do trabalho?

Não falamos dos trabalhos que não fazemos juntos.

— O que você acha? — respondo com a sobrancelha arqueada em desafio.

Ele estreita os olhos e dá um meio-sorriso.

— Mas ainda nem registrei o assalto.

Dou de ombros.

— Sou boa pra cacete no que faço.

Boone abre um sorrisão, com os olhos brilhando por cima do nariz torto — que alguém quebrou antes de eu conhecê-lo, quando ele ainda era parte do covil de Dallas. E de repente ele fica sério.

— É uma despedida, então?

Nunca conversamos sobre o que aconteceria se um de nós fosse embora, mas ele comentou sobre querer andar na linha, aproveitar as habilidades e abrir um negócio de segurança particular.

— Eu tava pensando... talvez você precise de ajuda pra tocar o negócio novo e tal.

Boone chega para trás e analisa meu rosto, como se achasse que estou brincando.

— É sério?

Ele achou a ideia péssima? Dou de ombros.

— Tipo, eu sei uma coisinha ou outra. E manjo mais do trabalho administrativo do que você.

Trabalho administrativo. A luz embaçada treme atrás e ao redor dele, e outra pontada de dor surge nos meus olhos. Por que eu entenderia de trabalho administrativo? Quem cuida disso nos covis são os contadores.

Só que aí Boone sorri de novo, e esse sorriso permanece intacto.

— Fechado, parceira.

Dou risada porque foi isso que falei da primeira vez que ele sugeriu que fizéssemos um assalto juntos.

Ele está assentindo para si mesmo, e percebo que já está tramando um esquema para tudo funcionar.

— Os deuses têm planos pra gente, Lyra.

Deuses...

Os deuses *têm planos...*

Outra oscilação na luz turva, e outro rompante de dor enquanto as palavras giram pela minha cabeça. A imagem de olhos prateados volúveis em um rosto sério passa pela minha mente.

Hades.

Contudo, tão logo surge, desaparece, junto com a dor intensa, e volto ao estado esquisito e indistinto. Quase... febril.

— Então... — murmuro, esfregando as mãos.

Vamos fechar negócio mesmo. Tenho planos para o futuro. Um medo que vim reprimindo a vida toda — o que eu faria quando meu tempo na Ordem dos Ladrões acabasse — não é mais um medo.

— Amanhã à noite, depois que terminar o trabalho, a gente conversa. A gente vê o que eu posso ir fazendo até você terminar de pagar a dívida.

— Não vai ter que esperar muito, não — retruca Boone.

Seu histórico como ladrão é incomparável, então não fico surpresa. Suspiro aliviada.

— Quando?

— Te encontro amanhã.

Mudo a postura, sem saber do que ele está falando.

— Pra gente definir o plano?

Ele nega com a cabeça.

— Faz dois anos que sanei a dívida.

— Dois...

Cacete! Como eu não sabia disso? Tipo, era para eu ter presumido, considerando o quanto ele é bom, mas sou tão boa quanto.

— Tenho um dinheiro que guardei escondido. Vai dar pra gente começar bem. — Ele abre um sorrisinho. — Mais do que começar.

Também tenho um dinheiro guardado. Franzo a testa.

— E por que você não foi embora?

— Eu não tinha pra onde ir — responde ele, dando de ombros.

Deuses, as coisas que o mundo faz com a gente às vezes. A Ordem não foi terrível, mas também não foi as mil maravilhas, sombra e água fresca. E ele não tinha mais para onde ir.

Ao menos tenho meus pais.

— Sinto muito... — murmuro com suavidade.

Boone balança a cabeça.

— Não sinta. O Hermes dá aos ladrões o que precisam. Então, acho que ele nos juntou por causa disso. Não consigo fazer o negócio funcionar sozinho, de qualquer forma.

Ele precisa de mim. É isso que está dizendo. Que sou necessária.

Meu coração fica que nem o ícone de bateria no computador. Estava bem perto da carga total, graças aos meus pais, mas agora estou quase brilhando. Potência máxima.

— Então... — De maneira vergonhosa, meu sussurro sai engasgado. — Amanhã?

Ele estende o braço para um aperto de mãos.

— Amanhã, parceira. Vou lá na casa dos seus pais, e a gente conversa pra ver como monta o negócio. Beleza?

Uma vida nova...

Família. Liberdade. Futuro.

É como se todas as datas comemorativas tivessem se combinado com o meu aniversário, e de repente estou conseguindo tudo o que quero.

A dor de cabeça à espreita faz uma pressão de novo, causando mais uma sensação dolorida.

Nem tudo. Uma voz baixinha tenta alertar. E balanço a cabeça, como se tentasse desbloquear algo que não lembro. Tem uma outra coisa que quero mais. Não tem? Algo além do alcance da minha consciência. Algo a ver com Hades...

Mas Boone segura minha mão, e o sentimento se esvai enquanto dou risada e aperto a mão dele, mesmo que a dor atrás dos olhos persista. Ignoro.

Nem ferrando que vou deixar alguma coisa atrapalhar meu deleite no momento.

Talvez seja uma enxaqueca? Nunca tive, mas ouço dizer que deixa as pessoas sensíveis à luz.

Provavelmente estou pensando no deus Hades porque ele é associado aos agouros dos finais. Afinal, é difícil acreditar que isso tudo não vai ser arrancado de mim. Era para eu estar delirantemente feliz, então por que sinto que tem alguma coisa errada? Talvez tudo que esteja acontecendo seja tão bom, tão perfeito, que não consigo acreditar que é verdade. Só pode ser isso. Né?

Boone sorri mais uma vez, então me dá um empurrãozinho na direção dos meus pais, que devem estar se perguntando por que

estamos demorando tanto enquanto me aguardam para me levar para casa.

— Até amanhã.

Quando faço a curva no corredor, vejo meus pais adiante. Estão às sombras, sem que a luz rosada os alcance, então o que vejo só pode ser minha mente pregando peças.

Porque, por uma fração de segundo, juro que não enxergo os olhos deles, só os buracos vazios.

7

A CASA É UMA MENTIRA

LYRA

Meu pai se afasta das sombras, aproximando-se de uma das arandelas. É um facho azul — um presente de Hermes, que garante chamas eternas para iluminar as casas de todos os ladrões. As feições dele ficam com aquele tom rosado indistinto outra vez.

Com certeza minha mente está me pregando peças, porque os olhos do papai não são buracos vazios. Estão normais. Ele está até sorrindo, o que causa ruguinhas nos cantos, e meus próprios olhos doem.

— Tá pronta pra ir pra casa? — pergunta ele.

Casa.

O "até que enfim" que circunda o momento se assenta no meu coração, na alma, me envolvendo como um cobertor macio e quentinho. Inspiro fundo.

— Tô, sim.

Pego uma das lanternas e conduzo meus pais por várias outras curvas no escuro até chegarmos a uma parede de cimento com aparência sólida.

— Você já encontrou Hermes pessoalmente? — questiona minha mãe com curiosidade quando passamos pela porta escondida que leva aos túneis humanos; há uma imagem do deus pintada ali.

— Não...

Uma pontada intensa de dor atravessa minha cabeça junto a uma imagem vaga, que parece uma lembrança, mas não tem como ser.

Porque, na imagem, estou em uma espécie de plataforma cercada por montanhas e templos brancos. Muitos.

E quem está diante de mim não é Hermes, e, sim, Hades, de calça jeans, uma camisa azul de botão com as mangas dobradas nos cotovelos e botas de segurança.

Hades.

Parece uma lembrança, mas com certeza nunca encontrei o deus.

Fecho os olhos, apertando as têmporas enquanto tento forçar as imagens a seguirem alguma ordem. Tento assimilá-las para além da dor crescente. Há um discernimento vago de que o lugar em que eu estava era o Olimpo. O que não faz nem um pingo de sentido. Os humanos não vão ao Olimpo.

Quanto mais tento lembrar, pior a dor fica, se intensificando cada vez mais e revirando meu estômago, e as imagens se reviram em conjunto, até parecer que estou à deriva em um mar de perplexidade.

— A gente manteve seu quarto igualzinho ao que era — informa meu pai, interrompendo meus pensamentos.

Baixo as mãos, me desconectando das imagens, e de imediato a dor desaparece. É melhor eu parar de tentar forçar lembranças que não existem. Com certeza foi só um sonho.

Giro a lanterna para meu pai.

E paro.

Dentes.

Vejo dentes pontiagudos e inumanos no escuro um instante antes que a luz banhe o rosto dele. O que está acontecendo? Tentando não ser óbvia, analiso mais de perto. Só que os detalhes do rosto dele seguem os mesmos, ainda que o contorno do corpo esteja um tanto difuso.

— A gente torcia pra que você fosse pra casa antes — continua ele —, mas como só conseguimos o dinheiro agora, a gente pensou que seria bom você escolher tudo novo.

Fico só observando o sorriso torto e um tanto constrangido dele. Nada de dentes pontiagudos.

Maravilha. Agora estou imaginando coisas.

Tem que ser o choque por tudo estar acontecendo tão depressa. Logo, logo volto ao normal. Enquanto isso, não vou contar nada

aos meus pais. Eles ficariam preocupados.

Meu pai segura minha mão e me dá um puxãozinho.

— Com certeza você não cabe mais na cama em que dormia aos três anos.

Gargalho.

— Provavelmente não.

E aí estamos no corredor de uma casa. Da minha antiga casa. Por um segundo confuso, parece que fechei os olhos e, quando abri, tínhamos nos deslocado, mas quanto mais penso, mais lembro de sair dos túneis, pegar um táxi, o trajeto, tudo.

Deuses! Acho que o entusiasmo está me fazendo perder um pouco da sanidade.

Sigo meus pais pelo espaço estreito, mas paro para observar as fotos na parede. Não lembro o que ficava aqui antes, mas agora tem imagens e mais imagens de... mim. Todas tiradas de longe, eu em diferentes idades.

Eu crescendo.

Passo o dedo pelo vidro liso, mordendo os lábios com força. Eles sempre estiveram ali me observando?

A mamãe esfrega minhas costas, e tenho que me controlar para não me afastar, desacostumada a ser tocada.

— A gente sabia que não devia fazer isso, mas...

Engulo em seco e faço que sim.

Aí deixo que me guiem ao quarto no fim do corredor e hesito à porta.

— Tem bastante espaço pra uma cama king-size aqui dentro — declara o papai, atrás de mim, olhando por cima do meu ombro.

A mamãe segura e aperta minha mão.

— Só vi de relance seu quarto no... hã... covil, mas pareceu uma cama menor. Talvez goste de um espacinho a mais.

Com outra pontada de dor de cabeça, uma imagem bem nítida passa pela minha mente. A de uma cama king-size em um quarto masculino, com janelas do chão ao teto com vista para San Francisco e lençóis de seda cinza. Fiz algum trabalho na cobertura de algum babaca ricaço? Não lembro.

— Lyra! — chama a mamãe.

A voz dela afugenta a dor como se nunca tivesse acontecido, e abro um sorriso.

— Uma cama king parece demais pra uma pessoa. Talvez uma queen fosse melhor.

Queen, rainha.

Essa palavra tem outro significado para mim, não tem? Algo novo?

Mamãe e papai se entreolham, encolhendo um pouco os ombros, como se minha resposta fosse... um alívio.

O tamanho da cama é um alívio?

Talvez não consigam bancar uma king-size e estejam só tentando compensar o tempo perdido.

— Pensando bem, uma cama de casal normal deve ser melhor — adiciono. — Depois de tanto tempo em uma cama pequena, talvez eu fosse me perder em uma grandona.

As rugas ao redor dos olhos dela se suavizam.

— Como quiser, querida. — Ela dá uma suspirada. — Espaguete ainda é sua comida favorita?

Qualquer coisa que não tenha gosto de serragem é minha favorita. A Ordem é bem mesquinha no que diz respeito à alimentação das oferendas. Mas não respondo isso.

— É, super.

Os olhos da minha mãe brilham.

— Vou lá fazer a comida.

E ela segue pelo corredor.

O papai a observa, com um sorriso um tanto triste.

— Qual é meu nome de verdade? — questiono.

A pergunta surge tão do nada que até eu fico tensa.

O papai franze a testa.

— Você não lembra?

Nego com a cabeça devagar.

— Eu era muito nova, e desde então venho sendo Lyra.

— É. Lógico... — murmura para si mesmo, começando a olhar para todos os lados.

Ele não lembra? Como ele...

— Alani.

Endireito a postura.

— Alani? — repito, experimentando a sonoridade da palavra, estranha na minha boca, mas doce, como uma canção.

Ele confirma com a cabeça, me observando com atenção.

— Foi sua mãe que escolheu.

— Gostei.

Aí ele sorri de novo. Meus pais eram sorridentes assim antes?

Eles acabaram de te trazer para casa. Lógico que vão ficar mostrando os dentes sem parar.

Qual o meu problema? Passei tanto tempo na Ordem que sentimentos como fé e confiança foram arrancados na marra de mim, depois de tanto treinamento. É isso. O problema sou eu.

— Quer que a gente te chame assim? — O tom esperançoso na voz dele é inconfundível, mas...

— Acho que não — afirmo devagar. — Tô acostumada com "Lyra" agora.

— Claro. — Ele ergue as mãos, como se em rendição. — O que quiser.

— Brad! — chama minha mãe da cozinha.

— Já vou — retruca ele.

Aí o papai faz um aceno sem jeito para mim e me deixa só.

Eu me viro e vago pelo quarto. Eles mantiveram tudo igualzinho mesmo. A pequena cama está mais para uma infantil do que para uma de solteiro mesmo. Me agacho, pegando uma boneca de cabelo escuro da qual me lembro. Meu eu de três anos sempre a achou muito linda, com as mechas cacheadas, olhos castanhos grandes e roupas de adulto. Meu eu atual vê os retalhos. Ela era de segunda ou terceira mão. Ainda assim, não ligo. Era minha favorita.

— É bom te ver de novo — sussurro e aliso o cabelo da boneca, então a coloco ao lado da casa de plástico desbotada.

Levanto e coloco as mãos na cintura, girando em um círculo lento. Que mudanças quero fazer?

Nada muito caro, mas talvez pintar as paredes de branco. Azul sempre foi minha cor favorita, então uma cama com lençol azul e talvez uma colcha branca ou de um azul mais escuro cairia bem. Ou quem sabe... seda cinza.

Outro rompante ágil de dor toma meu cérebro, e vejo a cama de novo, com mais nitidez. Detalhes viscerais vêm junto com a imagem. A sensação sedosa do material na pele, o cheiro ao me deitar ali: tecido limpo, chocolate e... fumaça? Como de uma fogueira. Por que fumaça?

Os detalhes me acertam com tanta rapidez, tão reais, que começo a ofegar — um braço forte envolvendo minha cintura, me puxando contra um peito firme. O ressoar grave de uma voz no meu ouvido que me faz estremecer e suspirar ao mesmo tempo.

Mas não consigo distinguir o que ele diz.

Só que estou... feliz.

Quem? Não tem ninguém. Nunca tive isso com ninguém. Nunca.

Aperto as têmporas e fecho bem os olhos.

— Não dava pra esperar até de manhã? — murmuro na lembrança e ouço o sorriso na minha voz sonolenta.

Então eu me viro e congelo.

8

NÃO É DA MINHA ÉPOCA

LYRA

Uma mecha de cabelo bem preto cai por cima de olhos prateados que me observam em total adoração.

Hades.

Sinto palpitações, então uma dor cortante atravessa minha cabeça como fogo queimando a vegetação, e a verdade afugenta a névoa enquanto o véu da ilusão é arrancado.

Hades.

Meu lar é junto a *Hades*. Minha vida é junto ao deus da morte, o rei do Submundo. Não... ele não é mais rei.

Eu sou a rainha.

Giro, no meu quarto de menina, e vejo os brilhos dos feitiços e encantamentos por toda parte agora. Esta versão de mim, da minha vida... não é de verdade. Assim como ela disse que faria, Héstia me fez acreditar que nada daquilo aconteceu. Ela me mostrou um futuro diferente. Sim... em que consegui tudo com o que minha versão mais nova sonhou por muito, muito tempo. Em que eu poderia ter sido feliz.

Mas *não* é meu futuro.

Não o que escolhi para mim. Não o que está do outro lado daqueles malditos portões, para o qual estou desesperada para voltar.

Não mais, e nunca será.

Fecho bem os olhos, tentando lidar com a desilusão abrupta. A dor na cabeça começa a latejar, como se a realidade estivesse

lutando contra a narrativa falsa. Porque já quis isto um dia: o amor dos meus pais. O mais chocante, que ainda reverbera por mim como um terremoto sacudindo a base de San Francisco, é que meu maior arrependimento vai ser...

— Lyra! — Boone aparece atrás de mim.

Viro e o vejo à porta, com os rostos preocupados dos meus pais logo depois dele.

Levo a mão ao pescoço como se tentasse conter a angústia, e um nó se forma na minha garganta ao ver o rosto dele.

A vida alternativa se mistura ao que aconteceu de fato, e sei, sem nenhuma dúvida, que Boone é só meu amigo da vida antiga — nunca fomos parceiros nem melhores amigos. Foram só coisas que eu quis. Que eu quis desesperadamente, na época.

Mas não é o que quero agora. Dei as costas àqueles sonhos com facilidade assim que entreguei o coração ao Hades.

Esse Boone deve ver parte da verdade no meu rosto, porque estica a mão, quase por reflexo.

— Era pra gente começar um negócio juntos...

Balanço a cabeça.

— Não é de verdade. Nada foi de verdade.

— Por favor — insiste ele com a voz engasgada. — Você é a única amiga de verdade que eu tenho. Não consigo fazer isso sozinho.

— Desculpa. — Retorço a boca depois de falar, sentindo a ardência das lágrimas.

Peço desculpa agora que vejo o feitiço do teste da Héstia. Sei que o futuro que ela mostrou nunca teria acontecido. Meus pais *nunca* voltariam para me buscar. Mesmo se eu tivesse sanado a dívida, duvido que eles teriam me acolhido. Não sei se um dia me amaram, ou se sentiram minha falta, ou se sequer pensaram em mim depois de me rebocarem para a Ordem, seguindo a vida sem dívidas e sem o fardo de uma filha amaldiçoada.

Mas Boone...

O futuro com ele era, *sim*... possível. Minhas habilidades como contadora teriam feito de mim a pessoa ideal para começar um negócio com ele. Será que era isso que ele queria? Seu sonho?

Boone fecha os olhos, porque sabe que não vou mudar de ideia.

Dou um passo para trás, focando no teto, olhando para qualquer lugar que não seja ele.

— Beleza, Héstia! — exclamo. — Escolhi. Agora me deixa sair.

Um sibilo vem da porta. Atrás de Boone, os rostos dos meus pais... derretem. Que nem cera de vela. As cores da pele, do cabelo e dos olhos se esvaem junto. Já sentia um nó áspero e apertado na garganta, mas agora a sensação se intensifica com um pavor nauseante, e fico com dificuldade de respirar quando vejo o que há ali por baixo.

Porque meus pais não são uma ilusão... são Pesadelos.

Ai. Meus. Deuses.

Não estou segura nos sonhos aqui. Eu estava sendo caçada.

Achei que as criaturas da antiguidade tivessem sido erradicadas do mundo na mesma época em que os titãs foram trancados no Tártaro. Acho que ficaram presas aqui embaixo também, esperando por mais vítimas.

E Cronos me jogou para eles que nem isca.

A ilusão se esvaiu, e eles estão atrás de Boone, assumindo sua forma real. A pele pálida e doentia, de um branco-acinzentado, se estende sobre uma forma antropoide: esguios, com troncos longos e cabeças humanoides, as pernas compridíssimas e dois braços que quase batem no chão. É aí que acaba a semelhança com seres humanos.

Os músculos fibrosos do peito se mesclam em algo que parece raízes de árvores sob a pele, estendendo-se pelos ombros e subindo pelos pescoços até os rostos, que têm pregas no lugar do nariz, buracos lisos no lugar dos olhos e testas altas que se juntam no que parece ser uma saliência na nuca. As bocas parecem humanas, mas estão cheias de dentes pontiagudos.

Eu não estava imaginando coisas naquela hora.

Cacete, confia no próprio instinto, Lyra.

Em sincronia, eles abrem bem a boca, e só fica pior — os dentes pontiagudos se projetam e formam algo que parece um bico. Rosado e bruto, todo ele é ladeado pelos dentes, que abocanham na minha direção.

Por puro instinto, faço menção de pegar os machados às costas e só tateio o ar. Aí lembro que o Portão do Tártaro tirou minhas

armas, e Héstia me transformou em mortal de novo.

Merda. Merda. Merda.

Sem desviar a atenção daqueles dentes abocanhando, tento pensar.

Tem algo aqui que eu possa usar?

A menos que considere a boneca — tipo, aqueles dedos dos pés pontudos até dariam para perfurar —, não tem nada que sirva para lutar contra os Pesadelos. Merda. Talvez eu consiga passar correndo por eles se entrarem no quarto. Só que Boone está bloqueando a saída.

Interrompo os pensamentos bruscamente.

Boone, que não está coberto por uma camada de feitiço, cuja imagem esteve bem nítida desde que cheguei aqui. Estreito os olhos para ele. Por que ele ainda não virou monstro? É um NPC nesta ilusão? Ele está imóvel, com os olhos fechados.

Um dos Pesadelos ergue um membro do corpo, e a mão na extremidade vira uma espécie de espada. Mas que inferno! Os desgraçados são metamorfos? Não é tudo feitiço?

Assumo uma postura de combate — pés firmes, mãos erguidas, pronta para o ataque —, mas a coisa que era minha mãe momentos antes chega para trás e aponta a espada para a coluna de Boone. Aí, mesmo sem os olhos, sei que a coisa olha para mim.

Uma ameaça.

Boone é *de verdade*.

Cronos o jogou aqui embaixo comigo também?

Que cuzão!

Levantando as mãos, fico imóvel.

— Boone... — sussurro.

Ele abre os olhos devagar e me encara, um tanto desorientado e confuso. Ai, meus deuses! É ele *mesmo*. Boone está aqui comigo. Desde quando? O tempo todo?

Foca no que é importante.

Acho que Boone ainda está preso na ilusão, com os olhos vidrados, desfocados, um leve brilho de acusação ali. Faço a única coisa em que consigo pensar...

Assobio.

E um dos sinais que todas as oferendas conhecem: o alerta para se abaixar.

Ao mesmo tempo, me viro e pego a boneca, arremessando-a no Pesadelo armado, mas erro a mira, e o objeto acerta Boone na testa.

Por que ele não se abaixou, caralho?

A cabeça dele é lançada para trás. Antes que ele consiga se endireitar, avanço nele, tentando dar uma rasteira para que caia para a frente e não para trás. O que superfunciona, só que ele cai em cima de mim, e alguém, não sei se ele ou eu, solta um resmungo, porque perco o fôlego.

— Que porra é essa, Lyra? — reclama ele com um grunhido. — Você não tem que me derrubar pra...

Tenho um vislumbre de uma espada esquisita e cinzenta acima de nós e, apesar de ainda estar ofegante, consigo girar o corpo junto ao do Boone, batendo as costas no batente da porta, mas ao menos o Pesadelo não nos acerta. A espada acerta...

Pedra.

Não um piso acarpetado.

O feitiço do quarto, da casa e do mundo todo de San Francisco se esvai como uma pintura a óleo derretendo no fogo, e em vez disso estamos no piso de um espaço enorme que me lembra uma fatia de pizza: ampla em uma extremidade, com uma parede curvada, e se estreitando até virar uma ponta na outra extremidade. Não tem teto, ou talvez eu não consiga ver, considerando que é tão alto. Paredes de pedra lisa se alongam em direção à escuridão do abismo. O espaço é iluminado só por um orbe brilhante que flutua no meio, próximo ao chão.

E há ossos espalhados ao redor. Bem brancos, como se tivessem tomado sol.

Ou como se tivessem sido devorados até não sobrar resquício de mais nada.

Merda!

— Anda, se mexe!

Boone, parecendo mais ele mesmo, me envolve com os braços e nos gira de novo e de novo e de novo enquanto o braço de espada golpeia, colidindo com o piso e fazendo barulhos perturbadores a cada vez que erra. Usando uma técnica de inversão, Boone nos

coloca de pé, o corpo dele entre mim e os dois Pesadelos, os braços estendidos para evitar que eu o contorne.

Me inclino, analisando melhor os corpos deles. As extensões feito raízes nos ombros e pescoços também se estendem para as pernas. Estremeço. Essas coisas eram meus pais agorinha mesmo.

Com aquele guincho sobrenatural que me lembra o som de unhas arranhando uma lousa, as duas criaturas avançam. Boone acerta uma com o ombro, levando-a para trás mesmo enquanto a coisa tenta golpeá-lo com os braços de espada — só que as espadas são muito compridas, e apenas a parte da pele o atinge.

Aí o segundo Pesadelo vem para cima de mim.

Meus anos iniciais de treinamento como ladra incluíram autodefesa, e o instinto me acerta com força, então consigo me esquivar dos golpes, pegando a criatura pelo braço e a virando até acertar seu ombro com o cotovelo. O braço dobra para o lado errado até dar um estalo satisfatório, e o Pesadelo berra. O som parece fazer a outra criatura entrar em fúria.

Do outro lado do espaço, o outro Pesadelo ergue Boone, levantando-o como se fosse um haltere, sem soltar mesmo enquanto ele se debate. A coisa deve ter uns dois metros e meio no mínimo, e os braços são ainda mais longos.

Outro guincho — um diferente, quase surpreso — ecoa do Pesadelo perto de mim.

De início, acho que é por minha causa, mas aí percebo que está olhando para um ponto atrás de mim com os buracos sem olhos. Aí cai no chão de bruços, tentando sair rastejando, como se quisesse se esconder.

Eu me viro para ver do que está se escondendo. Uma daquelas coisas vermelhas de cristal está vindo para cima de mim com tudo. Desta vez, consigo distingui-la melhor: o brilho bem vermelho com minerais denteados, como uma ferida sangrenta atravessando a realidade. Passando direto pelo Pesadelo, a coisa me engole.

No instante seguinte, depois de uma nova rodada de silêncio e vermelho turvo, estou no escritório do Hades na nossa cobertura.

O choque é seguido por uma onda de alívio que é como mergulhar no frio do Oceano Pacífico. Levo as mãos à boca enquanto olho ao redor, para o espaço familiar.

Espere aí. Isso é real? Ou é outra ilusão de Pesadelos? É outro teste da Héstia? Ela errou o meu desejo mais profundo e está tentando me enganar de novo.

Só que o espaço não é turvo como antes. Não tem nenhuma camada brilhante e rosada. Nada de dor quando penso nele nem em nada que foi real. O que significa que *isto* é real. Estou *mesmo* aqui. Assim como estive no jardim das águas com Hades.

Mas não tenho ideia de como. Ou talvez tudo seja um feitiço. Uma completa alucinação.

Só que... consigo sentir o *cheiro* de chocolate amargo dele. Leve, mas presente. Meu corpo se anima com o aroma familiar.

Isto é real.

Parece que foi ontem que acordei na cama dele, com o cheiro dele cobrindo meu corpo todo. É como se ele fosse aparecer a qualquer momento, me abraçando por trás, roçando a boca no meu pescoço. Incitando. Provocando. Me chamando de estrela e me fazendo queimar.

Corro para a porta.

— Hades! — exclamo. — Hades...

Paro de pronto e olho para uma coisa que... com certeza não está certa.

Sinto um calafrio, acabando com todo o calor do cheiro dele no quarto.

Estou de frente para sua parede de troféus. Foi o nome que dei. É uma parede de prateleiras de vidro, bem iluminadas para destacar as relíquias antigas que ele colecionou ao longo dos anos. Incluindo...

— Não é possível. — As palavras arranham minha garganta.

Porque há um conjunto de armas exposto ali: dois machados com punhos dourados, as metades inferiores envoltas por couro azul-turquesa. As lâminas são prateadas com entalhes dourados. Um círculo com um símbolo da cabeça de Odin separa o machado maior do menor na parte de trás, que tem o formato da ponta de uma lança. Há outros símbolos. Nórdicos.

Um presente de Odin para o filho mais velho de Cronos.

Nossos machados. Meus agora.

Arrancados de mim quando entrei no Tártaro.

Minhas mãos começam a tremer. Hades os colocou ali depois que desapareci? Não passei *tanto* tempo assim longe daqui. Passei? Ele não desistiria de mim tão rápido. Não pode ter desistido.

Obrigando os dedos trêmulos a funcionarem, abro o mostruário, mas só consigo pegar um dos machados até uma luz vermelha reluzente chamar minha atenção e a forma cristalina me envolver mais uma vez. Depois de outro segundo silencioso bizarro, volto ao fosso de pedra com os Pesadelos. É como se eu nem tivesse saído daqui. Um deles está encolhido no chão, e o outro ergue Boone no alto.

O que está mais próximo de mim se levanta em um pulo e avança.

Não hesito, batendo a extremidade do punho do machado na lateral da cara da criatura. A coisa cai no chão, toda torta. Não morreu, porém. Acho que não. Acho que estão presos aqui, assim como eu. Não vou matá-los a menos que não tenha escolha.

Do outro lado, o Pesadelo que segura Boone solta um grito tão horripilante que quero tapar os ouvidos, mas não posso. A criatura faz menção de quebrar o joelho de Boone, e, nesse milésimo de segundo, arremesso o machado. Juro que ouço o barulho que a arma faz ao ir girando e girando até acertar o ombro do Pesadelo, fincando fundo com um som perturbador de fratura e rasgo de osso, sangue e carne, que dá para ouvir do outro lado da câmara. A única habilidade que aperfeiçoei enquanto ladra foi o arremesso de machado, então o acertei bem onde mirei. Não foi um golpe letal.

O Pesadelo fica ali, erguendo Boone no alto e me encarando com aqueles buracos vazios sinistros no lugar dos olhos por um longo segundo antes de cair.

Boone gira o corpo para longe da criatura, se levanta em uma ação ágil e se afasta bem enquanto o sangue de cor fúcsia escorre da ferida no ombro do Pesadelo, formando uma poça no chão. Não morreu, mas a ferida foi o bastante para detê-lo.

Boone arranca o machado da criatura e corre até mim, entregando a arma e ficando a postos às minhas costas.

— Devem ter mais deles — declaro.

Boone nem se dá ao trabalho de argumentar. Vamos virando o corpo devagar, costas com costas, observando a escuridão,

esperando mais ataques daquelas coisas.

Nada acontece.

Em vez disso, o barulho de alguém batendo palmas devagar nos faz agachar, tensos, e olhar para trás, na direção da parede curva do espaço em formato circular. Ali, onde antes havia pedra sólida, há um arco com entalhes elaborados dos símbolos da Héstia — um coração e uma lareira, um agnocasto e uma chaleira —, que se abre na parede. E do outro lado, em outro espaço enorme, há algumas pessoas formando um semicírculo. Cronos não está com eles, mas posso chutar quem são.

Os titãs do Tártaro.

Os que restaram.

9

SENHORA

LYRA

Um novo guincho digno de unhas na lousa faz o medo se espalhar por mim, e meus pelos ficam todos arrepiados. E aí outro guincho, mais outro, e mais outro. Todos vindo lá de cima.

Nem precisamos debater. Boone e eu saímos correndo. Os guinchos viram uma cacofonia, cada vez mais próxima, junto a um som baixo e ritmado que percebo ser o bater de asas. Esses cuzões voam. Um dá um rasante à esquerda, e Boone o acerta com o cotovelo sem diminuir o ritmo. Tento golpear o outro com o machado, mas erro. E aí, juntos, nós nos lançamos porta adentro e caímos aos pés dos titãs.

— Parabéns! — A voz da Héstia surge à porta atrás de nós. — Você destrancou meu Cadeado.

Então meu poder volta.

Antes, quando fui transformada em deusa, basicamente morri primeiro.

Daquela vez, havia um pontinho de luz que aumentava cada vez mais na minha vista, seguido pelo calor que se espalhou por todo o meu corpo, e enfim as pulsões de poder, como se estivessem usando um desfibrilador em mim.

Desta vez, não.

Desta vez, é como se me acordassem de um sono pesado, induzido por uma injeção de gelo bem na coluna, ministrada com uma agulha comprida e grossa. O calor segue ali, mas o frio se alastra tão depressa pelas veias que quase viro uma estátua de gelo.

Quando enfim ouço o grunhido do Boone, a sensação some, como se nunca tivesse existido.

— Isso aí é novidade... — murmura uma mulher.

Ou, a bem da verdade, sussurra.

Uma titânide. Rezam as lendas que só há titãs aqui embaixo, mas a história, sobretudo a história antiga escrita por homens, em geral negligencia as mulheres. É nítido que as lendas estavam erradas.

— O que é novidade? — resmungo enquanto me levanto. — Receber poderes divinos nunca doeu?

— Não é isso — responde ela.

Olho para a mulher que está a menos de três metros de mim. É alta, esguia, tem pele marrom com um subtom avermelhado, e uma máscara em formato de coruja, castanha como seu cabelo, cobre a parte superior do rosto encovado. Só conheço uma titã mascarada. Ela deve ser Mnemosine, a mãe das Musas, a titânide da memória e das histórias.

Ela aponta um dedo que parece uma garra. Não para nós dois. Para atrás de nós.

Eu me viro de repente, erguendo o machado, pronta para abater outro Pesadelo, e vejo as criaturas — devem ter centenas — à porta, enfileiradas, observando-nos com as perturbadoras cabeças sem olhos, as bocas abertas em gritos silenciosos de dentes pontiagudos. Só que não estão avançando, estão só paradas ali. Imóveis.

Atrás de mim, outra titânide sussurra:

— Como ela está com uma arma?

E um outro titã, soando bem putinho, responde algo como "agora o problema maior são eles".

Os Pesadelos que ainda estão me encarando?

— É — confirmo por cima do ombro. — Eu diria mesmo que são um problemão da porra.

— Pelo amor do Cosmos, fala baixo — sussurra outro para mim.

Cronos falou alguma coisa parecida também, logo antes de o sino bater. Ao que parece, barulhos altos despertam algo que os titãs temem. Maravilha. A situação só melhora.

O Pesadelo na frente dá um passo adiante, e Boone e eu damos um passo para trás.

Só que, em vez de atacar, um a um, eles fazem uma reverência.

Para... mim. Para nós?

Ao menos acho que é isso.

Hum...

Olho para Boone, que dá de ombros e olha ao redor, percebendo que os titãs observam tudo com expressão impassível. Ou é assim que os deuses expressam choque?

— Já fizeram isso antes? — indaga o titã rabugento, bem baixinho. Fico com a impressão de que falar baixo não é seu normal.

Ele usa meias esportivas que vão até o joelho e sandália, short e uma camisa de um salmão berrante. Tipo um turista, do pior tipo. Jápeto, imagino? Um dos quatro pilares originais da terra que sustentavam os quatro cantos dos céus.

Ele era o pilar do oeste. O cabelo do Jápeto é de um cinza-escuro com mechas prateadas, o que me lembra as nuvens tempestuosas, contrastando bem com a pele marrom-escura. É o titã que controla a vida e a dor, considerado o pai dos mortais. Não sei bem se as roupas representam a vertente mortal ou a da dor.

A pergunta dele é murmurada para a Mnemosine mascarada, que está mais perto dele.

Ela leva a mão à têmpora. Os titãs ficam com dor de cabeça?

— Nunca — retruca ela.

Ou... foi a boca da coruja que se mexeu em vez da boca da titânide? De qualquer forma, não dá para saber se ela está desgostosa ou satisfeita.

Agora, com o braço tremendo por ficar com o machado a postos, estou só tentando me manter a par de tudo.

Você é a única digna de nós, Lyra Keres, diz uma voz sibilante, mas doce, dentro da minha cabeça.

Volto a atenção aos Pesadelos, que endireitam a postura em uma sincronia esquisita.

Quando chegar a hora, vamos segui-la, senhora. Só precisa ordenar.

Não sei o que isso significa. Outro ponto de interrogação. Parece que os pontos estão só se acumulando hoje.

Estou tentada a ordenar que eles me tirem do Tártaro. A única coisa que me impede é saber que, se pudessem ter escapado antes,

já o teriam feito.

O Pesadelo no meio do grupo acena com a cabeça, como uma reverência menor. E aí, com um sibilo, o arco se fecha, deixando os Pesadelos lá fora, e nós, aqui dentro.

A parede adiante, na qual estava o arco, se fecha, de repente parecendo sólida, a não ser pelos símbolos da Héstia entalhados no meio. Um novo símbolo dourado e reluzente surge na pedra. Duas chamas brotando de uma mesa de duas pernas.

O ícone da deusa Héstia.

A imagem cintila como se iluminada por um fogo interno.

— Bem, ao menos desta vez ela foi rápida — sussurra um dos titãs.

Certo. Uma ameaça já não é mais ameaça. Agora temos que enfrentar a que ainda é.

10

PRAZER, TITÃS

LYRA

Em sincronia, Boone e eu nos viramos devagar e vemos os titãs nos cercando em um semicírculo; ao que parece, se aproximaram enquanto estávamos distraídos. Somos que nem lagostas em uma panela a ser fervida.

A tensão me atravessa o corpo, a ponto de distender um músculo toda vez que respiro. Abaixo o braço devagar, passando o machado para a outra mão.

Olho ao redor, tentando me situar.

Estamos em uma caverna enorme de teto alto, que se divide em dois caminhos até um ponto em que faz curva. Imagino que circule o cilindro que forma o abismo: a ponte e os portões lá em cima; Cadeado ou Cadeados lá embaixo; e, separadamente, o ponto em que ficamos do lado de fora. Aqui, do outro lado da superfície rochosa oposta, há uma espécie de encosta íngreme, com desdobramentos de túneis múltiplos de tamanho humano que parecem partir daqui e do abismo.

Voltando o foco aos titãs, começo a contar, franzo a testa e conto de novo. Estão faltando alguns.

Como não são mais venerados, as representações não são exatamente abundantes lá na Superfície, mas as aparências ajudam. Acho que já identifiquei Jápeto e Mnemosine. Já os outros...

Conto. Cinco titânides e quatro titãs, em vez de seis de cada. Não vejo Cronos, e...

— O Oceano não está aqui... — sussurro para mim mesma.

— Maldito seja aquele traidor! — brada Mnemosine, ainda que baixinho.

O que não choca ninguém. O Oceano não está aqui porque não foi preso. Ele foi o único titã que se recusou a lutar na guerra contra os deuses, ou, no caso, contra o pai deles, Urano, e os outros primordiais na guerra antes dessa.

— Cadê o Cronos? — pergunto em seguida. Não saber onde *todos* os meus inimigos estão, sobretudo o mais perigoso, é péssimo. — Tenho que acertar umas contas com ele.

— Ele te salvou do Pandemônio — afirma Jápeto, e seu sorriso me causa um arrepio de pavor.

Se fosse para adivinhar, eu diria que o Pandemônio é a coisa que desperta. Não precisa ser gênio para sacar. Só que Cronos me jogou em um lugar pior.

— Ele quase matou a gente, ô babaca — brado.

Como se fosse possível, a careta dele fica ainda mais pronunciada, as sombras tomando o rosto, como nuvens tempestuosas se formando.

— Olha a boca. Não sou um titã paciente, e a gente pode começar do zero isto aqui.

— Quê?

— Cala a boca, Jápeto — intervém Mnemosine. — Ela ainda não tá pronta pra isso.

Foi assim que Alice se sentiu ao chegar ao País das Maravilhas e ver que nada fazia sentido? Nunca fui fã da história por isso. Sempre me deixou... desnorteada.

Boone assobia, um sinal para eu "segurar a onda", e se aproxima até ficar entre mim e eles. Ele faz isso à beça. Precisamos conversar a respeito depois.

Jápeto aponta para Boone em acusação.

— *Isso* aí também é novidade.

— Cala a boca, Jápeto — bradam em sincronia mais titãs.

Fica nítido que é um bordão coletivo.

O que fica ainda mais esquisito com eles sussurrando.

Ao meu lado, ouço Boone fechando as mãos em punhos, os dedos estalando. Não o culpo.

— De fato, ele é novidade — declara uma outra titânide.

Essa aí eu conheço, com certeza. Só os olhos dela já teriam me dado a deixa. O prateado espiralante e volúvel, assim como o do Hades, é uma pista e tanto, contrastando com a pele bem escura de bochechas rosadas. O diadema pequeno aninhado nos cachinhos pretos bem fechados é outro indício, marcando-a como Reia. A rainha do Cronos. A mãe do Hades.

Assim como a Héstia antes, o sorriso dela me convida a relaxar, a confiar.

Endireito a postura, determinada a não ceder.

— Qualquer novidade é coisa ruim — insiste Jápeto.

Tenho que confessar que ele é ainda mais sisudo que Bér, a cabeça mal-humorada do Cérbero. Eu não sabia que era possível.

Também fico um tanto orgulhosa de mim mesma por não expressar nenhum desses pensamentos hoje.

— Não — responde Reia. Sua voz é como o sorriso. Serena. — Qualquer novidade é coisa boa. Do contrário, a gente tá só enxugando gelo.

Como, em nome do Submundo, ela sabe uma frase moderninha dessas depois de passar tanto tempo presa aqui embaixo? A mesma incógnita das roupas do Jápeto.

Foca no problema, *Lyra*.

— Talvez fosse melhor a gente jogá-la no próximo Cadeado agora — sugere Jápeto.

Próximo Cadeado? No caso, tem mais de um? Héstia falou *deste* Cadeado, no sentido de unidade. Tem outro? Mas que caralho!

Mnemosine ergue as mãos.

— De acordo.

Em sincronia, Jápeto e os outros se agacham em poses ameaçadoras, como se em preparação para atacar. O movimento é tão coordenado que eles emitem um som coletivo, como soldados marchando ao ficarem a postos. O poder crepita sobre cada um deles como eletricidade ziguezagueando de faísca em faísca.

Reia, no entanto, de repente está diante de nós, em um movimento turvo e veloz. *Entre* nós dois e eles. Sem a crepitação. Sem demonstração de poder.

A titânide das gerações e de todas as coisas que fluem como uma mulher — sangue, águas de parto, leite e tempo — está entre nós.

Não sei bem o que ela consegue fazer contra todos eles, mas não parece nadinha preocupada. Só ergue as mãos, como se fosse ser o suficiente para detê-los.

Não sei por que ela está me ajudando. Não ligo. Agora, sobreviver é minha prioridade máxima, seguida por escapar. Talvez, considerando nós três juntos, consigamos...

Espera aí. Cadê o Boone?

Olho ao redor depressa, em pânico, e percebo que ele não está mais aqui. Parece que os titãs nem notaram, focados em mim e na Reia. Meu coração já está acelerado, mas perceber que ele sumiu me causa umas palpitações dignas de um infarto. Pontinhos de luz surgem na minha vista.

— Não nos obrigue a passar por você, Reia — alerta Jápeto com um grunhido baixo.

Maldito seja esse titã e o cavalo que o trouxe para cá.

O sorriso tranquilo dela some de todo, deixando o rosto de Reia assustador de tão intenso, do jeito que Hades fica às vezes.

— Tá muito cedo pra jogá-la no segundo Cadeado agora — argumenta Reia com calma. — Escutem bem. Ela tá passando mal.

Não me diga! Fecho os olhos e tento controlar a respiração. Outro Cadeado. Outro Trabalho. Outra pegadinha. Sempre flertando com a morte. Para os deuses nunca está bom, né?

E Reia também é parte do problema, mas pelo visto estou aceitando qualquer ajuda. Eu me inclino ao redor do seu corpo, abro os olhos, aponto para ela e digo com dificuldade:

— A voz da razão.

— Shhhh... — murmuram todos, um aviso.

Alguns olham para um túnel específico. Aquela porta lá na ponte para a qual Cronos ficou olhando chegava até lá embaixo?

— O jeito turrão e a língua solta são parte do problema. — Algo se espalha pela pele de Jápeto, escuro e também incandescente, parecendo vislumbres de lava sob uma crosta resfriada e escurecida. — Conseguir que ela faça o que a gente quer é que nem ficar olhando o movimento das geleiras.

Babaca.

— Acho que não sou eu a turrona, não — sussurro entredentes, mais para evitar o bater de dentes com a tremedeira.

O medo se intensifica a cada pulsar aceleradíssimo do coração, com um gosto de metal pesado na boca.

Boone. Cadê você?

Os outros não fazem nada novo, mas Reia logo me coloca atrás de si. Dou um passo brusco para o lado e ergo o machado acima da cabeça, segurando com ambas as mãos, pronta para içá-lo. Não tem como eu abater todo mundo, mesmo com a ajuda dela, mas ao menos consigo derrubar um antes que me detenham.

— Não demonstre reação. — A voz do Boone soa baixo no meu ouvido, e levo um susto. — Tô aqui. Tenho um plano.

11

COM O PASSAR DO TEMPO

LYRA

Tenho que dar tudo de mim para não me mexer, sobretudo para não tremer e soltar um suspiro de alívio.

Graças às Moiras. O Boone está aqui. Não estou sozinha.

Mas... ele não está *visível*. Quando foi que isso começou a rolar?

Como se fossem um, eles dão um passo ameaçador em nossa direção, e um arrepio de medo me atravessa como se Zeus tivesse me acertado com um de seus raios. Imagino todos os pelos do meu corpo se arrepiando juntos, como um lobo se eriçando.

Quando desviam o olhar para algo atrás de mim, por um segundo penso que Boone deve estar executando o plano para nos tirar daqui. Levo um tempão para identificar o medo no rosto dos titãs. Porque não faz sentido.

Alguns vão andando para trás, na direção contrária. Jápeto, não.

— Lyra, corre — diz ele, num sussurro que é praticamente um grito.

Acho que Reia tenta me segurar, mas é em vão porque me viro para ver o que está acontecendo.

Só tenho um milésimo de segundo para perceber que uma daquelas fendas vermelhas e reluzentes, como se alguém tivesse rasgado o ar com garras, num corte irregular, está vindo para cima de mim.

— De novo, não...

Outro silêncio opressor, e a coisa me engole. Quase tão depressa quanto, o som volta enquanto o que quer que seja essa merda

cristalina desaparece em uma auréola avermelhada brilhante, e ouço a voz do Hades bem perto. Rapidinho descubro *exatamente* onde e quando estou.

Ai, deuses! Sei o que é isso.

É impossível *não* saber.

Foi um dos piores momentos da minha vida.

Pilares coríntios brancos e canelados formam um caminho que leva até escadas flutuantes. Flutuantes mesmo, sem estarem atreladas uma à outra nem ao chão. Estou bem no caminho para o observatório adornado por quartzo da Hera, o brilho rosa das lamparinas lá dentro banhando de luz o cenário abaixo. De onde estou, meio escondida atrás de uma das colunas, ninguém me vê.

Mas eu os vejo...

Eu *me* vejo.

O que está acontecendo dentro dessas formas cristalinas só pode ser explicado de duas formas.

Ou elas são algum tipo estranho de feitiço, feito para ferrar com minha cabeça, provavelmente para me obrigar a fazer a vontade dos titãs, me fazer surtar ou algo do tipo.

Mas o que parece mais provável, sobretudo quando vejo a *mim mesma* com Hades bem ali...

É que seja uma viagem no tempo.

Estou sendo levada ao passado quando sou engolida pela luz carmesim. É isso. Só pode ser isso. Estou indo para o passado.

Mas que caralho!

Minha versão passada diante de Hades está o puro suco do caos, graças ao Trabalho horroroso da Atena. Meus sapatos estão cobertos de víscera de bicho, tanto por tê-los matado quanto por correr em meio às carcaças deles dentro do labirinto de vidro que ela criou a partir do Coliseu romano. Há buracos nas minhas roupas, resultados da ação de aranhas e do projétil. Meu rosto está tão pálido que eu poderia me candidatar ao posto permanente de espectro. E tem sangue na minha blusa. Tento não ficar pensando na pessoa a quem ele pertence.

Parece que uma suave brisa de primavera me faria desintegrar enquanto encaro Hades furioso, com Caronte e Cérbero analisando tudo, que nem mães corujas preocupadas.

Caronte era contra usarmos a Caixa de Pandora para libertar a Perséfone. Não tinha como ele saber o que aquilo acarretaria, mas, porra, que ele estava certo, estava.

Hades dá um passo em direção à garota, e parece que faz eternidades que isso aconteceu.

— Lyra, eu...

— Não — responde ela com calma. Para a minha versão do presente, a voz da Lyra do passado soa robótica, e me afasto dele devagar. — Você não vai querer se aproximar de mim agora.

Ele fica parado.

Deuses, mesmo agora, sabendo que ele estava me afastando por motivos válidos, ele parece tão... indiferente. Tão frio.

Eu me entreguei a ele, tudo de mim, e na manhã seguinte ele se fechou. Sim, eu sabia que não havia futuro naquilo enquanto ainda fosse humana, mas não esperava que ele me fizesse sentir tão... usada. Que me descartasse com tanto descuido. Acho que eu não conseguiria ter feito isso com ele. Tê-lo feito se sentir indigno, um nada, depois da experiência que tivemos.

O maior medo que venho reprimindo desde que vim parar aqui sem Perséfone à vista se espreita, sórdido, corroendo minhas entranhas como ácido.

Será que o Hades sabia?

— A noite passada foi sobre isso? — indaga a Lyra do passado. — Sobre dar um gás na minha confiança, uma tentativa de garantir que eu venceria? Você não sente nada por mim. Sou só uma ferramenta.

— Eu...

— Não foi uma pergunta.

Lyra dá outro passo para trás, lento e cauteloso, embora ele não tenha se mexido. Lembro muito bem de só querer fugir. Não estar ali. Não ouvir a verdade nem enxergá-la nos olhos dele. Que ele não sentia nada por mim, mas pior ainda, que ele tinha me feito acreditar que era o caso, ao menos um pouco, como parte de uma estratégia de manipulação ou um plano mirabolante.

Ele fez isso com uma garota que nunca havia sentido amor.

Desvio o olhar, sem querer ver isso de novo.

— Achei que conseguia enxergar você. — Ouço Lyra dizer. — Quem você é de verdade. Mas era tudo um teatro.

E não consigo evitar voltar a olhar para a cena. Duas figuras solitárias se encarando. Mesmo sabendo como isso acaba, mesmo tendo ouvido Hades explicar que ele teve que partir meu coração para que minha maldição ficasse intacta a ponto de eu conseguir passar pela etapa das sirenas, a mágoa toma meu peito.

Quente. Densa. Revivendo o sofrimento que ele me fez passar.

Agora, pior, considerando onde vim parar.

Lyra abaixa o olhar, focando nos pés dele.

— Você me fez queimar por você.

E, assim como aconteceu na época, meu coração se parte outra vez.

O Tártaro e o tempo me fazem questionar se alguma coisa foi verdade. Questionar nossa relação. Será que o perdoei fácil demais quando ele explicou por que fez aquelas coisas? Será que acreditei nele muito rápido? Será que ele fez aquilo tudo só para eu ganhar a Provação, porque ganhar lhe garantiria a caixa para libertar a Perséfone? Será que ele sabia que eu acabaria presa no Tártaro? Ele pouco se lixava, contanto que houvesse a chance de salvá-la?

Será que fui um fantoche para ele, mais do que percebi?

Não quero acreditar nisso, mas ver a postura dele naquela situação de novo... *dói*.

— Porra... — murmura Hades. — Lyra, me escuta...

Ela balança a cabeça, e mesmo daqui de cima vejo o medo no meu rosto. A negação. A necessidade de proteger o próprio coração, para evitar se machucar mais, um coração tão desesperado por amor que a dor ainda pulsa forte em mim.

— Não quero ouvir o que você tem a dizer — retruca Lyra. — Eu perdi hoje.

— Eu sei.

— Então não tem mais como eu vencer a Provação.

Hades não responde.

— Não tenho mais como te fazer rei, então você não precisa mais de mim — adiciona a Lyra do passado, olhando para os próprios pés.

Hades dá um passo à frente, com os olhos virando prata derretida.

— Ainda tem como conseguir a coroa.

Lyra fica sem reação, então ergue a cabeça e o encara, e sei o que está pensando. Para ela ganhar, seu amigo e também competidor, Diego, teria que morrer. Ela analisa o rosto dele, buscando algum traço de desconforto com a frase.

— E você acha que ser um babaca vai me fazer querer ganhar?

Um sentimento passa pelas feições do Hades, mas desaparece rápido demais, mesmo que eu saiba o que estou buscando.

— Se você me fizer rei vou te dar tudo que estiver ao meu alcance. É só pedir.

A raiva me invade, pela garota que fui. Pela garota que *sou*.

— Quer voltar pros seus pais? Posso fazer isso assim. — Ele estala os dedos. Hades sabe que meus pais nunca me amaram? A que vida estaria me destinando? — Quer ser rica? Claro. — Outro estalar de dedos. — Governar um país? É seu.

Esqueci que ele tinha oferecido essas coisas. Depois. Esqueci que ele havia mostrado o quanto não me conhecia de verdade.

Sinto um aperto no peito.

— Não quero nada — afirma Lyra.

Ela está implorando para ele não dizer mais nada. Com os olhos. Pelo jeito como inclina o corpo para longe. Ela deveria é jogar uma pedra na cabeça desse estúpido.

Hades chega ainda mais perto.

— Todo mundo quer algo.

Ela recua.

— Não quero nada de você.

Há um mínimo de hesitação em seu caminhar, e então ele prossegue.

— É o orgulho falando, Lyra. Supera isso e aceita alguma coisa.

Lyra enfia dois dedos no bolso com zíper no qual guardava as pérolas que ele tinha me dado.

— Se você chegar mais perto, vou embora.

Ele se espanta. A fúria e uma espécie de negação chocada tomam seu belo rosto.

E um senso de traição.

Quero gritar com ele. Mesmo agora. Mesmo enquanto o aperto no meu coração se intensifica.

Uma sombra surge acima, e o olhar de Hades a atravessa.

Minha versão do passado, daquele dia horroroso, arfa.

Lembro o motivo. Porque senti o medo de Hades naquele momento.

Por *mim*.

A sensação me acerta com força agora. O medo não faz sentido, mas acho que ter reconhecido a emoção nele foi o motivo de eu ter reprimido tantas outras coisas naquele momento. O jeito como ele agiu. Para mim, depois que ganhei, depois de todas as explicações, o medo dele naquele momento foi prova de que ele me amava apesar de todas as coisas horríveis que disse.

Mas agora... a dúvida me envolve que nem uma serpente, me sufocando.

— Não! — berra Hades enquanto os daemones alados pousam, dois de cada lado da Lyra do passado, e a seguram pelos braços.

Lembro disso também. De como me levaram embora e me trancafiaram; eu estava tão desolada que nem liguei.

Observo essa reprise do pior momento da minha vida, querendo bloquear a cena. Mas não consigo, então ranjo os dentes enquanto os daemones disparam no céu, levando Lyra embora. E Hades xinga em meu nome, esbravejando aos céus, a voz tomada por ira, destruição e morte.

Mas, quando a Lyra do passado some de vista, Hades fica calado... e bem, bem imóvel. Com uma lentidão dolorosa, ele abaixa a cabeça até o queixo tocar o peito. A imobilidade na postura é como o silêncio em um velório. Ele olha para o chão, então acena para Caronte e Cérbero, que não saíram do lugar.

— Me deixem sozinho.

Embora relutantes, eles obedecem. Voltam à escada estreita que desce, sinuosa, do observatório de Hera, se afastando do meu esconderijo entre os pilares no caminho acima.

Há um brilho de luz vermelha e cristalina surgindo acima do topo da montanha. Vindo me buscar. Não tenho muito tempo, e talvez seja o ímpeto do tempo se acabando que me faça descer a escada às pressas.

— Por que você fez isso? — Tenho que saber.

Hades fica ainda mais estático, se é que é possível. Nem em um século de prática Michelangelo conseguiria ter esculpido do mármore algo mais perfeito.

O deus da morte e rei do Submundo não se vira antes de falar.

— Lyra.

O meu nome soa baixo... e errado. Baixo demais para eu distinguir se ele está com raiva, chocado, ou qualquer outra coisa.

Paro bem atrás dele, longe o bastante para não fazer alguma coisa tonta como abraçá-lo, com o coração se contorcendo.

— Por que você fez isso? — repito, com a voz exigente.

— Tá de brincadeira?

Do que ele está falando, cacete?

— Eu me entreguei a você, e você destruiu tudo. Sei que é pra manter minha maldição intacta pras sirenas, mas você foi cruel. *Desnecessariamente* cruel... — Eu me engasgo com a última palavra.

E Hades nada diz. Nada faz.

— Por quê? — insisto.

— Porque, Lyra... — Ele levanta a cabeça e me olha, a mandíbula formando um ângulo arrogante, os olhos quase pretos. — Porque foi o que *você* me mandou fazer.

Eu estava balançando a cabeça, mas então fico imóvel.

— Não.

— Mandou, *sim*. Aconteceu como sempre acontece com você. — E na voz dele, enfim, identifico a emoção.

Ressentimento.

Ele vem na minha direção, lançando acusações.

— Você aparece do nada depois de um tempão, diz coisas impossíveis...

Vou chegando para trás enquanto ele vem chegando para a frente.

— ... fala umas coisas incoerentes sobre feitiço, me manda fazer coisas que não quero fazer, e...

Minhas costas acertam a pedra da montanha, e ele me encurrala ali, as mãos apoiadas uma de cada lado do meu corpo, os olhos faiscando como aço envolto em mel, cortante e destruidor.

Só que aí ele baixa o olhar para minha boca, as palavras seguintes saindo baixas, letais:

— ... e, como o *tonto* que sou, obedeço.

Ter Hades perto assim de mim quando estou tão irritada, e ele tão irritado, e com as palavras sem sentido que diz... minha cabeça começa a girar.

Eu o mandei fazer isso?

Não. O senso de negação me atravessa tão forte que meu peito dói. Nada disso faz sentido. Nada. Mesmo se fosse uma viagem no tempo e eu já o tivesse encontrado, por que eu faria isso comigo mesma? Com ele?

Fico negando com a cabeça. Não. Só pode ser feitiço. Os titãs ou o Tártaro — tem alguém querendo ferrar com minha mente.

E talvez Hades identifique meu pânico, ou talvez seja um impulso da própria raiva, mas ele murmura:

— Que se dane!

E aí encosta a boca na minha.

Céu. E inferno.

Um soluço me escapa enquanto me derreto com o toque dele. Com um grunhido, Hades enfia as mãos no meu cabelo, soltando-o. Com outro grunhido, ele envolve as mechas no punho e coloca a outra mão no meu pescoço, sem apertar, segurando meu queixo, me controlando enquanto me consome.

A única coisa controlada nele.

Todo o resto foi... liberto. Um tigre que passou a vida toda na jaula, e enfim o guardião deixou a porta aberta sem querer e há uma ovelha inocente do outro lado.

Mas esta ovelha está bem feliz por ser devorada por esse tigre em específico.

Retribuo o beijo voraz na mesma intensidade, absorvendo o calor dele e o compensando com um ainda mais forte, emaranhando a língua na dele, gemendo na sua boca. Quero envolvê-lo ao meu redor, me alojar nos braços dele, grudar tanto nele que o Tártaro não vai conseguir me levar embora de novo.

Só que o desespero dele, embora ecoe o meu, é diferente. Mais severo.

Ele afasta a mão do meu queixo, vai descendo e tocando minhas curvas, um toque provocante e impiedoso. Para no meu quadril, cravando os dedos na pele, me puxando mais contra ele até eu sentir o quanto está duro.

Um choramingo me escapa e o faz grunhir, uma resposta satisfatória e possessiva.

Todas as minhas dúvidas desaparecem mediante o calor do momento.

Ele não conseguiria me tocar assim se não fosse com intuito. Hades não faz nada sem propósito.

E, pelos deuses nos céus e nos infernos, as coisas que meu rei do Submundo faz com essa boca... Sei todas as coisas perversas, maravilhosas, absurdas que ele faz meu corpo sentir. Como faz o prazer entoar pelas minhas veias, explodir nas minhas entranhas. Como me abraça depois, gentil, sussurrando as palavras mais doces que fazem meu coração ser cada vez mais dele.

Só não entendo... nada... na verdade. Mas aqui, nos braços dele, onde é para eu estar, não ligo.

Hades mordisca meu lábio inferior, passando a língua pelo ponto ardido de um jeito que me faz prender a respiração, e sorri perto da minha boca.

Porém, quando sorrio de volta, de repente ele fica imóvel.

Seus lábios estão a um centímetro de distância e ainda assim muito longe dos meus, mas não nos mexemos. Estamos ofegantes.

Não para, meu coração implora. *Não me solta*.

— Hades.

— Caralho, eu não consigo fazer isso! — As palavras dele saem com um grunhido baixo e doloroso.

Sinto um aperto no peito e cravo os dedos em sua pele, de maneira compulsiva, quando ele tenta se afastar. Quando tira a mão do meu cabelo, roça o polegar no meu rosto e fica imóvel de novo. Apenas por um segundo.

Um tipo diferente de imobilidade.

— Merda! Não chora, minha estrela. — Ele me beija outra vez. Minha boca e, depois, o rastro das lágrimas. Como se tentasse eliminar a dor e o medo. E, a cada toque doce, sussurra: — Não chora.

Abro os olhos para implorar — para ele continuar me beijando ou para me ajudar, não sei qual das opções. Mas aquela luz vermelha maldita reluz no meu campo de visão. Tenho, no máximo, uns segundos.

Não. Agora não. Nunca, mas agora não.

Envolvo o pescoço de Hades com os braços, enfiando o rosto no seu peito e o apertando bem forte. Muito forte.

— Caralho... — sussurra ele no meu ouvido, me abraçando. — Você tá tremendo.

— Não quero ir embora.

Ele fica tenso.

— Já? — retruca com um tom exigente e duro. — Tá de sacanagem, porra?

O tempo me consome antes que eu possa responder ou sequer respirar.

Ele some.

Ou, melhor, sou levada embora.

Quando recobro os sentidos — os braços curvados no ar como se ainda estivesse agarrada ao Hades, mas sem abraçar nada —, estou bem onde estava no início. No Tártaro, com os titãs.

PARTE 2
MONSTROS

Sério. O que que tá acontecendo, cacete?

12

UM DESTINO PIOR QUE A MORTE

HADES

Bato aos portões indestrutíveis do Tártaro. Os que ajudei a criar para prender os titãs por toda a eternidade. Sei que Lyra não consegue me ouvir por causa das proteções, mas grito o nome dela mesmo assim.

Ela está presa com os titãs. Eles vão destruí-la. Primeiro, vão brincar com ela, como uma baleia assassina brinca com a comida, e depois vão devorá-la viva. Como meu pai fez comigo.

— Hades! — chama Caronte, colocando a mão no meu ombro, e um tsunami em forma de choque me assola, dizimando qualquer resquício de controle.

Reajo com brusquidão, lançando-o para longe de mim.

— Lyra! — exclamo, batendo à porta.

E bato com cada vez mais força, a violência do meu medo sacudindo não só os portões, mas todo o resto, como a terra fazendo as placas tectônicas tremerem. Que se fodam as consequências de soltar esses desgraçados sanguinários e sem consciência no mundo e ter que enfrentá-los outra vez!

Preciso tirá-la dali.

Preciso.

Vou dizimar qualquer coisa e qualquer um que entrar no meu caminho, desmantelar o mundo de pedra em pedra se preciso for. Acabar com tudo. Transformar em pó.

Em caos.

Respirando com dificuldade, fecho os olhos, encosto as mãos e a testa no portão. É a profecia se concretizando.

Lyra estava errada.

Não tenho controle o bastante para manter a promessa. Fecho as mãos em punho contra o aço duro e frio, batendo de novo. E de novo. E de novo.

Algo me acerta na lateral do corpo, e caio de costas. As três cabeças do Cérbero pairam sobre meu rosto, e o peso do cão infernal e enorme me mantém imobilizado no chão. Antes que eu consiga jogá-lo para o lado como a boneca de trapo traidora na qual vou transformá-lo, tem pedra e terra me cobrindo. Deméter. Ela estava com a gente por causa da Perséfone. Não só controla as plantas da colheita como também o solo, e está me enterrando vivo.

Balanço a cabeça, parcialmente coberta, e cuspo terra. Não sabia que minha irmã caçula era assim tão forte.

Então Caronte paira acima de mim.

— Você tem que parar.

— Me deixa levantar! — Uso toda a potência do tom de comando, digno do rei do Submundo.

Como seres ctônicos, nem Caronte nem Cérbero podem me dizer não.

Só que eles não fazem nada.

Porque não sou mais o regente deles. Lyra é. Dei o trono a ela para salvá-la. E, apesar de eu ter substituído Zeus como o rei dos deuses, não posso comandá-los. Eles obedecem a apenas um regente.

A fúria dentro de mim não tem válvula de escape, e solto um grito longo e estrondoso:

— Puta que pariiiiiu!

Então fico calado. Apenas o barulho da minha respiração acelerada preenche a caverna, e tento pensar em um jeito de fazê-los sumir da merda do meu caminho.

— Já acabou? — censura Caronte.

— Eu podia te matar bem aí. — E estou falando sério, cacete.

Ele me lança um olhar duro.

— Olha pra cima.

Quê?

Ele aponta.

— Cacete, olha pra cima, Done.

Quando faço isso, vejo que o teto da câmara que cerca o Tártaro despencou todo em um pedaço só e agora paira acima de nós.

Olhando ao redor depressa, vejo Deméter ali perto, com a mão erguida na direção do teto, suspendendo-o, e a outra na minha direção, mantendo-me rente ao chão. Ela está tremendo tanto que vejo os dentes batendo.

— Não dá pra eu consertar a menos que te solte — declara ela com a voz tensa.

— Você vai acabar enterrando a Lyra aqui embaixo se continuar com isso — informa Caronte sem rodeios.

E me encolho, sentindo as pedras acima cravando na pele.

Ela não ia querer isso. A cabeça mais séria do Cérbero, Cér, me cutuca com o focinho. *Você sabe que não*.

E é aí que me lembro...

De um dia, muito tempo atrás, quando ela disse que eu poderia escolher não cumprir a profecia do meu avô. Estava muito certa de que os fios do destino podiam ser rompidos. Também disse uma vez que era forte o bastante para conseguir ela mesma driblar o perigo se ele a encontrasse.

Ela sabia? Sabia na época o que aconteceria com ela?

Se sabia, então por que, em nome desses malditos titãs, veio comigo aqui para baixo? Ela mesma poderia ter anulado aquele destino.

Quero me voltar contra o mundo. Lutar contra meus amigos, até matá-los se preciso for, para tirá-la dali. Só que Cér tem razão. Ela não ia querer isso.

Fecho os olhos, buscando por qualquer tipo de paz possível, mas é muito difícil encontrá-la sob tanta ira e pavor. Aí imagino os olhos verdes e dourados dela, a sensação da Lyra nos meus braços. Sua bondade. Inteligência. O jeito como diz tudo que lhe vem à mente. *Ela*.

E pronto.

Nada de botar o mundo abaixo, mas isso não significa desistir. Ela ia querer que eu encontrasse outro jeito de fazer acontecer.

Então é isso que vou fazer, caralho.

— Me deixa levantar.

13

NENHUMA DAS OPÇÕES PRESTA

LYRA

Eu me inclino para a frente, ofegante, com as mãos nos joelhos.

A diferença brusca de estar nos braços de Hades no Olimpo para estar presa no Tártaro de novo é que nem dar com a cara em uma parede de cimento. O pouco do fôlego que me restava some.

Ainda assim consigo balbuciar o nome dele.

O aroma de chocolate amargo de Hades está se esvaindo de mim, mesmo aqui, e quero prender esse pequeno resquício dele aqui embaixo comigo.

Só algo a que me agarrar enquanto tento voltar para ele.

Reia está bem perto de mim, apertando firme meus ombros, me forçando a ficar ereta.

— Hades? O que você falou pra ele?

Fico só observando a rainha dos titãs, que, até uns segundos atrás, parecia ser minha aliada. A expressão dela agora denuncia que ela quer me trucidar, assim como os outros.

Faço uma carranca e tento me afastar dela, mas ela não solta.

— Mas que porra foi essa? — questiono com um tom exigente.

A bravura é só o que me resta.

Cadê o Boone? Depressa, percebo que ele segue invisível. Não acho que ele teria me abandonado. Ou será que foi tragado para o passado também?

Olho para Reia.

— O que aquela coisa que parece cristal faz comigo?

Assim como o filho mais velho, os olhos prateados da Reia ficam afiados que nem lâmina, e quero chorar diante da semelhança. Eu estava *com ele*. Um instante atrás. Gritando com ele. Culpando-o. Beijando-o.

Ainda quero beijá-lo. E, certo, gritar mais um pouco com ele.

Em vez disso, estou aqui. *De novo*. Presa. Provavelmente prestes a morrer. Ou me perder neste lugar em que fica nítido que a realidade já era.

Talvez a única resposta seja Hades atacar de vez esse mundo que pode ser tão cruel. Só que não consigo desejar isso para ele, mesmo que aquele momento roubado pareça cada vez mais um sonho.

Estou encarando meu pesadelo nos olhos.

— Responde — insiste Reia.

— Tá tudo bem — declara Mnemosine atrás da Reia. — A gente ainda tá aqui. Nada mudou, graças ao Cosmos.

Não estou dando *graças* ao Cosmos por ainda estar aqui.

— Alguém pode me esclarecer o que tá rolando, cacete? — Preciso de uma resposta de verdade. — Estou viajando no tempo?

Reia passa a mão nos olhos, depois olha para os demais.

— Ela não está pronta pra mais coisa — afirma Mnemosine, contorcendo o rosto... ou contorcendo a parte inferior do rosto descoberta pela máscara, no caso. — Olhem só pra ela. Tá prestes a surtar.

Ai, *meus deuses*! Eu me forço a endireitar a postura.

— É isso. Foi *isso*. Cacete, estou viajando no tempo.

Não sei ao certo se isso é melhor ou pior que um feitiço. Ambas as coisas ainda fazem sentido. Talvez estejam mentindo para mim agora, mas as peças de todos aqueles momentos, nas três vezes em que a luz me levou embora, estão se encaixando.

— Merda... — murmura Jápeto.

Reia faz menção de encostar em mim, mas me esquivo, então ela ergue as mãos em rendição.

— Calma.

— Calma o caramba. Podem ir abrindo o bico.

— Viram só — comenta Jápeto. — Falei que ela não aguentava.

— Cala a boca, Jápeto — respondem todos, entredentes.

Todos, com exceção da Reia, que está me analisando, com as sobrancelhas franzidas e um olhar de aparente preocupação maternal.

— Aquelas fendas são rupturas no tempo. Cronos o corrompeu um tempão atrás, tentando tirar a gente daqui. Levam a pessoa pro passado.

Para o passado. Para logo depois do Trabalho de Atena. Logo depois de eu ter sobrevivido ao Trabalho de Poseidon também.

Acho que vou vomitar.

Foi para *lá* que Hades foi?

Depois que o Trabalho acabou, ele falou que tinha que resolver uma coisa. Eu tinha ficado desolada com a morte da Isabel, a primeira campeã que perdemos, e ele me deixou lá para ir conversar com a minha versão do futuro.

Jápeto, sem saber os pensamentos que me sugam para um redemoinho atordoante, faz uma reverência sarcástica para mim.

— Você, Lyra Keres... está destinada a ser nossa salvação algum dia. — Aí o babaca abre um sorrisão. — Pra mim, quanto antes, melhor. O que significa que você já vai pro próximo Cadeado. Agora.

Não tenho tempo de proferir um "como é que é, caralho?" antes que o titã venha para cima de mim, e a única coisa que o impede é Reia. Em um segundo ele é um borrão de movimento; no próximo, está sendo arremessado para o outro lado do espaço e colidindo com a porta do Cadeado de Héstia, e então caindo no chão com um baque abafado e oco.

Os outros entendem isso como um sinal para avançar em mim também, todos virando um borrão.

Aí sinto a mão de alguém apertando meu ombro com força, e minha visão fica embaçada, como se estivesse tudo em preto e branco.

Tudo com exceção de mim... e Boone.

Deixo escapar um suspiro, mas antes que eu possa perguntar qualquer coisa, ele tapa minha boca, abafando o som.

Jápeto se levanta depressa para avançar de novo e passa por Reia, estendendo a mão para o ponto onde estávamos. Onde *ainda* estamos. Só que o braço dele nos atravessa.

— Mas caramba!

A voz dele é bem nítida, apesar de parecer que estou assistindo a uma série antiga em preto e branco. Aí o titã que antes chamavam de Perfurador, graças à lança lendária e letal, olha bem nos meus olhos, mas parece que não me enxerga.

— Espera aí. Cadê o outro?

Não verifico, mas tenho quase certeza de que Boone está sorrindo.

Jápeto endireita a postura bruscamente, fazendo uma carranca tão profunda que forma rugas ao redor da boca.

— Não tem muitos lugares pra onde eles conseguiriam ir nesse meio-tempo.

— Vamos nos dividir — sugere Reia, ainda tão tranquila que é inquietante. — E encontrá-los.

— Matem o cara se preciso for — adiciona Jápeto.

Reia lança um olhar gélido para ele.

— Isso não...

O barulho de um sino — o mesmo sino de antes — a interrompe.

E todos os titãs ficam tão pálidos que parece que receberam o beijo da morte.

— Corram! — ordena Reia.

Uma titânide — a que passou o tempo todo abraçando a irmã — vira água tão depressa que se esguicha ao acertar o chão, se transformando em poça.

Em um gesto veloz e atordoante, eles se espalham, fugindo por túneis diferentes. Só não seguem aquele para o qual ficavam lançando olhares. Só Reia permanece.

— Se ainda estiver aqui, Lyra, me segue.

Boone nem se mexe, e sei que ele está pensando a mesma coisa que eu. Nem ferrando que vamos segui-la.

Ela olha ao redor, como se esperando que nos revelemos.

— Do contrário, espero que o que quer que tenham feito pra se esconder seja o suficiente pra proteger vocês do Pandemônio. Não vai dar pra vê-los, mas aconteça o que acontecer, não deixem que toquem em vocês.

Aí, em um gesto veloz e turvo, ela some.

14

OS PILARES DO COSMOS

LYRA

— Não se mexe — sussurra Boone.

Os dez titãs e titânides se mandaram, e o Pandemônio — seja lá o que for — está vindo. Algo que até os titãs temem.

— Eu quero ter certeza de que eles foram embora antes de a gente sair daqui — declara Boone. — Tudo bem?

Assinto.

— Não tá preocupado com essa coisa aí que botou medo neles?

— Se não conseguiram ver nem sentir a gente, essa outra coisa também não vai conseguir. — Ele soa tão convicto que reviro os olhos. — Confia em mim.

Nem hesito. Sempre confiei nele.

— Confio a minha vida.

Mas... nada acontece.

Boone não sai do lugar. Não fala.

Eu o sinto virando a cabeça devagar, em busca de ameaças. Olho de um lado para o outro, também procurando. Um ou dois minutos se passaram, e ainda assim nada aparece, então começo a baixar a guarda. Quanto mais continuamos aqui parados, mais estranho fica estar em um mundo pintado de todos os tons de cinza. Causa desorientação.

— A gente não pode ficar aqui pra sempre — comento. — Consegue se teletransportar?

— Tentei. Acho que o lugar não deixa.

— Ah.

Faz sentido. É uma prisão.

— Então a gente tem que escolher um túnel. — Ele me aperta com mais força. — Tá pronta?

Na real, não. Começamos a andar, e me pego me encolhendo a cada barulhinho dos nossos passos. Só que nada nos ataca, então seguimos.

— Como é que você já ficou tão bom nisso?

— Não se tocou ainda? — O sorriso convencido é nítido na voz. — Sou bom em tudo.

Nossa!

Um grito soa de repente, e Boone me aperta de novo. O som ecoa por um dos túneis à esquerda — pelo timbre, vem de uma das titânides. Parece que está sendo rasgada ao meio. Aí o barulho muda de súbito, e em vez de gritos, rosnados animalescos ressoam na nossa direção.

Mas o grunhido não para, fica mais alto.

— Tá vindo pra cá.

— Eu sei.

Está se deslocando com mais rapidez do que nós, e ele acelera o passo. É melhor que Boone tenha razão sobre a coisa não conseguir nos ver, mas o som abafado dos nossos passos está mais perceptível agora.

Estamos quase na entrada do túnel quando alguém... alguma *coisa*... entra na câmara, vindo de um outro túnel.

Boone nos faz parar, e ficamos imóveis. Desta vez, prendo a respiração enquanto olho para a coisa que era uma titânide uns instantes antes. Teia, acho, a titânide da perspectiva e da cura, mãe dos deuses e deusas originais da lua, do sol e do amanhecer. Ela costuma reluzir.

Agora, quase nem parece real.

Com o cabelo claro e as vestes esvoaçantes sobre os traços antigos, ela está inclinada para a frente, com madeixas bagunçadas emoldurando o rosto. As presas reluzem, letais, na boca aberta e ofegante, e nas mãos há garras bem afiadas.

O que o Tártaro fez com ela? Ou é resultado do Pandemônio, que até agora nada de aparecer?

Boone nos faz dar um único passo cauteloso para mais perto da nossa rota de fuga.

Parece que ela não percebe enquanto grunhe, rosna e tateia o piso em uma análise do espaço, como um lobo feroz em busca da presa.

Outro passo.

Vejo a luz se infiltrando por entre as garras dela, emanando das palmas das mãos.

Outro passo.

Estamos quase lá.

Mais dois passos, e ela some de vista, ficando atrás da parede do túnel no qual estamos agora. Mas ainda nos movimentamos devagar e com cuidado pelo caminho arqueado, entalhado na rocha natural que nos afasta da câmara. Quando fazemos uma curva, fica tão escuro que Boone tem que tatear a parede enquanto me conduz junto. Puxo o machado para mais perto. Um estalo de metal na pedra por certo vai fazer o que quer que seja o Pandemônio vir atrás de nós. Teia também, no caso, ou qualquer que seja o monstro que ela virou.

A luz molda um pequeno arco adiante, que fica maior enquanto nos aproximamos até sairmos do túnel e vermos...

Uau!

Talvez eu tenha sussurrado em voz alta porque Boone acenou a cabeça enquanto inclinamos o pescoço para olhar bem, bem, bem para cima, por um momento esquecendo do perigo na retaguarda.

Estamos em um semicírculo de uma encosta de montanha que dá no que parece ser a terra das chamas, digna de pesadelos. É essa a imagem em que tantos mortais pensam quando imaginam infernos. Pedras escuras, as ondulações turvas de lava e fogo, tudo pontiagudo e tomado pelo calor. O espaço se estende para bem além do horizonte, a perder de vista.

No entanto, não é para isso que estamos olhando.

Entre a montanha subterrânea cheia de túneis da qual viemos e as terras em chamas ao longe há quatro pilares colossais, independentes e tão altos que não dá para ver o topo. Só que não são bem pilares. São mais uns troncos de árvores bem diferentões ou... raízes.

Ai, meus deuses!

Uma vez, ouvi uma citação de um texto antigo descrevendo o Tártaro como um vácuo sob as bases de tudo em que a terra, o mar, o céu e o fogo fincam raízes.

É *verdade*.

Boone me solta. De imediato, como um filme antigo sendo reproduzido em tecnicolor, o mundo ganha cores vibrantes de novo, e me espanto diante da beleza violenta dos pilares.

O pilar terrestre que fica mais próximo de onde estamos, ainda que a uma boa distância, é igualzinho às raízes de árvores, com videiras de folhagens e flores de todas as cores imagináveis envoltas por toda extensão. O aroma doce no ar é tão denso que fica enjoativo.

No pilar do céu, à direita e ainda mais distante, não parece haver raízes, e, sim, um redemoinho de cor. O redemoinho me lembra sorvete cremoso, mas as cores são vibrantes. À primeira vista, há faixas de um azul cristalino, depois branco, e então vários tons de cinza variando do claro ao escuro, seguidos por faixas grossas de preto que parecem cintilar, e então faixas mais estreitas de amarelo, pêssego e roxo. Todas as fases dos céus? Dia e noite. Nascer e pôr do sol. Estrelas reluzentes, mas também nuvens brancas macias e tempestades espiraladas. E aquelas faixas de redemoinhos vão subindo pelo pilar do céu, como se nutrissem o mundo.

O pilar do oceano à esquerda, paralelo ao do céu, é composto por ondas. Elas desafiam a gravidade, escalando a coluna de lado, borrifando a maresia ali onde estamos. As cores dos oceanos não se organizam em faixas como as dos céus, em vez disso possuem... raias, eu diria. Algumas são de um azul-escuro insondável; outras de um azul-turquesa cristalino; algumas são de um azul-amarronzado mais turvo; outras, pretas. Todas têm cristas brancas, e as ondas seguem ascendendo sem parar.

Por fim, o mais distante de nós, que parece menor ao longe, é o pilar do fogo. Parece um tornado, mas em um cilindro perfeito que não se mexe nem solta fumaça. E o calor deixou as chamas mais azul-arroxeadas do que vermelhas e douradas.

Outro grito ressoa, desta vez lá de cima, e Boone e eu inclinamos o pescoço ainda mais, percebendo que o caminho que seguimos para chegar aqui não é o único. Há túneis salpicados pela superfície bruta da montanha atrás de nós.

— Se escondam depressa — orienta uma voz feminina suave e familiar.

Boone segura minha mão, e a cor desaparece outra vez bem quando Reia coloca a cabeça para fora do túnel à direita. Sei que ela não consegue nos ver, mas isso não parece abalá-la.

— Imaginei que a Teia pudesse ter feito vocês virem pra cá — sussurra ela.

Então *era* Teia. Aquela coisa feroz na câmara perto do Cadeado de Héstia.

Reia sai do túnel, acena com a mão, e o mundo ganha cor outra vez. Com um mero pensamento, ela desmantela o poder de invisibilidade do Boone.

— Eu tenho um lugar em que posso esconder vocês dos outros — sussurra Reia antes que possamos fugir ou lutar. — Mas a gente tem que ir agora.

Ela nos incita a segui-la.

Olho para Boone, ponderando, e ele dá de ombros. Só que não falamos. Temos escolha? Este lugar é desconhecido demais e abarrotado de perigos dos quais ainda não sabemos. Vale a pena ao menos dar uma conferida. Boone assobia baixinho, e concordo com a cabeça.

Quando Reia corre... desta vez, corremos também.

15

A SEGURANÇA É ALGO RELATIVO

LYRA

Estou basicamente esperando Reia nos conduzir por mais uns túneis até uma espécie de sala/masmorra com equipamentos de tortura, ou ao menos com algumas correntes na parede que conseguem impedir um deus e uma deusa de fugir.

Mas Reia não segue por um túnel. Ela corre em direção aos pilares.

Pelos deuses, ela é muito rápida! Tão rápida que, mesmo com a velocidade de deusa, mal consigo acompanhar o ritmo, o mundo virando um borrão de cores, e então preto e branco, enquanto Boone volta a tentar nos esconder.

Ela contorna a parte traseira do pilar da terra e para ali. Não está nem ofegando quando coloca as mãos na raiz, e como um passarinho abrindo o bico para a mãe, as raízes se separam. Galhos e flores se afastam; a própria madeira se desenrola e se divide. O som que emana é um ranger e um roçar suave. Quase impossível de ouvir, considerando o rugido das ondas do oceano e o arder do fogo dos outros pilares. Podem estar a mais de um quilômetro de distância um do outro, mas são tão grandes que nem importa.

A divisão e o movimento cessam, e Reia nos leva para uma câmara dentro da coluna terrestre que parece o centro oco de uma árvore. Não é do tamanho de uma raiz inteira, de jeito nenhum. É mais como se a madeira tivesse se recolhido para formar uma câmara pequena e torta para Boone e eu, só o suficiente para conseguirmos ficar de pé ali ou nos deitar.

O rangido recomeça quando Reia nos tranca aqui dentro.

De imediato, uma chama azul minúscula aparece na palma da mão do Boone, iluminando o espaço escuro. O fogo eterno de Hermes não queima o que toca — um presente aos ladrões. Contudo, agora Boone é o deus dos ladrões, então acho que é ele que controla o fogo. Ao menos, vamos ter luz aqui dentro.

No instante seguinte, ele se vira para Reia, segurando-a pelo pescoço.

— Chega desses enigmas de merda. Pode ir explicando.

Ela comprime um pouco os lábios e não responde. Em vez disso, lança um olhar significativo para a mão dele.

A julgar pela tensão nos ombros, Boone está se perguntando o que fazer. Estreita os olhos.

— A gente não pode fugir de você — confessa ele devagar. — E duvido muito que a gente consiga te matar.

— É um grande dilema — murmura a titânide, como se ele ainda não a segurasse pelo pescoço.

Ele grunhe. É um grunhido raivoso. Mas aí abaixa a mão.

Como se nada tivesse acontecido, Reia ajeita o vestido rosa-claro, espanando uma poeira imaginária.

— Vocês vão ficar protegidos aqui por ora.

— Protegidos? — Dou uma gargalhada. O som me escapa como um estampido de tiro. — De quem? De *você*?

Só estamos *protegidos* com ela porque ela está permitindo.

— Dos outros.

— Mas, porra, isto aqui não é nada ameaçador — murmuro, olhando ao redor do espaço, agora uma parede feita de raízes de árvores, quase esperando ouvir os murros na superfície enquanto eles tentam arrombar.

— E protegidos do Pandemônio — prossegue ela.

— Beleza, e o que é isso? — questiona Boone antes de mim.

A voz dele sai alta, e a titânide se encolhe. Não com medo de nós. Quando ela lança um olhar rápido à "porta" fechada do esconderijo, percebo que é medo do que está lá fora.

Reia analisa meu rosto, e franzo a testa para ela, e só então ela enfim responde:

— Quando o sino toca, o Pandemônio fica à solta pelo Tártaro. Essa é uma das muitas formas de manter a gente preso aqui. Acho que pra obrigar a gente a ficar dentro da cela.

Olhamos para ela. Além da Teia raivosa, não ouvimos nem vimos mais nada.

— Quer dizer que os titãs ficam... ferozes? — pergunta Boone.

Ela nega com a cabeça.

— Tem um obelisco de ônix no túnel que leva à ponte acima do abismo, lá nos portões do Tártaro. A gente só sabe que, quando o sino toca, o som vem de dentro daquela estrutura, e o ônix... vibra. Parece que nada sai, mas quando toca na gente, como aconteceu com a Teia... — Reia estremece. — O Pandemônio não consegue atravessar portas nem paredes. Então, quando ouvimos o sino, temos que nos esconder em algum lugar por algumas horas. Quanto mais perto você estiver do obelisco, mais rápido tem que fugir.

— Não acredito — declara Boone com a voz dura. — Não era pro Pandemônio ter passado pela gente? A gente não viu nem ouviu nada.

— É por isso que ele é tão perigoso. É invisível, silencioso, inodoro, não tem aviso. Só um toque e... — Ela nem completa, estremecendo de novo.

O que ela está dizendo deveria me deixar apavorada, mas acho que estou começando a ficar anestesiada com todo o resto sendo jogado na minha cara: o Pandemônio, eu ser a salvação dos titãs de alguma forma, o Cadeado de Héstia, o que vi dentro daquelas fendas vermelhas. Não sei em que acreditar.

Boone está balançando a cabeça, porém, ainda duvidando.

— Você falou que demora umas horas pro Pandemônio ir embora, mas a gente ficou no Cadeado de Héstia, no máximo, uns trinta minutos.

— Vocês ficaram lá um dia inteiro — corrige Reia.

Ele se empertiga como se ela tivesse lhe dado um tapa, mas eu... eu não sinto nada. Estar anestesiada até que é bom, parando para pensar.

— É melhor eu não ficar aqui com vocês — afirma Reia. — Volto quando for seguro pra vocês saírem.

Boone cruza os braços, observando-a como quem não acredita em nadinha.

— Você acabou de mandar a gente se esconder das coisas que induzem a violência. Vai se arriscar assim tão rápido?

A calma da Reia oscila um pouco, atravessada pela irritação.

— Estou vendo que você vai ser uma adição interessante. Talvez seja melhor separar vocês dois...

— Não! — exclamo, pegando o pulso do Boone no mesmo instante que ele dá um passo à frente, ameaçador.

— Se tentar separar a gente — avisa ele com um rosnado —, vai arrumar briga.

Ela me olha, repara em como o estou segurando, e franze a testa com aquele olhar de preocupação maternal.

Não o solto. É só nele que confio aqui embaixo.

E mergulho mais na sensação de anestesiamento.

Reia suspira, olhando para ele como se fosse uma criança teimosa.

— Tudo bem. Não vou separar vocês, mas preciso ficar com ao menos um dos outros titãs ou vão saber que escondi vocês e vão vir procurar.

— Não. — Ele faz um gesto de talho com a mão. — Você fica aqui com a gente, ou a gente se manda num piscar...

Ele para de falar quando puxo seu pulso.

— Cadê o Cronos?

— Quando o sino tocou, ele jogou vocês dentro do Cadeado, mas não conseguiu escapar a tempo. Só dá pra sair da ponte pulando nos Cadeados ou seguindo pelo túnel que passa pelo obelisco, do qual vem o Pandemônio. A gente conseguiu controlá-lo. Ele tá trancado em uma das celas.

— Celas? — repito.

Ela assente.

— Os túneis são a parte da prisão do Tártaro.

Ah!

— Espera aí. — Boone ergue a mão. — O efeito passa?

— Depois de um dia, mais ou menos — explica ela. — Às vezes, leva mais tempo. A gente é... perigoso... nesse estado. Mesmo uns para os outros. É melhor...

— Tanto o Cronos quanto o Jápeto disseram que eu era a salvação de vocês — interrompo com uma voz que nem parece a minha. É como se eu estivesse bem distante ou tendo uma experiência extracorpórea. — Como assim?

Percebo Reia se encolhendo, e ela leva um tempão para responder, provavelmente pensando bem nas palavras.

— Você é nossa possibilidade de sair do Tártaro. A Febe viu.

As palavras ditas baixinho, em um tom gentil, soam como um trovão.

A *Febe* viu.

A titânide da *profecia*.

Pelos deuses misericordiosos nos céus. Jápeto mencionou uma profecia. Estou destinada a libertar os titãs do Tártaro? A soltá-los no mundo?

Eu?

Como? Por quê? Embora a resposta ao porquê já seja óbvia: por acidente, enquanto tento eu mesma escapar. Será que o único jeito de eu sair daqui é libertando os titãs?

— O caminho da Lyra sempre a traz para cá — prossegue Reia, - baixinho.

Há até um tom de quem pede desculpas na voz.

Sempre.

Sempre acabo aqui embaixo.

— Mentira — retruca Boone, esbravejando.

Quando olho para ele, vejo-o quase em cima da Reia agora, empunhando as mãos. Todo convicto. Ele tem razão. Tem que ter razão. Não podemos acreditar em nada do que eles dizem.

Reia está me observando com atenção, e parece que um sentimento de luto — ou medo, talvez — passa pelo seu rosto. Aí ela se volta para Boone.

— Não posso dizer mais nada agora. Ela tá prestes a ter um colapso. Acontece quando descobre muita coisa muito rápido.

Ela se aproxima da parede pela qual entramos e coloca a mão ali, e com os mesmos barulhos de ranger e roçar, mais altos aqui dentro, as raízes começaram a se separar.

— Malditos titãs... — murmura Boone. — Vai soltar uma bomba dessas e ir embora assim?

Ela não para o que está fazendo.

— Se eu falar mais alguma coisa, tudo acaba mal.

Sinto Boone me encarando, mas não desvio o olhar de Reia. Já sei o que ele está pensando. Vamos mesmo deixar que ela nos prenda aqui dentro, sem termos como sair?

Para ser sincera... melhor nós dois sozinhos aqui do que lá fora com eles.

Ela sai e fecha a abertura até ficar só uma frestinha do rosto dela aparecendo.

— Ah, e fica longe das rupturas do tempo — alerta. — Se fizer ou disser a coisa errada pra alguém do passado, vai redefinir o tempo pra todo mundo.

Aí as raízes se fecham, nos prendendo ali dentro.

16

PANE NO SISTEMA

LYRA

— Redefinir o tempo — murmura Boone. — Mais papo-furado. — Ele caminha pelo espaço minúsculo a passos duros, passando as mãos pelas paredes, pisos, por cada centímetro. E aí pergunta por cima do ombro: — Será que a gente sequer vai conseguir respirar aqui dentro?

Não presto muita atenção na pergunta. Minha cabeça gira a toda. Rupturas no tempo. Redefinir o tempo. Recomeçar...

Espera aí.

Por que não redefinir as coisas? Assim a gente não vai parar aqui embaixo.

O rompante de animação se esvai com a mesma rapidez. Reia falou que sempre acabo no Tártaro.

Sempre acabo aqui.

— Os portões dão em uma espécie de saguão — comenta Boone, e o observo se ajoelhando em uma só perna diante de mim e desenhando um círculo com a ponte em cima. — A queda leva aos Cadeados.

Em alguma parte do meu subconsciente, sei o que ele está fazendo. A primeira coisa que ladrões fazem quando analisam um assalto em potencial é entender a configuração do lugar. Cada nuance. Cada ponto cego. Lugares em que dá para ficar preso ou se esconder. Saídas e entradas, até as que passam despercebidas por pessoas normais.

Só que não consigo... me concentrar.

Fendas temporais. Olho para o machado nas minhas mãos, me lembrando da conversa com Hades. “Uns dez anos mortais atrás, achei que tinha perdido um dos dois”, foi o que ele disse. Da vez seguinte que viu o objeto, estava nas minhas mãos na Provação... porque, anos antes disso, ele tinha aparecido no meu quarto no covil e não me deixou descartá-lo.

Ai. Meus. Deuses!

Enquanto isso, Boone está concordando consigo mesmo.

— Com certeza tem mais de um Cadeado, mas a gente não sabe quantos.

Então faz uma linha ao redor do círculo, criando a caverna que fica na parte externa da base dos Cadeados, de onde acabamos de vir.

— Tô presumindo que o espaço dê a volta.

Ele me olha, mas parece que não percebe minha ausência de resposta.

Olho para o machado outra vez.

Se consegui pegar o machado dele... Hades *lembrou* do momento em que apareci no jardim das águas? Lembrou de me beijar? Já apareci em momentos anteriores da vida dele e ainda não sei? Naquela noite em que achei que tivéssemos nos conhecido, quando ele me impediu de jogar uma pedra no templo do Zeus... naquela noite ele perguntou, várias vezes, se eu sabia quem ele era.

Achei que ele estava sendo um babaca arrogante, se certificando de que eu soubesse com qual ser poderoso estava lidando. Será que só estava perguntando se eu de fato lembrava dele? De antes?

Mas por que não falou isso?

As implicações me acertam de mil jeitos diferentes, como se eu fosse arremessada em um oceano em plena tempestade. Hades nunca disse nada a respeito.

Não me contou.

Meu maldito deus e seus malditos segredos. Se eu sair daqui, vamos ter um belo de um acerto de contas.

Abaixo o machado, observando o piso de terra.

Boone ainda está mapeando o que sabe do Tártaro.

— Túneis que contêm as celas da prisão passam pela montanha subterrânea em volta. A gente tem que descobrir se isso também

circunda o abismo e os Cadeados. — Ele franze a testa e complementa: — A gente sabe que essa parte é diferente.

Ele apaga a superfície da montanha e desenha outro semicírculo, então adiciona os pilares nos quais agora estamos e os campos de lava além.

Inclina-se para trás, analisando o mapa.

— A gente vai precisar verificar nos túneis primeiro. É um bom lugar pra se esconder. Parece o melhor lugar pra começar. O que acha, Keres?

Ele me olha e fica calado, enfim percebendo que não dei um pio.

Engulo em seco, tentando me agarrar ao jeito que ouvi Hades me chamando, o esmurrar dos portões do Tártaro enquanto ele tentava derrubá-los para me encontrar. Do mesmo jeito que quero voltar para ele. Não. *Tenho* que voltar para ele. E voltarei.

— Lyra? — O tom do Boone é suave.

Até hesitante. Nada parecido com o jeito Boone de ser.

Inspiro com força.

— Não posso ficar aqui — sussurro, brusca. Para mim e para ele. — Não posso fazer isso. Não posso ficar aqui.

Não vou ficar, cacete.

Tem que ter outra saída.

— Lyra...

— Não quero falar disso — respondo ainda aos sussurros.

Não quero falar de nada.

De imediato ele retruca:

— A gente vai dar um jeito. — A voz nem treme.

Ele parece bem convicto de si. Dessa verdade.

Isso ajuda.

Não que ele deva estar tão confiante assim. Nenhum de nós destaca o óbvio: se houvesse um outro jeito de sair daqui, os titãs teriam tido tempo, poder e inteligência o bastante para matar a charada muito antes de entrarmos na jogada.

Não importa o que aconteça, sempre acabarei aqui embaixo.

— Posso aumentar a claridade aqui se ainda tiver medo do escuro.

— Nunca tive medo do escuro — respondo, sussurrando.

Ele concorda. E olho para o chão, sem me mexer. Não sei bem quanto tempo fico ali só... não assimilando nada da situação... até ter uma sensação incômoda na pele. Como se houvesse aranhas e outros bichos andando pelo meu corpo, até no meu cabelo, fazendo o couro cabeludo formigar.

Mudando de posição bruscamente, faço Boone sair do caminho depressa quando começo a andar pelo espaço minúsculo. Todos esses pensamentos vão me fazer pular de um penhasco se eu não der uma aliviada neles. Caminho de um lado para o outro e, enquanto isso, sinto-o me observando.

Por causa do meu comportamento.

Chuto a raiz, que treme, fazendo um som meio sibilante. O que só me irrita ainda mais, então chuto de novo. Quando vou chutar uma terceira vez, Boone de repente aparece, se colocando entre mim e as raízes.

— A gente não tem que falar de nada disso ainda... — declara ele. — Mas preciso saber que não estou sozinho, Lyra.

Franzo a testa devagar.

— Eu estou bem aqui. — As palavras saem em um tom rabugento porque isso está bem óbvio para mim.

Ele balança a cabeça.

— Seu corpo está aqui, mas você está se fechando de um jeito... Não consigo tirar a gente daqui sozinho. Sem ajuda. Se precisa dar uma surtada, tira um momento pra surtar, caralho. Mas é um momento só. — Ele me lança um olhar duro, demorado. — Eu preciso de você, Lyra. Entendeu?

Ele precisa de mim.

E isso não tem nada a ver com a ilusão que Héstia tentou simular nos meus sonhos infantis sobre precisar de alguém. O que está em jogo aqui é sobreviver e escapar.

Boone não me pressiona. Não pergunta nada. Não dá sermão. Só espera. Firme.

E acho que minha versão do passado deve ter ansiado muito por ser necessária. Não é só por mim. Preciso ajudar o Boone a sair daqui também.

Os tentáculos de indiferença que apertavam meu peito como cintos de aço se afrouxam, e uma vozinha na minha cabeça que

nem percebi que estava ouvindo — a que diz que estamos fodidos e que deveríamos só desistir, a que diz que não vou conseguir escapar disto — fica calada.

Ou mais calada.

Boone abaixa o queixo, com o olhar duro e sério de quando está pronto para meter a mão na massa e planejar um assalto. Quando fica assim, todo traço de brincadeira e provocação some, e é melhor se preparar para acompanhar o ritmo porque ele vai fazer a coisa acontecer. Com ou sem você.

Meu peito se acalma com a familiaridade do olhar, com o que significa. Ficar presa aqui embaixo por eras *não* vai rolar.

Toma jeito, Lyra, e começa a lidar com o problema.

Respiro fundo duas vezes, devagar.

— Estou aqui — afirmo.

Ouvimos um estrondo repentino, e o piso... vibra. Não treme. Não como um terremoto. Tendo crescido em San Francisco, sei como é. Isso é diferente.

— O barulho está vindo de todos os lados — comento.

Boone indica a parede com o queixo.

— Está tremendo.

Viro a cabeça e vejo que a parede está tremendo um pouco mesmo.

— Será que são os titãs tentando entrar?

Ficamos tensos ao pensar nisso e olhamos para o ponto no qual Reia criou a porta. Só que o estrondo para.

Balanço a cabeça.

— Tinha alguma coisa errada nisso aí.

— Tinha.

— Não é nada bom, o que quer que seja.

Eu me afasto dele e passo as mãos pela parede. Sete juras no Estige.

— A gente precisa é de um plano — digo, mais para mim mesma.

Algo que podemos bolar enquanto esperamos.

— A gente precisa é sair daqui — retruca Boone atrás de mim.

— Como acha que vamos conseguir?

— Assim...

— Assim como...

Um brilho avermelhado projeta faíscas de luz pelo espaço. Franzo a testa e dou meia-volta.

Boone pega minha mão e me puxa para a lasca quebrada de cristal do tempo que nem vi vindo na nossa direção. Ao que parece, ao contrário do Pandemônio, essas coisas conseguem, sim, atravessar as paredes.

Um silêncio opressor impera quando as cores lampejam ao redor.

17

MOMENTO EM FAMÍLIA

LYRA

Quando a sensação de ser conduzida através do tempo passa, estou entre a lateral de um prédio e a mata densa que o confina.

Nenhum sinal do Boone.

Viro, procurando por ele, mas não o chamo. Sabe-se lá quem mais pode ouvir.

— O que, em nome dos caprichos de Zeus, você fez, Boone? — murmuro para mim mesma.

Há um motivo para os titãs terem medo das rupturas no tempo. Reia falou que eu *sempre* acabo no Tártaro. E se eu estiver causando paradoxos catastróficos ou algo do tipo?

Só que já consigo até ouvir os argumentos do Boone. Não sabemos em quem ou no que acreditar no Tártaro. E se estiverem tentando evitar que a gente descubra que tem como escapar de outro jeito? Por outro lado, podem muito bem ser eles que controlam para onde o tempo nos leva, tentando nos manipular.

Então, a pergunta é: o que eu faço agora? Será que me escondo e espero a próxima carona do tempo, como se fosse um bondinho? Ou tento descobrir mais coisas?

Analiso os arredores.

O prédio é enorme e está longe de ser moderno. Tem vários andares, e acho que vejo umas colunas lisas na lateral mais distante. Não parece com os templos brancos inspirados no estilo grego da minha época atual. Em vez disso, está pintado de um monte de cores: marrom, amarelo, azul, preto.

Depois do prédio, tenho o vislumbre da luz do sol reluzindo em águas de um azul-turquesa escuro. Águas que refletem o azul de um céu perfeito sem nuvens.

O Mar Mediterrâneo, talvez. Com certeza, o passado. Será que Hades também aparece neste passado? Uma raiva ardente invade meu peito outra vez. Ainda não acredito que ele nunca mencionou ter me encontrado antes. Parece que, a esta altura, já era para termos abordado a pauta: "Aliás, beijei uma versão sua de cabelo comprido no jardim das águas, Lyra".

Uma risada alta ecoa do outro lado do prédio. Mais perto da água. A curiosidade — que é meu pior defeito, provavelmente, agora que sou digna de amor — me corrói, e meus pés seguem o som.

Só uma espiadinha. Sou uma ladra treinada. Sei entrar e sair dos lugares sem ser detectada, né? Além do mais, o tempo vai me levar embora em algum momento. Qual é a pior coisa que pode...

Ai, cacete! Eu estava mesmo ponderando *qual é a pior coisa que pode acontecer*? Talvez Hades tenha razão, e meu senso de autopreservação tenha vindo com defeito.

Com cuidado, tento não fazer barulho enquanto, sorrateira, dou a volta no prédio e me embrenho nas árvores atarracadas da região, alternando entre as folhagens na direção do barulho de gente.

Ouço uma risada de criança e paro, em parte escondida pela sombra de um agrupamento bem denso de arbustos com folhas escuras brilhantes. Tenho que ficar na ponta do pé para conseguir enxergar acima da vegetação. A imagem que testemunho me faz tapar a boca para abafar o espanto, e me encolho, esperando ser desmascarada.

Nada acontece. Com um suspiro lento e silencioso de alívio, ergo a cabeça de novo e observo.

Cronos, Reia e os filhos estão desfrutando de um dia em família. Para ser sincera, quando olhei da primeira vez, achei que fosse Hades jogando um garotinho de aparência angelical no alto, provocando risadinhas e gritinhos estridentes. Mas não é. É Cronos.

Mais jovem do que a versão do Tártaro, sem as mechas grisalhas. Sem as rugas nos olhos e na boca. O bebê que ele está jogando no

alto tem um cabelo loiro bem claro e cheio. Nem preciso adivinhar... é Zeus.

Enquanto observo, Cronos joga o bebê para cima de novo, e quando Zeus chega lá no alto, um raio emana do seu corpo junto a um imediato estalo de trovão. Cronos precisa desviar para não ser atingido, mas também consegue pegar o filho quando ele cai. Então solta uma risada intensa e contagiante, jogando a cabeça para trás, satisfeito.

— Você o jogou muito alto de novo — censura uma voz familiar e paciente, com gentileza, à minha direita. — Ele ficou assustado.

Reia.

Cronos aninha o bebê Zeus nos braços, fazendo cosquinha debaixo do queixo do filho. Os olhos azul-claros, como os do filho, cintilam.

— Ele não tá assustado. Tá é se mostrando.

— Uhum... — murmura Reia de algum lugar que ainda não vejo.

— Você não tem medo de nada, tem? — diz Cronos, fazendo gracinha para o filho.

Mesmo daqui, vejo o sorriso alegre que Zeus dá para o pai enquanto balbucia daquele jeitinho dos bebês, e o rei dos titãs parece entender, pois concorda com a cabeça.

— Bom, você tá *me* assustando, meu amor. — A gentileza sumiu da voz de Reia, substituída por uma exasperação afetuosa.

— Tudo bem. Tudo bem. Não vou jogá-lo tão alto — resmunga Cronos. E aí, para Zeus, complementa com a voz baixa: — Sua mãe se assusta fácil demais.

— Eu ouvi, hein! — retruca Reia.

— Mamãe! — Surge uma vozinha chamando do mar.

Há um trechinho de praia que leva a água a um penhasco de pedra branca com formato de meia-lua, e lá em cima do penhasco, a família de imortais está sentada em um campo.

Estreitando os olhos, percebo primeiro o cabelo comprido e azul do Poseidon. Ele deve ter uns doze anos. Quando agita as mãos, dois golfinhos saltam da água, e dá para ouvir os guinchos daqui.

Reia bate palmas à direita e então exclama, ainda sem eu conseguir ver:

— Que maravilhoso!

Mesmo de longe, dá para perceber Poseidon estufando o peito, cheio de orgulho juvenil.

Eu me inclino à esquerda, com o coração batendo forte, procurando Hades, mas não o vejo.

Em vez disso, vejo uma Reia mais jovem sentada em um tecido marrom áspero estendido no chão. A rainha dos titãs usa um vestido tipo túnica parecido com o rosa que estava usando no Tártaro, mas desta vez é preto com um desenho simples bordado nas pontas. Ao lado dela, está Héstia, talvez com uns vinte e poucos anos, ajudando a tirar comidas de um cesto. No colo de Reia, há uma menininha de mais ou menos três anos, já portando uma beleza impressionante. Hera.

Todo mundo sabe que deuses recém-nascidos param de envelhecer fisicamente lá pela casa dos vinte anos, então eles têm mesmo essas idades. Embora os titãs tenham envelhecido um tanto no Tártaro, então talvez não seja uma interrupção total do envelhecimento. Não que importe. A pergunta principal é...

Em que *época* estou?

Quando Cronos engole os filhos? Eu vasculharia o cérebro em busca das datas exatas que aprendemos nas aulas de história, mas estou distraída demais, ainda procurando Hades.

— Venham comer! — exclama Reia para a família.

— Oba, pão! — diz uma garotinha com cachinhos cor de cobre, perto de onde estou, já com um brilho dourado próprio.

Ela dá pulinhos e bate palmas. Deméter.

Mas cadê o...

— Hades — chama Reia.

Eu me inclino à frente, procurando ver alguma coisa.

— Não se mexe — ordena uma voz baixa e de fazer tremer as pernas, com um grunhido, ressoando... ao meu redor.

Com o coração disparado, fico imóvel, sem nem respirar, e, para ser sincera, talvez eu nem conseguisse mesmo.

Aí meu deus da morte — um Hades mais jovem, talvez no fim da adolescência, ou até com uns vinte anos — aparece à minha frente, em um redemoinho de fumaça preta que evapora dele em tufinhos, como se tivesse carregado consigo um pedaço do Submundo quando se teletransportou.

Ele me segura pelo pulso.

— Quem é você...

Os olhos prateados dele se acendem, como se me reconhecesse, mas isso não é possível, não quando ele era tão jovem. Só que aí o próximo sussurro brusco dele prova que estou errada.

— ... *Você*.

18

O TEMPO NA GARRAFA

HADES

A intrusa, a *ameaça* à minha família, podia muito bem ter pegado o machado preso às costas e me partido ao meio.

Olhos verdes e dourados.

Conheço esses olhos. Sonhei com os olhos dela a vida toda.

Ela franze a testa, e é impossível não perceber a perplexidade.

— Eu? — retruca ela. — Você me conhece?

Ela não me reconhece daquele dia? É verdade que eu era bem pequeno na época e eu mesmo não me lembro de muita coisa além dos olhos dela. Tudo aconteceu anos atrás, e estou bem diferente agora, mas como ela pode ter se esquecido de que me salvou quando meu avô tentou me matar? Ele tentou me afogar na praia que vemos ali na frente.

Odeio vir para esta casa no mundo mortal. Nunca me parece... muito... segura.

A mulher foca o olhar no próprio pulso, que prendi com uma corda feita de fumaça, e arregala os olhos. Então abre um sorrisinho e arqueia a sobrancelha, como se não tivesse medo de mim. Ela está tentando morrer?

— Tô vendo o Hades, mamãe! — Escuto a voz estridente e animada da Deméter. — Bem ali.

E aí a voz da minha mãe, mais brusca:

— Deméter! Volta aqui...

Ela não consegue esconder o medo na voz. Faz tempo que não consegue.

Merda.

Lanço um olhar duro à minha prisioneira.

— Se tem amor à própria vida, não se mexe nem abre a boca enquanto resolvo isso.

Não dou a chance de ela responder, me viro e movimento o corpo um pouco para fora dos arbustos, colocando a mulher atrás de mim para que assim continue escondida pelas folhas densas. Ela faz força contra minha corda uma vez, bem na hora que Deméter vem correndo, com o rostinho infantil enérgico. Aperto mais a corda no pulso dela em alerta e a sinto ficando imóvel.

Ainda assim... não acho que ela esteja com medo.

Qual o problema dela, tendo esse tipo de reação ao ser presa pelo deus da morte? Meu mero toque pode mandar até os deuses para o Submundo em regime permanente.

— A mamãe tá te chamando pra comer.

Deméter estende a mão para mim enquanto acena com a outra para a família feliz, reunida em volta de um cesto de comida.

Não posso tocar na minha irmã. Não sem arriscar perder o controle do poder. Eu poderia matá-la em um instante — o pior resultado possível, e não vale a pena pôr isso à prova. Seus sorrisinhos doces vão sumir quando ela, enfim, aprender a ter medo de mim, assim como Hera e Poseidon já têm, e eu deveria fazer esse dia chegar mais rápido, pela segurança dela.

Só que não consigo me forçar a machucá-la assim. Ela vai aprender. Enquanto isso, tenho cuidado.

Apoio um joelho no chão para ficar na altura dela. Ainda estou preso à intrusa, que não se mexe nem fala nada, mas a *sinto* observando tudo.

— Lembra que a gente não pode se encostar — relembro minha irmãzinha com gentileza.

Ela olha para a própria mão estendida, depois para mim, e abaixa a mão, franzindo a testa.

— Não tô com muita fome — declaro.

Deméter começa a se balançar.

— Mas tem pão fresco.

O favorito dela. Seus poderes como deusa da colheita já se manifestaram. Ela os recebeu bem jovem, assim como eu. Mas os

dela não matam ninguém.

Nem fazem com que ela seja vista como um monstro pela família.

— Fala pra mamãe que vou dar uma volta.

Deméter tem o meu tipo de teimosia, o que sempre me fez ter um carinho especial por ela.

— Mas a mamãe falou...

Ainda segurando a corda e a prisioneira em uma das mãos, ergo a outra e faço uma das poucas coisas que *consigo* controlar. Um fogo azul cheio de fumaça surge, então espirala, se reformulando e se moldando em um ramo de trigo que está chamuscado por fora, mas brilha com uma luz interna.

Coloco o presente — um suborno, na verdade — no chão entre mim e Deméter, e ela bate palminhas, extasiada.

— Já chega disso, Hades — declara meu pai, conduzindo Poseidon, vindo da praia, e Zeus na direção dos outros.

A voz dele é mais dura do que a da mamãe, mas ele também vê mais coisas que matei sem querer do que ela. Ou via, no passado. Faz uns quatro anos que não o procuro mais depois dos meus erros, desde que eu tinha quinze anos. Ele não pode ajudar, e saber disso só acentua as rugas de preocupação em seus olhos.

Lanço a ele um olhar que demonstra que eu estava tendo cuidado, e ele desvia o olhar. Acho que sou a única criatura viva que faz o rei dos titãs desviar o olhar assim.

Com o coração pesado como o centro da Terra, aceno com a cabeça para Deméter ir embora. Ela pega meu presentinho e sai correndo, rindo.

Pego a prisioneira e desapareço.

Com um simples pensamento meu, reaparecemos não muito longe, do outro lado de nossa casa, nos fundos. Eu me viro para ela, com a corda nos prendendo juntos e uma espiral de fumaça ao redor, provocando a sensação estranhíssima de sermos os únicos no mundo... ela e eu. Juntos.

Afugento a sensação. E o quanto parece certa.

Não me permito formar conexões com ninguém. Até Anúbis tem medo de mim quando chega para me ajudar a controlar o poder.

Mas *ela* não tenta correr. Fugir. Se afastar de mim. Ela também *não* é mortal. Vejo o reluzir do poder que a marca como deusa, como a luz do sol cintilando nas ondas do mar.

Conheço *todas* as deusas do mundo, e ela não me é familiar.

— O que é você? — questiono com a voz exigente. — Uma bruxa? Uma moira?

Uso o poder para *incitá-la* a obedecer, a responder.

Mas ela não faz isso. Em vez disso, seus lábios tremem, como se contendo um sorriso. Estreito os olhos.

— Responde.

Ela cruza os braços, parecendo pouco ligar para a corda no pulso, pendurada entre nós.

— Quanta grosseria!

Suspiro com força. Sua voz é doce como mel, mas com um leve toque rouco. O tipo de voz que faz as pessoas quererem ouvir. Só que, mais do que isso, é um som familiar. Como se eu já tivesse escutado antes. Ela falou naquele dia na praia tanto tempo atrás? Não lembro.

— Grosseria minha? É você que tá aí escondida no meio do mato, espiando minha família — argumento, com a voz irritada.

Deuses e titãs se encolhem diante de mim e me obedecem sem chiar. Muito porque temem me enfurecer. Mas essa mulher, não.

Ela levanta a mão, puxando a corda.

— Pode tirar isso aqui. Não vou fugir.

Então ela olha na direção da minha família, que desfruta o dia sem mim, o que contraria suas palavras. Será que está achando que ficaria mais segura com eles? Estaria correta. Aí ela olha para a direita, nervosa, se remexendo.

Mentira. Ela só falou mentira. Com certeza, vai fugir. Todo mundo acaba fugindo de mim.

Fecho os punhos, apertando mais a corda.

— Achei que você fosse um anjo da guarda.

Maldita seja ela. Não era minha intenção dizer isso. Não em voz alta.

— Eu... não sou — retruca ela devagar, como se experimentando cada palavra.

— Era você naquele dia na praia quando eu era criança, não era?

Ela franze a testa, confusa.

— Eu... não sei.

Pô, isso não faz nenhum sentido, caralho. Nada nela faz sentido.

— Você veio me ferir?

Outros já tentaram. Assassinos. A profecia é famosa. A morte do meu avô e a guerra subsequente entre primordiais e titãs solidificaram isso. Ninguém me quer vivo, com exceção dos meus pais, e faz uns anos que percebo que até eles estão reconsiderando isso.

Ela só franze mais a testa.

— Óbvio que não.

O jeito que diz isso faz parecer que eu que sou estranho por sugerir algo do tipo. Não sou *eu* o estranho aqui.

— Veio ferir minha família?

— Não quero ferir ninguém.

— Então tá aqui por quê?

— Não posso dizer.

Aceno com a mão.

— Justificativa fraca.

— Falou e disse — brada ela, desviando o olhar e murmurando alguma coisa baixinho sobre "como se eu tivesse escolha".

Ela usa umas palavras tão esquisitas... Os deuses entendem todas as criaturas e idiomas, mas o fraseado dela é incomum. Além disso, nada do que ela diz faz sentido.

— Não teve escolha? Seus pés vieram pra cá sozinhos, sem pedir permissão ao corpo?

Ela abre um sorriso de quem acha graça, e meu coração, que tanto tentei transformar em uma massa insensível, dispara. Uma vez. Com força.

Não gosto disso, não.

— É melhor você começar a explicar...

— Por que não querem que a Deméter chegue perto de você? — ela pergunta do nada.

Teria dado no mesmo se ela tivesse perguntado por que sempre sonho com os olhos dela. Olho para eles agora, muito sérios, preocupados e *reais*. Todo esse tempo, achei que a mulher da praia

tivesse sido fruto da minha imaginação infantil. Mas não foi. Ela está aqui, e preciso alertá-la a ter cuidado comigo.

— Não consigo controlar meu poder e já... matei... umas coisas que encostaram em mim. É só o jeito deles de proteger a Deméter.

Ela franze as sobrancelhas, os olhos verdes escurecendo.

— E acham que você a mataria?

— Não de propósito...

— Te vi com ela. — Aponta para o ponto em que a encontrei. — Você tomou bastante cuidado.

Ela percebeu?

Meu coração dispara de novo. Desta vez, mais forte. É tipo uma... dor. Preciso acabar com isso. Agora. Vou entregá-la ao meu pai e fim.

— É sempre assim? — prossegue ela, com um tom exigente. — Você sozinho, e eles de vigia?

É.

— Não.

Ela estreita os olhos.

— Então é, *sim*. Isso não é certo.

Noto que ela está com raiva. Não de mim, e sim deles.

— Não preciso da sua pena, não — retruco, puxando a corda.

Um alerta.

Ela nem se abala, e, em vez disso, ergue o queixo.

— Não é pena...

— Nem do seu conselho. Minha relação com a minha família é problema meu.

Eu a puxo para mais perto.

Seria melhor eu parar enquanto ela ainda está a uma distância segura, mas estou fascinado demais, atento a seu pescoço pulsando, o jeito que ela arregala um pouco os olhos, então a puxo mais, aproximando-a. Olhos verdes encantadores. Sonhei com um anjo com esses olhos cuidando de mim, mas não estou tendo uma reação angelical a ela agora. Essa vibração nas minhas veias é ardente... e traiçoeira.

É assim que as aranhas se sentem quando as presas zanzam pela armadilha da teia?

Quero mergulhar na sua alma, descobrir seus segredos, ouvir suas confissões, e ser o responsável por aplicar suas punições... e recompensas.

Que tipo de sentimento é esse?

Ardiloso. Errado. Sou sempre errado...

Ouço um estalo e me encolho um segundo antes que meu filhote de cão infernal de três cabeças me derrube no chão. Ele ainda não aprendeu a se teletransportar em silêncio.

— Cérbero, sai — ordeno.

A cabeça séria, que no geral fica no comando, coloca a cara em frente à minha.

Seu coração tá acelerado. A gente tem que te acalmar.

O cão infernal do tamanho de um lobo pequeno não entendeu ainda que me jogar no chão não é o melhor jeito de acalmar ninguém. Porém, sendo já feito de morte, ele é a única criatura viva imune ao meu poder letal.

— Cérbero? — Ouço a mulher perguntar, e tanto eu quanto o cachorro olhamos para ela.

— Como sabe o nome dele? — pergunto com um tom exigente.

Ao mesmo tempo, ela se aproxima.

— O que você...

Ela para de falar quando duas das três cabeças grunhem para ela em sincronia. Mesmo com a língua para fora da boca, a cabeça mais brincalhona está seríssima.

Para ser sincero, espero que ela dê um gritinho, desmaie ou tente fugir — a reação natural ao conhecer meu cão de estimação. Em vez disso, o olhar dela se suaviza, marejado.

— Você é só um filhote!

Mas meus infernos.

Ela está de palhaçada? Do jeito que abre um sorrisão, sei que não. Ela nem titubeia quando a cabeça mais rabugenta se vira na direção dela. Um aviso explícito. Ela só ergue as mãos.

— Oi, amiguinho.

— *Inho*? — repete a cabeça brincalhona, bufando.

Que as Moiras me deem paciência.

— Sai de cima de mim — ordeno, gritando com o cachorro.

A cabeça séria ainda está focada em mim, cutucando meu peito com o focinho.

Seu coração...

— Tá tudo bem.

Ele grunhe. *Não tá, não. Você pode acabar fazendo algo ruim.*

Nunca vou admitir que meu coração acelerado é consequência direta de uma bruxa de olhos verdes em forma de mulher que parece gostar de flertar com a morte, pelo jeito como se joga de cabeça em situações perigosas.

Ela chamou Cérbero de "filhote" como se ele fosse macio e fofo, o que não é, lógico. Ela é um perigo.

E o cachorro não vai *largar o osso*.

Suspirando, fecho os olhos e me concentro em estabilizar o batimento cardíaco, a princípio, errático, e então mais e mais estável, até Cérbero enfim soltar outro grunhido e sair de cima de mim.

Cérbero fica? Desmembra deusa?

Ele ainda é novinho, está aprendendo a falar.

— Não. Casa — respondo.

Com um au-au obediente, irritantemente feliz por ter cumprido bem o próprio papel — e não consigo ficar bravo com ele por isso —, Cérbero some, tão depressa quanto surgiu.

— O que foi isso? — pergunta meu anjo da guarda enquanto me levanto.

Suspiro e espano a poeira da capa roxa.

— Um presente do meu pai. Ele foi treinado pra detectar meu ritmo cardíaco e me ajudar a me acalmar antes que eu mate alguma coisa. — Estreito os olhos para ela. — Você, no caso. Sorte sua ele não ter te atacado.

Ela solta um sonzinho debochado e divertido, dispensando o comentário como quem espanta uma mosca engraçadinha.

— O animal de serviço treinado pra evitar que você mate as coisas vai me matar? Acho difícil.

— Ele também me protege de quem quer me ver morto.

— Não sou ameaça. — Ela inclina a cabeça e me analisa, sem medo algum no olhar. — Além do mais, você teria evitado que ele me machucasse.

Ela está tão segura de si — como se me conhecesse mais do que eu mesmo. Acontece que... ela tem razão.

Mas não é para ela achar isso, caralho. Não há, em nenhuma face da Terra, motivo algum para ela confiar em mim.

— Você não entendeu o que eu falei antes? — insisto. — Nem os deuses conseguem me tocar sem correr risco de morte. Em segredo, minha família acha que eu sou um monstro...

De repente, ela se aproxima e coloca a mão no meu braço.

Eu me afasto tão bruscamente que ela dá um pulo para trás. Mas não... morre.

Meu poder seguiu dentro de mim.

O choque me faz ficar tão parado quanto os mortais sob meus cuidados, e observo o ponto que ela tocou. Pele a pele. A sensação da suavidade dela se esvai devagar.

Só que quero... *mais*.

Contudo, querer mais só gera decepção. Um rompante quente de raiva me invade — raiva de mim por querer o toque, por querê-la, e raiva dela por se arriscar desse jeito. A emoção que ela incita é uma rajada de chamas pelo meu corpo, com pontas azuis, tão quentes que mais sinto do que a vejo chegar para trás.

— Você não é um monstro, Hades — diz ela baixinho, mas depressa, como se corresse contra o tempo.

Ouço a voz dela apesar do fogo se alastrando ao meu redor. Se reconhecê-la quando a vi hoje causou uma sensação de machado cortando o peito, as palavras dela agora são como um dos trovões de Zeus, fazendo minha cabeça latejar. Minhas chamas somem tão rápido quanto apareceram, o que nunca acontece. E não sei o que me deixa mais chocado.

— Quê? — As palavras escapam da minha boca.

— Hades? — chama Cérbero, reaparecendo, mas ficando bem para trás.

Uma vez queimei seu rabo sem querer em meio à raiva, e o pelo na área ainda não cresceu de volta.

Ergo a mão para o cachorro, mas mantenho o olhar nela.

— Tô bem.

Ela me encara de volta, o momento se alongando, acumulando palpitações.

— Você não se machucou.

Ela franze a testa devagar.

— Lógico que não.

Observa algum ponto atrás da minha cabeça, arregalando os olhos de leve em surpresa, ou até medo. O primeiro vislumbre de medo que vi nela.

Olho também, mas não vejo nada.

— O que...

Quando sinto a mão dela na minha, meu corpo fica tenso. Só que, desta vez, não me afasto... porque o fogo não se alastra de novo.

Meu poder nem se abala. E *sinto* que não é ela que faz isso. Sou eu. Não quero meu poder perto dela, então o contive.

Eu o contive.

Olho para ela, e seu olhar é tão suave que quero mergulhar nos seus olhos. Aí foco no ponto em que ela ainda me toca. Um toque mínimo, só as pontas dos seus dedos nas costas da minha mão.

— Isso foi perigoso — afirmo, quase num sussurro brusco. — Você se arrisca demais.

— Eu precisava te mostrar.

Ela roça a ponta dos dedos devagar, contornando e deslizando pela palma da minha mão até entrelaçar nossos dedos, e começo a ofegar, sentindo o toque inocente em cada parte do corpo.

E é tão... bom. Um simples toque.

De maneira compulsiva, aperto os dedos dela. Não quero soltá-la, mesmo sendo o que deveria fazer.

— Hades.

Estremeço ao ouvir meu nome saindo da sua boca e, hesitante, desvio o olhar das nossas mãos unidas, focando em seus olhos.

— Você não tá bem. — Suas palavras são tão gentis quanto o toque. — Você não tá nada bem agora, mas *vai* ficar. Você não é um monstro, Hades.

Mesmo da segunda vez as palavras me preenchem.

Então ela abre um sorriso, de um jeito que só minha mãe tenta sorrir para mim. Só que os sorrisos da mamãe são sempre cheios de culpa, pena ou preocupação. O sorriso *dela* é cheio de... certeza e confiança. Nada de medo nem pena.

— Um dia, você vai fazer coisas difíceis que ninguém mais consegue. Mas isso só vai ser possível se você dominar seus poderes, e você vai. Só precisa ter fé no próprio coração.

Meu coração se aperta muito e dispara que nem um animal encurralado dentro da jaula que é meu peito.

— *Hades...* — alerta Cérbero.

Eu o ignoro, com foco total nela. Nos olhos verdes que parecem só abrigar bondade e algo mais cálido... e ainda assim estão distantes, como se ela estivesse se contendo.

Isso é ela se contendo?

Ninguém nunca falou palavras assim para mim. *Nunca*. Muito menos ousou me tocar depois que meus poderes se manifestaram por completo e saíram do controle.

E se ela for a única pessoa que consigo tocar?

— Não acredito em você.

Ela se encolhe, olhando por cima do meu ombro de novo. Desta vez, seus olhos faíscam, e ela chega para trás como se fosse tentar fugir. Puxo a corda entre nós.

Ela vê o gesto, e o que brilha nos seus olhos é indecifrável — mil sentimentos que eu jamais conseguiria entender. Como se quisesse me dizer mais coisas... mas estivesse se contendo. Por quê?

— Eu queria ter mais tempo pra te convencer.

— Então fica. — As palavras pesam entre nós.

Eu não deveria pedir que ela fique. Ninguém deve ficar perto de mim, mas...

— Você não é perigoso. — As palavras escapam enquanto ela dá outro passo para trás.

Aperto a corda, acompanhando seu passo.

Ela me lança um olhar dolorido.

— Para de ter medo de si mesmo, Hades. O medo sempre piora tudo.

O contorno do corpo dela vai ficando borrado de um jeito esquisito, e balanço a cabeça, tentando fazê-la entrar em foco.

— Desculpa — murmura, com a voz soando distante. — Tenho que ir embora. Eu... queria poder ficar.

Ela vai sumindo ainda mais. E seguro tanto ela quanto a corda com força, mas é como tentar segurar a água. Ela vai ficando mais

turva. Está indo embora, e não consigo impedir.

— Qual seu nome? — O desespero incita minha pergunta.

Tenho que saber.

Seu sorriso hesita por um longo momento agoniante.

— Lyra Keres.

E aí ela some.

Como se nunca tivesse existido. Só o que resta é o som do nome dela ao vento e a sensação do seu toque se esvaindo da minha pele.

19

ALGUMA COISA ERA VERDADE

LYRA

Em um segundo eu estava com Hades, ansiando por contar tudo a ele, por desabafar tudo, e lutando muito para não fazer isso, mesmo enquanto tentava ajudá-lo. Ele parecia tão... perdido.

No instante seguinte, estava no buraco dentro do pilar da terra.

— Porra, Lyra. — Foi a primeira coisa que Boone com cara de abalado disse enquanto passava a mão no rosto. — Você falou o nome pra ele?

Só que nada foi redefinido. Então... sem sangue, sem culpa? E Boone, ao que parece, não foi levado pela ruptura do tempo, ficou para trás me esperando voltar. Vai entender.

Independentemente disso, estamos presos aqui desde então.

O piso treme, e mal abro os olhos para ver se as raízes da árvore do pilar da terra estão se sacudindo com o terremoto.

— Lá vem mais um — murmuro, sonolenta.

Boone nem muda de posição, deitado de costas.

— É.

Os terremotos vêm acontecendo de vez em quando ao longo dos dias em que estivemos presos neste espaço doloroso de tão chato. Ao menos acho que já faz dias, mas, na real, não temos como saber quanto tempo se passou, já que não há luz alguma além da pequena chama que Boone manteve acesa direto. Não é como se celulares funcionassem aqui embaixo, e nenhum dos dois está de relógio.

Ou os terremotos podem ser mentira, como todo o resto.

Há um pensamento rondando minha mente sem parar há dias. E se isso tudo for verdade? E se for mentira? E se for outra coisa, como um feitiço, para me incitar a soltar os titãs? Eles usam a verdade para contar mentiras aqui embaixo. Um truque de ladrão.

Só que ainda não reencontramos os titãs. Já é alguma coisa.

A tremedeira passa, mas aí um som novo — um som estranho, não um sibilar, e sim algo áspero e suave — me faz ficar estática enquanto me esforço para ouvir melhor. Aí cutuco as costas do Boone.

— Ei...

Ele se senta.

— Isso foi lá fora?

Nem tenho a chance de responder porque o barulho fica mais alto, agora me lembrando o som de cordas de nylon quando se pratica rapel livre. Nós dois ficamos de pé no mesmo instante, de frente para o ponto em que a Reia criou a porta. Acho. É um cômodo arredondado feito de raízes, então não dá para ter certeza.

— Não tá vindo aqui de dentro — declara.

Devagar, vamos para o meio do espaço, aproximando as costas um no outro, com ouvidos e olhos atentos para... qualquer coisa.

— Boone — sussurro e aponto.

Uma fenda minúscula apareceu na madeira da parede de frente para mim, e tem algo tentando se infiltrar ali. Algo... verde.

Identifico a cor quando a fenda fica maior e as vinhas penetram o espaço. Ficam fazendo força para fora, abrindo o buraco cada vez mais, mas ninguém entra. Boone e eu nos entreolhamos, aí ele toma a dianteira e o sigo lá para fora. Depois de dias no escuro, levo um tempo piscando em meio à luz mais forte da lava e do fogo no terreno desolado até que meus olhos se acostumem.

Não tem ninguém aqui fora também.

Entretanto, as vinhas e flores cobrindo a parte externa do pilar ainda estão se mexendo. Quase como o fluir de um rio preguiçoso, mas estão subindo, e não descendo, em um redemoinho ondulado de verdes exuberantes com pontos coloridos.

Boone coloca a mão no meu pulso quando faço menção de me aproximar. Assobia o sinal para “ficar esperta” antes de chegar para trás e se inclinar à direita, com cuidado. Aí ele se afasta de súbito,

com a coluna reta que nem uma vareta. Fica ali, observando o que quer que tenha visto ao redor do pilar, enquanto as vinhas em movimento seguem com o barulho áspero e farfalhante.

— Que foi? — pergunto.

— Tem alguém lá em cima.

Franzo a testa, revezando o olhar entre ele e o pilar.

— Um titã?

Ele nega com a cabeça.

Ainda franzindo a testa, eu o contorno e me inclino com cuidado do jeito que ele fez... bem no momento em que uma mulher pequenininha com olhos grandes aparece.

Ela fica parada assim que me vê, pairando no ar, suspensa pelas vinhas. Me analisa com os olhos arregalados, e então faz o mesmo com Boone.

Aí, sem aviso nenhum, sorri.

E teria dado no mesmo se ela tivesse vindo flutuando em uma nuvem de magia, trajando um vestido rosa de festa, que nem a Glinda, a Bruxa Boa do Norte. Porque o efeito é o mesmo. Total fascínio.

É bem etérea, cada detalhe, com uma pele negra e sardas adoráveis. Na raiz, seu cabelo é preto como a noite, mas vai assumindo um tom rosa-bordô até virar rosa-claro nas pontas, e os cachos descem até a cintura.

Há uma coroa de flores no alto da cabeça, e seu vestido de verão é branco com flores bordadas. Está descalça, os dedos dos pés delicados pintados de rosa brilhante, combinando com o cabelo. Seus olhos são mais lavanda do que azul e me fazem lembrar os de uma bonequinha, grandes e com cílios grossos e curvados. O aroma de madressilva e jasmim paira no ar.

Ela dispensa apresentações. Sei *bem* quem é.

A mulher por quem Hades deveria ser obcecado, mas que na verdade é mais como uma sobrinha adorada. A deusa que o fez colocar flores no Submundo e que decidiu como o Elísio funcionaria. A parceira que ele transformou em rainha do Submundo por meio de um pacto, não de um casamento. Antes de me conhecer. A mesma deusa que estávamos tentando resgatar quando fomos arrastados aqui para dentro.

Perséfone.

— Consegui sair do lugar em que me trancaram no primeiro dia — declara ela com uma voz delicada como pétalas de flores. — Qual é o problema de vocês?

20

A MAIS BELA DE TODAS

LYRA

Atrás de mim, Boone murmura algo que não consigo entender. Parece algo tipo “eles estão mesmo ferrando com nossa cabeça, viu?”.

O murmúrio chama a atenção da Perséfone, e por um instante juro que o choque assola sua expressão assim como os terremotos se alastram pelo chão. Aí ela abre um sorrisão para ele, e fico pensando se aquilo aconteceu mesmo.

— Então você tá mesmo presa no Tártaro. — É a primeira coisa que sai da minha boca.

Durante os dias ali, fiquei me perguntando se Perséfone foi uma mentira disseminada pelos titãs para obrigar Hades a fazer o que queriam. Para me trazer para cá.

— Tô, sim — confirma ela, focando em mim outra vez.

— Como? — indago.

Ela dá de ombros.

— É a pergunta que não quer calar.

Muito leviano. Tenho que relaxar o queixo para responder.

— Isso não cola.

Ela abre um sorriso tão perfeito que é como se emanasse raios solares e borboletas.

— Você não gosta de mim agora, mas pode confiar: nós duas vamos ser ótimas amigas.

Lanço um olhar inexpressivo para ela.

— A primeira parte da frase tá certa.

Meu comentário grosseiro nem abala Perséfone, ela só direciona o sorriso radiante para o ponto acima do meu ombro.

— Você é novidade — comenta ela, com a voz alegre e interessada, inclinando a cabeça e observando Boone. — Me avisaram que a Lyra tinha trazido um amigo desta vez.

— Desta vez... — brado, quase a interrogando sobre os significados que "redefinir" e "desta vez" têm aqui. Só que não confio nas respostas dela. Ainda não. Então reformulo: — Onde *você* estava desta vez? Era pra ter ficado esperando nos portões do Tártaro.

Perséfone faz careta, e até isso é adorável. Ela não é linda de morrer como Afrodite, que, como todos os titãs, tem o tipo de beleza quase insuportável aos olhos. É mais... acessível. O tipo de beleza que deixa quem está perto quentinho e aconchegado, sem sentir que está maculando seu mundo perfeito.

Isso só me causa mais ranço.

Se ela é a Glinda, eu — com os olhos verdes e cabelo preto comprido, que está preso de qualquer jeito graças à ausência de espelhos — por certo sou a Bruxa Má.

Maravilha.

Arrasei.

— Sinto muito por isso — responde ela devagar, como se escolhesse as palavras com cuidado. — Se você soubesse o que sei, entenderia...

Boone faz uma careta.

— Você montou uma armadilha pra Lyra.

Perséfone fica sem reação, como se estivesse desacostumada a ser confrontada.

— Eu não chamaria bem de armadilha.

Boone resmunga, incrédulo:

— Por acaso você mandou avisar ao Hades que ficaria esperando nos portões quando ele usou a Caixa de Pandora pra abrir a porta dos fundos uma única vez pra você?

— Bem... — Ela alterna o olhar entre nós dois. — Meio que sim...

— E, em vez disso, você mandou a porra do Cronos pra lá? — A voz de Boone soa letal de tão baixa.

É raro ver Boone puto assim, mas acontece. Ou talvez "puto" não seja bem a palavra. Existe um tom diferente em como ele a culpa.

Perséfone tenta abrir um sorriso conciliatório.

— Não foi...

— Sim ou não? — interrompe ele, exigente.

Com a voz ainda mais baixa.

Pela primeira vez desde que apareceu, seu sorriso cede um pouco, e então ela desvia o olhar.

— Foi o que acabou acontecendo. Sim.

— Então você que se foda.

Até eu lanço um olhar assustado para ele. Boone não xinga mulheres nem crianças.

Perséfone arregala os olhos cor de lavanda e logo demonstra uma mágoa digna de garotinha perdida que me faz querer abraçá-la. E, como ele está próximo, percebo que Boone também fica tenso. Mas não retira o que disse.

Não que seja necessário. No instante seguinte, a mágoa de Perséfone some que nem a névoa se esvaindo com a luz do sol, e a potência do seu sorriso se intensifica em vários watts.

— Quando eu contar o motivo, *aí* você vai me perdoar.

Ela acena a cabeça, como se isso melhorasse tudo.

Boone faz um som de escárnio.

— Duvido muito.

Eu também.

— Qual o motivo, então? — indaga ele em seguida.

Ela comprime os lábios. Séria. Parece um personagem de animação, com toda essa fofura.

— Ainda não posso dizer.

— Aham.

Nós dois colocamos as mãos na cintura, e Perséfone reveza o olhar entre nós de novo, a curva do canto da boca denunciando que está achando graça. Só consigo pensar: *claro que a pessoa por quem Hades deveria estar apaixonado é essa perfeição*.

Na verdade, parando para pensar, talvez Zeus não tenha me amaldiçoado a não ser digna de amor, afinal. Talvez só tenha me amaldiçoado com azar, e eu que confundi esse tempo todo.

— A Reia avisou que, se a Lyra descobrir as coisas rápido demais, pode acabar redefinindo o tempo.

Nós dois nos retraímos.

— Ela não usou bem essas palavras... — murmuro.

Malditos titãs.

Perséfone dá de ombros.

— A gente tem que tomar cuidado pra não te causar gatilhos. — Outro sorriso radiante. — No geral, é bem melhor quando você descobre as coisas sozinha.

Mais jogos e mais diversão para mim. Este lugar é um saco.

— Tenho que te mostrar uma coisa importante — informa ela.

De repente, as vinhas se estendem, e, em um piscar de olhos, sou envolta em folhas e suspensa até a lateral do pilar junto à Perséfone.

— Ei! — exclama Boone com um grunhido, usando um tom de voz que deixa nítido que ela acabou de adentrar um território entre a ingenuidade desatenta e a inconsequência perigosa.

Quando olho para baixo, vejo-o pegando uma porção de vinhas e esticando o pescoço para nos observar.

Perséfone não para, falando com ele por cima do ombro:

— Achei que o deus dos ladrões teria reflexos mais ágeis. Tenta não ficar pra trás.

— E essas vinhas vão deixar?

Ela passa a ponta do dedo em uma folha larga e reluzente que parece se aninhar ao seu toque.

— Vão, porque me obedecem.

— Então anda logo — brada ele em resposta.

Meio segundo depois, Boone é erguido para cima para nos seguir.

— Não gosto nadinha disso — resmunga ele.

Perséfone dá de ombros.

— Tem uma coisa que vocês precisam ver.

Ela está olhando para cima. Não gosto de não conseguir ver o rosto dela. Parece que está escondendo coisas. É como uma fadinha malvada tentando nos convencer de que é feita de luz.

Ficamos calados, e as vinhas se movimentam ao redor. Tentáculos se enrolam e se desenrolam pelas minhas pernas, pelos

meus pés, pela minha cintura, enquanto a vegetação me conduz de um nível ao outro, mas com tanta delicadeza que não consigo definir se estou ou não em perigo. Qualquer coisa forte o suficiente para carregar a nós três a uma altura dessas tem força o suficiente para nos matar.

Ainda assim, estou com o machado em mãos e Boone está comigo. Só por isso não estou questionando muito.

Enquanto continuamos subindo, vejo cada vez mais entradas de túneis pela superfície da montanha, mas parece que a disposição dos acessos não segue nenhuma lógica. Nada de níveis nem padrões. Onde vão dar todos esses túneis?

Estou morrendo de vontade de perguntar sobre isso. A menção da Reia a "celas" implica a existência de prisões individuais, mas, até então, só vimos dez titãs aqui embaixo e Perséfone. São muitos túneis para apenas quatorze celas. Perséfone nem olha para os túneis, e não é algo importante o bastante para que eu transforme isso em uma missão paralela.

Ela prossegue e seguimos atrás. Olho para baixo várias vezes, vendo Boone com uma expressão determinada e firme, de braços cruzados, sem nem se mexer enquanto as vinhas o conduzem para cima. E então me lembro... ele tem medo de altura. Nunca tive certeza porque acho que ele esconde bem, mas agora tudo se encaixa. O que só piora o fato de ele ter caído da torre do Hefesto na Provação. Da terceira vez que olho para baixo, ele assobia baixinho, um sinal para eu *parar com isso*. Então viro o rosto para cima e paro de ficar verificando.

Somos erguidos até o topo, e lá a pedra que forma a montanha subterrânea se mescla ao teto. Parece que o pilar segue pedra adentro, perfurando-a. São mesmo os pilares que formaram e nutrem o Cosmos. Há uma sacada plana e estreita, sem guarda-corpo, circundando o pilar logo abaixo do teto, então dá para andarmos aqui em cima.

Porém, não estou olhando para o ponto em que a raiz penetra a pedra e, pelo que presumo, segue adiante lá dentro. Estou olhando para...

— O que aconteceu aqui? — indaga Boone com um tom exigente, e quando me viro, o vejo chegando ao rebordo, com o

olhar atento ao que eu observava.

Perséfone segue seu olhar até as marcas — marcas de chamuscado, de explosão, de garras — espalhadas pela pedra que as raízes perfuram.

Cicatrizes permanentes de violência.

— Ah! — Ela gesticula para a pedra. — Os titãs tentaram de tudo pra sair daqui.

21

RACHANDO O BICO

LYRA

— Boone... — sussurro.

— Eu sei — sussurra ele em resposta.

Porque Perséfone basicamente indicou a prova visível de que os titãs não conseguiram sair daqui em todos esses milênios. E falou com muita naturalidade, como se não fosse uma confirmação de que a gente não tem a menor chance de escapar também, cacete.

— Vamos — chama Perséfone do outro lado. — Não é bom a gente ficar muito tempo aqui, não. Parece que, com o uso da Caixa de Pandora, ou talvez com a chegada de vocês, o Pandemônio é acionado com mais frequência.

E acho que conseguem chegar aqui em cima. Ela não afirma, mas entendemos mesmo assim.

Dando uma última olhada na pedra danificada, nos aproximamos de Perséfone. Ela faz a volta na lateral traseira do pilar e aponta para cima, que é quando vejo a fenda. É diferente das outras marcas deixadas pelos titãs. Essa ali é uma junta dourada, como a veia de um minério em uma mina, um componente da própria pedra.

— Que linda! — falo devagar. — O que é?

Perséfone abaixa a mão.

— É uma rachadura.

Boone analisa a fratura com um olhar sério.

— Como assim uma rachadura?

— Apareceu um tempão atrás... — Ela não completa, fazendo uma careta e ponderando como explicar. — Aconteceu uma coisa que abalou o Tártaro...

— O quê? — pergunto de imediato.

Ela faz a mesma expressão, torcendo mais o nariz.

— Não posso...

— Que sentido tem mostrar isso pra gente se não pode dar mais nenhuma informação? — reclama Boone.

Outra careta, e aí ela me observa com atenção. Só que ainda não estou tremendo. Acho.

— Apareceu da primeira vez que a Lyra veio parar aqui embaixo — conta ela, por fim. — E tá crescendo. A redefinição do tempo faz tudo voltar ao que era antes, mas não isso aqui.

O pavor se alastra por mim como pedrinhas perturbando a calmaria de um lago, formando ondas cada vez maiores. Uma fenda no coração do mundo já não basta? Agora está ficando pior?

Perséfone respira fundo.

— Se a gente não sair logo daqui... — Ela respira fundo de novo. Não acho que ela esteja fingindo o medo que a deixa pálida. — Venham aqui ver. — Ela nos leva para o ponto em que dá para ver os pilares do céu e do oceano, apontando para as fendas nas extensões. — Acho que o Tártaro tá se desfazendo.

Uma onda maior de pavor me atravessa.

— Tá dizendo que o mundo tá prestes a desabar?

Que os céus nos acudam.

Vamos ser enterrados vivos aqui embaixo? É isso que ela está dizendo? E somos imortais. Será que sobreviveríamos e ficaríamos presos por toda a eternidade?

Isso é...

Nem quero pensar em qual seria a sensação. A punição que o Hades aplica a gente ruim pareceria tirar férias em um resort, em comparação.

— Tô dizendo que a gente não sabe. — Ela fala baixinho, mas o medo segue ali, marcando suas linhas de expressão. — Mas querem mesmo esperar pra ver?

Caralho!

Vários caralhos! Porque, às vezes, um só não dá conta.

Como foi que acabei no meio de uma história sobre o fim do mundo? Sério. Devo ser a garota mais azarada do universo. Com certeza, entendi a maldição errado.

— Isso que tá causando aquele estrondo que a gente ouve toda hora?

Outro olhar de dúvida.

— A gente também não sabe. É sempre barulhento aqui embaixo, mas tem sido mais nos últimos tempos.

Pô! Que notícia ótima!

— Como *você* veio parar aqui embaixo? — questiona Boone. — Uma resposta direta, por gentileza.

Perséfone o encara.

— Eu... também não sei. Nem os titãs.

— Muito conveniente... — argumenta Boone.

Ele não gosta mesmo dela.

Aparentemente sem se tocar disso, Perséfone dá tapinhas na mão dele, o que o faz se afastar dela de súbito como um animal assustado.

— Eu não diria que é conveniente — continua ela, abaixando a mão devagar.

Boone firma os pés no chão, olhando-a feio.

— O que diria, então?

— Que é frustrante.

— Mas não deixa de ser conveniente.

Perséfone inclina a cabeça, analisando-o com mais atenção.

— A teimosia meio que te cai bem.

O rosto de Boone fica inexpressivo sob a barba há dias sem fazer. Em seguida ele abre a boca, mas o interrompo antes que comece.

— Por que você não estava lá com os titãs pra nos receber quando saímos do Cadeado de Héstia?

Ela não desvia o olhar dele nem responde.

Boone bufa, mas soa como uma risada.

— Não pode dizer?

— Me apresentar à Lyra cedo demais, quando ela ainda tem muita coisa pra descobrir aqui embaixo, nunca acaba bem.

— Isso é uma balela do cacete.

Concordo com ele. Ainda não sabemos em quem acreditar. Até onde sei, Perséfone está do lado dos titãs e sempre esteve.

— Tem jeito melhor de ter acesso ao Tártaro do que fazer amizade com o rei do Submundo? — comenta Boone, e seus pensamentos estão batendo certinho com os meus.

Perséfone volta a inclinar a cabeça, avaliando-o como se fosse uma flor que não está se desenvolvendo.

— Apesar de você, eu gosto de você, Boone Runar.

Hades tem razão sobre ela, e Caronte também. A jovem deusa é em essência a luz do sol presa numa garrafa. A pergunta que fica é: isso é verdadeiro? Ou só fachada? Um jeito de conquistar nossa confiança quando o que temos que fazer é correr na direção contrária?

Espera aí... Como ela sabe o nome dele?

Olho para Boone, surpresa por ele não estar fazendo a mesma pergunta, mas ele está ocupado fazendo careta para ela.

Perséfone toca a cicatriz dourada com a ponta do dedo. Vinhas irrompem da pedra e vão se enrolando pela rachadura, entrando e saindo do granito com tanta força que devia ser impossível as plantas encontrarem uma direção. Mas encontram. Vão se entrecruzando pela cicatriz, em ascensão, como suturas, e aí as vinhas vão crescendo cada vez mais até cobrirem a rachadura toda. E mesmo assim não param, não até as flores desabrocharem com pétalas de um dourado vívido, como se tivessem extraído a cor do minério da cicatriz.

Ela estende a mão para uma flor, que se inclina e acaricia os dedos dela como um animal de estimação faria com o focinho, e o sorriso de Perséfone demonstra outra vez aquela tristeza estranha.

— Todo mundo tá tentando segurar as pontas aqui — afirma ela. — Até a gente conseguir se libertar.

Então ela me olha e, pela primeira vez desde que a conheci, me deixa ver não a mulher reluzente e vibrante, mas a deusa que de fato é no fundo — poderosa e determinada.

— Você tem que salvar a gente, Lyra.

A gente. Nós. Ela com certeza está do lado dos titãs agora.

Isso vai acontecer comigo também?

Ai, deuses.

— Como?

Eles não me contaram isso ainda. Não de forma decente. Só tentaram me jogar na cova. Meu palpite é que tenho que abrir mais um monte de Cadeados. Mas quantos, e por que eu? Ou tem algum outro motivo para precisarem de mim?

— Primeiro de tudo, você tem que confiar na gente.

— Bom, isso aí a gente vai ficar devendo — resmunga Boone. — O que mais?

— Só... isso.

É quando ela olha para trás de mim. Tão rápido que quase não percebo. Não antes de ela me dar um empurrão.

O que me faz ser arremessada para trás, sacudindo os braços...

Até trombar com Jápeto.

Eu nem sabia que ele estava aqui. Mas, quando ele tira o machado da minha mão e me levanta pelos joelhos, percebo o olhar horrorizado do Boone. Ele nem consegue dizer "não" antes de Jápeto me apertar com força e saltar.

Ele não precisa das vinhas. Pousa lá embaixo como se tivesse acabado de sair da cama. Assim que os pés dele tocam o chão, ele corre. Não adianta nada eu me debater enquanto passamos pelos pilares montanha adentro, atravessando túneis até a câmara na qual fica o Cadeado de Héstia, reluzindo com o símbolo dela. Só que passamos direto e entramos em outro túnel.

O túnel para o qual todos ficavam olhando com medo toda vez que eu falava alto.

De repente, desaceleramos, e ele tapa minha boca quando passamos pelo obelisco de ônix. A origem do Pandemônio, segundo Reia. E não sei se é porque ele está me segurando com força ou se é a energia que a coisa emana, mas não tento escapar.

Assim que passamos por ele, Jápeto volta a correr, e o mundo vira um borrão. Só sei que o túnel parece fazer círculos montanha adentro.

Quando paramos, o titã mal-humorado e eu estamos onde Boone e eu encontramos Cronos da primeira vez: na ponte perto dos portões duplos enormes, com a queda para o abismo às minhas costas. Meu coração, que já martelava, dispara como o de um corredor em uma competição. Meu instinto de autopreservação é

acionado, e me debato contra o aperto dele. Quando isso nem faz cosquinha, dou uma joelhada no saco dele.

Nada.

E agora meu joelho está latejando como se eu tivesse colidido com uma pedra. O que aconteceu com minha força imortal?

Jápeto não se dá ao trabalho de me ameaçar nem conversar. Só me pega pelo pulso e me pendura acima do abismo.

Debato-me que nem um coelho capturado. Não tenho outra arma a não ser as palavras. Lanço-as contra ele.

— Talvez o Oceano não esteja aqui porque vocês o mataram, assim como estão tentando fazer comigo.

O mundo sempre se questionou. Porque reza a lenda que o titã nunca foi preso, mas também nunca mais foi visto. Mas não é por isso que digo o que digo. Estou tentando fazê-lo parar, repensar, e percebi que todos os titãs ficaram tensos com a menção ao nome do Oceano.

— Maldito seja aquele traidor! — Jápeto repete as exatas palavras da Mnemosine.

Ele me puxa para perto e, por um segundo, tenho esperança de que minha estratégia funcionou. Porque, por um estranho momento, acho que vejo arrependimento em seu rosto.

Mas sei que estou errada quando ele abre um sorriso discreto.

— Se você sobreviver, vai me agradecer quando sair.

Então, igualzinho a Cronos, ele me solta.

22

O SEGUNDO CADEADO

LYRA

Quando Jápeto me joga no abismo, tento me teletransportar. Mesmo com minha habilidade subdesenvolvida, eu deveria conseguir ao menos interromper a queda, então tento de novo. No entanto, é como se a gravidade tivesse me envolvido com pulso firme.

Não desisto. Pelo menos desta vez não estou gritando nem me preparando para morrer.

Tenho para mim que essa reação virá daqui a pouco.

De repente, sem um processo de transição, não estou mais caindo. Estou pisando no que parece terra macia que foi arada até ficar fofa, e afundo nela de tão densa. Levo um susto ao olhar ao redor. Se meu coração já não estivesse disparado por causa da queda, iria disparar agora.

Estou vendo... o céu?

Parece que estou em um corredor comprido com vários arcos que dão para o lado de fora. Talvez uns doze, com um maior no meio. Cada arco tem um portão de madeira, com aproximadamente um metro e meio, deixando a parte de cima aberta para o lado de fora.

O lado de fora. Como se eu estivesse na Superfície.

O céu está de um azul perfeito e sem nuvens. Fico tão abismada com isso que uns segundos se passam antes que eu assimile o resto. Parece que as baias, ou portões, ou o que quer que sejam, dão no meio da estrutura que me lembra bastante o Coliseu

romano onde aconteceu o jogo da Atena na Provação. Mas... não é bem a mesma coisa.

Em vez de ser circular, pelo que vejo daqui, a estrutura é alongada e maior. Há arquibancadas com assentos de estádio ao redor, mas não são ruínas como o Coliseu. Estão em excelente estado... e tão vazias quanto a tumba de um sábio. Deste ângulo, diria que tem mais de quatrocentos metros de extensão e uns sessenta metros de largura no ponto mais amplo. Há uma plataforma grande cercada por muros ali no meio, decorada com estátuas imponentes e talvez ainda mais assentos. O efeito que causa é de uma divisória central que parece uma espinha dorsal.

É uma pista? Uma pista de corrida?

Boone aparece ao meu lado tão de repente que dou um gritinho, pulando para trás.

Quando percebo quem é, observo-o com atenção e o cutuco no braço.

— Você é real? Ou parte de uma ilusão nova?

Ele não me olha nem percebe a cutucada, analisando a área assim como eu fiz.

— Real — responde, sério. — Não foi difícil adivinhar pra onde Jápeto ia te levar.

— O desgraçado não é nada criativo. Isso é certo.

Engulo em seco quando percebo que Boone se jogou da ponte de propósito para vir atrás de mim.

Analiso a roupa nova dele, então percebo que estou usando um traje semelhante.

— Que roupas são essas?

Calça legging e uma túnica por cima, ambas as peças feitas de um tecido rústico. O dele é preto; o meu, quase branco. Há tiras de couro ao redor dos nossos peitos, barrigas e coxas, além de manoplas de couro nos pulsos e uns calçados fechados que parecem uma mistura de bota de cano baixo e chinelo, o couro trançado cobrindo a maior parte do pé, mas intercalado por frestas e recortes. Meu machado sumiu, mas há uma faca curva embainhada na minha perna. Boone também tem uma.

— O estilo é antigo, mas... — Boone dá uma fungada na manopla. — O couro é novo em folha.

— Um traje de soldado da Grécia Antiga, talvez?

Olhamos ao redor. Héstia apareceu imediatamente assim que cheguei ao Cadeado. Vamos encontrar outro deus ou deusa desta vez?

— Que lugar é esse? — pergunto.

Boone balança a cabeça.

— Me lembra o Circo Máximo do filme *Ben-Hur*, naquela cena da corrida...

Hades aparece a uns três metros de distância. Prendo a respiração e dou um passo na direção dele, um gesto naturalíssimo, e Boone me segura pelo pulso.

— Não — orienta ele, baixinho.

O que meu coração quer fazer é puxar o braço e argumentar que é o Hades. Que ele está aqui. No entanto, já sei que não é verdade.

Não é real.

Porque o Hades na minha frente *não* é o meu Hades. Assim como a Héstia, é uma cópia, uma gravação, ou o que quer que sejam aqui embaixo.

Ele parece um tantinho mais velho do que quando o vi com a família — uns vinte e três anos, talvez. Não muito mais jovem do que no presente. Mesmo assim, noto as diferenças. E a roupa dele não é moderna, é mais como a nossa: túnica e calça legging com sapatos de tiras de couro, acho. Não dá para ter certeza porque ele usa uma capa marrom-escura com capuz que cobre a maior parte do traje. Passa uma vibe de Obi-Wan.

— Vamos tentar de novo, né? — A voz do Hades sai o mais arrogante e zombeteira possível.

Espera aí... ele não parece uma gravação como a Héstia.

— Tentar de novo? — As palavras meio que me escapam. — Nunca estive aqui.

Espero que a imagem dele tremeluza. Que ele recomece a falar. Mas nada. Em vez disso, inclina a cabeça, fazendo um biquinho.

— Você sempre diz isso, pequena deusa, mas te garanto que já tentou abrir meu Cadeado muitas vezes.

— Porra nenhuma — retruca Boone com um grunhido.

Os olhos prateados do Hades faíscam na direção dele e se estreitam.

— Você, no entanto... Esta é sua primeira vez.

Como é que uma gravação sabe disso? Héstia tremeluziu e deu vários bugs, repetindo a mesma mensagem genérica, sem cessar. Ao menos, foi essa a impressão que minha mente completamente atordoada teve.

Mas Hades...

Ele parece real demais. Sei que eu deveria estar apavorada, sobretudo em relação ao que ainda vai acontecer. Afinal, todos os titãs insinuaram que há vários Cadeados. Este é o segundo. Outro teste. Mais um monte de merda que mata todo mundo.

Sei que o Hades à minha frente *não* é de verdade.

Mas parece igualzinho. A imagem é igualzinha. Até o jeito de estreitar os olhos. E sinto um aperto tão grande no peito que tenho vontade de massagear a região.

Porque *não* é ele.

— Sei que você não é o Hades de verdade — afirmo com a mandíbula tensa, frustrada com todas aquelas incógnitas. — Mas é bom você saber que ele se apaixonou por mim e me tornou rainha do Submundo. Ele não ia querer que você me fizesse passar por isso, seja lá o que for. Ele não faria isso comigo.

Hades me encara, e por um segundo, acho que suaviza o olhar. *Sei* que suaviza o olhar, o prateado indo de cortante a sedoso. Aí sua expressão endurece novamente, como se teimando em ser de pedra.

— Às vezes, você também diz isso... — murmura ele, tão baixinho que quase não ouço. — Mas não importa.

Não importa?

Ele não vai abrir o Cadeado e nos deixar ir sem nos testar. Eu nem precisaria conhecê-lo tão bem para saber disso.

E, para ele, não importa. *Eu* não importo.

Fecho os olhos, porque preciso *não* olhar para ele quando digo o que estou prestes a dizer. Preciso não acreditar que é meu Hades me fazendo passar por mais um julgamento potencialmente letal.

— Então anda logo com isso.

23

CORRE, MENININHA. BUM!

LYRA

Ouço um estalo de dedos nítido.

Desta vez, tenho a sabedoria de me preparar para a descarga elétrica que reverbera pelo meu corpo, me deixando exaurida, sem forças, sem conseguir enxergar nem respirar.

— Cacete... — murmura Boone, com um grunhido de dor, à direita.

Um som que cessa de repente.

Abro os olhos com dificuldade e o vejo todo curvado, mas o choque seguinte traz a luz de volta, ofuscando minha vista. Estão arrancando meus poderes para que eu tenha que enfrentar o que vai acontecer como mortal.

Quando minha visão fica nítida, estou de joelhos, tentando não arfar enquanto calafrios me assolam.

Há um grupo de quatro cavalos à nossa frente agora, empinando.

Cavalos feitos de... fumaça.

Pretas e ondulantes, as crinas e as caudas esvoaçam ao redor, flutuando e desaparecendo no ar. Uma armadura de metal preta e com entalhes ornados cobre a pele esfumaçada dos bichos como ramificações ósseas. E, através das placas esfumaçadas, no meio, vejo seus corações pulsando. Corações que parecem carvão em brasa azul, pulsando no ritmo do sangue azul que reluz em suas veias.

— Só pode ser sacanagem essa porra! — exclamo quando Boone me segura e me gira depressa, virando as costas para as criaturas e

ficando entre mim e o perigo.

Mas nada acontece com a gente, e nos viramos para olhar. Os cavalos continuam parados, batendo as patas e bufando, os olhos de fogo focados em nós.

Hades abre um sorriso desafiador.

— Meu teste é sobreviver ao veneno do mal que afeta todos os mortais.

— Quanto mistério... — murmuro.

Ele ergue a sobrancelha.

— Só precisam ganhar dos meus cavalos infernais na corrida. Sete voltas.

Pelos deuses, ele é frustrante pra cacete. Até aqui embaixo. E o que uma corrida de bigas tem a ver com veneno maléfico?

— Não tem como ser assim tão fácil — argumento. — A menos que faça a gente correr a pé.

Cala a boca, Lyra. Não dá ideia pra IA.

— Vocês vão de biga. Podem escolher a parelha de cavalos que quiserem, extraindo o poder de qualquer deus ou deusa. Basta invocar o nome e poder, e os cavalos aparecem com a biga.

Apesar de eu nunca ter conduzido uma parelha de cavalos antes, parece fácil demais.

Reviro os olhos.

— Qual é a pegadinha?

Hades sorri. Nenhuma covinha à mostra, porém.

— As criaturas são o que as compõem. Por exemplo, os cavalos de lava do Hefesto são feitos de paixão, destruição, e vão escolher quem abençoar e quem matar de modo indiscriminado.

Sempre tem uma droga de pegadinha. Nunca se pode confiar nos deuses. Mesmo eu sendo uma deusa agora.

— Tenho que usar os mesmos cavalos a corrida toda?

Ele inclina a cabeça.

— Juro, pequena ex-mortal, a cada vez que te vejo você está mais rápida pra fazer as perguntas certas. Talvez consiga, sim, lembrar das outras vezes, só não sabe disso.

— Responde à pergunta — insiste Boone, grunhindo de novo.

A cópia animada do meu deus da morte dá de ombros, indiferente, como se nada disso importasse.

— Dá pra trocar de parelha o quanto quiserem.

— E eu? — indaga Boone. — Nós dois temos que cruzar a linha de chegada antes dos seus cavalos ou só um?

Mais uma vez, Hades encara Boone com um olhar cortante como se meu amigo fosse uma pedra na qual ele pode amolar a adaga.

— Basta meus cavalos perderem — explica Hades. — Não importa pra quem seja. Sete voltas. Os primeiros cavalos a cruzarem a linha de chegada, não importa quem os estiver conduzindo, marcam o vencedor. Se a Lyra ganhar, ela abre o Cadeado. Se você ganhar, você abre o Cadeado. Se eu ganhar, vocês...

Dispenso a frase com um gesto irritado.

— Tá, tá, a gente morre.

Ele inclina a cabeça de novo, curioso, mais devagar desta vez, o que me lembra uma cobra se preparando para dar o bote.

— Não é nada esperto ser grosseira com um deus.

Faço um som de deboche.

— Não tô sendo grosseira com um deus, e sim com o rei dos deuses, que, por acaso, também é meu amante.

— Rei? — Hades dá uma risada sombria e irritante que me dá ainda mais nos nervos. — Suas histórias só ficam mais criativas. Tô ansioso pelo nosso próximo encontro, Lyra Keres.

E aí ele some.

Os cavalos de fumaça permanecem, batendo os cascos e relinchando, impacientes.

— Qual é o plano? — indaga Boone, sem nem tirar um tempinho para processar a situação.

Entrou direto no modo “fazer acontecer”.

De um jeito estranho, isso me ajuda a me firmar.

— Cada um começa com seus cavalos. E aí a gente vê.

— Dobrando a chance de vencer. — Ele concorda, tenso. — Bem esperta.

Seguro seu pulso.

— Só nada que dê pra matar um mortal. Nada de raio, nem fogo.

Ele abre um sorriso, os olhos brilhando em desafio.

— Que droga! Eu tava pensando em escolher um tornado e sair tocando terror por aí.

— Vocês têm dez segundos pra escolher os cavalos — anuncia a voz incorpórea do Hades, ecoando pelo estádio. — Dez. Nove. Oito...

— Merda... — murmura Boone. — Anda!

Corremos até os portões arqueados à direita dos cavalos do Hades, enquanto minha mente repassa uma lista de deuses, deusas, poderes e elementos. Sol, raio, tormenta — tudo isso é muito perigoso para mortais. E de que servem o vinho, a colheita, o parto ou até as vinhas da Perséfone em uma corrida contra cavalos infernais feitos de fumaça e fogo?

Boone chega antes de mim à fileira de criaturas enquanto Hades segue contando.

— Cinco. Quatro.

Um anel de fumaça escapa dos cavalos-demônios e segura Boone pela cintura, arremessando-o nos portais arqueados. Como os portões de madeira estão na frente, não vejo como ele cai.

Também não vou chegar ao portão a tempo. O desespero é um péssimo ponto de partida.

— Preciso de cavalos feitos do poder de vitória da Nice — grito enquanto corro.

— Dois.

Um grupo de quatro cavalos alados dourados aparece de pronto, já firmes em uma postura orgulhosa. Não só com penugem dourada. Mas de ouro sólido mesmo, como se um artesão especialista os tivesse moldado a partir do metal e os polido até reluzirem.

Não faço ideia do que eu esperava ao escolher o poder, mas não era isso.

— Um — finaliza Hades.

Aí um conjunto de roldanas abre os portões, e os cavalos sem condutor do Hades avançam com um som que poderia ser um grito ou um grunhido.

Pulo na biga dourada e pego as rédeas, embora não saiba usá-las.

— Vão! — exclamo.

Graças aos eternos deuses, os cavalos obedecem.

Eles avançam com tanta força e rapidez que preciso largar as rédeas para me segurar. Do contrário, seria arremessada para trás e

teria caído da biga. Ainda estou tentando me firmar no assento quando passamos a toda pelo Boone, que está caído no chão, inerte.

Viro a cabeça para me certificar de que ele está bem. Seu corpo todo molenga vai ficando cada vez menor conforme corremos pela pista.

— Levanta. Levanta. Levanta — sussurro, incitando-o a se mexer.

A biga faz uma curva brusca para a direita, e sou obrigada a olhar para a frente, jogando o peso para a esquerda quando percebo que já chegamos à curva de cento e oitenta graus na divisória central. A biga se estabiliza com um tranco, e seguimos correndo ao lado dos cavalos do Hades.

— Ai, deuses! Ai, caralho!

Se o Boone não sair do caminho, os bichos vão passar por cima dele.

A fumaça que sai dos malditos cavalos infernais preenche o ar e escurece minha vista. A parelha de cavalos pretos se aproxima da divisória central e faz uma curva brusca ao final do caminho, onde os pés esculpidos de uma estátua imponente encapuzada e coberta por correntes malignas se projetam para dentro da pista. A biga se apoia em uma mísera roda atrás das criaturas com o movimento. Assim que somem de vista, vejo que Boone não está mais ali.

— Por favor, que ele não tenha ido parar debaixo das rodas... — murmuro para mim mesma, rangendo os dentes, e me inclino de novo quando fazemos a tal curva violenta.

Não o vejo em lugar nenhum.

— Cadê ele...?

Há um som estranho de trinado, estridente e tão alto que, por um segundo, tiro as mãos da barra à frente e tapo os ouvidos. Mas aí me desequilibro e tenho que me segurar de novo.

Ao fazer isso, vejo uma das sete estátuas de corujas feitas de ônix empoleiradas em uma barra de metal na divisória central se inclinar para a frente.

Parte do meu cérebro registra o fato de terem emitido o pio de uma coruja. O animal sagrado do Hades.

Essas estátuas de coruja devem estar contabilizando as voltas a cada vez que o time na dianteira passa pelo centro deste lado da

pista. Uma volta já foi. Restam seis.

Do outro lado das corujas, nas arquibancadas principais, há um corredor coberto e adornado por colunas caneladas. Estreito os olhos, analisando o pavilhão enquanto passamos em disparada. Acho que a cópia do Hades está sentada em um trono escuro lá dentro. Observando. Será que ele está usando aquele som — o trinado usado por casais de corujas — para me provocar por eu ter dito que era sua rainha?

Porra, ele sabe ser cruel.

Eu o amo, mas porra.

Aperto a barra de segurança quando cai a ficha, mesmo no meio de todo este caos. Não posso morrer aqui. Se o Hades de verdade descobrisse, ele se culparia.

Como se a sobrevivência não bastasse — a minha *e* a do Boone, ou, no caso, a possibilidade de sair do Tártaro (o que foi insinuado, mas ainda não compreendo) —, há um novo propósito percorrendo o meu sangue, feito chamas. O sol reluz no ouro puro dos meus cavalos, que já correm muito, em busca da vitória. Temos que vencer.

Tenho que vencer.

Para tentar escapar.

Para evitar nossa morte.

E para poupar o Hades de toda a culpa e sofrimento.

24

CARNE, OSSO & CIRCUITOS

LYRA

Vou alternando as mãos para segurar as rédeas, me movimentando no ritmo dos cavalos que conduzo. Só o que sei desta atividade foi o que vi em filmes. Contraio o maxilar com o solavanco violento e sacudo as rédeas.

— Bora!

Como se estivessem esperando eu sinalizar que estava pronta, minha parelha ganha novo fôlego, chegando perto do grupo do Hades enquanto faz a curva.

Quando passo voada pela mesma curva, não só os cavalos de Hades estão na nossa frente como vejo outra parelha. Verde-neon.

É tudo o que consigo ver antes de a parelha do Boone fazer a curva tão depressa que me pergunto se não imaginei a cena.

Quando chegamos ao final desta vez, estamos tão próximos da parelha do Hades que a fumaça fica densa ao redor, meus pulmões queimam e os olhos lacrimejam. Estreito os olhos, afugentando a ardência. Os cavalos infernais optam por seguir pela raia interna da pista. O caminho mais curto.

Eles que se danem. Sigo pela raia ampla. Por um segundo, nos desviamos bruscamente. Aí vejo os cavalos do Boone atrás de mim.

— Puta merda! — As palavras me escapam.

Porque são... digitais.

Verde-neon sobre um verde-escuro, ou talvez preto, seus corpos são feitos de quadradinhos, como pixels. Eletricidade parece

contornar os pixels, como se zunindo por fios energizados, faiscando e brilhando.

— Hermes! — exclamo ao me dar conta.

Boone escolheu o poder do deus mensageiro conhecido pela velocidade. Podia até ter obtido o status do Hermes como o deus dos ladrões, mas Hermes manteve todas as outras habilidades, e agora Boone está usando uma delas. Não só a velocidade física, mas, neste momento da história, também a velocidade da comunicação digital.

Inteligente pra caralho.

E eles são ágeis! Boone já está diminuindo a distância entre ele e nós dois.

Abrindo um sorriso selvagem, incito os cavalos a irem cada vez mais depressa até alcançarmos a parelha do Hades, bem na hora em que a segunda coruja emite aquele trinado vibrante pelo estádio outra vez.

Como se o barulho fosse um sinal, assim que para, algo brota do chão bem à minha frente. Juro que é a mão de alguém, mas passamos direto antes de eu conseguir ter certeza. Aí aparece outra. E outra. Conduzo a biga para a esquerda para desviar de mais uma.

Uma das mãos, ou seja lá o que for, se ergue com uma lança digna de um gigante e atravessa os meus quatro cavalos dourados em um só golpe. Com um grito de dor desolador, minha parelha some em um piscar de olhos. Tão rápido quanto surgiu.

Sou arremessada no ar, braços e pernas se embananando enquanto despenco. Graças ao Olimpo, a terra é macia e fofa. Consigo me curvar em posição fetal ao colidir, girando e rolando antes de parar com um baque.

Levanta, Lyra. Arranja mais cavalos.

Antes de eu conseguir me mexer, outra mão irrompe do chão e me segura pelo pescoço, me sufocando. Com certeza, é a mão de alguém. Começo a arranhá-la, me debatendo e grunhindo, até enfim conseguir afastá-la do meu pescoço, ouvindo o barulho perturbador da coisa quebrando e então um som molhado.

Afasto-a de mim, pulo para ficar de pé e aí vejo por completo.

A pele de um verde horripilante, apodrecida, pendurada do osso que acabei de quebrar. Acabei de arrancar o braço de um corpo que

presumo estar enterrado.

Que nojo!

A mão se levanta, usando os dedos como pernas. Porque o estilo Família Addams cai superbem agora. A coisa vem vindo na minha direção, e solto um gritinho idêntico ao de uma criança de cinco anos enquanto corro.

Aham... Que nem uma covarde.

— Preciso de cavalos feitos do poder de vitória da Nice! — berro.

— Eles já eram — responde a voz retumbante do Hades. — Escolhe outra parelha.

— Já eram? Tipo, morreram? — questiono, me virando para a estrutura colunada onde acho que ele está.

Por minha causa?

Outra mão brota do chão, segurando meu tornozelo. Com outro gritinho, pulo para trás. E aí o corpo inteiro sai do chão.

O medo atravessa minhas veias como lâmina.

Um zumbi. Com certeza, um zumbi. Hades é o deus da morte, afinal. A criatura é feita de pele apodrecida repugnante, os olhos leitosos com o branco da morte. O cheiro de carne podre emana ao redor.

Coisa digna de pesadelo. Isso, sim.

O som revelador de pele podre se erguendo da terra macia marca o levante de mais zumbis.

Fico inerte por um momento, sem conseguir decidir se invoco os cavalos ou fujo. O saco de carne que acabou de recolocar o braço no lugar decide por mim. Abre bem a boca, um grito terrível e gorgolejante, e vem me atacar.

E não é devagar. Ele avança.

Começo a correr, me esquivando de mais dedos que se erguem do chão.

Quando tento pegar a faca curvada presa à perna, ouço um assobio penetrante atrás de mim — um sinal que faz um tempão que não recebo, e ainda assim, no automático, meu corpo faz o que foi treinado para fazer.

Eu me viro e vejo os cavalos do Boone se aproximando, galgando em meio aos zumbis. O que, nos milésimos de segundo em que aguardo, reconheço como repugnante. Restos voando, pele

rasgando e depois se espalhando pelo chão. Boone se inclina ao lado da biga, com a mão estendida. Tenho quase certeza de que ele diminuiu o ritmo por minha causa, mas aqueles malditos cavalos digitais são ágeis. Nem me passa pela cabeça duvidar que ele vai me segurar a essa velocidade.

Então corro na direção dele, tentando segurar sua mão.

Assim que nos seguramos pelos braços, sou erguida do chão, e meu corpo gira com violência. Mas ele não me deixa cair, e, de alguma forma, acabo sentada na biga ao seu lado.

— Te peguei! — afirma ele, com um sorriso convencido.

Segurando-me às tiras de couro na cintura do Boone, olho por cima do ombro e grito para Hades:

— Você não falou dos zumbis, babaca!

Uma risada soturna ecoa pela arena vazia, mais alta do que os sons horríveis dos monstros canibais que nos perseguem e do retumbar dos cascos dos cavalos.

— Segura firme! — berra Boone.

Eu o aperto bem e me inclino junto com ele quando a parelha faz a curva com rapidez. Assim que retomamos o equilíbrio, vejo que não há zumbis deste lado. Ainda.

Boone assobia, e, ao que parece, os cavalos digitais são IA, porque entendem os sinais dos ladrões. Aceleram o ritmo de um jeito impossível. O obelisco e as estátuas no meio viram um borrão quando passamos a toda.

Estamos chegando à curva quando se ouve o terceiro pio.

Três voltas já foram. E estamos perdendo.

Vasculho a mente em busca de qualquer possível combinação de poder e cavalos que poderia ser mais rápida do que a que Boone pensou. Mas nada me ocorre.

— Lyra! — exclama Boone, acenando para baixo com a cabeça.

Tentando não o atrapalhar na condução, me inclino pela lateral da biga e olho para baixo. Dito e feito, há metade do corpo de um zumbi subindo pelo veículo, tentando nos alcançar. Pego a faca.

— Segura firme! — repete Boone, enquanto damos um solavanco com a curva.

Assim que nos estabilizamos, ataco o zumbi. O som cortante e molhado da lâmina em sua pele talvez seja algo que me assombre

pelo resto da vida.

Mas a coisa cai da biga.

Deste ângulo, verifico se há mais deles, lutando contra a fumaça na cara que os cavalos da frente emanam. Aí endireito a postura quando retornamos à curva. Nós nos curvamos bastante, mas conseguimos não tombar, e aí ficamos pau a pau. O retumbar rápido dos cascos e o bufar ritmado dos cavalos enquanto ofegam pelo esforço logo são abafados pelo som nojento de rachar, esguichar e os gritos dos zumbis. Mas nossa parelha está galgando em meio aos zumbis de novo, com as criaturas saindo do caminho dos cavalos do Hades.

Pô, ele rouba muito!

A coruja solta o quarto trinado, e imagino as estatuetas se inclinando à frente, contabilizando. Estou ocupada fatiando várias outras coisas horrendas que tentam nos atacar.

Um anel de fumaça acerta nossa parelha, golpeando os cavalos, mas os pixels só tremeluzem e se modificam para cicatrizar a ferida.

— Me lembra de dar um beijo no Hermes quando a gente sair do Tártaro! — grito.

— Eca! — grita Boone em resposta.

Outro anel de fumaça o acerta no rosto. O golpe é tão forte que ele tem que soltar as rédeas para se segurar. É quando percebo que as rédeas estão enroladas no corpo dele.

Nem dá tempo de eu me preocupar com esse perigo.

Outro golpe de fumaça vem na nossa direção. Desta vez, consigo cortá-lo com a faca. Porém, há mais anéis vindo com tudo.

— Beleza, novo plano — grito, e Boone não me impede quando me enfio por baixo do braço dele. — Preciso dos cavalos do Poseidon. Feitos de ondas do mar.

25

MAIS DURO, MAIS RÁPIDO, MAIS FORTE, MAIS EFICIENTE

LYRA

Boone tem que abrir bastante espaço para a parelha e a biga, que logo aparecem. São criaturas lindas feitas de águas azul-turquesa que crescem, chegam ao ápice e depois quebram dentro e ao redor de si mesmas — as crinas e as caudas, mas também parte das patas, como se corressem pelas ondas. Uma maresia salgada espirra no ar e sobre nós.

Sem hesitar, começo a descer da biga, mas aí Boone me segura.

— O que você tá fazendo? — pergunta ele.

— Garantindo sua vitória.

— Caralho! — A palavra sai como um rosnado, mas Boone solta as rédeas, deixando os cavalos seguirem por vontade própria, e me segura pela cintura, me ajudando a sair e me mantendo firme.

Os cavalos também não devem gostar nadinha dos zumbis, porque desviamos dos cavalos de água e então guinamos na direção deles de novo. Isso acontece mais umas duas vezes, e mal consigo me equilibrar na beirada, até Boone xingar de novo, tomar as rédeas e puxar com força, forçando os cavalos a pisotearem mais zumbis em vez de se esquivarem deles, e as bigas se aproximam.

— Agora! — exclama ele.

Pulo, e ele se espanta. De alguma forma, consigo acertar a biga de mar na qual mirava. Claro que caio toda torta, com a perna por cima da barra lateral. A dor pulsa em mim, provavelmente pior do que parece no momento, graças à adrenalina.

— Vou ficar com hematoma... — murmuro com um grunhido, movimentando a perna dolorida e me ajeitando no assento.

— Peço a Hades que... — Não, não posso pedir nada a ele agora. Enfim. Que essa porra funcione! — Molhem os cavalos do Hades — ordeno à parelha.

De imediato, a água emana das criaturas. Não em um golpe direto como os cavalos de fumaça, mas em ondas maiores que crescem e quebram em direção aos animais. Os pobres cavalos de fogo fervilham com o contato e gritam de dor. Faço uma careta com a cena e o som, mas permaneço firme enquanto ondas de fumaça vêm em nossa direção. De novo e de novo, as duas parelhas duelam, e corremos pela pista.

Gritamos ao passar pelas corujas, que emitem um trinado, finalizando mais uma rodada. Cinco voltas já foram. Faltam duas.

E estou começando a sorrir quando Boone vai avançando mais e mais, tomando a dianteira e ganhando uma boa distância. Lógico que este é o momento em que dois zumbis brotam do chão de cada lado dele, se enroscando nos raios das rodas.

Restos mortais voam por toda parte, mas isso basta para arrancar as duas rodas da biga. A base cai no chão com força e se desmonta toda. Quando não sobra mais nada do veículo, vejo Boone sendo arrastado pela terra por causa das rédeas presas à cintura.

Acho que grito o nome do Boone enquanto, impotente, observo seu corpo ir derrapando e quicando pelo chão atrás da parelha. Mas, quando os cavalos começam a desacelerar e nos aproximamos, vejo Boone se debatendo, tentando se soltar. Será que ele não consegue pegar a faca? Saco a minha de novo, torcendo para não me arrepender. Não é o mesmo que arremessar um machado. Quando passo por ele, lanço a arma. O objeto vai rodopiando, golpeando e cortando várias rédeas.

O corpo do Boone para de derrapar, mas os cavalos desaparecem.

Segurando as rédeas com força, fico olhando para trás, para o corpo vulnerável do Boone no chão. Assim que chego à curva mais distante, ele se levanta.

O alívio me atravessa.

— Graças aos deuses.

Eu o perco de vista e me viro na biga, precisando focar. Meus próprios cavalos estão engajados em uma batalha feroz, trocando golpes cruéis com a parelha do Hades. Os barulhos ao redor — os cascos e berros dos cavalos, os grunhidos e gritos dos zumbis — quase abafam o trinado da coruja quando passamos pelo centro, no ponto em que Hades ainda está sentado, coberto pela escuridão.

Última volta. Agora, a vitória está por minha conta.

Meus cavalos estão aguentando firme, mas é o bastante? Enquanto me esquivo para evitar ser acertada na cabeça por um anel de fumaça e me seguro com força quando trombamos com mais um zumbi, o que me faz chacoalhar dentro da biga, vasculho minha mente. Que outro poder dos deuses e deusas poderia me ajudar a ganhar?

Aí um som esquisitíssimo soa atrás de mim. Não é um animal. É mais... elementar.

— O que foi, agora? — brado e olho por cima do ombro.

Fico de queixo caído ao ver Boone vindo depressa na minha direção.

Só o Boone.

Nada de cavalos. Nem de biga.

Ele está com a coluna reta, uns trinta ou sessenta centímetros acima da pista, e vem flutuando a uma velocidade incrível, com o cabelo grosso esvoaçando. Aí me dou conta. Um dos ventos. Ele invocou o poder dos Anemoi, os quatro ventos, também conhecidos como os invisíveis.

Só pode ser.

Os cavalos são invisíveis. Como o vento.

O que significa que ele pode ganhar. Só preciso atrasar os cavalos do Hades mais do que já estou fazendo.

O uivo horrível dos cavalos de vento do Boone fica mais e mais alto conforme ele se aproxima, enquanto estou considerando e descartando na mente um poder atrás do outro. Preciso de algo que, com certeza, detenha a parelha do Hades.

Espera aí.

Garanhões... São feitos de fumaça e, ao que parece, não morrem. A água só os atrasa um pouco, mas eles têm corações e sentem dor. Será que sentem... outras coisas?

Instinto animal?

O primeiro indício de perigo é a sensação de mãos segurando minhas pernas. É o único alerta antes de eu ser arremessada da biga.

Caio de costas na terra macia com tanta força que fico sem fôlego por um segundo. Então estou ao lado da pista, junto à maior parte dos zumbis. Mesmo arfando, me levanto bem quando Boone consegue não me pisotear, passando a toda.

— Vai! — grito para ele. Porque o conheço. Ele vai parar. — Vou atrasar os cavalos do Hades pra você.

Alerta aos arredores, dou meia-volta e corro na direção contrária. Se vou atrasar esses cavalos malditos, vai ser antes da linha de chegada, e tenho pouco tempo até eles fazerem a última curva.

Demoro uns cinco passos até começar a me arrepender de ter descartado a faca. Fatiamos e mutilamos muitos zumbis. Há vários restos mortais grotescos pela pista, feito confete sangrento. Só que ainda tem umas coisas vivíssimas.

Então corro.

Rápido.

Ou o mais rápido que dá em meio à terra fofa. E me esquivo bastante, desviando dos obstáculos formados por cadáveres canibais. Quase me distraio ao ver a réplica do Hades — ele está ali à vista, debruçado em um gradil enquanto observa.

Ofegante, coberta de sangue e de miolos, e, sendo sincera, morrendo de medo de não dar certo, não consigo ganhar nem perto da distância que queria entre mim e a linha de chegada, e as duas parelhas vêm fazendo a curva.

— Merda... — murmuro enquanto me esquivo de outro zumbi.

Só tenho uma chance de fazer o que estou pensando...

— Tem que funcionar — sussurro, olhando ao redor para me certificar de que não tem nenhum zumbi por perto, aí falo em voz alta. — Preciso de cavalos feitos do desejo da Afrodite. Éguas no cio.

De imediato, estou dentro da biga atrás de um grupo de cavalos rosa feitos de algodão-doce. As éguas relincham baixinho, avançando à frente com todo um molejo, balançando as caudas de

um rosa mais escuro. Juro que lançam uns olhares convidativos aos garanhões, batendo os cílios incrivelmente compridos.

Os cavalos do Hades de imediato freiam até parar, terra e fumaça levantando ao redor. A atenção está toda voltada às criaturas feitas de desejo que coloquei no caminho deles. E só aí me dou conta de que talvez os cavalos do Boone desacelerem também. Tomara que ter um condutor na biga faça diferença.

Boone passa direto por eles, e os cavalos do Hades relutam, inquietos, divididos entre dois desejos fortes — ganhar para Hades ou correr atrás das éguas.

Quando começam a correr de novo, sacudo as rédeas, conduzindo minha parelha na direção dos cavalos pretos, recalculando a rota para ficar bem no caminho deles. Os quatro se apoiam nas patas traseiras, e os vejo inflando as narinas ao farejarem o cheiro das éguas. Ficam loucos, mas não na intenção de correr e vencer.

Boone passa por mim em uma rajada de vento tão forte que ergue minha biga do chão... e eu vou junto.

Despenco com um baque intenso, e todos os cavalos desaparecem, me deixando estatelada na terra. O trinado vibrante de uma coruja soa, e a sétima estátua de coruja de ônix se inclina para baixo.

— Rá! — exclamo com uma risada, me erguendo.

Todos os zumbis também sumiram. Graças aos deuses. Infelizmente, parece que o ritmo do Boone também o arremessou no ar. Só que, depois de uns segundos, ele se levanta e começa a vir na minha direção, abrindo um sorriso de orelha a orelha.

— A gente venceu! — exclamo.

26

E A VERDADE VOS FARÁ SURTAR

LYRA

A uma curta distância de mim, Boone começa a correr, ainda sorrindo. E não para até me envolver em um abraço de urso, me girando.

— Genial — elogia ele, me apertando. — O que foi aquilo? Os cavalos da Afrodite?

Ele me coloca no chão, e sorrimos um para o outro, triunfantes.

— Desejo — respondo. — E cio.

Boone joga a cabeça para trás, gargalhando.

— Aham! Genial pra caralho. — Aí ele fica sério de repente, me analisando de cima a baixo. — Você se machucou? Os zumbis...

— Tô bem. — Embora eu imagine que tenha um hematoma enorme se formando depois de eu ter feito o espacate na barra da biga dos cavalos de água. Agora sei por que os condutores de bigas usavam couro nas coxas. Faço um gesto displicente para ele, então o analiso também. De início parece bem, mas quando vejo o rastro de terra na lateral de seu corpo, tenho o ímpeto de levantar sua túnica. Dou uma sussurrada. — Ai, pelos deuses, Boone...

— Tá muito feio? — questiona ele, com uma leve curiosidade, como se a escoriação que basicamente arrancou as camadas superiores de sua pele, causando lesões compridas e ensanguentadas cheias de terra, não fosse nada de mais.

— Não tá lindo... — Respondo como se fosse uma acusação.

— Vai cicatrizar assim que meu poder voltar.

Abaixo a camisa com cuidado, tentando não deixar o estômago se revirar de culpa.

— Acho que sim.

— Ei. — Ele me lança um olhar significativo. — Vou ficar bem.

Franzo a testa para ele, feroz.

— Não tem nada *bem* nesta situação, Boone.

— Vocês sabem que já podem ir embora, né? — declara Hades, de onde estava quando o vi um minuto atrás.

Ainda está debruçado no gradil grosso, parecendo entediado ao máximo.

Aí ele gesticula para a esquerda.

No ponto em que havia o portão que dava para as baias agora há um arco mais alto no meio, entalhado com símbolos elaborados do Hades: um bidente e um cetro, uma coruja, uma chave e, lógico, Cérbero. E pelo arco agora aberto, no corredor da montanha que circunda a parte exterior do cilindro do abismo, estão os titãs, assim como antes, nos observando.

— Parabéns — diz Hades. — Vocês passaram no teste de não sucumbir a uma experiência mundana e virar um zumbi.

Destrancamos o segundo Cadeado.

O alívio enfim me invade e respiro fundo.

Ao meu lado, Boone gesticula dois dedos em uma saudação alegre e um tanto zombeteira para o sósia do Hades, que ainda nos observa.

— Valeu mesmo, ô caralho.

Então, juntos, seguimos pela terra já imaculada de novo, em direção à saída. E dou tudo de mim para não olhar para trás.

Ele não é real, digo a mim mesma. *Ele não é o meu Hades.*

Olhar só vai piorar as coisas.

Estou bem atrás do Boone quando ele passa pelo arco, mas antes que eu possa passar o dedinho do pé pela soleira, sinto a mão de alguém me segurar pelo pulso e me forçar a parar. E fico imóvel, porque conheço esse toque. *Anseio* por esse toque.

Começo a tremer.

Achei que ele fosse uma gravação, uma cópia — como a Héstia —, não algo de carne e osso.

— Olha pra mim, pequena deusa. — Ele fala as palavras com gentileza. De um jeito tentador. — Olha, vai.

Não sei que parte de mim obedece. Talvez a parte que precisa de respostas. Ou a parte que precisa olhar para o rosto dele e ouvir sua voz, mesmo quando são falsos. Ou a parte que está um tantinho preocupada com a possibilidade de a minha relação com o verdadeiro Hades ser pautada em mentiras. Ou a parte que quer se provar a ele... e a mim.

Ganhei essa rodada, cacete.

Quando foco o olhar no dele, Hades abre um sorriso mínimo. Aí olha para meu pulso, que ainda está segurando, e faz um sonzinho gutural como um murmúrio. Parece satisfação, talvez. Parecendo absorto, ele roça o dedo pelas duas estrelas da tatuagem de Órion no meu braço esquerdo e na única no outro pulso.

— Minha estrela... — sussurra ele para si mesmo mais do que para mim, e o apelido que ele me deu deixa meu peito apertado. — Sabe por que tá aqui? — pergunta ele, enfim olhando nos meus olhos, sem soltar minha mão.

Tento não me derreter todinha. Em vez disso, estreito os olhos.

— Se já vim tanto aqui, acho que você sabe disso melhor do que eu.

A boca dele treme, contendo um sorriso.

— Entendo por que gosto de você no meu futuro.

Por que a frase soa estranha, como se ele fosse mais do que uma cópia?

Ele fica sério, o prateado dos olhos brilhando, perigoso.

— Você tá aqui pelos sete Cadeados.

Sete. Isso não me é estranho.

Antes do Trabalho de Zeus na Provação, falei para a Afrodite que a Perséfone não tinha morrido, que estava presa aqui embaixo, que estávamos tentando libertá-la. E ela disse...

Deuses! Quais foram as palavras exatas?

"O único jeito de abrir o Tártaro é juntar as sete divindades que prenderam os titãs lá dentro."

E depois Zeus mencionou alguma coisa sobre a Caixa de Pandora "dispensar os sete guardiões".

Os guardiões são os Cadeados? Tenho que fazer essa merda sete vezes? Jogo a cabeça para trás e solto um grunhido.

— Este é o segundo Cadeado. — Hades lança um olhar duro aos titãs por cima do meu ombro. — E *eles* não conseguem abri-los.

Os titãs não conseguem? Tento controlar a respiração e a mente.

— Digamos que eu acredite em você...

Quando ele, de pronto, abre um sorrisinho arrogante, ergo a mão.

— Pera lá! Não tô dizendo que acredito, mas por questão de praticidade, se eu acreditasse... Se os titãs não dão conta dos Cadeados, como é que eu vou dar?

De um jeito preguiçoso, Hades acaricia meu pulso com o polegar, e agora tenho que controlar a respiração por outro motivo.

— Quando meus irmãos, irmãs e eu prendemos os titãs, cada um de nós sete (Héstia, eu, Deméter, Poseidon, Hera e Zeus, junto com a Afrodite) criou um Cadeado. O Labirinto aqui embaixo não é um quebra-cabeça físico, como os seres humanos parecem acreditar. É uma série de cadeados, que evitam que nossos pais saiam. Cada um é um teste que precisa ser vencido em determinada ordem. O único jeito de abrir o Tártaro e fugir é alguém que não seja um titã destrancar *os sete* cadeados.

Respiro com força quando, enfim, assimilo o que a cópia do Hades está dizendo. Está dizendo que tem, sim, um jeito de escapar. *Esse* é o jeito de escapar. O jeito de ir embora. De voltar para meu Hades, o Hades de verdade. Só temos que passar por mais cinco Cadeados e não apenas sobreviver, mas vencer cada teste.

Mas que caralho!

— E foi isso o que eu fiz agora? — pergunto. — Destranquei seu Cadeado?

— Destrancou. — Outro acariciar do dedão. — O desejo da Afrodite foi um diferencial.

Contenho o rompante de emoções, tão emaranhadas que não consigo precisar qual sentimento é dominante.

— Já destranquei dois — concluo devagar. — Os titãs estão há eras aqui embaixo. Por que não escaparam? Era pra ter sido fácil eles...

— Porque você já foi humana.

Franzo a testa. Por que isso faria diferença? Antes que eu possa perguntar, outra conclusão me acerta mais forte que a anterior, e acho que não consigo nem me mexer nem dar um pio, mas Hades se inclina à frente, com um olhar mais intenso.

— Que foi?

As redefinições. O tempo se redefine. Certo? Mas sabemos que os titãs temem as rupturas do tempo.

— Você disse que já fiz isso antes? — questiono, com lábios que mal querem se abrir.

Ele me aperta mais forte, então relaxa o toque antes de assentir.

— O Cronos corrompeu o tempo — afirmo. Não é uma pergunta. É a única resposta possível. — Ele criou diferentes linhas do tempo?

Hades nega com a cabeça.

Ah! Nada de multiverso. Beleza.

— Então...

— Não sei ao certo, porque tô preso aqui e só sei das coisas por meio das suas visitas. Mas o tempo fica recomeçando a partir de certo ponto.

Então é verdade. O tempo se redefine. Já estive aqui embaixo antes, e Hades...

— O meu Hades sabe? Ele se lembra das diferentes linhas do tempo?

A gravação dele fica me olhando, como se tentando definir se vou ficar arrasada com a resposta.

— Não sei.

E com a "não resposta", suspiro fundo.

— Os titãs lembram, porém — prossegue. — Acho que são eles que ficam redefinindo o tempo pra que você sempre venha aqui pra baixo, porque acham que você vai libertá-los.

Por causa da profecia da Febe. Beleza. Deixa pra lá isso de controlar a respiração. Já estou sem fôlego mesmo... Essa informação merece um colapso completo, começando por um ataque de pânico.

— Lyra! — A voz de Hades ressoa distante, como se de dentro de um túnel. — Lyra!

Ele me dá uma sacudida e, assim, me arranca dos meus próprios pensamentos.

— Já destranquei os sete? — questiono.

Outra pausa, mais longa desta vez, enquanto analisa minha expressão. Então...

— Não.

Não. Nunca. Nenhuma vez.

Meu coração, que por um fragmento de segundo tinha se enchido de esperança com a confirmação de que havia como sair daqui, muda de direção, se encolhendo todo, e meu estômago se revira.

— Nunca. — Minha voz falha com a palavra.

— Não significa que seja impossível.

Agora a cópia do Hades resolve bancar a empática? Dou uma risada um tanto histérica.

— É. Aham. Claro.

Acho que ele suspira.

— Você disse que a gente tá apaixonado, você e o deus do qual venho, e que ele fez de você rainha.

— Quê? — retruco, contorcendo o rosto.

— Isso é verdade?

Por que ele está me perguntando isso agora? Franzindo a testa, assinto devagar.

Embora minha cabeça esteja gritando de desespero pela atual situação, percebo que a expressão dele muda, se fecha.

— Se isso fosse verdade, eu teria te marcado como minha.

Ele faz uma linha no meu pulso, conectando as estrelas, dando a volta como uma algema, e subindo pelas costas da minha mão até o dedo anelar, e ali acaricia a base como um anel.

— Aqui. Assim, mas um rastro de estrelas.

Meu coração, já maltratado, se contorce e diminui até virar um grãozinho de nada. Ele está querendo chutar cachorro morto? Porque o que está dizendo só nutre os medos e as dúvidas que já venho tentando conter desde que vim parar aqui embaixo.

— Mas ele me marcou, *sim*, como sua — argumento com a voz rouca... e trêmula. Roço a ponta do dedo indicador da outra mão nos lábios. — Aqui.

Os olhos dele faíscam ao focar na minha boca, então se arregalam, escurecendo até virar um cinza tempestuoso.

Espera aí. Ainda está ali? Não tinha parado para pensar até agora que talvez o Tártaro tenha me tirado isso também, junto com os machados e as tatuagens.

Mas, pela reação, ele consegue ver.

— Satisfação... — sussurro, lembrando. — Possessividade. Meu Hades teria me olhado bem assim. — Inclino a cabeça, observando-o. — Mas será que ele me ama de verdade?

A gravação do Hades me encara, e reconheço a pequena hesitação. E talvez eu já esperasse, porque, em vez de ficar chocada, meio que assinto. Se essa versão dele duvida de seus futuros sentimentos por mim, provavelmente é melhor eu fazer o mesmo.

Hades dá um passinho para trás, para longe de mim.

— E ele? — questiona, focando o olhar por cima da minha cabeça, mas agora sei que está olhando para Boone, não para os titãs.

— Ele é meu único amigo aqui embaixo — respondo.

Ele tensiona um tiquinho o maxilar, e só percebo porque estou olhando de baixo para cima. Aí ele se aproxima de novo e, com delicadeza, segura meu queixo entre o dedão e o indicador, inclinando minha cabeça para perto da dele, então me observa, como se memorizando as feições.

— Acho que o Hades não se tocou da concorrência que tem.

Aí, sem aviso, ele abaixa a cabeça e me beija.

E me inclino na direção dele.

Quero o toque dele.

Tento sentir. Senti-lo. Sentir a gente.

Mas não sinto.

Não é como nosso primeiro beijo, quando Hades me ofereceu proteção no Submundo — suave e até hesitante, antes de ficar quente. E não é como nosso último beijo antes de eu vir parar aqui, quando ele reivindicou cada centímetro do meu corpo — em chamas um pelo outro, sem conseguir parar, uma força elementar a que cedemos.

Este beijo é... esmaecido. Como essa reprodução dele.

E meu coração, que tanto ansiava pelo toque dele, já esmirrado por causa do choque e da verdade, vira pó. Vira cinzas.

Essa cópia do Hades deve sentir que não estou na dele — nem de corpo, nem de mente e nem de espírito —, porque ele para. Quando levanta a cabeça, não se afasta muito, só o suficiente para me olhar nos olhos. Será que vê minha decepção? Será que a *sente*?

— Por que isso? — pergunto.

Ele abre um sorriso de tubarão. Predatório.

— Não gosto de concorrência.

Está falando do Boone.

Eu me afasto devagar. E ele foca o olhar em mim, franzindo um pouco a testa.

— Você parece... decepcionada.

— Não é bem isso.

— Então é o quê?

Dou mais um passo para trás.

— Só ficou bem nítido que você não é ele. É tipo uma cópia carbono do século XX: manchada e borrada nas pontas.

Por um brevíssimo instante, acho que o magoei, ao notar o jeito que seu corpo fica tenso. Então ele acena a cabeça para o grupo que me aguarda fora do Cadeado.

— É melhor você ir.

— É.

Giro o corpo em um movimento preciso, digno de honraria militar, mas só dou um passo antes de Hades me chamar.

Paro e olho para trás, encontrando seu olhar prateado, e então ele diz:

— O que quer que faça, não deixa os titãs escaparem.

PARTE 3
AS VERDADES, AS MENTIRAS, AS MENTIRAS MALDITAS E OS DESAFIOS

Tudo muito bom, tudo muito bem, mas aí um titã some.

27

A ARTE DE NEGOCIAR

LYRA

Ao me juntar aos outros, olho por cima do ombro para a réplica do deus da morte, que está na entrada do próprio Cadeado, a menos de seis metros, nos observando com os olhos semicerrados.

Ouço um sopro de ar já familiar, e o arco que se conecta ao Cadeado de Hades vira parede sólida de novo. Forma uma fatia perfeita de pizza arredondada a partir do arco da Héstia. Um símbolo reluzente, desta vez azul, marca o meio do arco de pedra.

O bidente do Hades.

E aí nossos poderes voltam.

A sensação ainda é mil vezes desagradável, como alguém injetando gelo na coluna e a coisa se espalhando, fazendo cada terminação nervosa berrar de dor. Ouço a respiração do Boone ao meu lado quando a dor desaparece tão logo quanto surgiu.

Respiro fundo.

— Isso tudo é uma merda.

— É, sim.

— Perdão. — Perséfone aparece do nada e envolve meus ombros com os braços. — Tô feliz por terem se saído bem.

Parece que ela não nota o quanto fiquei tensa nem o fato de eu não estar retribuindo o abraço.

Afasto-me dela.

— Se acha que um abraço vai remediar o que acabou de fazer, delirou. Me levar pra lá pro Jápeto me jogar no abismo foi sacanagem.

Em vez de demonstrar tensão ou culpa, Perséfone suspira.

— É tão difícil ser paciente às vezes... — responde ela baixinho, mais para si mesma do que para mim. — Você vai querer negociar agora, imagino.

Quando Perséfone se afasta, franzo a testa, porque ela tem razão. Boone e eu conversamos sobre todas as possibilidades em que conseguimos pensar quando estávamos no pilar terrestre e bolamos diversos planos.

— A gente quer, sim, mas não com o Jápeto — declaro, buscando o rosto do titã, e o vejo olhando para mim com uma expressão semelhante a orgulho.

— Você sempre volta com alguma compreensão maior da situação. — Ele acena com a cabeça para o Cadeado de Hades. — Ele sempre te conta e isso nunca redefine nada.

— É. Pois bem, vai se foder.

Jápeto se encolhe, e ao que parece Cronos não consegue resolver que cara fazer. É um sorriso? Uma carranca? Quem é que sabe. O titã está de volta entre os outros, embora sua pele ainda esteja um tanto acinzentada, como se tivesse estado doente.

Desvio o olhar dos dois, analisando os demais, tentando identificá-los. A pele e as marcas incomuns facilitam. Se o Jápeto já foi outrora o pilar do céu ocidental, os outros três titãs devem ser os outros vértices. Um tem uma aura que o cerca como a aurora boreal. A pele do outro me faz lembrar o nascer do sol, ou talvez seja só o brilho que emana dele. E o quarto é claro como o luar, a não ser pelos olhos bem, bem pretos, tomados por pontinhos de luz que talvez sejam estrelas.

Céos. Hiperião. E Crio.

Tento me lembrar do que mais sei a respeito deles, mas estou começando a ficar com dor de cabeça. Volto a atenção às três titânides no recinto e me dá um branco.

Deixa pra lá. Que se dane identificar todo mundo. Estou cansada.

— Então, você quer o quê? — questiona Mnemosine, a máscara de coruja abrindo e fechando o bico no ritmo das palavras.

Ainda não sei ao certo quem está falando.

Ela parece... todos parecem... não bem entediados, mas como se isso fosse um exercício tedioso. Observo bem os titãs reunidos.

Quantas vezes? Quantas vezes precisaram ter esta conversa comigo?

Troco um olhar com o Boone. Ele dá de ombros. Bolamos vários planos de emergência.

O que estou prestes a fazer é um deles.

— Vou tentar abrir o resto dos Cadeados, mas tenho...

— Umas condições — complementa o titã do brilho do sol. — Bem. Vamos a elas.

Com um porte magro, cabelo loiro-dourado, uma barba cheia e, lógico, a pele de nascer do sol, enfim me dou conta de que se esse é o Hiperião, ele é o titã da ordem, da luz e dos céus.

— Aqui, não — intervém uma das titânides.

Mediante a beleza dolorosa das outras, eu diria que ela é comum; tem pele clara, traços delicados que parecem tensos. Ainda é mais bonita que a maioria das mortais. E adoro as tatuagens em movimento com as figuras do oceano no braço, uma pista de que seus poderes têm a ver com os mares, os ventos e o clima — provavelmente Euríbia.

— Não saio daqui até vocês todos concordarem — insisto.

Ela fica sem reação, mas não discute, meio que se encolhe. É comum eles a ignorarem?

— Diga o que quer — orienta Cronos.

Isso vai ser interessante.

— Quero que me preparem pros Cadeados. Chega de só me jogar lá na torcida pra que eu sobreviva. — Olho ao redor. Ninguém contesta, o que não é surpresa. Eles já sabiam dessa condição. — Em segundo lugar, vão todos fazer um juramento indissolúvel...

— No sentido de não ferir os deuses, humanos nem ninguém, quando sairmos daqui? — Crio segura a mão da Euríbia, e sua voz soa tão fria e seca quanto o resto dele.

Agora lembro — o pai das constelações, então... os olhos de luz estelar fazem sentido.

— Crio... — murmura Euríbia, e seu alerta gentil confirma meu palpite.

— Quê? — rebate ele. — Ela sempre pede isso.

Suspiro, frustrada.

Ele tem razão — não tenho nenhuma intenção de soltar os titãs, e não faz mal ter um plano B para o caso de isso acontecer mesmo assim —, mas não gosto nem um pouco da sensação de que eles sabem tudo e só estão esperando que eu termine o discurso. É... bizarro.

Cronos gesticula para os titãs.

— A gente precisa conseguir se defender se os deuses nos atacarem.

— Nossos filhos costumam atacar primeiro e refletir depois — comenta uma titânide.

Febe. O cabelo, preto como a noite, é liso e se espalha pelos ombros ossudos da cor de mel, até a cintura. Há uma mecha de cabelo prateado salpicando o preto, formando uma lua crescente ao redor do topo da cabeça.

Que... triste!

— Vamos incluir uma cláusula no juramento pra considerar essa possibilidade — sugiro.

— Nesse caso, de acordo — declara Cronos.

Olho ao redor. Acontece que... ninguém se opõe nem reclama. Não confio nisso, não. Não confio em nenhum deles. Devem estar bancando os bonzinhos para conseguirem o que querem de mim.

— E a gente quer um alojamento melhor — adiciona Boone.

Contenho a risada. Ele deve estar muito frustrado com a sensação estranha de que sabem tudo o que vamos dizer, então está sacaneando, testando a paciência deles, vendo até onde aguentam, o quanto precisam de mim.

— Todos nós, né? — comenta Mnemosine, revirando os olhos.

— Feito — confirma Cronos ao mesmo tempo.

Alguns titãs franzem a testa para ele. Jápeto, lógico, é quem abre a boca.

— Mas...

— A gente pode usar um feitiço neles — sugere Cronos por cima do ombro.

Jápeto contrai o maxilar.

— Não acho que essa seja uma boa ideia, irmão...

— Eu que vou fazer — insiste Cronos.

— A gente precisa poupar sua energia...

Cronos lança a mão no ar, e até Jápeto fecha a boquinha. Cacete. Eu não sabia que um pedido desses os afobaria tanto.

— Nada de feitiço — argumento. Já estou questionando demais a realidade. — A gente vai lidar com o alojamento que vocês têm.

Todos ficam calados.

— Então... de acordo? — indaga Cronos.

Quê? No geral, peço mais coisa? Ele está me fazendo reconsiderar tudo. Olho para Boone de novo, e ele assente.

— De acordo — concordo.

É como se todo mundo respirasse aliviado ao mesmo tempo, os ombros relaxando. Será que eu nem sempre concordo com as coisas?

Eles se entreolham até que Mnemosine estende a mão, indicando um túnel pelo qual ainda não passamos. Não é surpresa. Não passamos pela maioria.

— Por aqui.

— Cadê a Reia? — questiono. Acharam que eu não notaria a ausência dela? — O Pandemônio a pegou?

Todos os titãs olham para Cronos, que retribui o olhar, desconfortável.

— Que o Cosmos nos conceda a paz... — murmura Jápeto. — Vai buscar a Reia, Cronos.

Buscá-la? Eles a trancaram em algum lugar por ter me ajudado? Nem ferrando.

— A gente pode esperar — digo com a voz doce. Aí cruzo os braços. Imagino que há cinquenta por cento de chance de me jogarem em outro Cadeado só para mostrar quem é que manda, mas estou apostando no fato de quererem minha colaboração. — Se bem que, considerando o Pandemônio, os terremotos e as fendas, talvez não dê pra esperar, não.

Medo.

Descobri que é raro que deuses demonstrem isso. Imagino que seja ainda mais raro para os titãs, mas o sentimento assola todos os rostos diante de mim. Uma tensão lenta se acumula na base da minha coluna e vai subindo como um ladrão, roubando todo o calor que me resta.

Boone assobia baixinho, um sinal de *perigo*, e lanço um breve olhar cúmplice para ele.

Logo atrás dele, vejo Perséfone arregalar os olhos. Ela entendeu? Os assobios de ladrões são complexos — como mandarim ou vietnamita, não são só questão de padrão ou cadência, mas sim de tonalidade. Só os ladrões reconhecem.

— Vou buscá-la — afirma Cronos, me distraindo. — Encontra a gente na sala do mapa.

Então ele vira um borrão ao sair correndo, e seguimos Mnemosine, com os outros logo atrás.

Por favor, que isso não acabe em desgraça.

28

TÚNEIS, PORTAS & PUNIÇÃO

LYRA

A escuridão nos túneis é amenizada por arandelas, embora vários titãs brilhem. O piso aqui é inclinado, e o túnel em si parece fazer curva, subindo em espiral pela pedra da montanha que cerca os pilares.

Estamos a uns quatrocentos metros dos Cadeados quando ouço o primeiro barulho. Ecoa pelo caminho à frente. A zurrada nítida de um burro.

Franzo a testa, olhando para Mnemosine.

Ela não diz nada.

Mas quando fazemos uma curva um tanto mais exagerada, ouço outra vez. Mais alto. Vindo de uma...

— Aquilo é uma porta? — pergunto.

— Pra cela de uma prisão, sim.

— Que barulho é esse?

— Ocnus.

Não consigo evitar o olhar espantado.

— Quê? Ele tá... lá embaixo?

Achei que Ocnus estivesse em algum canto obscuro do Submundo ao qual eu ainda não tinha tido acesso. O homem está condenado a tecer uma corda de palha que um burro come tão logo ele a tece, mas não há registro do que fez para merecer tal punição. Hades deve saber... não que eu possa perguntar a ele.

Viro a mão, acariciando as estrelas no pulso. Que se dane perguntar coisas inúteis a ele. Quero só ouvi-lo me chamar de sua

estrela mais uma vez.

Jápeto enfia o carão entre nós duas.

— Não entra em portas marcadas com um "x".

Olho para a porta pela qual passamos.

— Não tô vendo um "x".

— Ah! O Ocnus é... — Mnemosine comprime os lábios — Ele é... inofensivo. Não tem um "x".

Entendi.

— E as que estão marcadas?

Mnemosine me lança um olhar irritado.

— Se entrar, talvez não saia viva.

— Redefinir o tempo seria *muitíssimo* inconveniente — murmuro.

Mnemosine não só me lança um olhar desta vez. Agora, os olhos verdes, camuflados pela máscara, são desconfortáveis de tão diretos.

— Você nem faz ideia.

O tom pesado, a tensão nos ombros, não são nada levianos. Ela parece mesmo... cansada. Não fisicamente — mais em espírito.

De repente, não quero saber que é real. Porque aí tenho que contemplar quantas vezes eu já posso ter ido parar no Tártaro. Ou passado pela Provação, no caso. Visto Boone morrer, ter sido entregue aos ladrões pelos meus pais, lidado com a maldição do Zeus...

Para com isso, Lyra.

Só vejo um "x" em uma das muitas portas enquanto prosseguimos, e não há som saindo de todas. Mas nas que há... Choramingos baixinhos, respiração pesada, e até uma pergunta trêmula: "Quem tá aí?".

Os titãs ignoram tudo, mal parecem ouvi-los.

Mnemosine para diante de uma porta. Ao aproximar a mão da maçaneta, uma das outras titânides alerta:

— Cuidado.

Em outro borrão de velocidade, Cronos passa correndo, parando de súbito logo depois de mim e Mnemosine, virando-se para observar o túnel do qual acabou de vir, analisando algo mais adiante.

Fico olhando também.

— Já tô aqui, meu amor. — É o que diz uma voz baixa vinda da escuridão atrás dele.

Cronos se vira e é arremessado para trás por uma força invisível no túnel que emana das mãos da esposa.

— Desgraçado... — murmura Reia, com o cabelo se eriçando como se estivesse sendo eletrocutada ou passando por um túnel de vento.

Agora, a voz dela não soa baixa. Nenhum deles fala baixo. Acho que já estamos bem longe do obelisco do Pandemônio.

— Calminha, Reia. — Cronos dá uma tossida enquanto se levanta devagar. — Foi só...

Ela faz um gesto cortante com a mão.

— Silêncio.

A boca dele ainda está se mexendo, mas não sai nenhum som, e começo a rir, mesmo que não devesse. É um momento sério.

Mas é como se ela tivesse mutado Cronos e, porra, é engraçadíssimo.

— Ao menos você não é casada com o Oceano — argumenta - Mnemosine.

Reia gira a cabeça depressa, olhando para a irmã.

— Maldito seja aquele traidor! — declaram as duas em uníssono.

Volto a olhar para Teia, que parece adoentada, assim como Cronos, e anda mancando um pouco. Mas meu foco se volta para a titânide segurando a mão dela como uma criança.

Tétis, a gêmea da Teia, ainda que não idêntica. Ela me lembra um lago gélido e transparente quando congelado. Não na aparência — era para o cabelo castanho-dourado e os olhos azul-turquesa serem escaldantes, sobretudo em contraste com a pele marrom com subtom dourado, mas em vez disso estão opacos. O efeito congelado tem mais a ver com a postura dela: inerte, impassível.

A titânide da amamentação e da fonte de água fresca não parece reagir a todos os xingamentos sendo proferidos em nome do marido. Ela está desolada? Ou já foi destruída?

Ao meu lado, Reia respira fundo para se acalmar e ajeita o cabelo ao redor do rosto. Aí, ela se vira para mim com um sorriso de recepcionista bem fixo.

— Fico feliz por você ter sobrevivido. — Ela aponta para a porta à minha frente. — A gente vai por aqui.

— Ainda não — respondo, quando ela aproxima a mão da maçaneta.

— E agora, o que foi? — resmunga Jápeto.

Reia só para, erguendo as sobrancelhas.

— Só a Reia, a Febe e a Mnemosine podem ir com a gente — declaro.

Vejo como Febe fica sem reação. Ela me observa com os olhos castanhos, profundos e misteriosos, agora perplexos.

— Eu?

Jápeto faz um som de escárnio ao mesmo tempo.

— Só pode ser...

Eu o interrompo:

— Cronos e Jápeto em especial estão barrados. Do contrário, a gente vai ficar muito bem aqui apodrecendo com todos vocês.

E vou ficar visitando o passado do Hades pelo resto do futuro.

— O que foi que *eu* fiz? — retruca Cronos, tendo a pachorra de parecer magoado.

— Você me jogou em dois Cadeados...

— Um. — Ele aponta para trás de mim. — O Jápeto te jogou no segundo.

O projeto de Ken, versão coroa gato turistando, faz cara feia.

— Porque você me mandou jogar.

Cronos olha feio para ele.

É sério esse cara?

— Por que eu confiaria em alguém que decapitou e castrou o próprio pai?

— Por um bom motivo — argumenta ele, um resmungo estrondoso.

— Pois vamos a ele.

Ele só balança a cabeça. Velho teimoso.

Reia suspira.

— Se ele te contar, vai redefinir o tempo. Se você descobrir sozinha, não. Isso acontece toda vez que a gente tenta. — Ela estala os dedos. — A gente começa tudo de novo cento e cinquenta anos atrás.

— Quando cheguei aqui — complementa Perséfone.

Nem olho para ela, concentrada na Reia, que dá de ombros.

De novo isso.

— Só por curiosidade, por que me contar as coisas redefine o tempo?

Reia dá de ombros outra vez.

— Tecnicamente, você é parte do mundo externo, então tem o mesmo efeito em você. — Outro dar de ombros. — A gente acha que é esse o motivo.

— O mundo externo. — Paro para pensar. — Eles não lembram?

Óbvio que não. Do contrário, eu já saberia de tudo isso. Lembraria de ter feito isso antes.

A menos que seja tudo mentira.

— Parece que só quem tá preso oficialmente no Tártaro lembra de todas as outras vezes — explica Cronos, aproximando-se da esposa.

Ele tenta segurar a mão dela e leva um tapa.

E eu sempre acabo aqui.

Ai, meus deuses! Estou começando a assimilar tudo como se fosse verdade. Balanço a cabeça.

— Beleza. O tempo faz tudo isso, e eu faço parte da fuga, e por isso vocês me envolveram nessa situação. Mas isso não significa que eu deva confiar ou gostar de vocês... — Lanço um olhar duro a Cronos. — Você comeu seus filhos pra evitar que eles te destronassem...

Ele endireita a postura de súbito, ficando maior e, de algum modo, mais sombrio.

— Eu. *Não*. Fiz. Isso — declara ele com um tom severo.

Eu me encolho só um pouquinho, surpresa por não ver um relâmpago piscando ao redor dele.

Apesar da própria ira, Reia acaricia o braço do marido, murmurando palavras bem baixinho para eu não ouvir, e Cronos relaxa visivelmente, voltando ao tamanho original, curvando os ombros, de repente parecendo... envelhecido. Ele não me olha.

Então se vira e sai andando pelo túnel, desaparecendo na escuridão.

No silêncio que se assenta como um cobertor úmido abafando a fumaça, Boone aponta para Céos.

— Ele também pode vir.

Se fosse possível um titã ter a vibe de nerd gostoso, seria a do Céos. Como Jápeto, ele usa roupas modernas, como um gamer de short largo e camisa do Metallica. O titã da inteligência e da curiosidade tem uma marca de nascença em forma de estrelas que atravessam a testa. E ainda tem essa aura de aurora boreal ao seu redor.

Jápeto franze a testa.

— E por que ele?

— Porque ele é esperto o suficiente para só ouvir calado — argumenta Boone.

— Vamos — orienta Teia, fazendo cara feia para o irmão e arrastando a Tétis ainda calada e confusa pelo túnel.

— Mas que excelente! — resmunga Jápeto, mas segue os outros, e o brilho deles vai seguindo seus passos.

Reia abre a porta, gesticulando para eu ir na frente.

E caio dentro de uma lasca da ruptura do tempo.

— Lyra! — A voz da Mnemosine ainda ecoa nos meus ouvidos, mesmo em meio ao silêncio da viagem no tempo.

29

... AMOR, MAIS UMA VEZ

HADES

Eu a sinto antes de vê-la.

Quando estou no Submundo, sinto *todas* as almas no meu domínio. No entanto, a diferença dessa em específico é que não está morta.

Deve estar se teletransportando, porque a pressinto bem fraquinho. E ela está se movimentando depressa, mas não de um jeito que faça sentido.

Eu me levanto, e Caronte, meu barqueiro dos mortos, que está aqui para a reunião diária, ergue as sobrancelhas.

Não demonstra nenhuma preocupação, mas não se perturba com facilidade. Não é um esqueleto nem um demônio com fogo nos olhos, como os mortais o retratam — ele tem uma aparência bem normal. Apesar de ter nascido no início dos tempos, parece só um pouco mais velho que eu, ainda na casa dos vinte anos. E, considerando o cabelo castanho-claro bagunçado e os olhos verde-azulados risonhos, muitos o tachariam como alguém que nunca leva nada a sério. Não cometo esse erro, mesmo quando ele relaxa o corpo na cadeira.

— Que foi? — questiona ele.

— Tem alguém aqui.

Ele tamborila o dedo na mesa.

— Não sei se já te contaram, Done, mas têm vários alguéns por aqui...

— Alguém vivo — brado. — E de penetra.

Isso o faz calar a boca.

Inclino a cabeça, tentando identificá-la com mais precisão. Mas, meus infernos, onde é que ela...

Aí a pressinto de novo. Mais perto.

— Só pode ser sacanagem, caralho.

Com um mero pensamento, eu me teletransporto sem me dar ao trabalho de dizer a Caronte para onde vou. Não preciso da ajuda dele para lidar com uma alma tola. Mas tem alguém se teletransportando bem diante da *minha* casa. Quem quer que seja, é como se tivesse declarado guerra ao Submundo. Ninguém vivo vem aqui sem minha autorização explícita. Nem meus irmãos, apesar dos poderes que têm.

Como, em nome do Tártaro, ela conseguiu chegar aqui embaixo, afinal?

Não que importe. Essa deusa — porque só deuses conseguem se teletransportar — não vai continuar viva por muito tempo.

Eu reapareço em um campo rochoso na base do meu castelo no Érebo, a Terra das Sombras, e invoco o bidente com a mente. Ergo o objeto, pronto para empalá-la, no exato momento em que ela aparece.

Porém, quando ela surge, é de um jeito... esquisito.

Franzo a testa, protelando sua morte imediata.

Isso não foi teletransporte, acho. Não faço ideia do que foi isso. Sobretudo por causa do jeito como ela cambaleia, como se tivesse tropeçado no vácuo antes de se firmar, o que não acontece.

— De novo, não... — murmura ela.

Não parece uma pessoa que veio me matar.

Agito o bidente, colocando-o na vertical ao meu lado enquanto ela olha ao redor, ainda de costas para mim, e aproveito para analisá-la. Ela tem uma estatura mediana e porte magro, com cabelo bem preto, mas, à luz parca da noite, não dá para dizer se é curto ou se está preso no alto.

Pela roupa que usa, parece que está indo para a guerra.

Uma calça legging com uma túnica por cima. Faixas de couro no peito, barriga e coxas. Manoplas de couro nos pulsos e botas fechadas com tiras de couro cobrindo a maior parte dos pés.

— Pela maldição de Hades... — murmura ela. — Não tem jardim das águas. Deve ser um tempo atrás.

Mas que caralho é isso?

Sem aviso, ela se vira depressa, como se fosse correr. Só que dá de cara comigo. Com um gesto da mão, mando o bidente de volta ao entrelugar no qual o guardo para ter fácil acesso. Seguro-a pelos ombros, agora confiante na habilidade de controlar meus poderes ao tocar em alguém. Eu a firmo, então chego para trás para vê-la melhor.

Ela levanta a cabeça de súbito.

E fico paralisado.

Conheço esse rosto.

— Lyra... — sussurro.

A única coisa que sei dela é o nome. Lyra Keres.

E só consigo ficar... encarando.

Por anos, sonhei com esse rosto com base em lembranças das duas vezes que a vi antes disso. Sonhei noite após noite com o primeiro ser vivo em que consegui tocar sem que meu poder saísse de controle e acabasse por matá-lo. A suavidade da pele dela. A sensação da sua mão na minha. Uma obsessão adolescente que me seguiu até a vida adulta. Embora agora eu pareça um pouco mais velho que ela. Tenho vinte e quatro anos e logo vou essencialmente parar de envelhecer.

Estamos em pé de igualdade. Diferente da última vez.

Ao que parece, minha memória não reteve detalhes o suficiente.

Ela tem feições delicadas, com um queixo um tanto pontudo e teimosíssimo e bochechas encovadas, como se nunca comesse o bastante. Eu tinha esquecido dessa parte. Ela arregalou os olhos verdes quando a segurei, mas agora estou mais distraído pelo dourado cercando a íris que vejo de perto, como se o metal precioso a atravessasse e espiasse do lado de fora.

Ela me disse que eu não seria perigoso.

Falou que eu controlaria meus poderes, para eu parar de temer a mim mesmo.

Quando apareceu perto da casa da minha família na Superfície, no brevíssimo tempo que tivemos juntos antes de sumir, ela me

disse coisas que ninguém nunca havia me dito. E me tocou como se eu não fosse indigno nem nocivo.

E agora está *aqui*, me encarando, as pupilas dilatando devagar. Como se estivesse reagindo a mim tanto quanto estou reagindo a ela.

Aperto-a com mais força para que não desapareça como aconteceu da última vez.

Ou talvez seja porque não é difícil interpretar sua expressão. Ela está tentando resolver o que fazer. E vejo assim que decide fugir.

— Desta vez, não.

Ela fica sem reação.

— Quê?

A perplexidade dela é tão transparente que só posso acreditar que é real. Ela não se lembra de nada?

Não sou fácil de esquecer. O pensamento me faz parecer um babaca narcisista, injetando uma dose de irritação ao fascínio que me assola. Será que ela se infiltra nas vidas das pessoas desavisadas, lançando umas verdades astutas sobre aceitação antes de desaparecer, com tanta frequência que nem se lembra delas? Uma espécie de fada sádica.

— Você apareceu na praia pra mim quando eu era criança — declaro, a frustração deixando minha voz mais baixa. — E apareceu de novo anos depois, em uma clareira perto da casa mortal dos meus pais na Superfície quando eu tinha dezenove anos, com essa mesma aparência... com a mesma aparência *de agora*, mas com roupa diferente. — Franzo a testa. — Agora aparece aqui. Na *minha casa* no Submundo. Um lugar ao qual as pessoas só vêm quando convidadas ou mortas.

Ela engole em seco.

Não sei que reação eu esperava, mas não era essa. Não quero que ela me tema.

Quero que os outros me temam.

Mas ela, não.

Balanço a cabeça devagar.

— Não vou simplesmente deixar você desaparecer de novo. Não sem me dar umas respostas.

Ela abaixa o olhar, como se com medo de falar, mas aí percebo que está se recompondo, como se vestisse uma armadura. Inclina o quadril para o lado e abre um sorrisinho.

— Quem falou que você vai ter respostas?

Está tentando me irritar? Retiro o que pensei. Talvez seja bom que Lyra sinta uma dose de medo.

Ela foi assim antes também. Irreverente. Sou o deus da morte e Rei do Submundo. Ela não tem noção das coisas?

Caralho! E agora estou aqui nomeando títulos próprios na mente. Talvez eu seja, *sim*, um babaca.

Sinto a carranca se apossando das minhas feições.

Quando acaricia a ruga entre as minhas sobrancelhas, fico chocado e aperto ainda mais seus ombros, e ela faz careta.

— Vai ficar marcado — comenta, baixinho, gesticulando para o ponto em que a toco.

Merda. Forço os dedos a se afrouxarem, parando de apertar sua pele através da túnica de material rústico, mas nem ferrando que vou soltá-la.

— Como você ousa tocar um deus assim com tanta familiaridade?

Só Caronte se aproxima de mim sem se encolher, e nem ele me toca.

Ela abre um sorriso simples.

— Desculpa. Gosto de tocar nas pessoas.

Não. Ela não gosta, não, assim como eu. Não sei como sei disso, mas a verdade está ali nos olhos dela.

— Não mente pra mim.

Odeio mentira.

— Verdade. — Ela cede, suspirando. — Não gosto de tocar nas pessoas.

Cosmos, não consigo decifrar quem é essa mulher.

Ela olha por cima do meu ombro, como se garantindo que não tem ninguém vindo. Como da última vez. Toda hora olhando, nervosa, em uma direção específica.

— Algum problema? — questiono.

Suspira de novo.

— Vamos combinar uma coisa. Não posso responder a... maior parte... das suas perguntas, mas vou falar o que puder se me ajudar a passar despercebida por qualquer outra pessoa aqui.

Despercebida. Porra, para além de não ter permissão de estar aqui, por que isso faz diferença para ela?

Franzo a testa de novo.

— Já te vi desaparecendo a seu bel-prazer.

Inclino a cabeça, analisando seu rosto, pensando em como ela chegou dessa vez — em teoria por teletransporte, só que não — e em como foi embora da última... como se dissipando-se. Mas, se ela está com medo de ser vista, significa...

— Então, você não tá fazendo isso por vontade própria — concluo em voz alta.

Não é uma pergunta. É uma armadilha verbal, e ela caiu, porque arregala os olhos. Tenho razão, mesmo que ela não confirme.

— Tem alguém te mandando me encontrar? — questiono em seguida.

— Não. — Ela alonga a palavra como se não tivesse muita certeza.

Concordo com a cabeça. Uma vez.

— Mas você é uma deusa.

— Sou.

Ao menos isso foi categórico. Ainda que breve. Arrancar respostas da Lyra é como tirar ouro da mão de Midas. Eu me atenho à paciência.

— De quê?

Ela suspira.

— Olha, a gente pode fazer o joguinho das perguntas e respostas em um lugar mais reservado...

— Não tô fazendo joguinho com você, Lyra. — As palavras soam como um grunhido, baixo e gutural.

E quem ela acha que vamos encontrar por aqui? Já é bem reservado.

— Nem eu — retruca ela, me lançando um olhar rebelde que me tira do prumo. — Mas não vou responder mais nada até você me esconder.

Solto outro grunhido.

— Cuidado. Posso separar sua alma do seu cadáver e atirar ela no Submundo com um mero pensamento.

Ou beijá-la até ela ficar mole e quentinha nos meus braços. Ambas as opções me apetecem.

Ela faz um som de deboche.

— Não pode, não.

Eu me afasto um pouco.

— Está me desafiando?

Ela revira a porra dos olhos.

— Você fala tão igual ao seu pai que chega a ser inacreditável.

Há um olhar de pânico no seu rosto depois que ela fala, embora eu não saiba o porquê. Estou em parte achando graça, em parte frustrado.

— Obrigado por isso, pelo menos.

Juro que a reação dela à minha resposta é... alívio. Por quê?

Ela deve perceber que a observo com mais atenção, porque tenta abrir um sorriso persuasivo.

— Reajo melhor à bajulação do que a ordens.

E, simples assim, volto a ficar frustrado.

— Não bajulo ninguém.

— Fica aí a sugestão.

Ela está rindo de mim?

— Pelos deuses, você é impossível.

Ela não consegue conter o sorriso. Do tipo que me convida a entrar na provocação.

— No fundo, você adora isso em mim.

Meu coração bate de um jeito doloroso que logo me causa ressentimento. Passei todo esse tempo pensando nela, e ela nem lembra de mim.

— Ah, é?

Está brincando comigo. Não vai me responder nada. Não sem mais incentivo. Chega de ser bonzinho.

Ainda a segurando pelos ombros, teletransporto a nós dois, puxando-a para mais perto em meio ao vácuo. Não vou arriscar perdê-la. Não sem conseguir respostas primeiro.

Quando chegamos ao destino, ainda fico relutante em soltá-la enquanto a observo analisar o espaço, esperando ver pavor no seu

olhar. Devia haver. Levei-a para um lugar que a faria temer o deus da morte.

Estamos em uma ponte de pedra estreita, sem paredes, acima de um rio de fogo. Não de lava exatamente. Ainda que seja quente, não é tão desconfortável aqui quanto é perto das terras devastadas do Tártaro. O rio de fogo se alimenta daquele fosso.

A caverna aqui é entalhada em pedra, mas todo o resto é feito de camadas e mais camadas de crânios dos amaldiçoados. Eles compõem as paredes, a ponte, as passagens arqueadas que dão nas celas. E estão fundidos um no outro pela morte, pela podridão e pelo mal — as almas de fato mais vis. As almas que escolhi punir com a maldição ardente e eterna são mandadas para esta parte do Submundo.

— Flegetonte? Sério? — Ela não parece nadinha impressionada. — Se está tentando me assustar, não vai funcionar.

Sorrio para mim mesmo.

— Acho que vou ter que me esforçar mais, então.

Seguro-a pelo braço e a levo pela ponte até um conjunto de celas nas masmorras, enfio-a em uma delas e fecho a porta, que se tranca automaticamente com um clique satisfatório.

E me afasto.

— Ei! — Lyra corre para a porta, segurando as grades e enfiando o rosto entre elas. — Não dá uma de babaca.

Nem fodendo que vou falar pela terceira vez que ela acabou de ousar fazer o que ninguém faz me xingando desse jeito. Não me viro.

— Não sou eu que tá guardando segredo das coisas. Vamos ver se ficar sozinha aqui solta sua língua.

Então me teletransporto, levando comigo o arquejo indignado da Lyra. Música para os meus ouvidos, caralho.

30

O TEMPO ESTÁ A MEU FAVOR

HADES

Vinte e três horas. Quase um dia. Parece uma eternidade.

Achei que ela cederia em minutos, no máximo uma hora. Se fechar os olhos, ouço e vejo tudo o que ela está fazendo lá embaixo. A maior parte das almas não dura mais que alguns segundos nas celas sem confessar tudo para mim. Estou bastante tentado a usar meus poderes para obrigá-la a confessar. Posso fazer isso. É assim que julgo os mortos ao chegarem, mas não parece certo.

O que faz de mim um poço de generosidade.

Embora isso já tivesse ficado claro, por eu ter providenciado um travesseiro e comida para ela. Ao menos me contive e não fui eu mesmo até lá — o que não foi nada fácil, considerando que só consigo pensar em ir lá ficar perto dela.

Caronte, sentado à mesa do café da manhã, suspira alto.

— Dá pra parar de andar de um lado pro outro? Tá me deixando tonto.

Fico parado e faço uma careta para meus pés porque nem tinha percebido que estava fazendo isso.

— Ela não vai ceder. — Ouço a resignação na minha voz.

— Não — concorda ele, quase com alegria.

Lanço-lhe um olhar atravessado.

— Tá achando graça?

Ele nem tenta esconder o sorriso.

— Tô achando fascinante, Done.

É o apelido que ele me deu, uma abreviação de Edoneu, o outro nome pelo qual sou conhecido. Isso quando ele não me chama de Filo, que vem de Tanatófilo, que ele usa com o significado de "irmão da morte".

— Não vai me contar quem ela é?

Não é a primeira vez que ele pergunta.

Estreito os olhos.

— Acho que você nunca teve medo o suficiente de mim.

Além da Lyra, o Caronte é o único ser que não tem medo de mim, embora, diferentemente dela, ele acredite na profecia. Quando nos conhecemos, quando eu ainda era bem jovem, perguntei por que ele não tinha medo.

Ele me deu uma olhada e respondeu:

— Não esquenta comigo, Tanatófilo. Se você atear fogo no mundo, a gente cuida deles aqui embaixo. Todas as almas chegam aqui pra gente em algum momento.

Com um resmungo irritado, arranco a romã da mão dele, junto com a faca que ele fazia menção de pegar. Então me teletransporto para o Flegetonte e para a mulher que está me virando do avesso aos poucos, mesmo enquanto dorme na cela.

— Aqui — declaro, enfiando a fruta e a faca pelas grades.

Ela está deitada de costas para mim. Depois de um segundo, vira a cabeça só um pouco para me olhar, e então uma risada breve e áspera escapa.

— Que foi? — Franzo a testa. — Não gosta desta fruta?

Ela solta uma risada seca e se levanta, atravessando o espaço pequeno até chegar à minha mão estendida.

— Ah, eu gosto de romã, sim.

Ela me ignora, sentando-se de pernas cruzadas no chão e usando a superfície de pedra como tábua de corte. Ela nem me olha enquanto corta o topo da romã. Então, acompanhando as linhas naturais da fruta, descasca-a e vai separando os gomos como se fosse uma laranja. Depois morde e sorri, murmurando de satisfação.

O som me deixa tenso.

— Nunca vi ninguém comendo romã assim — comento.

— É o TikTok. Faz pouco tempo que vi o macete de como comer romã sem fazer lambança.

Talvez eu a tenha deixado aqui embaixo por tempo demais. Agora não está falando coisa com coisa.

— O que é um “tique-toque”?

Ela para com a fruta a caminho da boca, então faz uma careta.

— Esquece.

— Não vou esquecer as coisas só porque você mandou — argumento, em um tom seco.

— Passou um dia todo, sabe.

Percebo a mudança de assunto, mas resolvo permitir.

— Eu sei. E, ainda assim, você não pediu socorro, não exigiu ser solta, nem tentou negociar. Nenhuma vez. — Não consigo evitar transparecer a perplexidade na voz.

— Você podia ao menos ter me dado um livro ou algo do tipo.

— Um livro? Isso é que nem um tique-toque?

Outra pausa.

— Esque...

— Por favor, para de dizer isso.

Essa conversa já está a uma distância infinita de onde era para estar.

— É, bem... — Ela foca em mim. — Seria legal não precisar ficar esticando o pescoço pra te olhar.

Então dá tapinhas no chão.

É sério isso?

Devo ter feito careta, porque ela ri.

— Quer que eu me sente no chão pra falar contigo?

— Por que não?

— Porque...

Paro de falar quando ela inclina a cabeça, claramente pronta para que eu a lembre quem sou e como ela deveria ter medo de mim. Merda, essa mulher nunca tem uma reação normal.

Respiro fundo.

— Por que não, realmente...

Eu me sento do lado de fora da cela, me encostando nos crânios que compõem a parede. Estico as pernas à frente e cruzo um

tornozelo por cima do outro, muito provavelmente enchendo a capa de lã de poeira.

— Viu só? — provocou ela. — Bem melhor.

Ela está debochando de mim? Sinto outra onda de tensão e, ainda assim, não consigo conter a risadinha. Pelo Submundo!

— Você não é o que eu esperava, Lyra.

— Você lembra — sussurra ela.

Fico imóvel tanto por causa das palavras quanto pelo medo que a faz arregalar os olhos assim que as profere. Não medo de mim, acho. Porque ela olha ao redor como se esperasse que o teto de repente desabasse.

Enquanto está distraída, aproveito a oportunidade para analisá-la mais de perto. Ela é linda. Não perfeita, porém. O que é incomum para deuses. Mas, para mim, as imperfeições a deixam mais...

Caralho! Quase pensei na palavra "fofa". Qual é o meu problema?

E, mesmo assim, não consigo parar de olhar para ela.

Tem uma marca na sua bochecha, resultado do tempo que passou deitada, e seu lábio superior é um pouco maior que o inferior. Há uma saliência mínima no seu nariz, e eu tinha razão sobre o queixo teimoso. Eu dispensaria a teimosia. Contudo, é a cicatriz de meia-lua na parte externa do olho direito que me chama mais a atenção. Deuses não ficam com cicatrizes, a menos que a ferida seja tão traumática que nosso processo de cura não dê conta. O que aconteceu com ela?

Seu olhar oscilante, de repente, foca em mim, e ela fica paradinha, encarando de volta. Aí algo nos seus olhos reage ao fascínio dentro dos meus e vira calor.

Preciso conseguir compreender a mulher e, sobretudo, minha reação a ela. A única coisa que deveria me importar é saber quem ela é e por que está aqui.

— É a terceira vez que você aparece onde não deveria, e perto de mim — declaro devagar, ainda tentando me livrar do efeito estranho que ela causa. — Óbvio que eu lembraria.

Ela fica sem reação.

— Tá me considerando uma ameaça?

— Você não envelheceu nadinha, e é óbvio que tem poderes. Ainda assim, não é uma deusa conhecida. Nem dos outros panteões

ao redor do mundo.

Ela entreabre os lábios, surpresa.

— Você tentou me encontrar?

Se *tentei* encontrá-la? Vasculhei os registros atrás dela, procurei-a em cada reunião dos deuses, fiz perguntas discretas. "Tentar" é um eufemismo. Faço uma careta, um gesto mais autodepreciativo do que eu deveria demonstrar.

— Desse modo... — Não tenho que responder nada, prossigo com a minha própria interrogação. — Ainda não decidi o que acho de você.

— Justo.

— Você também fala de um jeito esquisito.

Ela ri. Ri como se não houvesse grades de uma cela entre nós.

— É. Foi mal.

Aí ela estica o braço por entre as grades e me oferece um gomo de romã, e as tatuagens no seu pulso chamam minha atenção. Quando pego a fruta com uma das mãos, uso a outra para segurar seu pulso. Com delicadeza, mas também com firmeza para ela não se afastar.

— O que significa isso? — questiono, acariciando a tinta preta dos desenhos com o polegar.

Parece que as duas estrelas no pulso piscam para mim em resposta, e com o mínimo contato físico, sinto-a tremer.

O impulso de puxá-la pelas grades para o meu colo e fazê-la tremer ainda mais me invade como um animal feroz, firmando-se dentro de mim.

Ela me distrai quando enfia a outra mão pelas grades, agora com os dois pulsos para cima, as estrelas se alinhando.

— Elas formam o Cinturão de Órion. Quando era criança, conseguia vê-las da janela do quarto.

Observo a formação familiar — três estrelas enfileiradas — e agora, em vez da tensão nas entranhas, é meu coração que reage. Eu também observava aquelas estrelas quando era criança, da janela do meu quarto mortal.

— Fiz muitos pedidos às estrelas à toa... — murmura ela.

Eu também.

Passo o polegar pela tatuagem de novo, querendo causar outro tremor. Quando ela estremece... satisfeito é pouco para o que sinto. Quero... *mais*. Quero sempre mais quando se trata dela.

Ela puxa o braço, mas não solto.

— Me solta.

— Ainda não.

Puxa com mais força.

— Por que não?

— Porque preciso que fique assim, nervosa.

Para conseguir respostas, digo a mim mesmo. Mas é uma mentira deslavada. *Gosto* de fazê-la tremer. Mais do que deveria.

Ela me lança um olhar feio e torna a puxar o braço.

— Você sabe ser um escroto.

Escroto. Olha as palavras que ela usa! Mas agora está mais mansa. Relaxada. Bem como eu queria que ficasse quando desci aqui. Para me dar respostas.

— Você vai responder às minhas perguntas, Lyra. — Desta vez, uso o tom autoritário do deus da morte.

O lampejo nos olhos dela é seguido por outro tremor, junto a uma palpitação no seu pulso que sinto no polegar. A reação prende toda a minha atenção.

Ela *gosta* do meu tom autoritário?

O que começou como um simples fascínio adolescente por uma mulher inalcançável que desapareceu se transforma em um rompante de desejo bem adulto e perigoso, que ruge. Um que não faz sentido nenhum, cacete. Não quando, fora da cela, ela poderia me largar para trás ao seu bel-prazer. Não considerando quem sou e o que farei um dia.

Apesar desse e de mil outros motivos, fico parado, todos os meus sentidos atentos e focados apenas nela.

Ela me encara de volta, mantendo o contato visual por um momento corajoso, antes de desviar o olhar. Não por medo, mas para esconder a própria reação. Mesmo assim, percebo, e uma satisfação implacável me assola.

Não sou o único lutando contra essa coisa entre nós, algo tão palpável que fico surpreso por não ter uma aura visível.

Ela engole em seco, a linha delicada do pescoço se mexendo, e despeja mais palavras:

— Sua casa ficaria bem mais bonita com um jardim de águas na frente dos muros.

Estreito os olhos. Um jardim de águas? Lembro do ponto em que ela apareceu, o piso plano da montanha naquela região, e imagino água, flores e pontes... e Lyra ali. É só uma ideia extravagante... ou ela já esteve na minha casa em algum momento do futuro, quando havia um jardim de águas?

— Lyra... você é uma deusa que manipula o tempo?

31

UMA QUESTÃO DE TEMPO

LYRA

Merda. Ai, merda. Falei "ficaria", não foi? Não falei que ficou, tinha ficado ou ficará. Como, em nome de... bem, de Hades... ele chegou àquela conclusão lógica? Sempre foi esperto até demais.

— Não — respondo, baixinho, e respiro fundo. — Só seu pai tem essa habilidade.

— E você conhece meu pai. — Não foi uma pergunta.

Também não detectei ódio. Acho que ele ainda não prendeu o pai. O que significa... que, se este for mesmo o passado... então o que quer que tenha acontecido para fazer com que ele e os outros tomem essa atitude também ainda não aconteceu.

Há também uma camada de satisfação na voz dele na qual não confio.

— Lyra... — insiste ele.

Ele quer uma confirmação.

— É ele quem fica te mandando me encontrar? — questiona quando não respondo.

Não exatamente. Cronos rompeu o tempo. Foi só isso.

— Não.

— Mas você vem, *sim*, de um tempo que ainda vai acontecer?

Deuses, isso é tão difícil! *Quero* contar a ele. Quero me aninhar no seu colo, confessar tudo e deixar que aqueles ombros largos aguentem meu peso. Que aquela mente afiada me ajude a lidar com toda a situação.

Mas não posso.

Não posso arriscar tudo. Ainda não.

Engulo em seco.

— Só posso dizer que eu nunca te machucaria. Nem você, nem ninguém que você ama. Isso vai ter que bastar. É arriscado demais dizer qualquer outra coisa.

Conheço Hades. Sei que não será o suficiente para ele.

Espero que ele reaja com frieza. Que me solte e se afaste. Que me deixe aqui para reconsiderar o que tenho a dizer.

Em vez disso, ouço um estalo metálico — a tranca da cela se abrindo.

Meu olhar encontra o dele, mil perguntas implícitas entre nós.

— Pois bem.

Hades me solta, e nos levantamos, então ele abre a porta da cela e gesticula para que eu saia.

Não se afasta quando saio para a caverna, porém, e o calor do seu corpo se infiltra no meu com nossa proximidade, o que percebo bem, apesar do fogo fluindo aqui perto. Ele leva os dedos ao meu queixo, erguendo minha cabeça para que eu o olhe nos olhos. Inclina-se devagar, ainda mais perto, e prendo a respiração.

Ele vai me beijar?

Pelos deuses, quero que beije. Senti falta do toque dele, do gosto da sua boca, tanto que o desejo dói. Começo a tremer.

Mas ele para um tantinho antes de me tocar.

— Se trair minha confiança, ainda que uma vez, vou te jogar aqui embaixo e esquecer onde guardei a chave ou da sua mera existência.

O que ele faria se eu chegasse um pouquinho para a frente?

— Contanto que você entenda que há coisas que não posso te contar e perguntas que não posso responder, e isso não quer dizer que eu estou traindo sua confiança.

Seus olhos cinzentos brilham como prata derretida, e ele acaricia meu lábio inferior com o polegar. Uma carícia suave que me faz perder o fôlego.

Ele respira rápido, os ombros subindo e descendo.

— Tenho um pressentimento estranho de que você vai ser um perigo, minha estrela.

Quando sorrio, o gesto pressiona mais minha boca no polegar dele, e imagino como seus olhos se acenderiam se eu chupasse seu dedo. Mas não faço isso. De algum modo, encontro um pingo de autocontrole e não faço isso. Em vez disso, me afasto.

— Eu juro que represento mais perigo do que você imagina.

Ele solta uma risada curta e suave, então se afasta bruscamente, os ombros para trás, a coluna retíssima.

— Vem.

Hades me segura pelo cotovelo e em um piscar de olhos reaparecemos em um corredor todo decorado dentro de um edifício — mármore com pintura brilhante e adornos dourados. Voltamos ao Olimpo, acho.

— Não podem me ver aqui — afirmo, olhando ao redor.

Ele solta meu cotovelo e sai andando.

— Não vão te ver.

Vou atrás, entrando pelas portas duplas bem à frente. Acabamos dentro uma suíte luxuosa com diferentes cômodos, e então reconheço os toques pessoais. Fico imóvel ali no piso elaborado com desenhos de mosaicos.

— É a sua suíte.

— É.

— Isso é uma boa ideia?

Meu coração grita *sim*, mas não é justo com ele. Nem com ele nem comigo, na verdade.

Ele para e me lança um olhar.

— Tá com medo de não conseguir resistir a mim?

— Tô.

A julgar pelo jeito como seus ombros ficam tensos, ele não esperava que eu respondesse a mais pura verdade. Porém, não diz nada nem menciona minha confissão. Em vez disso, passa por um corredor que leva a um quarto pomposo, composto por, acredite se quiser, uma banheira — ou talvez uma piscininha — no meio do espaço, já cheia de água quente e perfumada.

— Você pode tomar banho aqui.

Um paraíso.

— Obrigada.

Ele faz menção de sair, mas para à soleira da porta e me lança outro olhar. Um olhar inexpressivo, que sei que é deliberado e, provavelmente, esconde um oceano de sentimentos.

— Não vou transar com você, Lyra.

Num instante, minha boca fica seca, e dou uma tossida.

— Não vou te beijar, nem te tocar de nenhum jeito íntimo.

Consigo pigarrear.

— Que... — decepcionante? Enlouquecedor? Me dá vontade de incorporar a Afrodite e ver se consigo tentá-lo a desistir da própria decisão? — ... bom, provavelmente.

Há uma leve oscilação na sua fachada inexpressiva. Ele não gostou da resposta?

— Contanto que a gente entenda um ao outro — diz por fim, e então me deixa sozinha no belo quarto.

Só quero correr atrás dele e infringir a regra maldita que ele acabou de estabelecer. Mas a linha temporal está nítida.

Fecho os olhos e respiro fundo para controlar o impulso. Respiro fundo para digerir a ideia de que este momento está acontecendo muito tempo antes de ele me encontrar no templo do Zeus. Antes de ele me beijar para me dar um acesso seguro ao Submundo e me marcar como sua.

No primeiro dia da Provação, ele se afastou depois do beijo que era para ter sido breve e casto, mas que virou fogo e desejo em um instante, e murmurou: "Achei que...".

Aquele foi mesmo nosso primeiro beijo? Será que ele já pensava em me beijar antes daquele momento? Será que ele pensou *hoje*? Qual teria sido a sensação? Qual seria meu gosto? Como eu gemeria para ele?

Esse tempo todo, será que era nisso que ele pensava?

Do jeito que ele estava olhando para mim...

Respiro fundo de novo e abro os olhos. Bem a tempo de ver aquela fenda temporal vermelho-sangue, cristalina e reluzente me engolir toda, me levando para longe de Hades e de volta ao Tártaro.

Contudo, em vez de um dia todo ter se passado, volto exatamente para onde estava, no túnel com os titãs. Pelo que vejo, para eles só se passaram alguns minutos.

— Caralho... — Acho que é Céos que murmura. — Já?

Ainda estou tentando digerir tudo. Todos os momentos roubados com Hades, e também a interação com a cópia dele aqui embaixo, estão se misturando na minha mente, e os sentimentos disparam como projéteis dentro de mim, me deixando com buracos invisíveis.

Mnemosine olha uma vez para mim e coloca a mão no meu ombro. Minha cabeça está a mil. Ela olha para Reia.

— A gente pode esperar para te contar mais coisa — declara Reia.

— Tá tudo bem — consigo responder, enfim. — É melhor... continuar.

32

SETE CADEADOS & UMA SALVAÇÃO

LYRA

Quando entramos na sala, ouço um baque e, quando olho para trás, vejo Boone impedindo Perséfone de entrar.

— Você vai com eles — declara ele, acenando a cabeça na direção em que os outros foram.

Pela primeira vez, uma expressão de mágoa passa pelo rosto da deusa da primavera.

— Mas...

— Não tá aberto a debate — insiste, entrando e fechando a porta na cara dela.

Desviando o olhar dele, analiso o espaço. Há uma mesa alongada enorme sem cadeiras, uma placa de pedra suspensa que parece entalhada na montanha. De início, juro que vejo um brilho vermelho leve emanando da coisa, mas em um piscar de olhos, some.

Reia gesticula para a mesa e o objeto muda de forma, ou acho que só modifica o tampo para renderizar uma estrutura 3D.

Um mapa.

Olho para a titânide.

— É um feitiço — explica ela.

Eles conseguem fazer feitiços desse nível? Conjurar coisas reais, não apenas visões e ideias?

Boone se aproxima, analisando o desenho. Embora não case com o mapa que ele desenhou na terra dentro do nosso esconderijo no pilar, chegou bem perto.

— A gente tá aqui. — Reia gesticula de novo e o modelo 3D se movimenta, começando nos Cadeados e depois atravessando o caminho que seguimos para esta sala.

Dando zoom, vejo as ramificações específicas dos túneis, o modo como se curvam e serpenteiam. Algumas se inclinam e cruzam com outras, enquanto algumas são becos sem saída. Cobrem dezenas ou centenas de metros. Algumas são profundas, e nem todas têm celas.

Será que os titãs tentaram cavar para escapar? Fica nítido que não deu certo.

Ela acena, e a mesa se achata e se modifica, recriando a ponte acima do abismo no qual toda hora me jogam. O círculo perfeito mostra os portões no topo e a ponte atravessando o túnel que segue pela lateral externa do abismo até a caverna lá embaixo. E aí, na base do abismo, o círculo é dividido em sete pedaços maiores, como fatias de uma pizza.

Céos aponta.

— Esses são os dois Cadeados que você abriu.

Em dois dos sete pedaços, estão as marcas reluzentes da Héstia e do Hades. Debruço-me sobre a mesa, analisando os detalhes. Entalhado no relevo 3D, há um Pesadelo no pedaço de pizza da Héstia e um conjunto de cavalos no do Hades.

— Por que vocês mesmos não os destrancam? — questiona Boone.

Hades mencionou algo sobre eu ser mortal no início, e agora meio que sei o porquê.

— Porque eles não conseguem.

Boone foca em mim, com um olhar confuso.

— Quê?

— Eles morrem quando entram em um Cadeado. — Olho para Reia. — Não é?

Os titãs presentes se viram, solenes como carregadores de caixão em um velório, o ar pesado tomando o espaço, e sei que estou certa. Os Cadeados retiram os poderes sobrenaturais antes de sermos testados. Já aconteceu duas vezes. Boone e eu nascemos mortais sem poderes, então provavelmente voltamos àquela condição. Mas os titãs são diferentes.

Só pode ser isso.

Salvação.

Eu sou a salvação deles.

A única chance de escaparem.

Reia respira fundo.

— A gente perdeu a Têmis antes de perceber isso.

É ela que está faltando.

Têmis. A titânide da justiça, mãe das Horas e das Moiras. Ela morreu?

— Ela achou que conseguia lidar com o da Héstia porque eram muito próximas — explica Febe. — Mas, se tiram nosso poder, a gente deixa de existir.

Para matar um titã, basta remover seu poder? Será que isso serve pros deuses também — os que nasceram mortais, como Boone e eu? Ninguém me passou os pormenores antes de eu assinar o contrato de deusa. Com certeza, não. Não que eu tenha assinado nada também.

Eles aprenderam da pior forma.

Não sei bem como responder a isso, nem se querem que eu responda, então mudo de assunto.

— Tenho mais perguntas sobre o lance da viagem do tempo — comento, expondo a teoria do Boone: — Se a coisa leva a gente pro passado, por que a gente volta? Não dava só pra fugir e ficar por lá? Não tem como escapar assim?

Reia cruza os braços. Até esse gesto é elegante.

— Merda... — murmura Mnemosine com um tom seco. — Por que a gente não pensou nisso?

Lanço um olhar impaciente a ela.

— A gente tentou — explica Reia, com uma voz calmíssima.

Óbvio que tentaram.

— Não importa pra onde você vá, a fenda te encontra e te traz de volta pra cá. O Jápeto uma vez conseguiu ficar longe por dois anos antes de a coisa o encontrar. — Reia fala como se quase achasse o feito impressionante.

No entanto, ele foi trazido de volta ao Tártaro.

Anos. Fiquei longe um único dia, mas parece que aquele tempo aqui basicamente se perdeu.

É possível que anos inteiros simplesmente sejam apagados?

— Então, é por isso que o Céos e o Jápeto estão usando roupas modernas e vocês todos conhecem o linguajar atual? — indago. — Porque visitaram os tempos modernos através das fendas?

Todos assentem.

— Mas agora estão com medo das fendas?

Outra olhada para Reia.

— A gente tem que tomar cuidado — explica ela devagar.

Aí me dou conta de que, quando me viram ser levada — por duas vezes já —, não ficaram com medo por si mesmos... ficaram com medo por mim. Por quê?

— O tempo para de vir buscar vocês e passa a vir me buscar?

A julgar pelo jeito como Céos ergue as sobrancelhas devagar, acho que meu raciocínio avançado o impressionou.

— A gente não sabe ao certo. — É só o que ele responde, porém. — Melhor focar nos Cadeados.

Depois de trocar um olhar com Boone, nos debruçamos sobre a mesa, analisando tudo sob a ótica aguçada de ladrões.

— Fogo pra Afrodite... — murmura Boone, apontando para o símbolo.

— Estou mais preocupada com isso — respondo, apontando para o Cadeado de Hera, no qual aparece uma criancinha chorando no colo da mãe.

Tem alguma coisa... sinistra... na postura delas.

— É. — Ele estreita os olhos de um jeito que me é familiar. Está bolando planos. Então olha para Reia. — Você já explicou tudo isso pra ela antes, né? É melhor focar em um por vez, ou a gente precisa se preparar pra algum deles de antemão?

Pela primeira vez desde que chegamos aqui acho que a rainha dos titãs lança um olhar parecido com respeito a Boone.

— Como as outras informações, não vamos despejar de uma vez tudo que ela vai enfrentar nos Cadeados. Vale se preparar mais pro de Poseidon. No mais, lidar com um por vez funciona. O problema é o de Afrodite — adiciona ela, apontando.

— Eu avisei... — murmura Boone para mim.

— A Lyra nunca conseguiu passar por ele. Óbvio, senão a gente já estaria livre a esta altura.

Boone fica sério tão rápido que parece feito de granito.

— Como assim... nunca conseguiu passar?

As feições da Reia se suavizam um tantinho, como se tentasse amenizar a frase.

— Ela morre lá dentro — elucida ela, com delicadeza. — E, para além do muro de fogo, a gente nunca conseguiu ver o que ela enfrenta.

Por um segundo, tenho certeza de que Boone vai me proibir de entrar lá. Mas depois de balançar a cabeça duas vezes, relutando contra quaisquer que sejam seus pensamentos, ele não diz nada. Relaxo um tico. Porque não posso brigar com os titãs, destrancar os Cadeados *e* discutir com ele. Não mesmo.

— Também não dá pra usar a força e a velocidade de deusa dentro dos Cadeados — lembra Febe.

Aprendi isso da pior maneira. Duas vezes.

— E os músculos humanos dela são uma vergonha, então isso vai ser um problema de novo — comenta uma voz à soleira da porta.

É como se o titã não tivesse conseguido se conter.

Suspiro, porque não adianta mais excluí-lo agora.

— Tem alguma outra sabedoria para compartilhar?

Cronos foca na Febe.

— E ele?

Ele quem?

Ela balança a cabeça.

— O ladrão não apareceu nas minhas visões ainda.

Ah, Boone!

— Ainda dá pra você me usar — argumenta Boone. — Eu entro primeiro. Se eu morrer, você ainda tem como mandar a Lyra atrás.

— Se você acha que é assim que as coisas vão rolar, está tão delirante quanto ele — retruco, gesticulando para Cronos.

— A gente treina vocês dois e decide depois — declara Cronos.

Uma situação que acho que nenhum de nós considera ideal, mas ninguém contesta. Nem Boone e nem eu.

Suspiro.

— Combinado, então.

— Excelente — diz Cronos, batendo e esfregando as mãos. — E hora de montar uma nova pista de obstáculos. — Ele olha para mim. — Como andam suas habilidades com a foice de mão?

33

CUIDADO COM O QUE PEDE, PORQUE... QUE SITUAÇÃO BOSTA!

LYRA

Ainda não acredito que os titãs conseguem criar um feitiço desses.

Uma pista de treinamento completa. Fica ao ar livre, depois dos pilares e das terras de fogo, o que garante o calor. Eles precisaram se unir para criar tudo, e o resultado ficou impressionante. Fomos orientados sobre para onde fugir se o sino tocar e o Pandemônio aparecer. Como se eles ligassem. Ou talvez o Pandemônio nem exista. Seja só outro mecanismo de controle, como o bicho-papão ou o monstro debaixo da cama. Uma história de dar medo.

Não que isso importe enquanto a água estagnada e transparente vem ao meu encontro. Ou, melhor, enquanto eu caio em direção à água. Rápido. Me preparo, porque sei que vai doer.

Não consigo girar no ar para cair de pé como fui orientada, dando uma bela barrigada depois de uma puta queda. O ângulo joga minha cabeça para trás, mas o pior é o choque imediato de eletricidade que passa pelo meu corpo, fazendo meus músculos se contraírem. Por alguns segundos aterrorizantes, fico sem conseguir me mexer, apenas flutuando submersa, impotente, cada vez mais fundo, como uma folha seguindo para o fundo de um lago.

Dura tempo suficiente para minha mente começar a pifar pela falta de oxigênio, então o choque me liberta, me permitindo emergir cuspindo e tossindo. Depois da primeira vez, aprendi a manter o cabelo preso em uma trança, porque o peso dos fios molhados todos juntos no meu rosto quase me sufocou. Mas ao menos a eletricidade para.

Por que fui pedir aos titãs para me treinarem para os malditos Cadeados?

— Isso foi horrível! — grita Cronos, lá do início da pista de obstáculos enquanto sigo para a beirada da piscina. — Você tá fazendo algum esforço?

Eu me seguro na parede e lanço um olhar feio para ele.

— Acho que tomei gosto por levar choque e me afogar várias vezes seguidas — grito em resposta. — Um fetiche diferenciado, né?

Ouço uma risadinha atrás de mim e, quando olho por cima do ombro, vejo Boone casualmente encostado na estaca no fim da pista de obstáculos pela qual estamos aprendendo a correr. Já com a tarefa completa. Sem um arranhão. Sequinho, sequinho. De novo. Óbvio, porque os anos de treinamento e de ladroagem o tornaram ótimo nisso.

Já eu, não consegui nem uma vezinha.

Olho feio para ele também.

— Você sabe que, se este fosse o Cadeado de Poseidon, eu já teria virado marmita de enguias elétricas gigantes, né?

Isso o faz parar de rir, mas juro que ainda vejo sua boca tremendo quando ele ergue as mãos em rendição.

O deus dos oceanos e águas parece um mágico de um truque só quando se trata das suas provações preferidas. Água, monstros e tentar escapar de ambos. Não precisa se preocupar com os monstros a menos que você caia, mas aí a morte já é certa de qualquer forma.

Então... sabe... as peripécias divinas de sempre. Ah, esses deuses palhacitos!

A Reia e a Tétis estão nos preparando para o Cadeado de Deméter, que enfrentaremos antes do de Poseidon, mas insistem que não podem contar muita coisa sem redefinir o tempo *de novo*, então só posso imaginar que tenha a ver com colheita.

— Vamos outra vez. — Cronos, que deve ter se aproximado, enfia a mão na frente da minha cara e, depois que a seguro, me puxa para fora com facilidade, e uma enxurrada de água escorre do meu corpo. — Você já conseguiu fazer isso antes — declara ele, me conduzindo para a linha de partida da pista. A decepção

transbordando da voz dele faz com que eu me empertigue como um cachorro eriçando os pelos. — O que está havendo?

Respondo, entre dentes:

— Sou baixa demais. Não consigo manter a aderência entre as paredes.

— Baixa... — Ele me analisa com mais atenção. — Isso nunca foi problema antes...

— Juro que, se você falar isso de novo, arranco suas tripas.

Não vou, não. Ainda não. Acontece que ele vem ajudando, *sim*, ainda que do seu modo estranho.

O desgraçado sanguinário gargalha, mas aí me pega pelo braço, me puxando até encostar o peito no dele.

— Êêê... — Ouço os passos apressados de Boone.

Mas Cronos só espalma a mão no alto da minha cabeça e a puxa para perto. Mesmo com meu um metro e sessenta e cinco, bato na metade do peito dele.

— Você encolheu.

Encolhi? Sério? Dou um passo para trás.

— Tá dizendo que antes eu era mais alta?

— Um pouquinho. — Ele franze a testa. — Como isso é possível?

— É mais fácil você saber do que eu.

Ele concorda.

— Deve ter sido sua criação.

Dou de ombros.

— Meu mentor e chefe na Ordem dos Ladrões, Felix, adorava ficar falando como eu estava desnutrida quando meus pais me largaram lá com ele.

Cronos analisa minha expressão, como se tentasse definir se estou de sacanagem ou não.

— É verdade isso? — indaga ele, mas antes que eu possa responder, termina de me analisar. — E você tá mais magra. O que, em nome do Tártaro, aconteceu pra eles te fazerem passar fome, Alani?

— Agora tá *me* culpando? — Cutuco seu peito. — Você tem que falar é com seu filho, porra.

Ele olha para o ponto em que o cutuquei quase como se não compreendesse que fiz isso. Não dá para ter certeza porque está com a cabeça inclinada, e a barba desgrenhada esconde sua boca, mas por um minúsculo segundo, acho que ele sorri. Isto é, antes de erguer o olhar e franzir a testa de novo.

— O que o Hades fez?

— Não Hades. *Zeus*.

— Zeus? — repete ele, sem reação.

Inclino a cabeça, lançando-lhe um olhar significativo.

— Agora que conheci o peixe grande de onde o peixinho veio, não dá pra dizer que tô muito surpresa.

Mas Cronos não responde. Está me olhando, mas acho que não está me vendo. Há um sentimento oculto nos seus olhos que pode ser raiva, mas também preocupação. Não sei ao certo se alguma das opções faz sentido.

— O que o Zeus fez?

— Seu filho mais novo é um babaca e me amaldiçoou a nunca ser amada.

Cronos endireita a postura de súbito, com a voz ressoando como trovão.

— Ele fez *o quê*?

— Pelos governantes do Cosmos... — As palavras da Perséfone nos atravessam enquanto ela passa às pressas pelo pilar mais próximo. — Abaixem a voz.

— O Pandemônio não escuta a gente aqui — argumenta ele com um grunhido, sem desviar o olhar de mim.

Também não desvio o olhar, minha mente girando com mil pensamentos.

— Isso é novidade? — questiono devagar. — Minha maldição é novidade?

— É. — É possível que ele tenha tentado suavizar a resposta.

Estou distraída demais para ligar para isso. Por que minha maldição faria alguma diferença?

— O que mais é novidade? Os Jogos da Provação? Sempre represento o Hades?

O rosto dele assume uma expressão tensa e teimosa, tão parecida com a do filho mais velho que sinto palpitações.

— Não pode dizer? — pergunto.

— Não.

— Mas sempre acabo aqui embaixo. Como?

— Nós mesmos passamos por uma das fendas no tempo e redefinimos tudo se você não vier pra cá.

— Vocês... — É como se as palavras dele tivessem acionado o sino do Pandemônio dentro da minha cabeça. Sinto um calor emanando das minhas entranhas para o peito, subindo cada vez mais. Chamas cobrem meu rosto. — Vocês...

— Você é nossa única esperança, Lyra. — Ele fala bem baixinho, e pela primeira vez esse titã desgraçado, esquisito, arrogante, talvez devorador de bebês parece... perdido.

— Vocês sequer sabem o que me fizeram passar? Meus pais me abandonaram quando eu tinha três anos porque não me amavam...

— Sempre te abandonam.

Eu me viro, respirando com dificuldade e tentando não deixar que a queimação nos olhos se transforme em lágrimas de verdade. Faz muito tempo que prometi a mim mesma que não choraria pelos meus pais. Ao que parece, foi uma decisão acertada.

— Desculpa. Lyra...

— Só... — Engulo em seco. — Não vamos falar mais disso.

Procuro Boone e o vejo com Perséfone, a meio caminho da entrada de um dos túneis perto do pilar do oceano. Não vejo o rosto deles, mas não estão fazendo nada de incomum. Ela está falando, e ele parece estar calado.

Então ele se afasta, e agora vejo o rosto dos dois — a expressão indiferente e estoica do Boone, e Perséfone o observando com uma emoção que não consigo identificar.

— O que foi isso? — questiono quando ele se aproxima de nós.

— O que foi o quê?

Boone olha por cima do ombro para onde deixou Perséfone.

— Nada. Não confio nela.

Aquilo não pareceu nada, mas também não pareceu alguma coisa.

Então Boone franze a testa, desacelerando os passos e analisando meu rosto por um bom tempo antes de focar no Cronos.

— O que você falou pra ele?

Não estou nem um pouco a fim de falar disso. Conto para Boone depois. Não o lance dos meus pais, mas sobre os titãs ficarem redefinindo o tempo de propósito.

Eu me afasto, indo na direção do início da pista.

— Vamos só acabar com essa coisa estúpida.

Boone me alcança, analisando a pista de obstáculos conforme nos aproximamos — sobretudo a jaula de vidro.

— Deve ter um jeito de fazer você chegar lá em cima.

Respiro aliviada. Debater sentimentos não me traz nenhuma felicidade mesmo.

Lançando um olhar a Cronos, que me observa como um tigre aguardando um rato sair da toca, abafo a raiva, a confusão, a tristeza e todas as outras coisas. Também analiso a geringonça quadrada feita de vidro. Tenho que rebolar para conseguir ir da base ao topo da coisa enquanto o objeto vai se alargando. No meio da pista, é dali que não consigo passar. Da última vez, tentei subir com as mãos na parede e os pés do outro lado, em vez da posição de aranha, mas ainda assim ficou largo demais para mim e escorreguei.

— E se me arranjarem uns sapatos com solas mais grossas? — murmuro comigo mesma. Não grossas a ponto de dificultarem o resto do caminho, claro. Será que mais uns dois centímetros fariam muita diferença? Olho para meus pés, ainda com os sapatos de tiras de couro do Cadeado de Hades, e verifico as solas. Se os titãs conseguem criar um feitiço para essa piscina, conseguem me arranjar um calçado melhor. — O que acha?

— Acho que não vai funcionar dentro do Cadeado. — Boone manifesta a chama azul na palma da mão e depois a apaga. — A gente não vai ter nossos poderes para manter o feitiço nos sapatos lá dentro.

Cronos, que nos seguiu, toca meu cotovelo com o dedo. Um gesto estranhamente gentil partindo dele. Então, ergo as sobrancelhas em indagação, olhando ao redor.

— Os pais deviam amar os filhos — ele declara, devagar. — Eu não devia ter... — Então para, como se não tivesse certeza do que dizer.

E, por um segundo, é tentador amolecer, e ser grata pela empatia oferecida.

No entanto, ele me jogou no Cadeado de Héstia sem um pingo de remorso. Afasto o cotovelo.

— Você diz isso, mas engoliu os próprios filhos pra eles não roubarem seu poder.

Só que... eu os vi juntos, nenhum deles devorado. Hades e Héstia crescidos.

— Lyra... — censura Boone com um sussurro.

Porque estamos nos comportando com os titãs agora. Não fazendo birra. Concordamos que precisamos deles para passar pelos Cadeados.

Cronos não explode comigo como da última vez. Pelo contrário, ele se encolhe como um cachorrinho que acabou de ser chutado.

— Eu falei, não é... — Cronos para de falar outra vez e balança a cabeça.

— Ainda não pode contar? — murmuro.

Mas não consigo tirar da cabeça a cena da família feliz que Cronos e Reia formavam com os filhos. Feitiços? Mentiras? Ou era verdade?

O que Cronos não está dizendo?

— Tenta isso aqui. — Ele parece resignado ao agitar a mão por cima dos meus sapatos, engrossando as solas e me secando. Aí aponta para a pista. — O Cadeado de Poseidon nem sempre troca sua roupa, então, se a gente te mandar lá pra dentro assim, talvez funcione.

Não chego nem ao segundo obstáculo, que dirá à parede de escalada de vidro, antes de cair na água de novo. Os sapatos mais grossos me fizeram perder o equilíbrio.

A primeira coisa em que penso quando emerjo, cuspindo de novo e com o corpo se contorcendo por causa dos choques, é que... *preciso do Hades*.

34

O SIGNIFICADO DE UM NOME

LYRA

— Acho que precisamos de uma pausa — declara Boone.

E minha cabeça logo foca em uma única ideia, que ganha cada vez mais espaço.

— Ela tem que conseguir — argumenta Cronos, enquanto nado até a beirada.

Boone não titubeia.

— Não estou pedindo.

Cronos retorce a boca.

— A Alani é a chave pra nossa libertação. *Você*, não.

Alani. Ele me chamou assim antes. Fiquei tão focada nas outras palavras, mas agora isso chama a minha atenção... É o nome que meu pai Pesadelo usou no Cadeado de Héstia.

Os dois engatam em uma conversa aos murmúrios que não consigo ouvir. Quando chego perto da borda da piscina, alguém enfia a mão na água. Não é Cronos desta vez. Boone me puxa para fora, toda encharcada.

Cronos bufa.

— Ela não precisa da ajuda de ninguém. Nem da sua. Nem da do meu filho. Nem mesmo da minha. Algo que já, já ela vai descobrir.

— O que isso significa, caramba? — pergunto, já ponderando se consigo mesmo sem o Hades.

Boone se inclina para perto de mim.

— Agora que somos deuses, vamos quebrar esse ciclo de falas enigmáticas. Vamos deixar tudo bem claro. Beleza?

— Eu tava pensando a mesma coisa.

— Cuidado, garoto. — Cronos esbraveja. — Você só tá vivo porque parece que a Alani gosta de você.

Boone dá um sorrisinho. Seu gesto tradicional para enervar os inimigos.

— O nome dela é Lyra.

Cronos aponta para mim.

— O nome de nascença dela é Alani. É o nome que os pais deram pra ela, não a sua Ordem dos Ladrões.

Recuo.

— Aquilo foi verdade?

Ele desvia o olhar duro do Boone, amolecendo um tantinho.

— Foi.

— Ah... — A palavra me escapa em um sussurro.

Então meus pais me deram *mesmo* esse nome? Como o Pesadelo sabia? Nasci milênios depois do momento em que aquelas coisas devem ter ficado presas aqui embaixo com os titãs.

Não me admira que o Cadeado de Héstia tenha me cativado tanto de início. Ladrões aprendem que a melhor mentira é aquela com o máximo possível de verdade. Deixa tudo mais realista, mais difícil de distinguir da ficção, além de ser mais fácil de lembrar e menos provável de cometer algum erro.

— Seu nome significa *a portadora da morte* — informa Cronos. — Como rainha do Hades, é seu nome adequado e verdadeiro.

— Portadora da morte — repete Boone para mim. — É claro que seu nome significaria isso.

Retorço o nariz.

— Até que achei um nome foda.

E Cronos sorri. Não um sorrisinho de deboche, nem de triunfo. Um sorriso de verdade. Um que transparece nos olhos bem, bem azuis e enruga a pele ao redor, tentando se infiltrar dentro de mim e me fazer sentir alguma coisa — gentileza, afeto, conexão — em resposta.

E o pior é que, de repente, ele fica tão parecido com o Hades que é quase um tapa na cara.

Abafo o sentimento. Com força.

Não posso de jeito nenhum esquecer que os deuses trancafiaram esses monstros aqui embaixo por um motivo.

Mas o estrago já está feito.

Boone se encaminha para o túnel em que deixou Perséfone.

— Vem. Você tem que descansar.

Contudo, não o sigo. Preciso de uma pausa, mas não nesse sentido.

Acontece que... estou feliz por não estar sozinha aqui embaixo. É a atitude mais egoísta possível, e se eu pudesse dar um jeito de impedir que ele ficasse preso aqui também, eu o faria. Nunca desejaria isso para ele, mas... ao mesmo tempo, não acho que eu conseguiria passar por isso sozinha.

Mas preciso ficar sozinha um tempinho. Mesmo em um covil cheio de ladrões, eu passava bastante tempo sozinha, graças à minha maldição. Aqui embaixo, os titãs fazem tudo em bando, e acho que já atingi minha cota de socialização. Então minto.

— Vou continuar tentando.

Mudo o peso de um pé para o outro, e meus sapatos fazem barulho, ensopados. Os de Boone, não. Ele não caiu naquela maldita água nem uma vez.

Boone faz uma careta do ponto em que parou para me esperar.

— Acho que você precisa de uma pausa.

— Eu tô bem.

Ele faz um som de escárnio.

— Fico admirado por você não estar brilhando, considerando o tanto de choque que já tomou.

— Ah! Haha! Um exímio comediante.

Sei que ele está tentando me convencer a descansar, mas estou considerando outra coisa.

Boone fica sério, me analisando com atenção, então suspira.

— Vou ficar também.

Balanço a cabeça.

— Acho que ter plateia é parte do problema. Deixa eu tentar sozinha um pouco. Manda a Perséfone descer de novo, se estiver assim tão preocupado.

É um golpe baixo, mas funciona.

Ele fica inexpressivo com a menção ao nome dela, então sei que ele também não é fã da sugestão.

— Vou te dar trinta minutos — declara ele. — Aí você para.

— Valeu.

Boone lança um olhar a Cronos.

— Bora lá, meu velho. Sua salvação precisa ficar sozinha um pouco.

O titã vai reclamando o caminho todo, passando pelos pilares até chegar aos túneis. E aí, enfim, fico sozinha. O suspiro que me escapa é de puro alívio.

Acho que ficar tanto tempo perto do Cronos, considerando todas as semelhanças com Hades, está começando a me afetar. Como se cada olhar similar, cada tom de voz, cada movimento arrancasse mais uma lasquinha do meu coração, e só preciso de...

Não vou me permitir dizer Hades.

Espaço. Preciso de espaço.

Agora que o tenho, porém, a solidão se intensifica em vez de se abrandar. E é essa solidão que conduz meus pés até o ponto em que larguei o machado na linha de partida — treinar na pista de obstáculos sem a arma parece uma grande insanidade, mas não vou poder usar o objeto dentro do Cadeado de qualquer jeito — então sigo para fora da área onde estamos, túneis abaixo.

Seguindo para o Cadeado de Hades.

35

CAINDO NA REAL

LYRA

Sem ser parada nem trombar com ninguém, chego à câmara que circunda os Cadeados, mas não coloco a mão no entalhe do bidente dele. Só fico ali lutando contra a necessidade de ver seu rosto, tocá-lo, mesmo que seja apenas segurando a mão da sua réplica. Estou até tentada a achar uma fenda da ruptura do tempo e pular lá dentro para encontrar o próprio em pessoa.

Mas não vou fazer isso. Não vai ajudar. No fundo, sei disso.

Não sei quanto tempo fico ali parada, mas de repente o Cadeado muda. O entalhe na pedra dura ganha vida com uma luz azul cintilante. Como se ele soubesse que estou aqui e estivesse me convidando a entrar.

Meu coração se contorce todo, dolorido.

Uma sensação que reprimo, tento abafar. Mas não saio dali, abraço a mim mesma, olhando para o símbolo, perdida no redemoinho dos meus pensamentos e tentando não sentir nada.

— Não achei mesmo que você fosse treinar mais.

Boone fala baixinho, e eu levo um susto. Mas não me viro.

— Ele não tá aí, sabe? — afirma Boone.

— Eu sei.

Sinto mais do que o vejo parando ao meu lado, olhando para o símbolo que se acende por um momento, quase como um alerta. A mensagem é clara: Boone não é bem-vindo no Cadeado.

Ele se inclina para perto, falando baixo.

— Acho que a gente precisa ter cuidado aqui embaixo.

— Dã!

— Não. — Ele balança a cabeça. — Este lugar é de foder a mente, e talvez essa seja a parte mais perigosa.

Franzo a testa, porque ele não está falando de modo geral.

— Como assim?

Faz uma careta, como se não estivesse adorando oferecer tal explicação.

— Eu já vi a Perséfone antes.

Isso me faz desviar o olhar do Cadeado de Hades.

— Quê?

Ele ergue a mão, imagino que para esfregar a barba, mas para quando toca a pele lisa e abaixa a mão. Isso já me pegou de surpresa algumas vezes desde o Cadeado de Héstia, quando a aparência dele mudou. Faz alguns anos que ele usa a barba desgrenhada.

— Ela impediu alguns dos meus assaltos.

Quase tombo para o lado ao ouvir isso.

— Que porra é essa, Boone? Isso é uma informação importante. Você devia ter me falado...

— Eu queria ter certeza de que... tinha acontecido mesmo. Mas... — Ele olha por cima do ombro, na direção dos túneis. — Não sei fazer isso. Não aqui embaixo.

Paro para pensar, e ele não está errado. Não sabemos no que acreditar ou confiar.

— Ela impediu os assaltos como?

— Achei que fosse outra ladra, talvez de outro covil, que tinha sanado a dívida e começado a trabalhar sozinha. Ela aparecia do nada e fazia alguma coisa que causava tantos problemas que eu tinha que cancelar o assalto, e então desaparecia como um fantasma.

Ou como uma deusa viajante do tempo presa no Tártaro.

— Isso deve significar que ela foi lá com a ruptura no tempo, como a gente, e a fenda a levou até você.

Várias vezes, ao que parece. Foi isso que o Hades sentiu sobre as minhas visitas aleatórias? Será que ficou ressentido? Será que desconfiou de mim? Será que chegou a me odiar?

Meu estômago se revira.

— Significa que é o que *querem* que a gente pense — responde Boone, ainda não confiando nadinha nas fendas.

— O que a Perséfone falou?

Ele faz uma carranca.

— Não vou falar disso com ela.

— Por que não? Pede pra ela explicar e vê se a explicação condiz com a sua...

— O Cadeado de Héstia revelou as coisas que eu mais queria — interrompe ele. — Coisas que ninguém mais sabe. Um sócio pro meu negócio. Nunca contei isso pra ninguém. Pra nem uma viva alma. Se já sabem dessas coisas...

Perséfone já poderia saber daqueles momentos, ou enfiaram aquelas lembranças na cabeça dele para fazê-lo confiar nela aqui embaixo.

Estou percebendo aonde ele quer chegar.

Franzo a testa.

— Se não acha que é real, por que tá me contando isso agora?

Ele acena para o Cadeado com o queixo.

— Porque você tá aqui. — E aí ele me lança um olhar que é em parte pena, em parte verdade brutal. — Por que você tá aqui, Lyra?

Meu coração está tão pesado que parece que vai despencar.

— Eu queria falar com alguém.

Com Hades.

Boone assente.

— Então fala comigo.

Comprimo os lábios, contendo as palavras. Ele já está lidando com um monte problema meu.

— É sério — insiste Boone.

— Talvez ela não queira falar com você.

Eu me viro, arfando, e vejo que a porta do Cadeado de Hades se abriu, e a réplica do meu deus da morte está parado ali à soleira. Uma postura relaxada e indolente, com o ombro encostado na abertura da pedra grossa.

— A gente não abriu a porta — declara Boone.

Hades pega um fiapo inexistente na capa marrom.

— Vocês dois estavam fazendo tanto estardalhaço que atrapalharam meu sono.

Não consigo evitar achar graça, porque é uma resposta tão Hades de dar. Ele está zoando com Boone só de sacanagem.

O jeito como seus olhos focam em minha boca, e os cantinhos da própria boca se curvam um tantinho, também é ele. Mas agora a dor voltou.

Porque não é ele de verdade.

Imagino que Boone vá esbravejar alguma coisa sobre aparições não precisarem de sono — não que deuses precisem, e ainda assim dormimos, ou, no caso, descansamos a mente. Em vez disso, ele passa o braço pela minha cintura com casualidade, a mão se aproximando perigosamente da minha bunda.

Fico com o corpo tenso, porque não trocamos esse tipo de toque. Não é nossa dinâmica.

Hades fica imóvel. O tipo de imobilidade alarmante de quando ele está considerando qual a melhor forma de atacar.

Boone olha para ele com um sorrisinho de arrogância convencida que, enquanto os segundos passam, vira um sorrisão de provocação.

Aí ele dirige o sorriso a mim.

— Acho que ele não gosta que eu toque em você.

Lanço um olhar inexpressivo a ele.

— Não fica me usando de vara curta pra cutucar uma cópia de deus, não.

Um lampejo de emoção passa pelo rosto de Boone, e ele faz uma expressão tensa, que parece mágoa.

— Não é isso que eu tô fazendo, Lyra.

— Tá fazendo o quê, então?

Boone não tira o braço, mas fica tão sério quanto a morte.

— Provando que tenho razão. Que *esse* Hades não é real. — Ele aponta. — Ele tá preso ao Cadeado. Não é *ele*.

Alterno o olhar entre meu amigo e a versão do Hades que parece tão real que dói.

— Não confia em nada nem ninguém aqui — orienta Boone.

Meu coração se parte bem no meio. Porque ele está certo.

O Hades de verdade não ficaria só ali parado, observando a interação em silêncio. Ele acabaria com aquilo em dois tempos.

Dou as costas para aquela imitação ruim, mesmo que tudo dentro de mim berre para que eu fique.

— Vamos embora.

36

VEZ APÓS VEZ

LYRA

Estou deitada no chão de pedra sob um cobertor enfeitiçado, a cabeça em um travesseiro igualmente enfeitiçado, olhando para o teto de pedra. Quando perguntei sobre as camas enfeitiçadas, os titãs só disseram que tentam poupar seus poderes. Eu não sabia que tinha como se esgotarem. Porém, quando quis saber melhor, eles se esquivaram. Ao que parece, isso faz parte dos segredos que não podem compartilhar.

Fechando bem os olhos, coloco o travesseiro em cima da cabeça e tento afugentar os pensamentos que zunem a toda.

Não que ajude.

Em meu estado desprovido de visão e com o rosto abafado, não sei o que me alerta do problema. O silêncio muda. Fica sufocante.

Devagar, ergo o travesseiro bem a tempo de ver a fenda temporal desaparecendo, me deixando em um pequeno campo aberto de uma floresta. Aquelas lascas estão aparecendo por minha causa. Parece mesmo ser o caso, como se tivessem algum propósito.

Quem, em nome dos deuses, as está controlando, senão Cronos?

Eu me levanto.

Ou pelo menos tento.

Antes que eu consiga ajeitar a postura, o estrondo de uma explosão me joga para trás. Levo um segundo rastejando, tossindo por causa da poeira e dos detritos ao redor, mas acabo conseguindo me levantar outra vez e me afastar do ar carregado.

E a primeira coisa que vejo é o pôr do sol em um céu perfeito, em tons de rosa, laranja e roxo, e um dos hecatônquiros — no caso, os centimanos — arremessando corpos pelo belo céu.

E quando digo corpos... é no sentido mais literal da palavra.

Outro estrondo aqui perto, e me abaixo mesmo observando quem quer que ela tenha jogado disparando como um foguete até o chão, e então me encolho quando a terra, obscurecida pelas árvores e colinas no horizonte, cospe mais poeira e pedra para cima graças ao impacto das pobres almas.

— Ai... — murmuro. — Hades queira que não tenham sido mortais.

Ou já, já vão se encontrar com ele.

O único aviso que tenho antes de o relâmpago atravessar o campo é uma sensação estranhíssima, já familiar depois do treinamento de hoje: uma energia pela pele.

— Abaixa! — berra alguém.

Uma voz conhecida.

Nem olho, só caio de barriga no chão e tento pegar o machado enquanto o fogo sopra acima, saindo da boca de uma quimera ao lado do Zeus. Durante o Cadeado de Hades, prendi a arma a uma bainha na calça que já continha a faca curva.

As chamas cessam bem acima, como se o fogo tivesse sido bloqueado por uma parede invisível. Quase como se alguma coisa o estivesse sugando da quimera, pairando no ar e tragando-o para dentro de si. O fogo vai se apagando aos poucos. Quando o calor cessa, miro dentro dos olhos azuis cristalinos de um homem que está tão perto que dá para segurar seu pé.

— Cronos... — sussurro.

Um Cronos mais jovem, embora não tão jovem quanto quando o vi com a família, acho. Ele começou a deixar a barba crescer, mas ainda não há mechas grisalhas no cabelo.

O titã arregala os olhos ao me ver.

— *Você*. — A única palavra soa quase como uma acusação.

Eu?

A julgar pelo estado da vestimenta dele — um desenho bem antigo, pelo que percebo —, tenho certeza de que nunca nos encontramos a esta altura da vida dele. Quando quer que seja. É

algum momento entre a cena familiar e quando ele foi preso no Tártaro, imagino. A menos que tenha me visto quando o observei com a família, mas acho que não.

Será que o Hades contou ao pai?

A voz do Cronos é tão parecida com a do Hades naquele dia, dura e desconfiada, que um sorriso trêmulo me escapa. Mas some quando ele afirma:

— Você salvou o meu filho.

Do que, em nome de todas as coisas no Olimpo e no Submundo, ele está falando?

Salvei o filho dele? Qual? Quando? Ai, meus deuses! Por isso Hades achou que eu era o anjo da guarda dele? Foi o que falou, quando encontrei sua versão adolescente.

Não conta nada a eles.

— Quem quer que você seja, talvez tenha que *me* salvar hoje — prossegue Cronos. — De...

O relâmpago acerta o peito do titã, lançando-o a quilômetros de distância, o grito dele se perdendo ao vento e ao longe.

37

FAZENDO HORA

LYRA

Logo me ponho agachada em posição defensiva, com o machado na mão, e grata por ainda estar usando a vestimenta de couro protetora do Cadeado de Hades.

Zeus está com as mãos erguidas, mas não está mirando em mim agora, e sua quimera também não.

— Tudo bem.

Coberto por uma armadura mais requintada do que a que usou no primeiro dia da Provação — a cabeça adornada com uma coroa espinhosa e cravejada que daria orgulho a um rei bruxo —, Zeus paira no ar como se a energia bruta do seu poder o fizesse levitar. O corpo dele todo está eletrizado, e correntes de energia cintilam à sua volta e o transpassam, com o cabelo loiro bem claro quase reluzindo.

— Por que você fez isso? — Minha voz soa tão desnorteada quanto eu. — Não teve motivo. Ele não...

— Se tiver juízo, você vai sair daqui agora. Salve-se — diz Zeus com um rosnado.

Um alerta. Ele está me dando um alerta. Zeus, o babaca-chefe de todos os babacas, está tentando... me ajudar?

A perplexidade toma minha mente como um enxame zumbindo. Talvez eu tenha vindo parar no meio de uma briga, e não vi o que o Cronos de antigamente fez para merecer isso, mas até onde sei Zeus atacou o pai sem aviso algum. E agora está tentando ajudar euzinha, uma mulher desconhecida e insignificante?

Não é do feitio dele.

Zeus ergue as mãos, e o relâmpago emana delas com um estrondo que faz meus ouvidos zumbirem antes de ficarem abafados, como se tampados com algodão. Mas a eletricidade não é direcionada a mim. Passa direto... e acerta atrás de mim. Eu me viro e vejo Jápeto ainda de pé, tendo conseguido se esquivar do golpe.

Ele não usa armadura nem a camisa de estampa gritante — usa vestes antigas, assim como Cronos. Nenhum dos titãs está de armadura. Zeus, sim.

— Porra, sai daqui agora — ordena uma versão mais jovem do Jápeto, acenando em frenesi para mim antes de se esquivar de outro ataque.

Agora *ele* está me ajudando? Mas que buraco do coelho reverso é esse em que eu vim parar?

Jápeto foca no deus no céu.

— Não faz isso, sobrinho!

Cambaleio para trás. Não só por causa das palavras, mas pelo *jeito* como ele falou.

Há um desespero na voz dele que achei que jamais ouviria do titã rabugento que nunca para de resmungar... o que me jogou no Cadeado de Hades sem nem hesitar.

— Não somos seus inimigos — insiste ele.

— Tudo mentira! — brada Zeus. — Meu pai engoliu todos os filhos que teve, tirando eu, e só porque minha mãe me escondeu. E você o *defende*.

— Zeus...

Chego para trás de verdade desta vez, cambaleante e quase caindo, tentando me afastar dos dois. Bem a tempo. Zeus avança em Jápeto, fazendo-o tombar em pleno ar, e antes que sumam de vista, vejo que o titã não está lutando, apenas se defendendo dos golpes mais letais.

Jápeto não revida. Não usa seu poder.

Zeus tinha razão. Não é para eu estar aqui. Sabendo que o Jápeto escapa vivo — porque vejo sua versão futura no Tártaro —, o deixo ali e me embrenho pela mata, sem saber ao certo para onde vou. Nem tenho certeza do que deveria fazer além de me esconder.

Está óbvio em que *momento* do tempo eu vim parar. O começo, ou talvez o fim, da guerra de dez anos entre os titãs e os deuses, antes de os deuses trancarem os pais no Tártaro.

— Héstia, cuidado!

Um borrão passa rápido demais pela mata à direita, não dá para discernir detalhes, entremeando-se pelas árvores até parar de repente quando Afrodite colide com a irmã mais velha do Hades e as duas caem. Ouço o barulho da cabeça de Héstia batendo tão forte na pedra que a parte em duas metades com formato de lua, cada uma caindo de um lado das deusas.

Um som estranho e gorgolejante de dor escapa da boca da Héstia.

— Te machuquei? — A voz da Afrodite soa frenética enquanto ela cai de joelhos para ver como Héstia está.

Não dá para ver o rosto da Dite porque ela está de costas para mim, mas Héstia consigo ver bem quando se senta, parecendo aturdida enquanto nega com a cabeça. Seu rosto cintila. Como glitter, ou como sabão furta-cor à luz do sol.

Fico bem onde estou, escondida entre as árvores, e estreito os olhos, tentando pescar mais detalhes.

Arfando, Héstia ergue o dedo e aponta para... mim.

Fico imóvel mesmo quando a adrenalina e o medo correm pelas minhas veias a cada batida do coração. Até eu perceber...

Não.

Ela *não* está apontando para mim.

Ouço um farfalhar, e Febe sai da mata à minha esquerda. A mecha prateada em formato de lua em seu cabelo não está à vista, com as madeixas pretas presas em um rabo de cavalo. Sua expressão é um misto horrendo de choque e perplexidade, enquanto olha para as duas deusas.

— Eu não a machucaria — afirma ela com sua voz musical, com os olhos castanhos arregalados. — Por nada neste mundo. Nem pelos poderes dos primordiais.

— Ela não faria isso, Afrodite... — murmura Héstia com um tom indistinto.

Ela deve ter batido a cabeça bem forte mesmo.

— Seu amor por ela te cega — acusa Afrodite em um sibilo, se agachando sobre Héstia como uma serpente enrolada em seus ovos vulneráveis, prestes a eclodir.

Febe dá um passo trêmulo para longe de onde estou, cercando-as.

— Você viu a verdade. — Afrodite está falando com Héstia. Não dá para ver seu rosto. — Você viu o que querem fazer com a gente. Vão acabar com a gente se não os detivermos. Vão acabar com os mortais também.

A luz esquisita e cintilante no rosto da Héstia pisca, ficando mais forte, mais nítida. Mais... familiar.

Lembra o véu estranho que vi no rosto do Zeus uma vez, graças às lágrimas de Eos.

Héstia parece ouvir Afrodite.

— Você tem razão. Você tem razão, só não estou querendo ver isso.

Febe, já mais longe delas e de frente para mim, ergue as mãos — não em defesa, com certeza não em ataque. É mais um gesto apaziguador.

— Não faz isso...

As palavras são interrompidas quando o corpo dela fica todo tenso, a cabeça jogada para trás, o rosto se contorcendo em uma máscara congelada que parece muito com dor. Seu corpo se levanta do chão até só as pontas dos dedos calçados tocarem a terra.

— Ela tá tendo uma visão — explica Héstia. — Faz muito tempo que não tem uma.

— Ataque-a agora — brada Afrodite. — Enquanto ela está vulnerável.

Como duas predadoras em sincronia e na caçada juntas, as deusas se aproximam da titânide. A morte — a intenção, a violência — fica evidente em cada ponto dos corpos tensos.

Mas, antes que consigam avançar nela, Febe retorna da visão, com os pés voltando a tocar o chão.

Ela arregala os olhos ao ver as duas deusas encurralando-a, e seu queixo treme.

— Quem fez isso com vocês? — sussurra.

Então, com cuidado, assume uma postura de luta. Quando ergue as mãos outra vez, é evidentemente na defensiva.

— Não vou machucar vocês a menos que me obriguem.

Aí, com uma deliberação visível, desvia o olhar delas e foca em mim, de onde observo a cena por entre as árvores.

— Sua hora ainda não chegou, mas você está recebendo o primeiro poder. Já consegue ver?

Afrodite está de costas para mim, concentrada na Febe, enquanto Héstia se vira para ver com quem Febe está falando. Estreita os olhos para mim.

— Já consegue ver? — repete Febe e gesticula, passando a mão na frente do rosto como um...

— Véu — sussurro.

E me concentro na Héstia.

O brilho nas suas feições fica gritante de tão óbvio. Todos os detalhes. Um véu telado idêntico ao que vi cobrindo o rosto do Zeus no fim do Trabalho dele na Provação, quando ele tentou me matar. As lágrimas de Eos possibilitaram que eu visse antes. Ou foi isso que pensei. Mas já faz tempo que o efeito passou.

Como antes, o véu que cobre o rosto da Héstia tem várias cores, é como olhar um prisma, e se ajusta às feições dela como se fosse pintado.

Recebendo o primeiro poder, foi o que Febe falou. Acho que o tempo não importa tanto quanto como e quando um poder se manifesta. Sei que não vou recebê-lo por causa deste momento ou deste lugar. O dom já estava dentro de mim, incrustado ali quando Hades fez de mim deusa. Ele disse que, às vezes, os poderes levam anos, até eras, para se firmar e se revelar. Talvez seja mais uma questão do meu corpo e minha mente enfim estarem prontos para lidar com este agora.

Mas que poder tenho? O que estou vendo?

— Alani... — chama Febe baixinho. — Se esconde.

Ouço a última palavra um instante antes de Afrodite atacar e Héstia desviar a atenção de mim para ir até ela. Febe absorve o golpe, e as três desaparecem antes que eu consiga mexer o mindinho do pé para ajudá-la.

Levo as mãos à cabeça como se pudesse extrair fisicamente a névoa de confusão que preenche todas as lacunas e nubla meus pensamentos.

Eu me escondo? Ou ajudo?

Considerando o quanto os titãs foram incisivos sobre eu tentar não interagir com onde quer que a ruptura no tempo me leve, para evitar redefinir as coisas, me esconder parece ser a melhor opção.

Além do mais, se eu ajudasse, ajudaria quem? Os deuses? Ou os titãs?

38

DISTORÇÃO TEMPORAL

LYRA

— Que se dane! — murmuro. — Preciso ver as coisas de cima.

Para enxergar melhor tudo que está acontecendo.

Olho em volta, analisando o alto das árvores até identificar uma falésia, verde e sem vegetação, com vista para onde estou parada.

— Ali.

É longe demais para ir correndo, mesmo com a velocidade de deusa, o que significa que devo tentar o teletransporte. Não estou no Tártaro. Aqui deve funcionar. Focando o olhar e todo o ímpeto naquele ponto, aceito o formigamento que surge na base da coluna. Ao contrário das duas vezes em que tentei no abismo, tenho a sensação fácil de desaparecer e reaparecer. A satisfação preenche meu corpo e arranca de mim um gemido demorado. Levo um segundo para me desvencilhar do sentimento e olho ao redor, ofegante.

Não estou no topo exatamente. Contudo, estou perto o bastante para conseguir subir pelas pedras.

— Pelo menos chegou aqui, Lyra — murmuro baixinho. — Nada mal.

Quando chego ao pico, não consigo evitar levar as mãos à boca, contendo a bile que quer escapar diante da visão.

O oceano atrás de mim está pegando fogo, ondas e monstros colidindo uns com os outros em rompantes de fúria e dor. Mas é a terra ao redor — dizimada até ficar toda preta, com exceção de umas pequenas porções de verde onde eu estava e onde estou

agora — que faz a bile subir à garganta. Há talhos enormes pela terra, como se monstros tivessem explodido dali ou algo gigantesco tivesse arrancado pedaços. Vejo um homem caído e imóvel não muito longe, na base da falésia. Acho que está vivo. Tem que estar, porque o conheço mais adiante na vida — Céos. A energia de aurora boreal que emana dele é mais fraca à luz do dia, mas ainda visível em contraste com a fumaça preta que emerge ao redor.

Ele está sem uma perna.

O Céos que conheço não tem uma perna? Ele usa um short que acho que não mostra cicatriz e não anda mancando nem com nenhuma dificuldade perceptível, e me pergunto se titãs conseguem regenerar membros do corpo.

Outro corpo passa a toda, levantando poeira e pedras quando cai, e me abaixo, desviando, vendo um hecatônquiro agitando os braços, frenético, em meio ao mar em chamas.

A bile sobe tão depressa que acabo tossindo.

Porque o rosto da criatura centimana está coberto com o mesmo véu que vi no rosto da Héstia. Impossível não notar, mesmo de tão longe.

Outro estrondo, e me viro de novo a tempo de ver Deméter prendendo Tétis com vinhas, assim como sua filha, controlando as plantas para conter a titânide. Uma Deméter cujo rosto também está coberto por um véu.

— Ai, deuses... — sussurro quando a compreensão surge como uma faísca de dúvida, mas logo se alastra como o fogo no mar. E as palavras parecem ficar presas em um ciclo de repetição. — Ai, deuses. Ai, deuses. Ai, deuses.

Por favor, que não seja o que estou pensando.

Preciso encontrar Zeus.

O rosto dele não estava com véu quando o vi antes. Mas e agora?

— Não era pra você estar aqui.

Ergo o olhar depressa e vejo Reia diante de mim. Cheia de sangue. Dela ou de outra pessoa, não sei dizer, porque o vestido drapeado justo que usa é dourado, e o icor, o sangue dos deuses e dos imortais, também.

Ela arregala os olhos, então os estreita enquanto me analisa com mais atenção, indo dos meus olhos aos pulsos.

— Orion... — murmura ela. Então seu olhar se aguça. — Você é a... Lyra?

Mas como... em nome do Cosmos?

— Você me conhece?

— Meu filho falou de você. Me mandou te trancar no Flegetonte se eu te visse. — Ela dá um sorrisinho. — Preciso dizer que ele te descreveu com minúcia. Você tem mesmo uns olhos verdes extraordinários. Mas foram as estrelas no pulso que te entregaram.

O Hades falou sobre mim com a mãe? Esta situação deve estar acontecendo depois da última vez em que o vi no Érebo, quando ele *chegou mesmo* a me trancar lá embaixo.

Não que isso importe no momento.

— Nenhum de vocês está revidando?

A titânide encolhe os ombros.

— Não. A gente nunca machucaria nossos filhos.

Merda. Eu estava mesmo esperando outra resposta. Uma explicação melhor do que a bizarrice que meu cérebro está formulando.

— Por que eles estão atacando vocês? — pergunto, guardando o machado na bainha da calça.

Ela balança a cabeça.

— A gente não sabe. Alguém os convenceu de que somos monstros.

Monstros. Alguém os convenceu...

Começo a sentir uma dor de cabeça e encosto o queixo no peito. Porque a bizarrice está começando a parecer verdade, e não consigo lidar com isso. Não quero ouvir.

— Vi um véu — conto a ela. — No rosto da Héstia. E no da Deméter também. Não um feito de tecido, mas de luz.

— Pela Mãe Gaia.

Ouço o sussurro desolado dela e ergo a cabeça. Parece que ela vai vomitar. Meu estômago também se revira em solidariedade, como uma constatação de que meu palpite está certo.

— Você viu os véus?

— Não. — Ela observa a carnificina diante de nós como uma tapeçaria medonha, a violência da batalha retumbando pelos céus e

dilacerando a terra. — Você já viu outros cobertos pelo véu antes disso?

Hesito, só por causa do timing das coisas, durante a Provação.

— No rosto do Zeus. Uma vez. Mas a Febe estava aqui agorinha quando vi o da Héstia. Ela ficou toda tensa e aí me disse que eu estava recebendo meu primeiro poder.

Não sei que reação eu esperava, mas não era a Reia começando a se tremer toda, com tanta violência que seu vestido arrasta no chão.

— Ela disse isso? — As palavras escapam dos lábios rígidos dela em um sussurro grosseiro.

Confirmo com a cabeça.

— E depois?

— Aí de repente vi o véu no rosto da Héstia com mais nitidez.

— A gente precisa de provas — comenta ela baixinho, então ergue o braço como um poleiro, e um guincho característico corta o céu.

Uns segundos depois, um falcão dá um rasante e pousa na manopla de couro cobrindo o braço esticado da Reia.

Ela aponta para uma pedrinha.

— É um rato. Come.

O falcão olha dela para a pedra e agita as asas, nada interessado.

Então Reia passa a mão pelo rosto do bicho.

— Puta merda... — As palavras me escapam antes que eu consiga conter, porque agora os olhos do falcão estão cobertos de... não um véu, mas algo parecido, apenas sobre os olhos.

Uma luz furta-cor.

Ela aponta de novo.

— Come o rato.

Sem hesitação, o falcão voa para o chão e engole a pedra.

Então ela se inclina, e é quase como se arrancasse o feitiço dos olhos do animal — como retirar lentes de contato. O falcão cospe a pedra fora.

Depois de me observar, ela nem pergunta o que vi. No rosto dela, vejo diferentes níveis de desespero.

— Só a deusa que coloca o véu vê o véu, Lyra... Acho que agora você é a deusa dos feitiços, com a habilidade de vê-los, não

importando a origem. Provavelmente, vai poder manipular eles em algum momento.

A deusa dos feitiços?

Óbvio que seria no meio de uma batalha entre titãs e deuses que eu manifestaria meu poder único.

E que poder mais ridículo, caralho.

Feitiços. Isso me torna deusa de quê? Das mentiras? Da falsidade, cacete? Da manipulação mental e emocional?

Quero um poder diferente. Esse é uma merda.

Também é bem a conclusão absurda a que eu estava chegando.

— Malditas sejam as Moiras! — murmuro.

Reia suspira com força.

— Leu meus pensamentos. O que você tá vendo... os véus... significa que alguém bem poderoso enfeitiçou nossos filhos.

Ouvir a confirmação em voz alta faz meu coração despencar pelos meus pés até o próprio submundo, onde murcha no frio e na escuridão dos entrelugares.

Porque sei o que acontece em seguida.

O que acontece com ela. Com todos os titãs.

E se estivermos certas, se os deuses estiverem enfeitiçados, então aquele momento familiar feliz dos titãs que vi antes... era *real*. A mentira é tudo em que os deuses acreditaram. Tudo em que o mundo acreditou. Em que ainda acredita milênios depois.

Que os titãs são a encarnação do mal.

Essa é a mentira.

Ai, deuses.

— Reia... eles não sabem o que estão fazendo. Você não tem como evitar...

Uma fumaça preta emana do chão, aparecendo do nada, e sei o que está por vir.

Mais fumaça gira em torno da rainha dos titãs, como duas cobras dançando, enrolando-se uma à outra até formar uma jaula rendilhada em volta dela.

— Corre — oriento Reia. — Tenta correr. Se esconde. Não deixa que te achem.

Em vez de responder, Reia faz alguma coisa com a mão, gesticula, e um formigamento me atravessa toda. E não tenho

tempo de entender o que ela acabou de fazer.

Porque ele chegou.

Enquanto a jaula ao redor dela permanece intacta, o resto da fumaça se dissipa, e diante dela está...

Hades.

39

O DIABO DE UMA ERA

LYRA

Estou mais para a lateral do Hades e vejo o cintilar agora. O véu no seu rosto. Hades também está enfeitiçado.

— Mãe.

Até eu me encolho. Tanto ódio. Tanta ira. Ele nem se dá conta da minha presença, como se eu fosse insignificante, mas não tem como não me perceber aqui. Certo? Ele não me reconhece? O feitiço fez ele me esquecer?

— Hades! — implora Reia. — Você tá enfeitiçado. Mentiram pra você.

Seus ombros se retesam, mas ele não reage de nenhuma outra forma, ainda encarando Reia.

— Não resiste. Não me faz te machucar, mãe. Só vamos, sem chiar.

O olhar que Reia lança ao filho é cheio de uma miríade de emoções. Desespero silencioso, perdão antes mesmo de ele tocar nela, medo. Um medo arraigado. Isso é o que mais me destrói. O tamanho do medo que ela consegue sentir do filho.

Mas também há amor.

Vejo no jeito como ela levanta a mão para tocá-lo e então abaixa quando ele grunhe.

— Você deixou que ele me *devorasse* — acusa ele, esbravejando, lembrando um animal machucado na mata. Mal consegue se controlar, com o corpo vibrando de fúria. — Eu era um bebê, e você deixou o papai me devorar. Devorar a todos nós.

Hades vai falando mais baixo a cada palavra. Mais venenoso. Mais letal.

Reia balança a cabeça.

— Eu não fiz isso. O Cronos não...

Ele interrompe os argumentos da Reia com um gesto cortante.

— Chega, mãe. Acabou.

A voz dele falha na última palavra, e Reia fecha os olhos.

— Vou com você porque a última coisa que uma mãe quer é que o filho se arrependa do que fez em um momento de debilidade — afirma ela.

— Não sou eu o *débil*. — A jaula de fumaça ergue Reia do chão, aproximando-a até ele pegá-la pelo braço. — Pra onde vou levar vocês, não poderão mais machucar seus filhos. *Nenhum* de nós.

— Não! — exclamo. Sem saber o que estou fazendo, avanço e envolvo o pescoço dele com os braços, tocando sua bochecha. — Não faz isso. Não faz isso.

Ele vai se odiar quando souber a verdade. Vai se culpar.

Por um milésimo de segundo, os olhos dele ficam nítidos e o véu se agita.

— Lyra? — pergunta ele, olhando com atenção, como se não me visse direito. O véu se agita mais, como uma névoa sendo soprada pelo vento, e ele estreita os olhos. — O que você está fazendo aqui?

Reia estica o braço e toca suavemente com o dedo médio no centro da testa do Hades.

— Dorme.

Ele cai no chão, escapando do meu toque. Toda a fumaça ao redor dela vira uma neblina fina enquanto Hades fica caído ali, o peito se mexendo com a respiração profunda.

Reia se ajoelha ao lado dele e afasta uma mecha branca da sua testa com um toque delicado, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Ele tinha pesadelos quando criança — conta, baixinho, sem desviar o olhar do filho. — Sempre com as coisas que teria que fazer e ser pra humanidade. Medo de que seu poder saísse do controle e trouxesse dano e destruição. Fiquei especialista em ajudá-lo a dormir.

Ela fecha os olhos com força.

— Os pesadelos pararam depois que ele te viu pela segunda vez.

Não faço ideia de qual vez foi a segunda para ele, mas não importa. Tenho que engolir em seco para afastar a tristeza que quase me sufoca — por ela, por ele. Reia suspira e o segura pelo pulso. Não vejo o que está fazendo, mas há um... movimento.

Movimento na pele dela. E me espanto ao ver o que é.

Minhas tatuagens. Ou não as minhas... as do Hades. As que ele me deu de presente na Provação, para ajudar a me proteger. Eu as perdi ao entrar no Tártaro. Foi a mãe quem as deu para ele, ele me disse uma vez.

Foi *nesse momento* que ela fez isso? Logo antes de ele mandá-la para as profundezas do Submundo.

— Não vão sobreviver dentro dos portões do que nossos filhos construíram — explica Reia, abrindo um sorriso triste enquanto a tarântula, a borboleta, a coruja, a raposa e a pantera rastejam, obedientes, da pele dela para a dele.

A coruja espera até o fim, batendo as asas para a dona, mas Reia gesticula com o queixo, e a coruja voa para o filho, firmando-se na pele do Hades até que todos os animais desapareçam. Então, com um suspiro, a titânide se levanta.

— Ele não conseguia me ver — digo. — Por quê?

— Garanti que ele não te visse. Teria destruído a confiança que ele tem em você. Meu Hades nunca foi de confiar com facilidade, e imagino que duvidar de você teria sido o fim de algo importante.

Meu coração bate com tanta força como se estivesse aprisionado.

— Obrigada.

O olhar que ela me lança é pura tristeza e resignação.

— Você tem que se esconder. Isso não vai durar muito mais tempo. Estamos perdendo, e não vamos lutar se for pra machucar eles.

Sei que ela tem razão, mas deixá-los aqui para serem presos injustamente parece muitíssimo errado. Engulo em seco. Com força.

— Escuta...

Como, em nome do Olimpo, posso dizer isso sem revelar muita coisa, sem redefinir o tempo?

— Se... perderem a guerra. Se forem parar em um lugar de onde não conseguem escapar... eu vou atrás de vocês. — Não. Isso não é

verdade. Eles tiveram que me arrastar lá para baixo. — Vou ajudar vocês. Vão ter que me convencer de início, mas vou ajudar vocês a consertar isso. A Febe vai prever.

Ela me encara como se eu tivesse perdido a cabeça, mas ao me ouvir, o olhar da Reia fica mais intenso, vira uma ordem.

— Cumpra a promessa que fez a mim, Lyra. Ajude a gente.

— Eu... prometo. Juro pelo rio Estige.

Reia arregala os olhos.

Fiz mesmo um juramento inquebrável de ajudar os titãs?

O mundo virou de cabeça para baixo.

De novo.

O safado vive fazendo isso comigo.

— Agora se esconde — orienta ela. — Bem longe daqui.

Fecho os olhos e penso no único lugar para o qual posso ir agora. Com sorte, vai estar todo mundo ocupado com a guerra, e o lugar estará vazio.

Com sorte consigo ir assim tão longe sozinha.

Desta vez, o teletransporte vem fácil e sem o formigamento, como se enfim manifestar meu poder sobre os feitiços significasse que tenho mais controle no geral. Imagino para onde quero ir e, quase de imediato, a cacofonia da batalha silencia e uma brisa perfeita sopra pela minha pele. Abro os olhos e me pego no Submundo, olhando para a casa-castelo do Hades nas montanhas subterrâneas. É menor do que a versão que conheço no futuro. Diferente. Com menos alas e torretas, um estilo mais antigo.

— O jardim das águas — sussurro.

Não é bem do mesmo tamanho nem tem a mesma extensão do que conheço tantos séculos no futuro, mas ele começou a montar o jardim das águas.

Eu me sento no chão sob um salgueiro, abraço os joelhos e espero que a ruptura no tempo me leve de volta ao Tártaro.

Que me leve de volta aos titãs, que foram presos injustamente lá há eras, de um jeito que nem quero imaginar.

Por mais que eu tente, não consigo evitar as lágrimas.

PARTE 4
PANDEMÔNIO

Tem cabimento isso?

40

ENGANAR A MORTE

HADES

— O que você acha que está fazendo, Hades?

Ajeito a postura no trono, desconfortável.

— Caralho... — murmura Caronte ao meu lado.

Porque também reconhece a voz.

Dito e feito: das sombras dos pilares, emerge uma figura. O deus da morte que já teve a paciência de compartilhar seus ensinamentos comigo quando eu era mais jovem e fora de controle.

Anúbis.

O deus egípcio vem na minha direção, vestido com um tecido simples, um shenti que parece um kilt, e o peito humano musculoso negro desnudo. A cabeça é a de um chacal com pelos pretos como nanquim, as orelhas compridas e pontudas tremulando, e ele estreita os olhos castanhos e dourados para mim.

Deve ter sido um dos meus irmãos quem o chamou.

Pelo menos ele não está com o cajado na mão, o famigerado bastão com a ponta curva. Entendo isso como um sinal de que está aqui para negociações, e não para travar uma guerra contra o rei dos deuses gregos.

— Esta luta não é sua, velho amigo — declaro.

Ele repuxa a boca de chacal, revelando apenas um pouco os dentes. Um alerta.

— É minha luta se você libertar o que está lá embaixo.

Caralho!

Não tem como eu lutar contra meus irmãos, contra os outros deuses que partirão com a morte e, ainda por cima, contra Anúbis.

Minha pele começa a formigar um instante antes de outra figura emergir das sombras.

Hécate.

— Você também, não — sussurro.

Ela é tanto deusa quanto ser ctônico, parte do equilíbrio do Submundo. E deveria estar substituindo Caronte enquanto ele está aqui comigo.

Ela hesita, mas se mantém firme.

— Não posso deixar você libertar eles.

Anúbis dá um passo adiante, atraindo o meu olhar.

— Se você não desistir dessa ideia, não me deixa outra escolha. Vamos ter que destruir o Tártaro e todas as almas lá dentro.

Não. Caralho, não! Ele não pode fazer isso.

— Você não tem esse poder.

— Sozinho, não — concorda, com delicadeza.

Aí outra figura aparece, depois outra e mais outra. Vão surgindo em quantidade. Todos os deuses que manipulam e empunham a morte pelo mundo se colocam ao redor do meu trono em um semicírculo feito para me encurralar.

O que faço agora, caralho?

Estreito os olhos para Zeus, que não consegue conter um rastro de sorriso. Ele foi o responsável por isso. De alguma forma, ali diante de mim, ele os chamou para cá.

— Se é briga que você quer, irmão, então é briga que vai ter — afirmo.

41

MAS NÃO SOU A ÚNICA

LYRA

Quando o tempo me leva de volta ao Tártaro, me pego sentada, com os braços ainda em volta dos joelhos, entre os pilares do Cosmos. O piso entre eles é decorado com azulejos em preto e branco, retratando a história dos primordiais e dos titãs em uma espiral sinuosa de quadrados.

Esfrego as bochechas úmidas com os ombros, embora já estejam secando graças ao calor dos escoamentos de lava. O teto de pedra e obsidiana austero que se sobrepõe às terras devastadas é, de alguma forma, belo. Aterrorizante. Mas belo. Não tão belo quanto as constelações azuis brilhantes no teto do Submundo que fiquei encarando por horas. Ou o Olimpo. Ou a Superfície, aliás.

Céus que os titãs não veem há muito tempo.

A pergunta é: aquilo foi real?

Será que o que vi, senti, ouvi e testemunhei aconteceu mesmo? Fiquei sentada lá no Submundo esperando por tanto tempo que comecei a ponderar isso.

Pareceu real pra cacete.

Parte de mim quer ir correndo até Reia e Cronos e os abraçar, conferir se Céos está com a perna no lugar, me certificar de que a Héstia e a Afrodite não feriram a Febe. Mas entubo esse ímpeto em prol de uma abordagem lógica.

Algo avermelhado na minha visão periférica chama a atenção, e viro a cabeça, olhando para a lasca de ruptura do tempo pairando no ar.

— De novo, não... — As palavras estacam na ponta da minha língua.

Porque aparece uma figura no chão... e o homem está fervilhando.

Literalmente, no caso. Tem um som de chiado emanando dele.

— Boone! Puta merda!

Rastejo até onde ele está caído de costas, com os joelhos dobrados. Seu cabelo escuro está eriçado, e as pontas de algumas mechas parecem chamuscadas. A camisa está rasgada e carbonizada nas bordas, e há fumaça emanando do corpo dele. Mas ele está com os olhos abertos.

Não os olhos abertos da morte, graças aos deuses.

Ele está olhando para o teto a milhares de quilômetros acima de nós.

— Que babaca! — murmura ele.

— Quem? — pergunto, verificando a queimadura feia descendo pelo seu braço de um jeito bem estranho.

Com quem ele esbarrou?

Está cicatrizando depressa, pelo menos. Analiso melhor e torço o nariz. Talvez depressa demais.

Boone faz careta quando, com delicadeza, desgrudo um pedaço da camisa que colou na pele se regenerando.

— Desculpa — sussurro.

Grunhindo, ele me deixa ajudá-lo a se levantar e tira a camisa. Há mais duas partes grudadas na pele.

Fico de cócoras.

— Quem é babaca?

Ele faz uma carranca.

— O Zeus. O desgraçado jogou um relâmpago em mim.

Arregalo os olhos e analiso as queimaduras raivosas com mais interesse.

— Eu diria que ele te acertou.

— Foi de raspão — insiste Boone.

— Aham! Beleza. — O ego masculino é uma coisa lamentável às vezes. — Sabe onde você tava?

Suspirando com força, Boone passa as mãos pelos joelhos, pensando, com o olhar ficando turvo.

— Meu palpite é logo depois que os deuses reivindicaram o Olimpo... As roupas, o jeito como o Olimpo tava disposto...

— Você tava no Olimpo?

Ele confirma com a cabeça.

— No templo principal... Sabe aquele bem lá no alto, acima das cachoeiras? Mas parecia... diferente. Aquele deus é sedento por poder, isso é certo.

Eu acredito. Zeus ainda é.

— O que ele fez?

Boone comprime os lábios.

— O Poseidon e a Hera me viram assim que apareci lá onde as casas chiques particulares deles ficam no presente, mas em vez delas tinha uma estrutura gigante e comprida. Parecia bem mais antiga. Da época do Império Bizantino, talvez.

Como todo ladrão que se preze, ele entende de antiguidades.

— Eles te *viram*? Por que não te reconheceram na Provação?

Ou ao menos Hera não reconheceu. O Poseidon não deu muito as caras depois do primeiro Trabalho, quando sua campeã, Isabel, morreu.

— Quem sabe? — Ele dá de ombros, então faz careta quando o gesto causa dor nas lesões. — Eles me levaram direto para Zeus, quase como se estivessem com medo de lidar comigo por conta própria... — Ele faz uma pausa, pensando. — Não. Lidar comigo, não. Meu palpite é que estavam com medo dele e do que ele faria se descobrisse que não tinham me levado lá.

— Isso é ainda pior do que ele é hoje em dia.

— Eu sei. Aí me levaram pro templo, e tem uma estátua do Zeus tão grande lá na frente que é quase do tamanho da montanha em que fica o templo. E, lá dentro, o deus tava sentado num... escuta essa... trono. E não qualquer trono. Um de ouro puro. Todo ornamentado. Nunca vi nada tão espalhafatoso. E tinha raios por toda a parte. — Boone franze a testa, ainda pensando. — Mas o mais estranho foi que parecia que ele tava lá fazia um tempo já.

Sério?

— Como você sabe?

— Havia pratos e tigelas pra todo lado. Cálices. Tudo perto dele. Comida pela metade. Como se estivessem levando comida pra ele

ali. E ele não estava todo arrumadinho como de costume. O cabelo loiro tava mais comprido, caindo no rosto e todo emaranhado. As roupas estavam amassadas.

Zeus é um verdadeiro pavão. Isso está estranho. Bem estranho.

— Ele não saiu daquele assento nem uma vez.

Eu me sento ao seu lado no chão.

— Por acaso tinha um véu telado feito de luz furta-cor no rosto dele?

— Quê? Não. — Ele estreita os olhos para mim. — Por que tá perguntando isso?

E aí conto tudo a ele. Quando termino, ainda estamos sentados no chão, e ele está congelado e calado. Pensativo.

Balança a cabeça uma vez. Um gesto único e brusco de negação.

Então outra vez.

Aí ele suspira.

— A primeira coisa que me ocorre é que é você que tá enfeitiçada...

Ele fala devagar, franzindo as sobrancelhas, e, com a mesma lentidão, eu murcho. Não sei por que quero acreditar nas coisas que vi. Mas... eu quero.

— Tipo... — Boone passa a mão pela nuca. — Seria bem mais fácil enfeitiçar uma deusa novinha em folha ainda esperando pela manifestação dos seus poderes do que um monte de deuses.

— Eu sei.

Também pensei nisso.

— Tem a questão da quantidade de poder que seria necessária. — Ele balança a cabeça. — Acho que nem os titãs conseguiriam fazer isso. Eles parecem estar... limitados aqui embaixo... mas ainda assim.

Concordo com a cabeça.

— Imaginei que precisava ter alguém os ajudando, talvez. Ou vários alguéns?

— Talvez. Mas deuses não gostam de compartilhar poder ou segredos. Se alguém fez isso, ficou esse tempo todo escondendo a verdade sem nunca deixar vazar? Como?

Também foi algo em que pensei.

— E se a pessoa responsável enfeitiçou outros deuses pra ajudarem e então eles esqueceram que ajudaram?

Eu me encolho. Falando em voz alta, dá para ver que é forçar a barra.

Boone já está balançando a cabeça.

— Pensa só, Lyra. Não é só o panteão grego que a pessoa ou pessoas teriam que ter enfeitiçado. Os deuses dos outros panteões: nórdico, egípcio, sumério, celta, maia etc. Eles interagem. Não acho que Odin deixaria o panteão grego trancafiar os pais se soubesse que os titãs estavam sendo presos injustamente.

— *Nisso* eu não tinha pensado ainda... — murmuro, olhando para a flor rosa se sacudindo devagar com a brisa na base do pilar da terra.

Rosa não parece a cor adequada para o meu humor, que já estava bem sombrio quando cheguei aqui.

— Mas e o Zeus? — indago.

Até agora, é a única explicação que meu cérebro aceitou.

Do jeito como Boone estreita os olhos, dá para ver que está considerando, mas não está convencido. Começo a contar os argumentos nos dedos.

— Virou rei dos deuses, e isso vem com poder adicional. E se tiver vindo com todo o poder do Cronos em nível titânico? Tipo, o Hades conseguiu a Caixa de Pandora quando virou rei. Não tinha como fazer isso sem a coroa. Então, lógico que a posição vem com coisas... extras.

— Tudo bem — concorda Boone.

— E você viu que... é óbvio que ele ficou meio biruta de poder.

Ele solta uma risada sem humor.

— É um eufemismo. — Aí balança a cabeça. — E os outros panteões?

— Como rei, o Zeus interagiria mais e teria mais acesso a eles?

— Depois — argumenta ele com um tom significativo.

— É. — Apoio a cabeça nas mãos. — Não sei o que pensar.

Deuses, a dor de cabeça que começou durante a batalha só piora. Talvez seja um efeito colateral de receber o poder de deusa?

Faço uma pausa.

— Que foi? — pergunta Boone, e sua voz soa abafada porque estou com as mãos nos ouvidos.

Ergo a cabeça.

— Já descobriu como fazer feitiço? Mesmo que uns pequenininhos?

— Não. Por que... — Dá para ver a compreensão no seu olhar. — Você quer testar seu poder.

— Isso mesmo. Vamos começar por aí.

42

A HISTÓRIA DA PERSÉFONE

LYRA

Começamos a seguir para os quartos em que estamos dormindo. Ou tentando dormir.

— Quem você tá considerando? — pergunta Boone.

— A Perséfone.

Ele endireita tanto a postura que fico surpresa quando a coluna não estala toda.

— Não...

— Ela é a única não titã aqui embaixo a quem podemos pedir ajuda.

— E é óbvio que tá do lado dos titãs — argumenta ele, balançando a cabeça.

— Tem uma ideia melhor? A gente não vai contar por que quer aprender a fazer isso. Só dizer que é pra proteção.

Boone retesa o maxilar. Não gosta nadinha da ideia.

— Tá.

Ao menos agora sei por que ele não confia nela. Contudo, como eu também fiquei presa no passado com o Hades sem poder contar a verdade a ele, talvez o Boone devesse dar um desconto à Perséfone.

Quando chegamos aos quartos, fico parada à porta da área compartilhada em que os titãs se reúnem: só um lugar seguro no qual esperar ou às vezes dormir, que é o que estão fazendo agora. Boone passa na ponta dos pés pelos titãs espalhados pelo chão (Jápeto está roncando tão alto que até um morto levantaria para

reclamar) e sacode o ombro da Perséfone. Não dá para ver o rosto dele, mas vejo o dela, sobretudo a expressão sonolenta se transformando em um sorriso radiante quando ela vê que é ele. Boone se afasta, como se tentasse evitar que o brilho da coisa o atingisse.

Murchando um pouco, ela se levanta sem fazer barulho e o segue até o corredor no qual aguardo, e mesmo tendo acabado de acordar, os cabelos na altura dos ombros que vão do escuro ao rosa ainda caem de um jeito perfeito enquanto esfrega os olhos grandes azul-lavanda. A mulher não tem um amassadinho no rosto para contar a história.

Quando não estava no Tártaro, provavelmente dormia usando nuvens como travesseiro.

— Preciso que você enfeitice alguma coisa da sua preferência — digo quando seguimos pelo corredor. — Pode ser algo pequeno. Não pode perguntar o porquê.

Perséfone fica sem reação. Só piscando. Aí sorri, um sorriso nem de perto tão aberto quanto o de um segundo antes, mas ainda assim é como se o corredor se enchesse de raios de sol e borboletas.

— Querem minha ajuda?

Boone faz um som de engasgo atrás de mim, e fico tentada a dar uma cotovelada nele.

— Eu adoraria ajudar — responde ela, dando um passo para trás.

Ela desvia o olhar de mim para Boone, então ergue a mão em um gesto fluido, como uma bailarina.

Boone dá um solavanco para trás, erguendo a mão entre os dois.

— Eu, não. De jeito nenhum.

Perséfone faz beicinho. Os olhos até brilham.

— Estraga-prazeres.

Boone responde com um resmungo, mas abaixa a mão. Mas não relaxa.

Com um sorriso provocador, Perséfone agita os dedos, e por trás da saia esvoaçante de seu vestido aparece um coelhinho de pelo cinza e orelhas tão compridas que o bicho quase tropeça ao ir pulando, hesitante, até parar na mão dela. Ela aproxima a criatura

do rosto para “dar um cheiro” e coloca a coisa fofinha de volta no chão.

Sei que o coelho em si é um feitiço, então olho para o rosto do Boone. Nada de véu.

— Tá vendo isso?

— Claro que ele tá vendo, bobinha — responde Perséfone com uma risada, mas não em um tom grosseiro.

Ainda assim, ele confirma com a cabeça.

— Pois é... — murmuro.

— Vamos tentar outra coisa. — Mais uma vez, com o gesto de bailarina, ela agita os dedos acima do coelho. — Agora, você é um sapo.

Assim como a Reia e o falcão, o coelho logo muda da posição sentada para uma ereta, as patas dianteiras retas e as traseiras, uma de cada lado.

Então a criatura... coaxa.

Ou tenta. O som é tipo uma versão estridente de um coaxar. A criatura tenta de novo e, então, pula. Não o pulo de um coelho... mas um pulo de sapo... pelo piso de pedra.

Boone se inclina à frente, fascinado.

— Não acredito.

— Acredita, sim — respondo baixinho, não achando a mesma graça.

Ele me olha.

— Você tá vendo?

Depois de respirar fundo, assinto. Como no caso falcão, a cobertura de luz apareceu nos olhos do coelho assim que ela agitou a mão.

— Mas esse é um feitiço sobre um feitiço, né?

— Em essência, sim — confirma ela, devagar. — Mas o coelho é mais uma manifestação. É um nível aceitável de real, como a pista de obstáculos.

Não ajuda muito se o falso pode ser verdadeiro e o verdadeiro pode ser mentira.

— Já pode parar — afirmo, gesticulando para o coelho que acha que é sapo.

Ela chama o coelho para perto e — assim como a Reia com o falcão — retira o feitiço dos olhos do bicho com delicadeza. O pequeno véu de luz some assim que é retirado, e o coelho logo ajusta a postura, não mais como um sapo, parecendo confuso. Ela acena a mão de novo, e o coelho desaparece.

Sinto uma pontada de tristeza pela coisinha que era "um nível aceitável de real".

— O que você viu, exatamente? — questiona Perséfone, revezando o olhar entre nós dois.

Não estou disposta a compartilhar isso com ela ainda.

— Como *você* veio parar aqui embaixo?

Perséfone se inclina para trás, como se quisesse fugir da pergunta.

— Já falei que a gente não sabe, mas...

Fico esperando que ela mencione alguma coisa sobre ruptura no tempo, mas não faz isso.

Em vez disso, olha para os próprios dedos, entrelaçados diante do corpo. Ela está bem paradinha.

— Da primeira vez que o Hades veio com a Caixa de Pandora, tentando me tirar daqui, fui escondida até os portões do Tártaro, sozinha, como o combinado.

Boone e eu nos entreolhamos. Não foi isso que perguntei, mas não digo nada, só espero que ela continue.

Ela espia por detrás da cortina de cabelo, como se verificasse se estamos atentos. Já vi sorrisos falsos mil vezes antes — uns que mascaram a desaprovação, a mentira ou a verdade; outros que aguardam, pacientes, até que a pessoa fale uma merda. Mas acho que nunca vi um igual ao sorriso dela, que contém tristeza e uma determinação meio impotente.

— Vocês têm que entender — prossegue Perséfone. — Antes de você chegar ao Tártaro, Lyra, a gente já sabia que você vinha, por causa da profecia da Febe. E da Reia. Ela sempre disse que você viria.

Meu coração palpita como um peixe fora d'água. Prometi à Reia. Isso aconteceu hoje para mim, mas há milênios para ela. Será que é algo que sempre acabo fazendo? Será que sempre volto àquele momento e faço a promessa? Ou fiz essa mesma promessa em

outras situações? E as redefinições do tempo que aconteceram antes de eu chegar no Tártaro?

A reação do Boone — considerando que contei a ele o que vi e o que fiz na visita mais recente ao passado — espelha a minha. A desconfiança deixa sua voz tensa.

— É a primeira vez que a gente ouve falar disso.

— Vocês sabem por quê. — Perséfone dá de ombros. — A gente precisa ter cuidado pra não jogar um monte de informações em cima de vocês. Tem muita coisa que ainda não sabem.

Nisso ela tem razão.

— Enfim, os titãs tiveram tempo pra se preparar, pra analisar centenas ou até milhares de cenários diferentes. Ao que parece, eu aparecer aqui quase cento e cinquenta anos atrás foi meio que uma surpresa. — Ela faz uma careta. — Não fiquei muito contente também, assim como vocês, mas aprendi a ter paciência depois de esperar a Lyra nascer e crescer o suficiente para que Hades a encontrasse e a escolhesse para a Provação. Só que... da primeira vez, ele não fez isso.

— Não fez o quê? — questiono.

— Não te escolheu. Ele não participou dos Jogos da Provação, como de costume. Então vocês não se encontraram, você não ganhou nem veio parar aqui. A gente teve que redefinir o tempo e tentar de novo.

Por causa da profecia da Febe?

Acho que preciso me sentar para ouvir isso.

— Isso é... — começa Boone, então gesticula, como se apagasse a pergunta. — Deixa pra lá.

Perséfone torce o nariz.

— Tivemos que redefinir o tempo várias vezes, na verdade. Fomos pacientes. A gente se preparou, pensando e formulando todos os futuros possíveis que você pudesse enfrentar. Filtrando até chegar a uma combinação de acontecimentos perfeita e passos exatos pra conseguir fazer você chegar aqui e libertar a gente.

— Pelos deuses... — murmura Boone.

— Não sei bem se é pra esses deuses que a gente devia rezar — murmuro em resposta.

Quem sabe não seria melhor tentar com os deuses da morte. Anúbis, talvez?

Perséfone parece não notar, quase como se estivesse perdida nas lembranças de todos os passados que eles vivenciaram.

— A esta altura, faz tanto tempo que os titãs estão aqui embaixo que descobriram que existem possibilidades infinitas. Também descobriram quando começar a se esquivar das rupturas no tempo pra não redefinirem as coisas sem querer e conseguir apressar a chegada do futuro.

O que casa com o que Céos nos contou. Perséfone não estava lá quando falamos sobre o funcionamento da ruptura no tempo.

Ela suspira.

— Faz um tempo que não visito o passado.

Boone se inclina à frente, de repente bem atento.

— Você tá admitindo que também já viajou no tempo?

Ele fala como se a estivesse acusando de assassinato, mas sei o motivo.

Ela abre a boca, mas ele apenas gesticula com a mão e murmura de novo:

— Deixa pra lá.

Perséfone faz uma cara tão decepcionada que fico com vontade de abraçá-la. Estou tendo muitos ímpetos em relação a abraçar as pessoas por aqui. Ímpetos perigosos. Ainda não sabemos em quem podemos confiar.

— É melhor a gente não arriscar mudar as coisas, de qualquer forma. — Tem um medo real na sua voz e nos seus olhos, e ela observa ao redor como se verificasse que não há nenhuma ruptura do tempo por perto.

Um conjunto de sentimentos atravessa os olhos do Boone: perplexidade, preocupação e uma raiva gradual que vai se solidificando. Imagino que seja raiva da própria preocupação e do fato de estar preocupado.

— Também é melhor que vocês contem pra gente tudo o que sabem — adiciona ela.

— Não vou contar porra nenhuma pra vocês. Não confio em ninguém aqui embaixo a ponto de contar qualquer coisa sobre o meu passado — rebate ele, em um tom que nunca o ouvi usar com

ninguém, com exceção, talvez, do Chance, o cara que mais intimidava os outros no covil.

Nem daquela vez em que se meteu em uma briga de bar com uma gangue de motociclistas — ele contra todos —, o Boone ficou assim. Eu nem estava lá, mas vi o vídeo porque tive que apagá-lo. Ele fez cinco brutamontes pensarem muito bem antes de partirem para cima dele, só usando aquele tom de voz.

O fato de Perséfone só abaixar o olhar diz muito sobre ela. Quando levanta a cabeça, há um sorriso ali, ainda que não tão alegre.

— Eu também não confiaria na gente, se fosse vocês — confessa ela.

— E *não* preciso da sua aprovação — retruca Boone.

Com um suspiro, ela olha para mim.

— Como falei, na primeira vez que você ganhou a Provação e o Hades conseguiu a Caixa de Pandora, a gente tentou executar o plano pra eu sair daqui. Em vez de me sugar pela tranca, a porta se rachou, mas fechou antes que eu conseguisse passar. Os titãs me fizeram tentar mais duas vezes...

— Espera aí... eles *sabiam* que você tava tentando fugir sem eles? — indago antes que Boone o faça.

— Sabiam. Porque nunca faço parte da profecia da Febe. Se tivessem conseguido me tirar daqui antes... — Ela dá de ombros. — Mas descobriram que a Caixa de Pandora era o jeito de trazer *você* aqui pra baixo.

Boone fecha as mãos.

— Porra, isso não faz o menor sentido. Os deuses moldaram tudo pra funcionar de um jeito específico.

Perséfone dá um sorriso amarelo e fica séria, mantendo o olhar em mim.

— De início, quando vim pra cá, acharam que você chegaria do mesmo jeito que eu.

— Que foi como? — questiono.

— Esse é o problema. Não sei. Nem eles sabem.

Ela já falou isso antes. Até aqui, nenhuma mudança.

Boone solta um som gutural de escárnio.

— Sério... — Ele para de falar quando chuto seu pé.

Perséfone franze a testa.

— Lembro que tinha ido ao Olimpo depois de ter passado vários meses no Submundo. Lembro de estar rindo com a minha mãe. O Hades tava lá. — Ela franze ainda mais as sobrancelhas, com um olhar introspectivo. — Tinha alguma coisa diferente no rosto dele.

O rosto dele.

Um tremor me atravessa. Passa pela pele toda, me fazendo ranger os dentes.

Ela balança a cabeça.

— Fui dormir no meu quarto na casa da minha mãe e tenho uma vaga lembrança de ter alguém comigo no escuro. — Ela contorce o rosto como se tentasse dar mais nitidez às lembranças. — E então acordei no Tártaro.

— Fala sério...

— Para — interrompo, e Boone só me olha. — Eu acredito em você — afirmo para Perséfone.

Ela endireita a postura, com o sorriso se iluminando.

— Mesmo?

— Porra nenhuma — brada ele.

Engulo em seco.

— Eu acredito em você por causa do que consigo ver agora.

Boone dá um solavanco para trás na cadeira.

— Desde quando?

— Não aconteceu antes de hoje, mas vi assim que ela acordou — explico, dando de ombros.

Passei a conversa inteira tentando não ficar encarando.

— Viu o quê? — questiona Perséfone, com um tom exigente.

Espero que ela não perca as estribeiras.

— Você foi enfeitiçada.

43

ESTÃO VINDO ATRÁS DA GENTE

LYRA

Boone e eu estamos nos equilibrando, lado a lado, em um beiral em que mal dá para ficar na ponta dos pés, encurralados na estrutura da pista de treinamento do Cadeado de Poseidon entre as espadas atrás de nós e os martelos tipo o do Thor à frente, que se agitam ao redor feito hélices de helicóptero enquanto balançam da estaca central grossa lá em cima.

— Você consegue, Lyra — incentiva Perséfone da lateral.

Como se fôssemos amigas. Não confio muito nela. Talvez eu veja o feitiço nos seus olhos, mas não dá para saber como ele influencia suas crenças e ações. Aliás, foi um feitiço que tentei afastar. Afinal, como deusa dos feitiços, não era para eu conseguir afetá-los?

Mas nem tchum. Ainda está ali toda vez que olho para o belo rosto da Perséfone. Talvez ela seja uma bomba-relógio. Boone parece estar determinado a não confiar nela, no geral fingindo que ela não existe.

Eu precisava gastar fisicamente um pouco da energia reprimida e causada pela confusão, então viemos para a pista de treinamento.

Mesmo conseguindo ver os feitiços, *ainda* não sei no que acreditar.

A deusa da ironia e eu precisamos ter uma conversinha qualquer dia desses. Não sei por que ela fica me fazendo de alvo, mas parece algo pessoal.

Há muitas outras perguntas bagunçando minha cabeça, como fios coloridos de um novelo que um filhote de demônio esgarçou e

emaranhou todo.

Para de pensar nisso, digo a mim mesma pela centésima vez.

Ficar remoendo isso significa perder o foco no que está na minha frente. E é assim que consigo um belo de um corte no rosto vindo de uma das espadas. Foi tão profundo que, mesmo com a cura acelerada, ainda arde. O hematoma na testa veio de um martelo e é novidade, mas agora ao menos não parece mais que um ganso botou um ovo na minha pele.

A cura de deusa é bem maneira.

— Beleza — diz Boone enquanto olhamos para os martelos balançando. — Na última vez, você ficou prestando atenção em martelos demais.

Quanto mais treinamos, mais ele parece um guru de obstáculos, todo zen.

— Era pra eu estar prestando atenção em *menos* martelos? — Faço um esforço para não soar sarcástica, mas não dá muito certo.

Ele me lança um olhar incisivo, e dou de ombros.

— É, Lyra — confirma, com um tom propositalmente lento e paciente. — Os únicos martelos que importam são os dois ou três que tão prestes a te acertar. Os outros são só distrações. Se ficar confusa, escolhe o martelo mais devagar que estiver mais próximo e pisa em cima. Assim, vai conseguir montar nele. E isso vai te dar tempo de observar tudo.

Solto uma risada de deboche.

— Quem te enganou que eu sou uma pessoa cheia de coordenação que vivia treinando nas pistas de obstáculos lá do covil?

— Lyra... você passou pelo Trabalho de Ártemis, o que incluiu escapar de um dragão. Isso sem contar o labirinto de vidro da Atena.

Faço um esforço enorme para não me tremer toda com a menção da Atena, a parte mais brutal dos Jogos da Provação para mim. As cabeças nas estacas. O jeito como o Dex e a Meike morreram. Não são as melhores lembranças pra se guardar.

— Tive ajuda.

Ajuda das tatuagens, Zai, Meike, Trinica, Amir, e até dos outros campeões de vez em quando. Sinto falta de todos eles. Mas nem

chega perto da falta que sinto do Hades.

O peso no peito que a ausência dele causa nunca diminui. Mesmo agora, quando estou focada em não ser lançada na água eletrificada, a sensação não passa. Como se ele estivesse aqui comigo.

Será que morro aqui toda hora porque não consigo fazer isso sem ele?

Boone fica revezando o olhar entre mim e os martelos.

— Beleza, plano novo — afirma ele. — A gente faz junto. Toda vez que eu falar *pisa*, você dá um passo na direção que eu mandar. Não se mexe, a menos que eu mande, mesmo que eu me mexa. Entendeu?

Agora vamos brincar de "O mestre mandou"? Isso não vai funcionar mesmo. Vejo outro banho e outro choque no meu futuro próximo, mas se eu fizer sozinha, vai dar na mesma. Então vale a tentativa.

— Entendi.

— Então vamos.

Funciona por um breve instante. Nos movimentos seguintes, foco nos martelos mais próximos e me mexo do jeito e na hora que Boone manda. Acho que estou começando a perceber o que ele quer dizer com identificar os martelos nos quais focar. Só que é rápido demais. Meu cérebro precisa de um tempinho a mais para assimilar o percurso, a proximidade e para onde tenho que ir para sair do caminho. Provavelmente por isso que vejo o martelo vindo na minha direção pelo canto do olho e me encolho. O instinto me faz dar um passinho para longe.

— Não — orienta Boone, aparecendo do nada por perto e me movimentando para um lugar mais seguro.

— É tipo uma dança... — murmuro.

Ele assente.

— Pra trás.

E damos outro passo.

O martelo passa a toda ao lado, fazendo um barulho de movimento.

— É igualzinho a uma dança. — Ele sorri. — Lateral esquerda.

Nós nos movimentamos.

— O que acham que estão fazendo? — A voz do Cronos nos alcança apesar dos sons na pista de obstáculos e do soprar do fogo e da lava nas terras devastadas.

Talvez eu me vire na direção dele. Estive esperando que ele desse as caras, mas o timing me surpreende. Só sei que ouço Boone murmurar "merda", e aí sou erguida. Há um movimento espiralado confuso quando sou balançada. Levo um segundo para perceber que ele nos conduziu para cima de um martelo em rotação.

— Não distrai ela! — berra ele para Cronos, de algum jeito conseguindo manter o olhar no titã enquanto giramos.

Como ele faz isso? Estou ficando tonta e enjoada.

— Ela não estava pronta para aquela parte! — grita Cronos.

— Estava, sim — insiste Boone. — Você que estava atrasando ela.

Em um rodopio transitório, percebo o titã fazendo carranca.

— Não é assim que ela...

— Espera eles passarem pelo obstáculo primeiro, meu amor. — Reia não fala muito alto.

Acho que nunca fala alto.

Ela está aqui? Fico um tanto boquiaberta quando olho ao redor e a vejo ao lado do Cronos. Da última vez que vi o rosto da titânide, estava manchado de lágrimas silenciosas, consumido por um desespero profundo e pela dor de saber que os filhos foram obrigados a atacá-la. A acreditar que ela era horrível. A acreditar em coisas ainda piores sobre o pai deles.

Falei que viria ajudá-la.

Prometi.

Naquele momento, ela não sabia por quanto tempo teria que esperar. Por quanto tempo todos eles teriam que esperar. Para mim foi um instante, mas para eles passaram-se milênios e milênios.

Cada pergunta, cada preocupação, cada pensamento confuso tentando entender tudo isso desaparece ao ver o rosto dela agora.

E percebo que, não importa o que aconteça, vou tentar cumprir minha promessa.

Além do pequeno suspiro ao vê-la, não digo nem faço mais nada. Não emito nenhum outro som.

Mas o olhar da Reia muda. Não fica exatamente mais intenso, mas se firma.

Ela sabe que agora sei.

— Pronta? — questiona Boone.

Eu me forço a respirar fundo e me preparo mentalmente para focar em passar pelo resto do obstáculo quando o que quero é ir até Reia. Mesmo que ela não possa me dar mais respostas do que já tenho.

Estou quase tentada a pular naquela água maldita, mas o choque elétrico não é mole, não.

Então confirmo com a cabeça, e nos movimentamos.

E é aí que aquela droga daquele sino resolve tocar. Mesmo aqui, perto do fluxo de lava e terras em chamas, com todo o barulho que fazem, é como se estivesse tocando bem no meu ouvido.

— Merda... — murmura Boone e sobe em outro martelo para que consigamos olhar para os outros lá no chão.

— Fiquem aí! — grita Cronos. — O Pandemônio não deve conseguir alcançar vocês.

Aí os três correm como se suas vidas estivessem em jogo.

E nos deixam ali, pendurados no martelo giratório, como sacos de comida apoiados em uma árvore para um urso não conseguir pegar.

— A gente não pode passar horas aqui — diz Boone. — Vamos tentar voltar pra plataforma entre os obstáculos.

O que significa andar para trás sem ser atingido.

— Correr esse risco é mesmo mais seguro?

Ele olha para mim, depois para a pista de obstáculos, então congela de um jeito horrível.

— Que foi? — Olho na mesma direção. — Você tá vendo o Pandemônio?

Não tem nada saindo dos túneis; a visão do caminho está bloqueada pelos pilares e a encosta da montanha, então só dá para ter vislumbres a cada giro. Provavelmente, é o movimento que mascara o primeiro indício de brilho vermelho, mas é só quando Boone xinga de novo que percebo que a ruptura do tempo está vindo na nossa direção.

— Merda — repete Boone. — Volta um passo.

Mas hesito.

Descobri coisas importantes no passado — coisas que os titãs não podem me contar nesta linha do tempo porque preciso descobrir por conta própria. Até então, além do que foi dito pela cópia do Hades no Cadeado, tudo o que descobri foi testemunhando eu mesma... no passado. Contanto que eu consiga evitar redefinir qualquer coisa, não seria melhor eu entrar na fissura?

Ao mesmo tempo, ainda precisamos conversar direito com os titãs. Neste segundo, a viagem no tempo se mostra bem inconveniente.

— Lyra.

Boone me segura pelo braço e dá um puxão.

O que vem a seguir é rápido. Porque nós dois percebemos que a fenda temporal está vindo até nós mais depressa do que conseguimos nos afastar.

Boone reage, tomando a iniciativa. Ele me movimenta para lá e para cá, me gira e me coloca em um martelo para que eu me afaste dele, e então me segura quando volto. Tudo isso está fazendo com que cheguemos para trás o mais rápido possível... para longe do tempo.

Mas é quase como se a lasca cintilante estivesse nos perseguindo. Sei que o Boone também percebe.

— Com sorte, o Pandemônio não gosta de água eletrificada — comenta ele ao passar em um giro.

— Quê?

Em resposta, ele assobia — um sinal para eu *me preparar*.

Estou sozinha em cima de um martelo. Quando ele gira em um outro martelo, de repente me pega pela mão. Nosso ritmo combinado faz minhas pernas balançarem ao léu. Não fico nadinha surpresa quando ele grita:

— Agora!

E aí solta.

Sou arremessada da pista de obstáculos em direção à piscina, caindo depressa. Mas não depressa o bastante.

No instante seguinte, uma luz reluzente já familiar engole minha cabeça — nem vi a segunda ruptura do tempo ali embaixo. E o Boone também não deve ter visto, porque identifico o choque no

seu rosto logo antes de ele girar para longe e a primeira lasca do tempo o envolver por completo.

Aí tudo ao meu redor vira silêncio.

44

UMA BOMBA-RELÓGIO

LYRA

O tempo me joga bem aos pés do Hades desta vez, mas vou rolando até cair de bunda nas docas do rio Estige.

— Porra, isso foi foda — reclamo, esfregando o bumbum.

Hades me pega pelo braço e me levanta, me rebocando da doca para a lateral das pedras.

Tem muita gente me sacolejando hoje.

— Ei...

— Você tem que ir embora, Lyra. Agora.

O tom urgente e sério se sobrepõe à minha irritação.

— O que...

Por fim, me atento aos arredores. Não ao rio com o fluxo azul cintilante cheio de redemoinhos, nem às estrelas na caverna montanhosa bem alta, nem ao navio pirata de Caronte.

Foco nos *navios*. No plural. Há *dezenas* de embarcações pelo rio, esperando chegar a vez delas. E milhares, talvez dezenas de milhares, de almas às margens, já desembarcadas.

— O que aconteceu?

Hades passa um tempão sem responder, mirando os olhos de uma alma após a outra. Para a maioria, apenas agita a mão, e elas desaparecem. São enviadas para uma parte ou outra do Submundo, mas ele para diante de uma.

— Confessa — ordena ele.

É só por causa do que sou agora — rainha do Submundo — que ouço a alma falar, vejo suas feições fantasmagóricas se moverem

com o abrir e fechar da mandíbula e o formular das palavras através de lábios que não existem mais. E o que ela diz é horrível demais, feio demais.

Quando termina de confessar, Hades se inclina e sussurra a sentença no ouvido do morto. A alma abre a boca em um grito que não ouço porque ela também desaparece. Direto para as entranhas dos infernos.

Para o Tártaro?

Aquele babaca está lá embaixo comigo agora? Trancado no que imagino serem milhares de salas pelos túneis, recebendo uma punição condizente com seus crimes. Ele vai sofrer por toda a eternidade, não importa onde vá parar.

Sei que Hades lhe dará uma punição justa.

Hades continua alocando as almas, e assim posso observá-lo. Ele usa vestes de estilo mais antigo, com uma capa com capuz jogado para trás. Então, não são os dias atuais. Mas quando? E o que ele está fazendo do lado *de fora* dos portões do Submundo, caralho?

— Você tem que ir embora, Lyra — brada ele, por cima do ombro.

— Por quê? O que aconteceu? — pergunto outra vez, mais baixinho.

Ele nem me olha.

— Faz muito tempo. Aconteceram coisas que talvez você ainda não saiba.

Observo sua expressão e percebo... que ele está com medo por mim.

Não posso explicar o motivo de ele não precisar ter medo.

— Você e seus irmãos prenderam seus pais no Tártaro e agora governam o Olimpo. Foi isso que aconteceu?

É raro ver Hades surpreso, mas do jeito como ele fica imóvel por um momento antes de prosseguir a análise das almas, sei que é o caso.

— Então você sabe, sim, das coisas.

Desvio o olhar.

— Sei mais do que eu gostaria e às vezes menos do que eu preciso.

— Tão enigmática... — murmura ele antes de gesticular e fazer outra alma desaparecer.

Minha risada é puro sarcasmo.

— Como um deus cheio de segredos... bem-vindo à sensação de estar no meu lugar.

Há um estrondo abafado e repentino, e o chão treme de leve, fazendo cair uma poeira fina do teto de pedra. A coisa faz um som sibilante e suave ao chover em cima de nós e no chão.

— O que foi isso? — pergunto.

Nunca vi isso acontecer no Érebo quando eu estava aqui. É um refúgio de beleza e paz. Não de estrondos. Ou tremores.

— Vai embora — brada Hades, com um grunhido.

— Primeiro me diz por quê.

— Não dá pra eu fazer isso e te proteger ao mesmo tempo. A gente tá desfalcado.

Franzo mais a testa.

— Por que tem tanta alma chegando?

Ele não consegue responder, ocupado com as almas.

O navio que o Hades estava atendendo se afasta das docas, e outro se aproxima. Ali no convés, reconheço alguém.

Um pirata de verdade.

Caronte.

Eu me enfio atrás do Hades, tentando evitar que o barqueiro dos mortos me veja. Na vida futura, ele nunca deu nenhum sinal de me reconhecer, e Caronte, ao contrário do Hades, tende a me mandar a real. Às vezes, mais até do que o necessário. Ele teria mencionado se tivesse me encontrado antes. Tenho quase certeza.

— Hades? Por que tantas almas?

O tipo de frustração que só o Hades consegue demonstrar com um retorcer mínimo da boca atravessa suas feições.

— Meus irmãos e irmãs resolveram lutar pelo trono no Olimpo.

Arregalo os olhos. As Guerras Anaxianas. Foi *aqui* que vim parar? Não digo isso em voz alta, mas minha boca forma as palavras.

Enfim Hades olha para mim com mais atenção, só por um segundo, o olhar intenso analisando cada nuance antes de voltar a lidar com as almas.

— O que sabe disso?

Mordo os lábios. Não é para eu contar nada a ele. Mas... ele também falou uma vez que eu o mandei parar a guerra, ou lidar com a situação, ou algo do tipo. O jeito como ele falou não foi muito claro.

— A destruição que os meus irmãos tão causando tá deixando tudo aqui embaixo um caos — afirma ele. — Os mortais tão morrendo aos montes. Se tem alguma coisa que eu posso fazer, diz agora.

Não consigo. Não consigo falar.

Em parte porque o fim das Guerras Anaxianas foi o início dos Jogos da Provação. Trocar uma coisa horrorosa por outra não parece uma boa solução.

Outro estrondo ricocheteia pela câmara enorme, e é tão violento que uma onda se alastra pelas águas, balançando os navios alinhados como brinquedos e então seguindo na nossa direção.

Hades me puxa para os próprios braços, me envolvendo de um jeito protetor, e fico certa de que ele vai controlar a água. Mas, do ângulo em que estou, vejo o Caronte. No convés do navio, o barqueiro coloca o joelho no chão, ergue as mãos e as águas se acalmam.

— Uau... — sussurro.

Eu não sabia que ele controlava o Estige.

Não consigo me afastar do Hades e ir para trás dele a tempo. Caronte me vê.

E fico tensa.

Caronte conhece todas as almas, sendo o primeiro a conduzir cada uma ao Submundo, e o deus nunca esquece de nenhuma. Inclusive da minha.

Ele me conhece. Quando me encontra no futuro, ele me reconhece e nunca falou...

Outro estrondo. Caronte ainda está com as mãos levantadas, então o rio nem se mexe. Mas uma série de estrondos soa lá em cima.

Jogo a cabeça para trás, analisando a caverna alta, bem na hora em que uma rachadura se abre, fazendo um barulho ensurdecedor, e parece que o teto todo desaba.

Hades me cobre, e não vejo o que ele faz, mas consigo ouvir. O colidir de pedra com pedra como um trovão. A poeira cai sobre nós em uma camada fina, mas nada além disso. Hades está ofegante quando me segura pelos ombros.

— Mandei você ir embora! — grita ele.

Juro que ele está com vontade de me sacudir, mas se controla.

Olho para cima e vejo o teto no lugar.

— Cacete, Lyra. Não dá pra eu...

— Eu posso ajudar — afirmo.

Consigo alocar as almas mais fáceis ao menos.

— Não! Você vai acabar me distraindo se ficar aqui. Vou me preocupar... — Ele para de falar.

Sei que é verdade. Que ele se preocuparia comigo, apesar de só ter me visto algumas poucas vezes. A lógica está enfim se sobrepondo ao pânico que as almas transeuntes, os constantes estrondos e o perigo estão provocando. Não posso mostrar a ele meu poder como rainha do Submundo. Ele não vai entender por que também consigo fazer o que ele faz.

— Pra onde eu vou? — questiono.

Onde é seguro?

— Pro meu quarto no Érebo.

Ele olha para minha boca, e quase levo a mão aos lábios. Ele sabe. Sabe que ele, ou alguém, me deu um beijo que me protege aqui embaixo. A coisa permanece nos meus lábios até hoje, mesmo que eu não precise mais dela. Ele sabe que consigo transitar com segurança por todos os cantos e recantos do Submundo.

— Eu vou...

Um uivo emana de dentro do portão.

Não. Não um único uivo. *Três* uivos.

— Estão tomando o portão! — berra Caronte do convés, apontando. — Não tá funcionando. Você tem que pôr um fim nisso.

Hades fica imóvel e pálido. Se ele não fosse imortal, eu estaria com medo de ele ter sido reivindicado pela morte. Ele fecha os olhos, respirando fundo.

— Puta merda... — murmura.

E desaparece.

Fico olhando para o espaço em que ele estava — o espaço vazio que as almas se apressam para preencher, uma acotovelando a outra na pressa para chegar ao pós-vida.

— Vai! — grita Caronte acima de mim.

Nós nos encaramos. Seu olhar está cheio de perguntas que ele não tem tempo de fazer. Por que não perguntou nada quando voltou a me ver tantas eras no futuro? Ele me passou informações que provavelmente o Hades preferiria que não fossem repassadas, mas nenhum indício de que tínhamos nos encontrado antes.

Assinto para ele e me teletransporto para o quarto do Hades no Érebo. Nosso quarto no castelo que ele construiu na Terra das Sombras. O silêncio letal das almas é substituído por um diferente. Deveria ser reconfortante e calmo.

Em vez disso, é um silêncio vazio.

Envolvo os braços na cintura, fechando os olhos. Porque sei o que o rei do Submundo acabou de escolher fazer.

— Hades... — sussurro. — Desta vez, vou te esperar.

Se eu puder.

Tenho a impressão de que ele vai precisar de mim.

Quase de imediato, ouço uma batida urgente à porta.

Corro para abrir e vejo Caronte.

Ele está um pouco diferente do deus que conheço no presente, sobretudo por causa das roupas — uma túnica escura com couro atravessando o peito, os pulsos e as canelas. Definitivamente, ele não é o conjunto de ossos repugnante que a maior parte dos mitos descreve, mas neste momento não há nem sinal do cara amigável com olhos risonhos.

Ele interpreta com facilidade o pânico no meu rosto.

— Hades não morreu — informa depressa. — Eu teria sentido.

— Mas não sabe o que ele tá fazendo?

Caronte faz uma pausa, me analisando com mais atenção, então nega com a cabeça.

— Eu queria ter certeza de que você tinha chegado aqui bem, então pedi pra Hécate me cobrir por um tempinho. Não posso ficar.

— Por quê?

— Eu tinha pra mim que ele ia querer que você ficasse em segurança.

Solto uma risada de deboche.

— Quanta mentira!

Ele faz uma carranca ágil e dura, algo muito diferente do Caronte que conheço, e aí lembro que ele não me conhece ainda.

Contendo um suspiro, abro um sorriso arrependido.

— Com certeza, ele ia querer, mas imagino que você tenha vindo pra ter certeza de que vim direto pra onde o Hades mandou, sem desvios.

A cara feia ameniza um pouco.

— Talvez — admite enfim.

Ele olha por cima do ombro como se o estivessem chamando. Há olheiras escuras sob os olhos verde-azulados. Não é qualquer coisa que faz um deus parecer abatido, mas é o caso agora. A tensão emana dele.

Engulo em seco.

— Pode mandar o Cérbero pra ficar com ele?

Caronte franze mais a testa.

— Não tem como eu lidar com todas as almas sozinho.

— Verdade.

Desvio o olhar. É tentador pra caralho me oferecer para ajudar. Ele já viu meu rosto, mas quando encontrar minha versão do passado no futuro dele, saber a habilidade que ela virá a ter — apesar de ser humana na época — vai ser um problemão para ele.

Então não ofereço ajuda.

— *Você* sabe o que o Hades tá fazendo? — indaga ele, com a voz tão cortante quanto a carranca de antes.

Tenho um palpite.

— Não tenho certeza.

— Por que será que não acredito nisso?

O que respondo? Nada. Nada é só o que posso responder. Não sou muito chegada ao nada.

— Então é você. — Caronte fala tão baixinho que quase não ouço.

— Quê?

Ele me observa de um jeito estranhamente analítico e curioso.

— Ele fica te esperando. No jardim das águas.

As palavras ecoam em mim, não apenas com choque, mas como um quentinho que me assola por inteiro.

— Ele te *contou* isso?

— Não... — Caronte de repente endireita a postura, inclinando a cabeça como se ouvisse algo ao longe, e mexe os ombros como se tivesse acabado de assumir um fardo ainda maior. — Infernos! Tenho que ir.

Desaparece tão rápido que a porta fica aberta e o corredor, vazio.

E me deixa aqui com mil novas preocupações, esperando Hades voltar para mim.

45

PASSAR NO TESTE DO TEMPO

HADES

Torpor.

A sensação me dominou — a mente, os membros, até a pele. O horror do que tive que fazer... O único jeito de detê-los foi me fechar de todo e deixar a ira me consumir.

Fazia muito tempo que eu não sentia isso.

Não desde que consegui controlar meus poderes.

Pareceu... *certo*. Pareceu...

Estaco no lugar ao ver alguém deitado na minha cama, e enfim me lembro que Lyra está aqui. Ela ficou me esperando, mas nunca pensei que seria na minha cama. Se alguém tivesse perguntado antes de hoje o que eu acharia disso...

Mas, agora, depois de tudo o que fiz...

Caralho!

É melhor ela ir embora. Agora mesmo.

É melhor Lyra se afastar de mim o máximo possível, para o momento mais distante no tempo. Cacete, é o que todo mundo deveria fazer. Uma vez, ela me disse que eu seria bom. Que eu faria coisas que ninguém mais poderia fazer, mas que precisavam ser feitas, usando o poder que até eu temia na época. Mas duvido que ela pensasse que eu faria algo como o que fiz hoje.

Mas... não consigo mandá-la ir embora. Nem quero.

Como sempre, egoísta.

Em vez disso, estalo os dedos, de imediato me livrando do sangue que derramei, usando agora uma túnica de dormir. Aí me

deito do outro lado da cama.

Não toco nela. Porra, a cama é tão grande que daria até para o Cérbero dormir entre nós de boa.

— Quer conversar? — A voz suave e rouca dela rompe o silêncio.

Fico tenso, rígido como uma corda de instrumento, mas não a olho.

— Não preciso de mais uma pessoa me chamando de monstro hoje, Lyra.

— Por que eu faria isso?

— Destruí o Olimpo. — Ouço minha voz falando como se estivesse fora do próprio corpo, em um tom morto.

Exatamente como me sinto.

Nossa mãe está enterrada viva no Tártaro junto ao nosso pai. Depois de nos ajudar a fugir das entranhas dele, ela ainda o escolheu. O Olimpo era a última coisa que eu tinha dela. Isso e... Olho para meu braço, onde minhas tatuagens dormem.

— É a pior consequência em que consegue pensar? Ser chamado de monstro? — indaga Lyra com um tom quase despreocupado.

Ela está entediada, caralho? Acabei de fazer a pior coisa que poderia ter feito, e ela acha que sou fraco por odiar a situação?

— Agora não, Lyra.

Ouço o roçar do cobertor de lã, o material repuxando um pouco com o movimento dela.

— Tipo... teve algum mortal ferido?

Não vou falar disso.

— Ou algum imortal? Você matou algum? — Então ela começa a ponderar em voz alta. — Consigo pensar em alguns que seria bom não ver por um tempo.

O que me faz remexer sob as cobertas.

— Teve alguma consequência calamitosa, apocalíptica?

Mas que caralho! Ela não vai largar o osso, né?

— Não — rosno, me virando para ela. — E cansei deste joguinho.

Ela comprime os lábios, assentindo como se fosse uma bruxa velha e sábia.

— O que tô entendendo é que o que quer que você tenha feito era a única saída. Se tivesse outro jeito de evitar que seus irmãos mandassem mais mortais aqui pra baixo antes da hora, você teria escolhido isso.

— Será?

Como ela saberia?

Ela me observa com olhos límpidos e confiantes.

Não é para você confiar em mim! Quero gritar para ela. Quero martelar isso na cabeça dela até ela acreditar. Até fugir e nunca mais voltar.

— Nenhuma das piores consequências possíveis aconteceu hoje — indica ela. — Então não sei pra que tanto chororô.

Que se foda essa porra!

Meu movimento é veloz de um jeito violento e Lyra se espanta, mas só depois de eu encurralá-la debaixo do meu corpo na cama, prendendo suas mãos para trás.

— Já falei. Chega.

Ela empina o corpo contra mim, com um olhar de desafio.

— O que você fez? O que te transformou em um monstro?

— Para.

— O que pode ser assim tão ruim? — Ela atira as palavras contra mim.

— Para, Lyra.

Eu a sacudo, apertando mais seus pulsos.

— Confessa! — Sua voz brada a palavra não com o tom tempestuoso que combinaria com sua expressão feroz, mas como uma canção.

Não só uma voz, mas legiões de vozes. Um coral entoando uma música angelical de tamanha beleza que até meus olhos ardem com as lágrimas.

É a mesma voz que uso quando, como rei do Submundo, exijo que a alma exponha suas ações em vida para ser julgada.

E quero lutar contra isso, contra a influência.

Mas não consigo.

Sinto meu rosto suavizar, e a visão ficar turva. Não estou mais no quarto no Érebo, e sim em algum lugar dentro da minha própria mente que existe e não existe ao mesmo tempo. Um lugar

em que só a verdade pode ser proferida. Deve ser proferida. E me ouço responder:

— As Guerras Anaxianas acabaram. Eliminei os últimos vestígios da minha mãe do mundo. O Olimpo não existe mais, e só o que resta da Reia é sua carcaça se decompondo no Tártaro.

Aí Lyra aparece no lugar nebuloso dentro da minha mente comigo, e foco no rosto dela enquanto ela ouve.

— Qual é sua sentença, minha rainha?

Em meio à névoa, ela se solta dos pontos em que a prendo e segura meu rosto. Estou... tremendo? Caralho, estou, sim. Meu corpo todo treme enquanto aguardo as palavras dela. A punição.

Mas, quando as palavras são ditas, são doces como mel.

— Minha sentença é que você era o *único* deus protegendo a humanidade enquanto os seus irmãos teriam passado por cima dos seres humanos como gigantes pisando em formigas.

Palavras que me absolvem. Palavras que me perdoam. Palavras que me compreendem, mesmo quando sou um monstro. Não consigo me mexer ainda, flutuando em meio à bruma, mas sinto a umidade fria da lágrima escorrendo pelo meu rosto.

Lyra enxuga a lágrima com o polegar.

— Sua penitência é se libertar da dor, sabendo que, se houvesse qualquer outra alternativa, você a teria escolhido.

É como se ela tivesse me dado um soco no peito, mas em vez de arrancar o coração, ela está fazendo-o bater no meu lugar, me mantendo vivo, me obrigando a encarar a mim mesmo e o que fiz. Um grito gutural explode de mim, e tento ao máximo contê-lo, conter a dor. Mas a névoa se esvai dos meus olhos, e ela está aqui.

Lyra ainda está aqui comigo.

Mesmo sabendo o que fiz. Do que sou capaz.

Caio na cama, rolando para o lado para não esmagá-la, então puxo-a para meus braços e enfio o rosto no seu cabelo... soluçando.

Lyra acaricia minhas costas em círculos reconfortantes, me deixando lidar com a penitência. Ela espera.

Ela espera por mim.

E quando respiro fundo, trêmulo, e enfim relaxo, ficando em silêncio, ela sussurra no meu ouvido:

— Eu nunca te acharia um monstro.

O último resquício da tensão em mim se dissipa.

— Por quê? Você nem me conhece.

Não de verdade.

— Ainda assim enxergo você, Hades.

O que ela acha que enxerga?

— Acabei de te dizer que destruí o Olimpo. Ninguém conseguiu me deter. Acha que não tentaram?

— Sei que tentaram.

Eu me afasto para olhar para ela bem sério.

— Só isso já devia ser o suficiente pra fazer você sair correndo daqui aos berros. *Todo mundo* tem medo de mim. Mal conseguem ficar no mesmo recinto que eu. Até meus pais tinham medo de mim. Do contrário, meu pai não teria me engolido e minha mãe não o teria deixado fazer isso.

Ela balança a cabeça.

— Os outros têm medo do que aconteceria se você perdesse o controle ou, pior, se decidisse conscientemente usar seu poder na máxima potência contra eles ou contra o mundo.

— Mas você não tem medo disso?

— Não. E hoje foi a prova disso.

— Prova? — A palavra me escapa, transbordando escárnio.

Ela me lança aquele olhar teimoso e determinado.

— É, prova. Você não perdeu o controle do poder.

— Perdi, sim. Deixei a raiva me dominar.

Ela sacode a cabeça.

— Exato. Você *deixou*. A raiva não te controlou. É diferente.

— Você não viu a situação, Lyra.

— Não precisei ver.

Quero ir embora. Deixá-la ali na cama e não voltar até ela ter desaparecido. Mas não consigo. Porque meu coração está gritando para eu mantê-la por perto. Para nunca deixá-la ir. Porque — e talvez isto seja o que mais me assusta — ela tem razão sobre a raiva, mas só em parte. Meu controle sobre a coisa, limitando minha destruição apenas ao Olimpo — tudo isso veio de imaginar o rosto dela. De manter a imagem dela na mente. De não querer que ela me olhasse com nojo.

E isso me assusta pra caralho.

Como, depois de uns poucos e breves encontros ao longo de toda a minha vida, ela se tornou tão... importante... para mim?

— Você é muito ingênua. — Não sei se estou dizendo isso para ela... ou para mim mesmo.

— Talvez eu seja.

Preciso fazê-la ir embora. Fazê-la se afastar de mim. Nunca mais voltar. Isso está saindo do controle... é perigoso.

— Existem visões sobre mim. Uma profecia de muito tempo atrás. Faço coisas *terríveis*. Você devia ter visto o rosto deles hoje... — O nó na garganta é tão intenso que não consigo terminar de falar.

Ela me encara.

— Você já fez essas coisas?

A perplexidade se embrenha pela ira que sinto por mim mesmo.

— Não, mas...

— Então para de caçar penitência. Para de se sentir culpado por coisas que nunca fez.

Solto um resmungo quando as palavras me acertam com tudo, e ainda assim... não. Meu avô acreditou tanto na profecia que tentou me matar. Estou condenado a isso. Não é para eu condená-la junto comigo.

— E se eu fizer...

— O Hades que eu conheço não fica sentado esperando as coisas acontecerem. Ele bola planos. Estratégias. Ele se prepara. Consegue fazer isso?

Simples assim. O peso que veio ameaçando me arrastar para as profundezas dos meus próprios infernos, me enterrar vivo com meus pais cruéis, se esvai. Como a luz do sol se espreitando acima das montanhas e afugentando a escuridão. Fico olhando para ela, para seu rosto lindo e teimoso.

— Você acredita que consigo fazer isso? Com meu próprio destino?

Seu sorriso é tão convicto que dói e, ao mesmo tempo, ameniza a dor dentro de mim.

— Acredito.

Tão simples.

Ela acredita de verdade que consigo controlar meu próprio destino. Assim como disse que eu controlaria meus poderes.

E fiz isso.

Controlei mesmo.

Pelos céus, essa mulher... Meu tormento, meus infernos e minha salvação envoltos em uma só pessoa que me abandona de novo e de novo, e, ainda assim, me anima toda vez que me encontra.

Com a mão trêmula, acaricio os ângulos e as curvas do seu rosto, a pele supermacia.

— Você é a única pessoa que teve a coragem de ficar tão perto de mim assim. Eu sabia que ia me esperar, se pudesse, mas achei que fosse ficar deitada ali no canto com um cobertor, o mais longe de mim possível, e em vez disso está aqui na minha cama... e agora nos meus braços. Ainda assim, não tá tremendo de medo. Mesmo depois de eu te contar o que fiz. Como é possível?

Ela abre um sorriso suave.

— Tô aqui pra *dormir* — argumenta ela —, mas acho que não há espaço para medo de você dentro de mim.

Quero mantê-la aqui. Quero que ela seja...

Minha.

A palavra ganha vida dentro de mim, mas abafo a coisa depressa. Porque ela não pode ficar. Porque, mesmo que pudesse, eu não devia permitir.

— Você já conheceu alguém e sentiu que conhecia a pessoa a vida inteira? — questiono. — Mesmo que tenham se passado só minutos, horas ou dias?

A pergunta a surpreende. Reconheço no brilho dos seus olhos. Também me surpreendo, para ser sincero.

— Uma vez — responde ela, devagar.

— É uma sensação estranha e desconfortável — afirmo, olhando para a origem do desconforto. — Não sei se gosto disso.

— Ajuda se eu disser que um dia você e eu vamos ser... amigos?

— Amigos? — saboreio a palavra. — Não tenho amigos.

— Tem o Caronte e o Cérbero.

Solto um murmúrio duvidoso, analisando seu rosto e a considerando como amiga. Uma mera amiga. Não. Minha alma rechaça o pensamento. Não é o bastante.

— Se você tivesse me dito que seríamos amantes, *aí*, sim, eu acreditaria com mais facilidade.

Juro que a sinto amolecer nos meus braços, demonstrando tanta confiança em mim que dói... e me encanta.

Roço os dedos da sua têmpora até o maxilar.

— Fico me perguntando... como é seu gosto.

Um beijo só.

Um simples beijo.

Só um, e aí a mando sair da cama, se afastar de mim o máximo possível, para sempre.

Acaricio seu lábio inferior com o polegar, analisando sua reação. Com uma naturalidade visível, ela ergue a mão e toca meu peito, então solta um gemido gutural. Será que sente como meu coração está acelerado?

— Você é uma sirena? — sussurro. — Pra me cativar assim tão fácil?

Um sentimento passa pelo seu rosto, mas é breve demais para que eu consiga identificar. Tristeza, talvez, ou a noção de algo terrível. O que ela sabe que eu não sei?

Será que consigo extrair a verdade dos seus lábios com um toque?

— Lyra... — Seu nome sai como se fosse uma oração.

Como uma confissão...

Fico rígido, vendo não suas feições, e sim a lembrança de uma única palavra proferida pelos lábios que eu estava prestes a beijar. Meu corpo todo fica gelado, e estreito os olhos quando seu rosto volta a entrar em foco.

— Confessa — sussurro.

Um medo inconfundível toma suas feições.

— Quê?

— Você usou meu poder sobre a verdade das almas. — Aperto seu pulso com mais força. — O. Meu. Poder. Caralho! Você me fez confessar. — Tensiono tanto o maxilar, tentando conter a ira que queima dentro de mim como fogo, que sinto um músculo pulsar na pele. — Como isso é possível?

Ela me encara de volta como um cervo ferido diante de um leão faminto, o pulso acelerando.

— Não posso dizer.

— Você *pegou* o poder de mim? — pergunto, exigente, ainda que baixo, do jeito que quem me conhece sabe que deve temer. — É isso que você faz? Pega poderes que não são seus? Achei que você tinha poder sobre o tempo, mas ter tanto isso quanto um poder sobre as almas... — Balanço a cabeça. — Impossível.

Ela engole em seco, e é possível ouvir o barulho no quarto silencioso.

— Não posso dizer nada, mas não peguei de você. Eu jamais faria isso.

— Então eu te *dou* o poder? — retruco com deboche.

— Não posso dizer...

Saio da cama, andando de um lado para o outro, porque tenho que me livrar da ira de algum jeito. Tenho que saber. Se eu não descobrir e ela for embora, vou perder a cabeça tentando desvendar o mistério sem ter respostas. Quero confiar nela. Preciso confiar nela. Mas só tem um jeito.

Fico imóvel. Totalmente estático.

— Perdão, minha estrela, mas é necessário...

Aí sussurro uma única palavra, desta vez imbuída de poder. Uma palavra que soa como a canção de um coral. Uma ordem que sua alma não consegue ignorar.

— Confessa.

De imediato, o rosto dela relaxa, e seus olhos ficam anuviados, como se tivesse sido tragada para uma névoa mental, para a névoa em que a única nitidez é a verdade.

Mas ela resiste.

Consigo sentir por meio do controle que tenho sobre ela. Porra, ela luta pra caralho. Nunca senti isso.

Mas sou muito mais forte. Eu a incito a aceitar a ordem. Aceitar e contar a verdade...

— Eu te amo — diz ela, em um tom suave e doce, quase sonhador.

A verdade.

Cambaleio para trás como se ela tivesse me batido.

— Não importa quando, nem como, eu te amo. Amo tudo em você: o jeito que se importa com as coisas, o jeito que luta, o jeito

que me faz rir com um senso de humor soturno que combina com o meu, sua força, o jeito que você beija e faz um monte de outras coisas, até o jeito que guarda segredos pelo meu próprio bem. Mas, principalmente, o jeito que você ama.

O pavor que me consome a cada palavra proferida é diferente de tudo que já senti, ainda que parte de mim esteja flutuando, exultante, ao mesmo tempo. Porém, o medo afugenta a alegria como um escoamento de lava, não só enterrando-a, mas dizimando-a. É coisa demais. O amor dela. Ela é preciosa demais.

Ela merece coisa melhor que eu.

Não posso amá-la de volta. Não vou fazer isso.

— Sempre vou te amar, Hades — declara ela. Cada palavra é uma flecha no meu peito. — Pra sempre, não importa o que você...

Então ela desaparece, levando embora os sons da confissão que ainda saía de sua boca.

46

UM MOMENTO PARA MATAR

LYRA

Interrompo minha confissão para o Hades com um grito ao sentir a água transparente e horrivelmente familiar me envolver. De novo.

Porque a ruptura do tempo me deixa exatamente onde me buscou. Em cima da porra da água eletrificada.

Só dá tempo de eu gritar e me debater antes que alguma coisa — ou alguém — me pegue no ar.

Caímos no solo duro e saímos rolando. Depois de um segundo de espanto, nos levantamos ao lado da piscina da pista de obstáculos. Eu... e Cronos.

Achei que ele tinha fugido com a Reia e a Perséfone por causa do Pandemônio. Ele voltou? Nos encaramos de olhos arregalados, e estou ofegante por causa do susto de ser largada do nada em cima daquela água maldita.

— A gente tem que sair... — Ele para de falar, olhando para um ponto acima da minha cabeça.

Nem preciso olhar.

— Só pode ser sacanagem...

O som das palavras é engolido pelo silêncio de outra lasca do tempo. Será que sou um ímã dessas coisas? Que droga é essa, porra?

Ao menos não estou mais caindo quando a coisa me larga em uma área rochosa cercada por rochedos. Apenas eu. Cronos, não.

Parece mesmo que as fendas temporais escolhem quem, o que, quando e onde.

— Teria doído à beça cair nisso aqui — falo comigo mesma ao olhar ao redor, tentando me situar.

Paro de repente enquanto dou a volta em um dos rochedos e me escondo atrás da pedra, de onde, com sorte, consigo ver tudo sem ser vista.

Não muito longe, sentado em uma praia rochosa, está um menininho com um cabelo tão preto que cintila à luz do sol. Ele segura uma criaturinha se contorcendo; não deve ter mais que três anos, a julgar pelo tamanho.

Hades.

Sério. É quase como se as fissuras temporais tivessem todo um plano. Pelo andar da carruagem, fico surpresa por ele não ter estado no quarto quando peguei seu machado.

Não me aproximo. Ser vista de novo é uma ideia bem ruim, apesar de ele ter mencionado que me viu em uma praia. Olho pela encosta até a estrutura lá em cima — o mesmo edifício no qual vi a família toda reunida.

É este o momento? Aquela praia?

Uma risadinha infantil ecoa pela maresia, carregada pela brisa suave, e sorrio porque, mesmo criança, as risadinhas do Hades são reservadas. Fica bem claro que o que quer que ele esteja segurando o encanta.

A praia está vazia, para além dele e de mim, então me sento em uma pedra plana, quase toda escondida pelo rochedo maior, e dobro os joelhos contra o peito, observando e esperando. Eu fazia isso em San Francisco. Ia para algum lugar na costa do Pacífico que era solitário graças à ausência humana, me sentava lá e ficava olhando para o oceano. Um dos poucos lugares em que eu me sentia segura ou em paz. Lá, porém, a brisa era fria, emanando da água ainda mais gelada. Aqui é quase perfeita. Ergo o rosto para a luz do sol, desfrutando do quentinho.

— Não!

O grito me faz abrir os olhos e perceber que o pequeno Hades está de pé. Ele se virou um pouco de lado, então consigo ver melhor o que está na sua mão. Um polvo, acho, a julgar pelos

tentáculos que se derramam por entre seus dedos. A criatura fica preta, diante dos meus olhos, e o Hades está se lamentando em um idioma que não conheço, mas como todas as outras vezes em que visitei seu passado, eu o compreendo mesmo assim. Um poder e tanto dos deuses, pelo visto.

Sei o que ele está dizendo.

— Morreu. Morreu. Eu matei. Sou um monstro.

Os ombrinhos se sacodem com os soluços que sinto daqui, cada som uma facada no peito. Então, além de onde ele está, o mar de repente se ergue com violência e avança contra ele como um punho gigante e translúcido.

Meu senso de autopreservação some, e só penso em uma coisa: *alcançar o Hades*. Corro tanto que o mundo vira um borrão, e aí o pego no colo. Se eu estivesse com os machados, os usaria, entrecruzando-os para criar uma força que afastasse as coisas de mim. Mas só estou com um, então faço a única coisa em que penso e me viro, ficando de costas para a água e me preparando para o golpe da onda gigante.

No entanto, nada acontece.

Depois de um segundo, eu me viro e vejo um homem que não conheço entre nós dois e o oceano bravio, com os braços erguidos no alto, as costas nuas e musculosas.

— Não vou deixar que o machuque, pai.

A água, já da altura de um edifício de três andares, cai de novo fazendo um barulho enorme, e o titã entre nós e o mar a contém outra vez quando o líquido avança ao redor, e só uma maresia fina e salgada nos toca. Quando a água recua, há um homem com cabelo branco e um rosto envelhecido no afloramento de pedra visível por causa da maré recuando.

— Libera a mente, Oceano — diz ele. Não é um brado, nem grito, e sim uma súplica. — Deixa eu te mostrar.

Oceano? Analiso o titã. *Esse* é o traidor que abandonou a Tétis no Tártaro, que se recusou a lutar enquanto os deuses aprisionavam a família dele?

Os dois se encaram, a água se acalmando mais e mais entre eles. Aí o homem mais velho — deve ser Urano, o pai primordial da criação e dos titãs — se encolhe, com os ombros pendendo para

baixo, embora não dê para dizer se por causa do alívio ou da tristeza.

— Será que você não vê que a gente não tem escolha? — argumenta com o filho.

Oceano se vira devagar e olha, não para mim, mas para Hades. A tristeza no seu rosto é uma história sendo contada sem palavras. Ele acredita no que quer que o pai tenha lhe mostrado.

— Quem quer que você seja, você não faz parte disto — diz ele para mim. — Coloca a criança no chão e vai embora.

Com as bochechas úmidas pelas lágrimas e pela maresia, o pequeno Hades enfia o rosto no meu pescoço, choramingando, e o abraço mais forte.

— Nunca vou deixar você machucar ele.

Nem o primordial nem o titã hesitam, os dois erguendo as mãos.

— Você fez sua escolha, mulher — declara Urano.

Até parece triste.

Enquanto vou chegando para trás a passos lentos, tentando não tropeçar nas pedras, a única coisa que penso em fazer é correr, mas ali há um primordial e um titã. Mesmo na velocidade de deusa, é muito difícil que eu vá ser mais rápida.

Quando a água vem na minha direção, é tão feroz e intensa que não tenho tempo de dar muitos passos. Pela segunda vez, viro-me de costas para aguentar o grosso do impacto e oro para conseguir segurar o Hades em meio à torrente violenta.

E, pela segunda vez, nada acontece.

Em vez do rugido do oceano, o silêncio é quase devastador. Será que outra lasca do tempo me levou embora?

— Não machuca você — diz a vozinha do Hades.

Observo-o, e seus olhos são como aço enrijecido. Quando olho para cima, arfo. Ele ergueu uma proteção de pedra ao nosso redor. Preta e transparente — de obsidiana.

Fico de queixo caído, olhando para a criança. Mesmo novo assim, ele consegue fazer muita coisa.

Do lado de fora, através da pedra translúcida, vejo que a água recua em um rompante, como se estivesse pegando impulso para atacar de novo com uma mira mais certeira. Contudo, Hades espalha os dedos pela obsidiana, que racha, virando lascas afiadas

como uma adaga, que pairam no ar. Nem tenho que perguntar o que ele está pensando em fazer em seguida: cravar as adagas pontiagudas no tio e no avô. Antes que possa fazer isso, algo vem correndo pela lateral e se enfia entre nós e eles dois.

As adagas letais caem, e uma se finca na testa do Hades, perto do couro cabeludo. Ele berra antes que a lasca e todo o resto se dissolvam de repente.

Mas a obsidiana já garantiu a ferida. Icor dourado escorre da lesão.

Coloco a mão em cima.

— Não era pra você já estar se curando?

Aí me dou conta da região da ferida. Bem naquela faixa de cabelo claro do futuro Hades.

Não foi o Zeus que fez isso com ele?

Afastando minha mão ensanguentada, Hades sorri e aponta para um Cronos mais jovem, que está prostrado entre nós e a morte.

— Papai! — exclama o menino, com a confiança brilhando nos olhos.

Ele acha que estamos em segurança agora.

Relâmpagos emanam das roupas e do cabelo do Cronos, como se todo o seu ser estivesse eletrizado.

— Não vou transformar o meu filho em um assassino assim tão novo, mas se não desistir disso, pai, você não me deixa escolha a não ser agir no lugar dele.

Por um breve segundo, é quase como se Urano se encolhesse, passando do primordial que é — uma das fontes originais da vida, poder e morte — para algo mais humano, frágil e desolado. Dura apenas um ínfimo instante até ele enrijecer as feições.

— Te mostrei o que ele vai fazer com o mundo se deixar ele viver. Não me faz passar por cima de você.

— Não faz isso — sussurra Cronos com um tom duro.

É como se a intensidade do desespero e a determinação do titã estivessem vivas: uma geleira ficando mais fria, ganhando peso e tamanho, esmagando e destruindo tudo pelo caminho.

Por um milésimo de segundo, acho que Urano vai amolecer, mas aí seus olhos prateados — como os de Hades — ficam duros.

— Perdão, mãe. — O sussurro do Cronos soa desolado.

No instante seguinte, o titã dispara pela água até o pai, tão rápido que nem vejo o movimento. Quando ele projeta uma foice de obsidiana do nada, assim como as armas criadas pelo Hades agorinha, ouço o grito do Oceano na tentativa de detê-lo. Porém, Cronos castra o pai e então perfura suas entranhas, despejando os intestinos, o sangue e o sêmen pelas águas.

Depois, Cronos fica segurando a lâmina longe do corpo, como se não aguentasse tocar na peça. Após um segundo repugnante, ele larga o objeto nas águas agora paradas — como se o oceano tivesse morrido — e o titã grita aos céus em fúria e tormento.

Oceano fica observando tudo de queixo caído, a pele assumindo um tom pálido antes que, enquanto o irmão está distraído, ele lance um olhar de culpabilização e ódio a Hades. Mais uma vez, ergue as mãos para nos destruir.

Antes que eu possa gritar, Cronos avança no Oceano.

— A foice é a assassina dos deuses, irmão.

Puta merda! Tem uma arma que mata deuses? E primordiais, também, ao que parece.

— Se não quer ter o mesmo destino, sugiro que suma da minha vista — prossegue Cronos. — Se eu te vir de novo, se chegar perto do meu filho de novo, vou fazer o mesmo com você.

Sinto um arrepio intenso descendo pela coluna e escapando pelas extremidades, e Hades dá um tapinha no meu ombro, como se tivesse sentido.

Cronos está falando sério. Muito sério.

Oceano deve perceber, porque, depois de um momento insuportável de encarada entre os irmãos, tudo sendo dito com um mero olhar, ele desaparece. E aí, com uma velocidade que nem meus olhos de deusa conseguem acompanhar, Cronos está na minha frente. Sem dizer nada, pega Hades dos meus braços.

O garoto vai para o colo do pai com avidez, mas então parece se lembrar do momento com o polvo, e seu lábio inferior treme.

— Papai, eu matei ele.

E então eles somem, também, e fico sozinha na praia.

A onda encosta nos meus pés com delicadeza, e olho para baixo, então solto um arquejo e chego para trás. Porque as águas estão douradas com o sangue do Urano.

Urano, que previu que o Hades faria algo terrível. Será que o primordial teve a mesma visão que a Rima recebeu durante a Provação? Será que viu Hades ateando fogo no mundo? Destruindo tudo? Uma profecia tão poderosa que faria um avô tentar trucidar o próprio neto ainda criança.

O que eu fiz? Acabei de dizer ao Hades que ele jamais faria isso.

Mas e se eu estiver errada? E se ele for mesmo capaz disso? Meu deus da morte tem mais segredos do que a quantidade de estrelas no céu. Para descobri-los, tenho que voltar para ele. Preciso fugir do Tártaro.

Não sei por quanto tempo fico aqui, me afastando da água um passo de cada vez, com a maré sangrenta se assomando mais e mais. Não consigo me importar.

Não depois do que acabei de ver.

Um pai defendendo o filho.

Os deuses foram enfeitiçados. Os titãs são inocentes. E o Cronos sempre amou os filhos.

Que tipo de mundo é este?

É melhor eu ir embora. Voltar ao presente. Só que agora sei por experiência própria que talvez eu fique presa aqui por mais tempo. O que é para eu fazer aqui por dias — ou anos, como já aconteceu com o Jápeto —, eu não sei. Aprender a dormir em cima de árvore, pelo visto. Talvez eu consiga entender e falar todos os idiomas, mas não tenho dinheiro nem bens. Então, basicamente, é isso. Se eu ficar presa aqui em um passado tão longínquo, estou ferrada.

Não preciso de treinamento para destrancar os Cadeados. Preciso de... aulas de história e culturas antigas.

Você é uma ladra. Se comporte como uma, Lyra.

Desvio o olhar do horizonte e observo ao redor. Vou precisar roubar roupas que caibam em mim e encontrar um lugar para me esconder. Não é o melhor dos planos, mas é um plano.

Já atravessei metade da praia quando ouço um barulho borbulhante acima do ruído ritmado das ondas e me viro.

Fico encarando.

Porque o oceano está... *espumando*.

Não tem outra palavra.

A água se revolve em dourado e branco acima do azul do Mar Mediterrâneo. Não são as ondas. Isso não é natural. E estou aqui, pagando de otária, presa nesta praia maldita.

47

TODO NASCIMENTO É UM CAPÍTULO NOVO NO LIVRO DO TEMPO

LYRA

Vou passando pelas últimas pedras do maior rochedo, olhando por cima do ombro toda hora, até estar segura e escondida atrás da rocha, espiando além. Assim que os ânimos se acalmarem, vou me esconder em algum lugar mais seguro.

Mas a inquietação não diminui. só aumenta.

As águas borbulham cada vez mais alto, lembrando os vídeos que já vi de tubos de água estourando. Porém, a água segue dourada, manchada com o sangue e as vísceras do pai do universo.

Então, com a força de um gêiser, a água explode a dezenas de metros acima do nível do mar.

Eu me agacho, cobrindo a cabeça com os braços, pronta para ser fervida até a morte. Porém, a água não me acerta. Ainda escuto o movimento violento, contudo, uma mistura de sons de vapor, corredeiras e um rugido abafado.

Com cuidado, espio outra vez e vejo que a explosão está... não exatamente congelada; a água ainda se movimenta para cima e para os lados, formando uma espécie de guarda-chuva ou... melhor... uma plataforma.

Lá em cima, tem uma pessoa.

Não pode ser Urano, né? Ele não estaria vivo no tempo presente se tivesse sobrevivido? Ele morreu aqui. Deve ter morrido aqui, ou o mundo ainda o conheceria.

As águas começam a baixar quase com gentileza conforme o sol se curva no horizonte, projetando a silhueta da figura em cima do

chafariz.

Uma mulher.

Até os ladrões aprendem a história dos nossos deuses. Minha memória, enfim, é ativada — algo que já era para ter acontecido faz tempo. E coloco culpa no choque.

Sei quem ela é.

Todo mundo conhece a história da origem dela.

Afrodite.

Em vez de descê-la em direção às águas, a plataforma borbulhante se inclina para depositá-la na praia rochosa e então recua, quase se afastando em angústia, deixando-a ali sozinha.

Ela fica bem paradinha em toda sua glória natural, o ser mais lindo que já vi. E já a vi de perto.

Olha ao redor, quase atordoada, como se estivesse incerta de onde está, e talvez esteja *mesmo*. Afinal, bebês choram assim que deixam o útero da mãe. Deve ser chocante vir ao mundo sem saber nada sobre ele para além do fato de que é diferente de onde se estava agorinha mesmo.

Ela dá um passo cambaleante, e quase como se o movimento a arrancasse do choque, brada uma única palavra, que nem eu entendo. Então cai de joelhos, parecendo não se preocupar com as pedras... e chora.

Cobre o rosto com as mãos, balançando-se para a frente e para trás.

Já vi desolação assim. Já senti isso.

Tudo dentro de mim clama por ela e me incita a me aproximar. Não importa o que aconteceu, Afrodite é minha amiga.

Dou um passo para contornar a pedra, em direção a ela, mas Cronos aparece do nada. Não está sozinho desta vez. Reia, Jápeto e Febe vêm junto.

— Como isso é possível? — Ouço Reia perguntar.

Sua voz é doce, mesmo tanto tempo atrás, transportada até mim pelos ventos.

Eu me enfio atrás da rocha de novo e os observo acolherem a deusa recém-nascida, que nasceu do sangue icor e do sêmen do pai assassinado.

No entanto, isso não faria dela uma titânide em vez de deusa?

Jápeto a segura, com Afrodite ainda chorando, e segue Cronos praia afora. Reia coloca a mão no braço do marido, inclinando-se para perto. E os ventos cessam nesse momento, permitindo que eu a escute.

— A gente tem que atar os poderes dela. Não podemos permitir que ela conclua o que seu pai pretendia fazer com o Hades.

Quando os titãs vão embora, despenco no chão, me encostando na pedra e pensando em tudo que testemunhei.

Coitada da Afrodite.

Sente as emoções com muita intensidade. Ela se importa com as experiências dos mortais desta vida. É, de fato, a materialização do amor, ainda que veja tal poder como fraco. Não é. Ao que parece, a fraqueza dela não é o amor. É o que quer que tenham feito com ela.

Mas não posso culpá-los por isso. Não depois de ver um avô tentar matar o neto inocente.

Mal percebo quando o tempo me leva de volta ao Tártaro.

Só sei que, em um segundo, estou encostada no rochedo de uma praia e, no seguinte, no pilar de terra perto da pista de obstáculos.

Cronos ainda está aqui, e Reia também, agora.

Olhando para mim como se eu fosse um cão raivoso que pudesse avançar e sair mordendo todo mundo.

— O Pandemônio? — pergunto.

Reia balança a cabeça.

— Já faz uns dias.

Dias?

Na verdade, não importa. Não depois do que eu vi.

Depressa, disparo pelo piso de pedra e abraço Cronos, enfiando o rosto no seu peito.

— Você sempre amou seus filhos — sussurro. — Sinto muito pelo que foram obrigados a fazer com você.

Sinto a tensão deixando seu corpo quando ele respira fundo. Então, devagar e com gentileza, ele retribui o abraço e apoia o queixo no topo da minha cabeça.

— Ela sabe — afirma Reia aqui perto.

E sinto Cronos balançar a cabeça, sussurrando:

— As coisas vão ser diferentes.

48

O VERDADEIRO LABIRINTO AQUI EMBAIXO

LYRA

Nada do Boone ainda.

Isso me assombra como os galhos expostos das árvores se enganchando nas almas perdidas em uma mata escura de inverno.

A pior parte é que não tem nada que eu possa fazer além de esperar.

Meus pensamentos devem estar evidentes, porque o Jápeto questiona de repente:

— Que foi, Lyra?

Não dá para vê-lo porque estou vendada, mas inclino a cabeça na direção dele. Teia, Hiperião e Céos vêm me ajudando a memorizar os caminhos e portas pela miríade de túneis entalhados na prisão rochosa do Tártaro. Túneis que, ao que parece, eles mesmos expandiram — de início na tentativa de escapar e, depois, para se esconderem do Pandemônio. O que também é o motivo de estarem me ajudando a memorizar tudo: segurança contra a chegada do Pandemônio, para que eu tenha onde me esconder, não importa onde esteja. E, também, pelo visto, para eu não me perder se precisar sair correndo.

E, por qualquer que seja o motivo, Jápeto resolveu que deveria ser o responsável por testar meu conhecimento.

Ele e eu estamos nos entendendo melhor, depois do que vi no passado, mas ainda estou puta por ter me jogado naquele Cadeado.

— Que foi o quê? — pergunto.

— O barulho que você fez.

Acho que deixei transparecer mesmo.

— Só estava pensando.

— E pensamento agora faz barulho?

Viro a cabeça na direção da sua voz.

— *Você* pode bem à vontade pra silenciar seus pensamentos.

Uma risada disfarçada com uma tossida ressoa atrás de nós. Acho que foi Hiperião. Os outros três, incluindo Cronos, chegaram para observar o teste.

— Continua — resmunga Jápeto.

— Você que quis puxar papo, não eu.

Continuo caminhando, passando os dedos pelas paredes entalhadas no túnel, contando as curvas e as portas.

Infelizmente, a resposta não o faz calar a boca.

— Só tô curioso pra saber por que você faz isso. Fica falando sozinha.

— E murmurando — adiciona Teia.

Ai, infernos! Eu estava *murmurando*? Engulo em seco. Estou tentando tanto não fazer isso.

Pelo visto, o motivo de ela, Céos e o Hiperião serem meus professores é porque brilham de maneiras diferentes. Eles iluminam o caminho e essa pluralidade é uma contingência para o caso de precisarmos nos separar.

Tamborilo o dedo no punho do machado preso à perna.

— Me relaxa.

— Então é um tique.

— Isso.

Ele faz um sonzinho irritado no fundo da garganta, e sorrio, porque irritá-lo está virando meu hobby favorito. Imaturo? Sim. Satisfatório? Demais.

Ele faz o som de novo, provavelmente por causa do meu sorriso.

— Então por que você não para...

— Cala a boca, Jápeto — dizem Teia e Hiperião em uníssono.

Como de costume, Céos fica calado.

Não sigo o exemplo deles. Acontece que ele tem razão. Tenho mesmo que parar.

— Só tava curioso — resmunga Jápeto.

O jeito que ele diz isso me chama a atenção. Faço uma pausa para abaixar a venda e começo a piscar por causa da luz emanando dos titãs. Os tons de rosa, roxo e laranja do nascer do sol de Hiperião se misturam aos verdes e púrpuras da aurora boreal de Céos, mais intensos na total escuridão do túnel. Teia está com os punhos fechados, cercando a luz que emana de suas mãos.

Analiso o rosto do Jápeto em meio ao brilho e fico sem reação. Estou interpretando-o da maneira certa? Ele não está sendo babaca dessa vez.

— Espera aí. Fiquei fazendo barulho nas outras vezes em que vim pra cá?

Como ele olha para Cronos, que dá de ombros, já sei a resposta antes de ele falar.

— Isso é novidade.

Ah. Olho para os meus pés. Talvez seja um mecanismo de defesa resultante dos efeitos da minha maldição? Zeus e eu precisamos mesmo ter uma conversinha quando eu sair daqui. Levanto a cabeça.

— Só escapa quando meu cérebro tá assimilando as coisas. — Ou quando estou nervosa.

Pela primeira vez, Jápeto não resmunga nem responde com um comentário cínico. Só assente e, com delicadeza, reposiciona minha venda.

— Onde a gente tá?

Fácil. Os grunhidos vindos ali da frente me confirmam.

— Daqui a duas portas está o Tântalo. — O homem que serviu o próprio filho como comida para os deuses. Sua punição é a eternidade sem nunca ficar satisfeito com nenhuma refeição. Acho que ele saiu no lucro. Eu teria atribuído a ele muito mais dor — algo parecido com o que o Prometeu recebeu por presentear a humanidade com o fogo. Aquele lance da águia comendo o fígado dele todo dia. — E a próxima esquerda vai dar no contorno que segue pra uma das saídas de volta aos pilares.

— Isso mesmo — confirma ele.

Ignoro bastante a sensação de orgulho que tenta se alastrar por mim diante da resposta simples do titã crítico.

— Continua.

Eu me obrigo a me mexer, tateando o caminho. Já viramos no túnel em direção aos pilares quando Teia de repente dá uma risadinha.

— Lembram quando a filha do Céos e da Febe, a Astéria, ficava colocando a língua pra fora quando tava pensando, e aí acabava dando um ronquinho toda vez que exalava?

Teia não é de jogar conversa fora, considerando que geralmente está com pressa para voltar para Tétis, que não gosta de perder a irmã de vista. A titânide frágil só parece confortável com a Teia por perto. Então Teia tende a andar logo com as aulas.

— Acho que o Céos até sorria — adiciona ela.

— Ela era... uma preciosidade — responde Céos com a cadência tranquila.

Jápeto ri.

— Era tipo uma *porquinha* fofa. Roncando e fungando.

— Tá chamando minha filha de porca? — brada Céos.

Não vai ter mais sorriso, pelo visto.

— Foi a *Teia* que puxou o assunto — insiste Jápeto.

Ouço um roçar de tecido, e imagino que ele esteja apontando para a titânide.

Um estalo soa tão perto que tenho certeza de que ela deu um tapa na testa dele.

— Mas eu não chamei ela de porca — argumenta ela.

Abaixo a cabeça para esconder outro sorriso. A segunda vez em poucos minutos. Parece esquisito, mas eles são o que sempre imaginei em uma família. E acontece que estou percebendo que esse é o comportamento costumeiro deles: uma família afetuosa, que se provoca e troca farpas.

Os ladrões eram parecidos em alguns aspectos. Lógico que muitos formaram amizades e alianças dentro dos escalões, mas sempre havia uma rusga de competitividade entre nós. E óbvio que, graças à minha maldição, sempre fiquei de fora, só observando tais interações.

Mas agora não parece que estou vendo tudo de fora. Embora devesse estar.

Faço uma careta com o pensamento.

Cronos pigarreia.

— Ignora eles — orienta, com suavidade, estando mais perto do que imaginava. Passou esse tempo todo estranhamente calado. — Principalmente o Jápeto. Mas você vai acabar se acostumando com... eles...

O jeito como para de falar me faz querer parar e olhar para seu rosto, mas continuo andando.

— A gente já fez isso antes?

Há uma pausa breve.

— Não assim.

Jápeto suspira.

— O Cronos sempre fica bem rabugento até você descobrir que dá pra confiar na gente.

— Não sou o único — resmunga Cronos. — Jápeto, você...

Trombo com alguma coisa que entorta minha venda, o que me possibilita ver que essa coisa é o Jápeto, olhando feio para o irmão por cima da minha cabeça.

— Não me mete nisso — rebate ele, me segurando pelos ombros e me afastando para trás.

Teia dá uma risadinha disfarçada.

Devo ser mais parecida com os dois titãs do que percebi, porque o quentinho que sinto é algo com que não sei lidar. Então o que digo em seguida soa tão rabugento quanto eles... e talvez um pouco fora de contexto.

— Tô achando que esse feitiço todo aqui embaixo tá me distraindo.

49

É MAIS DIFÍCIL DO QUE PARECE

LYRA

O que faz todos os titãs me olharem.

— Feitiço? — questiona Cronos devagar.

— O que você tá vendo?

Franzo a testa.

— Não era pra eu estar vendo um feitiço?

— É importante — insiste Jápeto. — Qual?

Aponto para uma porta coberta por um véu reluzente.

— Ali.

— Do que você está falando?

Suas expressões confusas seriam cômicas se não estivessem tão sérios.

Olho para todos os rostos.

— A porta. Tiveram várias assim. Não foram vocês que fizeram esses feitiços?

As expressões passam de sérias a sombrias. Um arquinho de fogo brilhante passa pelos braços do Jápeto antes de desaparecer.

— Mas que caralho...

— Que porta? — interrompe Cronos.

Engulo em seco. Eles nem veem a porta? Isso... isso não me cheira bem.

— Aqui.

Passo as mãos pela moldura.

— Tem alguma marca? — indaga Céos.

— Não. Não conseguem ver mesmo?

— Não — confirma Teia.

— Por que os deuses fariam isso com vocês? Por que esconder portas aqui embaixo?

Céos é quem responde:

— Alguém não quer que a gente saiba o que tem ali dentro.

Ergo as sobrancelhas.

— Isso meio que tá... a cara do golpe.

— Não sei bem o que significa "a cara do golpe", mas não me parece nada bom — murmura Cronos, olhando para a parede onde está a porta.

— Tento abrir? — sugiro, indo pegar a maçaneta.

O titã segura meu braço e me puxa para trás de si.

— Não.

— Quê? Por quê? — Gesticulo para a porta. — Se alguém está escondendo isso, tem um motivo. A gente tem que descobrir...

— Vamos descobrir. — Ele não me solta. — Mas você, não. — Ele diz a última parte com um tom severo e ríspido, o que me faz endireitar a postura.

Eu me desvencilho dele.

— Isso não é coisa de macho alfa, né? Porque se for...

— Não vou arriscar você.

O resto da reclamação morre de repente. Embora eu saiba que isso é só porque precisam de mim para sair do Tártaro, tem alguma outra coisa na voz dele, na inclinação da sua boca, que me faz achar que ele... se importa. Comigo.

— Ah! — Tento afugentar o sentimento, porque é claro que ele não se importa. Podem não ser cruéis, mas para eles sou apenas um meio para um fim. — Mas só eu consigo ver.

— A gente pode te ensinar a usar seu poder pra remover o feitiço, e aí um de nós vai lá verificar.

Considerando que não funcionou quando tentei remover o feitiço da Perséfone, e também o quanto minhas aulas de deusa com o Hades iam de mal a pior antes de eu ficar presa aqui...

— Talvez demore um bocado.

— Assim você também vai conseguir ativar e desativar o poder.

— Acho que já faço isso. Não vejo os feitiços o tempo todo.

— Mas é bom controlar isso conscientemente. Quando aprender, aí é melhor ficar com o poder inativo na maior parte do tempo. Usar os poderes, mesmo os pequenos, pode te esgotar. Não é uma boa deixar o poder ativo o tempo todo. E, se isso altera sua visão, também pode te distrair — explica Teia. — Você vê o Zeus dando choque em tudo que toca no Olimpo hoje em dia? — Ela abre um sorriso quando nego com a cabeça. — Ele teve que aprender a desativar isso.

— Ele teve que aprender isso ainda bem jovem — complementa Jápeto.

Cronos abre um sorriso que ilumina o corredor escuro, mas a expressão some tão rápido quanto apareceu enquanto me observa.

— Pronta?

Assinto, tentando não parecer muito afoita. Talvez, enfim, eu consiga ser boa em algo além de arremessar o machado.

Duas horas depois, estou pronta para dar um chilique de proporções titânicas. Já tentamos de tudo, e os titãs não pouparam saliva, oferecendo várias sugestões distintas — um se bicando com o outro, no geral. Cronos começou me fazendo tentar remover o feitiço da porta. O que inclui pegar o véu, meio que como arrancando uma teia de aranha. Toques leves e delicados.

Não é minha especialidade.

Quando não funcionou, ele tentou me fazer enfeitiçar alguma coisa, achando que seria mais fácil se eu tirasse minha própria magia. Consegui, sim, fazer uma pedra parecer um tomate, mas só para mim. Na melhor das hipóteses, um resultado fraco. E, mesmo assim, não consegui desfazer o feitiço.

Também estou começando a entender por que não fazem muitos feitiços aqui embaixo para conseguir mais conforto. Meu estômago já está embrulhado.

— Agora é minha vez. — Céos faz Cronos chispar do caminho e se posiciona na minha frente. — Fecha os olhos.

É a primeira coisa que ele fala desde que os outros começaram a tentar me ensinar.

— Sério? — rebato.

— Só obedece.

Suspiro, mas fecho os olhos.

— Quero que você imagine alguma coisa. Algum jeito de ligar e desligar algo.

— Imagino uma pedra de sílex que gera fogo com o atrito — opina Teia.

Jápeto solta um murmúrio.

— Penso em uma represa que pode ser rebaixada e erguida, deixando a água fluir ou ser contida.

Tudo bem. Ligar e desligar. A primeira coisa que me vem à mente é um interruptor de luz.

— Pensou? — questiona Céos.

Confirmo com a cabeça.

— Desliga. Aí abre os olhos.

Pressiono o interruptor para baixo, e as luzes se apagam no quarto imaginário... e então abro os olhos. A porta na parede sumiu.

Sumiu mesmo. Não sobrou nem vestígio para contar a história, parece que a pedra é sólida.

— Ai, meus deuses.

— Funcionou? — pergunta Cronos, hesitante, como se não quisesse saber se tiver sido um fracasso total de novo.

— Funcionou.

Cronos endireita a postura, então faz uma carranca para Céos.

— Era só isso?

Céos dá de ombros.

— Às vezes, a simplicidade é a melhor opção.

Jápeto solta uma risada.

— Isso tá além da compreensão do Cronos.

— Da sua também — argumenta Céos.

Jápeto fecha a boca.

Aí Céos acena para a porta com a cabeça.

— Agora ativa o poder de novo. Vê se consegue tirar o feitiço.

Não tenho problemas para ativá-lo, o cintilar da magia na porta ficando visível em um instante, mas ainda não consigo retirá-lo.

— Desculpa.

Ele abre um sorriso raro. O primeiro que o vejo dar.

— Tudo bem. A porta tá escondida sabe-se lá desde quando. Você tem tempo pra pegar o jeito.

A menção ao tempo me parece estranha.

— Na verdade, não tenho tempo. A gente quer sair daqui.

Céos para pra pensar.

— A gente pode escapar e depois voltar pra descobrir o que tá escondido ali.

É uma opção. Só que trouxe à tona algo em que venho pensando nos últimos dias de espera, conforme mais tempo passa.

— Se o Boone não voltar hoje, acho que é melhor eu destrancar o Cadeado de Deméter amanhã.

Chega de esperar. Já fiz isso sem o Boone antes.

O sino ecoa.

Cronos me pega pelo pulso, correndo tanto que nem minha velocidade de deusa consegue acompanhar. Quando estou prestes a alertá-lo, ele para de repente na frente de uma porta que, ao que parece, nós dois vemos, e nos leva lá para dentro, com os outros entrando logo atrás.

Assim que eles batem a porta, outra pessoa — um dos titãs lá no túnel — grita.

50

CORAGEM

LYRA

Estou na ponte de pedra acima do abismo escuro que serve de entrada para cada um dos Cadeados do Tártaro. É claro que os deuses testariam a coragem com um pulo abismo abaixo. Mas não entendo por que isso é um teste para titãs e deuses. Somos bem indestrutíveis, mas parece que é mais um obstáculo para escapar daqui.

Perséfone está ao meu lado, também olhando para baixo.

Depois que o Pandemônio ficou à solta, passamos o restante do dia anterior e a noite dentro da salinha minúscula e vazia na qual nos escondemos. Acordei babando no ombro do Cronos. Algo que ele teve a gentileza de não comentar. Quando Céos saiu para ver se a barra estava limpa, não voltou mais. Então esperamos mais um pouco. Esperamos e debatemos sobre o Cadeado de Deméter.

Por fim, naquela noite, Reia nos encontrou.

Céos havia sido tocado. Crio também. Não me deixaram vê-los. Disseram que era para me manter concentrada na tarefa.

No Cadeado em que estou prestes a entrar. Agora.

Perséfone suspira, com o olhar focado na escuridão, e segura minha mão. Fico tensa com o toque, mas não me afasto.

— Eu queria poder ir com você — diz ela. — Te ajudar.

— Não. — Balanço a cabeça, ainda desconcertada com nossas mãos unidas. — Eu não desejaria isso pra ninguém.

Ela comprime um pouco os lábios.

— Nem pra mim, no caso.

— Não falei isso.

Aperta minha mão.

— Não tô esquentando com isso. Como falei, a gente acaba virando amiga.

Lanço um olhar a ela.

— Toda vez?

Ela assente, com pura convicção.

— Toda vez, sempre.

— Mesmo se o Boone achar que não devo fazer isso?

Fico observando-a com mais atenção.

A deusa da primavera não consegue disfarçar a expressão taciturna.

— Ele é... — ela faz uma pausa, pensando —... uma incógnita.

Acho que a ouço sussurrar "ele sempre foi" para si mesma.

— Parece que a maior parte das coisas é uma incógnita desta vez — comento.

Ela concorda com a cabeça outra vez, mais devagar.

— Mas também te conheço. Você não vai me julgar com base na opinião de outra pessoa. Vai decidir por conta própria. — Seu sorriso luminoso não aparece de todo, porém. — E vai resolver gostar de mim.

— O Boone me contou... que te viu durante os assaltos no passado, antes de tudo isso.

A luminosidade some de todo, e ela solta minha mão. Fica mais frio, como se ela tivesse estado me aquecendo por dentro. Para me preparar para o que tenho que fazer? Ou só porque é Perséfone?

— Contou? — Ela fica me olhando. — O que ele falou?

Balanço a cabeça.

— É melhor você conversar isso com ele.

— Já tentei.

— Tenta mais. Ele não é um cara irracional. Só é... — Paro de falar, fazendo uma careta.

Porque talvez a frustração dele com a Perséfone tenha a ver com o fato de que ela atrapalhou os assaltos. E é possível, considerando o quanto ele tentou encontrá-la, que tenha ficado interessado nela por conta disso. Uma ladra que consegue pegá-lo desprevenido é raridade, e ela é linda.

Perséfone suspira.

— Agora é melhor você se concentrar em sair viva do Cadeado.

Ela tem razão.

Olho para as enormes portas entalhadas no fim da ponte. Pelas quais Cronos me rebocou pouco tempo atrás, e ainda assim parece ter se passado uma eternidade. Imagino Hades do outro lado, tentando desvendar como entrar ou como me tirar daqui. Mas ele não está mais parado ali. Imagino que esteja em algum lugar lá em cima, provavelmente no Olimpo, usando todas as manobras manipulatórias para obrigar cada um dos irmãos e irmãs a destrancar o próprio Cadeado.

Se a visão da Rima durante a Provação estiver conectada a tudo isso de alguma maneira — e vamos todos esperar que não, caralho —, então ele não vai gostar das respostas dos irmãos. A única que vejo ficando do lado dele é a Deméter. Também deve estar desesperada para tirar Perséfone daqui.

— Você consegue — reconforta Perséfone, dando tapinhas nas minhas costas, e aí se afasta para ir ficar ao lado dos titãs. Todos, com exceção de Céos e Crio, que ainda se recuperam, enfileirados atrás de mim, enquanto observo a escuridão abaixo, criando coragem para me jogar no breu.

Cronos vem ficar ao meu lado. Ele não diz nada por um momento. Aí pigarreia e estende a mão, revelando uma borboletinha esculpida. Acho que é feita de quartzo branco. Lembra muito a borboleta do Hades, a única tatuagem que quis ficar com ele quando as transferiu para mim como um dos presentes para a Provação. Não consigo conter o riso.

Então Cronos quebra o objeto em duas partes.

— Ei! — exclamo, levando um susto. — Pra que isso?

— O Hades fez isso aqui e me deu no aniversário de morte... do meu pai.

Do jeito como hesita ao falar as últimas palavras, dá para ver que fica desconfortável ao mencionar o acontecimento. Não tiro sua razão, depois de ver como tudo aconteceu.

— Meu filho disse que algumas coisas, não importa se estiverem fadadas a enfrentar um iminente fim, são preciosas demais pra não serem protegidas.

— Então por que você quebrou?

Ele coloca uma das metades na minha mão, fechando meus dedos ao redor da peça quebrada. Sinto a superfície lisa da escultura junto à borda irregular da ruptura. Aí ele ergue a outra metade.

— Quando se vir questionando qualquer coisa lá embaixo, sobretudo o que tem que fazer, segura isso bem firme. A sensação do toque vai ser a mesma, não importa o que esteja acontecendo. Isso vai te firmar na realidade. E, quando você sair, vou juntar os pedaços.

O rosto dele é muito familiar — o rosto do Hades, só que mais velho. Porém, agora, mesmo nesses últimos dias, suas feições assumiram nova forma para mim, diferentes cumes e vales, ângulos, expressões. O que vejo no seu rosto no momento também é novo... e surpreendente.

— Você não quer que eu entre lá... — murmuro.

As palavras ficam só entre nós dois.

— Não — admite.

— Tem alguma coisa que não me contou? Sobre esse Cadeado em específico?

Ele para e pensa.

— Levou um tempo pra você passar por esse Cadeado da primeira vez.

Em outras palavras, morri e redefini o tempo várias vezes. Nos últimos dias, ficou absurdamente nítido que o tempo já se redefiniu muito mais do que eu imaginava.

— Então... sobre a minha rebeldia de antes...

— Uma profecia autocumprida não é brincadeira — argumenta Cronos com um tom rígido.

Não tenho resposta. Porque, desde a Provação, venho me questionando... quanto à minha própria maldição. Não tive a oportunidade de perguntar a Zeus as exatas palavras com as quais me amaldiçoou antes de eu vir parar aqui. Ele não está falando com a gente no momento, mas parece que, pelo jeito como acabei criando laços com Zai, Meike e os outros, e como consegui me apaixonar e ser amada pelo Hades, talvez minha maldição não tenha sido bem o que me fizeram acreditar.

Sei que era verdade. Disso não duvido. Havia detalhes demais no desenrolar da minha vida para não ter sido real.

Mas e se eu tiver agravado a situação?

E se saber da maldição tiver afetado minhas próprias reações, percepções e expectativas, e, por causa disso, eu acabei piorando as coisas? Meio que como o Chance, que, sendo um babaca com todos os ladrões, basicamente fez com que, independente de sua aptidão, nunca chegasse a ser ladrão-mestre. Ele só focava na competitividade do estilo de vida, não no fato de que as parcerias periódicas eram necessárias, nem, no mínimo, na habilidade de usar a lábia para se safar de uma situação ruim. Sempre achei que ele dificultava as coisas para si mesmo.

Não seria irônico se isso sempre tiver acontecido comigo também e eu só não enxergava?

Outra vez, a tal deusa da ironia.

Ai, meus deuses. E se na verdade eu for ela?

Mas não. Já sou a deusa dos feitiços. Que decepção!

Se concentra, Lyra.

— Tá bem. Tenho que entrar no Cadeado acreditando que posso e vou sair dele — declaro devagar.

Cronos abre a boca, fecha, e aí, em vez de responder, coloca o seu pedaço da borboleta no bolso.

— A gente vai te esperar do outro lado.

Viro quando ele se afasta e volta para perto da Reia. Perséfone abre outro sorriso forçado. E percebo que todas as expressões sombrias não estão ajudando. E ficar parada aqui tentando arranjar coragem também não.

Às vezes, a coragem é o simples ato de se jogar de cabeça.

Então me jogo.

51

O CADEADO DE DEMÉTER

LYRA

— Você entrou no Cadeado de Deméter.

Observo Deméter. Assim como a Héstia, ela usa vestes tradicionais gregas esvoaçantes, não brancas, e sim azuis, destacando o dourado do seu ser — a pele clara bronzeada, o cabelo cor de trigo-acobreado entrelaçado a uma coroa de louro dourada. Agora sei, graças à Provação e aos dias posteriores, que os olhos dela parecem dourados de longe, mas possuem partículas esverdeadas de perto.

A deusa da agricultura, da colheita, da fertilidade e da terra — ela é mesmo como os campos que abençoa ou amaldiçoa por mero capricho.

Assim como a filha, agora que reflito.

Embora Perséfone esteja mais pros tons de rosa e verde, como suas flores. E, de repente, me ocorre que ela está lá em cima esperando enquanto visito uma versão da mãe dela, que ela não vê faz tecnicamente cento e cinquenta anos, mas na realidade para ela é muito mais que isso, graças às redefinições do tempo. Depois que eu abrir o Cadeado, será que a Perséfone vai visitar o espírito da mãe? Será que vai buscar conforto nela assim como quero fazer com a cópia do Hades?

Quando não digo nada, esperando que Deméter prossiga com as instruções do jogo, a deusa inclina a cabeça, com os olhos brilhando.

— Você não parece curiosa, humana.

Dou de ombros.

— É o terceiro Cadeado. Já sei mais o que esperar agora.

Deméter não buga como a cópia da Héstia. Mais parecida com a réplica realista do Hades, apenas assente. Por que a da Héstia era diferente? Será que é porque a deusa real morreu?

— Nesse caso, sem mais delongas. O Cadeado vai testar sua bondade genuína.

Ela faz uma pausa. Mais uma vez, eu aguardo. Aposto que só inventaram motivos por trás dos testes como desculpa para mascarar a vontade sanguinária de ver gente morrendo nos Cadeados.

— Pensa em uma roupa que dá pra correr e vou providenciar pra você — diz Deméter.

Espera aí. Quê? Achei que eu ficaria colhendo grãos aqui embaixo. Grãos infinitos. Fiquei treinando com uma foice de mão. Por que vou correr?

Deméter acena a mão, e a magia do Cadeado despe tudo que é divino dos meus ossos, pele e alma.

— Merda, essa parte continua péssima — resmungo por entre os dentes, então fecho bem os olhos, tentando imaginar roupas de corrida, me agarrando à imagem até a sensação se amenizar.

Quando abro os olhos, ainda me debatendo e me remexendo, estou de novo de joelhos — cobertos por uma calça esportiva leve e elástica que casa com o top de ginástica, uma camisa justa e tênis de corrida, tudo preto. Por sorte, é suficiente para eu correr por onde quer que seja... ou do que quer que seja.

Essa última possibilidade seria pior.

Coloco o pedaço da borboleta no bolso e me forço a analisar a mudança de cenário. Em vez de estar na sala rochosa redonda na base do Labirinto, estou em um campo de trigo.

Trigo dourado.

Os pés, com mais de um metro talvez, se agitam em movimentos circulares, seguindo o soprar do vento. Ao se inclinarem e tremerem, as pontas se dobram com o peso dos grãos e um som sibilante acompanha o movimento. O sol, radiante no céu azul perfeito, aquece meu rosto, mesmo com o toque frio no ar.

Um dia perfeito.

Beleza... foi isso que me disseram para esperar.

Com outro aceno de mão da Deméter, uma mesa de madeira simples aparece na minha frente, e há um copo de argila dura cheio de um líquido grosso roxo.

— Essa é minha receita pessoal de kykeon — anuncia Deméter.

Tenho uma lembrança vaga do termo, só porque dizem que ainda é usado nos Mistérios Eleusinos, em ritos de iniciação ao culto da Deméter. A maior parte do que acontece nos ritos mortais é segredo. Quem é de fora sabe que se recita alguma coisa, se revela alguma coisa, e há a execução de certos atos. E o kykeon, uma bebida feita de cevada, mel e às vezes vinho, ervas e até queijo, faz parte da cerimônia. Para tais ritos, ao menos, diz-se que a mistura tem propriedades alucinógenas.

— Pra destrancar meu Cadeado, você tem que passar por três etapas de um teste. No começo de cada uma, tem que beber. Quando beber, vai... — Ela abre um sorriso de que não gosto nadinha. — ... Ver coisas.

Pode confirmar as alucinações. Ótimo. Maravilha. Quem amou?

— E você vai ter que salvar o que estiver vendo.

Salvar?

Mais coisas a salvar. *E quem me salva?*, quero berrar.

— Beleza. Três etapas. Salvar minhas alucinações — digo em vez disso. — Acho que entendi.

Não parece superdifícil. A não ser pela parte da corrida.

— Nesse caso, beba e comece o teste — sugere Deméter.

Goela abaixo. Viro a mistura grossa, que tem uma consistência entre mingau e vitamina de fruta com gosto de vinho tinto, mel e cerveja ao mesmo tempo.

Quando termino de engolir, Deméter sorri de novo.

— Agora é encarar seu próprio ódio.

Quase derrubo o copo.

— Espera aí. Quê?

Desta vez, falo em voz alta mesmo.

— Geralmente, você não dá conta — responde ela.

Fico encarando a deusa. Ai, meus deuses. Como a cópia do Hades no próprio Cadeado, essa aí também lembra das coisas.

Deméter aponta para os campos de trigo.

— Pode ir por ali.

Com a última instrução, ela some.

— Não dou conta? Sério? — falo com os céus. — Essa informação teria sido bem-vinda antes de eu virar o copo.

— Você não tinha escolha. — As palavras dela flutuam até mim com a brisa.

Com as mãos na cintura, olho ao redor. Porém, no subconsciente, a voz do Cronos se sobrepõe a tudo. "Se concentra", diria ele se estivesse aqui.

Então respiro fundo e volto a analisar os arredores. Minha visão não está entortando. Não estou cambaleando nem atordoada. O alucinógeno já fez efeito ou não? Já fiquei bêbada antes, então sei a sensação. Só que nunca usei uma droga que alterasse a percepção, por isso não sei bem o que esperar.

Estou... numa boa. Normal.

E nada aparece para mim.

— Acho que é pra frente que se anda — comento e me mexo.

Assim que piso no campo em si, o trigo se alonga ao redor, bem acima da minha cabeça, então não dá para identificar a saída. Isso me lembra *muito* os campos pelos quais tive que correr no Trabalho de Ártemis. Não é a melhor das lembranças. A cada passo, espero que a mão de alguém apareça e pegue bandeiras que não estou mais carregando, que causam dor, desorientação ou coisa pior. Ou talvez que um dragão bote fogo em tudo. *Isso*, com certeza, me faria sair correndo.

Um tremor parecido com um sussurro se alastra pelos campos e me viro para olhar para trás. Não tem nada ali. Só eu, o trigo e o vento. Merda, esses campos são bizarros.

Meus dedos roçam em algo comprido e duro preso à calça. Quando olho para baixo, arfo.

Meu machado!

Ela não pegou a arma?

— Isso não deve ser coisa boa... — murmuro.

Mas continuo avançando. O que não faço é me permitir ficar murmurando. Talvez eu consiga, enfim, dar uma segurada nesse hábito.

— Pega ela — sussurra uma voz pelo trigal, se misturando aos ventos e aos sibilos dos pés de trigo.

Estaco no lugar, olhando ao redor. Estou certa de que ouvi desta vez, mas não tem nada aqui. Então inclino a cabeça para gritar para o céu e a deusa controlando o Cadeado.

— Se é só voz que tem pra mostrar, vou salvar o quê?

Do nada, tomo um tapão na cara.

O impacto é tão grande que desabo, aplanando o trigo, e as hastes dobradas do cereal se fincam no meu corpo. Tocando o rosto que arde, me sento e olho nos olhos gélidos da minha mãe.

Esse Labirinto de Cadeados quer porque quer jogar essa mulher na minha cara.

— Não desrespeita esse homem — ordena ela. Ou meio sibila, meio sussurra, como se tentasse manter discrição da briga e não deixar ninguém mais ouvir. — Ele vai ser o seu mentor.

Homem? Que homem? Percebo uma vaga sensação de ter mais gente aqui. Felix, fornece minha mente. E meu pai. No entanto, nenhum deles está visível... mas estão aqui. Eu os *sinto*.

Lembro deles.

Ai, deuses... lembro *disso*.

A familiaridade do momento é embaçada mas impossível de negar — uma lembrança de cujos detalhes não recordo bem. São mais impressões. Eu tinha só três anos quando aconteceu, mas está na cara que estou revivendo o dia em que meus pais "doaram" meus serviços à Ordem dos Ladrões.

O dia em que me largaram.

Meus pais, que nunca me amaram, mesmo quando eu não era amaldiçoada, segundo o Cronos.

Esqueci que minha mãe tinha me dado um tapa naquele dia, que pareceu muito brava por eu chorar. Mesmo quando vi os rostos dos meus pais na TV quando eu estava na Provação, com meu pai ostentando todo o amor que sentiam por mim. Ainda assim, não lembrei que ela tinha sido tão odiosa comigo quanto meu pai.

Minha mãe.

É ela que tenho que salvar.

— Minha mãe de novo? Sério isso? — Estou falando com Deméter, que presumo estar observando tudo. — Vocês, deusas,

estão economizando na criatividade.

— O que você está fazendo? — Minha mãe tapa minha boca, olhando ao redor como se minhas palavras fossem fazer os céus desabarem. — *Não* deixa os deuses com raiva.

Ela está com medo mesmo, tanto que começa a tremer.

Depois, retirando a mão, ela se debruça sobre mim. *Sei* que ela é uma alucinação — minha mente lógica sabe disso —, mas a sensação da mão dela foi bem verdadeira, assim como o beijo da réplica do Hades, e agora sinto seu perfume. Barato, frutado. Tinha esquecido do cheiro até este momento. Sua expressão é dura. Não é ódio, acho que também não é culpa. Só... impaciência.

— Você vai gostar daqui.

Estreito os olhos para ela, tentando lembrar do que aconteceu naquele dia. Isso é verdade? Uma mãe tão insensível, com maldição ou não, para mim é um monstro. Pior que o kraken. Pior que as sirenas e o minotauro.

Quanto mais a raiva queima dentro de mim, menor eu me sinto, como se estivesse encolhendo, voltando a ser a garotinha de três anos que eles abandonaram.

— Isso não é real — digo para mim mesma.

Porém, minha voz soa estridente e trêmula, como se eu estivesse chorando.

Um rugido sombrio e animalesco soa pelos campos à direita, e sinto um formigamento no pescoço enquanto a adrenalina impulsionada pelo medo corre pelas minhas veias. Isso com certeza não fez parte do dia em que ela me abandonou. Tem alguma coisa nos campos com a gente. Algo está nos caçando.

Outro rugido — mais próximo agora —, e sou guiada pelo instinto.

Pego a mão da minha mãe e saio correndo.

52

SALVANDO AQUELA QUE NÃO ME AMOU COMO DEVERIA

LYRA

— O que você está fazendo? — pergunta minha mãe, tentando soltar o braço enquanto a puxo pelos campos.

— Correndo.

Olho para ela por cima do ombro e aperto com mais força, reprimindo a vontade de completar com um "dã".

O trigo nos acerta enquanto corremos, e sei que estamos fazendo muito barulho. Mas o que quer que esteja nos caçando pelo campo também faria, né?

Não consigo ouvir.

— Por quê? — insiste ela, já resmungando.

É por isso que não consigo ouvir. Ela começa a arranhar minha mão, tentando me fazer soltar, resistindo e nos atrasando.

Aperto mais forte e sigo adiante, arrastando-a junto.

— Por causa do monstro.

— Lyra, sei que você não quer ficar com os ladrões, mas vai ficar tudo bem. Vão cuidar de você. — Seu tom de voz é uma combinação azeda de impaciência, pena e irritação.

— Quê? Como você cuidou de mim? Você não sabe do que tá falando.

Continuo puxando-a atrás de mim mesmo enquanto ela resiste.

— Óbvio que cuidei de você — argumenta ela com um tom persuasivo.

Pelos deuses, segurá-la é como tentar segurar uma minhoca se contorcendo. Uma minhoca bem pesada.

— Não é assim que eu vou morrer. Não por *você*.

— Não seja tão dramática — rebate minha mãe. — Os ladrões não matam as oferendas.

Faço um som de escárnio.

— Só porque a gente vale muito pra eles... — murmuro, em um tom soturno.

Outro rugido soa acima dos pés de trigo, e eu paro. Porque agora parece vir lá da frente.

— Lyra...

— Fica quieta.

Ela continua puxando a mão.

— Me solta.

A última palavra soa bem quando uma sombra surge. Eu me viro para tapar sua boca e a envolvo com o outro braço para fazê-la ficar imóvel.

Mas ela não quer ficar imóvel.

O que quer que esteja atrás de nós é grande. Ouço o barulho abafado das pisadas, ouço o trigo se partindo com o peso. Consigo segurar minha mãe quieta e calada até os passos se afastarem.

Bem quando acho que estamos em segurança, minha mãe murmura algo.

A fera ruge bem na hora que ela se desvencilha de mim e tenta sair correndo. Coloco o pé na frente e ela tropeça, caindo. Logo vou para cima dela, mas ela fica se debatendo e chutando, tentando escapar.

— Sai de cima de mim! Mal posso esperar pra me livrar de você!

Fico estática com as palavras.

Palavras venenosas e afiadas como flechas.

Palavras que nenhuma filha deveria ouvir da pessoa que mais deveria amá-la, protegê-la do mundo, adorá-la acima de todo o resto.

As palavras atingem bem fundo, verdadeiras, e... deuses... não consigo.

Não... não consigo fazer isso.

Outro estrondo rompe o silêncio entre nós, e saio de cima dela.

— Tudo bem — respondo em meio a suspiros de dor. — Também não preciso de você.

Assim que ela se levanta e dá as costas, empunho o machado. Com um baque repugnante, bato com o punho na cabeça dela, que cai desmaiada. Por sorte, é uma mulher pequena e esquelética, e consigo escorá-la nos ombros como um saco de batatas.

Sentindo a morte fungando meu cangote, volto a correr. Ou cambaleio sem jeito o mais rápido que dá considerando o peso extra que tenta se remexer e vai quicando a cada passo.

— Você é uma mãe que não serve pra nada — sussurro entre um ofegar e outro.

Outro rugido emana basicamente em cima de mim, seguido pelos passos pesados vindos de pés ou cascos ou do que quer que seja, tão perto que o chão treme.

O medo me sufoca, impossibilitando minha respiração, e o instinto de me salvar berra por mim, me incitando a largar esse pedaço de merda que recebi na loteria genética e sair correndo.

Mas não vou fazer isso. Maldita seja ela.

Não vou fazer isso.

Sem aviso, saio do campo de trigo para um pasto aberto que, ao que parece, foi arado.

Em um instante, o rugido e os passos cessam, e minha mãe some. É tão abrupto que até tropeço com a mudança de peso repentina.

Eu me inclino à frente, apoiando as mãos nos joelhos e respirando com dificuldade.

— Sou uma fodida mesmo.

Que é, lógico, quando outra mesa aparece com mais uma rodada do shot de alucinógeno, verde desta vez.

— Retiro o que disse — falo para a deusa ausente. — Não sou eu a fodida. Você que é.

Aí viro a bebida, que tem gosto de grama, e jogo o copo no chão, que cai oco na terra. Enxugo a boca com a manga da blusa e observo o campo.

— O que vem agora? Palhaços psicodélicos? Eu comendo meu próprio fígado? Expor meus sentimentos?

Talvez eu esteja agravando as coisas... e dando ideias à deusa.

Paredes de aparência bem antiga brotam do chão, me ladeando e seguindo à frente por quilômetros, ao que parece. Enquanto isso,

atrás de mim, surge um equipamento agrícola bem grandão e modernoso. Será que as réplicas das divindades aqui extraem conhecimento moderno dos deuses e deusas reais ou algo do tipo?

Sou uma garota urbana, então não sei bem o nome desse negócio que parece um trator. A palavra "colheitadeira" me vem à mente. Só sei que é enorme, com um cilindro cheio de dentes na frente. Qualquer que seja a força demoníaca no banco do motorista — que está vazio por trás do vidro acrílico — faz as lâminas afiadas começarem a girar.

Chego para trás, desconfiada, olhando de um lado a outro em busca de uma saída. *Qualquer* saída. Mas as paredes são muito altas e tão largas quanto as lâminas agrícolas giratórias; não dá para subir por ali.

A colheitadeira não se mexe. Ainda não.

— Quem eu vou salvar agora? — resmungo.

— Pelo fogo de todos os infernos, tá fazendo o que aqui, Keres? — pergunta uma voz abrasiva e exigente.

Eu me envergo para a frente sem querer ao ouvir o tom familiar e intimidador.

— Ai, cacete, pra que eu fui perguntar!

53

SALVANDO AQUELE QUE FEZ DA MINHA VIDA UM INFERNO

LYRA

Chance foi a única oferenda que não me ignorou. Uma sucessão de lembranças passa pela minha mente como um flipbook. Chance me enfiando em um armário para eu não participar de um assalto. Chance discutindo comigo por causa do dinheiro que ganhou em outro assalto. Chance sendo tão insuportável nas duchas coletivas que comecei a ir tomar banho no prédio da associação cristã. Chance dizendo para que toda oferenda ouvisse que eu estava perdidamente apaixonada pelo Boone.

Se isso não significasse morrer aqui, eu com certeza largaria o desgraçado para trás.

Não tem jeito. Bora salvar esse cara.

— Tá vendo isso? — pergunto, apontando para a colheitadeira ou o que quer que seja.

Com uma cara de escárnio, Chance olha por cima do ombro e depois de volta para mim.

— Que tipo de pergunta é essa?

O que não me diz nada.

— Sim ou não. Tá vendo?

Ele cruza os braços, com os pés fincados no chão.

— Claro que tô vendo, Keres.

Pelo menos assim vai ser mais fácil fazer com que ele fuja da coisa, ao contrário da minha mãe e do monstro no campo.

— Esse treco vai tentar matar a gente.

Ainda estou andando para trás, de olho na máquina e nele. Preciso que ele me siga. Se ele morrer nos primeiros segundos, estou ferrada.

Ele nem tchum.

— Pelos deuses no Olimpo, que delírio é esse seu agora?

Com a última palavra dele, a colheitadeira começa a se movimentar.

— Puta merda! — grita ele.

Sem escapatória, ele sai correndo. Por infelicidade, também me dá uma ombrada estilo jogador de rúgbi ao passar. É tão forte que bato na parede de pedra, e por sorte não desabo de vez, mas isso significa que agora estou atrás dele enquanto corremos.

A coisa nos caçando está avançando tão depressa que só com uma corrida vigorosa vamos ficar à frente dela. E fica muitíssimo óbvio que Chance está tão apavorado que perdeu qualquer senso de raciocínio. Em vez de correr em linha reta, ele começa a zanzar de um lado pro outro entre as paredes, e o escuto murmurando algo sobre encontrar uma porta, entre um rompante e outro de palavras frenéticas.

— Não tem nenhuma porta aqui — grito.

Ele me ignora, ainda saracoteando de uma parede pra outra. Isso diminui seu ritmo a ponto de eu alcançá-lo.

— Me segue — oriento ao passar por ele.

Pelo canto do olho, percebo que não só ele *não* está me seguindo como resolve tentar escalar a parede, enquanto a colheitadeira se aproxima depressa.

— Maldito! — reclamo, voltando.

Ao menos subiu o bastante para os pés ficarem acima das lâminas quando a máquina passar por ali. Com o barulho do motor e das lâminas ficando cada vez mais alto, vou subindo atrás dele o mais rápido que consigo.

Sinto a vibração do metal no ar e já me preparo para ser picotada, mas continuo escalando. Por pouco consigo me safar, puxando o pé pendurado no último segundo e encostando o joelho no peito para não ficar sem perna.

Mas a colheitadeira recua uns passos e vai elevando as lâminas.

— Continua subindo — grito para Chance, empurrando-o.

— A máquina não me quer — berra ele, em resposta. — É óbvio que ela quer você.

Ergo a cabeça a tempo de ver a bota grossa acertando minha cara.

E caio.

Com os braços se agitando, consigo manter o foco no rosto do Chance, e o sorriso dele é uma caricatura do mal. Nem tenho uma grande distância a cair, mas de repente me lembro do momento em que o Boone despencou da torre durante o Trabalho de Hefesto. Como ele caiu e morreu.

Será que é minha vez?

Quando caio na terra arada, perco o fôlego, mas não tanto quanto teria sido se o solo não estivesse já remexido e amaciado. Olho para trás, em busca da colheitadeira.

Talvez as lâminas fiquem bem travadas até a máquina seguir em frente ou algo assim, mas em vez de lançar as lâminas, ela vem toda na minha direção. Mal tenho tempo de rolar para o lado, saindo do caminho das esteiras de tanque de guerra que a coisa tem no lugar das rodas e cobrir a cabeça com os braços enquanto o veículo vai seguindo.

A coisa mal passa por mim quando para e vem de ré.

Mas prefiro estar na traseira do veículo do que na frente, então começo a rastejar o mais rápido que dá, com cotovelos e joelhos a toda até conseguir sair dali de baixo. Nem me lembro de pensar em levantar até já estar de pé e me virando para a máquina enquanto ela avança na minha direção.

Corro para o lado, ficando no vão entre a carroceria do veículo e a parede. Graças à parte giratória mais larga, tem bastante espaço para eu não ser imprensada entre a máquina e a superfície de pedra. Corro para a escada que vai dar na cabine.

A coisa estremece quando subo os degraus, como se não soubesse ao certo como me tirar dali. Deve estar possuída mesmo, porque tenta derrubar Chance com as lâminas, se virando um pouco até estar batendo na parede, então o pé dele escorrega, e ele acaba pendurado, se segurando só com as mãos e berrando sem parar.

Quando testo a maçaneta da porta da cabine, está trancada. De imediato, saco o machado e uso o cabo para quebrar a janela. Perco uns segundos a mais para tirar o vidro do caminho enquanto a máquina se sacoleja toda.

Enfim entro na cabine e começo a bater com a ponta cortante desta vez. Enquanto o veículo trepida, o motor rangendo como um grito de dor, ataco cada painel que vejo, cada manivela, cada fio, e não paro até a colheitadeira estrebuchar, vibrar e grunhir em derrota.

Então ela para, e fica silêncio.

— O que, em nome do Hades, foi isso, Keres? — berra Chance, ainda pendurado na parede. — Eu sempre soube que você um dia ia tentar me matar. Você é uma vadiazinha sanguinária.

Chance desaparece um instante antes de todo o resto, e me pego despencando. Desta vez, caio de bunda na terra batida e dura. Não é um campo agora, e sim um edifício redondo e amplo que talvez tenha uns oito metros de diâmetro. E é alto. Bem alto. Vários andares. Há uma porta à direita e uma escotilha no telhado, aberta, os céus azuis me provocando com a própria felicidade.

— Que isso? Um silo?

Outra mesa aparece encostada à parede mais distante.

— Vou entender como um sim — resmungo, me levantando, e vou até lá.

O líquido é âmbar. Tenho que dar vários goles para acabar, e é mais grosso que os outros, doce, mas com um gosto mais forte, tipo cerveja. Nem tenho a chance de jogar o copo no chão porque a mesa e o copo desaparecem.

— Que ser humano horroroso vou ter que salvar agora? — pergunto à deusa bem alto.

Mas, em vez de aparecer uma pessoa, uma fenda temporal vermelho-sangue irrompe da parede e me engole.

54

QUEM AGE A TEMPO NÃO EVITA… NADA

LYRA

Quando a ruptura no tempo me coloca no passado, levo um segundo para me ajustar à mudança desorientadora entre tentar sobreviver ao Cadeado e ser levada para sabe-se lá onde e quando. Ou talvez seja o kykeon da Deméter fazendo efeito. Será que o alucinógeno funciona fora do Cadeado?

O mundo não está exatamente girando quando me forço a olhar ao redor, mas tem um jeito esquisito. Difuso, saturado demais com cor e som e... brilhos. Brilhos? Não havia brilhos no Cadeado, porém. Ou talvez seja só a forma como o rugir das multidões chega aos meus ouvidos, tipo uma britadeira.

E então fica horrivelmente claro *onde* estou.

Estou às sombras de um arco que dá no temporariamente reestruturado Coliseu em Roma. E o Dex está prestes a matar a Meike.

Como se eu observasse minha própria vida pelas lentes de um filme, vejo a Lyra do passado lá embaixo. Minúscula deste ângulo. Atordoada, observo Dex ganhar vantagem sobre Zai, e Trinica e eu parando o ataque. O que dá ao Dex tempo de avançar na Meike, que ainda está caída no chão. Aí ele se levanta, segurando-a pelo pescoço. Com os olhos esbugalhados, o rosto dela fica roxo.

A Lyra do passado arremessa o machado. Sei o que acontece em seguida.

— Não!

Corro para a escada do estádio que dá no piso do Coliseu. Para evitar o que vai acontecer.

Só dei dois passos, ainda nas sombras do arco, quando alguém me envolve com os braços, me forçando a parar.

— Ei, ei, ei! — A voz do Hades soa bem no meu ouvido. — Não posso deixar você fazer isso.

— Ele vai matar ela! — berro.

Vários deuses e semideuses no estádio viram a cabeça em busca da origem do grito. Começo a chutar para me soltar, mas estou sem os poderes por causa do Cadeado de Deméter. Sou mortal. Não tenho chance contra ele.

— Hades... — O nome dele me escapa em um choramingo.

Não consigo desviar o olhar. Dex puxa Meike para baixo... e, de repente, não estou mais no Coliseu com o clamor da multidão. Estou no cais do rio Estige. O navio pirata do Caronte está preso à doca, com um conjunto de almas mortas entrando no Submundo.

Parece que só existe o som da minha respiração pesada por aqui. Hades ainda está me segurando, e sinto a ponta do seu queixo quando ele o apoia no alto da minha cabeça, me puxando para mais perto.

Por que a ruptura no tempo fez isso comigo? Eu não tinha que ver isso de novo. A morte da Meike.

Ainda ouço o estalo do Dex quebrando o pescoço dela, ainda sinto nos ossos, no coração. Ainda vejo o corpo dela caindo, todo retorcido, quando ele a jogou para o lado.

Morta.

Uma segunda chance de evitar isso e não evitei. Uma segunda vez tendo o mesmo pensamento. *Deixei o Dex passar*.

Eu poderia ter detido Dex antes que ele a alcançasse, mas não fiz isso. Eu o deixei passar. Aí, com ele enlouquecido pelo feitiço, nós o matamos também. Nós o matamos, embora estivéssemos só tentando detê-lo.

— Done? — Uma nova voz ecoa.

Hades me vira, segurando minha nuca para encostar meu rosto em seu peito, o ângulo do corpo tapando o resto do meu. Ele não sabe que o Caronte já me viu aqui? Mas talvez seja melhor que não saiba.

— Que porra é essa? — brada Caronte. — Você interferiu nos jogos de novo? Os daemones vão fazer mais do que te cortar desta vez...

— A Lyra ainda tá lá — interrompe Hades.

A voz do Caronte é pura incompreensão.

— Mas não é a Lyra que você tá abraçando...

Fico sem ação, ainda com o rosto contra a camisa do Hades, atenta às palavras dele. Ela está, sim. A Lyra do passado segue lá, prestes a ir com tudo para cima da Atena, e... eu me agarro ao Hades.

— Ela precisa de ajuda. Agora. Ela tem que sair de lá. Manda o Caronte ir.

Ele nem hesita, bradando ordens.

— Vai lá pro Coliseu Romano e tira a Lyra de lá. — Sinto-o olhando para mim. — Não traz ela pra cá. Leva pro Olimpo. Pra minha casa. Vou pra lá quando puder.

Ao espiar por cima do ombro do Hades, vejo Caronte todo sério não indo embora.

— O que, em nome do Tártaro, está acontecendo?

— Não posso contar — retruca Hades. — Vai. E não fala pra Lyra com quem você me viu. É uma ordem.

Desta vez, as palavras são do rei do Submundo, pura autoridade e graves consequências caso não sejam obedecidas.

Na mesma hora, Caronte some. Não sei se é o impacto de reviver o momento ou o alucinógeno ainda no corpo, mas o mundo gira. E estou falando de um giro nauseante, a ponto de eu colocar a mão na boca para não vomitar.

— Lyra?

Hades segura meus ombros, o rosto diante do meu, a imagem - embaçada.

Tiro a mão da boca só para falar:

— Por que você não salvou a Meike? Por quê? O Trabalho tinha acabado. Ela venceu. Não teria interferido...

Ele faz uma careta.

— Você não chegou a tempo. Não tinha nada que eu pudesse fazer.

Balanço a cabeça, tentando desanuviar a mente.

— Você já tava lá me esperando no arco. Por quê?

— Você me mandou ficar lá.

Parece que o mundo gira mais rápido. Por que eu não o mandaria salvar a Meike primeiro? Por que eu?

— Quando? Quando falei isso pra você?

— Você apareceu depois que se entregou a mim... no jardim das águas. Depois que te levei pro seu quarto no Olimpo, já tarde da noite.

Na linha do tempo dele, isso aconteceu dias antes deste momento. Bem antes de ele ficar todo frio e partir meu coração. No meu próprio futuro, ainda não fiz isso, mas preciso falar para ele agora para me fazer sofrer tudo de novo. Mas isso não teria um risco de redefinir tudo? Sei que os titãs redefinem o tempo para que eu acabe indo para o Tártaro. Mas eu faria isso?

Tem que ser verdade. Do contrário, como ele saberia que era para ficar me esperando ali?

Porém, mesmo com o cérebro atordoado e turvo, me vem à mente outra explicação.

Uma pior.

Uma mais apavorante.

— Acho que tem outra pessoa — declaro, mas já estou falando arrastado.

Hades estreita os olhos de súbito.

— O que você tem? — Ele aproxima o rosto, os olhos prateados, vários pares, agora que o vejo em dobro e em triplo, atentos ao meu rosto. Ele faz cara feia. — Você tá drogada? Suas pupilas estão superdilatadas.

— Kykeon — conto, ou tento, porque a língua tropeça nas sílabas.

— Só pode ser sacanagem.

— Não importa — ressalto, balançando a cabeça.

— Caralho, claro que...

Coloco o dedo na boca dele para calá-lo.

— Escuta... — O que soa mais como *exuta*. Balanço a cabeça e estalo os lábios, que parece que estão ficando dormentes. Tento outra vez. — Escuta. Tem alguém poderoso com a habilidade de enfeitiçar deuses e fazer a coisa durar mais tempo do que só uns

períodos curtos. E se tiverem te enfeitiçado? E se forem eles que estão mentindo pra você? Podem ter te dito...

Algo feito de luz vermelha cintilante atravessa o Estige, refletindo nas águas azuis ondulantes. A maldita fissura temporal está vindo me buscar. Rápido desta vez. Como se não quisesse que eu dissesse mais nada.

Hades está me olhando com uma expressão descrente e impaciente, típica de quando se fala com alguém chapado, sem prestar muita atenção no que a pessoa diz, só tentando pensar em como levá-la a um lugar seguro para esperar o efeito da droga passar.

— Me escuta — insisto. — Feitiços. Coisa braba.

Sei que minha voz soa estranha, mas as palavras são verdadeiras. *Escuta o que estou dizendo*, berro na mente.

Hades suspira.

— Ninguém conseguiria me enfeitiçar assim. Eu saberia que era você.

Sei que o destruiria, então não posso contar que tenho certeza de que ele e os irmãos trancafiaram os pais inocentes no Tártaro, e que ainda estão enfeitiçados para acreditar nas mesmas mentiras séculos depois. Milênios depois.

Isso, com certeza, redefiniria o tempo.

— Como você sabe?

Não ouço a resposta dele. O tempo me envolve e me cospe de volta no silo, no meio da tentativa de destrancar o Cadeado de Deméter.

Tem outra figura presa no silo comigo agora. Uma garota. Coberta de sangue e vísceras verdes e amarelas de bicho. Uma alucinação da Lyra que acabou de sair do Trabalho de Atena — que deixou a Meike morrer e que agora é, em parte, responsável pela morte do Dex. *Eu* fui em parte responsável.

O ser humano monstruoso que tenho que salvar desta vez... sou eu.

PARTE 5
O TEMPO TÁ... OU NÃO... A MEU FAVOR?

Passado, presente, futuro. É tudo uma bela de uma zona.

55

SALVAR... A MIM MESMA

LYRA

Será que a deusa está observando tudo? É uma provocação? Ela me fazendo salvar a pior parte de mim mesma?

Como se Deméter respondesse à pergunta que não fiz em voz alta com um convicto "sim", há um baque acima, e aí, pela escotilha no telhado, começa a chover grãos em mim, caindo com um sibilo vigoroso.

Deméter está enchendo o silo. Não é só chuva de grãos, é um *desabamento*. Uma poeira toma o ar, e cubro o nariz e a boca com a blusa, tossindo, com os olhos enchendo d'água. O dilúvio avança depressa, com intensidade, e a coisa logo fica na altura dos meus tornozelos e um monte começa a se formar no meio do espaço.

Enquanto isso, a alucinação da Lyra do passado, ali na curva da parede diante de mim, me encara, horrorizada. Eu deveria correr pela parede o mais rápido possível, tentando permanecer acima da camada de grãos, pegá-la e nos conduzir pela porta do outro lado antes que ela seja enterrada viva.

Mas não me mexo.

Não consigo.

Deméter sabia muito bem o que estava fazendo.

Sei o que está me mantendo parada aqui quando eu deveria estar me salvando.

Culpa.

Dex foi enfeitiçado naquele dia no Trabalho de Atena. Sei que ele não teria matado Meike se não estivesse enfeitiçado. Ele era um

babaca, mas a forma como competiu nos Jogos da Provação foi só para lutar pela irmã e pelo sobrinho. Não era um assassino.

Embora eu não tenha sido a única a desferir o golpe letal, e se eu tivesse feito escolhas diferentes? E se eu o tivesse detido no labirinto de vidro em vez de tê-lo deixado passar? Se eu tivesse tentado ajudá-lo, mesmo depois de ele ter matado Meike?

Mas não acho que teria conseguido. Mesmo agora, a raiva do que ele fez queima feito veneno nas minhas veias, maculando a culpa com algo tóxico e horrendo.

Acho que o que fixa meus pés ao piso é a certeza de que não mereço ser a pessoa que sobreviveu a tudo aquilo.

Outro pensamento me acerta como um raio.

E se a visão da Febe estiver errada desde o princípio? E se tudo o que fizeram para me trazer aqui para baixo para salvá-los nunca tiver funcionado, entre as centenas ou talvez milhares de tentativas, porque não sou eu que vou salvá-los?

Não de verdade.

E se a visão também tiver sido um feitiço? Ou, quem sabe, estiveram esperando esse tempo todo não por mim... mas pelo Boone?

Desde que vim para o Tártaro desta vez, os titãs ficaram surpresos e até confusos várias vezes, em maior ou menor grau, por tantas diferenças, todos os detalhes que se modificaram. Mas e se o que mudou não fui *eu*?

O que mudou foi *ele*.

O pensamento fica rondando minha cabeça.

É ele.

É o Boone.

É ele, e eu sou só uma distração ou, no máximo, uma isca para fazê-lo vir até aqui. Talvez seja hora de parar de resistir e deixar que a verdadeira salvação dos titãs tome a frente e complete a tarefa.

— Em nome do Tártaro, por que tá parada aí?

Nem percebi que havia fechado os olhos até minha própria voz gritar no meu ouvido e me fazer abri-los. Tenho que estreitar os olhos para enxergar meu próprio rosto em meio à poeira, mas lá estou eu.

— A gente tem que sair daqui! — berra a Lyra do passado, levantando a voz por causa do ruído estrondoso do derramamento de grãos.

Balanço a cabeça. Porque agora estou convicta da verdade. Devo morrer aqui.

A alucinação do meu passado me segura pelos ombros, me sacudindo com força.

— Acorda, porra! Corre!

Eu devo salvá-la. Se ela sair do silo sem mim, isso serviria para destrancar este Cadeado e me salvar também? Não posso arriscar. Por sorte, eu me conheço. Ela não vai se salvar e deixar outra pessoa morrer. Ele vai morrer aqui comigo.

Mas ela é só uma alucinação. Posso suportar isso.

Até o fim.

— Eu... — Tenho um acesso violento de tosse, levando vários segundos até desobstruir os pulmões. — Eu não vou.

Só vejo os olhos verdes dela acima da camisa que ela também usa para cobrir a boca e o nariz. Vejo-a arregalando e depois estreitando os olhos. Aí franze as sobrancelhas pretas, já cobertas de poeira assim como o resto do corpo.

— A gente não tem tempo pra isso — declara ela, segurando meu pulso e começando a me arrastar.

Os grãos já se acumularam tanto que ela tem que erguer bem os joelhos para conseguir andar, e parece que estamos atravessando cimento fresco, denso, nos sugando. Não que eu já tenha atravessado cimento fresco, mas agora que aceitei meu destino, esses pequenos detalhes estão vindo à tona.

A perda do medo é... pacífica. Adorável.

Com um movimento giratório, me solto da Lyra do passado, mas ela avança em mim, tentando me segurar de novo.

— Qual *é*!

Ainda na minha bolha de serenidade, observo, quase como se assistisse a um filme, que ela está ficando desesperada. Suas pupilas estão dilatadas, para além do que seria resultado da pouca luz aqui.

— Essa história é do Boone, não minha. — Faço uma pausa, reconsiderando a escolha de palavras. — Não *nossa*.

— Como assim? — retruca ela, abaixando a camisa para conseguir gritar.

Então nem me espera responder e continua tentando me segurar.

— Sempre fui um NPC — explico.

Ela balança a cabeça.

— Não! Isso não é verdade!

É, sim. Ela só não consegue enxergar ainda.

— Amaldiçoada a não ser amada. Ficando presa aqui várias vezes. Meu propósito era fazer o Boone vir pra cá.

— Do que você tá falando, cacete?

Ela se agacha, dribla e consegue segurar meu braço com força, logo me arrastando por entre os grãos. Mas agora estou lutando contra ela. Não vou deixar essa minha alucinação me impedir de cumprir meu verdadeiro propósito.

Chego a mordê-la.

A outra Lyra solta um grito.

— Qual é o seu problema?

Emergindo da poeira e da escuridão crescente, uma figura soturna se enfia entre nós; ela solta um arquejo e me larga, me fazendo tropeçar nos grãos e cair de bunda.

— Hades! — chama ela.

— Vai! — berra ele para a outra Lyra e aponta para a porta. — Abre lá.

Ela olha para mim, depois para ele, e aí, sem dizer nada, se vira e corre. Ou, melhor, vai abrindo caminho por entre os grãos densos.

— Hades? — O nome dele me escapa enquanto o encaro, acordando do torpor que me assolava. — Você abriu o Tártaro? Por isso tá aqui?

Ele fica imóvel por um momento.

— Não sou *ele*, minha estrela. Sou daqui de baixo.

56

DE UM JEITO OU DE OUTRO

LYRA

Ele é o Hades do Cadeado?

A pequena migalha de alívio que senti com sua chegada é jogada de escanteio por sombras impenetráveis demais para deixar sobressair a luz. A decepção me acerta de tal modo que poderiam ser os grãos me enterrando viva. Não vai demorar muito para isso acontecer.

Hades de repente se aproxima, cara a cara comigo.

— O que tá no seu bolso, Lyra?

— Quê?

Ele balança a cabeça, todo sério. Como a poeira não o incomoda? A coisa nem gruda no cabelo ou nas roupas dele.

— Seu *bolso* — repete e pega minha mão, levando-a ao bolso da calça que é para guardar celulares... ali onde enfiei a metade da borboleta.

A borboleta que o próprio Hades esculpiu para o pai quando criança.

Essa versão dele lembra disso? Provavelmente, não. Ele foi criado depois que Hades foi enfeitiçado para se esquecer do amor dos pais por ele. Então, como Hades sabe disso agora? A menos que Cronos já tenha me dado a peça antes e acabei contando isso à cópia do Hades.

Nem preciso enfiar a mão no bolso para já sentir o peso da escultura, as pontas lisas e as brutas. Só a lembrança de que ela

existe afasta a névoa que a maldita bebida da Deméter causou na minha mente.

Quando enfim consigo me voltar para os olhos prateados do Hades, ele já mudou de posição e se preparou, se inclinando com os dedos entrelaçados à frente, e sei o que quer que eu faça.

Sem questionar. Sem hesitar. Eu me levanto, então vou na direção dele, apoiando o pé em suas mãos e as mãos em seus ombros. Ele me impele para o alto, e ao mesmo tempo eu pulo. O impulso me faz passar por cima do monte de grãos no meio do espaço, que já está tão alto que consigo me estabilizar antes de sair do outro lado. Caio de bunda e vou escorregando para baixo...

O impulso me lança para fora da porta que a outra versão de mim tenta abrir com uma barra de ferro enferrujada que ela tirou sabe-se lá de onde. Chego ao ar puro e me viro bem a tempo de ver Hades enterrado nos grãos.

— Não! — grito quando os grãos pressionam a porta a se fechar com um baque estridente e sinistro.

Corro até lá e esmurro a porta.

— Hades!

— Você *largou* ele lá? — repreende a outra Lyra atrás de mim.

É mais uma acusação. Cada palavra me golpeia pelas costas.

Antes que eu consiga responder, porém, tudo desaparece: Lyra, o silo, a fazenda e os campos. Tudo some, e estou na sala de pedra em formato de pizza só com a Deméter de companhia.

— Parabéns — declara a deusa. — Você destrancou meu Cadeado.

Mal a escuto. Na minha mente, tento desesperadamente me convencer de que não acabei de matar a aparição do Hades. Não dá para ele morrer, dá? Como ele foi parar lá, aliás?

Estou vagamente ciente da Deméter acenando para a porta, agora aberta, e os titãs esperando do outro lado. No entanto, saio correndo pelo espaço, passo pela porta e por todos eles, na direção do Cadeado de Hades.

— Hades! — berro ao encostar a mão no emblema escuro e frio para abri-lo.

Não acontece nada.

Ouço um monte de murmúrios ao longe em meio ao pânico, mas já basta para eu lembrar de onde estamos e o que o som poderia desencadear. É para ele abrir a porta para mim, não?

— Por favor, você não morreu — sussurro.

E aí meus poderes voltam.

A dor gélida se assemelha à mão fria da morte tentando arrancar minha coluna. Quando a sensação passa, estou no chão, encostada na porta do Hades.

A porta ainda está fechada.

— Lyra...

Alguém coloca a mão no meu ombro com delicadeza. Cronos, percebo. Mas me afasto dele e me levanto.

— Hades... — Consigo falar baixo, voltando a tocar os símbolos entalhados. O Cadeado ainda não se abre. — Valham-me os deuses, se você não abrir a porta...

— Ele não tá vivo nem morto — explica Cronos, bem baixinho, com um tom delicado que eu nem imaginava que ele conseguia usar. — É algo que ao mesmo tempo existe e não existe.

— Então como é que ele tava no Cadeado de Deméter comigo? — retruco com um tom duro, ainda baixo, sem me virar para ele.

Em resposta, há um silêncio vazio atrás de mim.

— Não tem como.

Sei que ele tem razão. *Sei* disso. Mas como eu teria saído do silo se não fosse com a ajuda dele? A Lyra da alucinação também o viu, mas não tem como perguntarem a ela.

Ai, meus deuses. Se estou dependendo do testemunho de uma alucinação, por certo estou perdendo a sanidade. E não é o único indicativo. Eu também estava cem por cento convencida, a ponto de me sacrificar, de que seria o Boone quem salvaria todo mundo. De repente, não confio mais na minha própria mente nem na minha própria lógica. Não aqui neste lugar de rupturas no tempo e imortais acorrentados, de monstros surgindo ao soar de um sino e gritos dos amaldiçoados ecoando pelos corredores.

Dou as costas à porta de pedra que continua silenciosa e fechada. Não sei o que vejo no rosto do Cronos neste momento — talvez a empatia no olhar que sempre esperei que fosse frio e duro, ou talvez ele seja exatamente o que estou desesperada para ver agora.

Engolindo o choro, me aproximo e enfio o rosto no seu peito, abraçando-o.

— Eu não mereço estar aqui — afirmo, com o rosto contra sua camisa.

Ele me dá tapinhas nas costas, sem jeito.

— Ninguém aqui merece.

Aperto as costas da sua camisa com mais força e balanço a cabeça.

— Não. Eu não mereço a fé que vocês têm em mim. Não é à toa que isso não está funcionando.

Eu não devia ter desistido lá no silo. Foi uma atitude imbecil, com ou sem influência do kykeon. Só que, no fundo, minha lógica não estava errada.

Ele dá outro tapinha desajeitado nas minhas costas.

— A gente se preocupa com isso amanhã. — Imagino que a intenção de Cronos tenha sido usar o tom mais reconfortante possível, mas a frase sai brusca e rabugenta.

Esses titãs não são muito melhores que eu no quesito lidar com emoções.

Uma risada chorosa me escapa.

— Essa situação toda é uma bosta do caralho!

— *Essa aí* tá parecendo mais a minha Lyra.

Não sei quem se espanta mais, Cronos ou eu, ao ver a réplica do Hades ali do outro lado da porta do Cadeado, sem nem um arranhãozinho.

57

BOMBA

LYRA

— Você tá bem? — pergunto, soltando Cronos e me virando para a cópia do Hades.

Ele leva o dedo aos lábios, mas a covinha que aparece na sua bochecha esquerda me tenta.

— Como pode ver...

Lanço a ele um olhar de quem não está achando graça, porém continuo falando baixo.

— A vibe despreocupada não cai muito bem aqui, não. Você me deu um puta susto.

Ele faz uma careta.

— *Eu* te dei um susto? Você estava disposta a morrer lá dentro. Você desistiu. — Ele agita o braço na direção do Cadeado aberto de Deméter, pouco visível além da curva.

Prendo a respiração com força porque ele tem razão.

— Eu...

— Nunca mais faça isso.

Abaixo a cabeça, analisando suas feições, o jeito como enruga a testa, as sobrancelhas franzidas. A aparição do Hades está... preocupada?

— Obrigada por me salvar.

Ele solta um resmungo, que eu acho que é a forma como as cópias putas da vida dos deuses têm de dizer “de nada”.

— Por que você fez isso? — questiono.

A expressão do Hades é sutilíssima, mas a tensão é real e demonstra que ele está tão confuso quanto eu.

— Não sei bem.

Hades desvia o olhar, mas volta a me encarar logo depois, como se não aguentasse não me encarar quando estou bem na frente dele.

— Talvez as Moiras tenham conectado a gente, e mesmo separados pelo tempo e por uma forma corpórea, eu ainda sinto isso.

Eu me viro ao ouvir um assobio estridente, e vejo Boone atravessando o espaço. Está pingando ao aparecer pelo túnel que vem dos pilares e da pista de obstáculos até a caverna. Quando chega, se enfia entre mim e o Cadeado aberto, tapando minha visão do Hades.

— Porra, quanta balela! — brada ele para a cópia do meu deus.

Então me lança um olhar que é uma mistura horrível de acusação e preocupação.

— Dar ouvidos a fantasmas nunca é uma boa, Keres.

— Ai, meus deuses. — Pela segunda vez em minutos, estou abraçando alguém, e não sou chegada a abraços. Só que o alívio é intenso demais. — Você voltou... — murmuro no seu ombro. — Graças ao Olimpo.

Ele me afasta, e vejo um sorriso, que some bem rápido quando ele retoma a expressão solene, com os olhos escurecendo com uma mágoa típica de cachorro que caiu da mudança.

— Você abriu o Cadeado de Deméter? Achei que fosse me esperar.

— Já faz dias — respondo com um tom ameno, mas o choque nos olhos dele faz com que eu me encolha.

— Dias... — Ele repete mais para si do que para mim.

— Pra onde você foi? Ou pra quando? — indago.

Boone pisca várias vezes, afastando os pensamentos, aí dá de ombros. Contudo, é rápido demais, como se ele viesse esperando a pergunta e já houvesse bolado uma resposta, e seu olhar se volta para Perséfone. Só uma olhadinha.

— Fiquei meio que preso em um lugar aleatório.

Eu o analiso com atenção, sem acreditar.

— Só isso?

Ele assente.

— E você?

Sei que ele se refere ao lugar aonde a ruptura no tempo me levou quando o pegou também, mas fiz uma viagem mais recente desde então. Não tive nem um tempinho para assimilar o que acabou de acontecer com o Hades de verdade enquanto eu tentava sobreviver ao Cadeado de Deméter.

O jeito como deixei o Hades lá no vácuo depois de dizer que alguém o tinha enfeitiçado... Deuses, ele deve ter ficado em pânico quando eu sumi. Claro que a Lyra participando da Provação na época estava presa na cadeia do Olimpo — para me proteger da ira da Atena depois que a chamei de monstro — e não podia ver o Hades. Então não faço ideia de como ele lidou com a informação do feitiço.

Espio a réplica do Hades atrás do Boone, e ele me observa com olhos luminosos e atentos, ainda dentro do Cadeado aberto.

— Acho que a gente tem muito papo pra pôr em dia — declara Boone.

Abro a boca para dar uma resposta como “depois” ou “aqui não”, mas um ruído começa ao redor. De início leve.

Outro terremoto.

Acontecem com tanta frequência que comecei a bloqueá-los da mente. No entanto, esse ruído fica mais alto e chega mais perto, e de repente o próprio chão começa a sacudir.

— Não é melhor a gente entrar? — sugiro, olhando para cima em busca de pedras com cara de que vão cair.

É alto demais, não dá para enxergar.

— Agora, a gente é imortal — lembra Boone. — Acho que a porta não importa.

Aí o tremor cessa.

— Esse foi intenso — comento.

— Bastante — confirma Cronos, baixinho, e o tom de voz não casa com a tensão na palavra.

Imagino as rachaduras nos pontos em que os pilares do Cosmos nutrem a terra em si. É melhor alguém ir lá verificá-los.

— O que isso significa? — murmura Mnemosine, e olho por cima do ombro, vendo Hiperião segurar a mão da Teia, enquanto ela segura a mão da Tétis com a outra.

— Parece que o tempo tá se esgotando — afirma Céos.

Ai, deuses. Meu estômago se revira. Como pode o tique-taque do relógio ser tão péssimo?

— É melhor a gente redefinir? — sugere Euríbia, com um tom austero.

Em vez de descartar a ideia, todos olham para Cronos e Reia, mas o rei e a rainha dos titãs estão concentrados na Febe.

Febe, que vira a cabeça e nos observa.

Um sonzinho engasgado escapa dela, e — como aconteceu no dia em que vi os deuses atacarem os titãs — seu corpo fica sinistramente rígido, a cabeça jogada para trás, e o rosto se contraindo em uma expressão que, com certeza, é de dor. Seu corpo se ergue do chão até somente as pontas dos dedos o tocarem.

Céos logo se posiciona atrás dela. Tem que pular para alcançá-la, abraçando-a e tapando sua boca para abafar os sons inquietantes escapando da titânide.

Então, quase tão rápido quanto começou, os pés dela voltam ao chão, e seu olhar turvo fica nítido.

— Ai, meus céus... — sussurra Febe, com o sangue sumindo do rosto, o que a deixa pálida e abatida enquanto ela olha para mim... e para Boone.

— Que foi? — questiona Cronos. — O que você viu?

E fico esperando que ela diga que o Boone é a salvação deles. Que tenho razão e que enfim isso está claro.

Em vez disso ela abre a boca e diz outra coisa:

— A Lyra e o Boone estão conectados por um fio do destino.

58

NÃO MENTE PARA MIM

LYRA

— Quê? Não é possível — rebato, dando um passo para longe deles, inclusive do Boone, e ouvimos um barulhinho aflito que com certeza vem da Perséfone.

Ao mesmo tempo, a frase "Só por cima do meu cadáver" ecoa atrás de nós.

Tão alto que todos os titãs fazem "shh", e provavelmente eu deveria olhar para o túnel que dá no obelisco à espreita. Mas não consigo.

Porque a reclamação veio da cópia do Hades, que nos observa de dentro do Cadeado.

Boone se vira e dá um tapa no símbolo.

— Tchauzinho — diz para Hades, com a pedra sólida deslizando entre nós e o deus.

Então a Perséfone sai correndo.

— Merda — brada Boone, mas continua do meu lado.

— Como assim? — pergunta Cronos a Febe, com a voz tensa. — Qual destino?

Espera aí! Há mais destinos do que os fios que ligam os amantes?

A titânide olha para os outros.

— Não é de amantes.

Graças aos deuses. Porque não. Amo o Boone, mas não desse jeito. Nada nunca vai me fazer desistir do Hades, nem mesmo a merda dos de destino, mas fico feliz por não ter que fazer essa escolha.

Febe faz uma careta.

— É outra coisa.

— Que o Cosmos nos proteja... — murmura Cronos. — Tá vendo um novo futuro? — questiona ele a Febe com um tom rigoroso, e Reia dá outra olhada no túnel pelo qual viria o Pandemônio se fosse provocado.

Mas não há nenhum som de sino.

Febe balança a cabeça.

— Pra além do filamento do destino, ainda não consigo ver nada sobre o Boone.

— Mas faz sentido — opina Jápeto. — É o Cadeado de Afrodite. Deve ter algo a ver com amor e corações vinculados.

— E fogo — lembro a todos. — Fogo não parece amor pra mim, nem algo muito promissor. E a Febe falou que o fio de destino não é de amantes.

Analiso os titãs, a bile subindo à garganta, porque agora estão todos me olhando com um novo tipo de esperança. Todos eles, sem exceção, chegaram à mesma conclusão: as coisas são diferentes desta vez por um motivo. Estão todos se perguntando se nosso vínculo de destino significa que esta é a última vez. Sem redefinições. As estrelas todas alinhadas. Todos os passos certos dados. A fuga ao alcance deles.

Dou vários passos para longe, com intenção e rapidez.

— Pode ser mentira. Isso tudo pode ser mentira. E se estiverem manipulando a gente pra conseguirem sair daqui?

Mesmo ao dizer isso, não acredito. Sei o que vi no passado. *Sei* que foi real.

— A gente nem sabe se o tempo se redefine aqui embaixo mesmo. Vocês vivem falando que sim, mas não têm como provar. Não têm como...

— Posso provar — argumenta Mnemosine. — Posso te mostrar as lembranças do passado.

— Não! — berra Cronos.

Todos nós ficamos imóveis, o pavor tensionando nossos corpos e distorcendo nossos rostos, enquanto esperamos o sino tocar. Ele falou muito alto.

Mas nada acontece.

— Cuidado, meu amor — orienta Reia, baixinho.

— Ver o passado todo pode redefinir as coisas. — Cronos faz um gesto cortante com a mão, e o relâmpago crepita pela pele com o movimento. Não é algo silencioso também. — As rachaduras nas paredes, as diferenças desta vez, agora o Boone, e os dois conectados... tudo isso indica que é a última vez. A gente tá muito perto. Não podemos arriscar. Eu proíbo...

— Você proíbe? — repete Mnemosine, com um tom doce que na verdade é um alerta.

E Cronos pega a dica, porque para de falar e a encara.

— Ela vai saber lidar — insiste Mnemosine.

Ela é a titânide da memória, mas será que eu deveria acreditar no que me mostra? E se, como os deuses, todas as lembranças dela forem feitas de feitiços?

Com o olhar focado na máscara dela, ativo a habilidade de detectar os feitiços. Não há véu de luz cobrindo seu rosto ou seus olhos. Não sei dizer se estou aliviada ou mais preocupada, mas desativo o poder.

— Me mostra.

— Não!

Cronos e Jápeto avançam para cima da Mnemosine quando ela dá um passo, mas ela dispara em um rompante de velocidade, se esquivando dos dois para chegar a mim.

Ela enfia as mãos no meu cabelo, segurando meu rosto, e encosta a testa na minha, as penas da sua máscara me fazendo cosquinha, e fecho os olhos.

— Vou te mostrar só o suficiente — sussurra ela.

— Isso não é uma boa ideia... — diz Cronos.

Ou começa a dizer antes que sua voz seja cortada de repente, e no mesmo instante, minha mente se enche de imagens.

Não só imagens. Momentos, como filmes — das minhas vidas passadas.

Vejo coisas diferentes conforme aconteceram. Descubro como teria sido tudo se eu não tivesse sido amaldiçoada, crescendo na casa dos meus pais. Não importa a linha do tempo: sempre me tratam mais como um fardo do que uma filha amada. Minha vida teria seguido por muitos caminhos diferentes se os deuses gregos

não me envolvessem nas coisas. Ou, de fato, seguiu. Fui enfermeira. Professora. Dona de uma lojinha no píer. Virei uma dependente química que morreu de overdose em um beco.

Com as imagens, vêm as sensações que tive naqueles momentos. O cheiro da casa dos meus pais — um pouco de bolor misturado ao fedor de meias sujas. A névoa úmida quando abri a loja certa manhã. O barato atordoante que a droga causou na minha corrente sanguínea antes que a morte me levasse.

Aí vejo mais versões da minha vida, versões diferentes, agora, com os ladrões. E depois vem minha participação na Provação.

Todas as formas como eu morro.

De novo, e de novo, e de novo. Ao menos uma vez em cada um dos Trabalhos. Mais de uma vez nos de Atena e Zeus.

Pior que as sensações são os sentimentos. Sinto de novo o que senti em todas as vidas, sobretudo nos finais — o pavor, a dor, o desespero, um tipo terrível de esperança que acabava sendo dizimada, o arrependimento, a culpa, a raiva. Tudo me atravessando como choques elétricos.

E no exato momento em que minha vida acaba em uma linha do tempo, uma nova vida surge à frente. É como ser arrancada do fim de uma história e jogada no meio de outra.

Mas são todas a *minha* história.

Não sou só eu também. É assistir aos meus amigos morrendo na Provação... ou sobrevivendo. Há versões em que Dex até chega ao final, mas Meike, nunca.

O gosto metálico do sangue. A dor horrível que queima graças à mordida do dragão-d'água no Trabalho de Poseidon, sendo consumida de fora para dentro, com Isabel observando, horrorizada. Isabel sobrevive. Mais do que isso, teríamos sido amigas se as duas tivessem sobrevivido.

Posso salvá-la. Poderia redefinir o tempo e salvar a Isabel.

Mnemosine deve acompanhar minha linha de raciocínio, porque me mostra quantas vezes tentei, e em nenhuma delas eu acabo no Tártaro com Isabel ainda viva.

Ai, deuses.

Ouvir o baque abafado do corpo do Zai ao colidir com o piso rochoso da caverna durante o Trabalho de Dionísio, com os olhos

abertos e já sem enxergar nada, com a hera venenosa e suas alergias matando-o depressa, porque ele não tinha ganhado as sandálias de Hermes daquela vez.

Zai raramente sai vivo da Provação.

As cenas de todas as minhas vidas mudam de novo, seguindo para o Tártaro. Tentando passar por Cadeados diferentes e todas as vezes que morri ali também. Embora ela não me mostre o Cadeado de Poseidon, que é o próximo.

Eu perguntaria, mas é como se estivesse paralisada, sem conseguir falar, me mexer nem fazer nada além de só vivenciar tudo.

Por fim, ela me mostra os diferentes momentos que provocaram as redefinições.

Eles têm razão.

Minha morte costuma ser o gatilho mais frequente, mas também acontecem muitas redefinições por causa de outros momentos. Por exemplo, quando minha mente não consegue aguentar a verdade. Aconteceu bastante nos primeiros anos, até aprenderem. Mas também em momentos em que um de nós, nem sempre eu, é levado ao passado e alguém lá descobre coisas demais. Aquelas mentes também não conseguem aguentar.

Por que importa, se estão no passado?, quero perguntar.

Mas importa.

O tempo se redefine.

É real. Acontece.

A sensação das lembranças é intensa demais, como se fossem coisas físicas preenchendo meu cérebro e eu não conseguisse expandi-lo para acomodá-las, a pressão comprimindo meu crânio.

Um gemido escapa dos meus lábios paralisados.

— Para. — Ouço Cronos ordenar. — Para. Tá machucando ela.

Aí há o barulho arrastado de passos correndo e mais gritos.

— Lyra, cuidado! — O berro de Cronos se infiltra nas lembranças nas quais me afogo.

As lembranças que estão tentando me *destruir*. Que já me destruíram em vidas anteriores, versões anteriores de mim mesma. Que já destruíram meus amigos. Destruíram Hades. Destruíram o mundo.

Vou vomitar.

Embora eu não saiba se a náusea é por causa das vidas passadas que testemunhei ou da desorientação de ser arrancada das lembranças da Mnemosine e jogada no brilho obscuro da ruptura do tempo, o que se segue é um silêncio absoluto, com a coisa me transportando para onde quer que seja.

59

QUEM SABE NA PRÓXIMA

LYRA

As rupturas no tempo já me levaram para o Hades tantas vezes que, quando sou deixada no passado e não vejo o rosto dele, a decepção é um soco no estômago.

— Mas, pelo Submundo, o que é isso? — As palavras me escapam quando percebo que estou em um lugar muito familiar.

Meu quarto no covil. A última vez que achei que estava aqui, não estava. Porque o Cadeado de Héstia me enfeitiçou para acreditar nisso. Para sentir isso.

Isso é um feitiço ou não? Porque foi o tempo que me trouxe para cá, não um Cadeado. Não tem nada turvo também. Nada de luz rosada. Até o cheiro — a combinação conhecida de pedra, água, terra e ar rançoso — parece mais real. O ar na minha pele não se movimenta. Assim como nunca se movimentou.

Ainda assim, só para garantir, ativo o poder, mas nada cintila. Então não é feitiço. É... real.

Desativo o poder. Então minha mente, enfim, pega no tranco.

— Ai, merda.

Acho que sei o que acontece agora.

Foram tantas coisas jogadas em cima de mim que nem tenho certeza do que assimilar primeiro. No entanto, uma delas foi o Hades insistindo que eu o mandei fazer certas coisas: as Guerras Anaxianas, me encontrar no Coliseu, partir meu coração. Se foi tudo verdade, se ele não estava enfeitiçado, isso significa que...

Sou *eu* fazendo as coisas para garantir que o passado me leve para onde estou agora?

Saco na tira na perna o machado que a réplica da Deméter me deixou levar.

É assim que testo a teoria, né? Uma pequena forma que combina com a minha experiência de vida desta vez?

O machado apareceu no meu quarto uns dez anos antes da Provação, e, depois, descobri que o Hades não fazia ideia de como ou por que ele havia desaparecido. Agora sei que é porque *eu* o peguei durante minha experiência de viagem no tempo dentro do Cadeado de Héstia. Olho para o colchão à frente, protegido por uma coberta azul roída por traças. O machado apareceu na minha cama.

Será que foi porque *eu* o deixei ali?

Sabendo que eu precisaria dele. Ou talvez só testando uma teoria. Importa?

Até então, eu vinha me perguntando por que o tempo parecia estar tão determinado a me levar a momentos específicos — talvez seja o Cronos do futuro, ou até as Moiras, ou qualquer outra força poderosa. E se essa influência estiver tentando nos dar chances de fazer as coisas darem certo, de escapar?

Será que sou a marionetista da minha própria história? A mulher atrás da cortina? Ainda que uma meio aleatória que transita por entre lembranças e coincidências incômodas.

O problema é que não temos outras armas no Tártaro. Talvez eu precise disto aqui nos outros Cadeados.

Bem... Que o Tártaro me leve agora!

Aí percebo que o epíteto já não me cabe tão bem. O Tártaro já me levou.

Muitas, muitas, muitas vezes.

Suspiro.

Torcendo para que eu esteja fazendo isto do jeito certo, lembro das instruções de Cronos enquanto tento enfeitiçar meu próprio machado, do mesmo jeito que transformei a pedra em um tomate nos túneis. Ergo o machado e concentro o ímpeto no objeto, sussurrando palavras, mandando a arma não sair da posse da Lyra Keres até ela ceder e aprender a usá-la.

Essa parte é importante.

Na época, foi tão irritante tentar descartar o machado ou guardá-lo na sala dos espólios e ele sempre voltar a aparecer no meu alojamento. Sorrio ao deixar a arma na cama.

Fecho os olhos e me imagino ativando a habilidade de ver feitiços como quem liga a luz pelo interruptor. Quando abro os olhos, observo o machado na cama. Há um brilho opalescente cobrindo o objeto. O que significa que ao menos fiz alguma coisa.

Foi assim que a arma chegou a mim. Tenho certeza.

Não gosto da ideia de desistir da minha única arma, mas não foi algo muitíssimo útil no Tártaro de qualquer forma. E a Lyra do futuro... a Lyra do passado?... Puta que pariu! Vou precisar do machado na Provação.

Agora... a pergunta é: o que mais? Não sei bem por quanto tempo vou ficar presa aqui. Será que devo ir roubar umas comidas para levar comigo? Ou encontrar um quarto vazio e me esconder antes que minha versão do passado volte? Não que ela tenha feito isso. Eu com certeza lembraria de ver a mim mesma.

Faço menção de pegar a maçaneta da porta.

Um clarão vermelho diante dos meus olhos fechados é o único alerta que tenho antes que o silêncio me envolva e eu seja devolvida ao Tártaro.

Quando reapareço, Cronos logo me bombardeia com a interrogação:

— Cadê sua arma?

Uma nova desconfiança nasce dentro de mim, e o encaro, porque com certeza acabei de provar minha teoria. Mas isso também significa que... não existe uma *ruptura* no tempo. Não do jeito que achamos. Talvez esteja nos levando bem aonde temos que ir para avançar até escaparmos daqui.

Não sei o porquê, nem como, nem quem está no volante. Ser o Cronos do futuro é o que faz mais sentido. Talvez. Mas tenho quase certeza de que, mesmo que não seja verdade, sou *eu* garantindo que algumas coisas no *meu* passado aconteçam exatamente como aconteceram na minha experiência desta rodada da vida para que eu chegasse a este momento. Eu deveria testar mais uma vez, com algo maior, antes de sair fazendo umas coisas mais absurdas ainda.

Respiro fundo, então estendo a metade da borboletinha que esteve no meu bolso desde que saí do Cadeado de Deméter, torcendo para que ele entenda o gesto: uma súplica silenciosa para que confie em mim.

— O machado está exatamente onde deveria.

60

O CADEADO DE POSEIDON

LYRA

A pista de obstáculos claramente valeu a pena, porque passar pelo Cadeado de Poseidon foi mais fácil do que eu previa. Não que tenha sido fácil. Talvez eu desenvolva uma fobia de água, considerando os Trabalhos e os Cadeados.

— Parabéns! — A voz de Poseidon é estrondosa. — Sua fundamentação moral te ajudou a passar pela base instável da minha pista de obstáculos.

Dou uma bufada. É para isso que estávamos sendo testados?

— Você forçou uma barra aí nessa correlação.

— Muito bem, mortais — elogia Poseidon de algum lugar atrás de mim. — Este Cadeado está destrancado.

Não damos a menor atenção para a aparição do deus.

— Menos um — declara Boone.

— Obrigada.

Não teria como eu ter passado pelo Cadeado sem ele. Ele basicamente me empurrou pelas paredes da jaula de vidro acima.

Enfim desvendamos como passar por aquilo. Eu subia primeiro e me esticava para o outro lado, apoiando as mãos e os pés nos lados opostos, usando a tensão para me firmar no lugar acima da água infestada de enguias.

Aí deslizava para cima para que Boone fizesse o mesmo lá embaixo.

— Pronta? — A voz dele nem parecia abalada, enquanto eu suava em bicas. — Não se esquece de firmar os dedos atrás das minhas

botas.

— Tá.

Tive que ir tateando e girando os pés de lado, para que os arcos fincassem na parte de trás das botas dele, mas acabei conseguindo me firmar. A posição retinha a tensão mesmo com o topo da jaula ficando largo demais para eu alcançar sozinha com o corpo. Também ajudava Boone a tirar mais proveito da situação.

A parte mais complicada foi ir subindo em sincronia daquele jeito. A gente se movimenta na diagonal. Mão direita e pé esquerdo primeiro. Com um cuidado minucioso, alguns erros e escorregadas, mas conseguimos segurar todos. Ou melhor, Boone conseguiu. Porra, o cara é forte.

Todo o resto foi moleza depois disso. Até os martelos.

Ai, meus deuses. Enfim me toco. Quatro já foram. Faltam três.

Como se fosse uma parabenização sinistra, o maldito sino ecoa.

Viramos para os titãs, que estão na câmara que cerca os Cadeados. A porta se abriu na parede — o arco é esculpido de forma elaborada com um cavalo-marinho, uma carruagem dourada, um touro, um castelo marítimo e um manto com desenho de ondas. Todos símbolos de Poseidon. Os titãs estão espalhados pelo espaço, aguardando. Alguns mais próximos que outros.

— Entrem aqui! — grito e corro para a porta.

Paramos à soleira, prontos para fechá-la, quando Boone de repente murmura:

— Ai, deuses. A Perséfone tá lá fora.

Por um segundo, acho que vou ter que impedir que ele saia correndo atrás dela, mas é quando nossos poderes resolvem voltar. Com um grunhido de dor, me inclino à frente, respirando fundo até a tortura passar.

Demora tanto que, assim que a coisa cessa, endireito a postura e vejo que metade dos titãs conseguiu entrar, mas vários deles estão lá fora.

— Andem logo — brada Hiperião, acenando.

De repente, Jápeto se contrai, como se algo o tivesse acertado na nuca.

— Não! — grita Mnemosine de onde está, dentro do Cadeado.

Ela se inclina para a frente como se fosse correr até ele, mas Cronos a segura pela cintura, erguendo-a do chão. A titânide começa a se debater, lutando e o unhando.

— Não dá pra ajudar ele! — grita Cronos.

Tão rápido quanto começou a lutar, ela fica com o corpo mole e olha para o lado de fora a tempo de ver o rosto do Jápeto ficar quase roxo e suas feições se contorcerem com uma súbita ira.

Aí ele... muda.

Só vi Teia assim uma vez, e foi depois que ela já tinha sido acertada. Vendo a transformação completa, fico horrorizada, uma sensação que rasteja pela pele feito os bichos da Atena. A pele do Jápeto vira chamas com crostas pretas, como um escoamento de lava. E ele grita.

Tapo os ouvidos, tentando abafar os grunhidos de agonia. Jápeto é o titã da dor. É como se o Pandemônio tivesse usado seu próprio poder contra ele por meio de uma manifestação física.

Reia e Crio conseguem entrar.

Bem na hora em que Jápeto fica fora de si. Batendo em tudo: no próprio peito, nas paredes, no chão. E tudo que ele toca pega fogo.

Febe, enquanto isso, está correndo na nossa direção, e vemos o segundo em que Jápeto foca nela. Ele avança com propósito letal, correndo tão rápido que vira um movimento distorcido de fogo e cinzas.

Ela não vai conseguir entrar.

— Fecha! — ordena Cronos.

Mas Céos, o marido da Febe, segura a mão do Hiperião.

— Não. Dá um tempo...

— Protejam a Lyra e o Boone! — berra Febe para ele.

Mesmo com Jápeto se aproximando dela.

Um berro gutural emana do Céos. Visceral. Aí ele mostra o que, de fato, são duas pessoas conectadas pelo destino. Ele sai em direção à câmara.

— Agora! — grita ele para Hiperião, que aperta o símbolo, fazendo a porta de pedra se fechar.

Quando a pedra toca o piso, ouço o grito da Febe, e sangue respinga aos pés do Cronos.

61

É ESPERAR & ANSIAR

LYRA

Não tem nada a fazer além de esperar.

Depois do choque inicial, os titãs ali com a gente se sentaram, com as costas nas paredes do Cadeado de Poseidon. A pista de obstáculos desapareceu da câmara em formato de pizza, restando apenas pedra. Crio, o pai das constelações com aqueles olhos estrelados, enfeitiçou três estrelinhas que pairam no ar, uma girando ao redor da outra, nos concedendo uma luz piscante para além do brilho emanando do Hiperião e das mãos da Teia.

Não sei bem se ficar no breu teria me incomodado.

Ver a preocupação nos rostos dos titãs talvez seja pior. Parece que o Cronos, entre todos, é o mais abalado.

— Eu sabia que a gente não tinha que ter ficado andando em bando assim — comenta ele com Reia, esfregando o sangue no calçado com tiras de couro, que nem a Lady Macbeth tentando limpar uma mancha que não existe. — Eu *sabia*.

— O Jápeto não pode matar a Febe, né? — pergunto, baixinho. — Principalmente considerando que o Céos tá lá?

Cronos abaixa a cabeça até o queixo encostar no peito.

É Reia que o envolve com o corpo.

— Às vezes, a morte não é a pior consequência.

Uma verdade que agora sei.

— Quanto tempo a gente tem que ficar esperando? — questiona Boone, puxando fios da camisa de lycra que Poseidon escolheu para ele usar.

— Ela vai ficar bem — respondo.

Boone fica imóvel, então me olha, e dou de ombros. Ele com certeza teria ido atrás da Perséfone se recuperar nossos poderes não o tivesse impedido.

— Ela não me preocupa — declara ele, com uma voz muito neutra.

— Mentira.

Depois de me olhar rapidamente, se concentra nos titãs.

— Então... quanto tempo?

De início, parece que ninguém quer responder, ou talvez estejam tão preocupados que não conseguem.

— Com o Jápeto tendo sido afetado, quanto mais esperarmos, melhor — responde Hiperião por fim. — O Pandemônio pode se dissipar, mas ele tem que passar pelo pior da ira, ou a gente pode acabar se machucando ao tentar se esquivar ou detê-lo..

É.

Não estavam de sacanagem quando mencionaram a ira. A ira no nível titânico é...

Só consigo pensar que os deuses jamais teriam conseguido trancar os titãs aqui embaixo se eles tivessem revidado. Olho para seus rostos tensos outra vez.

— Eu queria tomar sorvete... sorvete de verdade... todo dia — comenta Teia do nada e sem contexto. — E também abraçar meus filhos todo dia.

Boone, sentado do outro lado, e eu trocamos um olhar, erguendo a sobrancelha.

— Quero sentir o cheiro da neve nas montanhas — acrescenta Hiperião, e Teia dá a mão para ele.

Ao meu lado, Cronos abre um sorriso mínimo.

— Vou passar o primeiro século na nossa casa na praia, também com os nossos filhos.

O lugar que Boone e eu vimos? Será que sequer existe ainda? Acho bem difícil. Dou um empurrãozinho em Cronos com o ombro.

— O que é isso? — sussurro.

Ele dobra os joelhos contra o peito, apoiando as mãos entre as pernas.

— Quando o sino toca e a gente sabe que é ruim, às vezes a gente espera conversando sobre o que mais tem vontade de fazer depois de sair do Tártaro.

Ah...

Reia sorri.

— Quero conhecer todos os meus netos.

Faço um sonzinho de deboche — um meio dúbio e sarcástico, porque já conheci vários desses netos —, mas disfarço com um:

— É neto que não acaba mais.

O que a faz sorrir.

— Eu sei.

Os outros continuam a brincadeira. É uma boa distração. Eu me pergunto quantas vezes compartilharam as mesmas coisas ao longo de todos esses milênios.

— Você pensou mais sobre esse vínculo do destino? — pergunta Cronos, se inclinando na minha direção para falar baixinho.

Desvio o olhar para o Boone.

— Se não é romântico... — Febe estava convicta disso. — O que mais pode ser?

Ele solta um murmúrio.

— Alguns destinos são de amizades pra vida toda.

— Pode ser isso.

— Talvez... — comenta ele, em dúvida.

— O que acha que é?

O titã dá de ombros.

— Alguns destinos são conectados a um acontecimento ou uma ação específicos. Talvez seja isso. O Boone mudou várias coisas aqui embaixo. Talvez vocês dois juntos sejam a chave para sair daqui.

Franzo a testa. Talvez faça mais sentido.

— Ou talvez ele seja o sacrifício — adiciona ele, baixo.

Fico tensa.

— Sacrifício? — Consigo sussurrar, para evitar que Boone escute.

Cronos balança a cabeça.

— Só tô considerando diferentes tipos de destinos.

— Ah...

Ainda assim, a palavra fica rondando minha mente.

— Todos aqui somos destinados, sabia? No sentido romântico, no caso. Uns chamariam de almas gêmeas.

Endireito a postura. Meu poder de identificar feitiços está desativado, mas mesmo quando estava ativo, não vi fio nenhum entre eles.

— Nunca ouvi falar disso. Os titãs foram retratados só como cruéis, e isso é tudo que a gente aprendeu.

Ele suspira.

— Qual é a sensação? — questiono.

Seu sorriso é mais caloroso, mais doce, quando ele pega a mão da Reia e beija a palma antes de fechar os dedos dela, como se guardasse o beijo.

— É como se você só fosse completamente você perto da pessoa. Como se preenchesse um vazio aqui dentro.

A titânide apoia a cabeça no ombro dele.

— É como se tudo só... se encaixasse. Até a eternidade juntos.

Como se encaixasse.

Preenchendo algo vazio.

Parece o que sinto com o Hades. Ao menos os titãs estão aqui com suas almas gêmeas. A minha... tenho que ficar esperando pela ruptura no tempo para vê-lo de novo.

Foco o olhar na Tétis.

Se eu passar tempo demais aqui embaixo, é assim que vou acabar? Desolada sem ele?

Cronos deve perceber que estou matutando o significado de tudo isso.

— Para de se preocupar com o seu destino. Vai ficar claro com o tempo.

— Merda. Tô mesmo começando a odiar o tempo.

Ele gargalhou.

— Ajuda se eu disser que o destino não é tão imutável quanto você pensa? Dá pra ser rompido.

Fico tensa.

— Quê? Isso é possível?

Ele faz uma careta.

— Só vi acontecendo três vezes em todos os meus anos de existência, todas as vezes com destinos do tipo alma gêmea. — Faz

outra careta. — São os mais comuns.

— O que aconteceu?

— É pior pra quem não escolhe o rompimento. A pessoa nunca encontra o amor. Nunca se sente inteira. O coração nunca sara.

Que coisa horrível!

— Por que romperam o destino? Esses que você viu?

— Eles só escolheram um caminho diferente, acreditando que era o verdadeiro caminho pra si.

Começo a esfregar os olhos.

— Eles se apaixonaram por outra pessoa?

— Isso.

— E ficaram felizes? Depois?

Ele fica calado por tanto tempo que baixo as mãos para olhá-lo.

— Cronos?

— Um deles, sim.

Um de três. Depois de causar outro sofrimento.

— Por que me contou isso?

— Pra você saber que sempre tem escolha. Sempre, Lyra.

— Escolha? A Reia disse que sempre acabo aqui embaixo. Não importa o que aconteça. Como isso é escolha?

Cronos crispa os lábios, assentindo.

— Verdade, mas isso é porque você escolhe os mesmos caminhos com frequência. A gente pode redefinir o tempo e manipular algumas coisas daqui de baixo pra te trazer pra cá, mas não pode escolher por você.

A expressão nos olhos azul-claros dele parece... dizer muito. Como se ele quisesse mesmo que eu ouvisse isso. Como se houvesse algo maior que ele quer que eu entenda.

Mas aí Cronos dá tapinhas na minha cabeça.

— Só quero a sua felicidade.

Contenho a risada irônica. *Da próxima vez, me deixa lá em cima com o Hades, então*. Penso, mas não digo, porque soa... egoísta agora.

Ficamos em silêncio meio que na mesma hora que os outros se calam. Uma quietude assola a câmara, ficando mais e mais densa, cada um absorto nos próprios pensamentos enquanto aguardamos.

Desejando que as coisas tivessem sido diferentes.

62

TODO O RESTO CONFUSO

LYRA

A porta do Cadeado de Poseidon se abre de repente, e todos nos levantamos num pulo, prontos para lutar. No entanto, é apenas Perséfone ali do outro lado. Boone faz menção de se aproximar dela, mas parece se conter. Não sei se mais alguém notou além de mim.

Com certeza não Perséfone, que leva o dedo aos lábios, o que já explica o suficiente. Ela não sabe onde os outros estão nem em que estado. Quando saímos, temos um plano.

Acabamos nos espalhando. Calados. Sabendo para onde vamos e nos escondendo o tempo todo, até chegar a um lugar seguro. Preciso dizer que pisar em um rastro imenso e grosso de sangue dourado espaço afora e pelo túnel que atravessamos não faz o plano parecer muito bom. Nem as partes derretidas que a lava evidentemente tocou, ainda cintilando com o calor ao redor.

Jápeto sabe fazer um estrago, pelo visto.

Cronos vai na frente, e nos separamos, com Boone no meio do grupo e eu no final com a Reia.

Estou vagamente consciente da Perséfone lá perto do Boone, falando com ele em um tom baixo demais para eu ouvir. Mas parece algo sério. A deusa não abre nenhum dos seus sorrisos doces característicos. Eles param à entrada do túnel.

Desacelero, observando os dois.

Estão discutindo?

Bem quando penso isso, Boone a segura pelo pulso e a leva pelo túnel até sumirem de vista.

Claro que o sino toca bem agora. De novo.

O som tilintante e sobrenatural não parece real, e meus pensamentos se embaralham todos com o rompante de medo. É cedo demais. Não deveria ser um intervalo tão curto assim entre um badalar de sino e outro. Não sabemos onde Jápeto pode estar nem em que estado. Nem a Febe e o Céos.

O choque deixa minha mente lenta.

Reia, na entrada do túnel, se vira para mim, mas quando vê como estou longe, faz uma expressão apavorada.

— Você não vai chegar a mim a tempo — grita ela. — Corre pro Cadeado destrancado mais próximo.

Nem discuto. Saio correndo, e a cada passo, os pensamentos disparam como choque elétrico. Da última vez que o sino tocou, Jápeto não conseguiu nos alcançar. Nem a Febe. E são mais ágeis que eu. Ele estava mais longe? Tem algum cenário em que eu não seja a próxima a virar um monstro raivoso?

Aquelas coisas invisíveis, o que quer que sejam, são silenciosas.

A cada passo, cada respiração, cada batida do coração, estou esperando que me acerte. E que eu me curve para trás como aconteceu com o Jápeto, espumando pela boca como um cão raivoso. Nem sei como podem usar meus poderes contra mim.

O Cadeado mais próximo é o do Hades, mas a porta está fechada.

As portas de todos que vejo daqui estão fechadas.

— Hades! — berro.

É um risco. O Pandemônio é atraído pelo som, mas tenho certeza de que não vou ter tempo de fugir se tiver que parar para tentar abrir a porta primeiro.

A porta que segue fechada.

— Hades! — Estou me esgoelando, com a garganta doendo.

Eu me encolho a cada passo dado. Esperando pelo ataque que sei que deve estar próximo.

De súbito, a porta de pedra se escancara e ele aparece, olhando para algo atrás de mim, e o pavor intenso em sua expressão é pior do que a cara que a Reia fez agorinha.

Será que ele o vê?

O Pandemônio?

— Corre! — berra ele.

Forço mais o corpo do que provavelmente é seguro, arriscando perder o controle e tropeçar. E corro.

Na direção dele.

Em meio ao pavor gritante que ameaça me consumir, minha mente lembra de como esta situação se assemelha ao Trabalho de Ártemis quando eu estava fugindo do dragão. Na direção dele.

Porque o Hades é, e sempre vai ser, meu porto seguro.

— Mais rápido. — Leio as palavras na boca dele.

Uma rajada de adrenalina me empurra para a frente, para os braços dele, que me envolvem, e a porta se fecha com tanta força e rapidez que sinto o vento gerado pelo movimento a centímetros das minhas costas.

O som bruto da minha respiração preenche o espaço vazio. Acontece que até deusas, considerando a velocidade em que eu estava, ficam sem fôlego. Ou talvez seja o medo dificultando minha respiração.

— Você... — Tenho que fazer uma pausa para respirar de novo e chego para trás, na intenção de sair dos braços dele. Porém, a porta de pedra está às minhas costas e não consigo me afastar, acabando por imprensar seus braços atrás de mim. — Você consegue ver a coisa?

Depois de uma mínima hesitação, a cópia do Hades assente.

Agora estou distraída.

— E como é?

— Difícil descrever. É tipo um buraco negro no ar. Sem uma forma definida. — Ele inclina a cabeça. — Com seu poder novo, é pra conseguir vê-los também.

Franzo a testa.

— É um feitiço?

— Não. Mas, como a magia de um feitiço, eles existem em outro plano, um sobreposto à nossa realidade.

— Ah!

Ele se inclina à frente, com o rosto diante do meu, seríssimo.

— A pergunta que não quer calar é: por que *você* não conseguiu ver?

— Desativei o poder...

— Você desativou... — Ele faz uma cara tão feia que acho que as covinhas se perderam para sempre. — Por que você faria isso, caralho?

— Porque me distrai.

— É uma coisa necessária — insiste ele, fincando os dedos nas minhas costas enquanto me aperta. — Vai te proteger deles.

Deles.

Os titãs, no caso.

Será que conto a ele que os titãs não são os malvados aqui? Ele acreditaria? Hades criou essa cópia de si mesmo quando estava enfeitiçado para acreditar em mentiras. Então esse Hades só sabe das mentiras. Contudo, *esse* Hades também sabe de outras coisas. Vem observando. Esteve presente em todas as minhas vidas passadas e se lembra de tudo.

Será que ele já não deveria saber a verdade a esta altura?

— Não preciso me proteger deles.

Hades franze a testa.

— Claro que precisa. Estão te usando pra sair daqui, então não vão te matar. Ainda não...

— Nunca.

Ele faz uma pausa, ficando assustadoramente calado, apenas me encarando.

— Explica. — Uma palavra simples e curta que é todinha uma ordem.

Em geral, eu argumentaria, mas é nítido que ele não sabe... e devia saber.

— Você... ou a sua versão que te colocou aqui pra resguardar o Cadeado... foi enganado. Enfeitiçado.

Ele estreita os olhos, mas nada diz.

Então continuo.

— Os titãs não são monstros. Eram pais amorosos que...

Hades se afasta de mim como se eu pudesse infectá-lo.

— Tudo mentira — brada ele. — Você caiu nas mentiras deles.

— Não me disseram isso... eu vi.

— Então é *você* que tá enfeitiçada.

Dou um passinho à frente, balançando a cabeça, mas ele não quer saber de ouvir. Cada parte sua berra a negação furiosa, desde a raiva esculpida no rosto, passando pela rigidez das mãos a ponto de parecerem garras, até a fumaça emanando ao redor de si. Só uma pequena amostra do poder real do Hades, mas não é nada trivial.

— Eu devia era te matar agora — declara ele, dando um passo ameaçador na minha direção.

Não posso fugir. Não posso sair daqui. Lá fora é tão perigoso quanto. Então não me mexo.

— Tô dizendo a verdade.

Ele abaixa a cabeça de um jeito que já vi predadores fazerem em filmes, com o olhar atento em mim como um leão monitorando os movimentos de um filhote de gazela.

Me fodi.

— Eu te mato e redefino o tempo. Apago as mentiras da sua cabeça.

Hades se aproxima cada vez mais, mas ainda assim não saio correndo. Sei que não consigo me esquivar dele, e apenas incitaria o ímpeto de me perseguir. E ele me pegaria.

— Você faria isso? — As palavras escapam da minha boca, minúsculas. — Você ia conseguir me machucar?

Ele me segura pelos ombros com brusquidão, e seu olhar é tão frio, tão indiferente que não consigo evitar um arrepio que me atravessa como um arpão. O verdadeiro Hades já me olhou assim antes — quando estava tentando partir meu coração de propósito. Já vivenciei isso duas vezes.

— Toda hora eu digo — brada ele, com um grunhido. — Não sou *ele*. Sou uma criatura totalmente diferente.

Não sei o que estou esperando. Talvez que ele quebre meu pescoço depressa, talvez uma onda de poder me abatendo, antes de eu acordar em uma nova linha do tempo, sem saber nada do que aconteceu.

Não é o que acontece.

Fico procurando algo nos olhos dele — o prata bruto e muito, muito frio.

— Faz logo, então — sussurro.

Ele contrai o maxilar por vários instantes até um novo tipo de raiva surgir em suas feições.

— Cacete! — brada ele.

E aí ele me beija.

Sua boca está na minha, mas ao contrário do último beijo, desta vez, *sinto*. Eu o sinto. Hades.

Meu Hades.

É como se parte da alma dele estivesse aqui comigo, e o jeito como me beija — brusco e árduo, como se não quisesse, mas não conseguisse evitar me devorar —, esse também é o meu Hades.

Com um soluço sombrio, aterrorizante e desesperador, que venho tentando fingir que não estou carregando comigo a cada segundo aqui embaixo, envolvo seu pescoço com os braços, ficando na ponta dos pés para retribuir à altura.

Não estou me contendo.

Não estou pensando.

Estou aqui, neste momento, com o Hades.

Então o chão treme. Por um segundo, acho que sou eu, que o beijo me afetou tanto que estou tremendo. Aí percebo que... é outro terremoto.

Olhamos para cima e nos separamos a tempo de ver a poeira caindo nos nossos rostos, nos fazendo desviar o olhar. E o chão segue tremendo.

Ainda me segurando com uma das mãos, ele coloca a outra na porta.

— O Pandemônio...

— Não. Um terremoto. Provavelmente, tá piorando as rachaduras.

— Que rachaduras? Como assim?

Olho ao redor, percebendo pela primeira vez que não há rachaduras nos Cadeados. Não que eu tenha visto. Nem na parte de fora.

Por outro lado, foram construídos para aguentar qualquer coisa que os titãs pudessem usar contra eles, para mantê-los presos no Tártaro.

— A gente tem sentido esses tremores nas celas em que ficam os titãs. — E todos os outros presos lá, que não sei quem são. — As

rachaduras apareceram em cima de onde os pilares do Cosmos nutrem a Superfície.

Hades franze a testa.

— Não tem terremoto no Tártaro. É o fundo do mundo. A base. Não tem nada pra tremer.

Reviro os olhos.

— Mas você sentiu isso, né?

— Senti, mas não é possível. Tem que ser outra coisa.

— Tenho certeza. Venho sentindo de vez em quando. Vi as rachaduras com meus próprios olhos.

Hades chega para trás todo intencionado, e sinto o espaço que ele está criando entre nós como um vácuo intransponível entre universos.

— Assim como viu a inocência dos titãs?

Voltamos para essa história?

— Você não sentiu o tremor? É impossível não notar.

— Quando não tô acordado, não vejo muita coisa.

— Acordado?

— É tempo demais sem fazer nada. Em geral, entro em um estado de... hibernação, mais ou menos.

Uma existência de nada. Acho que isso é pior do que a maldição de nunca ser amada. Será que ele só conhece a mim, esse tempo todo que esteve aqui embaixo? A Têmis morreu no Cadeado de Héstia. Será que outra pessoa já conseguiu chegar até aqui?

Será que isso significa alguma coisa?

Ele parece muito real, e ainda assim minha mente diz que não é.

— Não entendo nada disso — murmura ele.

Comprime os lábios, frustrado.

— Não posso com isso. — Sua voz é baixa, quase como se falasse com outra pessoa que não está aqui. Aí ele mexe os ombros para trás, o corpo todo uma manifestação rígida de rejeição que me dói ver. — Você pode ficar aqui até que seja seguro sair.

Então ele desaparece.

Não como fumaça ou teletransporte, mas como se nunca tivesse estado aqui.

Uma alucinação.

O fato de que ele é, para todos os efeitos, exatamente isso, e ainda assim tão real para mim, é o que mais me assusta. E se eu não puder mesmo confiar na minha própria mente? E se nenhum de nós puder? E se o Tártaro tiver sido projetado para nos destruir, e não apenas nos prender?

Eu me encosto na porta de pedra e vou escorregando até a bunda bater no chão.

E aguardo. Outra vez.

63

AMIGAS LÁ EMBAIXO

LYRA

A porta do Cadeado se abre, e eu caio para trás, batendo a cabeça no chão.

— Ai! — resmungo, apalpando o local.

Cronos se inclina à frente, aparecendo de cabeça para baixo no meu campo de visão.

— Foi um lugar meio estúpido pra você se sentar — sussurra ele.

Atrás, Reia revira os olhos, mas nada diz.

Acho que não é seguro fazer barulho ainda, ou estão tendo mais cuidado depois que o sino tocou duas vezes, considerando que estamos muito perto da origem aqui.

— Tá, tá... — sussurro em resposta, me levantando.

Desta vez, quando me conduzem pela câmara em direção aos túneis, fico coladinha nos titãs. Tudo em mim está em alerta máximo — meus ouvidos atentos a cada som, a pele formigando.

Ao me lembrar do Hades me dizendo que minha habilidade devia permitir que eu visse o Pandemônio, fecho bem os olhos e aciono o interruptor mental. Quando os abro, nada aparece perto de nós. Nada de sino. Nada do Jápeto irado.

Voltamos para uma cela escondida diferente da que usávamos para nos reunir e dormir, com Cronos apontando em silêncio para novas curvas e direções enquanto prosseguimos. Uma medida de segurança para evitar que o Jápeto nos encontre — os titãs

modificam o lugar em que dormem toda vez que alguém é atacado. Acho que vão procurá-lo depois que os efeitos passarem.

Desativo o sensor de feitiço quando passamos pela porta em segurança e chegamos a uma passagem estreita e escura, sem nenhuma arandela. Com uma porta entre a gente e o Pandemônio, não preciso do poder por ora. Entramos em uma cela que não passa de uma caverna entalhada *grosseiramente* com uma porta, e todos os titãs, Boone e Perséfone estão dormindo.

Todos, menos Jápeto.

Aponto para Febe, que está encolhida no canto, com ataduras, mas não em pedacinhos como eu temia.

— Ela tá bem? — balbucio.

Todos nós precisamos descansar depois de duas rodadas de sinos.

Eles assentem, então orientam que nos deitemos também.

É o que faço... e aí só fico ali, quieta.

Deitada como um peso morto, pensando nas mil coisas que aconteceram, tentando dar sentido a tudo. Tentando encontrar respostas.

O que preciso é de tempo. Do tipo que vem na forma de uma ruptura.

Agora que testei a teoria, de um jeito básico com o machado, será que arrisco uma redefinição se testar de um jeito mais elaborado? Acho que tenho que testar. Tenho que saber.

Então, da próxima vez que uma das fendas aparecer, eu vou com tudo.

Tomar essa decisão parece... certo, mas agora estou presa aqui esperando de novo. Estar aqui embaixo é um grande correr para aguardar. Então mudo de posição, tentando ficar confortável, tentando dormir, me remexendo. E solto um gritinho.

Sinto alguém tapando minha boca, abafando o resto do som, e Perséfone, deitada ao meu lado no chão, leva o dedo aos lábios.

Assinto, e ela afasta a mão, mas não diz nada.

Depois de alguns segundos encarando aqueles olhos azul-lavanda, ergo as sobrancelhas.

— Posso... te ajudar? — sussurro.

Sua expressão é hesitante.

— Se não, vou dormir...

— Você já mentiu pro Hades? — sussurra ela, às pressas.

Fico sem reação, aí franzo a testa.

E ela faz careta.

— Tipo, quando viaja no tempo. Porque tem que tomar cuidado com o que fala pra ele.

Ah!

— Eu... tento não mentir.

Perséfone contorce o rosto.

— Ah.

— Por que tá perguntando isso? *Você* já mentiu pra ele?

Ela faz uma pausa, então nega com a cabeça.

— Nunca fui até ele quando os pedaços da ruptura no tempo me pegaram.

O que significa que a Perséfone nunca foi a informante do Hades. Ele não combinou com ela de usar a Caixa de Pandora para libertá-la. Combinou com outra pessoa. Não é uma ponderação. É uma certeza. E estou começando a ter convicção de quem foi.

— Pra quem você mentiu, então?

Perséfone desvia o olhar, abaixando os cílios, que escondem seus pensamentos. Ela não quer falar.

— Boone?

Ela me olha depressa. Seria péssima jogando pôquer.

— Não...

— Agora você tá mentindo pra *mim*.

Perséfone se cala.

— Por que mentiu pra ele?

Ela retorce a boca.

— Pelo menos, você se dá ao trabalho de perguntar. — Ela suspira quando não respondo a isso. — Achei que tivesse que mentir. Quando o conheci, eu já tinha provocado algumas redefinições e não queria fazer de novo. Apareci onde ele estava, no meio de um museu, e precisava de uma desculpa pra estar lá. Então fingi ser uma ladra, chegando antes dele pro assalto. Mas...

Fico em silêncio, observando-a.

— O tempo ficava me levando pra encontrar ele de novo.

Meu estômago se revira de ansiedade. O tempo a levando para encontrá-lo.

— Por quê?

Perséfone dá de ombros.

— Mas, da última vez que aconteceu, eu...

— O quê? O que você fez?

— Beijei ele — sussurra ela.

— Você... — Murcho um pouco. Só um beijo? — Só isso?

— Eu não devia ter feito isso. A gente teve outros momentos. Mais do que só eu surrupiando os assaltos debaixo do nariz dele. Beijar ele... foi como voltar pra casa. E levou a... — Ela fica vermelha. Vermelha mesmo. — Outras coisas. Mas aí o tempo nunca mais me levou pra encontrar ele depois disso, e quando voltei pra cá, o item que ele estava tentando roubar estava no meu bolso. Esqueci que já estava comigo e queria devolver. Então ele...

Então ele achou que ela estivesse brincando com ele só para conseguir ficar com o espólio. Algo que um ladrão da Ordem acharia seríssimo. É a liberdade dele, um assalto a mais para sanar sua dívida. Ele achou que ela tivesse ferrado com ele de propósito.

Não é de admirar que ele não tenha confiado nela quando chegamos aqui.

— E da última vez que ele foi pro passado, acho que me viu, quem eu era antes de vir parar aqui embaixo, com o Hades. Deve ter interpretado mal alguma coisa.

Isso atiça com força o ciúme bobo dela e de Hades que finjo não estar me revirando por dentro.

— Mas não consigo pensar em nada que eu já tenha feito com o Hades que faria o Boone...

— Faria o Boone o quê?

Ela me fisgou com a história. Preciso saber.

— Ele se fechou por completo.

— Por que tá me contando isso?

Perséfone me encara por um instante, então solta um suspiro leve.

— Achei que, se você já tivesse mentido pro Hades, talvez pudesse explicar como...

— Continuei mentindo?

Ela faz que não.

— Como consertou as coisas.

Ah! Reflito sobre a relação e a linha do tempo complicadas que Hades e eu temos. Embora eu não tenha propriamente mentido, também não fui totalmente sincera. Nem ele. Porque nenhum de nós tem escolha no momento. Agora percebo isso.

— Eu queria poder te ajudar. Só posso dizer pra dar um tempo pro Boone e nunca mais mentir pra ele.

Depois de um instante, ela abre um de seus sorrisos luminosos. Esse é estranho, porém, como o sol se escondendo atrás das nuvens.

Eu a observo, com o sorriso alegre e tudo.

— Você disse que a gente sempre fica amiga?

Perséfone dá uma risadinha meio debochada.

— Sempre. Em algum momento. — Aí ela faz um biquinho. — Desta vez, você tá demorando.

— Como acontece exatamente?

Ela inclina a cabeça, com um olhar introspectivo, comprimindo os lábios perfeitos.

— Acho que é porque somos o oposto uma da outra.

Fico sem reação porque isso casa muito bem com o que eu estava pensando.

— Isso não dificulta as coisas?

— Não, boba. Significa que deixo você mais leve, e você me deixa...

Ela desvia o olhar, mordendo os lábios.

— Mais pesada? — completo com um tom inexpressivo. — Você ia dizer que te coloco pra baixo. Não é?

Ela segura minha mão.

— Mas de um jeito bom.

— Aham.

Tento me afastar, mas é que nem tentar se soltar de uma craca apaixonada.

— É sério. Acho que acabei aqui embaixo porque confiei na pessoa errada, mesmo que eu ainda não saiba quem é. — Ela faz uma careta. — O Hades vivia me avisando que ver o lado bom de todo mundo abre brecha pra eu me magoar.

— Parece mesmo algo que o Hades diria.

O sorriso dela me envolve, como se compartilhássemos algo em comum. E parte de mim quer deixar que isso aconteça. Eu poderia perguntar se ela acha que ele, de fato, me amou.

Mas não pergunto.

Presa aqui embaixo, não tem como ela saber.

— Então... nunca aconteceu nada de romântico entre você e o Hades?

— Eca! Não. — Torna a fazer careta. — Você já me perguntou isso antes, sabia? Na verdade, você geralmente pergunta.

— Bom... sendo denominada rainha dele, o mundo inteiro tem uma imagem de vocês dois como amantes. Tem até uma história de como ele te enganou usando sementes de romã pra vocês se casarem.

Perséfone suspira.

— Isso é história da minha mãe, na verdade. Ela precisava dar alguma explicação plausível pro Zeus pra eu querer ficar no Submundo, e ainda por cima governá-lo. — Ela aperta minha mão. — Você ama o Hades. Foi esse o primeiro motivo pra eu te amar.

Eu me afasto.

— Que estranho!

Ela se aproxima, sem perceber minha necessidade de espaço.

— Ele é uma das minhas pessoas favoritas. Ele me deu um propósito maior que apenas flores.

— A primavera é importante também.

— Não quando sua mãe consegue dar conta de tudo sem sua ajuda. — O tom dela fica seco. — E, com frequência, faz isso. — Outro suspiro, e aí parece que ela afugenta o mau humor dando de ombros. — Mas o Hades... Os outros têm medo demais pra conseguirem amá-lo. Só o Caronte e o Cérbero que não, claro. E eu. Mas você apareceu bem antes de mim.

Por um segundo, acho que ela vai dizer outra coisa. Em vez disso, fixa uma expressão otimista e determinada no rosto.

— Eu queria poder te contar tudo, mas tenho fé de que você vai descobrir e a gente vai ser livre.

É minha vez de dar uma risada meio debochada.

— Por que, em nome do Cosmos, você teria tanta fé em mim assim?

O sorriso iluminado surge em plenitude desta vez.
— Te falei. Porque você é minha amiga.

64

QUEM TEM CORAGEM (OU POUCO JUÍZO) VAI LONGE

LYRA

Perséfone e eu pegamos no sono com ela segurando minha mão, e pela primeira vez desde que vim parar aqui embaixo, relaxo a ponto de dormir bem. Por isso, o clarão atrás das minhas pálpebras me incomoda pra caralho.

— Vai embora — murmuro, balbuciando as palavras.

Estou pouquíssimo ciente de falar enquanto durmo.

Só que a luz me irritando fica cada vez pior. E pior. Até me arrancar da inconsciência. Abro os olhos e vejo a lateral da ruptura do tempo acima de mim. Ela se infiltra pelo teto de pedra da caverna, só um pouco, quicando e se inclinando como se quisesse brincar.

Eu me apoio no cotovelo e olho ao redor, vendo os outros titãs dormindo. Pelo visto, ninguém nem perto de acordar.

Observo a rachadura de novo. Ainda está lá. Convidativa.

Perséfone não soltou minha mão, então tento me desvencilhar dela, mas claro que ela abre os olhos na mesma hora. Minha vez de levar o dedo aos lábios. Aí aponto para cima, e ela olha, arregalando os olhos antes de voltar a me olhar.

Aponto para mim, depois para o tempo.

Ela franze a testa e balança a cabeça.

Então me inclino e sussurro em seu ouvido.

— Descubro coisas demais assim pra não ir.

A irritação da Perséfone é tão fofa quanto todos os outros sentimentos, e suas feições delicadas se contorcem. Aí ela assente e

desfaz o aperto firme na minha mão.

Sem fazer barulho, com cuidado, me levanto e sigo para o prisma cintilante do tempo. Como se tivesse estado me esperando, a coisa vem descendo do teto e me engolindo.

Quando o tempo me solta, não posso me dar ao luxo de desvendar quando e onde estou — embora o onde logo fique claro, e ainda assim não seja assimilado de todo.

Não com o espanto silencioso que me sufoca.

Porque o Hades está de joelhos na frente do altar da Perséfone na casa dele no Olimpo.

— Me perdoa — diz ele, em um sussurro desolado. — Não tem nada mais que eu possa fazer. Você só... sumiu.

É como se tivessem rasgado meu peito e arrancado o coração, tamanha a sensação de vê-lo arrasado assim. Sem contar o ciúme.

No mesmo instante, tenho um pressentimento horrível de que estou tendo a resposta da minha suspeita. Acho que sei o que devo fazer agora. Eu estava procurando provas quando entrei nessa volta do tempo. Talvez seja esta a prova.

Faço uma carranca, observando a nuca dele e tomando uma decisão.

Provavelmente, é uma ideia péssima.

Mas também fiz uma promessa — para Reia. Sei onde vim parar desta vez. E tenho quase cem por cento de certeza de que estou certa, de que a ruptura no tempo me leva para onde tenho algo importante a descobrir ou onde tenho certos pauzinhos a mexer. E que senhores pauzinhos eles são. É algo muito maior do que só dar o machado a mim mesma. Estou tentando muito não pensar no quanto posso estar errada e nas consequências disso.

Ou, no caso, nos paradoxos catastróficos.

Porque, se eu fizer isso, tem uma coisa que ficará muitíssimo clara...

Eu sou a informante do Hades.

Só pode ter sido eu que falei para ele todas as coisas a serem feitas. É a única coisa que faz sentido.

— Ela não morreu — falo, baixinho.

Se vou testar a teoria, vou com tudo. Espero pela sensação estranha de redefinição do tempo que vivenciei nas visões que

Mnemosine me mostrou do passado, mas nada acontece.

Em vez disso, o tempo segue adiante, e Hades se levanta e avança sobre mim de um jeito quase animalesco, superveloz, me segurando pelo pescoço antes de ficar imóvel... me encarando com os olhos arregalados, que brilham como adagas de prata, o canto da boca se contraindo.

— Lyra?

Estou certa quanto a isso.

Por favor, que eu esteja certa quanto a isso.

65

TODA VEZ QUE VOCÊ VAI EMBORA

HADES

Afrouxo o aperto no pescoço da Lyra, mas minha mente está tão chocada que não solto mesmo sabendo que deveria.

Ou talvez eu só queira segurá-la e mantê-la aqui comigo desta vez.

Não.

A rejeição da ideia me acerta com tudo. Não com dor, não com amargura, mas com um senso de distância frio e intransponível.

Tive um bom tempo, mais que uma era, para pensar nisso. Da última vez que a vi, quando acabei com as Guerras Anaxianas, ela usou meu poder sobre os mortos para me fazer confessar os pecados a ela, então me disse que eu poderia romper com meu próprio destino e a profecia, e aí, logo antes de me deixar de novo, confessou sob influência do meu poder que me amava.

As palavras mais doces de todas.

Palavras que me fizeram arrancá-la do meu coração.

Faz séculos que não vejo o rosto dela. Séculos. Mas foi melhor assim. Tive tempo de firmar minha determinação. Como pude me apaixonar por ela em um intervalo que, ao todo, dá meras horas — um dia, no máximo — espalhadas através das eras... não me lembro mais.

Maldita seja ela. Não *quero* lembrar.

Mesmo enquanto absorvo cada nuance, cada curva e ângulo de um rosto que achei que tinha começado a esquecer depois de todo esse tempo. Que me *fiz* esquecer.

Pelo bem do mundo, não vou me abrir para ela de novo.

Porque quando ela sumiu naquele dia, com as palavras doces da verdade emanando de lábios que ainda nem beijei, vi naquele momento uma verdade diferente. Uma realidade horrenda que me forcei a encarar para romper com o destino, do jeito que *ela* me disse que eu conseguia fazer.

Lyra será a razão de eu atear fogo no mundo.

Se eu a deixar se aproximar muito, se eu der a ela mais do que já dei do meu coração, se acontecer alguma coisa com a Lyra, todo o controle que tanto me esforcei para reter... se dissiparia.

Sei que sim.

Ela é o catalisador da minha profecia.

A verdade enraizada virou minha base, e a extirpei do meu coração com a precisão de um cirurgião com um bisturi. O tempo que ela passou sumida foi exatamente do que eu precisava.

Não sinto *nada* agora.

Aí ela desvia o olhar para trás de mim e arregala os olhos, e sei que o que quer que costume aparecer para levá-la embora já está aqui. Ela já, já desaparecerá.

Abafo a faísca de reação, a necessidade instintiva de mantê-la aqui. Mantê-la aqui destruiria mais do que a mim mesmo.

— Ela tá viva. — Lyra quase atira as palavras em mim. — A Perséfone.

Meu mundo vira do avesso. Isso é tão diferente do que eu esperava que balanço a cabeça, incrédulo, tentando reorganizar as palavras que ela acabou de dizer até formarem algo que faça sentido. Não funciona.

Para além da perplexidade, a raiva se inflama em mim como uma serpente se preparando para dar o bote. Essa mulher é mesmo meu tormento, e para mim já chega.

— Só vai embora, Lyra.

Ela só me encara. Primeiro com surpresa, e então seus olhos verdes e dourados se enchem de mágoa.

Quase retiro as palavras duras.

Quase.

É bem mais difícil ser duro quando ela está na minha frente, olhando para mim assim, do que achei que seria.

Mas aí ela contrai aquele maxilar teimoso.

— Você tem que me escutar...

— Não tenho, não. — Faço um gesto cortante no ar. — Tô cansado de você ficar aparecendo e me dizendo coisas que não tinha que estar dizendo. Vai embora pro lugar de onde veio, seja onde for. Pra mim, chega.

Ela se encolhe, o olhar de mágoa se transformando em um olhar ferido, e tenho que chegar para trás, fechando as mãos em punhos para evitar tocar nela.

Então ela levanta mais ainda o queixo imponente.

— Se não quer me ouvir porque sou eu, entendo, depois de eu ter sido tão... inconstante.

— Não é por isso...

Lyra me interrompe:

— Mas, pelo bem da Perséfone, você vai me ouvir.

Fecho a boca com tanta força que os dentes estalam. Por que ela não pode só me deixar em paz?

— Não tem nada que possa me dizer. Já a procurei em *todo lugar*.

— Eu sei. — Ela abre um pequeno sorriso. Um *triste*. Há uma convicção firme nos seus olhos. — Você não vai encontrá-la porque... — Respira fundo, trêmula, como se estivesse com medo. Não gosto de vê-la trêmula. Nem com medo. — Ela está presa no Tártaro.

A descrença me rouba qualquer outro pensamento. A descrença seguida por um rompante de raiva tão intenso que não consigo conter tudo, e Lyra fica com o corpo tenso, me observando com cuidado.

Ela está mentindo para mim. Não tem como isso ser verdade, e agora sei com certeza que ela é uma mentirosa.

— Isso não é possível. — As palavras emanam de mim com um rosnado.

Ela mantém o olhar no meu, mas demora vários instantes para falar, provavelmente reunindo mais mentiras.

— Não sei como, mas ela foi parar lá e está em segurança. Juro.

— Em segurança? — Dou uma risada amarga enquanto todas as lembranças vagas de ser engolido pelo meu pai, de brigar com meus pais e os trancar para que nós e o mundo ficássemos a salvo

deles me atingem com uma dor absurda. — Você ousa dizer que ela tá em segurança presa lá embaixo com aqueles monstros?

Outra olhadela por cima do meu ombro. O que ela vê quando vem e vai?

Você não está nem aí para isso, digo a mim mesmo. *Você não liga mais.*

Porém, com ela esbravejando mentiras, tão perto assim... é mais difícil do que achei que seria.

— Não tem a menor possibilidade de ela ter ido parar lá, de qualquer forma — afirmo. — Só há dois jeitos de entrar e sair de lá. Um inclui todos os sete deuses que criaram a prisão concordando com algo com que não concordariam, e a Perséfone não tem acesso ao outro jeito. Nem eu. Só uma pessoa tem.

O rosto dela se anima, como se eu tivesse acabado de lhe entregar todas as respostas.

— A Caixa de Pandora — esclarece ela.

Minha cabeça vai para trás em choque, como se ela tivesse me dado um soco no nariz.

— Como você sabe disso, caralho?

No entanto, ela olha para o ponto atrás de mim, chegando para a direita como se afastando-se do que vem na sua direção.

Começo a ir na direção dela, na intenção de prendê-la no Flegetonte de novo, me certificando de que ela não suma antes de me dar respostas. De novo. Depois disso, ela pode muito bem desaparecer para todo o sempre.

Ela não se afasta quando me aproximo. Não que conseguisse ir para qualquer lugar com a parede atrás de si. Estreito os olhos a cada passo até invadir seu espaço pessoal, apoiando as mãos uma de cada lado da sua cabeça, encurralando-a. Seu cheiro, já conhecido — baunilha e algo cítrico com um toque esfumaçado, um aroma que sempre me deixou pensativo — me atinge com tudo. Luto contra a vontade de encostar a boca no seu pescoço, de tocá-la, me afundar no seu corpo antes de mandá-la embora, eliminar essa vontade dela...

Não.

Caralho, estou perdendo a cabeça. Ela me faz perder a cabeça.

Nunca conseguiria esquecê-la se eu fizesse isso. Se a tocasse assim.

— Só os sete deuses que construíram a prisão sabem o que a Caixa de Pandora faz de verdade. É impossível que você...

— É um frasco. Vocês colocaram ela numa tranca que só vocês conseguem ver.

Se Zeus tivesse me acertado com um trovão, entre o extenso arsenal que possui, teria tido o mesmo efeito.

— Como...

— Não importa como eu sei. Eu sei.

O olhar desesperado dela para o ponto atrás do meu ombro me deixa tentado a olhar também, mas sei que não tem nada lá.

— Você só vai conseguir tirar a Perséfone de lá com aquela chave — declara ela. — E o único jeito de conseguir a caixa é virando o rei dos deuses.

Fecho a cara.

— Esse título não me serve de nada.

Ela me lança um olhar de pura frustração, e acho que se segura para não me dar um tapa.

— Vai servir se você quiser salvá-la. — Lyra respira fundo. — O único jeito de conseguir o trono do Olimpo é competindo.

Fico imóvel, abalado, sem conseguir me decidir entre a raiva, a descrença e a determinação de mandá-la embora o mais rápido possível. Antes que eu a tome para mim e a puna por tantas mentiras.

Antes que acredite nela.

— Tá me dizendo pra competir nos Jogos da Provação? — A competição que meus irmãos inventaram depois que acabei com as Guerras Anaxianas, jogos que minhas ações fizeram recair sobre os mortais. Cada alma perdida naqueles jogos chega a mim. — É uma fraude. Uma barbárie. Eu me recuso.

Vejo a pulsação frenética na base do seu pescoço, como um pássaro agitando as asas em busca de se libertar. Consigo ver.

Infernos, não consigo desviar o olhar. Quero só uma provinha do seu gosto.

— Vi você ganhar — conta ela.

O que me faz olhá-la nos olhos de novo.

— Só tem um jeito. Na noite da Cerimônia de Seleção — ela faz uma pausa... — Não na próxima Provação, na outra, no século XXI... Nessa noite, espera nos fundos do templo do Zeus na cidade de San Francisco...

— Nos Estados Unidos? — questiono, retorcendo a boca.

Por quê, em nome de todos os meus infernos, ela me mandaria para lá? Por que estou dando atenção a isso?

Ela agita a mão como se eu a tivesse interrompido, falando mais depressa.

— Isso. Lá. Uma jovem vai aparecer e tentar profanar o templo. Você tem que detê-la e então escolhê-la como sua campeã e fazer de tudo para que ela ganhe.

Eu poderia matá-la pelo que está fazendo comigo. Será que ela ao menos sabe a batalha que está travando dentro de mim?

Acreditar nela? Não acreditar nela?

Transar com ela? Não tocar nela porque depois vai ser insuportável me afastar?

Passo a mão pelo cabelo.

— Tá me dizendo pra desistir da Perséfone por mais de um século. Esperar. E aí fazer uma humana inocente enfrentar os horrores daqueles jogos?

Ela não sabe o que os deuses obrigam os campeões humanos a fazerem. Só porque meus irmãos não sabem se controlar quando brigam, como crianças. Tão fora de controle quanto já fui. É patético, mas não é nem a pior coisa.

Eu tinha razão. Lyra é perigosa para mim... porque ela me deixa perigoso.

Talvez eu ateie fogo no mundo para dar fim a esse caos. Talvez já seja tarde demais.

— Eu vi acontecer — ela insiste. E vejo nos seus olhos o quanto me incita a acreditar nela. — Dê o resto das pérolas à campeã.

As pérolas da Perséfone, no caso. Arregalo os olhos.

— Como você sabe que não são sementes de romã?

Ela balança a cabeça, continuando a falar depressa:

— E como um dos seus presentes, dê um beijo pra protegê-la no Submundo.

— Mas que porra! Não precisa de beijo. Qualquer marca funciona. — Isso é coisa demais para assimilar. Só que... estou começando a assimilar. Ela é tão... convicta de si mesma, cacete! — Como eu sei que você tá dizendo a verdade?

Os contornos do seu corpo começam a ficar turvos, e sei que ela está me deixando.

— Tenho que ir embora — diz Lyra.

Eu devia levá-la ao Flegetonte agora. No mesmo instante, descarto o pensamento. Mantê-la aqui comigo é pior.

Não posso fazer isso.

Aquela profecia maldita está ligada a ela. Sei disso no fundo da minha alma imortal.

— Porra, Lyra.

Seguro seus braços e a puxo contra mim, abraçando-a com força. Tento me teletransportar, mas nada acontece, como se o fogo do meu poder tivesse sido apagado com facilidade, como a chama de uma velinha. Essa conclusão me causa medo.

— Não tenho escolha — murmura ela, perto do meu queixo.

— Caralho!

— Desculpa.

Meu coração se parte como se as palavras tivessem se infiltrado sem permissão, e solto um grunhido. O que devo fazer?

— Não posso fazer isso. Como vou confiar no que você diz?

Ela me abraça forte por menos de um instante até ficar na ponta dos pés e dar um beijo suave no meu rosto.

— Porque eu sou sua — sussurra só para mim.

Fica ainda menos nítida ao encostar as solas dos pés no chão, com os malditos olhos verdes e dourados ainda atormentados, mas muito convictos.

Ela abre um sorriso reconfortante. Ou tenta. A expressão oscila.

— Sempre fui sua.

Então, como todas as outras vezes, ela some.

66

SALVAÇÃO... OU DESTRUIÇÃO?

LYRA

Sou envolta pelo silêncio terrível e infinito com o qual estou me familiarizando tanto.

Quando abro os olhos, estou no Tártaro, entre os titãs adormecidos, e nunca me senti tão... sozinha.

Ele me *odeia*.

Vi nos olhos dele, nas palavras que proferiu, no jeito como se afastou de mim como se eu fosse venenosa.

A única coisa que evitou que eu entrasse em total desespero foi saber onde nossa história termina, mas... e se eu estiver errada?

E se o que acabei de fazer, o que falei para ele, mudar tudo? Não redefini o tempo. Pelos deuses, meu coração batia tão forte na hora que fico surpresa de ele não ter irrompido do peito e caído em uma poça sangrenta aos meus pés. Mas e se o futuro de nós dois for diferente quando eu sair daqui agora?

E se isso tiver nos destruído?

Sinto a mão de alguém na minha e abaixo a cabeça, vendo o olhar inquisitivo da Perséfone.

— Tudo bem? — pergunta ela, com suavidade.

E... assinto.

Não porque está tudo bem. Não sei se está tudo bem.

Mas ao menos agora sei a verdade. Se tenho certeza de alguma coisa, é disto... sou eu dando as cartas do jogo. Ou sou eu tentando.

Nossos passados... e nossos futuros, quaisquer que sejam agora... estão nas minhas mãos.

PARTE 6
MARIONETISTA

O que foi feito ainda não foi feito.
E tudo isso pode ser desfeito.

67

MAS O FUTURO CONTINUA DETONANDO O PASSADO

LYRA

Depois de vários dias de preparação com os titãs, quando vamos para os Cadeados desta vez, não arriscamos ir todo mundo. Metade dos titãs e a Perséfone ficam no nosso atual abrigo, e Cronos, Reia, Mnemosine e Jápeto conduzem Boone e a mim para o próximo Cadeado.

Tentei fazer Perséfone vir com a gente, na verdade. Não sei o porquê de nossa pequena conversa ter feito diferença, mas fez. Ela só balançou a cabeça, desviando o olhar para Boone. Acho que talvez ela esteja com medo de distraí-lo ou de vê-lo entrar no Cadeado de Hera.

Para ser sincera, entre nós dois, é Boone quem deveria estar com mais medo, porque, ao que parece, neste Cadeado vamos vivenciar a dor do parto. Não sei como isso vai ser para ele no sentido biológico — nem para mim, no caso, uma vez que não estou grávida —, mas tenho certeza de que a deusa vai fazer acontecer.

Mesmo sabendo disso, ele insistiu em ir comigo.

Ninguém fala nada no caminho, passando por portas que abrigam gritos, que se sacodem, e talvez o pior de tudo, portas silenciosas. É terrível que, depois de um breve período aqui, eu já tenha parado de notar? Com certeza é.

Enquanto isso, a cada passo, em vez de focar no Cadeado e no que enfrentaremos, ainda estou remoendo o que aconteceu com o Hades, o que eu fiz.

Ainda não contei isso a mais ninguém, nem à Perséfone. Quero organizar o turbilhão de ideias antes de compartilhar esse fato curioso com eles.

Mas estou tão ocupada com meus pensamentos zanzando na cabeça que nem morcegos num campanário que logo já passamos pelo obelisco sinistro de onde vem o Pandemônio e estamos na ponte sobre o abismo que dá no Cadeado de Hera. Olho por cima do ombro e vejo tanto Mnemosine quanto Jápeto esperando no início do túnel, lá na extremidade da ponte.

Jápeto quis porque quis vir com a gente. Não sei se foi para provar alguma coisa. Que a última vez que o sino soou foi só acaso. Que desta vez, se acontecer, o Pandemônio vai perceber que ele é mais ágil do que pareceu.

Honestamente, acho que tem menos a ver com orgulho e mais a ver com a Febe. Já percebi como ele se encolhe quando a Febe se mexe ou emite qualquer som, ainda se recuperando das lesões que ele causou nela no estado de raiva, ou como o Céos, calado e estudioso, não sai do lado da esposa, nem olha para Jápeto, muito menos fala com ele.

Talvez seja por isso que sorrio para ele agora. E ele franze a testa em resposta.

É mesmo um desgraçado rabugento. Como pode?

Boone, à esquerda, assobia em questionamento. *Pronta?* Aí acena com a cabeça para o vácuo escuro no qual estamos prestes a nos jogar como sacrifícios humanos.

Fecho os lábios para assobiar a resposta — vamos —, mas o barulho me escapa quando arregalo os olhos e vejo uma fenda se abrir do nada, como uma cicatriz no ar. Fica piscando de um jeito estranho atrás do Boone.

Em reação à minha expressão, ele se vira.

— Que timing de merda... — murmura ele. — A gente devia pular agora.

Mas aí a fissura para.

Só... para.

Não desaparece nem muda de direção, mas não se mexe também, quase como se a ruptura no tempo tivesse sido detida. A coisa toda ainda me lembra um pouco a sensação do Cronos

parando o tempo para puxar o Boone e a mim pelos portões enormes do Tártaro ali no fim da ponte.

Olho para o titã.

— É você fazendo isso?

Ele está olhando para o rasgo do tempo.

— Não sou eu...

Cambaleia à frente, erguendo a mão como se tentasse deter ou pegar alguma coisa.

Eu me viro para a fenda e começo a chegar para trás ao ver o que está saindo dali. Boone me segura pelo pulso com força e me impede de cair no abismo, mas nenhum de nós desvia o olhar da imagem pavorosa.

Eu.

Sou *eu* saindo da fissura cristalina, igualzinha a como estou agora, porém usando outra roupa e...

Alguém ou alguma coisa cortou minha garganta.

Não foi um corte bonitinho, não. É todo irregular, indo de um lado a outro, e imagino que seja tão profundo que acertou minha medula espinhal.

— Ai, meus deuses.

Boone solta meu braço e corre até a outra Lyra... a Lyra do futuro?... e ela cambaleia à frente, levando a mão à garganta cortada, e o sangue vermelho — não é dourado porque naquele momento ela é mortal — esguicha e borbulha por entre seus dedos... *meus* dedos... e escorre pelo braço até cair e formar uma poça aos meus pés.

Estou me observando, com os pés fincados aqui. E o que quer que seja a Lyra do futuro, ela está olhando só para mim, mesmo quando Boone se aproxima dela, colocando a mão em cima da dela, na tentativa de estancar o fluxo de sangue.

Ela está balbuciando alguma coisa para mim.

Balanço a cabeça.

Quê?

Ela dá outro passo cambaleante e, mesmo com Boone tentando ajudar, cai com um joelho no chão. Seus olhos arregalados continuam fixos em mim, desesperada para que eu entenda o que ela tenta dizer, ainda balbuciando. Três palavras, acho.

— Não fala, Lyra — orienta Boone a ela... a minha versão do futuro que ele tenta salvar.

— Cadeado de Hera? — palpita Cronos.

Ela afasta Boone de si, ficando mais fraca e caindo de quatro, ou de três, no caso, porque continua pressionando a lesão na garganta com uma das mãos. Mas assente. Então ergue o rosto com a mão no queixo, fazendo a lesão se abrir como se fosse um buraco para a alma e o sangue transbordar mais rápido, enquanto ela balbucia outra palavra.

— Monstros.

Aí ela cai no chão, com o corpo tentando achar um jeito de controlar a perda de sangue ou conduzir o ar pela traqueia, mas ela só começa a gorgolejar e engole o sangue que sai do mesmo buraco.

— Não!

Boone está de joelhos ao lado dela, tentando tapar a lesão, ou fazer qualquer coisa.

Mas a Lyra do futuro estremece, tomada por espasmos, e sei que estou observando os tremores da minha própria morte.

Aquele rasgo no tempo que a largou aqui resolve se mexer de novo, engolindo seu corpo e a levando embora, para onde e quando quer que seja.

Deixando Boone para trás, de joelhos e observando as próprias mãos ensanguentadas, como se fosse a própria morte. Enquanto isso, meu sangue — o líquido vermelho denso e vívido formando poça na ponte — escorre pelos lados e cai no abismo.

A voz inconfundível do Hades me interrompe com um grito vindo bem lá debaixo.

— Lyra!

Então puro e absoluto silêncio.

De início, acho que o choque me pegou de um jeito que nem sei mais se estou viva. Até tento soltar um grito de dor, mas minhas cordas vocais não funcionam. Meu corpo também não, nem mesmo para piscar. Nem para respirar. Não é a viagem no tempo. Não estou presa em uma fenda.

Isso é outra coisa.

Bem quando acho que estou prestes a seguir meu futuro até a morte, o som, a sensação e o fôlego voltam de um jeito estranhíssimo. Não de uma vez só, mas aos solavancos, como um disco arranhado.

Acho que todos nós devíamos estar no mesmo modo estático, porque todo mundo volta a si gritando.

Boone é o que grita mais alto, se dirigindo a Cronos.

— Mas que merda foi essa que acabou de acontecer?

68

UMA SENHORA REDEFINIÇÃO

LYRA

Com o grito do Boone, todos ficamos imóveis e calados, tentando fingir que não existimos, e esperando aquela porra daquele sino tocar.

Mas não toca.

Estou tentando não deixar os "ai, meus deuses" que martelam sem parar na minha mente ofuscarem o que está acontecendo na ponte agora.

Estamos com cara de... *Assustados* não é bem a palavra.

Aterrorizados.

Aterrorizados é a palavra que estou procurando. Acho que nunca vi o Cronos assim. Não desse jeito. Nem no dia em que os filhos o atacaram.

— O que aconteceu? — questiono baixinho. — Responde.

Ele engole em seco, e o som é audível, ricocheteando pelas paredes de pedra. O som do pavor do titã é, por certo, um dos piores barulhos no mundo. Faz meu próprio medo esmagador me assolar de novo.

— O tempo acabou de se redefinir — sussurra ele.

Redefinir? Mas... eu ainda estou aqui.

Acabo retomando o estado de choque enquanto Boone se levanta, com as botas fazendo um barulho molhado em cima do meu sangue.

— Quê? — brada ele. Ainda estou de joelhos no chão. — Então por que a gente tá aqui ainda?

Só que a resposta está na cara do Cronos. No tom do seu medo. No medo de todos eles.

— O ponto pro qual a gente se redefiniu avançou para a frente — declaro.

Não é uma pergunta.

Pelo canto do olho, percebo como Boone vira para mim.

— Então não voltamos para cento e cinquenta anos atrás?

As lembranças que Mnemosine me mostrou — mostrou em fragmentos, mas agrupadas e em ordem cronológica, e de repente tudo faz mais sentido.

— A redefinição levou a gente pra frente no tempo. Acertei? — pergunto a Cronos.

Ver a mim mesma morrendo não foi o que mais me abalou. Foi a sensação esquisita logo depois.

O titã passa a mão pelo cabelo em um gesto tão característico do Hades que uma partezinha de mim quer amolecer, quer abraçá-lo.

Mas a gente precisa saber.

— Acertei? — repito.

Suspirando com força, ele baixa a mão e faz que sim.

— Às vezes, quando o tempo se redefine, não volta ao ponto exato de onde começou — confessa, em um sussurro.

— E você não achou que devia contar isso antes, quando a gente descobriu como funcionava tudo aqui embaixo? — brada Boone, e juro que ele está a ponto de pegar Cronos pelo pescoço.

Cronos não olha para ele, porém, ainda focado em mim.

— É raro.

— Quão raro? — brada Boone com um sussurro brusco.

A esta altura, Reia já veio para perto de nós e dá a mão ao marido.

— A gente só teve quatro redefinições que começaram de um outro momento no tempo. O que a gente vem vivendo começou quando a Perséfone veio parar aqui. Antes disso, foram séculos entre as redefinições. Milênios.

Cronos fica olhando para Reia, transmitindo muitos pensamentos com uma só expressão.

— Eu nem achava que era possível.

Boone olha para mim, gesticulando para eles.

— Você acredita neles?

— As lembranças da Mnemosine — lembro-o. — Eu vi. Só não sabia o que estava vendo. Eles estão falando a verdade.

O olhar que Cronos me lança é uma mistura de apreço — acho que por eu acreditar nele — e um pedido de desculpas, como se achasse que tudo isso é culpa dele.

Mas não é. Ou não de todo.

Talvez ele tenha rompido o tempo, mas eu *acabei* de contar umas coisas ao Hades. Claro, faz uns dias desde que isso aconteceu, mas...

E se for por minha causa? Se for minha culpa?

Venho fazendo graça com poderes que estão além da minha compreensão, presumindo que fosse esperta o bastante para desvendar tudo. E se eu tiver errado bem feio?

— Tá bem. Vou acreditar neles porque você está mandando, mas que uma coisa fique bem clara — responde Boone. — A Lyra não vai entrar no Cadeado de Hera. Não se é assim que ela sai de lá.

Boone logo some de vista, usando o poder da invisibilidade de ladrão. Só se ouve o barulho dos passos dele indicando que está correndo para o abismo.

Reia, se movimentando com a velocidade que nem os deuses possuem, o segura em pleno ar e bate o corpo invisível no chão. Sem reação, ele reaparece, então segura a mão dela em seu pescoço. A titânide está ajoelhada em cima das pernas dele, e Boone, não importa o quanto tente, não consegue tirá-la dali.

— Sei que quer proteger a Lyra, mas não seja precipitado — orienta Reia com toda a calma. — Você não vai pular lá antes de a gente bolar um plano. A gente ainda não sabe, talvez você seja tão importante aqui quanto ela.

Os olhos dele ficam esbugalhados até Boone ceder, dando tapinhas no braço dela.

— Não vai pular? — questiona ela, parecendo comentar sobre o tempo enquanto toma um chá na biblioteca, onde precisa falar baixo. — Tenho sua palavra?

Ele confirma com a cabeça e, quando ela o solta, se levanta, tossindo à beça.

Estou feliz por ela tê-lo impedido. Do contrário, eu teria sido obrigada a pular atrás dele. E não estou mesmo a fim de passar pela

morte horrenda que aconteceu comigo um segundo atrás.

Reia conduz os outros ponte afora, mas meus pés estão fincados aqui, a cabeça girando e a culpa tentando provocar um infarto.

Será que foi minha culpa?

69

CONFISSÕES

LYRA

A redefinição. Foi minha culpa? A pergunta ecoa como um fantasma do passado.

Cronos para na entrada do túnel para olhar por cima do ombro, e não mudo de expressão a tempo. Depois de uma única olhadela, as feições dele ficam mais... tensas.

Aí ele gesticula para eu me aproximar, e, de algum modo, consigo fazer os pés saírem do lugar. Quando chego perto dele, ele apenas diz:

— Espera.

Franzo a testa, mas espero.

Espero enquanto nosso grupo festivo de deuses ilegítimos e titãs segue pelas curvas dos túneis até os outros. Cronos nem anda comigo. Em vez disso, vai lá na frente com a Reia, murmurando alguma coisa no ouvido dela que não consigo entender. Provavelmente por isso, fico surpresa quando, ao nos aproximarmos de uma das saídas que dá no nosso abrigo mais recente, ele para de andar, se demorando até eu chegar perto.

Boone percebe e faz a mesma coisa, então os outros continuam à frente, e ficamos só os três ali.

— Isso é entre mim e a Lyra — declara Cronos.

Intervenho logo antes de o Boone reclamar:

— Tenho uma coisa pra contar a ele.

Afinal... Cronos viu no meu rosto. Ele vai arrancar isso de mim de qualquer jeito. Não preciso esconder.

Quando Boone não relaxa nem um pouco, faço sinal com um assobio. *Está tudo bem*.

Ele assente e se vira, indo atrás dos outros.

Cronos nos conduz por um caminho diferente, seguindo por um túnel no qual ainda não estive. O túnel tem celas, como os outros, mas estão silenciosas, e não dá para dizer se estão vazias ou se seus habitantes têm motivos para não fazer barulho.

De qualquer modo, sinto mais formigamentos a cada passo que damos, adentrando mais a base rochosa da montanha.

Cronos, enfim, para e passa a mão pelo trinco. A porta cede com um clique e se abre. Ele gesticula para eu entrar primeiro em uma pequena câmara, que não tem espaço nem para se deitar no chão e se esticar de forma confortável. A Lyra que chegou ao Tártaro não muito tempo atrás teria ficado apavorada quando a porta se fecha e o trinco se encaixa com um estalo alto.

Mas eu não estou com medo. Não do Cronos. Olho ao redor, depois para ele.

— Privacidade?

Ele assente.

— E também um lugar seguro pra fazer o que tô prestes a fazer.

Mais uma vez, se não o conhecesse como conheço agora, isso teria parecido uma ameaça, com aquela voz grave e séria.

Meus lábios tremem, contendo o sorriso.

— A gente precisa melhorar esse seu jeito de falar.

— Meu jeito de falar?

— Esse jeito titã assustador da porra. — Estremeço de forma exagerada. — Todo sinistro.

Ele faz uma expressão neutra.

— Eu não estava sendo sinistro.

— Tava, sim.

— Não estava... — Ele para de falar, me analisando com atenção. — Você tá enrolando. Por quê?

Merda. Vamos acabar logo com isso.

— Eu... eu acho que é por minha causa que as coisas estão diferentes e o tempo se redefiniu.

Quando fica mais sério, não é assustador, é descomunal, e algo dentro de mim se contorce um pouco. É a minha parte que passou

despercebida por tanto tempo, graças à maldição. E então percebo que não quero decepcioná-lo — a nenhum deles, na verdade, mas, por algum motivo que não sei nomear, principalmente ele.

— Não diz mais nada por enquanto — alerta o titã.

Aí Cronos — o deus do tempo, o rei dos titãs, o filho dos primordiais Urano e Gaia — se senta no chão de pernas cruzadas.

Não é algo que se vê todo dia.

Ele me incita a fazer o mesmo, e me sento no chão diante dele, aguardando.

— Vou mudar o que você tá vendo agora. A gente não vai se deslocar, vai continuar em segurança aqui dentro. Mesmo que o sino toque, o Pandemônio não consegue entrar. Mas vai parecer que a gente saiu. Você e eu vamos viajar dentro da minha mente, onde podemos conversar e só nós dois vamos saber o que foi dito.

— Cacete. Tem muito chefe de Estado que ia amar ter esse poder... — murmuro.

Cronos solta uma risada.

— Tem muito deus que ia amar ter esse poder — retruca com um tom seco.

— Nem me fala.

Uma risada me segue escuridão silenciosa adentro.

Não é assustador nem sufocante, e sim aconchegante e confortável. Seguro. O som é o que retorna primeiro. Risada. Uma risada de criança e...

— Tô ouvindo o barulho de um leão-marinho?

70

COLOCA A MÃO NA MINHA

LYRA

Cronos não responde, mas minha visão fica nítida, e vejo por conta própria. Com certeza, são leões-marinhos.

— Mas que... — Assimilo onde estamos, arregalando os olhos. — Sério?

Cronos gargalha.

— Sério.

Estamos no Píer 39, no cais de San Francisco. *Minha* cidade. Os céus estão de um azul cristalino, nenhuma nuvem à vista, com a temperatura e a brisa perfeitas. Talvez seja até um fim de semana, pela quantidade de gente tanto aqui quanto na rua principal, seguindo para os estabelecimentos de comida e lojas.

Sinto o cheiro salgado do oceano, pipoca e talvez até algodão-doce. E, para variar, não estou aqui como parte de um grupo de ladrões tentando roubar o povo, mesmo que só como observadora. Estou só... aqui. Não tenho que me preocupar com ninguém me achando suspeita, nem com ser pega, nem com o assalto.

Posso só desfrutar do momento. Mesmo que eu saiba que não é real.

— Vem comigo — chama Cronos.

Distraída olhando ao redor, eu o sigo sem argumentar nem fazer comentários até uma barraca de sorvete. Uma que, por um milagre, está sem fila.

— Seu favorito ainda é praliné e creme? — questiona Cronos.

— Eu te contei isso?

Deve ter sido uma versão antiga de mim.

— Você me contou várias coisas.

Faço uma careta.

— Eu acredito. Estou só tentando imaginar como o assunto sorvete entrou em pauta.

Ele me entrega uma casquinha com duas bolas, pega o próprio sorvete de baunilha e indica com a cabeça um banco disponível ao sol. Gosto dessa versão dele de San Francisco onde a gente tem tanta sorte.

— Eu imaginava que você fosse escolher um sabor mais... extravagante — comento, olhando a casquinha dele. — Cereja flambada ou chocolate com menta, ou um daqueles do Ben & Jerry's.

— Às vezes, o simples é o melhor.

Ele acena a cabeça para meu sorvete, me orientando a comer antes que derreta. O sabor doce na minha língua também é perfeito.

Mas acho que a perfeição é um problema para mim porque, sem perceber, meus olhos começam a arder. Contenho as lágrimas.

Acontece que... antes eu ficava lá deitada no covil, imaginando meus pais chegando para me levar para casa e todas as coisas que faríamos juntos em família. Ladrões tendem a agir principalmente em áreas bem cheias, o que significa que conheci muitos dos atrativos turísticos da cidade — e muitas famílias fazendo essas coisas. Era isso que eu imaginava.

Era *exatamente isso* que eu imaginava.

— Você tá me tratando bem só porque precisa de mim pra te tirar daqui?

— Te tratar bem é um problema? — argumenta Cronos, focando o olhar no meu.

Ele é muito diferente do titã que me arrastou para dentro do Tártaro ou de quem achei que fosse. É... estável... de alguma forma. Ele sempre foi assim ou só está sendo empático para que eu não redefina nada?

Abaixo o olhar, observando o sorvete, e lambo a gota que escorre pela casquinha.

— Não — respondo devagar.

— Mas te deixa desconfiada. — Isso ele não pergunta, e quando levanto a cabeça, está me olhando com uma expressão de curiosidade, não de ofensa.

— Acho que é isso. — Franzo um pouco a testa. — A gente já falou disso antes também?

— Já.

— Deve ser muito entediante pra você.

Não consigo imaginar ter as mesmas conversas, ou versões delas, de novo e de novo, talvez com resultados diferentes.

Ele dá de ombros.

— Os motivos mudam dependendo de como você...

— De como foi minha vida — completo.

Ele ri.

— Tento fingir que as outras vezes não aconteceram e deixar você me contar tudo de novo. Quando começa a confiar em mim.

Deve ser muito difícil. Inclino a cabeça, olhando para o titã sob uma nova perspectiva.

— Alguma vez eu já confiei mais rápido?

Outra gargalhada, desta vez mais áspera e surpresa, como os leões-marinhos.

— Pensando bem, não. Nenhuma vez.

Lambo o sorvete de novo.

— Então é um desvio de caráter. — Faço uma pausa, ainda refletindo. — Acho que, considerando todos os que existem por aí, esse não é tão ruim.

— Eu diria até que é útil. O senso de autopreservação é uma coisa boa. É assim que a gente sobrevive.

A escolha de palavras me faz sorrir.

— Se o Hades te ouvisse dizendo que tenho senso de autopreservação, provavelmente ia discordar com força.

Cronos solta um grunhido.

— Bom... o seu tende a ser dominado por um instinto mais forte de ajudar os outros.

Ele me conhece mesmo.

— Não sei o porquê. As coisas só... meio que são assim.

— É porque, no fundo, você tem uma boa alma. O Hades via isso também, com certeza.

— Acho que sim.

É um bom pensamento, ao menos.

— Então... — Ele me passa um guardanapo para limpar o rosto. — Conta o que aconteceu.

Abro a boca, aí faço uma pausa.

— É tão ruim assim? — questiona, quando não prossigo.

— Não sei ao certo. — Eu o olho de rabo de olho. — O que eu te contei antes?

— Só desembucha.

Merda. Respiro fundo e começo a falar. Conto minhas teorias — que sou eu a marionetista, traçando meu próprio caminho antes de segui-lo, e que, do jeito que o tempo age comigo, me pergunto se tem alguém também se certificando de que eu volte a momentos específicos para conseguir fazer tudo isso.

Cronos não dá um pio. Nem unzinho. Nem um grunhido. Porém, franze as sobrancelhas devagar, e a expressão se intensifica conforme vou falando.

Por fim, desembuchei tudo.

— O que acha?

Ele está calado, com o olhar desfocado, ou talvez introspectivo, ainda franzindo a testa. Não parece ser algo com que ele lidou nas mil vezes anteriores. O que não deve ser nada bom.

— Cronos?

Ele solta um suspiro pesado.

— Você usou o tempo pra desencadear algumas coisas nas vezes em que visitou a gente no passado, mas não no nível que tá descrevendo. Foram coisas pequenas nas vidas anteriores, mas se tem alguém manipulando minha ruptura no tempo... — Ele me lança um olhar penetrante. — ... o que é uma variação nova, isso, ao menos, confirma que é pra você confiar.

É?

— Sem nem saber quem é responsável?

— Até agora, parece que a pessoa tá te mandando pra momentos cruciais.

Verdade.

— Acha que é seu eu do futuro?

Ele crispa os lábios.

— Não dá pra saber.

— Tá. Imagino que existam outros deuses com a habilidade de controlar o tempo também.

Sei que a Cáli, no hinduísmo, é a deusa do tempo, e na tradição grega, há outros deuses que influenciam o tempo de maneiras diferentes.

— Não como eu — argumenta ele, pensativo. — Mas talvez o Kairós.

— O filho caçula do Zeus?

Ele assente.

— Nascido depois que fui aprisionado. Até onde sei, o controle dele sobre o tempo é oportunista. Tem a ver com o momento exato em que as ações devem ser feitas pra alcançar determinados resultados. Então faz sentido.

— Não o conheci. E ele deve ter crescido achando que você é um monstro. Não imagino ele tentando ajudar. — Aí faço uma careta quando me dou conta do tom que usei. — Sem querer ofender.

Cronos balança a cabeça devagar.

— Não. Eu concordo.

— Então...

Será que devo mencionar isso?

— O quê?

Apoio os cotovelos nos joelhos, de repente sentindo frio mesmo debaixo do sol.

— Achei que essa última redefinição mais permanente tivesse sido culpa minha. Porque mexi uns pauzinhos bem... significativos.

— Talvez... — Ele deve perceber meu desânimo. — Mas acho que a gente tem que confiar por ora. Se a ruptura no tempo tá te levando a momentos oportunos, faça o que acha certo. No mínimo, pense na redefinição como algo positivo. Talvez a gente tenha alinhado tudo direito, do jeito que tem que ser pra conseguir sair daqui, sem ter que recomeçar tão lá atrás no passado.

— Talvez... — murmuro, como ele fez um instante atrás.

— Vem. — Ele estende a mão. — É melhor a gente contar aos outros.

Mesmo enquanto seguro a mão dele, olho ao redor, sem querer deixar este lugar.

Ele aperta a minha.

— A fantasia é legal, mas ficar nela e deixar a vida no mundo real pra trás, não.

— Eu sei.

— Vou te levar ao lugar de verdade quando a gente sair daqui.

A escuridão e o silêncio aconchegantes e confortáveis me envolvem de novo, e fecho os olhos por um segundo, como se ajudasse. Quando os abro, estamos os dois sentados no chão da câmara minúscula.

Sinto um arrepio. Um calafrio de... perda.

— Sabe, sempre imaginei fazer essas coisas (os leões-marinhos, o sorvete no cais) com meu pai — digo quando nos levantamos. — Por algum motivo, isso não soa amargo agora, e abro um sorriso sincero para Cronos. — Nunca, em um milhão de anos, eu teria imaginado que ia acabar fazendo isso com você.

O titã analisa meu rosto, e juro que há um brilho afetuoso em seus olhos azuis.

— Eu sei. Você me contou uma vez que queria fazer essas coisas, então eu...

Ele desvia o olhar, como se envergonhado.

O rei dos titãs, cuja fuga do Tártaro é temida por tantos, está envergonhado.

— Por quê?

Parece que ele sabe o que estou perguntando, porque dá um sorriso de canto de boca.

— Sempre amei ser pai. Sinto falta. Sinto muita falta dos meus filhos. Acho que eu só... queria te proporcionar as lembranças felizes que você queria, e queria eu mesmo lembrar da sensação, de um pai com a filha, apenas por um segundo.

Um brilho ao lado chama nossa atenção enquanto a fenda na estrutura do tempo faz força contra a parede grossa.

— Na verdade... — Cronos coloca a mão no meu ombro. — Antes de a gente voltar, um teste a mais não faria mal.

Olho para ele com as sobrancelhas arqueadas.

— Sério?

Ele indica com a cabeça a fenda do tempo, que se aproxima.

— Vê lá onde vai parar e daí a gente decide o que faz.

Fico analisando a rachadura brilhante, aí sigo até onde parece estar esperando. Faço uma pausa e olho por cima do ombro, e Cronos me encoraja com um gesto. Então dou o último passo.

Bem quando o silêncio terrível me envolve, acho que o ouço dizer:

— Confio em você, filha.

Mas não dá para ter certeza.

... Que merda de lugar é este?

Só vejo colunas brancas. Uma espécie de templo aos deuses gregos, óbvio. Mas onde?

O relâmpago corta o céu em sincronia com um estrondo de trovão. Tapo os ouvidos, fazendo careta. Aí fecho bem os olhos quando um senso de familiaridade me assola.

Ah, não. Aqui, não. Por favor, o templo do Zeus, não. Odeio essa merda de lugar. Para quando a ruptura no tempo me levou agora? Só há duas opções, porque evitei esse templo na maior parte da vida.

Ou é o dia em que eu nasci... ou o dia em que conheci o Hades.

Dou uma olhada atrás de mim e confirmo que não tem mais ninguém aqui na área interna do templo. Considerando que minha mãe me deu à luz aqui no dia em que o local estava aberto ao público, imagino que seja a segunda opção.

Com cuidado, dou a volta na coluna, olhando não para dentro do templo, mas para fora. Já estou posicionada na lateral do edifício no qual avancei quando estava determinada a colocar os pingos nos is com o Zeus a respeito da minha maldição. Então fico atenta aos movimentos no entorno do templo, colina acima e por entre as árvores.

No entanto, não é o que percebo primeiro.

O que percebo primeiro é a forma distinta de um homem com o ombro recostado na coluna da fileira externa, escondido nas sombras, assim como estou agora.

Hades.

Parece que meu coração se expande e se contrai ao mesmo tempo, mesmo que seja fisicamente impossível. Porque ele está

aqui.

Hades me *ouviu*. Apesar de como agiu naquele dia, apesar de me odiar e não querer acreditar em mim... ele ainda veio para cá hoje.

E, de alguma forma, isso piora ainda mais o que estou prestes a fazê-lo passar, a fazer a mim mesma passar.

Desculpa, meu coração roga para ele. *Por favor*, *me perdoa*.

Mal consigo me segurar para não correr até ele, lutando contra todos os instintos que me compelem a isso. O problema é que... provavelmente eu só pioraria as coisas se aparecesse agora.

Não sei por que o tempo me trouxe para cá, mas a coisa mais inteligente a fazer é esperar... e observar.

71

ERA UMA VEZ

HADES

Não era para eu estar aqui.

Esperei cento e cinquenta anos por este momento no tempo com quase nenhuma informação. Cento e cinquenta anos confiando em uma pessoa que faço um esforço ativo para esquecer.

Lyra.

Talvez eu devesse só ir embora? Aliás, quase não vim.

Um raio corta o céu seguido de uma trovoada, estremecendo até o templo, e eu mudo de posição, encostado na coluna do local de culto ao meu irmão em San Francisco. É a primeira noite da atual Provação, e o Zeus está fazendo todo um teatro para o mundo espectador. Ele sempre foi o que mais ligou para a admiração dos humanos. É o único motivo para querer o trono do Olimpo.

Nesse sentido, é um babaca. Sempre foi. Talvez eu devesse tê-lo prendido no Tártaro com nossos pais.

Suspiro, observando os céus. Por que ainda estou aqui?

Já sei.

Ainda não tenho provas de que a Perséfone está na merda do Tártaro, mas ela não apareceu em nenhum outro lugar esse tempo todo. Nem a Lyra.

Então aqui estou eu, cacete.

Ao menos, se a querida que devo intitular como minha campeã não der as caras, ninguém mais está aqui para me ver bancando o otário por causa de uma mulher que me esforço para esquecer. Não que eu tenha tido muito sucesso nisso.

Eu deveria ir embora.

Contudo, as últimas palavras que Lyra me disse não me deixam ir. Foram elas que guiaram meus passos hoje.

Perguntei por que deveria confiar nela, e sua resposta me destruiu: “Porque eu sou sua”.

Bem o que pensei. Tanto meu céu quanto meu inferno. A ironia disso, considerando quem eu sou, não me escapa. Rei do Submundo, deus da morte, e um trouxa por causa de quatro palavrinhas.

Mas a minha reação àquelas palavrinhas, à forma como se fincaram no meu coração... só confirma que Lyra Keres é tão perigosa para mim quanto eu pensava.

Um movimento, um simples alternar de sombras, me chama a atenção nas árvores que cercam o templo na montanha de Zeus.

Estreito os olhos, mas não me mexo. Seres humanos não costumam ser tão furtivos. Pode ser um animal...

Uma mulher surge, na outra extremidade do templo, e só consigo vê-la de lado.

Ignorando a batida irracional do coração, inclino a cabeça, analisando o que dá para ver dela sob o luar e relâmpagos no céu. Não é nem baixa nem alta. Magra de um jeito que demonstra saúde, mas não um desfrute de luxos. Cabelo escuro na altura do queixo.

Ela observa as colunas imaculadas do edifício, e eu queria conseguir ver sua expressão. Assim toda tensa, as mãos fechando e abrindo o tempo todo, parece um elástico prestes a se romper.

Então ela se movimenta.

Com um gesto brusco mas ágil, ela se inclina e pega uma pedra.

Então eu saio do lugar.

O teletransporte é fácil para os deuses. Um simples impulso e estou logo atrás dela bem na hora em que ela se prepara para atirar a arma improvisada. Seguro seu pulso e a puxo para trás, contra mim, envolvendo-a com os braços para mantê-la presa.

— Eu não faria isso — digo em seu ouvido.

Ela fica fora de si, se debatendo que nem um animal feroz.

— Me solta!

— Eu não vou te machucar.

Ela fica imóvel. De um jeito estranho até, mas pela forma como está ofegante, os seios pressionando meu braço a cada vez que respira, ela não está calma.

— Eu. Falei. Pra. Me. Soltar — retruca ela, entredentes.

Aperto com mais força. Essa daí vai sair correndo se eu der mole.

— Não se você for jogar pedras no templo. Não tô a fim de lidar com Zeus hoje.

Não até eu estar pronto, ao menos. Isso se eu resolver acatar a Lyra e fazer dessa mulher minha campeã.

— Bom, eu tô! — exclama ela, tentando se soltar.

Algo me diz que, qualquer que seja sua rusga com o Zeus, com meu irmão, é bem justificada... Mas uma faísca de empatia me atravessa. Não são só os seres humanos que ele destrói.

— Ele é um imbecil, tô ligado. Pode acreditar — murmuro com a voz baixa. — Mas, se dar chilique mudasse alguma coisa, eu teria derrubado este templo com minhas próprias mãos anos atrás.

Para meu choque, ela não apenas se acalma um pouco, como se reclina contra mim. Só por um mínimo instante.

E... relaxo.

Como se estivéssemos na mesma sintonia de algum modo. Será que Lyra sabia que isso aconteceria? Talvez ela tenha me mandado alguém com quem eu me daria bem porque ela não tem medo de mim?

— Se eu te soltar, promete que não vai mais atacar nenhum lugar indefeso? — pergunto com um tom suave.

— Não.

Suspiro. Ela é teimosa, ao que parece. Me lembra uma pessoa.

Aí ela completa:

— Aquele filho da puta não merece oração *nenhuma*.

Contenho a risada, sentindo um calor estranho no peito. O ódio compartilhado faz maravilhas na hora de formar vínculos.

— Cuidado.

— Por quê? — Ela está sorrindo? Parece que sim pela voz. — Tá com medo de alguém querer me fulminar com um raio enquanto estou nos seus braços?

— Com esse seu jeitinho de falar, você poderia conquistar alguns corações — sussurro.

Não o meu, porém. O meu já tem dona faz muito tempo.

Ela fica rígida feito um cadáver por tanto tempo que começo a me preocupar. Aí, abaixa a cabeça até encostar o queixo no peito.

— Muito improvável — murmura ela. — Zeus fez questão de garantir que ninguém *jamais* me amaria.

O silêncio subsequente poderia ser confundido com um urro de som torpe. Zeus a amaldiçoou a não ser amada? Parece algo que meu irmão faria. Mas... por quê, em nome do Tártaro, Lyra me mandaria uma humana amaldiçoada para servir de campeã?

Além do mais... eu gosto dela. Se está amaldiçoada a não ser amada, não era para eu sentir um grande... nada?

Abaixo os braços e chego para trás. De costas para mim, a mulher enfia as mãos nos bolsos.

— Eu... acho difícil acreditar nisso.

Minha pequena confissão de dúvida parece jogá-la contra mim, porque seu corpo volta a ficar tenso.

— Escuta, eu tô bem agora. Pode seguir sua vida e...

Ela se vira.

Se a confissão dela um segundo atrás acarretou um urro de silêncio, o jeito como meu corpo todo absorve o baque quando vejo seu rosto é como mil lanças perfurando minhas entranhas. Preciso de cada partícula de autocontrole para não segurar seus ombros e sacudi-la até conseguir respostas.

Lyra.

É a *Lyra*.

Minha Lyra... só que não. A mesma idade das outras vezes que a vi. Os mesmos olhos verdes e dourados, o queixo imponente. O cabelo está mais curto, porém.

Não pode ser. O quê, em nome de todos os males do Tártaro, ela está fazendo aqui? Ela está... tirando uma com a minha cara ou algo do tipo?

E por que está me olhando toda horrorizada, imóvel que nem um rato diante de um leão?

— Acho que um de nós não deveria estar aqui — graceja ela.

Então, pela cara que faz em seguida, ela se arrepende.

Mas eu só fico... mais confuso.

Então nada digo. Preciso de mais. A raiva — dela e de mim — logo se inflama como combustível alimentando o fogo, e fico de braços cruzados, analisando cada detalhe seu. Ela está com uma roupa diferente: calça jeans, camisa preta justa e uma jaqueta cheia de bolsos. Uma vestimenta comum dos tempos atuais.

Quando a vi das outras vezes, ela sempre esteve mais relaxada. Como se me conhecesse. Mas, agora, tenho a sensação de que ela não sabe se deveria sair correndo... ou fazer uma reverência.

Odeio pra caralho ser pego desprevenido assim.

Porque foi ela que me mandou para cá. "Escolhe ela como sua campeã", orientou Lyra. Mas a mulher é... ela.

Cacete, *Lyra*.

— Você sabe quem eu sou? — pergunto com a voz dura.

Ela faz uma pausa antes de responder.

— Deveria saber?

Estreito os olhos. Não tenho tempo para essas gracinhas dela. Preciso de uma resposta. Uma resposta *de verdade*. Agora.

Aproveitando-me do nervosismo dela, dou dois passos lentos e deliberados, invadindo seu espaço.

— Você *sabe* quem eu sou?

Minha Lyra teria bradado um resoluto sim, óbvio que sabe. Mas essa Lyra... fica pálida. Não tem como ela estar fingindo o medo, mesmo que se negue a baixar a bola.

— Hades. — Ela engole em seco. — Você é o Hades.

Mil pensamentos me assolam de uma vez.

A resposta física dela, mais do que as palavras, confirma que essa mulher na minha frente *não* é a Lyra que conheço há tanto tempo, mas estou começando a ter uma ideia do que ela pode ser.

Sempre presumi que minha Lyra fosse uma deusa que consegue manipular o tempo de alguma forma, um poder parecido com o do meu pai, só que talvez não muito desenvolvido, considerando que ela não parece ter tanto controle, inclusive sobre o período que passa em cada lugar.

Será que é *este* o início da Lyra?

Milênios depois do meu próprio início, e ainda assim ela fez parte da estrutura da minha vida esse tempo todo. Um único fio

cintilante que não deveria ter nenhuma relevância, e mesmo assim desconfio que, se eu tentasse arrancá-lo, todo o resto fosse desandar.

Minha Lyra de um futuro que ainda tenho que alcançar.

O futuro *desta* Lyra também, agora.

Como, em nome dos primordiais, ela passou dessa forma humana para a deusa que conheço? Categorizo essa como a milionésima quadragésima segunda pergunta na lista crescente de dúvidas sobre a Lyra e me recomponho. Lyra me mandou encontrar a versão humana dela por um motivo.

É assim que vamos tirar a Perséfone do Tártaro.

Foi o que ela disse.

Ao fazer da *Lyra* minha campeã. Lyra, a que estou tentando não amar e de quem preciso manter distância. A Lyra *humana*, que pode morrer nesses jogos ridículos.

Puta que pariu!

Tudo em mim repele a ideia, e preciso fazer um esforço do cacete para não deixar transparecer isso. Agora... preciso...

Do que eu preciso?

Definir o que fazer com ela. É disso que eu preciso. E é esse o problema de mexer com o tempo. Lyra me mandou vir aqui, escolhê-la, por um motivo.

Enquanto isso, essa versão dela com quem estou lidando não sabe de nada. E, se aprendi alguma coisa com meu pai antes de o prendermos no Tártaro, foi a não mexer com o tempo. Tenho certeza de que seria a decisão errada contar a ela que sua versão futura me mandou para cá para colocá-la na Provação. Não quero fazê-la surtar.

Então o que faço com ela?

A única opção que vejo é seguir com a evidente suposição dela de que foi o azar que me fez flagrá-la aqui prestes a tacar uma pedra no templo do Zeus. Até onde ela sabe, sou mais um deus babaca qualquer, assim como meu irmão.

E tudo isso me ocorre no instante depois que ela disse meu nome.

Meu maldito nome. Na boca de Lyra.

Dê-me forças, Submundo.

Abro um sorriso condescendente.

— Foi tão difícil assim me reconhecer?

Logo sua expressão me faz querer rir. Ela acha que sou um babaca. É fofo.

Não, maldita seja. Não é fofo. Nada é fofo.

— Agora, vamos conversar sobre o que você acha que tá fazendo — continuo, mais para fins de distração do que qualquer outra coisa.

Ela franze a testa, confusa.

— Achei que você já...

— E com a Provação começando hoje à noite, ainda por cima. — Demonstro de propósito o tom de decepção, só evitando murmurar um "tsc, tsc".

Talvez aí fosse demais.

Ela suspira.

— Você quer um pedido de perdão antes de me obliterar ou coisa assim?

Aí está a familiar língua afiada. Em resposta, visto a arrogância como se fosse uma armadura.

— A maioria das pessoas cairia de joelhos aos meus pés. Imploraria pela minha misericórdia.

Ela engole em seco, mas ainda assim mantém o olhar no meu. Mesmo sendo humana, essa mulher é destemida. Ou tonta. Ainda não me decidi.

— Tenho certeza de que eu já era, de um jeito ou de outro. Ajoelhar vai ajudar em algo?

Caralho! Se ela continuar assim, fazê-la minha campeã é a pior decisão possível.

— É por isso que você tá aqui? Por causa da Provação?

Você, minha estrela. Você é o motivo.

— Tenho minhas razões pra ter vindo. — Minha intenção é que pareça um alerta, evitando assim maiores questionamentos.

Ela ignora a dica.

— Por que você me impediu de jogar aquela pedra? — questiona, lançando um olhar ao templo.

Para mim, já deu de perguntas e respostas, então tamborilo o polegar no queixo.

— A pergunta é: o que faço com você agora?

— Imagino que você vá me mandar pro Submundo.

Uma opção tentadora, mas por outra razão, que não cabe aqui nem agora.

Solto um murmúrio vago.

— Posso fazer pior do que isso.

Estou mais concentrado na decisão de fazer dela minha campeã ou não.

O que eu deveria fazer é ir embora, *porque* é a Lyra. Tive mais de um século para refletir sobre isso e ainda não sei, alternando sem parar entre opções e reações.

Mas que merda!

Não sou um deus indeciso, mas isso é impossível, porra!

— É? — Ela inclina a cabeça. — Ouvi dizer que você é criativo em suas punições.

Beleza. Vou deixá-la ir embora agora e definir o que fazer quando ela não estiver me tentando assim tão de perto.

— Fico lisonjeado. — Faço uma pequena reverência zombeteira. — Poderia fazer você empurrar uma pedra montanha acima e nunca chegar ao topo, só pra recomeçar do zero todos os dias pelo resto da eternidade.

— Tenho certeza de que isso foi ideia do Zeus.

Nem ferrando que foi dele, infernos.

— Você estava lá?

Ela dá de ombros.

— De uma forma ou de outra, pra mim isso seria como tirar férias. Um trabalho pacífico, sem interrupções. Quando começo?

Balanço a cabeça.

— Não vou te matar. Ainda.

É uma provocação, mas a desconfiança se infiltra no seu olhar... não gosto disso.

— Relaxa, minha estrela.

Há um lampejo nos olhos dela.

Merda. Não devia tê-la chamado assim. Ainda não. Mas não vou retirar o que falei, nem me justificar. Nunca.

No silêncio que se segue, ela analisa minha roupa. Não pensei muito antes de vestir a calça jeans e as botas gastas, a camisa azul

de botão com as mangas dobradas, nem o coldre de couro vintage dos anos 1800 que a maioria confunde com suspensórios, feito sob medida para comportar os machados que Odin outrora me deu de presente.

— Passei na sua análise? — questiono devagar.

Ela volta o olhar ao meu.

— Você é diferente do que eu imaginava.

Não consigo evitar erguer as sobrancelhas. Porque nem minha Lyra comentou isso antes.

— E o que você imaginava? Roupas pretas dos pés à cabeça? Talvez um traje completo de couro?

— Sem esquecer dos chifres. E talvez uma cauda.

Ela nunca sabe a hora de ficar quietinha. Mesmo agora.

— Esse aí é outro deus da morte — argumento com um som de escárnio, e então completo, baixinho: — Abomino isso de criar expectativas.

— Seu lar no Submundo é o Érebo — afirma ela.

— E...?

— Significa... você não vai acreditar... — Ela ergue a mão, de repente parecendo muito mais a Lyra que conheço. — Terra das *Sombras*.

Imagino como seria beijar essa boca desde que eu era um jovem deus de dezenove anos. Contudo, isso está fora de questão. Ela tem que parar de falar.

Enfio as mãos nos bolsos para não tocar nela.

— Sempre achei o nome pouco original. É o Submundo. Óbvio que tem sombras.

Ela sempre faz isso comigo — me faz mudar de assunto, me leva por caminhos nebulosos.

— Acho que sim, né. — confirma devagar, e aí completa: — Digo, tecnicamente você não é o deus das sombras, nem a deusa da noite. E, se a coisa do fogo e do enxofre for verdade, imagino que deve ser bem iluminado lá embaixo.

Ela tem conhecimento de causa. Já viu. Mas não ainda. Essa Lyra não viu porra nenhuma. Caralho, odeio tudo que tenha a ver com viagem no tempo.

— Você tem um problema de representação, se parar pra pensar — complementa.

Sou pego de surpresa.

— *Eu* tenho um problema de representação?

— Sim, tem, sim. Quando não podem ver com os próprios olhos, os mortais acreditam no que escutam. Sempre falaram por aí que o Hades vive envolto em escuridão, tem cheiro de fogo e é coberto de tatuagens que criam vida conforme o seu desejo.

As tatuagens são verdade, não que seja essa a questão. Tenho a impressão de que estou perdendo o controle da conversa. Hora de recuperá-lo.

Analiso seu corpo de modo deliberado e aguardo até suas bochechas ficarem vermelhas. O que acontece. De um jeito delicioso.

— Quem tá vestida de preto e cheia de tatuagens é você, minha estrela.

Ela olha para a própria roupa, aí abaixa a manga da jaqueta, escondendo as tatuagens de estrela. Consigo evitar franzir a testa por causa do gesto, mas é por pouco.

— Então...

Chego mais perto. Perto o bastante para sentir seu cheiro. Um aroma de laranja, baunilha e um vestígio de relâmpago, por ter ficado tão perto do templo do meu irmão. Nada de enxofre, porém.

Até identificar esse mínimo resquício dele nela me enfurece.

— Qual é o seu nome? — pergunto para ganhar tempo e me acalmar.

— Felix Argos.

Quanta mentira!

— Então... — Ela olha para a lateral do templo, o caminho descendo a montanha até a ponte e a cidade do outro lado da baía. — E agora?

Meu mundo todo se restringe ao rosto dela. Pelo Cosmos, mas que pergunta! *E agora?* Ela é real. Não vai desaparecer. Não foi uma opção que considerei quando estabeleci as regras "Lyra está fora de cogitação, caralho". O que quero fazer é pegá-la e sair correndo... e passar uma quantidade desmedida de tempo fazendo questão de

que ela fique com o *meu* cheiro, e não com o do meu maldito irmão.

Mas a Lyra real, a Lyra do presente, uma Lyra que não me abandona por milênios, é ainda mais perigosa que a Lyra do futuro. Se já estou passando todo esse sufoco agora, depois de estar minutos perto dela, talvez não seja bom eu fazer dela minha campeã. Vou embora, arrumo outro jeito de tirar a Perséfone de lá.

— O que você quis dizer quando falou que foi amaldiçoada?

O cheiro de relâmpago na pele dela me lembrou disso, e preciso de uma distração.

Ela desvia o olhar, toda evasiva.

— Você não sabe?

— Me conte como se eu não soubesse.

— E se eu não quiser?

Ergo a sobrancelha e vejo a determinação em seus ombros, mas aí ela respira fundo.

As palavras saem de uma só vez:

— Vinte e três anos atrás, quando eu ainda estava no útero da minha mãe, ela e meu pai vieram até aqui pra fazer uma oferenda e orar pra que o meu nascimento fosse coberto de bênçãos. Só que a bolsa da minha mãe estourou e, ao que parece, seu irmão se ofendeu com essa profanação do santuário dele. Como punição, amaldiçoou o bebê, que no caso sou eu, pra que ninguém nunca o amasse. E é isso. Fim da história.

Nem. Fodendo. Que. Ele. Fez. Isso.

Vou acabar com ele. Vou enforcá-lo com o próprio pau, vou torcer para que se engasgue com o próprio ego.

Só que a maldição não faz sentido algum. Não considerando os sentimentos que até essa Lyra humana desperta em mim. Venho me esforçando muito para não sentir nada por ela. Com a maldição ainda, não era para eu não sentir absolutamente nada? Se for o caso, essa merda não está funcionando.

— Ele te tornou inamável?

Ela confirma com a cabeça, num gesto brusco. Vejo nos seus olhos que ela acredita nisso de todo o coração. Tem um histórico ali, experiências vividas que desbotam o verde dos olhos e empalidecem as bochechas.

É verdade. Acho. Vou ter que descobrir mais coisa, mas não tenho tempo antes que a Provação comece. A Seleção é hoje.

Preciso pensar. Não consigo fazer isso com ela aqui.

Então gesticulo com a mão.

— Pode ir agora.

Ela fica na dúvida.

— Posso... ir? Sério...?

Ergo as sobrancelhas devagar, provocando-a.

— Quer discutir?

— Não.

— É por ali — oriento.

Por que, em nome de todos os meus infernos, estou me oferecendo para ir junto? Ela chegou aqui sem ser pega sem nenhum problema.

Que autocontrole patético!

Por sorte, ela não rompe o silêncio. O que significa que não estou preparado quando Lyra para de repente.

Também paro, olhando para trás.

— Algum problema?

— Eu...

Ela olha para trás de mim, e sigo seu olhar. Ah... está preocupada com o pessoal na rua principal vendo-a comigo.

— Não se preocupa com eles. Só você consegue ver quem eu sou. Os outros só enxergam um homem mortal qualquer.

Ela não parece convencida.

— Vem.

Enfim volta a andar. Chegamos à calçada lotada, e ela para, fazendo um cumprimento.

— Valeu por não ter me obliterado.

Meu corpo todo fica tenso com o mero indício de ela ir embora por vontade própria. Antes ela deixou bem claro que não estava controlando quando vinha e quando me deixava. Mas agora... é uma escolha. Ela ainda está no mundo, nesta época, comigo... e embora eu a tenha mandado ir, também quero mantê-la do meu lado, descobrir do que ri, qual o gosto do seu beijo, e não posso fazer nada disso.

Se eu fizer dela minha campeã, vai me *odiar*. Mas, pior ainda, preciso ficar longe dela. Como vou fazer isso e ainda me esforçar para que ela saia viva dos jogos?

Ela me observa, esperando.

— Mais cuidado com as palavras, minha estrela — respondo com a voz bruta e fora de controle, assim como o resto do corpo. — Você nunca sabe quando um deus vai encarar sua provocação e aumentar a aposta. Se hoje fosse qualquer outro dia, eu provavelmente teria obliterado você.

Minha intenção é assustá-la para ela dar no pé.

Em vez disso, seus olhos faíscam com interesse.

— A obliteração é uma morte rápida — sussurra. — Tem coisa pior.

Meu peito fica apertado enquanto analiso sua expressão. Será que ela também sente? Essa Lyra não me conhece para além dos títulos de deus da morte e rei do Submundo. O bicho-papão, até onde sabe. E ainda assim, o jeito que ela me olha...

Que merda de vida!

Meu autocontrole se desfaz um tantinho mais, e não consigo me conter. Ergo a mão para roçar a ponta do dedo da sua têmpora até a mandíbula, só uma insinuação de toque. Ela é muito macia, e o tremor que a assola em resposta não é medo... é por *minha* causa. Olho para ela, e ela olha para mim.

— Você tá certa, minha estrela. — murmuro, olhando para sua boca. Só uma provinha. Antes de ela me odiar. Antes de eu fazê-la sofrer nos jogos. Antes de eu ter que me afastar dela ao fim de tudo. Mas não vou fazer isso com ela. Se fizer dela minha campeã, preciso que ela se concentre em sobreviver. E só em sobreviver. — Tem coisa pior.

Estou muito fodido.

Endireito a postura de súbito e a viro para o outro lado antes que eu ceda e a beije até ela gemer meu nome, empurrando-a na direção das pessoas.

Ela vai embora.

Aí me ocorre que tecnicamente nos conhecemos com a mesma idade, mais ou menos. Se bem que, agora que ela é deusa, quem

sabe até onde ela estava no futuro quando viajou no tempo para me encontrar no passado?

Não faça isso com ela.

Prometi a mim mesmo que nunca a envolveria no meu mundo, nos meus infernos. Somos perigosos demais juntos. Pavio e fogo, projetados para explodir e destruir o mundo juntos.

Não posso fazer isso.

Cacete, não vou fazer isso nem com ela nem comigo. Mesmo que a versão dela do futuro tenha me mandado fazer.

Vou arrumar outro jeito de tirar a Perséfone de lá.

Quando ela faz uma curva e some, me viro e paro no lugar ao ver minha Lyra no alto da colina. O cabelo comprido preso para cima de qualquer jeito, vestindo uma espécie de macacão que acho que já vi.

Os contornos do seu corpo já estão ficando turvos.

Acho que ela me chama. Seus lábios balbuciam meu nome e, depois, só mais três palavras:

— Confia em mim.

Aí some. Mais uma vez.

Eu tinha razão antes. Estou muito fodido.

72

LADRA DO TEMPO

LYRA

O tempo me leva de volta ao Cronos na pequena câmara, e o titã analisa meu rosto.

— Mexeu algum pauzinho?

Franzo a testa.

— Foi mais uma... confirmação de que o pauzinho que mexi funcionou.

— E você voltou pro agora, em vez de redefinir as coisas. — Ele passa a mão pelo rosto, trêmulo. — Acho que talvez você...

Ele arregala os olhos, focando em uma coisa atrás de mim.

Nem tenho tempo de me virar antes que a luz cristalina me envolva.

— Mas já?

E aí estou no jardim das águas do Hades.

Na beldade celestial e pacífica que lembro da minha época. Os sons da água ao redor são reconfortantes.

— Lyra, não sei se aguento muito disso ainda.

Hades está atrás de mim de braços cruzados, e é impossível negar a familiaridade do momento desde a primeira vez que fui engolida pela ruptura no tempo.

— Hum... — Olho ao redor. — Eu te beijei agora há pouco?

Ele vem na minha direção a passos duros, a expressão sombria.

— Minha marca em você já me alertou que tinha aparecido no Submundo, mas é impossível porque você tá lutando pra sobreviver à merda do Trabalho de Poseidon neste exato instante.

Verdade. Ele mencionou isso da primeira vez. Ela está no Trabalho agora. Eu estou.

Ai, deuses!

Isabel.

Não consegui salvar a Meike, mas talvez Isabel, sim. Mnemosine me mostrou todos os jeitos que eu conseguiria salvá-los, salvá-la, mas não lembro de ver uma versão em que mandei o Hades ir lá consertar tudo. Tenho que tentar.

Seguro o pulso dele.

— Você tem que ir até ela... até mim, no caso...

— Mas que droga, Lyra! — Ele afasta o braço. — A mulher que mencionou cento e cinquenta anos atrás, que ia participar da Provação, é *você*. Mas ela não faz a menor ideia de que a gente se conhece.

— Eu sei, mas agora...

Ele segura meus braços, fincando os dedos como se quisesse me sacudir e estivesse se contendo.

— Você aparece aqui, me beija como se tivesse superaliviada por me ver e aí desaparece como sempre.

— Tem uma coisa mais importante...

— E agora volta um instante depois... — Ele estreita os olhos para minha roupa. — Só que diferente.

Como é que ele sabe?

— Isabel — brado. — Ela vai morrer nesse Trabalho se você não evitar. Tem que...

Hades me aperta mais forte antes de sumirmos. Chegamos ao corredor na frente do seu quarto na casa do Submundo, e ele me arrasta lá para dentro.

— Se não quer ser vista, sugiro que não vá embora — declara Hades, fechando a porta na minha cara.

Corro até a porta.

— O dragão-d'água morde ela — grito. — Não deixa ele morder ela... nem a mim!

Com certeza morri assim algumas vezes.

Nenhuma resposta.

Será que ele está ali ainda?

Ouve-se um estalar de dedos do outro lado, e aí Hades dá uma ordem a alguém, todo rabugento.

— Fica aqui de guarda. Não fala com ela. De jeito nenhum.

Não sei o que Cérbero responde, mas sei que é ele por causa do cheiro de enxofre. Aliás, quem mais Hades colocaria de guarda? Principalmente aqui embaixo?

Abaixo os braços, olhando para a porta. Não ouso falar em voz alta. Provavelmente não é para Cérbero ouvir minha voz.

— Por favor — balbucio e, então, chuto a porta pesada.

Três grunhidos de alerta ressoam do outro lado.

É um som tão... Deuses, senti falta desse vira-lata de três cabeças, mais até do que me permiti pensar até o momento.

Coloco a mão na porta, como se ele pudesse me sentir. Aí encosto a testa.

— Merda... — sussurro.

Acho que já é tarde demais.

Mas sei que o Hades volta para cá. Depois do Trabalho de Poseidon, depois que ele me abraça quando estou chateada por causa da Isabel, ele me deixa lá e volta para o quarto. Ele me deixou lá para vagar sozinha pelo Olimpo para voltar para... mim.

E aí tudo mergulha no silêncio absoluto. Não por causa da viagem no tempo. É a mesma experiência petrificante e instintiva que já senti hoje. Tento gritar, mas minhas cordas vocais não funcionam. Meu corpo não se mexe, nem para piscar. Nem para respirar.

O tempo está se redefinindo. De novo.

Fui eu que causei a redefinição. Como? Mandando o Hades ir salvar a Isabel?

Bem quando o pânico começa a se instalar, aquele mesmo efeito estranho de disco arranhado devolve o som e a sensação.

E não estou no quarto do Hades.

Estou no Tártaro, acima do abismo que dá nos Cadeados, olhando para a mancha vermelha no ponto em que morri.

— O que aconteceu agora, caralho? — brada Boone. — Por que eu lembro de outras coisas? De fazer coisas antes disso?

— Fui eu — sussurro. Estou tremendo tanto que tenho que me sentar. — Redefini o tempo. Outra vez.

Acho que, por estarmos aqui embaixo com os outros, dentro do Tártaro, com esta nova redefinição, Boone e eu lembramos de tudo da vida anterior também.

Boone se agacha à minha frente.

— O que você fez?

Olho para ele, implorando com o olhar para que entenda.

— Tentei salvar a Isabel.

73

A ENÉSIMA VEZ

LYRA

— Lyra, não sei se aguento muito disso ainda.

— Somos dois — respondo, muito baixinho, para o Hades não ouvir.

Estou no Submundo com ele, no jardim das águas. De novo.

Ouvi essas palavras tantas vezes que perdi as contas. Umas cem, talvez. Afinal, só é uma redefinição de umas horas da minha época.

A esta altura, meu coração está tão apertado que mal consigo respirar, mal consigo me mexer.

Nas cem vezes que o revisitei aqui, essa parte é sempre a mesma, e ainda assim nunca salvei a Isabel. Nem uma vez.

O timing é tudo mesmo.

Já tentei passar instruções específicas para o Hades consertar tudo. Ele já até tentou interferir diretamente. Toda vez que ele interfere há uma redefinição. Tentamos fazer o Boone vir comigo, mas a fissura no tempo nunca o pega, ou ao menos nunca o leva para o mesmo lugar. Nas ocasiões em que interferi — sim, tentei ir eu mesma lá —, teve redefinição. Minhas tentativas mais sutis podem mudar *como* ela morre, mas ela ainda morre na Gruta de Fingal toda vez.

Depois de cinquenta tentativas, os titãs só me deram mais cinquenta.

Depois de setenta e cinco, no fundo soube a verdade — que às vezes é a hora de alguém partir —, mas não estava pronta para desistir.

Mas agora acabou.

Por escolha minha. Cronos não precisou me convencer. Percebi que, com o ponto para onde o tempo está se redefinindo, não vai me deixar consertar nada antes disso.

Ao menos, foi o que Cronos falou depois que comentei a conclusão a que cheguei.

Quando perguntei por que ele não me disse isso antes, explicou que algumas verdades têm que ser sentidas tão a fundo para serem tidas como verdade que o único jeito de descobrir isso é por experiência própria.

Ele estava certo.

Só que isso significa que não consigo salvar os outros também. Meike, Neve, Dex, a avó de Dae...

As mortes deles são parte de uma estrutura maior que compõe a história da vida. Ao menos nesta linha do tempo na qual estamos presos.

— Lyra?

Hades ainda está atrás de mim.

Há uma enorme diferença entre aceitar uma realidade dura e seguir em frente com ela.

— Lyra?

Ele coloca a mão no meu ombro.

Respiro fundo e olho para ele.

— Sei que estou no meio do Trabalho de Poseidon. É melhor você ir ficar com ela. Ela vai precisar de você quando... acabar.

Ele analisa minha expressão. Só posso imaginar meu estado. Considerando que me sinto... vazia. Entorpecida. Não... não entorpecida. Culpada.

— Tem certeza? — questiona ele, devagar. — Você não está com uma cara boa.

— Vai acontecer uma coisa ruim com ela. Já, já você descobre.

Meu único consolo é que sei onde a Isabel está no Elísio. Ela mesma me contou que está feliz lá, esperando a companheira, Estephany, e os outros membros da família se juntarem a ela.

Hades solta um sonzinho gutural.

— Posso ajudar...

— Não. Não desta vez. Juro. Já tentei.

Deuses, minha voz soa tão... fria. Insensível.

— Lyra...

Estendo a mão a ele.

— Me leva pro seu quarto. Vou te esperar lá.

Talvez ele perceba que não vai adiantar mais argumentar. Sinto um quentinho por dentro e fico grata quando ele me pega pela mão, e de imediato estamos no seu quarto.

Como todas as outras vezes, ele coloca Cérbero de guarda.

Só que, desta vez, Hades hesita em ir embora.

— Vai — oriento quando percebo.

Não sei quanto tempo fico parada aqui nesse tapete chique, os desenhos girando ao redor dos pés até ficarem distorcidos. É um período longo. Para ser sincera, estou esperando que o tempo me leve embora de novo.

Depois de tantas redefinições, parece meu novo normal.

Eu me sento na ponta da cama, sem olhar ao redor. Já estive aqui. Infernos, é meu quarto também, a não ser pela ausência de algumas fotografias que adicionei a todas as nossas casas.

E espero.

Espero pelo tempo ou pelo Hades. O que quer que volte para cá primeiro.

Não que eu fique sentada enquanto espero. Vou da cama para o guarda-roupa e depois para o banheiro, andando de um lado a outro, jogando água gelada no rosto. Esqueci da sensação da água — o tipo que não me dá choque, ao menos — no breve período em que estive presa nas entranhas dos infernos.

Olhando pelas janelas amplas que dão vista para a versão "ensolarada" da nossa casa no Submundo, tento fazer uma pausa e absorver a beleza do lugar. E se eu nunca mais voltar?

As montanhas nas quais o castelo fica localizado estão encobertas por tons escuros de roxo e azul fosforescente, levando às nuvens rodeando os picos ao longe, banhados com tons vívidos de laranja e amarelo. O "céu" é tão alto que só dá para ver os azuis sendo interrompidos por feixes de um azul mais vívido que poderiam ser estrelas, mas não são. Também não são bichos, e sim cristais. Os amarelos e alaranjados das nuvens fazem parecer que as

montanhas distantes estão em chamas, mas chamas de tamanha beleza que eu ficaria feliz de queimar junto com elas.

O Trabalho não demora tanto assim, né? Eu já tinha começado lá quando ele veio aqui para baixo.

Eu me afundo na cama com os joelhos trêmulos, que não vão sustentar meu peso por muito mais tempo. A Isabel morre hoje. Segurando minha mão. Com dor.

E estou aqui desejando que passe mais rápido. Que acabe logo.

O trinco da porta bate tão alto que me levanto de súbito quando o Hades aparece. Não há sinal do Cérbero no corredor. Meu deus da morte está... sério.

— A Isabel morreu? — questiono.

Ele assente, brusco. Não consigo encará-lo, então também assinto.

Hades não entra, só se recosta na soleira, com os braços cruzados e um pé apoiado no outro. Mas não há nada de casual na energia emanando dele. Seus olhos brilham.

— Então você é o futuro dela?

Quem liga se tudo se redefinir agora?

— Sou.

— Então por quê, em nome do Tártaro, você faria isso consigo mesma?

Ele ainda está com uma postura bem casual, mas juro que uma brisa mais forte o destroçaria, de tanto que está se contendo.

— É o que tem que acontecer.

Pareço enigmática pra cacete. Estou ciente.

— Tem que acontecer — repete ele. — Por quê?

— Não posso dizer.

Hades comprime os lábios. Merda, a imagem é muito ameaçadora, mesmo ele estando só ali encostado na porta.

— Podia ter me avisado.

Eu o avisei tantas vezes. Sobre tantas coisas.

— Se eu tivesse avisado, você teria entrado na Provação? Teria me escolhido?

— Já quase não fiz isso desta vez, Lyra. Fiquei matutando depois que te encontrei no templo do Zeus, tentei pensar em alguma outra coisa. Mas você me mandou fazer isso, confiar em você, e...

Ele desvia o olhar, contraindo o maxilar.

É por isso que estou aqui agora? Para garantir que ele vá até o fim?

— Você tem que confiar em mim, Hades. É a única solução.

— A única solução? — Ele volta a me olhar. — Como na vez em que destruí o Olimpo? Aquela também era a única solução?

Nas Guerras Anaxianas.

— Tá me culpando por isso?

Minha mente está girando. Talvez eu seja uma bosta nisso de fazer manobras com o tempo. Não consegui salvar a Isabel. Talvez eu esteja piorando tudo. Mas...

— Sou o futuro da Lyra. — Aponto para a Superfície, onde a Lyra do passado está no bar do Dionísio a esta altura. — *Eu* sou a prova de que as coisas acontecem como têm que acontecer pra ela. Vou vencer a Provação, mesmo que em alguns momentos pareça que não vai rolar. Mesmo quando dói. Você vai ser o rei dos deuses e pegar a Caixa de Pandora. Isso é o que tem que acontecer.

Espero que uma versão futura de Cronos esteja mandando essa versão de mim de volta ao filho de novo e de novo... e que aquele Cronos do futuro esteja fora do Tártaro. Deve estar. É o último resquício de esperança ao qual posso me agarrar.

Hades continua tenso. Mesmo sem se mexer, sem mudar a expressão, dá para sentir sua raiva crescente do outro lado do quarto.

— Quanto tempo fico esperando você? — pergunta ele. — Até você parar de desaparecer?

Também não posso responder a isso.

Quando não digo nada, ele desvia o olhar.

— Você queria nunca ter me conhecido? — A pergunta injustíssima escapa de mim tão minúscula quanto estou.

— Porra, Lyra! — Ele se vira, passa a mão pelo cabelo, que fica todo desgrenhado. — Acabei de te deixar lá em cima, e você tá arrasada. E me culpando.

— Eu sei.

Ele me lança um olhar por cima do ombro.

— Agora tô comprometido com isso, mas só o que me importa é você sobreviver. Que se dane ganhar.

Estou indo na direção dele, com a mão erguida como se pudesse impedi-lo, antes de perceber o que faço.

— Não faz isso. Ela tem que ganhar. Tenho que...

Mas Hades já sumiu. Saiu trancando a porta, como se isso pudesse me impedir.

Fecho os olhos, abaixando a mão. Eu poderia me teletransportar. Ir lá para cima. Tentar alertar Meike. Ou Zai. Ou qualquer um deles.

No entanto, também já tentei isso. Tantas vezes.

Então fico onde estou. E espero.

74

DE TEMPOS EM TEMPOS

LYRA

Tenho quase certeza de que não preguei o olho nenhuma vez. De manhã, a Lyra do passado vai enfrentar o Trabalho de Hermes.

Apareceu comida para mim na hora do almoço e do jantar. Comida que não estava me descendo, mas fiz um esforço. Até as deusas precisam de um gás. Aí me enfiei debaixo das cobertas e fiquei deitada ali, sozinha na nossa cama, olhando pela janela a noite do Submundo, iluminada por tons fosforescentes de azul, roxo e rosa-escuro.

Eu estava triste. Agora estou irritada. Por que fui largada para amargar na minha própria angústia aqui dentro? Tenho mais o que fazer. Conseguir tirar a gente do Tártaro. Boone e eu temos mais três Cadeados a destrancar, e não se sabe o que mudou no Cadeado de Hera a ponto de me matar.

Horas desperdiçadas sem nem sinal da ruptura do tempo ou do Hades não são o que eu descreveria como produtivas. Não que eu esteja surpresa em relação a ele.

Ele está... comigo... de um jeito estranho.

A Lyra do passado.

Mas ainda dói. Só tenho vislumbres dele. E não tirar proveito disso é...

Coloco a perna para fora da coberta, tentando ficar confortável para conseguir dormir. Ouço uma das cabeças do Cérbero roncando, o ruído se espalhando pelo corredor.

Um brilho amarelo-claro me chama a atenção, e quando me viro, vejo o "nascer do sol" do Submundo. A luz matutina banha as montanhas ao longe primeiro, quase fazendo parecer que estão congeladas, e aí se intensifica, ganha vivacidade, parecendo se derreter e virar ouro líquido que inflama até ficar vermelho.

Talvez seja por causa do nascer do sol que não percebo o brilho do tempo até o silêncio e a escuridão me consumirem e eu ser deixada em uma caverna.

Não no Tártaro.

E a cerejinha no bolo: a coisa me levou ainda enrolada nos lençóis. Eu me desemaranho e me levanto, com os pés descalços pinicando graças ao piso de pedra irregular.

— Uma caverna marítima?

A água ondulante e ritmada, cristalina e transparecendo o leito arenoso, é a primeira pista. O cheiro de sal, a segunda. Contudo, são as colunas gregas que sustentam um lintel de pedra imenso, iluminado por tochas em arandelas ao redor do pequeno espaço, a maior de todas.

Não faço ideia de onde estou, nem quando, nem o porquê. Mas sei que é para eu descobrir.

Olho para os céus.

— Um mapa cairia bem. Talvez um aplicativo com detalhes sobre minha próxima parada.

Lógico que ninguém responde.

Ou ao menos... ninguém lá de cima.

Do acesso principal, ouço uma voz fraca:

— Entra, se tiver coragem...

Com cautela, observo os cantos e sigo pela entrada até um corredor. Não sei o que espero encontrar quando chego a uma sala que parece ter saído da Antiga Grécia. A mobília. A decoração. Mais colunas.

E, em uma espreguiçadeira surrada, está um homem.

Ou... um deus?

Loiro, com umas mechas grisalhas, uma barba até o meio do peito e o cabelo quase do mesmo tamanho, todo embaraçado. Usa uma túnica grega que, como a mobília, está pedindo socorro. O

pano cobre só até o meio da coxa, e mostra mais do que eu gostaria de ver, pois está deitado de lado com a perna dobrada para cima.

— Quem é você? — indaga ele, enfiando um pedaço de peixe chamuscado na boca.

Presumo que tenha acabado de cozinhar na fogueira ali no canto.

— Quem é você? — respondo, perguntando.

Já sei. Já o vi uma vez antes, quando Urano tentou matar o Hades quando criança.

— Oceano — retruca ele.

O titã dos oceanos e das águas.

Oceano. O marido da Tétis. O traidor.

— Ainda tá vivo?

Ele ergue a sobrancelha, desinteressado, e gesticula para o espaço.

— Tô aqui no meu auge.

— Enquanto seus irmãos estão lutando pra fugir do Tártaro.

A postura preguiçosa fica estática, e embora ele não se sente, dá para ver que está prestando mais atenção em mim do que antes.

— Não quero perguntar de novo. O repeteco não vai ser legal pra você.

— Sou Lyra Keres. Rainha do Submundo. Deusa dos feitiços. E vi seus irmãos recentemente. Estão com saudade.

Ele solta uma gargalhada ruidosa.

— Você devia ter parado enquanto estava por cima. Agora não acredito. Eu sei que me xingam até não poder mais.

— Tentam xingar menos quando a Tétis está por perto.

Ele volta a ficar imóvel, mas não por tempo suficiente para eu interpretar sua reação.

— Não fala o nome dela. — É só o que responde.

É culpa, desinteresse ou outra coisa? Não dá para saber.

— Como sabe que te xingam até não poder mais se está aqui?

Oceano estreita os olhos.

— Vamos moderar o tom, deusinha.

Talvez seja por saber que consigo lidar com uma redefinição de tempo se for preciso, ou talvez seja só porque estou cansada, mas é minha língua que está no comando.

— Pelo menos não te chamei de traidor — argumento de um jeito doce. — Esse foi o meu tom simpático.

Ele dá outra mordida no peixe e mastiga, pensativo, enquanto me observa.

— Tenho meus contatos — responde, por fim.

Franzo a testa. Do que ele está falando...?

Aaaaah.

Perguntei como ele sabia que os irmãos o xingavam até não poder mais. O que fazem mesmo. Toda hora.

— Que contatos? — Estou de saco cheíssimo desses contatos enigmáticos. O último acabou sendo eu. É melhor não ser eu de novo. E se ele não tiver contato nenhum? E se o Oceano for quem... — Você já esteve lá? No Tártaro?

Outra abocanhada no peixe. Estou me preparando para varar esse peixe longe se ele resolver mastigar de novo.

Aí ele olha para trás de mim.

— Acabou o tempo, deusinha.

Eu me viro, esperando um ataque, e então sou engolida pela ruptura no tempo e cuspida de novo... não no Tártaro, mas no quarto do Hades.

— Mas que caralho! — Nem me incomodo em falar baixo para o Cérbero não ouvir.

Porque preciso que ele vá buscar o Hades. Com certeza, o Trabalho de Hermes acabou, e é quando a Lyra do passado conhece o cão infernal de três cabeças. Ele foi ao Olimpo buscar o Hades, mas nenhum deles quis me dizer quem o Hades teve que ir ver.

A pessoa era eu.

Bato à porta e falo mais alto de propósito, usando um tom esganiçado e, com sorte, irreconhecível.

— Ei?

Ninguém responde.

— Oi?

— Sei que ele falou que você não podia falar comigo, mas preciso que vá buscá-lo. Agora.

Talvez eu pudesse esperar Hades voltar, mas tenho para mim que o tempo está contando com isso. Dá para ver pelo cheiro forte

de enxofre que o cão de três cabeças ainda está na frente da porta. Ainda não foi embora.

— Sei que ele tá no Trabalho da Provação, mas prometo que, quando você chegar lá, a campeã dele já vai ter acabado.

Há um som de resmungo do outro lado da porta. Bê, provavelmente, balançando a cabeça rabugenta em negação à possibilidade de eu saber disso.

Esse cachorro maldito não me dá alternativa.

— Beleza, então. Se você não for, vou eu. Vou me teletransportar em cinco segundos, e se o Hades me vir lá em cima, vai ficar puto é com você, não comigo.

Outro resmungo. Só que menos convicto.

— Cinco. Quatro. Três... quer mesmo tirar a prova? Dois. Um...

Há um latido brusco, e aí o cheiro de enxofre fica mais brando.

Sorrio. É uma criatura superleal, com certeza. Eu adoraria ter aberto a porta e enfiado o rosto no seu pelo, mas não posso fazer isso.

Sabendo que vai levar mais que um segundo, eu me sento na beira da cama e aguardo.

E aguardo.

Por que parece que tudo leva muito mais tempo do que na primeira vez? A gente ficou lá conversando tanto assim mesmo?

Por fim, há um latido diante da porta, informando que Cérbero voltou. Será que ele falaria comigo se soubesse que sou eu, uma vez que conheceu a Lyra lá em cima? Provavelmente não sem o aval do Hades.

Mais espera.

Qual é?

— Me invocastes?

Eu tomo um susto e me viro na cama, vendo que Hades apareceu atrás de mim. E atrás dele tem outra lasca da ruptura no tempo, vindo me buscar.

— Mas que cacete! — reclamo, me levantando.

— Que foi?

Ele se vira para olhar, mas não vê o que eu vejo.

Não explico, só vou até ele.

— Não tenho muito tempo, mas você tem que me escutar. Acho que a pessoa que tá enfeitiçando tudo é o Oceano.

Hades franze a testa.

— Como assim?

Ai, deuses. Não contei a ele do feitiço ainda. Conto depois do Trabalho de Atena.

— Eu... — Fico olhando pra ele, mas nada me vem à mente. O que eu falo? — No dia do Trabalho de Atena, fica me esperando lá nos arcos do Coliseu, na parte mais ao extremo sul. Aí te conto.

Não é grande coisa, mas se eu falar mais, o tempo provavelmente vai se redefinir.

— Como assim? — Hades repete.

Mudo o peso de um pé ao outro, então começo a puxá-lo pelo quarto, para longe da fenda.

— O Oceano consegue entrar no Tártaro.

— Não tem como. Ele não tem tanto poder pra...

— Tem certeza?

— Absoluta. Aposto minha vida.

Balanço a cabeça.

— Então ele enganou um bocado de gente. Ele disse que... — Ai, merda! Quase soltei que estou presa no Tártaro. Logo reorganizo as palavras: — Disse que tem um contato lá dentro.

Hades faz um gesto cortante com a mão.

— Também é impossível.

O talho irregular do tempo começa a avançar mais rápido. Acho que falei o que tinha que falar.

— Só promete que vai ficar de olho nele. Se fizer isso e descobrir que tá certo, que mal vai fazer, né?

— Lyra, não sei como acha que tenho tempo de governar o Submundo, manter você viva e ainda seguir o Oceano por aí, mas...

— Depois da Provação, então. Promete.

— Tudo bem. Eu prometo...

Silêncio.

75

ALMAS

LYRA

O tempo não me larga no mesmo cômodo do Cronos. A coisa me leva até a porta arqueada do Cadeado de Hades. A cópia do Hades ainda não sabe se estou machucada ou não depois que meu sangue pingou lá embaixo. Ergo a mão para tocar no símbolo brilhante no meio da parede, sem saber se ele vai me deixar entrar ou não. Não depois do que aconteceu da última vez que conversamos.

Encosto no símbolo.

Nada.

— Hades? — falo o nome baixinho, hesitante.

A porta se abre tão rápido que sinto o movimento dela no ar.

Aí ele aparece.

Do outro lado, todo enigmático. Frio.

— Então... — murmura ele devagar com um tom entediado. — Você tá viva.

Abro a boca para dizer que sim. Aí, percebo que não é totalmente verdade.

Ele deve perceber a minha hesitação, porque a expressão fria se desmonta todinha, revelando algo que outrora já confundi com raiva. Mas, como conheço o Hades, o Hades de verdade, identifico a preocupação por trás, mesmo nos olhos dessa réplica.

— O que aconteceu?

— Eu... Bom... — Como explicar? — Uma versão futura de mim... agora uma versão passada, acho... morreu.

Tecnicamente, isso aconteceu hoje? Já vivi mais de cem dias desde a ocasião, com dias extras no Submundo.

— Quê?

Ele dá um passinho mínimo à frente, e a ponta da bota atravessa a soleira da porta. Hades solta um grunhido, a expressão se contorcendo com o que parece dor antes de desaparecer completamente e a porta se fechar. O símbolo dele fica escuro. Luz apagada. Não tem ninguém em casa.

Fico parada aqui, de queixo caído, observando os símbolos esculpidos na superfície de pedra.

— Ele foi bem descuidado, viu? — Uma voz feminina me dá um susto, ecoando pela câmara. Uma voz conhecida. — Ele vai ficar sumido por um tempo, infelizmente.

Depois de lançar um olhar apavorado para o túnel do Pandemônio, vou chegando para trás devagar e sigo para a direita até ver a Deméter parada na própria porta. Eu estava ocupada quando destranquei o Cadeado dela, e acho que não tinha parado para olhar os símbolos na sua porta até agora: uma cornucópia, um arado, uma tocha, flores de papoula e serpentes. Acho que o símbolo no meio é um feixe de trigo, mas com a porta aberta não dá para ver.

— Perdão — murmuro —, mas quê?

Ela acena a cabeça para a porta do Hades.

— Se a gente atravessa a barreira, tem que se regenerar. Leva um tempo.

Franzo a testa, alternando o olhar entre ela e o Cadeado fechado. Tenho tantas perguntas a fazer.

— Se regenerar do quê? O que exatamente vocês são?

Deméter joga o cabelo louro-acobreado por cima do ombro.

— Quando a gente criou este lugar, deixou pedacinhos das nossas almas... nossas essências, talvez se possa dizer... nos Cadeados. Como guardiões. — Ela me olha com atenção. — Não te contaram?

Nego com a cabeça devagar. Pedaços das almas deles?

Olho para o Cadeado de Hades de novo, com o coração apertado enquanto minha mente se contorce tentando dar sentido a tudo. É ele lá dentro. Não ele *ele*, o verdadeiro ele, mas um pedaço dele, de

um jeito que não entendo por completo, e mesmo assim algo dentro de mim diz que isso significa mais do que achei. Ele não é apenas uma gravação ou um truque, e sim um pedaço da alma do Hades.

Abro e fecho a boca, matutando.

— Mas a Héstia...

Como explico que ela não estava totalmente lá?

Acontece que nem preciso explicar. Ao ouvir o nome da irmã, parece que Deméter se encolhe toda, com sombras bem profundas tomando seus olhos.

— Nossa irmã morreu na Superfície, e isso afetou a parte que resta dela aqui. A gente é que nem sombra, extraindo a existência das almas de que fomos separadas.

Em outras palavras, se o Hades morrer lá em cima, então morre aqui embaixo também, deixando uma versão bugada de si para trás, que só consegue repetir instruções básicas. Como a réplica da Héstia.

— A recíproca é verdadeira? — Preciso perguntar.

Se o Hades morrer aqui embaixo, o Hades de verdade é afetado?

Ela nega com a cabeça.

— A gente vem deles, não eles da gente.

— Entendi. — Na verdade, não entendi, mas quase. Meu coração não sabe lidar bem com essa verdade. — Se vocês não conseguem sair dos Cadeados, que guardiões são esses?

Outra jogada de cabelo, mas desta vez com irritação.

— É melhor do que não ter ninguém de olho aqui embaixo.

Trancafiar as próprias almas na pior parte dos infernos não me parece uma solução maravilhosa...

— Vocês sentem eles? — questiono em seguida, então dou um passo afoito à frente. — Conversam com eles?

— Às vezes, a gente sente eles. — Agora Deméter está tirando uma comigo, caramba. — Quando os ânimos estão aflorados.

Fico desanimada.

— Só isso?

Mas... parece que os ânimos estão bem aflorados lá para o Hades no momento. É por isso que, a cada interação, o Hades daqui de

baixo parece mais com o meu Hades? Porque ele sente o que o meu Hades sente?

Estou cada vez mais detestando essa ideia. Hades prendeu a si mesmo, ou parte de si mesmo, aqui embaixo. Para sempre. Sozinho.

Todos eles fizeram isso.

Estavam desesperados a esse ponto. Um desespero pautado em mentiras, mas ainda assim não é de admirar que a réplica dele tenha ficado tão puta comigo.

— Ao menos vocês conseguem ir de um Cadeado pro outro.

Assim não ficam solitários.

Deméter ergue as sobrancelhas perfeitamente curvadas.

— Como é que você sabe disso?

— O Hades me ajudou no seu Cadeado...

As sobrancelhas passam de arqueadas para uma carranca feroz.

— Ele fez *o quê*? — Contorce o rosto, furiosa. — Aquele trapaceiro dissimulado!

— Você não viu?

Sem nem um "até mais", ela some, e a porta do Cadeado se fecha. O feixe de trigo símbolo da Deméter projeta um brilho dourado no meio do arco.

— Ei... — Calo o que quer que fosse dizer. Não adianta ficar debatendo. Aí olho para o teto e além... passando pelo Submundo, pela Superfície, até o Olimpo. E digo aos deuses que não conseguem me ouvir: — Quando eu voltar aí pra cima, a gente vai fazer um intensivão de aprimoramento da comunicação.

Compreensível Hermes estar tão ranzinza, considerando que ele é o deus mensageiro responsável pela comunicação e tal. A família deve deixá-lo à beira de um ataque de nervos. O trabalho dele deve ser como brincar de telefone sem fio em uma festa do pijama com adolescentes que riem à toa.

Não que eu já tenha brincado, mas isso é irrelevante.

Ouço o barulho de botas vindo pelo túnel na minha direção e me viro. Porque quem quer que esteja vindo — e não é o Pandemônio, porque esses cuzões fazem tudo na surdina — não está andando. Está correndo.

Boone irrompe do túnel, mas para ao me ver e logo faz uma careta de respeito.

— O quê, em nome do Submundo, você tá fazendo aqui embaixo?

76

ME ATUALIZA AÍ

LYRA

— Foi o Cronos que te mandou atrás de mim?

Boone me lança um olhar estranho enquanto nos aproximamos.

— Não. A gente ficou te esperando voltar.

Ele se vira para caminhar ao meu lado pelo túnel.

Esperando?

— Quanto tempo?

— Faz uma semana que você foi...

Paro de andar, olhando para a entrada escura do túnel.

— Uma semana?

Não é de se admirar que o tempo não tenha se dado ao trabalho de me largar onde o Cronos estava. Ele não está mais lá, e já faz um... tempo.

Mas uma semana, cara?

Boone toca meu ombro de leve e assobia. *Você está bem?*

— Tô bem. — Pigarreio e volto a andar. — Só fiquei surpresa. Aconteceu alguma coisa enquanto eu estava fora?

— Não. — Ele também parece mal-humorado. — O que aconteceu dessa vez?

Já conversamos sobre o lance de eu ser a marionetista da coisa toda. Boone lembra de todas as outras vezes, assim como eu. Quando termino de falar, ele assente, todo sério. Sabe o quanto me custou desistir de salvar a Isabel.

— Então, o Oceano é o vilão da história? — indaga.

Dou de ombros.

— Talvez.

Quando vou seguir para a junção dos caminhos, ele me segura pelo cotovelo e me conduz para outra direção.

— A gente teve que mudar de novo.

Só tem um motivo para terem feito isso. O Pandemônio.

— Quem foi?

— O Hiperião. Acaba que a luz consome ele quando fica feroz. A gente tem sorte por ninguém ter ficado cego pra sempre.

— Ele tá bem agora?

— Aham.

Já é alguma coisa.

— O que mais você fez nesse meio-tempo?

Boone me olha.

— Eu queria descobrir o que tava acontecendo no Cadeado de Hera pra gente bolar um plano, mas não me deixaram entrar sozinho.

— Se você redefinir tudo, a gente vai ter que começar do zero na ponte.

Ele que dá de ombros desta vez.

— A gente vê como fica quando você estiver pronta.

Ficaram me esperando. Uma nova camada de culpa cobre a anterior dentro de mim, que nem mofo.

Boone fica calado enquanto fazemos mais curvas.

— Lyra... você sentiu? Quando sua outra versão morreu?

— Não senti a dor nem a morte dela, se é isso que quer saber. Só fiquei arrasada.

— É. Eu também.

Continuamos andando.

Quero perguntar como estão as coisas com a Perséfone. Até chego a abrir a boca, mas o badalar do sino nos dá um susto.

— Caralho... — murmuramos ao mesmo tempo.

Não sei se o treinaram nessa parte dos túneis, mas sei bem onde estamos, e há pouquíssimas portas por aqui.

A não ser pela...

Seguro sua mão e tento correr, mas ele para de repente.

— Por aí, não. A porta mais próxima é pra cá.

Então ele sabe, sim, só não sabe o que estou prestes a fazer.

— Tem uma porta escondida mais perto, por aqui. — Eu o seguro e vou arrastando-o. — Não dá tempo de debater.

— Infernos... — resmunga ele, mas para de relutar, e saímos correndo.

Corremos o mais rápido possível — sei que o Boone está dando uma segurada na sua potência máxima —, e só depois de duas curvas lembro de ativar a porra do poder.

Graças aos deuses lembrei, porque é bem a tempo de passarmos pela porta coberta pelo véu.

— Para!

Boone para tão rápido que, embora eu estivesse desacelerando, trombo com ele, que absorve o impacto como se eu fosse uma pluma, mas já estou indo pegar a maçaneta.

— Espera aí...

— Tá enfeitiçada. Dá pra ver.

Ele nem titubeia.

— Sabe o que tem aí dentro?

— Não, mas é a melhor opção no momento.

Ele analisa bem a parede.

— O que quer que tenha aí dentro não pode ser pior do que está vindo aí — digo, olhando por cima do ombro.

A cópia do Hades disse que eu conseguiria ver a coisa vindo por causa do poder. Mas será que funciona também na escuridão que não é permeada pela nossa luz?

— Beleza, então — concorda Boone.

Só quando aproximo a mão da maçaneta de novo penso que talvez esteja trancada, mas não está, e corremos lá para dentro, fechando a porta. Nós dois respiramos, aliviados, porque a salinha está vazia. Nós nos viramos e encostamos o ouvido na porta, atentos não ao Pandemônio, mas a alguém que talvez esteja tentando se proteger.

— Ora, ora... — Uma voz que é meio canto, meio sibilo soa atrás de nós. — Visita. Que honra!

Boone e eu nos viramos, nos preparando para enfrentar o que quer que seja ou quem quer que esteja aqui dentro com a gente. Só que, com a mesma rapidez, nos viramos para a porta de novo.

— Puta merda! — Minha exclamação abafa a do Boone, que segue a mesma linha de raciocínio.

Falamos ao mesmo tempo, entre engasgos e gaguejos, um atropelando o outro.

— Aquela é a...

— Não tem como...

— Eu com certeza vi as cobras...

— Não encara ela...

— Eu tô bem aqui — intervém a voz doce e sorrateira. — Vocês podem só perguntar, sabe?

Mas o que vi não foi uma mulher com corpo de cobra. Não tinha corpo algum. Apenas uma cabeça aninhada em uma alcova na parede.

Temos sorte por não termos virado estátuas de pedra no mesmo instante.

— Medusa? — pergunto, enfim.

Quando ela responde, transparece um sorrisinho na voz:

— Se eu tivesse mão, até batia palma.

Ai. Meus. Deuses.

77

GÓRGONA

LYRA

— Não surtem — diz ela. — Não consigo mais atirar arco e flecha. Fiquem aí.

Boone e eu nos entreolhamos.

— A gente tá preso aqui, de qualquer forma — sussurra ele.

— É.

A gente se senta no chão, ainda de costas para ela.

Ela sibila. Ou talvez sejam as serpentes que compõem seu cabelo. De um jeito ou de outro, não consigo evitar o tremor.

— Você pode me encarar, deusinha. Eu nunca machucaria uma mulher que nunca me fez mal. Agora *ele*...

A palavra é um grunhido que paira no ar. Não me lembro da informação de que mulheres estão a salvo dos olhos e da raiva de Medusa pelo que ela sofreu.

— Acho que não vou arriscar. Sem querer ofender.

A risada dela sai rouca e baixa.

— Tô sendo sincera, mas você é esperta. Ser esperta é bom. Ser esperta vai preservar sua vida, se é isso que quer.

Olho para Boone de novo, e ele dá de ombros.

Acontece que a curiosidade sempre foi meu calcanhar de Aquiles — o trocadilho sendo intencional. Vamos ficar presos por um tempo aqui, e tenho dúvidas.

Boone é mais rápido.

— Como você...

— Não é para *você* falar comigo — interrompe Medusa. — Só ela.

É. Com certeza, ela odeia homem. Considerando o que Poseidon fez com ela, não tiro sua razão.

— Como você tá viva? Digo... Você tá...

Faço um gesto de corte no pescoço.

Ao meu lado, Boone apoia a cabeça nas mãos.

— Não acredito que fez isso.

— Que foi? É indelicado mencionar que ela é só uma cabeça? Tipo, óbvio que ela tá ciente.

— É verdade que não estou exatamente inteira — concorda ela, com alegria.

Medusa é... alegre.

Não como o brilho constante que irradia da Perséfone. Ainda há uma tensão na voz dela, como o punho de uma arma brilhando do coldre, a fúria ali a ponto de bala, e ainda assim ela é alegre.

— Não é moleza matar uma górgona. — O tom dela muda, virando um sibilo propriamente dito. — Aquela vaca daquela Atena devia ter pensado nisso antes de me amaldiçoar a virar uma. Melhor amiga... — Ela faz um som de escárnio. — Meu cu!

Fico sem reação, erguendo as sobrancelhas.

É um bocado de informação para absorver, mas acho que captei a mensagem. Górgonas sobrevivem mesmo sem o corpo atrelado à cabeça. Não sei como isso é possível em termos físicos e anatômicos, mas não é como se eu pudesse desmentir a cabeça viva ali na parede. Porém, a última parte foi a mais interessante.

— Você e a Atena eram melhores amigas? — Quando a Medusa era acólita da deusa? — Como isso...

— Não tenho a menor vontade de falar dela.

— Você que puxou o assunto... — murmuro, e aí Boone me dá uma cotovelada. Contorço o nariz, mas largo a história pra lá. — Como veio parar aqui? Dizem que depois que o Perseu te usou pra matar um kraken, ele jogou sua cabeça no oceano. Outros dizem que a Atena colocou sua cabeça na Égide pra usar de arma. Mas já vi o escudo. — Samuel o usou na Provação. — Óbvio que não foi isso que aconteceu.

— Aconteceu, sim, na verdade. Fingi que tava morta pra Atena e pro Zeus. Os dois usaram aquele escudo maldito. Não sei bem

como fui tirada de lá e colocada aqui. Acordei já aqui na parede. A Reia me encontrou. Vira e mexe, ela vem me ver.

— Quê?

Faço menção de me virar para encará-la, mas Boone segura meu braço.

Ah, é! Estátua de pedra.

Continuo virada para a porta. A porta que os titãs não conseguiam ver... Mas parece que a Reia conseguiu ver quando o Boone fez aquilo de ficar invisível. Foi ela que enfeitiçou a porta?

— A Reia vem te ver? — Tento soar mais casual do que antes.

— Vem, mas até os titãs podem virar pedra, então ela não quer correr o risco de me tirar daqui e acontecer um contato visual por acidente.

— Bendita seja Gaia... — murmura Boone. — Achei que os titãs que estavam na merda.

Falou e disse.

Medusa não responde. Ao menos não a Boone.

— Qual a última coisa que você lembra? — questiono.

Porque o que ela falou de acordar já aqui parece sinistro de tão familiar. Igualzinha à Perséfone.

— Lembro de ser carregada no escudo. Não sei por quem, porque a pessoa manteve a Égide virada pro outro lado. Lembro de umas palavras vagas e uma voz abafada dizendo que ia me ajudar... e mais nada. Não lembro de nada.

Boone e eu nos entreolhamos, franzindo a testa. Não dá para extrair muito disso. Só que as palavras do Oceano rondam minha mente. E se for a Reia a informante dele aqui embaixo? Mas... vi o rosto dela quando o Hades apareceu para trazê-la para o Tártaro. Ficou arrasada. Será que ela faz parte disso de alguma forma que não vejo?

Boone arregala os olhos.

— E se a gente conseguir trazer as coisas do futuro pra cá, quando estamos na ruptura do tempo?

Ele está pensando no fato de os titãs também terem sido conduzidos pelas fendas. No entanto, Hades estava me abraçando da última vez que fui transportada de volta, e ele não está aqui.

— Acho que não.

— Seu machado.

Ah, é! Fico sem reação.

Ai, meus deuses. *Será* que é possível? Será que alguém dentro do Tártaro trouxe o Oceano para cá? Ou a Perséfone? Ou a cabeça da - Medusa? Foi a Reia?

— Mas por quê?

Medusa debochou, sussurrando.

— Vai saber. Faz séculos que meus olhos só veem essas paredes.

Séculos.

Suspiro.

Talvez Boone perceba a conotação da coisa, porque inclina a cabeça para me analisar com mais atenção.

— Não.

— Nem falei nada.

Ele se aproxima, quase nariz com nariz.

— Não pro que quer que esteja pensando.

— Vai deixar ele falar assim com você? — murmura Medusa atrás de nós.

— Quer que eu te ajude ou não? — rebato.

— Que você me *ajude*? — Ela parece bem desconfiada. — A troco de quê?

— De nada. Alguém já deveria ter te ajudado há muito tempo.

Minha resposta só causa silêncio. Como não posso me virar, não sei se é uma reação ainda desconfiada ou não.

Lanço um olhar de súplica a Boone.

— Você sabe que o que aconteceu com ela não só *não* foi culpa dela como foi errado em infinitos níveis.

— Até os titãs tentam não olhar pra ela.

— Então é só a gente não olhar.

— Ela é *perigosa*.

— A gente dá um jeito.

— E posso ser muito útil para quem considero amigo — acrescenta Medusa. — O sibilo se demora nos "s" da frase.

Boone faz cara feia, mas sei que é um ponto a meu favor.

— A gente já tem problema demais — insiste ele.

Não é um motivo bom o suficiente para não fazer a coisa certa.

— Se aquela vaca da deusa Atena...

— Só *eu* posso chamar ela assim — brada Medusa, com raiva.

— Ah, valham-me os deuses — retruco, igualmente brava. — Quer sair dessa parede aí ou não? Me ajuda a te ajudar, mulher.

O som de sibilos preenche o espaço, quase como se as serpentes estivessem se comunicando com ela. Então, vem a resposta calma:

— Sou toda ouvidos.

— O que você tá propondo? — questiona Boone. — Ir arrastando a cabeça dela em um saco de pano como o Perseu, torcendo pra que o sangue ácido dela não corroa o tecido e crie monstros?

— Você viu um bocado de filme, hein...?

— Não sangro mais — informa Medusa.

É muito difícil não me virar para encará-la.

— Viu? — murmuro para Boone.

— Se possível, prefiro uma caixa — complementa a górgona. — A sacola do Perseu era muito áspera.

É Boone quem dá uma olhadela desta vez.

— E agora possuímos uma arma poderosa...

— Não sou posse de ninguém — brada ela, com um grunhido. — Mesmo neste estado.

Boone a ignora.

— Por quê, Lyra?

— Porque ela merece algo além desta salinha. E quem sabe talvez ela vire uma aliada poderosa. Mas não vou adicionar essa condição ao acordo. É só a coisa certa a fazer.

Ele trinca os dentes, com um olhar preocupado.

— A gente teria que carregar ela pra todo canto.

O alívio me escapa quando respiro, então abro um sorriso.

— Talvez o Asclépio consiga fazer o corpo dela se regenerar? — Embora eu duvide. O Asclépio é um curandeiro, não um criador. — Ou, no mínimo, o Hefesto pode criar um novo corpo autômato pra ela.

— Sinto mesmo falta da minha cauda de cobra — afirma Medusa.

— Não tá ajudando — respondo.

Ela bufa.

Boone olha para cima, na direção do Olimpo. Não que alguma ajuda possa vir de lá quando estamos presos aqui embaixo.

— Se o que aconteceu com ela tivesse acontecido comigo... — murmuro, dando um empurrãozinho nele com o joelho.

Todo mundo sabe a história da Medusa: jurou se manter casta como acólita da Atena, foi estuprada pelo Poseidon no tempo da deusa, culpada injustamente e amaldiçoada pela mesma deusa — que, ao que parece, outrora foi a melhor amiga dela — e então exilada em uma caverna em Sarpedão, onde toda hora era caçada por humanos, transformando um a um em pedra só com o olhar, até Perseu cortar a cabeça dela e usar o poder deter o kraken.

Boone respira fundo.

— Tudo bem. Mas ela fica aqui até a gente achar uma caixa que seja fácil e segura de transportar.

— O que ele falou? — questiona Medusa alto demais. — Minha audição bloqueia a fala masculina.

Boone me olha feio quando contenho a risada.

— Faremos o que for possível para te ajudar a sair daqui — respondo à górgona mais temida entre todos os monstros, mas por quem só consegui sentir compaixão.

— Isso considerando que você consiga destrancar todos os Cadeados — declara Medusa.

Nós dois logo endireitamos a postura.

— Você sabe dos Cadeados?

— A Reia me atualiza das novidades.

Ah!

Boone se inclina para perto de mim.

— E a gente ainda não sabe como o Cadeado de Hera mudou pra ficar tão letal assim.

Acho que nunca mais vou fechar os olhos e pegar no sono sem relembrar da imagem da minha eu do futuro com a garganta cortada.

— Então é melhor a gente agilizar isso aí.

78

O CADEADO DE HERA

LYRA

— Você entrou no Cadeado de Hera...

— A gente já sabe as regras — interrompo a deusa diante de nós. — Vamos testar nosso senso de otimismo lutando contra monstros enquanto somos guiados por estrelas que não conseguimos ver. — Foi isso que mudou. O teste de otimismo não é mais com partos. — Vamos logo com isso.

Vinte e duas.

Boone e eu já passamos por esse maldito Cadeado vinte e duas vezes. Essa é a vigésima terceira. E já adianto que, entre lembrar e não lembrar as versões anteriores da minha vida... escolheria *não* lembrar.

Porque, nas vinte e duas tentativas anteriores, um dos dois sempre morre e redefine o tempo. Se bem que pelo menos isso não significa repetir nossa vida inteira, ou, para os titãs, os últimos cento e cinquenta anos. Redefinir o tempo no meio do jogo em vez de no início até que não é de todo ruim. É tipo um superpoder.

A questão é que morrer dói pra caralho, na maioria das vezes. Ou ao menos nas mais de dez vezes que aconteceu neste Cadeado específico. Agora entendemos em primeira mão qual a graça de lembrar de *todos* os momentos. Cada fim horrendo — seja por causa de fogo, afogamento, evisceração, degolação. Para ser sincera, eu devia era parar de listar. E o pior de tudo: ver Boone morrer. De novo e de novo e de novo. Vê-lo despencar e morrer na Provação foi o mais terrível, e agora tenho mais lembranças como essa. A

única coisa preservando minha sanidade é saber que a redefinição vai salvá-lo. Ainda assim, acho que esses momentos, essas lembranças reais, me assombrarão para sempre.

A irritação está nítida no belo rosto da Hera. Como todos os outros pedaços das almas de deuses e deusas aqui embaixo, a não ser pela Héstia, ela é toda consciente e verossímil.

— Pois bem. — É só o que ela diz.

Quando ela agita a mão, volto a trajar a roupa esportiva que Deméter me deu, com Boone vestindo algo parecido, e aparecemos no convés — é mais um telhado do que um convés — de uma trirreme. Aprendi bem mais do que queria sobre esses navios de guerra antigos, que são operados por três fileiras de remos sob a cobertura plana e semelhante a um telhado na qual estamos. Os remos conseguem nos conduzir mais rápido ou nos desacelerar e operam sozinhos no Cadeado, então ao menos não tenho que lidar com a culpa de usar pessoas, mesmo que não sejam de verdade.

Só tenho tempo de me lembrar de não murmurar, e então uma onda se aproxima pela lateral e tromba na gente, inclinando o navio em um ângulo que me faz perder o equilíbrio e gritar enquanto saio deslizando pelo convés sem amurada.

Antes que eu caia no buraco ali no meio, que leva para as fileiras de remos lá de baixo, um braço me segura pela cintura e me faz parar de súbito. Mesmo com a violência da tempestade e as ondas se agitando ao redor, ouço o grunhido do Boone e, ao levantar a cabeça, vejo que ele conseguiu pegar um pedaço da corda pendurada do mastro central.

— Deve ter doído! — exclamo quando nos levantamos.

— Depois esquento com isso — diz ele, antes de sair correndo.

Sabemos o que temos que fazer. O plano.

Boone segue para o timão na popa do navio e lá desce meio nível, se enfiando debaixo do convés. Só a cabeça e o tórax ficam à vista, enquanto ele segura o leme e tenta mudar a direção da embarcação. Já tentamos deixar essa função comigo, mas não tenho tanta força com esse tipo de clima.

Por isso, corro para a proa e fico atrás da figura de proa, que é um objeto grosso, curvado e com entalhes elaborados no formato

de cabeça de pavão. Eu sei porque já vi da água. Uma das vezes que morri foi tomando um golpe de bico de pavão na têmpora.

Eu me amarro à figura de proa com a corda, deixando um espaço para conseguir me mexer e olhar ao redor quando for preciso. Não olho para a água. Ainda não. Em vez disso, inclino a cabeça para trás, olhando para as nuvens, esperando por qualquer palinha das estrelas.

— Por que o teste deste Cadeado não podia ser identificar uma nova constelação? — resmungo comigo mesma. Não pela primeira vez, aliás.

Não participei desse Trabalho da Provação em específico porque estava me recuperando depois que o autômato de Hefesto quase me matou, mas foi o Trabalho de Hera e pareceu o menos violento. *Teria sido tão legal*. Talvez até o trabalho de parto fosse melhor do que isso. Quem sabe? Mas não, a rainha dos deuses (que ora é rainha, ora não é rainha) tinha que remodelar o Cadeado para deixá-lo brutal logo agora. Está na cara. Ou a esta altura já teríamos terminado.

Ali.

Um pequeno espaço nas nuvens, só o bastante para ver as estrelas em formato de um "w" preguiçoso que compõem a constelação de Cassiopeia. A versão moderna, aliás — não me pergunte como, eu não ligo.

Só ligo para o fato de que Hera me mostrou a direção que devemos seguir.

Manter Cassiopeia bem à frente.

Contanto que façamos isso... nada de monstros.

E lógico que já estamos desviando da rota.

— Direita! — grito para Boone.

Como provavelmente ele não consegue ouvir por causa da tempestade, faço um gesto com o braço todo, esticando a mão e apontando para o ângulo a ser seguido.

O que não faço é me virar para ter certeza de que ele me viu. Nem quando passa mais tempo do que o ideal para o navio fazer a curva. Não dá pra ser exatamente rápido quando se tem que lutar contra ondas revoltas e agitadas pela ira de uma deusa. Não sei se a Hera tem o poder de manipular mares e tempestades que ninguém

nunca soube ou se ela pediu uma mãozinha para Zeus e Poseidon ao desenvolver este novo Cadeado. Não importa. Já cometi o erro de desviar o olhar do mar uma vez. Em vez disso, mantenho o foco na água à frente e nas laterais.

— Que monstro vai ser agora? — comento comigo mesma ou, talvez, com o fantasma da deusa que tudo observa.

Nem sempre o Cadeado de Hera nos concede as mesmas estrelas, destino e monstros. Alguns se repetiram, outros, não.

Sempre uma aventura com o Cadeado dela. É quase impossível bolar um plano.

Lá nas profundezas, identifico: um borrão, tudo é muito rápido, mas estou quase certa de que vejo tentáculos.

— Abaixa! — berro.

No mesmo instante, caio de barriga no convés, bem na hora em que um dos tentáculos corta o ar acima.

O Cadeado nos mandou a lula gigante outra vez.

Parece que a Hera gosta desse monstro. Júlio Verne deve ter sido um discípulo da Hera, porque a lula está coberta de escamas verdes e reluzentes que juro serem feitas de esmeraldas de verdade, saída direto das páginas de *Vinte mil léguas submarinas*. Com algumas... modificações.

Não vejo os apêndices tipo dedos nas pontas, mas sei que estão ali. Para segurar. E estrangular. E puxar para tão fundo debaixo d'água que, mesmo que me solte, eu jamais conseguiria chegar à superfície antes de sufocar. Tudo isso com um tentáculo só, enquanto usa os outros para se movimentar pelas águas de um jeito ridículo de tão veloz.

Não vejo o Boone. Ele só pode estar na pequena cavidade do convés, e espero que não tenha deixado o timão à própria sorte. Se voltarmos à rota, o monstro vai embora. Se continuarmos desviando do caminho, mais aparecerão.

Tem um motivo para toda civilização antiga ter temido os próprios monstros dos oceanos e mares.

Hera deve ter pegado emprestado alguns desses temores.

Como os tentáculos não cortam o ar de novo, com cautela me levanto e percebo Boone fazendo a mesma coisa. Olhamos a estibordo, e é quando vejo melhor a criatura que nos ataca. Só um

vislumbre antes que ela chispe, atravessando o mar em fúria, embora eu possa jurar que a boca em forma de bico sorriu para mim.

Olho para cima, mas as estrelas estão encobertas.

A coisa nos deixou em paz? Ou foi buscar um amiguinho?

— Tem mais um! — grita Boone.

Ao menos acho que é isso que ele grita.

Não respondo enquanto foco nos céus. O quanto desviamos da rota? Com sorte, Boone conseguiu nos manter ao menos perto do caminho certo.

Dou uma suspirada de alívio quando outro espaço surge entre as nuvens. Cassiopeia... Estamos seguindo direitinho até ela. Assobio e faço um sinal de joinha bem no alto para ele ver. *Permanecer em curso*. É nosso sinal.

Um assobio penetrante em resposta, mais alto que o meu, é nossa versão de "entendido" da época de ladroagem.

Não vejo a onda errante se aproximando até nos atingir, e tenho que me segurar firme para não ser carregada. Mesmo com as cordas, seria preciso muito esforço físico para eu voltar ao navio, e agora que estamos fora da rota mais uma vez, tem outro monstro vindo. Já fui isca, pendurada em uma corda para ser mastigada por várias fileiras de dentes neste pardieiro.

Não pretendo passar por isso de novo, não.

Quando a embarcação se firma, sinto que os remos de um lado estão tentando nos fazer voltar à direção da constelação. Ao menos Hera nos deu uma vantagem: o navio trabalha a nosso favor, não contra.

Não endireito a postura de todo, só o suficiente para olhar pela lateral do convés, aguardando a próxima coisa a nos atacar e na torcida de ver uma característica bem específica.

Um único chifre.

79

FAZENDO DIREITO

LYRA

Boone não amou o plano, mas argumentei que deve haver um motivo para o monstro com chifre ser o único que vimos toda vez que estivemos no Cadeado.

Não acho que sejam as estrelas a chave deste Cadeado. Acho que as estrelas são uma distração, um engodo, o jeito da Hera se certificar de que o que quer que entre aqui fracasse. Porque é impossível guiar o navio com base nas estrelas. Os monstros não atacam contanto que sigamos a rota, mas não tem como seguir a rota.

E conheço tanto essa deusa que sei o quanto ela é ardilosa e jamais seria injusta sem um propósito específico. É só lembrar de como ela usou um dos dons para proteger seu campeão, Amir, na Provação. Qualquer um que mexesse com ele acabaria tendo que lidar com o carma em cêntuplo. Foi brutal e acabou matando a avó do Dae-hyeon? Foi. Teve um propósito e foi não apenas violência sem sentido? Teve, sim.

Também vamos acabar encontrando o propósito deste Cadeado.

— Ali!

Desta vez, olho para Boone apontando para a popa. É triste que, ao ver do que se trata, minha primeira reação seja alívio? Porque já enfrentamos esse algumas vezes e demos conta.

Um kappa.

Em geral, é encontrado em rios e lagos no Japão.

Tanto Boone quanto eu corremos para a cobertura do convés e fazemos uma reverência formal. A criatura parecida com uma tartaruga faz o mesmo, entornando água do recipiente na sua cabeça — um gesto que parece enfraquecê-la, mas acaba nos afastando. E eu salto para a plataforma um pouco mais abaixo.

É quando vejo.

Sério, todos os autores clássicos se inspiraram na Hera? O Melville deve ter tido pesadelo com um desses aí quando escreveu *Moby Dick*. Uma fera branca enorme emerge da água à frente. Da testa se projeta um chifre espiralado com uma ponta afiada e terrível, e sei por experiência própria que parece fogo quando perfura a barriga antes de nos partir ao meio.

Basicamente, um narval demoníaco e colossal.

São duas tentativas para eu conseguir assobiar, porque o medo está paralisando minha boca. O segundo assobio soa alto demais por puro desespero, e aponto.

Aí me seguro quando o navio segue para cima do monstro. Com sorte, estou prestes a ser mais esperta que o Capitão Ahab com a baleia branca.

Com uma velocidade descomunal, o monstro vem na nossa direção, formando um feixe espumoso por entre as águas revoltas. E Boone, seguindo meu dedo apontado, faz o possível para nos manter na direção da criatura. Toda hora perco o narval de vista graças às ondulações e o topo do mastro entre nós, mas estamos em rota de colisão.

De propósito.

— Firme — digo, entre dentes, mantendo o foco na criatura e a mão apontada na direção exata. — Firme.

Então, focando nas ondas, torcendo para estar certa sobre a velocidade com a qual o navio vai se virar seguindo a correnteza, abaixo a mão e assobio o sinal de “Agora!”.

E nos viramos.

Os remos acompanham a moção. Uma lateral para enquanto a outra vai girando para trás. As Moiras devem estar ao meu lado hoje, porque a força das ondas nos impele e o navio se inclina com força.

Bem para a rota do monstro.

A criatura avança muito rápido, planejando repetir o que já fez e nos atingir bem de frente. Por duas vezes, basicamente, a coisa partiu o navio ao meio. O narval não percebe o problema até ser tarde demais, e quando colide com a gente, em vez de partir a embarcação, acaba nos empalando. O chifre atravessa os buracos dos remos, entrando por um lado e saindo pelo outro.

O navio não se estilhaça como antes. Ele fica preso ao chifre comprido.

Puta merda! Funcionou!

Boone e eu logo descemos para a cozinha de bordo. Prendemos o chifre ao navio com as cordas que conseguimos alcançar rapidamente.

A água se infiltra pela parte de cima e pelas laterais, e a fera se debate e urra, e arfo quando quase sou arremessada para os níveis inferiores sob o convés. No entanto, pela segunda vez, um Boone sério me segura pela cintura e me impede de cair.

— Isso não foi uma boa ideia — berra ele, com a boca ao lado da minha cabeça.

Provavelmente, tem razão.

— A gente tinha que tentar.

Outra enxurrada de água entra pelos buracos dos remos, com tanta força que somos os dois jogados para trás. Por sorte, é na direção da parede, e não da queda livre.

— Nada! — orienta Boone aos berros.

Seguimos contra a torrente para a parte mais protegida perto do leme. Boone tem que nos segurar algumas vezes, me envolvendo com o braço e segurando firme sempre que possível. Por fim, conseguimos subir e espiar por cima da cobertura do convés.

Sorrio. E talvez até solte uma risada maníaca.

— Tá funcionando.

A criatura enorme não consegue se soltar com facilidade, e o navio é tão grande que, a menos que quebre — o que é possível —, não dá para ser afundado. E tudo isso é de propósito, porque estou bem certa de que o desgraçado salino vai nos fazer bater no...

Aponto, com espanto.

— Ali! O farol.

Nosso destino. Se chegarmos a terra firme, ganhamos.

— Cacete! Nem acredito! — murmura Boone com um sorriso, se parecendo muito com o pirata que sempre o imaginei sendo.

Ficamos ali pelo máximo de tempo que a coragem permite, mas não podemos estar no navio quando bater. Nossas formas mortais frágeis do momento não sobreviverão.

— Vamos! — chama Boone.

Ele me segura firme, e seguimos para as plataformas superiores.

Quando estamos a postos para pular, próximos à beirada, olhamos para o farol, que fica cada vez maior com a proximidade.

Ainda não, penso comigo mesma.

— Ainda não — comenta Boone um segundo depois.

Ele também me segura com mais força, como se temendo que eu não lhe dê ouvidos.

Boone é mais alto e consegue ver melhor, então lógico que vou lhe dar ouvidos. Ainda que meu coração esteja batendo tão depressa que tenho medo de ele sair do peito.

— Bora! — exclama Boone.

Mas, antes de eu pular, ele envolve meu corpo todo com o seu, me erguendo do convés e saltando por nós. Aí nos vira no ar para que acerte o mar primeiro, aguentando o grosso do impacto na água. Deve ser que nem colidir com cimento.

Só sei que escapo dos braços dele e vou quicando como uma pedra pela superfície da água.

E, de alguma forma, vou indo até chegar à base do farol.

Uma onda enorme quebra à esquerda, e o navio explode contra a terra firme com um som horrendo de madeira se dilacerando. Não olho. Nado.

Nado para chegar à costa tão perto. Rochedos amontoados. Por favor, que isso não signifique que tenho que pisar na terra firme. Só tocá-la.

Aí o vejo.

A criança.

Quando os titãs nos mostraram o mapa dos sete Cadeados, o símbolo esculpido no de Hera era uma criança bizarra, e ali está ela. O cabelo loiro quase branco cacheado na cabeça e o raio zumbindo pela pele.

Zeus?

Ela colocou uma versão criança do Zeus aqui?

O menino ergue os braços acima da cabeça, o relâmpago passando de mão em mão, e percebo a intenção dele.

Nado com mais vigor, abrindo caminho pela água, lutando com tudo o que tenho, esperando pelo momento em que ele vai me eletrocutar até a morte ou outro monstro vai emergir das ondas e me matar de outro jeito.

Quando minha mão toca a pedra sob a superfície, no começo nem percebo o que estou tocando. De repente, não estou no oceano revolto, e sim deitada em um piso de pedra liso, encharcada e espalhando água por todo lado.

— Caralho, Lyra Piradinha! — Boone grunhe ao meu lado, usando meu antigo apelido para variar. — Que plano de merda!

Viro a cabeça e o vejo também deitado, olhando para o nada acima, com os joelhos dobrados e as mãos na barriga, que sobe e desce com a respiração pesada.

Ofegante, franzo a testa, olhando ao redor.

— Funcionou?

As redefinições nunca nos trouxeram para cá antes.

— Muito esperto — intervém a voz da Hera por entre os sons da nossa respiração pesada. — Parabéns. Vocês destrancaram meu Cadeado.

A porta lá na ponta se abre com uma lufada de ar, deixando o calor do Tártaro entrar. A celebração que vem dos titãs aguardando do outro lado é aos sussurros por causa do maldito Pandemônio, mas mesmo assim a sensação me acerta todinha. O fato de que até a Tétis sorri. Com a emoção enrubescendo as bochechas, diz tudo.

Conseguimos!

Conseguimos, porra. Achei mesmo que levaríamos outros cento e cinquenta anos de mortes dolorosas para conseguir vencer esse.

Olho para Boone, e começamos a rir, tentando conter o barulho. Estamos muito exaustos para fazer qualquer outra coisa.

— Graças aos deuses... — murmuro entre um ofegar e outro.

— Já não era sem tempo, hein, porra — diz Jápeto.

E, talvez pela primeira vez na vida, abro um sorriso para esse babaca.

80

ACORDA

LYRA

— Lyra! — Alguém está sacudindo meu ombro. — Lyra! — sussurram em meu ouvido.

— Vaza... — murmuro, acho.

Apesar do meu processo divino de cura, o Cadeado de Hera me castigou sem dó. Mais mentalmente do que fisicamente, mas ainda assim.

— Lyra! — A pessoa não vai me dar paz.

Abro um olho, a visão embaçada, e vejo Febe debruçada por cima de mim, segurando o cabelo comprido e sedoso para não cair na minha cara. A ansiedade na sua expressão se ameniza quando me mexo.

— Ai, que bom, você acordou!

— Não é que acordei? — respondo, de maneira enfática.

Parece que ela não nota meu mau humor.

— Vem comigo. — Ela ainda sussurra.

Eu me levanto, passo pelo cômodo cheio de titãs adormecidos e saio para o corredor. Giro o ombro rígido e estico o pescoço.

Febe me deixa ali e volta lá para dentro. Quando aparece de novo, é com o Boone. Acho que agora sei do que se trata, mas ainda pergunto:

— O que...

Ela leva o dedo à boca, então gesticula para que a sigamos. Não andamos muito, só fazemos a curva e paramos ao ver uma nova fenda temporal ali pairando como se estivesse me aguardando.

Olho para Febe, que muda o peso de um pé para o outro.

— Como você sabia?

Ela dá de ombros.

— Às vezes, sinto elas.

Que interessante.

Troco um olhar com um Boone amarrotado de sono, que está acordadíssimo já. Atenção de ladrão.

— Tem certeza de que quer...

— Você não vai me convencer a não ir — insiste ele.

— Nem a mim.

Nos viramos ao ouvir a voz da Perséfone, e ela está ali na curva. Deve ter nos seguido.

Boone lança um olhar assassino.

— Volta pra cama.

Ela ergue o queixo, teimosa, de repente me lembrando eu mesma.

— Não. Não são só vocês que precisam de respostas.

Boone não cede.

— Não...

— Você não manda em mim.

Ele cruza os braços.

— Você já passou por um bocado de vidas passadas.

Suspiro.

— Tô bem cansada de vocês dois ficarem nessa em vez de conversar e resolver esse rolê.

Os dois giram a cabeça e me olham na mesma hora. Aí Boone lança um olhar pensativo à Perséfone, que retribui erguendo as sobrancelhas.

— Depois — declara ele.

— Ah, tá, aham — resmunga Perséfone.

A rainha do bom humor sabe resmungar.

Gosto um pouco mais dela depois disso. É difícil confiar na perfeição.

Enquanto isso, a fissura do tempo fica paradinha, como se aguardando nossa decisão. Não tem como essa coisa *não* estar sendo controlada por alguém ou algo.

— Eu vou — insiste Perséfone. — Talvez dê pra eu ajudar.

— Você não tava lá — explico com gentileza. — No meu passado. Não que eu tenha visto. E acho que, se o Hades tivesse te visto, as coisas teriam sido diferentes.

Ela alterna o olhar entre mim e Boone.

— Achei que você fosse ficar do meu lado — sussurra ela. Aí fica calada por um tempo, e percebo quando a realidade se impõe e ela se encolhe um tico antes de completar baixinho: — Tá bem.

Como se mal pudesse esperar para ficar longe dela, Boone segura minha mão e me puxa em direção à fenda.

Vou primeiro.

Mas, logo que entro, ouço Boone grunhir, e aí ele some. Sem estar me segurando. O silêncio e a pressão tomam conta, e quando o som volta e minha vista fica nítida, ele não está mais comigo.

Tenho que conter o espanto quando vejo onde estou. De algum modo, consigo não emitir nenhum sonzinho enquanto observo, horrorizada, a porta aberta à minha frente.

Estou na frente do meu quarto na casa do Hades no Olimpo. A Lyra do passado está na cama, dormindo nos braços do Hades.

Não tenho nem que ponderar quando é isso, mas não lembrava de ele estar ali comigo. Lembro de fazer amor no jardim das águas no Érebo. Lembro de acordar na manhã seguinte sozinha na minha cama gelada. Mas não dessa parte. Não dele.

A última peça do quebra-cabeça se encaixa.

Uma vez ele me disse que eu o orientei a partir meu coração. Lá no início, naquela viagem à noite depois do Trabalho de Atena, quando gritei com ele antes de saber o que estava acontecendo.

Ele me falou. Eu que o mandei partir meu coração.

Tem que ser agora que faço isso.

Faço uma careta para a porta de madeira pintada de preto, pensando em como lidar com isso, considerando que a Lyra do passado está envolvida.

Não sou astrofísica nem especialista em viagem no tempo, então não faço ideia se ver minha eu do futuro vai fazer minha eu do passado entrar em parafuso, ou se vai criar paradoxos catastróficos ou talvez um tipo de fenda espacial no tempo. Mas, no mínimo, tenho certeza de que vai fazer o tempo se redefinir, porque, depois

que a Mnemosine me mostrou como funciona, agora acho que a mente de ninguém dá conta disso.

Entretanto...

Sei que nunca me vi vagando pelo quarto. É a única razão para eu tentar isto. Estou presumindo que a Lyra do futuro também fez isso com a Lyra do passado.

Abrir mais a porta é fácil. Hades mantém as dobradiças bem lubrificadas. Ou talvez a casa de um deus não vá ter as mesmas questões de muitas casas mortais, que envelhecem e se deterioram. Não teriam essa coragem. É algo que vou ter que descobrir depois, com sorte quando eu descobrir como sair do Tártaro. Enquanto isso, tenho umas habilidades de ladroagem na manga, e entrar e sair dos quartos em silêncio é uma delas.

Por que eu tinha que descobrir essa informação tão tarde?

Poderia ter dito isso a Hades antes e não ter que colocar minha vida e meu futuro para depender desse quiproquó enrolado que mais parece uma comédia romântica de qualidade duvidosa.

Assim que abro a porta, fico de quatro e vou engatinhando quarto adentro até chegar ao lado da cama em que Hades está. Prendendo a respiração, e com o máximo possível de cuidado, ergo a cabeça para ter certeza de que é ele.

Ele está deitado de lado, de costas para mim, acho que com o braço envolvendo a barriga da Lyra de forma possessiva. Parece que lembro do peso dele, do conforto da sensação naquela noite. Seu corpo todo envolve o meu daquele jeito protetor... possessivo... bem como acho que minha versão do passado gostaria de ter se sentido antes de ele destroçar seu coração.

Está tão... relaxado. Dá para ver nos ângulos do corpo, na qualidade da respiração profunda. E não acho que seja só por causa do sono. Da forma como abraça a Lyra do passado, é como se o único jeito de ele conseguir dormir fosse comigo nos braços.

Não consigo evitar suavizar a expressão, e fico com o corpo meio mole com a imagem.

Bora, se mexe, Lyra.

Preciso acordá-lo de um jeito que ele não desperte no susto ou, pior, entre no modo defensivo. Porque isso com certeza vai acordar a Lyra.

O que não pode acontecer.

Mas não acho que sussurrar com delicadeza no seu ouvido vai deixá-lo menos na defensiva. Mordo os lábios, ponderando, mas só tem uma coisa que acho que dá para fazer. A pergunta é: o deus da morte vai se permitir ser teletransportado por alguém sem aviso nem permissão? Quero dizer, só o fato de que consegui entrar aqui na surdina sem ele notar já é um grandessíssimo milagre.

Tenho certeza de que estou prestes a irritá-lo pra caramba. Com sorte, ele vai perceber quem eu sou antes de me matar.

Beleza. O teletransporte.

Analiso o jeito como Hades está dormindo, tentando decidir em qual parte do corpo segurar. Não quero que me escape enquanto nos teletransporto. Por infelicidade, virado para o outro lado assim, só as costas largas se apresentam como possibilidade. Seria melhor que eu conseguisse pegá-lo pela mão ou pelo pulso. Até um tornozelo serviria, mas está debaixo da coberta.

Merda.

As falhas no plano ficam cada vez mais aparentes.

Então anda logo, *Lyra*.

Quanto mais tempo eu ficar aqui, pior é para nós três. Minha melhor chance é segurá-lo pelo pescoço com firmeza. Talvez seja melhor tocá-lo com ambas as mãos, só para eu não o deixar escorregar sem querer.

Para me aproximar, tenho que me levantar e fico ali no escuro pairando sobre nossos corpos em repouso. Devagar e em silêncio, aproximo as mãos da nuca dele e estou tão concentrada em não fazer barulho nem encostar na cama que não percebo até que a mão grande me segure pelo pulso de repente, e nos teletransportamos na mesma hora.

Quando aparecemos em outro lugar, logo sou girada e puxada com força contra ele, com minhas costas contra seu peito. A mão segurando meu pulso passa pelos meus ombros e o outro braço envolve minha cintura, me segurando firme.

— Como você ousa chegar perto do que é meu?

81

EM TEMPOS DE DESESPERO, MEDIDAS DOIDAS

HADES

A mulher que se esgueirou para dentro do quarto da Lyra enquanto dormia nos meus braços estremece contra mim.

— *Sou* sua. Sua rainha.

É a voz da Lyra.

Solto um resmungo de choque e a viro para mim, segurando seus ombros. Analiso-a, mas é o cabelo comprido, em vez de curto, que me informa com quem estou lidando.

Minha mente trava em uma parte, as palavras que ela usou enfim se infiltrando pelo choque que nem dardos, e tudo ao redor fica nítido, quente.

Porque a levei para a cama — a Lyra do presente. Havia prometido a mim mesmo que não faria isso. Era muito mais fácil me ater a essa determinação quando ela não estava por perto o tempo todo.

Não consegui.

Mas está feito. Não vou magoá-la ao afastá-la de novo.

Uma vez, a Afrodite me disse que há equilíbrio no universo. Que a profecia a mim atribuída, os poderes sobre a morte e a responsabilidade séria, seriam equilibrados com algo igualmente doce um dia.

Estou torcendo pra porra que a Lyra seja o doce.

Quem espera sempre se desespera, mas me atenho à esperança o máximo que posso.

E deve ter sido uma boa decisão, levando em conta a palavra que a Lyra acabou de usar.

— Você é minha... rainha. — As palavras me escapam tanto com um tom autoritário quanto como uma pergunta confusa, com a voz tremendo.

Ela hesita.

Eu a vejo hesitar.

— Vou ser.

Caralho! Ela me assustou. Meu coração já estava batendo, mas aquela pausa fez ele parar.

Aí ela ergue a cabeça e deixa todos os sentimentos transparecerem nos olhos, o verde e o dourado brilhando mais, ficando mais calorosos.

— *Vou* ser, e sou agora, mas só se você partir meu coração primeiro.

O senso de rejeição à frase é tão violento que paro de respirar por um momento. Quando enfim puxo o ar, franzo as sobrancelhas.

— Partir seu coração. Eu não faria isso.

— É por isso que eu tô aqui. Tô te dizendo que você tem que fazer isso.

Eu a solto, abaixando as mãos, tomado pela perplexidade enquanto tento entender por que ela me diria isso. Ela nunca me dá motivos, só alertas ou direcionamentos enigmáticos. Estou de saco cheio dessa porra, cacete.

— Tá aqui pra me mandar partir seu coração?

Ela respira devagar.

— Tô. Vi incontáveis versões do que acontece daqui pra frente nos jogos, não dá nem pra descrever. Mas só tem um jeito de a gente acabar juntos... e vivos... no fim da Provação.

Ela está se contendo. Dá para ver.

— Por quê? Pelo menos uma vez, me diz o *porquê*, Lyra.

Ela fica me olhando, como se tentasse decidir se conseguirei lidar com a resposta.

— Se não partir meu coração agora, e a situação se estender até o fim do Trabalho de Zeus, as sirenas que são parte do Trabalho vão conseguir me ver. Não tem nenhuma versão desse futuro em que

um de nós, ou os dois, não acabe morrendo se você não me magoar agora. Porque tenho que estar desolada e me sentindo indigna de ser amada por causa da maldição para conseguir me esconder delas. Tenho que *acreditar* que você não me ama. Que você me usou.

Desvio o olhar, contraindo e relaxando a mandíbula.

— Tem que haver outro jeito. E se eu te magoar e você não conseguir chegar ao Trabalho de Zeus? Ainda tem o de Atena...

Ela toca meu braço, apertando de um jeito reconfortante.

— Esta sou eu te dizendo pra fazer isso agora. Seja duro comigo. Frio. Distante. Vou conseguir passar pelos dois, mas preciso que a maldição fique intacta.

— Merda! — Dou as costas para ela, passando a mão pelo cabelo, agitado. — Como vou fazer isso depois do que acabou de acontecer entre a gente?

Faço um gesto brusco com o braço.

Ela lembra?

Não posso fazer isso. Se achei que fazer da Lyra minha campeã já era ruim...

Cacete! Se eu soubesse que seria assim, não a teria seguido até a gruta ontem à noite. Será que fiz algo em uma vida passada para passar por tanto martírio? É como se as Moiras tivessem me provocado com ela a vida toda, me obrigado a me apaixonar por ela para viver sem ela, e então ter que magoá-la de novo e de novo nessa competição sádica.

Tudo isso porque ela mesma mandou.

É para foder a mente de qualquer um.

— Olha pra mim — ela diz, com suavidade.

Paro de passar a mão pelo cabelo, abaixo o braço e a encaro.

— Tô dizendo que esta versão de mim aqui é o futuro da mulher na sua cama agora. Tô dizendo que, se você fizer isso, por mais que seja difícil pra você e pra ela, ainda vai ter meu coração no final. Mas o mais importante: ela vai sobreviver aos jogos, e a gente vai estar exatamente onde tem que estar quando tudo acabar.

— Juntos? — pergunto, com a voz tensa.

É melhor que ela responda que vamos estar juntos, caralho.

O sorriso da Lyra nem titubeia.

— Tudo vai acabar acontecendo como tem que acontecer.

O alívio é como estar em queda livre e ser pego antes de se estatelar no chão.

Eu não sabia que o amor poderia ser assim. Ou talvez sempre tenha sabido, porque me apaixonei por ela há muito tempo. A angústia e o êxtase, a confiança e incontáveis dúvidas, e tudo isso atrelado a alguém que, apesar de eu ser rei do Submundo, sempre teve poder sobre mim.

Nunca amei nada nem ninguém como a amo. Passar esse tempo com ela, todos os dias, deixou isso claro.

— Promessa é dívida, Lyra.

Ela morde os lábios.

E a merda é que fico duro na mesma hora ao ver isso, prendendo o fôlego, com o olhar focado em sua boca.

— Acho que sou apaixonado por você desde que era adolescente, quando você apareceu na minha casa na Superfície e falou que tinha fé que eu aprenderia a controlar os poderes, que eu não era perigoso. E, por qualquer que fosse o motivo, acreditei em você.

Não acredito que admiti isso para ela. Mas o jeito como Lyra se anima toda com as palavras, como se não conseguisse se decidir entre sorrir ou chorar, faz valer a pena. E aí a enxurrada de palavras melosas continua.

— O deus da morte e o futuro rei do Submundo com os quatro pneus arriados por causa de um amor à primeira vista. — Bufo, soltando uma risada autodepreciativa. — A Afrodite daria pulos de alegria se soubesse.

Lyra gargalha.

— É. Ela daria mesmo.

Continuo focado no sorriso dela antes de ficar sério.

— Mas agora você tá me mandando arriscar *tudo* isso, depois de passar *milênios* te esperando, depois de ter sido tão paciente e ficar paralisado de medo durante os Jogos da Provação... um suplício que eu não queria te fazer passar e que só fiz porque você mandou. — Passo a mão pelo cabelo de novo. — Agora tá me dizendo pra destruir tudo isso.

Ela dá um passo à frente, e dou um passo para trás. A mágoa transparece nos seus olhos, mas Lyra não insiste mais.

— Preciso que confie em mim. *Vou* ser sua rainha, mas esse é o único jeito.

Fecho os olhos porque não consigo pensar olhando para ela. E talvez, pela segunda vez na vida, eu queria que houvesse um poder maior que eu para o qual orar.

O que faço?

— Se eu fizer isso, quero que você fique aqui — falo devagar, abrindo os olhos. — Preciso ter algo de você a que me agarrar.

Ela engole em seco, balançando a cabeça quase imperceptivelmente.

— Você sabe que eu não posso prometer isso. Não controlo minhas idas e vindas.

— Puta que pariu! Acho que não consigo. A Provação já é ruim o bastante. Mas isso... você tá pedindo muito.

Vejo os olhos dela escurecendo, o dourado quase sumindo no verde. Isso a machuca tanto quanto a mim? Será que ela pensa nisso depois de chispar para onde quer que seja?

Lyra pigarreia.

— Já sobrevivi a isso e sei onde a gente vai parar. Você tem que confiar que essa é a coisa certa a fazer.

— Merda!

Repito o xingamento mais um monte de vezes, a tensão emanando de mim da mesma forma que o bidente vibra ao acertar o metal, sem absorver o golpe, e sim o reverberando em resposta.

Como se estivesse convicta de que não vou afastá-la, Lyra dá um passo na minha direção e fico com o corpo tenso.

No entanto, ela continua avançando, dando um passo e depois outro e outro até tocar meu maxilar.

— O que ia te ajudar a aguentar firme? — pergunta ela, baixinho.

— Por que você não deixa isso de lado? — retruco, já além dos próprios limites. — É por sua causa que uma profecia existe, porque eu ateio fogo no mundo por *você*.

O choque assola meu corpo com as últimas palavras que saem da minha boca. Não foi minha intenção confessar isso. Não queria que ela carregasse esse fardo. Ou talvez estivesse apavorado com a

possibilidade de ela me olhar como o monstro que é para eu me tornar.

Como ela vem me olhando recentemente conforme faço de tudo para afastá-la.

Mas ela não me olha assim. Essa Lyra só sorri.

— Sei que você não faria isso.

— Não tem como você saber disso. Você me assusta pra caralho, Lyra.

— Sei que você não faria isso *porque* eu não ia querer isso.

Não era o que eu esperava que ela dissesse.

— Acha que eu ia querer?

— O que quero dizer é que você sabe que destruir o mundo me magoaria.

Balanço a cabeça.

— Não entendo...

— Eu te conheço, Hades. Você não atearia fogo no mundo porque me ama, e isso me faria mal. Você *nunca* me faria *mal*. Não se pudesse evitar. É por isso que odeia o que tá fazendo com... ela... comigo... na Provação.

Do jeito como a frase me acerta, parece até que as montanhas do Olimpo estão tremendo. Será que fiquei tão focado em protegê-la de mim mesmo, preocupado com minhas reações, que *nunca* considerei isso?

Será que ela está certa?

Quanto mais tempo passamos na Provação, mais meus sentimentos por ela se intensificaram, até eu não conseguir evitar levá-la para a cama.

Esse tempo todo tive muito medo do que ela poderia fazer comigo. Do poder dela sobre mim. Da vontade que tenho dela.

— E se acontecer alguma coisa com você e o mundo te tirar de mim? E se eu não conseguir me conter? E se eles merecerem ser punidos? E se eu fizer isso por sua causa?

Uma sombra passa pelo rosto da Lyra, mas ela abre um sorriso, a certeza dissipando quaisquer que tenham sido os pensamentos soturnos que teve.

— Sempre vão surgir problemas na vida — argumenta ela, devagar. — O que quer que aconteça, prometo que *eu* consigo me

safar. Não preciso que me salve. Só preciso que espere e que me abrace depois.

— Já te esperei esse tempo todo. — O sussurro escapa de mim, mesmo com meu coração batendo de forma dolorosa.

Por muito tempo, achei que deveria ficar longe dela, mas aí percebi que só não... conseguia. Mas isso... essa esperança... é ela que está me dando.

Será que consigo acreditar nisso? Nela.

— O que são só mais alguns segundos — sussurra Lyra.

Consigo dar conta de alguns segundos a mais. Porém, depois de tê-la de forma permanente na minha vida, sem que ela seja arrancada de mim por consecutivas vezes, não sei se conseguiria voltar à espera de anos... de séculos.

Estremeço.

— Só... pensa nisso. E talvez um dia você possa me prometer que vai lutar contra, se a profecia vier a se concretizar. Que vai lutar por mim.

— Cacete, Lyra. Você tá pedindo o mundo.

— Só porque eu sei que você pode me dar — afirma, encostando a boca na minha.

Ela só me dá beijos doces e desoladores. Beijos suaves. Beijos que hesito em aceitar, fazendo um puta esforço para ficar parado. E quase consigo. Porém, quando, soltando um suspiro, ela faz menção de se afastar, não consigo aguentar, e minhas mãos se mexem por conta própria até segurarem sua nuca, se entremeando ao seu cabelo.

Com um grunhido de desespero e desejo, assumo o controle.

Passo direto pela gentileza e pela doçura, substituindo-as por um desejo febril a cada roçar da língua na dela, a cada mordiscada do seu lábio inferior. Na forma como controlo cada segundo e, ainda assim, eu mesmo estou fora de controle.

Com um suspiro profundo, diminuo o ritmo até ficarmos boca a boca, respiração a respiração, apenas um absorvendo o outro.

— Você consegue fazer isso — sussurra ela contra meus lábios. — Prometo. Tô te *mostrando* o caminho. Preciso que tenha fé em nós dois. No *nós* que prometo que a gente vai ser.

Por que parece que ela ainda não está me contando algo importante? Mas não consigo mais lutar. Não quero. Encosto a boca na dela de novo antes de suavizar o toque e encostar em sua testa, os dois se abraçando com força, olhos fechados, sentindo seu cheiro.

E aí vem aquele vazio terrível e infinito com o qual tanto me familiarizei ao longo dos milênios.

Quando abro os olhos, estou sozinho.

PARTE 7
JOGADA DE MESTRE

As Moiras que se fodam. Agora quem dá as cartas sou eu.

82

O CADEADO DE ZEUS

LYRA

Quando abro os olhos, estou no Tártaro... de braços vazios. Acho que fui largada em uma sala qualquer, porque está um breu aqui. Com um estalo dos dedos, as luzes das arandelas iluminam o que é para iluminar, e eu me situo.

É outra sala minúscula. Uma que não sei bem se já vi antes. Assim que abro a porta, um grito irrompe das profundezas dos túneis.

O barulho me faz sair correndo do local, mas não há marcações nas portas deste túnel, então não faço ideia de onde esteja e não tenho como me guiar. Então sigo para a direita, correndo na direção que espero que seja de onde vem o barulho. Não dá para ser muito longe, considerando que consigo ouvir através da pedra grossa.

Outro grito ecoa pelos corredores, e estaco no lugar. O som está ficando mais baixo. Então me viro e volto o caminho todo, passando não só pela sala em que estava como por várias outras portas. Enquanto passo por uma, algo acerta a porta com tanta força pelo lado de dentro que juro que a pedra racha, e aumento ainda mais a velocidade, passando por ali e olhando por cima do ombro enquanto corro.

Nada sai para me caçar.

Por três vezes diferentes, chego a um ponto em que tenho que escolher uma direção, mas só tenho que voltar uma vez depois que os gritos ficam mais baixos de novo conforme avanço. Estou tão

focada em correr que quase passo direto pela origem. Contudo, o movimento de corpos do outro lado de uma porta aberta chama a minha atenção.

Chocada, paro entre os batentes da porta e tento discernir o caos lá dentro. Levo um tempão para entender e distinguir o emaranhado de corpos, pessoas, palavras e gritos. E aí enfim vejo Boone.

É *ele* quem está gritando.

Meu coração dispara com violência, e não é por causa da corrida. Nunca ouvi Boone gritar assim.

Ninguém percebe quando me enfio no local, tentando ver melhor. Quase lamento ter feito isso quando vejo o problema. Ambas as pernas do Boone estão quebradas na altura do fêmur, com os ossos expostos como lâminas pontiagudas, as partes inferiores das pernas molengas, e o resto do seu corpo todo... errado.

Coloco a mão na boca ao sentir a ânsia de vômito, respirando pela boca em vez de pelo nariz, tentando não cheirar o sangue dourado dos deuses. Está por toda parte. Cronos está no chão, ao lado da cabeça do Boone, segurando-o pelos ombros. Hiperião e Céos estão um de cada lado das pernas contorcidas daquele jeito medonho.

Sei o que estão fazendo — tentando restaurar os ossos antes que o poder de cura divina do Boone avance muito. Já vi um exemplo vivo de por que precisam agir rápido: Hefesto. O deus da forja e das invenções tem os pés virados para trás porque se curou depressa demais depois de ser arremessado do Olimpo para a Superfície quando criança.

— Pronto? — indaga Cronos.

— Andem logo! — berra Boone.

Cronos olha para Hiperião e Céos.

— No três.

Aí ele balbucia “dois”. Os dois assentem, compreendendo.

— Um — declara ele. — Dois...

Os três titãs puxam. Com força.

Boone deixa escapar um novo som, estridente e incompreensível, como se a garganta não conseguisse resolver se

quer gritar, grunhir ou vomitar.

Faço menção de colocar as mãos nos ouvidos, mas paro quando vejo Perséfone segurar a mão do Boone e, com a outra, jogar algo nos olhos dele, uma poeirinha. Os sons terríveis cessam completamente quando Boone desmaia, a cabeça caindo para trás, mole, enquanto os titãs seguem tentando consertar seu corpo.

A sala fica bem mais silenciosa, preenchida só com os sons da nossa respiração e das instruções murmuradas entre Cronos, Hiperião e Céos, enquanto agem o mais rápido possível contra a imortalidade. De vez em quando, Perséfone sussurra baixinho no ouvido do Boone. Não dá para distinguir as palavras, mas imagino que seja algo no sentido de assegurar que vão cuidar dele.

Por fim, um estalo duplo irrompe pelo espaço. Não sou a única que se encolhe, mas ao menos as pernas do Boone não parecem mais tão... erradas. Céos se debruça sobre uma perna e depois a outra, literalmente escavando as lesões abertas com os dedos para verificar se os ossos estão alinhados. Ele ergue a cabeça, olha para Cronos e assente.

Jápeto está de pé perto da cabeça do Boone. Primeiro, passa a mão pelos olhos dele e sussurra palavras que não consigo ouvir. Aí ele se volta à pele lesionada, e o fogo da lava derretido escorre da ponta dos seus dedos e cobre as lesões, cauterizando-as.

Não acabaram. Enquanto Jápeto age, os outros estão reconstituindo os músculos do Boone, tentando alinhar tudo o melhor que dá até pegarem pedaços de tecido e atarem pelo seu corpo. Nem vi a Reia rasgando lençóis ali no canto. Lençóis enfeitiçados. Os titãs começam a amarrar os tecidos nele bem firme. Quando enfim terminam, todo mundo meio que fica imóvel e calado, todos respirando fundo depois de tamanha atrocidade.

Percebo que estou ainda com as mãos a meio caminho entre a boca e as orelhas e as abaixo.

— O que aconteceu? O Pandemônio atacou de novo?

Jápeto toma um susto.

— Puta merda, Lyra.

Todo mundo meio que fica parado até se virar para me olhar, com expressões distintas que não consigo absorver totalmente por

causa do choque do que acabei de ver. Até a Tétis e a Mnemosine, atrás de mim, parecem surpresas por eu estar aqui.

— De quando você veio, cacete? — indaga Jápeto, limpando as mãos na camisa, o dourado se misturando aos amarelos do desenho, mas deixando rastros sobre outras porções de cor.

Antes que eu consiga responder, Perséfone se levanta, empurrando os outros para se aproximar de mim.

— Eu te digo o que aconteceu. O Boone resolveu abrir o Cadeado de Zeus sozinho.

Quê? Olho para Boone, cujo peito sobe e desce em ritmo constante, embora ele ainda esteja desmaiado.

— Por que ele não me esperou?

— Porque você... — Perséfone agita bem os braços, quase me golpeando. — ... resolveu sumir por uma semana. A gente não sabia quanto tempo mais ia demorar.

Uma semana? Foi uma noite no máximo. Como aqui faz uma semana?

— Isso não é justo.

Não é como se eu tivesse escolha de quando o tempo me traz de volta.

— Justo? — Ela me cutuca no peito com o dedo. — Quer falar de justiça? Ele quase morreu porque tava sozinho.

Como a frase vem dela — da luz do sol em pessoa que insiste que sou uma querida amiga —, me encolho.

— Falei pra ele não entrar sem mim...

Os titãs já tinham começado a nos preparar para aquele Cadeado. Um teste de admiração e curiosidade, ao que parece — outra correlação forçada. O Cadeado de Zeus nos joga no meio do poder da natureza para superar os quatro elementos: uma erupção vulcânica, um tornado, um tsunami e um terremoto. Mas tem um truque em cada um deles — com Zeus é sempre assim —, esconder se procurar direito, sempre tem um lugar para se esconder. Esconderijos que tendem a se deslocar e se alterar.

Olho para o corpo maltratado do Boone. Ele fez isso sozinho.

Perséfone não acabou.

— Ele teve que ir se arrastando *nesse estado* até acabar.

Então aponta o dedo em acusação para o corpo imóvel dele.

Era de se pensar que, depois de tantos choques em sequência, eu teria me acostumado. Que estaria habituada. Vacinada. Algo nesse sentido. Mas nada disso. Meus ouvidos começam a zumbir, um som baixo e desorientador. Quando enfim some, Perséfone ainda me olha feio. O que aconteceu com a doce deusa da primavera?

— Eu não queria que ele...

— Ele fez mesmo assim. — Ela me cutuca outra vez. A raiva nela é quase mais assustadora do que a raiva na Atena. — Onde você tava? Com o Hades?

— Perséfone... — murmura Reia. — Ela não sabia.

— Não sabia? — Perséfone faz um som de escárnio. — Ela não para de ficar remexendo as coisas. Nunca acreditou que ia conseguir tirar a gente daqui, e agora um homem bom acabou *destroçado*.

A voz de Perséfone falha na última palavra, e ela me dá as costas, mas então se vira de novo para me dar um empurrão em direção à porta.

— Sai daqui.

Outro empurrão. E não sei se é por causa do choque ou da culpa, mas deixo que ela me empurre. E de novo, até eu estar lá fora no túnel.

— A menos que o Boone peça para te ver, você tá proibida de entrar aqui — brada ela. — E mesmo que ele peça, talvez eu diga não.

Apesar de ser feita de pedra, a porta faz um estrondo metálico ao bater, e fico ali completa e absolutamente sozinha no corredor.

Conheço essa sensação.

Não é novidade para mim. A excluída — ignorada ou rejeitada por aqueles com quem tenho que colaborar para sobreviver.

Desde que cheguei aqui, entendi que isso não faz parte da natureza da Perséfone, então com sorte ela vai se acalmar logo. Ainda que gritar e acusar também não sejam da sua natureza. Talvez seja por isso que a angústia esteja apertando meu peito.

Ela tem razão em uma coisa. Era para eu ter estado lá.

Boone vem se concentrando na nossa fuga enquanto venho remoendo isso de tentar ser a marionetista da ruptura no tempo. Não que o tempo tenha me dado escolha quanto a voltar antes.

Mas eu teria voltado se pudesse?

Boone sempre vai ser um dos meus amigos mais importantes e queridos. Não era para ele ter passado por isso sozinho.

— Merda... — murmuro.

Encosto as costas na parede de pedra diante da porta e vou escorregando até me sentar, com as mãos caídas sobre os joelhos dobrados, pronta para esperar.

Pelo tempo que for necessário.

83

LOBO EM PELE DE CORDEIRO

LYRA

Os titãs vão saindo da sala ao longo das próximas uma ou duas horas. Não sei bem quanto tempo faz, porque não é como se desse para contabilizar o tempo aqui.

A primeira a sair é a Mnemosine, que se agacha diante de mim.

— É melhor você ir descansar. Com certeza, você lidou com umas... coisas.

Acho que já diz muito o fato de eu ter me acostumado com a máscara dela falando junto com ela. A titânide está tentando ser gentil, mas do jeito que falou, sei que pensa o mesmo que a Perséfone. Que venho perdendo tempo dando rolê pelo passado — primeiro ao tentar salvar a Isabel, e aí fazendo qualquer coisa com o Hades.

Além do Cronos, os outros não estão muito convencidos da minha teoria de marionetista.

— Tô confortável aqui — respondo.

Não vou sair de perto do Boone. Não quando tenho a escolha de ficar. Mesmo que para eles pareça ser chorar sobre o leite derramado, ele é meu amigo. Quando os outros vão saindo, trocamos palavras parecidas. Jápeto diz que ficar sentada na frente do maldito Boone não vai resolver nada. Quando isso não faz com que eu me mexa, ele pergunta o que vou fazer se o Pandemônio aparecer.

Aponto para a porta.

— Com certeza, a Perséfone vai relaxar a regra pra evitar que eu pire e machuque outra pessoa.

Ele me lança um olhar sério, uma visível ponderação sobre argumentar ou não com alguém tão teimosa. Aí dá de ombros e me deixa lá.

Febe, no entanto, nem consegue me olhar. Céos está com ela e reveza o olhar entre nós duas. Ao menos ele assente para mim antes que os dois se afastem, sem nada dizer. Por fim, lá dentro com Perséfone só restam Reia e Cronos.

Considerando que não eram exatamente fãs do Boone quando ele apareceu aqui comigo, fico surpresa por eles se demorarem tanto. Ao mesmo tempo, porém, comigo ficando sumida por uns períodos e Boone aproveitando o tempo para treinar e lutar para tirar todo mundo daqui, acho que entendo. Além do mais, Boone é esse tipo de cara. De quem todo mundo gosta. Ele conquista até o mais frio dos corações quando quer.

A porta range, e quando levanto a cabeça, vejo Reia e Cronos enfim saindo. Tenho uma visão rápida do Boone, ainda na cama, os tecidos brancos ensopados de sangue, e Perséfone de costas para mim, segurando sua mão.

Os titãs ficam parados ali quando a porta se fecha, e desvio o olhar da porta para encará-los.

— Você se machucou de alguma forma? — pergunta Reia.

Fiquei sentada aqui, reconstruindo muros emocionais ao redor do meu coração, um hábito familiar dos meus tempos de amaldiçoada, e agora rachaduras se formam pelas bordas externas desses muros. Ela é a primeira a me perguntar isso. Tentando não tremer o queixo, nego com a cabeça.

— Obrigada por perguntar.

Reia assente e olha para o Cronos quando ele segura sua mão.

— Vou ficar aqui com a Lyra — informa ele. — O que você quer fazer?

Ela nem hesita.

— Acho que vou com os outros.

Cronos a beija na bochecha, e os dois trocam um sorriso cúmplice até ela apertar a mão dele e se afastar.

Depois que ele observa Reia desaparecer ao fazer a curva no túnel, Cronos se senta ao meu lado, encostado na parede. Estica as pernas à frente, e os pés nas sandálias de couro me chamam a atenção. Não sei por que tenho que conter a vontade de rir ao ver os dedos de um titã de fora.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, e não sei se ele está esperando que eu puxe assunto. Tem muita coisa que poderia contar a ele agora, mas o silêncio entre nós parece... fácil. Não quero rompê-lo.

Quanto mais tempo ficamos aqui sentados, mais sinto os ombros relaxarem, tendo estado na altura das minhas orelhas de tanta tensão sem eu nem notar. Como se só de ficar aqui sentado comigo, Cronos me dissesse que vai me apoiar, que não vai me largar nem me excluir, não importa o tamanho da merda que eu faça. Ao mesmo tempo, ele deixa um espaço entre nós caso eu queira preenchê-lo com palavras.

— Venho pensando no Oceano — declaro por fim.

Não sei bem por que é esse assunto que escolho primeiro. Só saiu. Cronos já sabe que encontrei seu irmão. Contei antes da primeira vez que entramos no Cadeado de Hera, mas desde a ocasião venho pensando mais.

Ele ergue as sobrancelhas devagar.

— O que tem ele?

— Eu devia ter mencionado, mas fiquei muito focada em tirar a gente daqui primeiro. Contei que vocês tão com saudade dele...

Cronos me interrompe com uma risada brusca.

— Daquele traidor maldito? Xingo ele até não poder mais.

Bem o que eu esperava ouvir.

— Aí que tá. Ele sabia que todos vocês o xingam até não poder mais, toda vez que se toca no nome dele. — Suspiro. — Mas como é que *ele* ia saber disso?

Cronos comprime os lábios, observando a porta à frente, com o olhar distante.

— Presumo que tenha perguntado a ele.

Confirmo com a cabeça.

— Ele falou que tem contatos.

Cronos solta um murmúrio pensativo.

— Tá achando que talvez tenha sido ele quem enfeitiçou nossos filhos?

— Faz sentido. — Dou de ombros. — Ele é um titã, mais poderoso que os deuses, e o único entre vocês que não foi trancafiado aqui. E me parece que o único jeito de manter um feitiço dessa magnitude ativo por tanto tempo é ter alguém alimentando o poder do tal feitiço. Talvez até verificando as cercas e consertando os buracos pra vaca nenhuma escapar.

— Boiei aí na parte da vaca.

— Esquece das vacas. — Gesticulo a mão. — Depois desse tempo todo, e com tantos deuses assim... quanto mais penso, o Boone tinha razão quando a gente falou disso. Foi preciso enfeitiçar os outros panteões também. Você era amigo do Odin, né? E do Osíris.

— A gente nunca foi amigo — corrige, devagar. — Mas sim. A gente se conhecia.

— Eles não teriam se oposto a isso? Os motivos pra terem prendido vocês são bem conhecidos e disseminados pelo mundo todo. Se os deuses se lembrassem de vocês direito, teriam refutado essas histórias.

Cronos suspira.

— Tive bem mais tempo que você pra pensar nisso. A única conclusão a que cheguei foi que seriam necessárias várias pessoas se juntando contra nós pra conseguirem executar esses feitiços que você viu. A menos que o Oceano, maldito seja esse traidor, tenha um poder bem maior do que sei que ele tem (e, nesse caso, acho que ele teria usado tal poder pra proteger meu pai de mim), não é poderoso o suficiente pra fazer isso tudo. Não sozinho.

Recosto a cabeça na pedra.

— Mas ele *sabia* das coisas. Tô ficando bem cansada de nunca ver o contexto todo da situação.

Cronos ri.

— Você tem que se atualizar de muitos milênios de informações, Alani. Milênios de conhecimento de que disponho facilmente, e ainda assim não tenho as respostas aos mistérios que você traz.

— Verdade. Você devia ser bem melhor nisso do que eu. — Balanço a cabeça, fingindo estar enojada. — Tô muito decepcionada com a minha experiência titã aqui no Tártaro.

— Infelizmente, a gente não trabalha com reembolso.

— Quero falar com o seu gerente — brado, batendo o punho no joelho.

Sorrimos, embora as expressões logo sumam, e ficamos ali calados de novo. Sem estar ciente do que faço, deito a cabeça no ombro do Cronos. Ele fica um pouco tenso com o contato, mas então relaxa, soltando um suspiro suave que talvez seja uma risada.

Acho que ele dá tapinhas no alto da minha cabeça antes de apoiar o rosto ali.

— Não se preocupa, Alani. A gente vai descobrir as respostas juntos.

— Isso se tiver resposta — argumento.

84

DE TERCEIRA É MAIS GOSTOSO

LYRA

Acho que peguei no sono no ombro do Cronos porque um gritinho me acorda no susto.

Assusta a mim *e* ao Cronos.

— Ouviu isso? — questiono.

— Ouvi. — Ele assente. — Veio lá de dentro.

Em um piscar de olhos nos levantamos, e ele está quase tocando na maçaneta quando a porta se abre de repente e Perséfone aparece.

Perséfone... só...

— Mas que porra...

Ela me pega pela mão, me leva para dentro e aponta para uma fenda temporal pairando ali, quase de maneira ameaçadora, bem em cima do Boone.

— Faz alguma coisa pra resolver isso — ordena Perséfone, e o dedo que está apontando treme horrores.

— Perséfone...

— Sem chiar. — Ela se afasta. — Resolve antes que a coisa leve ele.

— Perséfone... — Seguro seu braço e a viro para mim com um tranco. — Quem foi que fez isso com você?

Perséfone, que franzia as sobrancelhas perfeitas em preocupação, fica muito séria.

— Mentindo de novo, Lyra?

— Não tô mentindo. Tô vendo.

— Tá falando do quê? — questiona Cronos.

— Do feitiço. — Meu poder ainda está ativo desde aquela hora. — Tô falando que ela...

Sou girada e empurrada com força. Com força o bastante para me fazer cambalear para trás. Bem para dentro da fissura do tempo, que me envolve enquanto Perséfone diz:

— É bem melhor quando você não tá aqui mesmo.

E chego bem a tempo de ver... bem... a mim mesma.

Estou na montanha no Olimpo perto do observatório da Hera de novo.

Pela terceira vez.

E essa não é a Lyra lutando na Provação que veio aqui depois do Trabalho de Atena. A Lyra da Provação já foi levada pelos daemones. Essa é a minha versão do Tártaro que já viajou no tempo para cá uma vez. A que perguntou ao Hades por que ele foi tão cruel.

E, assim que minha mente absorve todas essas coisas e foca em onde e quando estou, a minha versão do passado desaparece também.

Sei para onde ela foi — sugada pela ruptura no tempo e devolvida ao Tártaro. Mas é bem diferente ver daqui. Não tem fenda. Nem lampejos cristalinos. É quase como se ela tivesse virado névoa e se dissipado — poeira espalhada pelo vento —, virando nada.

Então essa é a visão.

Assim que ela desaparece, Hades se inclina à frente, colocando as mãos na cabeça como se tentasse proteger o próprio crânio, e a montanha abaixo balança.

Com força.

Atravesso o espaço entre nós e fico de joelhos diante dele, me movimentando mais rápido que a velocidade titã. Parece que Hades não percebe, com os olhos bem fechados enquanto respira. Coloco as mãos em cima das dele, envolvendo seu rosto.

— Tô aqui. Tô...

Não sei se é por causa do meu toque ou da minha voz, mas Hades explode, se afastando.

— Você. — Seu rosto é só raiva. — Cacete, Lyra. Por que você toda hora faz isso?

Eu o olho feio também.

— Já falei que *não* sou eu controlando isso. Tenho tanta escolha quanto você.

Ele não está prestando atenção. Dá para ver porque ele estreita os olhos até virarem frestas prateadas cintilantes. A montanha treme de novo com a força das emoções dele, e uma pontada de medo me atravessa.

— Hades?

— Você me culpa por te machucar quando *me mandou* fazer isso depois que uma você diferente disse que alguém consegue enfeitiçar os deuses. Que alguém poderia me obrigar a fazer coisas com você que eu...

— Eu tava errada — interrompo.

Talvez *errada* não seja a melhor palavra. Tem, *sim*, alguém que consegue manipular os deuses assim. Só que, depois do que já vivenciei, agora sei que não foi essa pessoa a responsável pelo que Hades fez comigo. Desde o início fui eu.

— Sei mais agora do que eu sabia quando te encontrei... um segundo atrás.

Tudo bem. Isso soa tão ridículo em voz alta quanto soava em - pensamento.

Ele não cede nem um pouquinho.

— Como sei que essa é você de verdade, e não um feitiço?

Algo impossível de se provar.

— O que seu instinto diz? Você *sabe* que era eu, e esta sou eu também.

Outro tremor da montanha.

— Merda! — brada, grunhindo, enquanto abaixa as mãos e me dá as costas.

Estou desesperada para abraçá-lo e pedir que acredite em mim, dizer que vai ficar tudo bem, mas não sei disso ao certo. Nenhuma dessas coisas. Além do mais, tenho certeza de que, se eu fizer qualquer movimento para além da minha atual posição de joelhos, talvez Hades me dê um sacode antes de eu conseguir me levantar.

— Me pergunta alguma coisa que só a Lyra saberia — sugiro.

— Isso não ajuda. Porque não sei quais versões da Lyra que vi ao longo da vida são realmente ela ou não.

Ah, é!

— É verdade... — murmuro.

Tem que haver um jeito de eu provar que sou eu. Porque, para ser sincera, estou tão cansada de lutar, pensar e maquinar que parece que minha cabeça vai explodir.

Nada me vem à mente.

Em um gesto agitado, ele passa a mão pelo cabelo, então para e abaixa o braço devagar. Embora siga de costas, praticamente vejo a transição da emoção bruta para o raciocínio frio quando a postura dos seus ombros muda.

— Vamos fingir rapidinho que acredito que é você — declara ele por cima do ombro. — Diz o que preciso fazer, então.

— Quem disse que preciso te mandar fazer alguma coisa?

— Lyra... — A voz dele demonstra que ele está pertinho de surtar.

Suspiro. Ao que parece, tenho que responder para suas costas.

Fico bem onde estou, ainda de joelhos no piso duro.

— Sei que, nas minhas últimas duas visitas, te confundi. — Duas visitas para ele, ao menos. Acho. — E sinto muito. Então tô aqui agora pra dizer pra continuar como tá. Me ajuda a passar pelo Trabalho de Zeus mantendo a maldição intacta. Depois disso, o motivo de você ter precisado fazer isso vai ficar mais claro. E vai...

Eu me contenho para não dizer "valer a pena".

Sei que ele me percebe hesitando, mas não vou completar. Deixo o silêncio se estender. Não dá para dizer que vai haver um final feliz, e não dá para dizer que vai valer a pena. Ainda tenho esperança de que a visão da Febe vai acabar se concretizando e vamos sair do Tártaro. Afinal, faz milênios que os titãs vêm atrelando a própria esperança a essa verdade.

Mas não posso dizer nada disso a ele.

Fico olhando para suas costas, esperando por algum sinal de que acredite em uma fração do que estou dizendo.

Embora agora o tempo tenha se redefinido para depois dos Jogos da Provação, será que isso não importa mais? Mas, de alguma forma, sinto que como o resultado se dá é tão importante quanto o

próprio resultado. Pelos deuses, minha cabeça dói de tanto tentar desvendar esses mistérios. Tenho que seguir em frente como planejamos. Vou bancar a informante do Hades e me certificar de que eu acabe chegando exatamente onde estou agora. Boone também. Não há escolha em relação a ele depois da redefinição.

— De quando você é? — indaga, brusco.

Quando não respondo de pronto, enfim ele se vira devagar e estreita os olhos para mim, o prata tão claro que parece lasquinhas de gelo reluzentes.

Suspiro.

— Não posso dizer.

— Mas você vai ser minha rainha?

Precisa de confirmação do que falei antes? O alívio de enfim poder responder a uma pergunta me invade.

— Vou. Vou ser sua rainha.

Mas o sorriso trêmulo que começo a abrir fica imóvel com a pergunta seguinte.

— Pra sempre?

Mas que porra essa mente afiada dele!

— Eu não... — Quase digo que não vejo o futuro, só o passado, mas isso também é informação demais. — Não vi essa parte ainda.

— Então a gente não tem nada ainda.

Eu sei. É o que mais machuca, a dor sempre ali. Bem onde é para estar meu coração. Porque, se não podemos confiar um no outro, não temos... nada. E, se eu nunca voltar para ele, não temos nada.

Talvez a gente nunca tenha tido nada.

Mas algo em mim se nega a acreditar nisso, e eu respiro fundo.

— Existe, *sim*, um ser por aí que consegue enfeitiçar os deuses como te falei. Isso é verdade. Porém, agora que vi mais coisa, tô certa de que quem quer que seja não sabe que consigo fazer... o que faço. — Ao menos ainda não. E, independentemente de quem esteja me fazendo viajar no tempo, ainda tenho que ser a responsável por fazer tudo acontecer quando chego ao ponto em questão. — O ser não sabe que precisa fingir ser eu pra ter acesso a você.

Hades desvia o olhar, com os muros emocionais que ergueu entre nós dois ainda como arranha-céus feitos de aço sólido.

Engulo em seco.

— Sei que confiar não é fácil pra você, depois do que viu os seres humanos fazerem ao longo desse tempo todo que ficou responsável pelas almas eternas deles. Ou, no caso, considerando o que viu sua família fazer, sendo corrompida por poder, inveja ou coisa pior. — Eu me inclino à frente, apelando para ele com tudo o que sou. — E não tô pedindo que confie em mim de modo indiscriminado. É melhor que verifique se sou eu toda vez. A questão é que eu não sei como facilitar as coisas pra você.

Deve ter algo sobre mim que é tão essencial que só ele saberia. Mas não sei o que é. Alguma coisa que não poderia ser imitada.

Abaixo o olhar, vasculhando a mente em busca de alguma coisa, *qualquer coisa* que possa nos ajudar. E não sei se ele é um predador silencioso pra cacete ou se teletransporta para mais perto, mas de repente Hades está agachado diante de mim, erguendo meu queixo com o dedo para que eu o encare.

— Qual foi a primeira coisa que você me falou na noite em que te impedi de jogar uma pedra no templo do Zeus? Não antes de perceber que era eu. A primeira coisa logo depois.

Fico sem reação, relembrando aquela noite, e aí meus lábios tremem, contendo um sorriso.

— "Acho que um de nós não deveria estar aqui." — Reviro os olhos. — E isso serve tanto para hoje quanto para aquela noite.

Se ele cede ao menos um pouquinho, não transparece nada.

Dou outro suspiro.

— Mas você me viu lá te olhando... a Lyra do futuro, no caso, não...

— Entendi.

— E se tivesse *mais alguém* lá naquela noite, ouvindo? — argumento. — Não me parece um teste muito bom...

Com a velocidade exclusiva de um imortal, Hades se aproxima e encosta a boca na minha em um beijo bruto e exigente.

De imediato, pegamos fogo metaforicamente.

O fogo poderia muito bem ser real, dada a sensação que causa, e suspiro e choramingo ao mesmo tempo, retribuindo o beijo.

Pelos céus do Olimpo, o gosto *dele* — aquele aroma delicioso de chocolate negro e amargo me envolve enquanto nossas línguas se

emaranham e mais choramingos me escapam. Estou quase rastejando para ficar mais perto dele.

Hades solta um grunhido gutural e me puxa para perto até eu estar em seu colo. Com a mente embaçada, percebo que isso é quase impossível, considerando como ele está agachado, mas nem ligo. Meu mundo todo, minha existência toda, está centrado em sua boca, na língua, em cada toque devastador.

Embora eu tenha, sim, a leve impressão de que mudamos de lugar, nos sentando em uma cama em algum luga, não ligo.

Só ligo para a possibilidade de adicionar uma lembrança assim às outras que já tenho dele. De nós dois.

Como um dia — *sequer* — duvidei dele? Não tem como ele fingir essa reação só para continuar me usando.

Hades interrompe o beijo e enfia o rosto no meu pescoço, ofegante, a respiração brusca e entrecortada.

— Lyra... — diz ele, grunhindo contra minha pele. — É você.

85

JÁ NÃO ERA SEM TEMPO, CACETE

HADES

Lyra abraça meu pescoço, me apertando com força.

— Como você sabe?

Solto um grunhido, tão aliviado que a coisa me desorienta.

— Porque, minha estrela... conheço seu gosto, a sensação do seu corpo nas minhas mãos, os sons que você faz. Nem a própria Afrodite conseguiria imitar todas as características que são tão completamente você. Não pra mim.

— Ah!

Ela se encolhe toda contra mim.

— Ficou tímida? — Gargalho perto de seu cabelo. — Você já se entregou a mim uma vez.

— Mais de uma vez.

Respiro com força, abraçando-a mais forte de forma compulsiva. Mais de uma vez. Porque temos um futuro juntos. Todo esse maldito tempo me contendo e magoando Lyra para que ela sobreviva à Provação irrompe como uma represa cedendo.

Preciso dela.

Preciso saber que não a perco.

— Então... seu corpo conhece minhas mãos — falo, baixinho.

Ela treme quando enfio a mão por baixo da sua blusa, alisando suas costas. Eu a provoco com a ponta dos dedos, desfrutando da diferença entre nós — aspereza e uma maciez sedosa —, roçando sua cintura até chegar à pele sensível da barriga. Subindo então,

mas não tão alto quanto ela quer, e descendo o toque, mas não lá embaixo como ela deseja.

E só consigo pensar no quanto preciso disso.

Me perder nela. Em nós dois.

— Hades. — Meu nome escapa dela com um gemido baixinho.

Ela também sente. Conhece todas as partes de nós dois, todos os momentos antes da Provação, a conexão construída com o tempo.

— Eu sei, minha estrela. Eu sei.

Com o braço a segurando pela cintura e a mão ainda acariciando sua barriga, eu nos levanto. Focando o olhar no dela, nos conduzo para trás. Ainda provocando, sem conseguir parar de sorrir. Sem querer parar de sorrir.

E ela retribui com os olhos verdes e dourados tão repletos de confiança, mas também com um vestígio de outra coisa. É como se tentasse assimilar cada detalhe do meu rosto, meu toque, de... mim.

Ela arfa quando a prenso na parede.

Aí, devagar — de um jeito torturante de tão devagar, porque amo como a respiração dela vira pequenos arquejos —, subo sua blusa. Ergo o tecido até lá em cima, com seus braços presos lá dentro, acima da cabeça, e metade do seu rosto coberto.

Minha.

Minha, caralho.

Por um longo instante a deixo assim, com o olhar vagando por tudo que está exposto, e ela estremece, mas está sorrindo.

Encosto o rosto no dela. Tão suave. Tão minha. Cacete...

— Sua boca conhece a minha... — murmuro no seu ouvido.

Mas não a beijo. Ainda não.

Em vez disso, chupo o lóbulo da sua orelha, e ela geme, inclinando a cabeça para facilitar o toque. Só que não aceito o convite. Desço os beijos lentos e tentadores pela sua mandíbula, pairando bem perto da sua boca.

— Me beija — sussurra ela, com um tom autoritário.

Sorrio.

Ela vai ser minha. Minha rainha.

Termino de tirar sua blusa e seguro seus pulsos com uma das mãos, prendendo-os acima da cabeça, e toco sua cintura com a

outra.

— Sabe quanto tempo te esperei? — pergunto.

Milênios. Um tempo absurdo. Uma eternidade do cacete.

Ela desvia o olhar da minha boca para os meus olhos. O dourado já quase engoliu o verde agora que seu sangue ferve, quase transbordando.

Lyra não me esconde uma única emoção, e deixo que ela veja as minhas — tudo o que sou — nos meus olhos.

Desejo. Óbvio que desejo. É tanto calor dentro de mim que a qualquer momento eu poderia virar cinzas. Mas os sentimentos transparentes pairam entre nós, sentimentos que antes não pude deixá-la ver. Concedo tudo a ela agora, sabendo que nosso futuro juntos está próximo, mesmo com o que ela ainda tem que aguentar. Se ela não sobrevivesse, não estaria aqui.

Então mostro a ela. Eu me prendo a Lyra de novas formas. Mostro *tudo* o que sinto.

Vontade. Anseio. Desespero.

Promessas. O mundo.

Mas também cautela, porque mal consigo acreditar que é real esse futuro em que posso mantê-la comigo. De algum jeito.

E debaixo de tudo isso está a paciência, a fé absurda nela, que foi preciso para chegarmos aqui.

— Eu quis você a vida toda. Te amei pelo que acho que foi metade desse tempo. Nem sei quando o amor nasceu. Surgiu em meio às suas visitas esporádicas e confusas pra cacete. E acho que sua maldição não funciona comigo, porque eu já tava apaixonado por você no dia em que tentou jogar a pedra no templo do Zeus.

Ela prende a respiração, arregalando os olhos.

— E agora você tá *aqui*, no presente e sem desaparecer por séculos a fio. Mas não posso... — Minha voz falha, e engulo em seco. — Não posso te ter.

As palavras soam como um rosnado, cheio da minha necessidade, frustração e dor.

Seus olhos verdes e dourados ficam turvos, e mesmo que eu a esteja prendendo com o corpo, morrendo de medo de soltá-la, Lyra ainda consegue me dar um beijo suave de canto de boca.

— Desculpa.

Desculpa.

Ela pede desculpa.

Só consigo ver que é um sentimento real. Sinto isso.

Todo esse tempo passei só... esperando, mas não sei o que ela fazia. Tentei me impedir de imaginar. De me preocupar. Se eu já não fosse um deus, rezaria. Pelos infernos, eu me ajoelharia até para o Zeus se isso significasse que não precisaria mais esperar.

Sobretudo considerando ela ter me lembrado que a forma como reajo à profecia ainda é minha escolha. O principal motivo de eu estar afastando-a. Não resolveu o problema, mas a perspectiva diferente me deu... autorização. Esperança.

Ela me dá outro beijo de canto de boca.

— Obrigada.

Inclino a cabeça, querendo beijá-la, buscando o contato, até assimilar as palavras, e aí paro.

— "Obrigada"? — Minha voz já está rouca. — Pelo quê?

— Por tudo. Por esperar. Por se apaixonar por mim. Por confiar em mim. Por me aguentar. Por tudo.

Que os céus me protejam.

Chego mais perto dela, imprensando-a ainda mais na parede com o corpo todo, pressionando meu pau duro na sua barriga. Ainda assim, me contenho.

— Não quero seus agradecimentos, Lyra — retruco, esbravejando.

E, como sempre faz em vez de me temer, ela sorri.

— Quer o quê, então?

Tudo.

— Sua eternidade, porra.

Seu sorriso oscila. Um pouco só, mas percebo.

— *Mereço* a eternidade com você. — As palavras ainda são um grunhido. — Minha pena já foi muito longa.

Ela não fala nada. Não diz as palavras que quero ouvir. Não me promete nada.

— Você pode me dar a eternidade? — insisto, com um tom duro.

Acusatório.

Enfio a mão em sua calça, dentro da calcinha, e viro a mão até penetrá-la com o dedo.

— Ai, porra... — murmura, já molhada.

Movimento o dedo uma vez, devagar, e paro.

Lyra tenta empurrar com os quadris, mas não a deixo se mexer.

— Você não pode me prometer a eternidade. Não é, Lyra?

Ela me encara.

— Ninguém pode prometer isso.

Como assim? Óbvio que ela sobrevive à Provação, do contrário não estaria aqui agora. Mas me larga depois? Que merda acontece para fazê-la me abandonar?

Prensada como está, só tem um jeito de ela me tocar, e ela faz isso, encostando o rosto no meu.

— O que posso prometer é meu coração, não importa onde nem quando eu esteja. E nada, nem o tempo, nem a morte, nem os céus, nem os infernos, nem mesmo as Moiras, podem tirar isso de você.

O medo e uma possessividade feroz estão guerreando dentro de mim, e fico com o corpo todo tensionado, lutando contra ambas as sensações. O único movimento que faço é com o peito, pressionando Lyra ao subir e descer da respiração. Ela levanta a cabeça devagar, me encarando.

Lyra não recua do que vê em meu olhar. Em mim. Nunca fez isso. Pelo contrário, ela sempre correu em direção a isso.

— Pode me prometer isso? — pergunto com a voz trêmula.

Ela abre um sorriso, deixando o coração transparecer. Tudo nela — a provocação, a fé em mim, a confiança, a necessidade. Todas as palavras que me disse depois que pus fim às Guerras Anaxianas, palavras que na época tive muito medo de ouvir — ainda tenho, para ser sincero —, se assentam em mim de um jeito que nunca mais vou conseguir ignorar.

— Eu prometo — sussurra Lyra.

Minha. Só porque se entregou a mim, como um presente. Minha. Só porque vou me entregar a ela também. Cada parte do que sou. Sem nunca mais conter nada.

— Fica com os braços para cima — ordeno.

Um rubor toma sua pele, e Lyra assente. Não se mexe quando vou abaixando devagar a mão que segurava seus pulsos.

— Tira os sapatos. — Outra ordem.

Ela obedece.

E não dá para mentir: caralho, eu amo isso. Talvez sobretudo porque, em geral, ela não faz nada do eu que mando.

Tiro sua calça e sua calcinha, então levo as mãos às suas costas e retiro o sutiã.

Então, com o olhar devorando cada centímetro do seu corpo agora exposto apenas para mim, dou vários passos para trás. Ergo a mão, e minha camisa é removida em um puxão só. E adoro como seus olhos vagam por meu corpo todo, gulosos.

Tiro o resto das roupas, e assim que o último item cai no chão, me teletransporto, e, quando volto, estou ajoelhado na frente dela. Sorrio, me despindo de todos os medos e dúvidas. Este momento é só nosso.

— Toda rainha devia ser venerada... — murmuro. — Agora... abre as pernas, minha estrela.

Apesar de estar visivelmente trêmula, Lyra logo obedece. Puta que pariu, vê-la se submeter a mim, porque está tão desesperada por mim quanto estou por ela, é a coisa mais deliciosa que já vi. Estou tão duro que cada pulsar do sangue pelo meu pau é quase doloroso.

Assim que ela abre as pernas, caio de boca. De língua. O gosto da Lyra, meu paraíso. Meto um dedo nela, ainda mais fundo por causa do barulho que ela faz. Um dedo. Depois dois.

Ela abaixa as mãos para se equilibrar, se entregando a mim.

Eu a torturo com a língua. Um movimento extremo, com pressão. Absorvo o gosto dela assim como cada gemido, cada tremor, cada impulso dos quadris.

O orgasmo da Lyra é intenso e rápido, pegando a nós dois de surpresa.

Ela geme e tomba para a frente, como se não conseguisse mais ficar de pé. Mas é tão rápido que tenho que usar a velocidade divina para segurá-la contra o peito.

Lyra me observa com os olhos turvos de prazer, as pupilas tão dilatadas que só o dourado cintila ali, as bochechas rosadas e o

corpo satisfeito.

Não consigo conter a risada.

Fazê-la ficar assim.

Sonhei tanto tempo com isso.

— Então é assim que as estrelas ficam ao caírem — provoco.

Antes que ela possa sorrir ou murmurar em resposta — qualquer uma das possibilidades sendo possível —, prendo-a na parede de novo, mais uma vez as mãos acima da cabeça. Mas, desta vez, com a outra ergo uma das suas pernas e a enrolo na minha cintura.

— Fica firme.

Mantendo-a na vertical com a mão segurando seus pulsos enquanto ela me encara com tanto desejo, sinto o calor atravessar meu corpo todo só com esse olhar. Quase fico sem jeito ao me posicionar contra seu corpo.

Aí seguro sua perna, a mão debaixo da sua bunda perfeita, erguendo e...

Lyra joga a cabeça para trás quando a penetro em um movimento longo e preguiçoso, me demorando e puxando seu quadril para baixo bem devagar, num ritmo torturante, como se estivéssemos nos movimentando um em direção ao outro e ao que podemos proporcionar um ao outro.

Não paro até estar o mais fundo que consigo estar no seu corpo, molhado, quente e apertado, com os olhos dela focados em mim.

Solto um grunhido e apoio a testa no seu ombro.

— Paraíso... — sussurro. — E loucura.

Talvez seja por isso que a amo tanto. Porque ela reflete meu reino — céus e infernos —, e meu reino reflete a mim.

Ela é meu espelho.

Feita para mim.

E só para mim.

Então levanto a cabeça e encaro esses olhos lindos que me adoram, enquanto ela faz força com os quadris em uma súplica física inconsciente por mais.

— Quero mais. — Ecoo essa necessidade em voz alta, mas não estou só falando de prazer. — Quero seu coração. Sua alma. Seu destino. Seu futuro. Tudo.

Há um desespero na frase. Consigo ouvir na minha própria voz. Não ligo. Eu arrancaria a minha própria alma se isso significasse nunca mais perdê-la.

— Só se eu tiver você em troca — sussurra Lyra. E meu coração para. — Você por inteiro em troca de mim por inteiro.

Meu coração revive com um júbilo que transborda.

— Feito.

Estalo os dedos, e um laço dourado reluzente feito de luz nos envolve, se entremeando pelos nossos corpos, enquanto começo a me mover, deslizando para dentro e para fora da Lyra.

Aí começo a falar, sincronizando as palavras com o que faço com o corpo.

— Eu, Hades, rei do Submundo e deus da morte, me vinculo a você, Lyra Keres. Tudo o que sou. Por toda a eternidade.

O laço se aperta, como se a estrutura do Cosmos nos estivesse amarrando um ao outro.

E meu coração quase explode com o momento.

Não parece pesado, nem errado, nem que a estou prendendo, atrelando-a ao monstro que se esgueira, implícito. Ela tem razão. Vou encontrar uma forma de driblar aquela porra de profecia. *Por causa* dela. Por causa da sua fé em mim. Mas também por ela.

Estou *criando* uma fé. Estou me comprometendo com a mulher que me amou ao longo do tempo, apesar de quem estou destinado a ser.

Será que ela também vai me conceder isso? O vínculo mágico que estou pedindo?

Continuo movimentando o corpo. Vou fazê-la chegar ao ápice do prazer de novo, vou segui-la com alegria abismo adentro, mesmo que ela não escolha dizer as palavras de volta.

— Só se você quiser... — sussurro.

Ela precisa saber que a escolha é dela.

— Eu, Lyra Keres — murmura ela.

E achei que não era possível, mas meu coração explode de novo.

Lyra está absorvendo cada estocada, cada movimento, cada impulso lento, e me encarando enquanto fala.

— Rainha do Submundo e deusa de todas as coisas de que ainda não se sabe, me vinculo a você. Me dou a você. Me prometo a você,

Hades. Tudo o que sou. Por toda a eternidade... — Ela engole em seco. — Mesmo que a gente seja separado.

Separado?

Tenho profundo desgosto pela palavra.

Ela toca meu rosto.

— Não se preocupa. A gente vai dar um jeito.

O laço de poder e de energia ao nosso redor se aperta ainda mais, bem firme.

— Acredito em você.

Tudo que ela me contou foi verdade. Nem sempre fácil. Na verdade, na maior parte do tempo, foram os piores desafios da minha vida. Mas verdade.

Puxo seu corpo para baixo até ela me segurar nos ombros e agarro seus quadris com ambas as mãos.

— Segura firme, minha estrela.

E aí o laço passa de faixas de luz brilhante a... fogo.

Começa nas pontas, a chama engolindo o rastro que fez pelas nossas peles, e o calor é o que segue. Calor e Lyra. Eu me movimento dentro dela com a velocidade divina, reivindicando seu corpo enquanto o laço queima pela nossa pele.

E o prazer que cresce logo que ambos os calores eliminam tudo que não seja ela... que não seja nós dois.

Até se inflamar por dentro.

Até ela se desmanchar. Engulo seus gemidos com um beijo, grunhindo na sua boca quando o clímax me arrebata — incandescente, indescritível, inefável.

Êxtase.

Ela é *minha*.

86

UM TEMPO EM QUE ERA MÁGICO

LYRA

Quando volto a mim, estou nos braços do Hades, na cama dele — na nossa cama — no Submundo. Dou um suspiro suave.

— Que foi? — A voz do Hades soa divertida atrás de mim.

— Tô vendo o vínculo.

— Quê? — Ele muda de posição, se apoiando no cotovelo para ver meu rosto. — Você consegue ver?

Confirmo com a cabeça.

— Vejo feitiço.

Acho que meu poder se ativou enquanto estávamos emaranhados um no outro.

— Mas isso não é feitiço — argumenta Hades.

Ah!

— Acho que vejo coisas invisíveis, então.

— Você não sabe?

Fico imóvel, focando nas roupas jogadas pelo chão. Ele não sabe de quando sou e não pode saber que me perde no Tártaro. Preciso ter cuidado.

— É algo... novo... e ainda em desenvolvimento.

A resposta é silêncio.

Passo o dedo pelas linhas douradas brilhantes ao redor do meu braço. Acho que talvez eu tenha pensado que o laço celestial fosse mais para aparecer, mas nunca desejaria que sumisse.

Eu me viro, fascinada, e passo os dedos pelo braço dele, pelo pescoço, pelo peito. Até Hades segurar minha mão e soltar um

grunhido, e aí beija a ponta dos meus dedos.

— Eu adoraria continuar, mas primeiro...

Quando não continua, ergo as sobrancelhas.

— Primeiro?

Ele abre a boca, faz uma pausa, aí diz:

— Não vai embora.

O fascínio some. Não ir embora de novo: é o que significa. Acho que não era isso que ele ia dizer, e sinto cada parte da frase nas entranhas.

— Eu...

Ele balança a cabeça.

— Deixa pra lá. Eu sei.

Mas fará diferença o Hades do passado ter criado esse vínculo com a Lyra do futuro? Mordo os lábios. É uma dúvida que tenho que responder sozinha.

Parece que Hades se recompõe e retoma o que ia dizer.

— Primeiro, acho que precisa me dar mais coisa. O que mais eu deveria saber?

— Preciso ter cuidado com *quando* te digo as coisas tanto quanto com *o que* digo — explico devagar, hesitante.

— Entendi.

— Entendeu mesmo? — pergunto, olhando para seus ombros.

Ele me puxa para perto, cara a cara, coração a coração.

— Acho que sim. Sei que você é uma versão futura de si mesma. Que está ajudando a fazer as coisas acontecerem como têm que acontecer. Eu também, presumo. Acertei até aqui?

— Acertou.

— E tem certeza de que este é o único jeito?

Mil passados que testemunhei confirmam isso.

— O máximo de certeza possível.

Ele assente.

— Também presumo que meu pai tenha morrido.

As palavras dele são como o choque das enguias elétricas do Poseidon, e fico com o corpo rígido.

— Quê?

Hades franze a testa ao ouvir meu tom, e preciso segurar a onda. Ele não faz ideia da verdade sobre os titãs.

— Por que você tá dizendo isso? — questiono com um tom mais calmo.

— Porque só ele tem controle sobre o tempo dessa forma. E agora você também tem, mesmo que esteja aprendendo ainda. Ele nunca cederia o poder por vontade própria. Esse poder é a coisa mais importante pra ele. Sempre foi.

Suas palavras amargas são como uma picada de cobra. Enquanto isso, porém, tento não demonstrar o quanto a explicação me acalmou. Hades acha que tenho poder sobre o tempo. Se descobrisse que uma versão futura do Cronos que ainda não alcancei está me mandando encontrá-lo, pararia de fazer qualquer coisa que eu mando. Pararia de confiar em mim por completo.

O véu está ali no seu rosto. Não se enfraqueceu nem um pouco com o tempo. É tão difícil não tentar afastá-lo, tirá-lo do seu rosto, livrá-lo desse fardo.

Mas ainda não descobri como fazer isso.

— Eu te falei que, quando eu vencer, você tem que pegar a Caixa de Pandora? — É a única coisa que me ocorre para mudar o rumo da conversa.

Ele me encara.

— Você me falou isso um tempão atrás, mas sim. Tô lembrado.

Isso é nítido, considerando onde a Lyra do passado está agora.

— A Perséfone vai ficar esperando nos portões do Tártaro. Leva algumas pessoas pra te ajudar. Caronte, Cérbero, eu.

— Não. — A palavra é um rosnado. — Você, não. É perigoso demais.

Coloco a mão sobre o coração dele, sinto as batidas e me derreto um pouco.

— É a única solução. Ao menos me dá a chance de escolher.

Faço uma careta. Não é exatamente uma mentira. Posso estar lá embaixo ainda, mas já cheguei até aqui. Vou sair daquela merda. Vou voltar para ele.

Hades range os dentes.

— Mais alguém?

Hesito quanto aos outros dois. O Boone ainda não foi salvo nesta linha do tempo, ainda é uma alma no Submundo. E ainda não

tentei contar à Deméter sobre a filha. Nenhuma das opções faria sentido para ele.

Balanço a cabeça.

— Pode ir mais gente. Fica a seu critério e... ao meu... quando chegar a hora. Mas esses três são importantes.

Vou ter que confiar em mim mesma para levar o Boone de novo.

— Mais alguma coisa?

Eu me encosto no Hades e penso. Bastante. Tem mais alguma coisa que posso dizer a esta altura?

— O Oceano? — Retorço o nariz. — Você provavelmente não teve tempo...

— Procurei ele. Não sai da caverna desde que a Titanomaquia começou.

Ele não saiu. Então...

— Como ele sabe de coisas que não devia saber?

Hades se inclina para perto, cara a cara comigo.

— Como você sabe?

Contorço o nariz de novo.

— Não pode dizer?

Nego com a cabeça, com o cabelo comprido roçando na fronha.

Depois de um segundo, Hades relaxa e toca meu cabelo, enrolando a madeixa comprida no dedo.

— É por isso que eu sei que você vai ficar bem depois que tudo isto acabar.

— Meu cabelo?

Cresceu na mesma hora no Cadeado de Héstia e nunca mais voltou ao normal, mas por que...

— Você deve estar mais à frente no futuro pro seu cabelo ter crescido tanto assim. Mesmo quando eu era mais novo, milênios atrás, você tinha essa aparência quando aparecia pra mim.

Preciso dar tudo de mim para controlar a reação, a expressão.

— E agora você me prometeu coisas com os vínculos sob nossa pele. — Ele ergue meu queixo e me dá um beijo suave. Doce. — Vou acreditar nisso e te ajudar a passar pelo resto da Provação, aconteça o que for.

— Não esquece. Não pode demonstrar que me ama. Tenho que continuar de coração partido.

Ele aperta meu corpo mais forte.

— Você me pede as piores coisas, minha estrela.

Hades vai me odiar.

Quando eu desaparecer no Tártaro.

Vai achar que menti. Que infringi os vínculos dessas promessas. Meu coração quer se partir, desolado por causa dele, por causa do futuro que o faço suportar.

— Lyra... — murmura ele, no meu cabelo.

— Hum?

— Quando a gente se casar, nunca mais me deixa.

Fecho bem os olhos. Ai, deuses. O que fiz com ele?

87

LÁ VOU EU DE NOVO

LYRA

Aqueles pesadelos terríveis em que você acorda em algum lugar totalmente inesperado e indesejado são uma bosta. É essa a sensação de ser levada pelo tempo no meio da noite. Ser arrancada dos braços do Hades e enfiada no inferno de novo.

Ou na pior parte dos infernos, ao menos.

A viagem no tempo também pode parecer um déjà-vu ruim.

Retorno para o quarto do Boone ao som dos titãs discutindo um com o outro, debruçados sobre o corpo dele, um corpo não mais ensanguentado, mas ainda apagado.

Não dou a mínima para o porquê de estarem gritando.

Estou olhando para Perséfone. Ela está ao lado do Boone, segurando a mão dele, mas me encara com o rosto pálido. Que é quando lembro o que tinha visto logo antes de a Perséfone me empurrar lasca do tempo adentro e me mandar embora.

Ativando o poder, resmungo ao ver o véu nas suas feições. Não só nos olhos — no rosto todo.

Um feitiço.

Ela foi enfeitiçada. Outra vez.

Baixando meu Hades, atravesso o cômodo a passos pesados, indo direto até ela, abrindo o caminho por entre os titãs com a força da minha determinação de chegar logo lá.

Perséfone toma um susto, recuando até dar com as costas na parede.

— O que você vai fazer comigo? — questiona ela, erguendo as mãos.

Seguro seus pulsos, puxando-os para baixo, e aí arranco a tela de luz do seu rosto.

Desta vez, ao contrário das outras tentativas, a coisa sai bem fácil. Como uma camada que se formou por cima do queijo derretido enquanto esfria. Tem o segundo feitiço ali debaixo, o que vi de início, mas esse nem se mexe quando tento tirar. Perséfone cambaleia um pouco, os olhos se revirando, e seguro-a pelos ombros. Ela respira com força, voltando a si.

Aí ela me encara, arregalando os olhos cada vez mais. Leva as mãos à boca, com os olhos azuis se enchendo de lágrimas.

— O que eu fiz? Pelo Olimpo, nunca quis te machucar, Lyra. Eu...

— Tudo bem.

Aperto seus braços, então me viro para o resto dos presentes.

Os titãs calaram a boca, nos observando.

Ergo a tela que eles não veem, jogo-a no chão, e a magia sibila e fervilha até ficar preta e virar cinzas que se dissipam.

— Ela foi enfeitiçada.

— Eu *sabia* que ela não tava sendo ela mesma — comenta Mnemosine.

No entanto, é Jápeto que avança para cima dos outros.

— Qual de vocês é o traidor, ô seus filhos da puta?

— Ela não é a única — afirmo.

Aí me ajoelho e retiro o do Boone. Agora é muito fácil. Talvez aprender um poder — como o teletransporte ou ver os feitiços — facilite aprender o seguinte. Ou talvez a intensidade da necessidade ajude a impulsionar a habilidade. Porque tirar o feitiço da porta ou do coelho não faria diferença, na real, mas isso é importante. Já faz bastante tempo que estou aqui embaixo agora, com todas as redefinições. Então talvez ficar um tempo com o poder também influencie. Não importa qual das explicações seja, mas agora consigo fazer isso.

Assim como o da Perséfone, o feitiço morre bem depressa.

Boone não acorda, mas o franzir de dor na testa logo se ameniza e um hematoma no seu rosto muda de cor. A cura do seu corpo é

restaurada.

— O Boone também? — questiona Céos.

Não respondo, só me levanto e vou até Febe. A deusa alterna o olhar entre mim e Céos.

— Não sou eu — garante ela. — Eu nunca...

Retiro a tela do seu rosto, descartando-a e ouvindo mais do sibilar e fervilhar. Ela cambaleia para trás. Céos logo se mexe, segurando-a. Quando a titânide se recupera, lágrimas escorrem dos seus olhos.

— Eu... eu tava errada.

— Vocês todos foram enfeitiçados pra acreditarem que eu era horrível — explico. — Tá tudo bem. Eu...

— Não. — Ela balança a cabeça, com o cabelo sedoso se derramando pelo rosto claro. — Eu tava falando da profecia. Foi um feitiço.

— Quê? — Agora eu que cambaleio para trás. — A gente não consegue tirar vocês daqui?

— Disso eu não sei, mas você e o Boone... não têm vínculo nenhum. Foi tudo mentira.

88

QUAL É A DÚVIDA?

LYRA

Estou começando a descobrir que silêncio não é bom.

Não perto dos titãs. O silêncio significa coisa ruim.

— O que isso significa? — A pergunta séria da Euríbia cai no ambiente como uma bomba, incitando discussões e debates ao redor.

Mas a resposta do Céos cala todo mundo de novo.

— Significa que a gente tava errado de achar que a chave do Cadeado de Afrodite é o Boone e a Lyra juntos.

Acabo olhando para Cronos naquele momento, e ao ver suas feições endurecidas, fico em choque. Ele acreditava de verdade que o destino lhe havia enviado duas salvações.

— Quem quer que esteja fazendo isso não quer que a gente saia daqui — afirma Febe com a voz tensa.

Como se todo o Tártaro tivesse prendido a respiração, em choque com a revelação da titânide, o chão começa a tremer com violência.

Perséfone se joga em cima do Boone quando aparecem rachaduras no teto, começando em um canto e atravessando toda a extensão, ficando rapidamente mais largas e mais compridas.

De novo. Aquele maldito teto de pedra está ameaçando desabar na minha cabeça, de novo.

É meu único pensamento idiota até Cronos me pegar pelo braço e me puxar contra a parede, me protegendo com o corpo.

Olho ao redor, estreitando os olhos por causa da poeira e das pedras caindo em cima de todo mundo. Vejo Hiperião, Céos, Crio e Jápeto formando um círculo, segurando o teto que compõe o piso dos túneis e celas lá em cima, como os pilares das extremidades da terra que originalmente eram, evitando que sejamos enterrados aqui.

Quando o tremor cessa, ninguém se mexe, em choque por um segundo.

— O corredor tá inteiro? — pergunta Céos com um tom urgente.

Em segundos, Cronos está tentando abrir a porta, embora esteja difícil fazer isso porque o teto parcialmente desabado está bloqueando o caminho. Ele tem que dar um soco, que abre um buraco grande, e só assim consegue abrir e sair. Aí há o barulho de mais socos.

Boone solta um grunhido.

— O que aconteceu...

Ele abre os olhos, ainda com as pálpebras pesadas, mas olha para Perséfone debruçada sobre ele e arregala os olhos. Por causa das lembranças ou da lembrança de ter sido enfeitiçado, não sei, porque nada diz. Só enfia os dedos no seu cabelo e a puxa para baixo, beijando-a como se ela fosse o ar que ele respira.

— Dá pra passar — informa Cronos, enfiando a cabeça para dentro. — Tira ele daqui.

Ele, no caso, é Boone.

Perséfone solta um grunhido e se afasta.

— Depois... — sussurra, apontando para o teto.

— Caralho! — brada Boone. — Dei uma cochilada de um segundo e o mundo foi abaixo?

Depressa, Reia e Perséfone arrastam o palete em que ele está deitado porta afora, Boone segurando a mão da Perséfone e reclamando o caminho todo. Nem sei se ele viu que voltei, mas agora não é hora de destacar isso.

Todos nós vamos atrás.

Não sei como os quatro titãs que estão segurando o teto vão sair. Só sei que há um estrondo enorme e uma colisão, espalhando

detritos porta afora e em cima da gente. Mas, quando a poeira se dissipa, os quatro estão no corredor com a gente.

— Por que isso tá acontecendo? — questiona Febe, em meio a um acesso de tosse.

Céos envolve seu corpo com o braço.

Parece que os outros nem percebem a pergunta, porém estou franzindo a testa. Perséfone falou que as rachaduras no Tártaro eram novidade. Começaram da primeira vez que fui tragada para cá.

Não tem como ser coincidência, tem? Tem alguém tentando colocar o Tártaro abaixo para me deter? Ou será que Hades não conseguiu evitar atear fogo no mundo quando fiquei presa aqui?

Fica óbvio que os titãs não sabem a resposta.

— A gente precisa de um abrigo. — Céos interrompe meus pensamentos.

Enquanto os outros debatem para onde ir e como levar o Boone junto, dou um puxão no braço do Cronos.

— Preciso falar com o Hades.

Ele franze a testa devagar.

— Como...

— O Hades do Cadeado. — Eu me apresso para explicar o raciocínio. — Ele costuma ter muitas respostas.

Sua expressão é meio divertida, meio sombria.

— Parece que nem aqui embaixo meu filho consegue resistir a você.

De um jeito inesperado, fico com o rosto quente.

— Não é esse o motivo...

— Só tô implicando, Alani.

Antes que eu possa responder, ele se vira para Reia e murmura algo no seu ouvido. A titânide olha para mim por cima do ombro antes de assentir para o marido.

— Vem comigo.

Ouço a Reia explicando tudo baixinho aos outros enquanto sigo Cronos pelo corredor. Então lembro que não sei bem minha localização exata. Fui por um corredor que não reconheci, mais preocupada em alcançar a origem do grito do que em prestar atenção ao caminho.

Dito e feito, passamos por portas que sei que ainda não vi, todas marcadas com "x" — uma marcada com garrafas de veneno, outra com um feixe de trigo, e a mais bizarra de todas, com um mar de rostos infantis gritando. Com certeza, por essa porta aí eu não passo.

Acabo voltando a reconhecer as portas enquanto seguimos para os Cadeados. Quando chegamos ao arco do Hades, ergo a mão para encostar no símbolo, então paro e olho para Cronos.

— E se acontecer outro terremoto?

— Vou entrar com você.

— Ah!

O sorrisinho dele demonstra que percebeu a pontada de decepção na minha voz. Estou mesmo tão desesperada para passar um tempo com o Hades que até uns segundos sozinha com a réplica dele é um presente? Nunca me imaginei fazendo o tipo tonta, mas talvez vinte e três anos me sentindo indigna de amor tenham me deixado assim.

Encosto no símbolo.

— Hades...

Nem termino de falar e ele abre a porta e aparece.

Hades me encara com os olhos brilhando com uma emoção que não sei identificar e, ainda assim, me causa calor. Um calor que logo vira gelo quando percebe Cronos atrás de mim, e qualquer que fosse a emoção de antes some quando ele estreita os olhos.

— Por que ele tá com você?

— Pra minha segurança.

O prateado nos olhos do Hades reluz como uma adaga quando ele volta a me olhar.

— Não cai nessa. Ele deve ter outra motivação.

Ignoro.

— Se ele entrar por aqui, isso vai matá-lo?

Os olhos do Hades viram lâminas cortantes.

— Não depois que o cadeado é destrancado, mas ele não é bem-vindo...

— Não tenho tempo de discutir — interrompo. — Preciso saber uma coisa e espero que tenha a resposta.

— Se acha que vou te ajudar a tirar ele daqui...

O som do sino tocando imediatamente me causa um frio na espinha.

Se não tínhamos tempo um segundo atrás, agora é que não temos mesmo. Cronos e eu fazemos menção de entrar, mas Hades fica no caminho, erguendo os braços para nos impedir.

— *Você* pode entrar — declara ele para mim. — Ele, não.

Dou dois passos para trás até Cronos ficar entre mim e Hades.

— Se ele não entra, eu não entro.

É um risco. Hades poderia muito bem me largar aqui para virar o monstro enfurecido que o Pandemônio vai criar se me alcançar nesta sala redonda sem nenhum lugar no qual me esconder. Na cabeça, estou bolando um plano de correr para o Cadeado de Deméter se ele não ceder. Mas tenho bastante certeza de que ela também não vai deixar o Cronos entrar. Acho que ninguém pensou que aquele sino maldito tocaria logo depois do terremoto. Alguém está mesmo determinado a impedir os titãs de escaparem.

Ao menos é o que parece.

Ouço passos apressados, vindo do túnel que passa pelo obelisco e dá na ponte acima do abismo. Incontáveis passos, vindo na nossa direção.

Olho por cima do ombro e dou um gritinho. Porque não são os titãs correndo. É...

Estou *vendo*.

O Pandemônio.

Minha visão de feitiços ainda está ativa. Não sei o que imaginei que fossem, além do nada e do silêncio — monstros, talvez, com rostos, presas e garras medonhas, ou buracos sem forma como a cópia do Hades descreveu.

Em vez disso, os contornos reluzentes têm forma humana.

E ainda assim o jeito como se mexem não é nada humano. É um movimento inacreditavelmente ágil, mas também aos solavancos. Como uma animação quadro a quadro, ou talvez como se os membros do corpo não funcionassem direito e fosse preciso toda hora os alinhar para continuar seguindo, as bocas abertas em gritos silenciosos.

— Porra, Lyra. — Estou vagamente ciente do Hades bradando: — Pra dentro. Vocês *dois*.

Alguém me segura e me puxa Cadeado adentro um segundo antes de a porta se fechar diante do meu nariz.

— É pra ficar aqui perto da porta — ordena Hades.

Parte da minha mente assimila que o ouvi, e ainda assim, não sei dizer se ele está falando com nós dois ou só com o Cronos. Só que a maior parte do meu cérebro ainda remói o que acabei de ver. Estou olhando para a porta, com o olhar distante, sem conseguir tirar a imagem do Pandemônio da cabeça.

O que são eles? O Hades, o que reina no Submundo lá em cima, sabe deles? Sabe o que fazem com a gente aqui embaixo?

— Lyra?

Talvez seja por Hades falar tão baixinho ao me chamar, mas isso me desperta, e com o toque de sua mão no meu ombro, me viro e o encaro.

Ele arregala os olhos.

Será que pareço tão abalada quanto me sinto? Pálida, até? Eu me sinto pálida. Sinto que todo o sangue sumiu da cabeça, me deixando tonta. Não consigo nem mexer a boca; os lábios estão comprimidos, contendo o grito.

— Você viu eles? — pergunta outra vez com gentileza.

Pelo canto do olho, percebo Cronos me olhando com atenção.

— O Pandemônio? — indaga o titã.

Consigo assentir, respondendo aos dois ao mesmo tempo. Por fim, consigo destravar um pouco o maxilar.

— Você falou pra... — Tenho que pigarrear, tentando fazer a voz sair menos esganiçada. — Falou que eu tinha que ver eles.

Hades confirma com a cabeça, quase hesitante.

Eu o encaro, com mil dúvidas rondando a mente.

— Sei que quer que eu me proteja...

— O que você viu?

O jeito que ele pergunta...

— O que *você* vê? — questiono.

— Só... luz. Energia, acho que chamam assim hoje em dia. Um brilho.

Ah!

— Lyra... — A voz dele vira uma ordem. — O que você viu?

Suspiro, trêmula.

— Almas atormentadas.

— Almas, não — corrige Cronos, baixinho. — Alma. Só uma.

Hades e eu olhamos para o titã.

— Achei que vocês não viam eles — retruca Hades com a voz dura.

É exatamente o que estou pensando.

Cronos faz uma careta.

— Não consigo vê-los, mas vi de onde vêm. Teve uma vez que eu tava perto da origem da coisa quando o sino tocou. Eles saíram do obelisco que marca o ventre da minha mãe. Acho que são manifestações do luto dela pela morte do meu pai. Como se sua alma tivesse se destroçado e as lascas quisessem que todo mundo sentisse a dor dela.

Hades dá um passo à frente, cerrando os punhos.

— No caso, o luto dela de quando você, filho dela, matou o pai, marido dela.

Então, me segura pelo pulso e me puxa para trás como se ele, uma fração da alma do próprio Hades, pudesse me proteger do titã.

— Te falei que não pode confiar nele.

— Posso, sim — insisto.

Hades se vira para mim.

— Você confia demais...

Cubro sua boca para interrompê-lo.

— Um dia, você vai aprender a confiar em mim. Mas, até lá, a gente não vai chegar a lugar nenhum discutindo sobre isso.

Há raiva e outra coisa brilhando nos olhos do Hades. Outra emoção não identificável. Mesmo como cópia, esse homem é um enigma. Isso se confirma quando seus olhos mudam de novo, um brilho cálido enquanto analisa meu rosto antes de dar um beijo na minha mão.

Suspiro, afastando a mão e fechando os dedos em torno da região que agora está formigando.

— Pra que isso?

— Pareceu uma opção melhor do que te morder pra você tirar a mão — retruca ele, então revezando o olhar entre mim e Cronos. — *Você* fica aqui perto da porta, ou vou te matar — ordena ao titã.

Ainda segurando meu pulso, Hades me leva para longe. Olho para Cronos por cima do ombro e ele, de maneira surpreendente, fica onde está. Aponta para o chão e cruza os braços. Concordo com a cabeça. Ele vai me esperar ali.

Não que haja muitos lugares para onde ir. É uma sala de pedra em formato circular.

No entanto, quando passamos pelo centro, minha visão fica embaçada, com cores diferentes assumindo formatos que não dá para distinguir. Bem quando estou a ponto de reclamar, meus arredores entram em foco outra vez, e não estou mais no Cadeado. Em vez disso, estou em uma praia rochosa salpicada de pedregulhos e cercada por penhascos. Parece muito real — a maresia na minha pele formando uma camada de sal, o cheiro da salmoura, e o movimento ritmado das ondas quebrando. Hoje, o mar está calmo.

— Foi aqui que a gente se conheceu — declara Hades. — Lembra?

Quando a gente se conheceu ele era só um bebê e o protegi do seu avô, mas também foi aqui que nos encontramos quando ele tinha dezenove anos. Não deve se lembrar de nenhuma das ocasiões do mesmo jeito, porém, do contrário, não estaria tão bravo com o Cronos agora. Diferentemente do Hades de verdade, não vejo o véu no rosto da sua aparição. Como que vou tirar o feitiço se ele é só um único pedaço de alma, pouco mais que uma lembrança?

— Lembro.

Ele se vira para o mar.

— Criei este lugar com base em lembranças e venho aqui às vezes. — Abre um sorriso mínimo de desdém. — Mais do que às vezes.

Aí me olha.

— Você não mudou muito desde aquele dia. Tava igualzinha ao que tá agora, só muda a roupa.

Sorrio.

— Você mudou um pouco.

Tenho um vislumbre do que acho ser uma expressão real de que está achando graça, e suas covinhas ficam à mostra. Dura apenas

um segundo antes de ficar sério.

— Você tinha uma pergunta?

— Não é sobre sair daqui — garanto. — É uma pergunta que acho que dá pra responder.

Ele cruza os braços.

— Faz a pergunta, e aí a gente vê.

Não parece muito promissor, mas é melhor que "não".

— Você sabe o que tá causando os terremotos?

Sei que agora ele os sente.

Não sei bem o que eu esperava, mas não era que ele ficasse tão sério que me causa arrepios e tenho que me esforçar para manter o coração dentro do peito.

— Eu — responde.

89

A PIOR COISA QUE SE PODE FAZER É NADA

LYRA

"Eu."

Fico olhando para o Hades, e a única palavra proferida ricocheteia pela minha cabeça, e aí esvazia todo o cérebro, que pifou diante tamanho choque, deixando muito espaço para o som reverberar lá dentro.

— Quê? Por que você destruiria tudo aqui? Acha...

— Não eu. — Impaciente, ele aponta para os céus. — *Eu*.

Minha capacidade de raciocínio está se atualizando só agora, então demoro mais do que devia para entender o que ele quer dizer. Sinto meus olhos se arregalarem, mesmo que esteja torcendo para ter chegado à conclusão errada.

— O meu Hades?

A réplica dele se encolhe.

— É. Extraio poder do deus que me criou. Acho que você já sabe que é por isso que a Héstia aqui de baixo não funciona muito bem. A gente os sente. Sinto ele, meu criador. Quanto mais forte for a emoção ou quanto mais perto ele estiver do Submundo, mais o sinto. Uns lampejos. — Ele analisa meu rosto de novo. — Mesmo depois de vir aqui pra baixo, vi você. Antes eu achava que era sonho.

O pedaço arrancado de uma alma consegue sonhar?

— Isso é... — Balanço a cabeça. — Não sei o que é. Parece... errado, de alguma forma.

Ele faz uma careta.

— Não preciso da sua pena, não.

Dou uma risada brusca.

— Jamais.

Hades fecha a boca, me avaliando.

— De vez em quando, você trazia algo... novo... pra esta minha longa existência. Te agradeço por isso.

Também não sei como responder. Ou talvez eu saiba, enquanto reflito sobre os vislumbres de mim que ele deve ter tido, e um ruído debochado me escapa.

— Com certeza foi um entretenimento e tanto.

Acho que talvez ele vá sorrir, ou até rir, mas não faz isso.

— Ele tá tentando te ajudar.

Nós dois ficamos calados, como se em surpresa coletiva por ele ter dito isso.

— O Hades?

A cópia dele dá de ombros.

— Ao que parece, você é bem importante pra ele. Não sei de tudo, mas ficou óbvio pra mim que, desde que você veio parar aqui embaixo, os outros deuses que criaram os Cadeados não quiseram abri-los e te tirar daqui.

Contorço o nariz.

— Então ele tá tentando me enterrar?

— Não. — Hades me lança um olhar paciente. — Outra coisa. Não sei bem o quê.

Respiro com força, inflando o peito. Hades está tentando me ajudar.

— Ele tá ateando fogo no mundo?

Esse Hades estreita os olhos.

— A profecia?

— É.

— Não sei ao certo. — Seus olhos ficam embaçados, como se ele olhasse para algo além. — Ele... sumiu agora. Não consigo sentir ele.

Fecho os olhos.

— Lyra?

— Eu acreditei — sussurro, aí volto a olhar para ele. — Acreditei mesmo que ele ia escolher não ceder ao impulso.

Já era quase um pânico a vontade de sair daqui e voltar para ele a cada segundo de cada dia, mas agora...

— Tenho que ajudar ele. — Engulo em seco. — Tem algum jeito de ajudá-lo enquanto tô aqui embaixo?

Hades hesita.

— Acho que não.

Pela maldição do Olimpo!

— Mas não é pra você deter ele.

Franzo a testa.

— Quê?

— Alguns destinos existem por um motivo. Ele é o que é — eu sou o que sou — por um motivo. Se eu estivesse no lugar dele agora, acharia outra solução.

Tenho que morder o lábio para que não trema e só paro quando tenho certeza de que isso não vai acontecer.

— Você tentaria me tirar daqui?

Hades não precisa nem responder em voz alta. Porque já sei. Ele faria isso, sim, se estivesse lá em cima e eu, aqui embaixo.

— Mesmo se assim os titãs escapassem?

Ele faz uma expressão dura e dá um passo calculado para longe.

Não preciso que responda em voz alta. Ele já respondeu.

— O Boone e eu não temos vínculo nenhum. Era tudo mentira.

Não sei por que conto isso a ele.

Talvez para vê-lo respirando bem de leve, como se significasse algo importante para ele.

— Quanto tempo acha que eu tenho antes que este lugar desabe? — indago, olhando ao redor.

As rachaduras aqui não são tão grandes quanto as acima dos pilares, mas estão visíveis agora, e antes não estavam.

Quando Hades não responde, olho de novo. Ele está me observando como se não tivesse certeza de que vou conseguir lidar com a resposta.

— Hades? — incentivo.

Ele estreita os olhos outra vez.

— Considerando a intensidade do último terremoto, não muito tempo.

A urgência é como uma explosão imediata na necessidade borbulhante dentro de mim. Temos que sair daqui. Agora.

— Qual é o segredo do Cadeado de Afrodite?

Hades me lança um olhar descrente antes de abaixar bem as sobrancelhas, o prateado virando um cinza-metálico e inexpressivo. No mesmo instante, a ilusão da praia se dissipa, e estamos outra vez na sala redonda do Cadeado.

— Você tá me pedindo pra ir contra minha criação? Sou um guardião. É meu *único* motivo de existir.

— Você tá me pedindo pra ficar aqui presa, encurralada? — retruco com o mesmo tom.

— Se isso significar não soltar eles... — Ele gesticula na direção de Cronos. — Então, tô pedindo, sim.

E essa é a diferença entre o guardião e o deus lá em cima. Meu Hades me tiraria daqui de qualquer jeito. Mesmo que significasse que eu o deixaria para trás. Ao que parece, mesmo que libertasse o mal junto.

— Vou ser enterrada viva.

— Quando isso acontecer, o tempo vai se redefinir...

É minha vez de dar um passo brusco para longe dele.

— Então você quer que eu passe por isso de novo e de novo, sentindo dor, só pra não deixar eles saírem daqui?

— Você vai estar aqui comigo...

Dou outro passo.

— Mas você não é ele. Não por completo. E eu preciso...

O rosto dele se contrai todo, e não continuo, engolindo as palavras.

— Não tá vendo? Não posso deixar ele lá em cima achando que fez isso comigo, se culpando por toda a eternidade.

Algo morre nos olhos dele.

— Mas pode me deixar aqui embaixo por toda a eternidade, tendo só vislumbres de você?

— Eu... — Balanço a cabeça. Sei que ele não é exatamente uma pessoa, mas é muito real. E é um pedaço do Hades. Amo todas as partes do Hades. *Será* que consigo deixá-lo? — Você pode vir comigo.

A tristeza e a verdade que me encaram de volta são demais. Grandes demais. Difíceis demais.

Meus olhos se enchem de lágrimas que ameaçam escorrer, e não consigo contê-las a tempo. Ele percebe.

— Lyra... — sussurra ele. — Não...

Aí ele atravessa o espaço que criei entre nós, tomando minha boca com a sua antes que eu consiga respirar.

Ele me beija como se nunca mais fosse poder beijar. Como se estivesse disposto a ficar e dizer adeus ao mesmo tempo.

Choramingo contra sua boca.

Hades nos gira quando se ouve o deslizar da porta do Cadeado se abrindo e me coloca atrás de si, encarando o que quer que tenha aberto a porta, soltando um grunhido animalesco e gutural.

Boone está lá do outro lado. Ou, melhor, está escorado entre o Hiperião e o Jápeto, com Perséfone atrás, toda preocupada. Até que não demorou muito. Boone está visivelmente melhor, mesmo que ainda não consiga ficar em pé sozinho.

Ele ignora Hades, focando o olhar no meu.

Coloco a mão nas costas do guardião, sentindo sua tensão sob o meu toque. Também sinto como ele se rende no instante seguinte, se curvando um pouco, ainda que endireite a postura para encarar o grupo ali.

— Eu devia era manter você aqui comigo — murmura ele, só para eu ouvir.

— Eu...

Ele me encara.

— Não vou fazer isso, Lyra. Não faria isso com você. Mesmo que signifique que a gente vá acabar um inimigo do outro.

Ainda tocando suas costas, seguro sua camisa pelo punho.

— Hades... — Seu nome ecoa como um sussurro.

Ele fecha os olhos.

— Vai, minha estrela. Antes que eu mude de ideia.

Mesmo sabendo que não estou dando as costas para o meu Hades, ainda preciso dar tudo de mim para fazer as pernas funcionarem, para me levarem para longe dele.

Ele não me dá escolha. Não podemos ficar aqui embaixo.

Quando passo pela soleira, o último passo para sair, a porta se fecha. As portas sempre se fecham do mesmo jeito, e ainda assim, desta vez, parece... definitivo.

— Graças aos deuses, você voltou — declara Boone. — Eles disseram... que não tinha fio de destino nenhum entre a gente.

Levo um momento para me desligar do que aconteceu lá dentro e retomar o que rolou antes. Os feitiços. A cura dele.

— Eu... — Faço careta. — Não sei bem se devo dizer que sinto muito ou não.

Não sabíamos o que significava..., mas fez brotar uma esperança de que escaparíamos.

Agora a esperança morreu.

— A gente vai dar um jeito de passar pelo Cadeado de Afrodite — afirma ele. De volta ao estado convencido. — Eu sei que sim. Ladrão não precisa de destino nenhum pra isso.

Desvio o olhar dele para os titãs e Perséfone.

— Quem faria algo assim, um feitiço com esse efeito?

A cara fechada de Céos diz tudo. Eles não sabem. E pior ainda...

— Como a pessoa fez isso aqui embaixo? — complementa ele.

Olho para Perséfone, que não retribui o olhar, e por fim, a ficha cai. Todas as implicações. Porque alguém pode ter enfeitiçado o Boone quando ainda estávamos fora do Tártaro, mas faz mais de um século que Perséfone está aqui embaixo, e o novo feitiço dela foi sobre mim. A pessoa responsável tinha que estar aqui embaixo para fazer isso.

Engulo o medo a seco, com a bile ardendo na garganta.

— É o Hades que tá causando os terremotos pra me ajudar de alguma forma... não sei se é pra me tirar daqui ou me proteger.

— Merda! — murmura Cronos. — Se for esse o caso, então ele não tá pensando em como isso vai fazer o Tártaro desabar nem no possível efeito na Superfície.

— Exato — confirmo, observando Boone, que me olha de volta.

Ele dispensa a ajuda do Hiperião e do Jápeto, e eu endireito bem a coluna.

— Só mais um Cadeado — declara ele, pensando a mesma coisa que eu. — A gente vai agora.

Só mais um, porque ele já destrancou o Cadeado de Zeus sem mim.

Dou um sorriso torto.

— Vamos torcer pra que a gente não fique tentando tanto quanto no da Hera. Aquele lá foi uó.

90

O CADEADO DE AFRODITE

LYRA

Fico esperando na beirada da ponte acima do abismo, observando Boone e Perséfone sussurrarem um para o outro.

Perséfone não vem junto. Queria vir, mas Boone falou que não aguentaria se ela fosse junto. Ela mal saiu de perto dele desde que ele acordou e tirei os feitiços dos rostos dos dois. Boone se inclina e beija a ponta do nariz dela. Perséfone fica com as bochechas vermelhas, e ele sorri, mas dá para ver que está com uma expressão preocupada.

Aí Boone se afasta.

E vem na minha direção. Ainda está péssimo, e esperamos um dia todo, lidando com mais terremotos, com a preocupação de que o próximo colocaria tudo abaixo de vez. Mas ele tinha que se curar.

— Última vez — afirma ele.

Assim esperamos.

Não digo em voz alta. Só assinto. Não sei bem se tenho essa parcela de otimismo no momento.

— Tem certeza? — pergunto pela milésima vez. — Quem quer que tenha enfeitiçado a gente queria que a gente entrasse juntos. E se...

— A gente já falou disso. Têm incontáveis "e se" na história toda.

Debater só vai adiar o inevitável, então concordo com a cabeça.

— Um — começa ele. E nós dois nos agachamos, prontos para pular. — Dois...

Alguém empurra minhas costas com força, e caio no breu balançando os braços e as pernas. Ouço Boone gritar, mas não dá para ver. Já estou muito lá embaixo.

Escuridão maldita do abismo! E não tem nada a se fazer além de cair. E cair. E cair.

E de repente não estou mais caindo.

O calor é o que sinto primeiro. Calor e...

— Fogo — sussurro.

Cronos falou que só o que sabem deste Cadeado é que tem a ver com fogo, mas o que... o que é isso?

Estou no meio de uma sala imaculada. Circular. Feita de mármore — um mármore cinza que parece cisalhado e polido até emanar um brilho metálico fosco. Estou no meio de uma plataforma redonda com escadas que levam às paredes. Não, paredes não... um fosso vermelho e brilhante, como uma vala cobrindo as paredes. Do topo do teto ao redor da circunferência, o fogo se derrama em uma cortina e é contido pelo fosso no piso.

Embora o calor seja controlável, ainda não tiraram meus poderes, então vai ficar bem mais desconfortável.

Se eu não soubesse a verdade, diria que o Hefesto criou esta sala para a Afrodite. Casa com o gosto do deus forjador vulcânico. No entanto, ele ainda não existia quando os titãs foram presos aqui embaixo. Será que Afrodite que tinha o poder original sobre o fogo?

Mais importante ainda... o que ela vai fazer com isso?

— Boone! — exclamo.

Ele não está aqui comigo. Estou sozinha...

Eu me viro com um movimento súbito atrás de mim... e aí me espanto quando vejo o rosto que me encara.

Não Boone, e sim...

— Tá tudo bem — afirma Cronos. — Foi escolha minha.

— Não! — O grito vem da minha alma, porque sei o que isso significa.

— Vocês entraram no Cadeado de Afrodite — anuncia uma voz feminina rouca e familiar.

O pânico se manifesta como uma dor física que rasga meu coração e vai queimando pelas veias, atingindo todas as

terminações nervosas.

— Você não pode estar aqui!

Ignorando a réplica da Afrodite, corro pela plataforma e o seguro pelo braço, com força, olhando para cima, frenética, em uma tentativa tosca de arremessar Cronos de volta à ponte ou algo do tipo.

Contudo, a Héstia me falou no primeiro Cadeado. A única saída é seguir em frente. *Não* tem como seguir em frente para o Cronos. Não em um Cadeado trancado. Não quando retiram nossos poderes. Volto a ser humana, mas ele...

— Não, não, não, não.

— Lyra... — A voz dele está calma.

A minha, não.

Não estou prestando atenção. Estou procurando saídas, ainda o segurando.

Ele diz meu nome outra vez, e me viro para ele, a fúria quente sendo seguida pelo pânico.

— O que você fez?

Estou gritando, mas ele abre a merda de um sorriso. O maldito titã sorri.

— É a única solução.

Única solução. Balanço a cabeça.

— Não. Não é. Não pode ser.

Ele vai *morrer* aqui embaixo.

— Pra abrir meu Cadeado, é preciso um sacrifício que testa a pureza da sua intenção — declara a guardiã da Afrodite atrás de nós.

Sacrifício.

A palavra me açoita quando encontro os olhos de Cronos. Azuis como os do Zeus, mas seu rosto, embora eu achasse que se parecia com o Hades... Agora Cronos é só... ele. O pai titã que me assustou e me irritou no início virou algo mais. Algo que eu não queria nomear até sairmos daqui. Algo que achei que teríamos tempo de desenvolver...

Ai, deuses.

Ele me analisa com paciência. Com compreensão. Com total e apavorante aceitação.

— Sacrifício. — A palavra me escapa rasgando. — Por favor, não faz isso. Por favor, não...

— Dois corações devem entrar — continua Afrodite. — Um pro fogo. Um pra ser libertado como o ato final de amor puro.

Um para o fogo. É o sacrifício. Um de nós tem que morrer, e como este lugar vai matá-lo de qualquer forma, já sei quem ele planeja que seja.

— Você não pode fazer isso. — Começo a arranhá-lo em desespero, na tentativa de segurá-lo e evitar que isso aconteça. — Precisa ter outro jeito. Vou me matar. Vou redefinir o tempo...

— Não vou estar aqui se fizer isso — argumenta Cronos. — A gente descobriu isso com a Têmis.

Porque os titãs são feitos *apenas* de poder. Quando os poderes são retirados, não resta nada.

Hades, me ajuda. Como vou chegar a você sem seu pai, que te ama?

— Por favor — peço com a voz engasgada, sacudindo-o de leve.

Sua expressão fica mais gentil, tornando-se terna.

— É isso que é o amor, Alani.

Meu queixo treme, com as lágrimas deixando a imagem do seu rosto embaçada. Enxugo os olhos com o braço.

— Mas eu *preciso* de você... — Interrompo o lamento melancólico.

Cronos toca meu rosto, enxugando as lágrimas.

— Sempre pensei em você como filha.

Uma sensação gélida me assola, resfriando o calor nas veias e deixando o rastro de uma dor tão profunda que não consigo respirar. Não consigo pensar.

— Um dia, você vai entender. — Ele olha para Afrodite, às minhas costas. — Eu sou o sacrifício.

— Não!

Tento me soltar, me virar para a deusa e me oferecer no lugar dele. Só que ele me segura firme, e atrás de mim, ouço-a acabar com tudo.

— Então que assim seja. — Percebo vagamente que ela parece... resignada. — Seu teste começa agora.

Seguro Cronos pelos pulsos e tento puxá-lo, arrastá-lo para um lugar seguro que não existe. Aqui embaixo, não. Mas ele nem se

mexe, como de costume.

— Você não pode deixar a gente...

Há uma pontada de dor pela minha espinha quando o poder é arrancado de mim. Sinto Cronos colocar algo na minha mão e consigo abaixar a cabeça, vendo a escultura de borboletinha. Ele juntou os pedaços. Eu me obrigo a levantar a cabeça, meu sofrimento virando pânico porque Cronos está reluzindo.

Reluzindo e... se desintegrando.

O pavor me tira o fôlego que me resta, e me engasgo.

Mesmo morrendo, é mais forte que eu. Ele me segura firme, se inclina e dá um beijo na minha testa, como uma bênção, e sussurra palavras que não ouço. Então me solta e, antes que eu possa detê-lo, desce da plataforma em direção à parede circular de chamas, ainda se dissolvendo.

Já morto.

Vou atrás com um pensamento inconsequente de puxá-lo de volta, mas minha mão logo forma bolhas, e eu solto um silvo de dor, recuando bruscamente. Sou humana demais agora para me aproximar do fogo infernal.

Aí solto um gemido de consternação. É como uma barreira invisível que não consigo ultrapassar, e ele sabia que seria.

— Cronos! — berro, fazendo a garganta doer enquanto ando de um lado para o outro pelo limite de fogo como um animal feroz.

Ele se vira e me olha. Mais dele se desintegra, como se o corpo virasse pó e se esvaísse com o vento, se transformando em nada.

— Não chora — diz ele, dando outro passo. — Já faz um tempo que sei que esta é a única solução. — Sua pele, o que resta dela, começa a formar bolhas. Ele não para. — Como fez com a Isabel, já tentei dez mil outros jeitos, mas no fim... — Outro passo, e sua roupa pega fogo. Ele mal parece notar enquanto inclina a cabeça, com os olhos em um rosto já perdendo a forma, mas um olhar que transparece tanto seu coração que a imagem faz o meu partir. — Deve sempre ser um pai que se sacrifica pela prole.

Meus joelhos cedem, sem conseguir mais conter o peso da minha desolação, e caio no chão.

— Não! Por favor, não.

— Diz à Reia que vou amá-la até no éter. — Mais um passo. — Diz aos meus filhos que foi ao rosto deles a que me agarrei enquanto morria. Que sempre vou amá-los.

Abraço minha própria barriga, me balançando, quase sem vê-lo em meio às lágrimas.

— Cronos...

— Quando estiver pronta... quando precisar de mim... vai me encontrar... na nossa cela.

O próximo passo o leva à beirada do fosso, e não sei o que é pior: a combustão ou a desintegração.

Estico o braço como se o titã incrivelmente poderoso ainda pudesse segurar minha mão e impedir isso.

— Pai... — sussurro com a voz falhando. — Não vai embora.

O vestígio de sorriso é a última coisa que vejo antes de ele se atirar nas chamas, sumindo tão rápido que nem compreendo.

Aprendi do pior jeito — quando o Boone morreu, quando Meike morreu, quando Isabel morreu de novo e de novo durante as redefinições do tempo — que sempre tem um momento em que, não importa o quanto esteja barulhento ao redor, o mundo vira só silêncio por causa da atrocidade do que acabou de acontecer. É horrível demais para a mente entender depressa, e mesmo nos momentos seguintes, parece que não pode ser real. Que pode ser consertado.

Mas não posso consertar isso. Não posso redefinir o tempo. Não posso restaurá-lo.

Morreu.

Cronos... morreu.

— Parabéns — ecoa a voz de Afrodite, vazia.

A palavra terrível me acerta de um jeito tão errado que parece que a deusa enfiou uma lança no meu peito só de crueldade.

— Você destrancou meu Cadeado — prossegue Afrodite. — Você foi testada e se provou digna.

Agora ela está cavando mais fundo com a lança. Não sou eu a pessoa digna. Cronos é. Era *Cronos* que deveria estar aqui para este momento.

Cubro o rosto com as mãos, e meus ombros sacodem com soluços tão intensos que nem conseguem sair pela boca.

— Você está livre da prisão do Tártaro — anuncia Afrodite.

Não assim. Não deveria ser assim.

A sensação gélida dos meus poderes voltando se espalha pelo corpo e me contorço, mas a dor me traz um novo senso de imobilidade e silêncio. Quando acaba, abaixo as mãos, trêmula, e percebo que a sala mudou.

De lados opostos de uma sala rochosa, vazia e conhecida, duas portas se abrem. A que está atrás de mim, na curva mais ampla da fatia de pizza, sei que leva aos titãs aguardando na câmara que circunda os Cadeados. A diante de mim desafia a física. Porque, passando por aquela porta está a ponte acima do abismo, levando à saída.

Às minhas costas, Reia grita o nome do marido.

Coloco as mãos nos ouvidos, sem conseguir suportar sua dor.

Um barulho tilintante e abafado surge do lado de fora da câmara em que estou, e ergo o olhar cheio de lágrimas até ver as portas duplas no fim da ponte — os portões enormes do Tártaro com os entalhes espiralados. Mais tilintares perceptíveis ecoam pela câmara, e até Reia se cala com o sétimo som.

Há um silêncio, e então... os portões que mantiveram os titãs presos por milênios se abrem sem fazer barulho.

Com muita facilidade. Como se uma brisa os movimentasse.

Estamos *livres*.

91

HERANÇA

LYRA

Fumaça e fogo.

A fumaça densa e sinuosa parece se contorcer como os corpos de várias serpentes se entrelaçando. No entanto, não é só fumaça. É mais como se a fumaça revestisse a parte interna de um fogo azul brilhante. As chamas lampejam e fervilham por entre as fendas no invólucro externo da fumaça. É só o que vejo do lado de fora dos portões do Tártaro.

Abaixo a cabeça, o queixo batendo no peito, sem conseguir olhar. Ou considerar passar pelas portas agora. Não depois que o Cronos...

Ele sabia.

Sabia que jamais deixaria este lugar. Sabia que nunca mais veria os filhos. Considerando os soluços baixos atrás de mim... Só ele sabia? Será que não contou nem para a esposa?

Lógico que não contou. Ele pouparia a Reia de toda a dor no mundo, se possível.

De repente, alguém coloca as mãos nos meus ombros, e fecho bem os olhos.

Boone.

— Ele te empurrou — comenta ele, baixinho. — E me puxou pra trás pra poder pular depois de você.

— Por quê? — A pergunta sai falhada.

Por que não deixaria o Boone morrer em vez dele? Ou ao menos tentar? É a primeira vez do Boone aqui embaixo. Cronos disse que

ele havia tentado todas as opções, mas não tinha tentado essa. Por que ele não...

A resposta fica muito nítida.

Por minha causa.

Porque a escolha teria sido impossível para mim. A escolha teria me arrasado. É esse o motivo?

— Era pra ter sido eu — sussurra Boone.

Balanço a cabeça.

— Não... não tira a escolha dele. Ele sabia o que tava fazendo...

A luz me acerta.

Como algo físico, colide corpo adentro, e me sinto ser erguida no ar, girando com a força de uma explosão.

E então paro de súbito em pleno ar, o corpo estirado, as mãos e pernas esticadas.

Outra explosão de luz, vindo de sabe-se lá onde, impossibilita ver qualquer coisa, me atingindo de novo, peito adentro.

Abro a boca em um grito silencioso, porque parece que a luz está perfurando meus ossos, meu peito e minhas costelas, na intenção de me abrir toda.

Uma luz vermelha, brilhante e sangrenta, até.

Ouço vagamente Boone gritar. Os outros titãs também. Alguém segura meu pé, como se tentasse me puxar para baixo, mas a luz não me solta.

Aí uma fenda na estrutura do tempo aparece diante de mim, carmesim, pontiaguda, escancarada. Um choramingo escapa da minha garganta. Como o Cronos do futuro pode estar controlando as lascas que criou se ele morreu?

Outra fenda temporal aparece à minha frente. E aí outra, e outra, até centenas delas preencherem minha vista. Não consigo virar a cabeça, mas acho que estão me cercando. Será que vão me rasgar? O tempo é vingativo? Sou o motivo de o Cronos ter morrido. Será que o tempo está surtando sem seu regente?

As lascas começam a brilhar.

De início bem tênue, mas aí com mais e mais intensidade, novas cores se juntando ao vermelho, chegando sob a forma de arco-íris, que parecem cintilar, saltar e brincar entre as fendas irregulares. Mais e mais vívidas, e eu fecharia os olhos, porém, quando penso

em fazer isso, uma das fendas é absorvida pela outra na minha frente.

Em nome de Hades... o que é isso?

Outras se juntam a essas duas. E mais outra. E a cada uma, a fenda não fica maior. E sim... menor.

Como se a ruptura no tempo estivesse...

Está se consertando.

A velocidade com a qual o tempo se remenda, se misturando e encolhendo, parece aumentar, sendo rápida demais para meus olhos de deusa acompanharem, até restar apenas um raio minúsculo de luz.

Fico observando. O medo e a admiração seguindo o bater do meu coração.

Vem se aproximando mais e mais, cintilando em pulsações que não parecem ter ritmo nem significado. Não me acerta como a luz que ainda me segura, porém. Em vez disso, para diante do meu peito.

E meu coração... se acalma.

Nada mais de medo.

É como se eu conhecesse essa luz. Como se fôssemos amigas.

Desta vez, quando pulsa, segue iluminada, e a luz que me segura enfim solta. Não caio, continuo suspensa no ar, mas também não estou mais presa.

Fico flutuando ali, observando a luz que me segurava ser absorvida pela pequena orbe adiante.

A luz fica mais forte ainda e mesmo assim não dói. Não desvio o olhar.

O espanto agora é suave, reverente, enquanto absorve cada raio, cada pingo de luz que emana do exterior, e aí adentra meu corpo.

Suave como as asas de borboletas e tão cálida quanto o sol gentil na minha pele.

E absorvo tudo.

Eu me transformo no que é.

Agora é *minha* luz. Posso empunhá-la como quiser.

Nem percebo que estou baixando até meus pés tocarem o chão e o brilho recuar, revelando Boone, Perséfone e todos os titãs diante de mim, observando de queixo caído e admirados.

Reia, com o rosto ainda molhado, vem à frente e segura meu rosto entre as mãos, me observando no fundo dos olhos.

— Aí está você — sussurra ela.

Então sorri, e a tristeza infinita pesa e faz meu coração doer.

— Eis aqui a nova deusa do tempo — anuncia ela aos outros sem desviar o olhar de mim.

92

DEUSES DA MORTE

LYRA

A deusa do tempo.

Eu.

Estou abalada demais para assimilar. Minha primeira reação instintiva é que não quero. Não posso aceitar isso. Não assim. Nunca.

Reia deve perceber, porque um soluço lhe escapa, mas ela contém o próximo.

— É o presente dele pra você... — sussurra.

Contorço o rosto, os ombros se sacudindo, mesmo tentando me controlar por causa dela. Reia tem muito mais motivo para o luto do que eu.

— Não quero — sussurro. — Assim não.

— Eu sei. — Sua boca treme tanto que ela tem que comprimir os lábios, segurando agora meus ombros. — Mas você precisa ser forte agora. Honre o sacrifício dele.

A culpa se assoma ao peso que já espreme meu coração até virar uma massa sangrenta. Reia tem razão. Devo isso a ele. Tento respirar fundo, mas só consigo na terceira tentativa.

Um presente. É um presente dele.

Forçando-me a respirar, busco a força que Cronos desejaria que eu tivesse, e concordo com a cabeça. Encontro força nos olhos dela e reúno a calma como um domo de escudos, então assinto outra vez.

— Não acabou — declaro.

Ainda temos que enfrentar um mundo cheio de deuses que foram enfeitiçados para acreditar que os titãs são maléficos.

Reia estreita os olhos, determinada.

— Ainda não.

É quando uma explosão de luz violenta nos derruba no chão.

Protegendo os olhos, eu me abaixo quando uma coluna de pura energia — raios de luz de cores diferentes envoltos um no outro e formando uma coisa gigante — irrompe Tártaro adentro, e antes de conseguirmos nos levantar, o chão começa a tremer. Treme tanto que até meu cérebro balança.

O tremor não para quando me levanto. Só piora, dificultando o equilíbrio.

Há um *crac* intenso e rangente sob meus pés, um ruído que me enche de pavor. A ponte vai desabar. O barulho é seguido por um estrondo atroante lá de cima, e o teto vem abaixo.

O instinto toma conta.

Num segundo, estou no piso dentro do Cadeado de Afrodite. No seguinte, me teletransporto para o lado de fora dos portões do Tártaro, olhando lá para dentro.

E estou olhando para o guardião do Hades, que está segurando o teto do Cadeado de Afrodite enquanto os titãs saem.

Porque cheguei aqui antes de todos eles.

— Corre! — berro para ele, enquanto Céos, o último lá dentro, passa pela soleira.

Através da fumaça e dos detritos, vejo o rosto do Hades e sei...

O guardião não pode sair. Só existe no Tártaro e dentro dos próprios Cadeados.

Ele balbucia algumas palavras simples que não tenho que ouvir para entender.

— *Vai encontrar ele*.

Meu coração grita em negação um instante antes de o guardião soltar e o Tártaro implodir, desabando em cima dele.

Os destroços se espalham na nossa direção, e alguém me puxa pela ponte, para longe do abismo deste lado. O poder puro continua explodindo piso adentro. Aí um barulho imenso que faz meus ossos estremecerem preenche a caverna toda, e um novo poder colide com a coluna de luz. Três faixas feitas de fogo e

fumaça espiralada perseguem a luz. Pulverizam tudo, como se a transformassem em pó.

Mesmo em meio ao caos, vejo que o fogo ainda ataca a luz, tentando perfurar o que agora são destroços.

Saímos do outro lado da guerra de poderes, tossindo à beça, mas meu coração quer voltar correndo. Tirar o guardião do Hades de lá. Tirar os outros ainda presos nas celas. Medusa está lá embaixo. Para alguns, não estou nem aí, mas ela... prometi a ela.

— Merda! — sussurra Jápeto.

Paro de lutar contra Boone, me viro e arfo.

Porque não estamos sozinhos.

Aqui nos encarando nas entranhas do Submundo há... deuses.

Mais ou menos uns doze — e a luz está emanando *deles*. Cada um deles une esforços para atacar o Tártaro.

Eles estavam... *tentando* nos matar?

Olho para trás. A fumaça e o fogo vêm do Hades. Só pode ser. Ele não estava ateando fogo no mundo. Estava tentando impedi-los de me matar.

Devagar, eu os observo, com a morte crescente em meu peito.

Dão uma olhada na gente e param, com o poder sumindo tão rápido que a caverna de repente fica mais escura. Pisco algumas vezes, ajustando a visão, tentando determinar quem são meus inimigos.

Não o Caronte. Nem o Cérbero.

Hermes está aqui, porém, com um porte mais esguio que os outros deuses, mas tão perigoso quanto. Está pairando acima dos demais com as sandálias batendo como as asas de um beija-flor. A mulher abaixo dele, escondendo o rosto claro com o cabelo preto esvoaçante, é Hécate, a deusa de muitas coisas, inclusive um cantinho do Submundo. Ainda não fomos apresentadas oficialmente.

No entanto, os outros deuses ali não são do panteão grego. Vejo um esqueleto com respingos de sangue pelo corpo e globos oculares flutuando nas cavidades pretas que só pode ser o Mictlantecuhtli dos astecas. Acho que a mulher ao seu lado é Hela, do povo nórdico, com a pele meio azulada, meio cor de madeira clara e o cabelo escuro rente. Há um deus de duas caras ao lado

dela que sibila a língua bifurcada na minha direção. Também é difícil não notar o deus egípcio Anúbis, com a cabeça de chacal de pelo preto.

Quem são também é bem difícil de ignorar.

Os deuses e as deusas dos Submundos. Da Morte.

Estão aqui por *nossa* causa. Pelos titãs.

Sei disso por causa dos véus finos de feitiço em seus rostos e pelo jeito que cada um assume uma postura de batalha, com armas e mãos erguidas, prontos para lutar.

Os titãs ficam todos tensos.

Não assumem posturas de batalha, mas... estão todos de armadura agora, com armas nas mãos. Uma armadura simples e reluzente. Não aquelas paradas decoradas que os filhos usam. Armadura e armas que não tinham dentro do Tártaro. A camisa de estampa gritante do Jápeto sumiu. Em vez disso, ele porta a famosa lança.

Quando olho para baixo, percebo que estou trajando a roupa que usava no dia em que fui puxada para dentro do Tártaro, incluindo o colete e, a julgar pelo peso, os meus *dois* machados.

Aí um som estranhíssimo, entre um rugido e um miado de gato, irrompe atrás deles, e dois dos deuses se agacham quando dois leões enormes — um com crina preta e outro sem crina — pulam na direção da Reia, que se ajoelha para aguentar o impacto do cumprimento jubiloso. Eles se encolhem e se esfregam nela toda, emitindo sons sem parar.

— Meus bebês... — murmura ela. — Me esperaram?

Ergo as sobrancelhas. Será que Hades sabia que os bichos estavam aqui embaixo? Será que ficaram esperando pela dona esse tempo todo?

Do outro lado, os deuses mudam de posição, se entreolhando.

— Você é a Lyra? — pergunta Anúbis para mim.

A boca de chacal dele se movimentando ao falar é bizarra pra caralho.

Olho para Boone.

— Por que o deus egípcio do Submundo sabe meu nome? — questiono aos sussurros.

Responde assobiando com um sinal de “não faço ideia”.

— Sou — respondo.

— Sua presença é requerida urgentemente no Olimpo. O Hades tá no trono.

Ele desvia o olhar de mim para os resquícios destroçados do Tártaro e os tentáculos de fumaça ainda acertando os escombros. Tentando me tirar dali? Escavar até me encontrar?

Não deve saber que saí primeiro.

Não me pressente?

Será que está fora de si desse tanto? Merda. Mas ainda não posso sair daqui.

— Ele vai matar todos nós — berra Hermes quando não respondo. — Zeus já...

Hermes não completa, e a insinuação me acerta como um dos relâmpagos do deus dos trovões, bem no peito. Zeus morreu?

— A gente tá aqui pra evitar a soltura dos titãs — informa Anúbis. — Parece que a gente chegou tarde. Agora temos que lutar em duas frentes.

É luta de qualquer jeito. Nada de conversa. Aquele maldito feitiço.

— Titãs do Tártaro... — Anúbis se dirige aos que me cercam. — A gente não pode deixar vocês viverem fora da prisão.

É. É o tipo de situação inegociável.

Dou três passos determinados para ficar na frente da minha família, e Boone se junta a mim de um lado, e Perséfone, do outro.

Um deus sério trajando um hanbok coreano tradicional com belos tons de vermelho e roxo — Yeomra, acho que é o nome — me incentiva a atravessar o limite entre nós e eles.

— Vem, jovem deusa. Você agora está em segurança. Vai lá deter seu amante.

Vou lá já, já. Mas não vou abandonar os titãs.

Analiso os deuses, tentando categorizar quem estamos enfrentando.

Hades estava começando a me inteirar dos outros deuses da morte e dos Submundos quando fiquei presa aqui. Quase solto um suspiro de alívio quando vejo que não tem nenhuma mulher com garras nos pés. Eresquigal não está aqui. Hades me falou que a poderosa deusa da morte suméria era a única divindade do

Submundo que ele temia conseguir destruí-lo. Alguém teve a inteligência de não a convidar para o rolê.

— Lyra... — A voz da Hela é gentil, fluindo que nem água, como a música mais doce, um contraste direto com o rosto abatido. — Vem pra perto da gente.

O efeito me alcança, reconfortante e ao mesmo tempo perturbador, e tenho que fechar os olhos, balançando a cabeça para me desvencilhar dela. Só quando não sinto vontade de obedecer abro os olhos e a vejo estreitando os olhos para mim, irada.

Abro um meio-sorriso significativo. *Sou uma deusa do Submundo também*, a lembro em silêncio.

— Vocês entenderam errado — afirmo. — A gente vai ficar aqui pra proteger os titãs... de vocês.

PARTE 8
ATEANDO FOGO EM TUDO

Prometo que nunca mais vamos fazer isso.

93

OS QUE SE FORAM

LYRA

O choque paralisa os deuses tensos à nossa frente por vários instantes.

Aí o rosto de Hermes se contorce em tamanha fúria que não o reconheço mais. Tudo focado em... mim. Hécate abre a boca, sussurrando, e Hermes, com os olhos pretos faiscando, brada uma única palavra em um grunhido:

— Traidora!

O deus mensageiro, antigo deus dos ladrões, atravessa o espaço entre nós com um grito gutural. As sandálias aladas o erguem a alguns bons centímetros do chão, fazendo-o cortar o ar com uma velocidade impossível até uma rajada de vento catapultá-lo para trás. Eu me viro e vejo Euríbia com as mãos para cima. Ela só para quando o grito furioso de Hermes fica distante, assim como ele.

A titânide abaixa as mãos.

Como se o cessar do vento fosse uma bandeira sendo abaixada, os deuses da morte avançam.

— Tentem não machucá-los! — grito por cima do ombro para os titãs.

Eles estão enfeitiçados. Não é culpa deles.

Aí me preparo para aguentar o golpe do Anúbis.

Mas ele não vem para cima de mim. Hiperião aparece do nada e o teletransporta para longe.

Solto um grunhido como se o deus egípcio tivesse mesmo me acertado, mas me recomponho para enfrentar a próxima ameaça.

No entanto, como se eu fosse o Moisés da Bíblia, os outros deuses se espalham para os lados como o Mar Vermelho. O caos impera com um colidir de corpos e armas por todo lado, os gritos e grunhidos de dor ou impacto. A luta se agrava ao redor, porém nada nem ninguém me ataca.

Abaixo os braços, endireito a postura e olho ao redor, com movimentos rápidos e consecutivos da cabeça.

— Em nome do Hades, o que tá rolando?

Por que não estão me atacando?

Porque precisam de mim.

O Hades precisa de mim.

— Ai, meus deuses!

Minhas tatuagens. Recebi o colete e os machados — por que não elas também? Faço um traço pelo braço, e de imediato os desenhos ganham vida. A tarântula agita as patas dianteiras para mim, enquanto a coruja bate as asas, e a raposa e a pantera começam a saltar. Acho que estão felizes em me ver.

Queria ter mais tempo de desfrutar da alegria junto com os animais.

— Vão lá encontrar o Hades — ordeno. — Digam a ele que fugi do Tártaro. Depressa!

Os quatro animais pulam da minha pele, assumindo tamanho real. Porém, em vez de ficar de carne e osso, continuam nas formas reluzentes. Inclino a cabeça, mas antes que possa perguntar, desaparecem. Talvez tenham se teletransportado?

Por favor, que o alcancem! Ao menos consigo dar alguma esperança a ele enquanto lido com a bagunça aqui embaixo.

Feito isso, olho ao redor.

A única batalha de deuses que testemunhei, e só por uns poucos instantes, foi a luta para prender os titãs. Não sei por que eu esperava que se parecesse um pouco com uma guerra humana. Mas não é isso que vejo.

Deuses não lutam só no chão. Não se enfrentam só em um combate mano a mano, arma a arma. A caverna imensa está repleta de deuses e titãs desaparecendo e reaparecendo, ainda lutando, e com poderes sendo arremessados por toda parte: ventos, águas,

escuridões, fogo. A caverna preta e profunda é iluminada em estrobos e lampejos.

O orixá de duas caras, que só pode ser Exu, o espírito mensageiro iorubá, logo se transforma em um hipopótamo e avança nos leões da Reia com uma velocidade chocante. O animal maldito parece um tanque de guerra.

Mas, antes que possa machucar seus bebês, Reia aparece na garupa do Exu. Reia coloca as mãos nas orelhas dele, e o hipopótamo começa a desacelerar e até se acalmar. Mas não rápido o bastante. Os leões percebem também, perseguindo o hipopótamo e a condutora.

— Não!

Só tenho tempo de esticar os braços antes que todos eles caiam no abismo.

Reia consegue se teletransportar. Tenho que ter fé de que ela vai salvar a si e seus animais de estimação que acabou de reencontrar.

O que significa que... Todos os titãs podem se teletransportar agora que estamos fora do Tártaro. Podem se esconder. Lutar não é necessário.

— Se teletransportem e se escondam! — grito.

Faço uma conchinha com as mãos ao redor da boca e grito de novo, mais alto.

Agora, quanto a descobrir o que preciso fazer, não acho que os machados vão ajudar muito nesta situação. Quando os cruzo, criam um escudo defensivo que me protege até de um kraken, mas ninguém está me golpeando, e não sei bem como usá-lo como uma ferramenta de ataque.

— Pera lá, Mnemosine.

Eu me viro ao ouvir as palavras perversas. Do outro lado de onde estou, em parte com a vista bloqueada pela estalagmite, Hécate se divide em três versões de si mesma, uma ficando de costas para a outra. Assim, ninguém consegue avançar nela de nenhuma direção. O cabelo comprido preto esvoaça de uma forma para a outra, a única coisa as conectando. Todas as três formas arremessam chamas das tochas em suas mãos.

A guia dos mortos lança uma bola de fogo na Mnemosine, mas a titânide só ergue a mão, absorvendo o golpe e extinguindo o fogo

sem esforço. Com um rosnado animalesco, Hécate começa a se virar. Ao fazer isso, arremessa várias bolas de fogo das seis tochas, e a titânide absorve cada golpe. Sem revidar. Sem se aproximar. Só a mantendo ocupada e longe de mim.

Aproveito a distração da Hécate para correr até ela. Só tem um jeito de interromper a luta. Preciso tirar os feitiços deles ou nunca vão parar até que os matemos.

Matar está fora de questão.

Não tem como se aproximar da Hécate sem ser percebida, porém. Duas das cabeças dela se viram para mim de súbito, e enquanto ela está ocupada atirando fogo na Mnemosine, as outras duas acertam a escuridão no meu peito.

Nem reparo até acontecer.

Estou correndo, e então sufocando.

Não consigo enxergar. Nem respirar. Nem me mexer.

Até uma haste de luz dividir o cobertor da noite sob o qual Hécate me enterrou. Aproxima-se mais e mais até a mão de alguém penetrar o escuro e me tirar dali.

Da mesma forma que a escuridão chegou de repente, num piscar de olhos estou de volta à câmara. As três cabeças da Hécate olham feio para Hiperião, que solta minha mão. O pai do sol, da lua e do amanhecer nos mostra exatamente o porquê enquanto vai brilhando cada vez mais, enchendo a caverna de luz pura.

Uma luz tão radiante que preciso colocar a mão nos olhos para que não ofusque minha visão.

Ouço um grito, e aí a luz se apaga.

Abaixo o braço, piscando sem parar. Hécate sumiu.

— Você a machucou?

Ele nega com a cabeça.

— Ela fugiu, mas não vai se acovardar por muito tempo.

Hiperião foca em algo acima da minha cabeça, e ouço um movimento logo antes de ele me empurrar para o chão. A lâmina passa tão perto que sinto o ventinho nas minhas costas. Sigo o trajeto da foice até parar de repente em pleno ar, na frente da Teia, que está no caminho.

Uma foice.

Pode ser de muitos deuses e deusas aqui.

Teia olha para a arma, inclinando a cabeça, e com um bater das longas pestanas, os metais preciosos que compõem a arma se derretem, formando uma poça no chão. As pedras preciosas que adornavam o bastão tilintam ao acertar a pedra, se espalhando aos pés dela.

Enquanto as pedras vão quicando, dois deuses aparecem em ambos os lados dela. Os moccasins e os casacos caribu são os únicos indicativos de que parte do mundo eles vêm. Gêmeos, talvez. Irmão e irmã, por certo, de tanto que se parecem. E é isso que entrega quem são...

Tia e Ta'xet. A deusa haida da morte pacífica e o deus da morte violenta.

O grito alarmado de Teia é interrompido quando desaparecem juntos.

Eu me levanto num pulo, buscando algo que possa usar para detê-los.

Chega mais perto. Tenho que chegar mais perto.

Hermes volta com um grito de guerra, correndo pelo espaço a uma velocidade que quase o deixa invisível, graças às sandálias. Firmo bem os pés e foco no vestígio borrado que é o deus. Se eu conseguir arrancar a tela do feitiço quando estiver perto...

Boone aparece na frente do Hermes, cessando a velocidade com uma colisão de corpos e grunhidos de ambos. Os dois desaparecem. Não sei quem teletransportou quem.

À direita, Jápeto está usando a lança — a famosa Lança da Vida Mortal. Ele está frente a frente com Anúbis e seu cajado.

— Eu sempre soube que você queria um pedaço de mim, Perfurador — provoca Anúbis.

Típico do Jápeto, o titã sorri.

— O que foi que me entregou, vira-lata?

Anúbis mostra os dentes, com os pelos da nuca de chacal se eriçando. Os dois deuses avançam, se esquivam, giram e fazem manobras, com as armas cintilando e nenhum ganhando vantagem sobre o outro. Uma luta de iguais.

Não vou me aproximar enquanto estão fazendo isso e não quero arriscar sentir na pele a ponta afiada daquela lança letal.

Mictlantecuhtli aparece do nada, bem na minha frente. O instinto me faz dar um pulo para trás quando era para eu aproximar a mão do rosto dele.

— Precisam de você no Olimpo, pequena — informa o deus asteca com uma voz tão sobrenatural que me causa calafrios.

Aqueles globos oculares pulando nas cavidades vazias são perturbadores para um caralho.

Preciso me aproximar, porém, então forço um sorriso.

— Por que você não...

Vinhas explodem do chão e se enrolam no Mictlantecuhtli, que destrava o maxilar ossudo e revela um vácuo escuro e infinito lá dentro. É a última coisa que vejo antes que fique coberto pelas plantas.

— Foge, Lyra! — berra Perséfone.

Antes que eu consiga dar dois passos, um som sibilante emana das vinhas e um círculo preto de escuridão atravessa a vegetação densa como se nem existisse. O círculo de escuridão desaparece, levando Mictlantecuhtli junto e deixando só um buraco no lugar, e as partes das vinhas que foram tocadas pela coisa no mesmo instante ficam pretas, em uma imagem horrível de morte imediata. A necrose vai se espalhando até a criação da Perséfone ser só cinzas podres no chão.

Mictlantecuhtli aparece diante de mim de novo, mas no instante seguinte Crio e Céos estão ali também, e mais uma vez todos eles desaparecem.

— É melhor alguém vir lutar comigo — resmungo.

Como um bom deusinho, Hermes surge na minha frente, me segurando pelo pescoço. Disparamos para o ar, minhas pernas se agitando e eu tentando afastar seus dedos da minha pele com uma das mãos e com a outra me aproximando do seu rosto.

— Desde o dia em que você entrou na Ordem dos Ladrões, eu soube que arranjaria treta — diz ele com um rosnado.

— Porra nenhuma — respondo, com dificuldade. — Você nem sabia que eu existia.

A expressão no seu rosto coberto pelo véu é de acusação.

— Perdi meu posto como deus dos ladrões, e você é o motivo.

— Não, filho da puta, o motivo sou eu — brada Boone com um grunhido.

Hermes olha por cima do meu ombro e aí me larga para ir atrás do Boone, e enquanto caio, me debatendo — isso de cair me debatendo em meio ao vácuo tem acontecido demais —, vejo Boone dar dois socões bem dados no deus mensageiro, que talvez nunca tenha levado uma porrada antes.

Boone se afasta de Hermes, mas o deus o segura pelo tornozelo e os dois desaparecem outra vez.

— Mas que merda!

Como os titãs vão sair daqui e se esconder se não conseguem ir embora porque toda hora um tem que defender o outro?

Alguém vai morrer — em qualquer um dos lados — se não acabarmos com isso agora.

Se *eu* não acabar com isso agora. Considerando que os dois lados parecem estar querendo me manter viva — nem Hermes tentou me matar —, talvez eu seja a única em segurança aqui embaixo.

E tenho que arrancar os feitiços dos rostos deles, caramba.

Isso vai pôr fim a tudo.

Eu me teletransporto, voltando ao chão ao reaparecer.

Bem a tempo de ver a Hela sendo engolida pela bolha de água à sua volta, acompanhando seus movimentos quando ela tenta nadar e escapar.

A Tétis, percebo.

Febe está ali também, o mais perto possível da água, com as mãos erguidas como se quisesse encostar o rosto no vidro.

— Não se lembra de mim? — pergunta a titânide à Hela presa, com um tom perdido e desolado. — A gente era amiga antes...

A expressão da Hela é tão enojada que faz seu rosto lindo ficar feio enquanto ela nega com a cabeça, veemente.

— Me solta, ô vagabunda! — grita ela para Febe.

Ou acho que grita. Só vejo os lábios se movimentando daqui.

A água ondula, e Hela fica com o rosto vermelho como se fosse imprensada.

— Não machuca ela, Tétis — pede Febe.

E então começo a correr na direção delas, as paredes de pedra virando um borrão tamanha minha velocidade.

— Não dá pra colocar só a cabeça dela pra fora d'água? — grito.

A água se mexe, e Hela consegue nadar de novo, a cabeça emergindo na superfície, mas o resto do corpo segue preso lá dentro.

E estou muito perto. Estou esticando a mão para seu rosto quando Hela olha para Febe.

— Ah, agora que notei! Não é você que tá fazendo isso — fala a deusa nórdica para a titânide. — É a...

Na água, ela espalha bem a mão, e bem quando roço o dedo pelo seu rosto, a bolha de água se rompe com um esguicho. De imediato, a água se esparrama pelo chão, então começa a recuar, se agrupando até formar um corpo.

Um corpo que não se mexe.

— Tétis! — exclama Febe, caindo de joelhos ao lado da irmã, se debruçando sobre ela antes de se afastar, arfando, com as mãos na boca.

Ela olha para Hela, horrorizada.

— O que você fez?

Hela fica caída ali, ofegante, então abre um sorriso enlouquecedor para Febe.

— Você não fez isso... — sussurra Febe.

— Mão da Glória.

Sinto o rosto ficar pálido, e o enjoo chega para acompanhar. Ai, deuses! Hela consegue matar qualquer ser vivo a seu bel-prazer com um mero toque.

A Tétis está...

Olho para seu corpo com atenção, ali deitado de lado, de costas para mim. Sem se mexer. Sem respirar.

Ela... ela morreu.

94

PESADELOS

LYRA

— Não! — O grito da Teia penetra o nada, com a titânide emergindo do teletransporte e correndo na direção da Hela.

A deusa nórdica está de pé e manifesta a famosa Espada Noturna em um instante, cortando a perna da Teia. No entanto, a titânide se cura tão depressa quanto a espada fere. E, a julgar pela sua expressão, ela vai matar a Hela.

Não podemos perder mais ninguém.

Não é culpa da Hela. O feitiço a fez acreditar que estava com razão ao fazer isso.

Com um mero pensamento, me teletransporto para mais perto. Quando reapareço, Anúbis está ali, enfrentando a Teia com a Hela. Ele me dá um tapa na cara, que me faz ir parar do outro lado do espaço.

Eu me teletransporto de novo para evitar colidir com a parede da câmara, e logo tento de novo, do outro lado da Hela. E, mais uma vez, sou arremessada longe. Desta vez, o golpe vem dela. Devem pressentir minha aproximação quando me teletransporto.

Agora estão enfrentando três titãs: Teia, Febe e Jápeto.

Espera aí! Nem Anúbis nem Hela me feriram com as armas que portam.

— Não podem me matar — comento comigo mesma. — Precisam de mim pra deter o Hades.

Se eu acabar morta, não sei o que ele vai fazer. Não quando já está tão fora de controle que não sabe que já escapei do Tártaro.

Não quando os tentáculos de fumaça e fogo afunilados e violentos ainda escavam os destroços da prisão, tentando me tirar dali.

Eu me encolho. O que estou prestes a fazer, provavelmente, vai doer.

Eu me teletransporto de novo e, desta vez, miro no ponto em que a Hela está empunhando a espada. Reapareço bem na hora em que a lâmina me atravessa.

Hela arregala os olhos. Anúbis também, e juro que até o pelo preto dele empalidece quando tusso e sangue dourado borbulha da minha boca, a lâmina ainda fincada no meu peito.

— Não — sussurra o deus chacal.

Sentindo cada rasgo, cada raspão da pele, terminações nervosas e entranhas, forço o corpo na direção da espada, mais e mais perto da Hela, até a ponta começar a sair pelas minhas costas.

— Só você pode deter ele. — A voz dela é pura descrença. — O que você está fazendo?

Bônus: Anúbis se aproxima também, talvez para me parar, ou talvez para evitar que Teia se aproxime da Hela.

Não ligo. Só preciso que ele chegue bem pertinho.

— Sou a única que pode deter *vocês*.

Pego os véus em ambos os seus rostos e arranco os feitiços, os jogando no chão e ali, assim como os da Febe e da Perséfone, eles queimam com um som sibilante até virarem cinzas, se misturando às cinzas que se derramam do fogo e da fumaça que Hades atocha no chão.

Anúbis me observa, com o pavor crescente escurecendo os tons de marrom e dourado dos olhos de chacal.

— Não pode ser... — sussurra ele, com um tom feroz.

Mas é a resposta da Hela que me prende. Com um choramingo, a deusa larga a espada, ainda fincada em mim, e vai chegando para trás, se virando para o corpo da Tétis no chão.

— Não. — A palavra soa como um gemido. — Por favor, não.

Ela está de costas para mim, porém é impossível não ver os ombros dela sacudindo, os soluços. Ela sabe o que fez. Sabe que não tem como voltar atrás. Mesmo que não tenha sido culpa dela, vai ter que carregar esse fardo para sempre.

Olho para Anúbis.

— Vocês foram todos enfeitiçados pra acreditarem em uma mentira.

O deus egípcio do Submundo mostra os caninos afiados. Não sei o que espero que aconteça em seguida, mas não é ele pegando o punho da lâmina cravada em mim e arrancando a arma.

Eu me inclino para frente, fazendo de tudo para não vomitar nem desmaiar. Com um gorgolejar de dor, a intensidade da sensação me faz cair de joelhos. Aí Anúbis se coloca ao meu lado, pressionando a lesão de entrada e saída da espada. Um brilho emana das suas mãos, e um quentinho surge na ferida, se espalhando pelo meu corpo como se deslocando-se do buraco da espada e me costurando toda. Porque, quando ele para, a dor sumiu, e consigo me levantar, afastar o rasgo da roupa e ver a pele intacta de novo. Mil vezes mais rápido do que com a cura divina. Olho para o deus.

Ele dá de ombros.

— Alguns deuses da morte não são só dados à morte.

— Como isso é possível? — indaga Hela, detrás dele.

Há outros lutando ao redor, percebo. Nem sei se perceberam o que aconteceu.

— Não tenho tempo de explicar. Protejam os titãs e me façam chegar perto dos outros pra eu tirar os feitiços.

Anúbis assente, desaparece, aí reaparece com Hermes a tiracolo.

— Que merda você tá fazendo? — reclama Hermes, relutando contra o deus chacal, mas sem conseguir se soltar.

Aproximo a mão do rosto do Hermes outra vez.

Hermes ativa as sandálias, rebocando a si e a Anúbis para longe. No mesmo instante, alguém derruba o Hiperião.

Merda! Isso vai demorar muito, mesmo com ajuda. Corremos o risco de perder mais gente.

— *O que tá acontecendo aqui, porra?* — Uma voz áspera e resmungona ressoa na minha cabeça, seguida pelo eco de duas vozes bem diferentes dizendo a mesmíssima coisa.

— Cérbero!

Corro e enfio o rosto no que basicamente é o sovaco do cão infernal de três cabeças, com os braços bem abertos para tentar abraçar o grandalhão.

— Lyra... — As três vozes de Cér, Bê e Rô falham ao pronunciar meu nome, e o cachorro de repente se curva na minha direção, as cabeças me afagando enquanto ele solta sonzinhos caninos de alívio.

Sorrio e rio contra seu pelo, que cheira a enxofre.

— Você tá aqui.

— *Tô aqui* — assegura Cér.

— *Senti você voltando ao Submundo*. — O rosnado do Bê é quase uma acusação, e uma pequena chama dispara das narinas.

Rô me faz carinho com o focinho.

— *Mas senti isso antes...*

Ele para de falar de repente, e as três cabeças rosnam. Um som que é assustador pra porra em um dia bom, mas com minha orelha imprensada no seu peito e com as cabeças perto assim, o barulho horripilante me circunda como um trovão.

Não preciso nem afastar o rosto do pelo dele para saber o que ele está olhando.

— Espera aí. — Eu me afasto, na intenção de retirar o véu das três caras, mas... — Não tem feitiço? — As palavras me escapam.

Rô inclina a cabeça para o lado, um jeito canino de dizer "quê?".

— *Como assim?* — pergunta Cér com um tom exigente, o olhar ainda fixo nos titãs e na luta ao redor.

Engulo em seco, então explico o mais rápido que dá. Depois dou detalhes.

— *Não pode ser, pequena imortal* — retruca Bê, rosnando. — *O Hades não teria sido enganado...*

— Vi o feitiço no rosto dele. Foi, sim.

As três cabeças balançam em negação, com as papadas abanando.

— *Não*.

— É verdade — confirma Anúbis. O deus egípcio não saiu de onde estava, sem ousar se aproximar de nós. — Eu não teria acreditado se ela não tivesse tirado o véu dos meus próprios olhos.

Uma das cabeças — acho que Bê — bufa. Um jeito de o cão infernal resmungar em concordância. Ao menos é o que espero.

— Então explica — diz uma voz do outro lado do Cérbero, e o cão infernal se vira com outro grunhido horripilante.

— Pelo amor das almas — resmunga Hela, desembainhando a espada.

Mas nenhum deles ataca.

Eu me abaixo e espio por debaixo da barriga dele, vendo a base do hanbok do Yeomra. Enquanto Cérbero permanece imóvel, com os pelos eriçados, observo ao redor e vejo o deus coreano, o quinto rei do Submundo deles, com um livro enorme de capa de couro na mão, as páginas expostas, que olha não para Hela nem para Anúbis, e sim para os titãs.

— Minha mente tá tentando me dizer que os titãs são o próprio mal e merecem a prisão, além de todas as punições possíveis. Mas o livro diz outra coisa.

O livro da sentença.

Pelos céus, quem quer que tenha enfeitiçado todo mundo deixou uma coisa passar.

— Confio no livro — declara ele.

Afago Cérbero para demonstrar que está tudo bem e saio de debaixo dele, me aproximando do Yeomra.

— Posso tirar o feitiço que tá nos seus olhos, se quiser.

Ele alterna o olhar entre mim, Hela e Anúbis, aí confirma com a cabeça. Com um movimento dos dedos, arranco a tela bem fina.

Enquanto Yeomra pisca e se familiariza com as lembranças reais, me viro para Cérbero.

— Pode proteger os titãs sem machucar os outros deuses até eu conseguir tirar os feitiços do resto?

Cér abaixa a cabeça e me olha com atenção.

— *Hades precisa mais de você do que eles, minha rainha.*

Meu coração se aperta.

— Eu sei, mas não posso ir lá até saber que não vão se machucar. Não posso deixar a luta continuar. Não pode ter mais morte. Não por causa de uma mentira.

Como se as Moiras me ouvissem, um estrondo ricocheteia para além do rugido da fumaça e fogo do Hades, e dos destroços do Tártaro irrompem algumas criaturas aladas conhecidas.

— Pesadelos! — exclama Exu, acho.

Sorrio. Os Pesadelos juraram lealdade a mim.

Levo dois dedos à boca e assobio. Como uma revoada, os Pesadelos disparam na minha direção. Não quero que sejam atacados, e não temos tempo.

— Evitem que os deuses ataquem a gente! — grito. — Não os machuquem, mas tenham cuidado. Tragam eles aqui pra mim.

Com a ordem, os Pesadelos somem. Todos, com exceção de um. Como uma flecha solitária, forma um arco no ar e aí dá um rasante, mal espalhando as asas tipo de morcego antes de pousar na minha frente.

— *Vai levar só uns minutos, senhora.*

Sério? Seria impressionante. Assinto e aí fico sem reação, porque diante de mim estão todos os deuses e titãs, com um Pesadelo ao lado de cada um. Cada ser poderoso olha ao longe, com um olhar vidrado.

— Nossa, que...

O Pesadelo-chefe ao meu lado parece achar graça.

— *Eu sei.*

Fica aí o lembrete de eu repassar umas regrinhas para eles antes de soltá-los no mundo.

— Podem liberar os titãs.

Aqueles que estavam sob a influência logo piscam, aí tomam fôlego, como se tivessem passado muito tempo debaixo d'água.

— Mas que desagradável... — murmura Mnemosine, olhando para o Pesadelo que a pegou.

Ela também dá um passinho para longe. Acho que a criatura sorri. Difícil saber com essas expressões neutras todas.

— A gente não pode conter as mentes dos deuses por muito tempo, porém — informa o que está perto de mim.

Saquei. Com todos eles imóveis, não leva muito tempo para eu tirar todos os feitiços, cada Pesadelo liberando o refém de qualquer que fosse a alucinação em que estava conforme faço isso. Todos eles têm a mesma reação, o piscar e ofegar seguindo pelo choque e pela perplexidade.

Reia vem para o meu lado.

— A gente tá seguro agora e pode explicar tudo pra eles. Você tem que ir encontrar o Hades.

Seguro. Não consigo olhar para a titânide caída no chão.

— A Tétis...

— Vamos honrá-la quando for a hora certa — garante Reia.

Ela perdeu um marido e uma irmã hoje. Como que está se aguentando em pé?

— A gente não pode ir contigo. — Reia olha ao redor. — É melhor a gente não ser visto ainda. Não até você tirar o resto dos feitiços.

Ela tem razão. Concordo com a cabeça.

Aí Reia se inclina e beija minha testa, do mesmo jeito que Cronos fez antes de se sacrificar, e fecho bem os olhos. Como que ela aguenta me olhar? Sou o motivo da maior perda que ela já teve.

Ela me abraça, apertando por tanto tempo que sinto que não quer me soltar. Ladrões não gostam de toques, mas o que quero fazer é me encolher contra ela, me demorar no ato... mas não posso. Ainda não.

Com um suspiro, ela me solta.

— Vai, filha.

Abro bem os olhos com as palavras. Ela está me olhando com amor de mãe. Não consigo conter as lágrimas, deixando que escorram, silenciosas, mesmo quando balanço a cabeça. Como ela pode me chamar assim?

Contudo, enxuga minhas lágrimas com as pontas dos dedos e abre um sorriso muito suave.

— Não deixa que o sacrifício do Cronos seja em vão. Não dá para redefinir o tempo agora que ele se curou e é seu. Vai mostrar ao Hades que você tá em segurança. Detenha ele antes que ele faça algo pior do que tentar escavar seu corpo por entre os escombros.

Desvio o olhar, procurando Boone. Enfrentamos isso juntos. Ele foca o olhar no meu, firme, e assobia uma vez baixinho. *Vai*.

Engolindo em seco, volto o olhar à Reia.

— Não sei como fazer isso.

— Deixa ele te ver. Te ver de verdade.

95

QUEIMA, QUENGARAL

LYRA

Deixar o Hades me ver.

Isso já defini. Com sorte, ele vai acreditar que é minha versão do presente, e não a futura que toda hora some para ele.

— Não sei como sair daqui.

Quando Hades me trouxe aqui para baixo, foram precisos três teletransportes.

— *Ele não consegue me ver* — informa Cér do jeito sério de ser. — *Ele acha que tô tentando deter ele. Já me deu vários safanões, e não tava de brincadeira, não.*

O senso de urgência me atravessa. A coisa está ruim *desse tanto*? Tipo, Zeus até vai, mas o Hades ama o cachorro. Não consigo imaginá-lo tratando Cérbero assim.

— Eu te levo — afirma Hermes, vindo para meu campo de visão.

Fico sem reação.

— Sério? Não vai só me largar num fosso qualquer ou...

— Isso é mais importante. — Hermes não está exultante com a ideia, mas ao menos diminuiu o nível da babaquice. — A gente não precisa de outra pessoa detendo a gente. Hécate não pode mais sair do Submundo, e é pros outros ficarem aqui embaixo vigiando o Tártaro, mas ninguém vai questionar se eu voltar lá pra cima. Vão achar que tenho alguma novidade.

Saquei.

Olho para Reia, que ergue as sobrancelhas. A decisão é minha.

Estendo a mão para Hermes.

— Por favor, me leva pra encontrar o Hades.

Hermes faz uma careta e me segura pelo braço em vez disso.

— Segura firme. Não sou tão delicado aqui embaixo quanto o Hades.

Para ser sincera, com o primeiro teletransporte, meio que ainda espero algo nefasto, mas ele está mesmo me levando para o Olimpo. São necessários nove teletransportes para Hermes nos conduzir Submundo afora. O deus está ofegante e suado quando enfim anuncia:

— O último agora. Se prepara.

— Como assim "se pre"...

Minha pergunta é interrompida pelo nosso sumiço. Quando reaparecemos, basta uma olhada ao redor antes de eu ser tomada por um rompante absurdo de pavor.

— Santa mãe Gaia! — As palavras me escapam com um sussurro brusco enquanto o choque aperta minha garganta, impossibilitando falar mais.

Hermes nos trouxe para o topo da montanha do Olimpo no qual sediou seu Trabalho da Provação. Não lá no ponto mais alto, mas no caminho logo abaixo de onde ficavam nossos patamares. Daqui dá para ver a maior parte do Olimpo.

E o que vislumbro é um show de horrores. De proporções apocalípticas.

As três cachoeiras que se derramam das estátuas esculpidas de Zeus, Poseidon e Hades foram destruídas, com água jorrando para o céu em colunas brancas, azuis e pretas que desabam nos edifícios abaixo. A origem dos tentáculos escavando o Tártaro, evidentemente, é o templo principal bem lá em cima. Braços envoltos em fumaça preta e chama bem azul explodiram o teto e, agora, se balançam como as cabeças de uma hidra.

Um tentáculo está enfiado goela abaixo da estátua do Hades, e a cachoeira jorra menos, mas esguicha em todas as direções. Deve ser o que o Hades está usando para escavar o Tártaro, obrigando o fogo a se entranhar pelos portões de lá e naquele inferno.

Há mais três tentáculos balançantes serpenteando pelas ruas do Olimpo, dizimando e ateando fogo em tudo. Só o que consigo discernir sob a fumaça das chamas são as ruínas e os destroços. Ele

pôs fogo na encosta inteira da montanha com a chama azul, deixando um rastro de aniquilação sombria por um dos lugares mais belos que existiam. Uma cicatriz. Considerando como chorou nos meus braços depois de destruí-lo da primeira vez, vai se odiar depois que o detivermos desta vez.

Enquanto isso, ao menos outros cinco tentáculos de chama se agitam, frenéticos, no ar ao redor do templo, enquanto os deuses atacam a fortaleza de fumaça que Hades construiu ao redor de si mesmo. Estão fazendo progresso negativo quanto a isso, com os tentáculos toda hora os jogando para trás.

Não é de se admirar que precisem de mim.

Ninguém — nenhum dos deuses, mesmo com todo o poder — consegue se aproximar dele.

— O teletransporte não adianta. Ninguém conseguiu passar do lado de fora do templo, e a fumaça dele acha a gente na mesma hora. Então, não tenta isso. — Hermes me lança um olhar de soslaio. — É melhor conseguir chegar até ele, hein, porra!?

— É... — sussurro.

Nem ligo para ele ter voltado à configuração normal da babaquice e para a ameaça feita.

O teletransporte não funciona? Lógico que meu deus da morte não facilitaria nada.

Hades está fazendo isso por *minha* causa, porém. Para me proteger dos deuses tentando destruir os titãs e a mim de quebra. Então se alguém tem uma chance...

Ao menos vou ficar tentando me convencer disso.

— Vê se consegue fazer os outros recuarem — digo para Hermes.

Ignoro o olhar de afronta que ele me lança porque a frase saiu como uma ordem, mas não estou com tempo de ficar amaciando o ego dele, não. Já me teletransporto para longe. Apareço no caminho bem debaixo do templo principal e, graças a uma péssima pontaria, caio a centímetros de uma das barreiras em chamas ao redor.

— Merda!

Antes que eu consiga sacar os machados e cruzá-los, criando um escudo de defesa invisível, sou derrubada por algo duro e ágil. Se

braços não tivessem me envolvido para receber o grosso do impacto enquanto caímos pela encosta rochosa, rolando sem parar, eu pensaria que foram os tentáculos do Hades que me acharam.

Só percebo que é o Ares quando enfim paramos de rolar e ele fica de pé em um pulo, pairando acima de mim.

Por um minuto, penso nele estraçalhando meu símbolo no desafio anterior ao jogo na Provação, quando tivemos que fazer por merecer os presentes. Mas ele não é o deus competitivo e vingativo que era naquele momento. Este Ares não está focado em ganhar. Ainda usa uma armadura completa, mas no capacete falta um pedação do visor, e escorre sangue dourado do seu braço.

Seu olho que resta se arregala ao me reconhecer.

— Lyra? — Até o deus da guerra parece abalado. — Como você tá aqui?

— Consegui sair.

Não digo que saímos todos. Não vai ajudar em nada.

Ares passa a mão no queixo.

— Graças aos deuses. — Ele olha para o declive pelo qual acabamos de rolar, na direção do templo. — Consegue detê-lo?

— Por isso que tô aqui. — Estendo a mão, e Ares me puxa para me levantar. — Ele tem que me ver. Acho que ainda não sabe que escapei.

Ares retesa o maxilar.

— É impenetrável. Tentamos atacar com toda a força possível, em ondas, na surdina, um de cada vez. Ele bloqueou tudo.

— Não era nem pra estarem atacando, ô cacete! — O grunhido que me escapa tão rápido e duro depois da frase é o Hades todinho, e juro que o Ares empalidece por um momento. Aí completo, numa clara ameaça: — A gente retoma isso depois.

Ele me olha de cima a baixo.

— Essas armas aí não vão ajudar, e o teletransporte não funciona.

Do teletransporte, eu já estava sabendo.

— Não tô com planos de usar arma, não.

O deus franze a testa.

— Não posso deixar você entrar sem arma.

— O Hades tá lutando pra *me* proteger. Assim que vir que escapei, vai parar.

Ares respira com força.

— Talvez. Nunca vi o Hades assim. Rebelde. Transtornado. Nem quando ele destruiu o Olimpo antes.

Porque aquela foi uma queima controlada. Não digo em voz alta.

— Ele vai parar. — Acredito nisso com todo o coração. — Mas tem que sentir que tá seguro, que não vai ser atacado. Preciso que vocês parem de lutar. O Hermes tá dizendo isso aos outros. Vai ajudar ele.

— Não posso te deixar aqui indefesa.

Sempre vi o Ares como um dos deuses mais bonitos. Rústico do jeito que se esperaria, mas com músculos esbeltos em vez de robustos. Agora, ele não é o deus da guerra, e sim o protetor que muitos mortais esquecem que é.

— Não sou indefesa.

— Lyra...

Ele não vai largar o osso.

Então beleza.

— Pode chamar a Afrodite, então? Preciso que você fique lá pro caso de não funcionar.

A indecisão oscila em seu rosto por apenas um instante, antes de dar lugar à determinação.

— Não chega muito perto até ela te achar.

Aí ele some.

— Beleza — digo, baixinho, pensando no que fazer em seguida. — Não se esquece de não murmurar.

Estou prestes a me teletransportar para mais perto do templo quando um choramingo emana dos arbustos, seguido por um farfalhar.

Eu me agacho, com os machados a postos, pronta para me defender.

Só que, quando minha tatuagem da pantera aparece, mancando e com a pata dianteira esquerda sem tocar no chão, na mesma hora corro até ela. Ela enfia a cabeça na minha mão com uma bufada.

— Tadinha. O Hades não te deixou chegar perto?

Ela nega com a cabeça.

Os outros?

Ela se vira e sai mancando, e a sigo, sem precisar andar muito até achar a raposa inconsciente. Corro até lá, largando os machados para verificar seu estado, aí respiro aliviada, ao ver que seu peito está se mexendo. A coruja pia, e encontro o animal em uma árvore, com a asa quebrada. Pelo menos parece que a tarântula, prostrada no ombro bom da coruja, está ilesa.

Não posso arriscar que o sistema de fogo e fumaça defensivo do Hades os machuque mais.

— Obrigada — digo a eles.

Quero dizer mais. Garantir que ele mesmo não os teria machucado, que com certeza não sabia o que acontecia do lado de fora, considerando que se trancou no templo.

Em vez disso, as invoco para meu braço; ali podem descansar e se curar.

Pego os machados e volto na direção do templo, para o caminho em que Ares me derrubou, parando um pouco mais atrás.

— Hades. É a Lyra.

Um tentáculo vem para cima de mim, fazendo o ar assobiar com o movimento ágil. Cruzo os machados diante de mim, e o tentáculo ricocheteia no escudo invisível. Desta vez, porém — ao contrário do Trabalho de Zeus na Provação —, sou uma deusa. Tenho que cravar os pés para não ser impelida para trás, mas não sou jogada no chão.

— Acho que você não acreditou em mim — murmuro baixinho.

Beleza. Ele não vai só me deixar zanzar lá para dentro. Meio que imaginei isso quando ele não parou de tentar escavar e me tirar do Tártaro.

Luto contra o pânico que quer me dominar. Mil medos berram na mente por cima das batidas do meu coração. Será que ele está tão fora de si assim? Será que dá para detê-lo? Tenho que chegar perto dele.

— Lyra! Graças à deusa mãe!

Duas mãos me seguram pelos ombros e me viram, e aí estou dentro do abraço da Afrodite. Mesmo agora, apesar do medo que tenta me paralisar, sinto um quentinho no coração e na alma, e me inclino contra ela. Só por um segundo.

Porém, não temos tempo e sabemos disso, as duas se afastando em sincronia.

Fico encarando. Afrodite não parece a mesma.

Não é mais a deusa glamourosa; está usando uma armadura tão prateada que dói de olhar. Não é a armadura chique que usou na abertura da Provação, porém. Não há corpos se contorcendo em um prazer hedonista. É uma armadura simples e neutra. Uma armadura de *guerra*.

Seu cabelo escuro e suntuoso é um emaranhado só ao redor dela, e há terra junto com sangue dourado por suas roupas de baixo e respingados no metal. Também há sangue no seu rosto, e não sei dizer de onde vem.

A expressão dela é quase frenética.

— Eu não sabia... — Ela engole em seco, com a voz trêmula. — Não achei que ele... O Zeus, Lyra. Ele o matou.

Um horror desolador tenta me roubar a razão. Mesmo sendo Zeus, Hades vai se odiar. Não só vai carregar essa culpa por toda a eternidade, mas vai ter que cuidar das almas deles depois. Não posso deixá-lo matar mais ninguém. Talvez ele nunca se recupere do que já fez.

Seguro o rosto dela, fazendo-a se concentrar em mim.

— Pode me ajudar a detê-lo antes que mais alguém se machuque? Ou precisa se esconder?

Entre todos os deuses e deusas que Hades está atacando, ele gosta da Afrodite. Talvez não a machuque.

— Eu...

Ela olha para um ponto acima da minha cabeça e aí segura meus braços. Após nos teletransportarmos, reaparecemos ali perto. Apesar de termos escapado por causa do teletransporte, sinto a vibração no ar do ponto em que o tentáculo de fogo acabou de acertar, bem onde estávamos paradas.

— Ele não me deixa entrar — conto. — Como que faço ele parar se não consigo chegar perto dele?

Afrodite balança a cabeça, o cabelo caindo pelos ombros, embaraçado.

— Ele não sabe que é você. É como se tivesse se despido de toda a lógica.

— O que você já tentou fazer?

Ela faz careta.

— Todo mundo já tentou todos os poderes que temos. Não só a gente, mas deuses de outros panteões... nórdico, egípcio, celta, asteca, cheroqui, cuxita, dravidiano. Todos. Nada adianta...

— Não. — Aperto seu braço para interrompê-la. — Não todo mundo... *você*. O que você tentou?

— Eu? — Arregala os olhos castanhos penetrantes, confusa. — Não sou guerreira...

— Tô falando de amor.

Afrodite fica sem reação. Aí balança a cabeça.

— Foi a primeira coisa que tentei. — O olhar que lança ao templo é tão apavorado que seus lábios ficam pálidos. — Ele não conseguiu me arremessar longe, mas não deu pra eu ultrapassar o fogo e a fumaça. Um impasse. Inútil. — Afrodite baixa o olhar. — Assim como todos dizem.

Não estou com tempo de argumentar com a autoimagem em frangalhos da deusa. Guardo os machados no colete.

— E o *meu* amor?

Afrodite pisca várias vezes até respirar fundo, silenciosamente.

— Eu não... não sei.

— Tem algo que pode fazer? Acessar meu amor? Projetá-lo de alguma forma? Fazer ele sentir que tô aqui?

O sorriso que ela abre não é um sorrisinho sensual nem o beicinho conhecido que usa com frequência. É de verdade, só um tantinho esperançoso.

— Vale a tentativa.

Ela me vira e me puxa contra si, minhas costas tocando seu peito. Mas não consigo senti-la, só a armadura. Afrodite abraça minha barriga com uma das mãos, e a outra vai até meu coração.

— O que eu faço agora? — indago. — Penso em alguma coisa feliz?

— Meu pó de pirlimpimpim acabou, mas pensamento feliz não faz mal.

Ela está com medo. Sinto-a tremendo.

Talvez eu mesma devesse estar com mais medo agora, mas estou contendo todos os medos por Hades e os outros. Ele nunca me

machucaria. Não de propósito. Só precisa ser extraído da ira movida pelo desespero e pelo senso de proteção para conseguir ver tudo.

— A gente se mexe junta — orienta a deusa. — Se ele me pressentir de qualquer forma, vai ficar desconfiado, e não tá muito propenso à racionalidade agora.

— Bem por aí.

Ela sussurra algo que não entendo. Talvez algo como "Por favor, que isso funcione". Porém, mais parece uma oração. Uma deusa orando para si mesma, no caso.

Não sei o que espero — uma aura vermelha reluzente ao redor, talvez, ou uma bolha flutuante rosa, ou até coraçõezinhos saindo da mão da Afrodite. Não parece certo a gente avançar assim, sem nada — nada de armadura, arma nem magia visível. Só... carne, osso e corações pulsantes.

Expostas.

Vulneráveis.

Do jeito que todo coração fica ao pedir que outro coração o ame.

Nossos primeiros passos são dessincronizados e desajeitados, e tropeçamos um pouco, mas pegamos o jeito.

Passo. Para. Passo. Para.

Como uma noiva a caminho do altar no qual o noivo a espera. Damos mais uns dez passos, talvez, antes que o fogo avance com tanta intensidade e rapidez que me encolho.

— Continua andando — diz ela, meio sussurrando.

Apesar de o meu coração tentar sair pela garganta, continuamos andando.

O tentáculo para a centímetros do meu nariz, a fumaça soprando na minha direção e recuando logo antes de me tocar. Se uma coluna de fogo azul envolta em fumaça pudesse ficar confusa, essa aí está. Chega para trás, abrindo espaço para que demos mais vários passos, aí avança à frente, mas não consegue se aproximar.

Então continuamos andando. Um pouco de cada vez, fazendo as defesas do Hades recuarem. É um progresso lento. De um jeito torturante. Lá em cima, os outros tentáculos se agitam, frenéticos.

— A gente precisa ir mais rápido — murmuro.

Afrodite encosta a boca na minha orelha e responde no sussurro mais baixo possível:

— Fala com ele.

Falar com ele? Não somos bem o tipo de casal meloso que vive trocando juras de amor.

— Além de avisar que tô aqui, o que é pra eu falar?

— Deixa ele ouvir sua voz.

Assinto, e continuamos a andar a passos lentos e milimétricos.

— Hades...

A fumaça e o fogo adiante logo ondulam como se minhas palavras fossem pedras jogadas em um lago parado, formando ondas. Aí a fumaça ao redor das chamas escurece... com certeza mais raivosa.

— Não tá funcionando — argumento.

Já, já essa coisa vai descobrir um jeito de fazer a gente parar de vez.

— Continua tentando. Não aconteceu isso antes.

— A coisa não ficou com raiva antes?

— Não ondulou. — Ela suspira. — *Faz* ele te ouvir.

96

PELO AMOR DO HADES

LYRA

Fazê-lo me ouvir? Como?

— Hades. É a Lyra. — A fumaça ondula de novo. — Fugi do Tártaro...

A ponta do tentáculo de fumaça se ergue sobre nós como a boca de uma serpente gigante tentando nos engolir. No entanto, não consegue se mexer nem nos devorar... ou nos tocar. Como se um muro invisível não o deixasse chegar perto. Depois de um segundo, volta a ser uma barreira.

Entendo a mensagem. *Não fala do Tártaro nem dos titãs, Lyra.*

— Tô em segurança — afirmo em vez disso. — Tô aqui.

Mais ondulações, mas não se mexe.

Minha frustração ecoa o movimento da coisa, que ondula por mim, tensionando meus músculos até eu fechar as mãos em punhos.

— Teimoso pra cacete, como sempre — resmungo.

Desta vez, quando a fumaça ondula, também fica mais clara. Só por um segundo.

— Viu isso? — sussurro para Afrodite.

— Vi. Continua falando.

Mas essa reação me faz ponderar...

Observo a fumaça, que continua acompanhando nosso ritmo, ainda posicionada entre nós e meu deus da morte furioso. E imagino Hades: o maxilar contraído, os olhos estreitos como prata metálica e cortante, o bidente na mão.

Mentalizo cada detalhe amado, porque é com ele que estou falando. Não com essa extensão dele.

— Você passou a eternidade toda me ouvindo, cacete, e agora, quando mais precisa, vai me ignorar?

Mesmo que a fumaça ondule e fique mais clara outra vez, Afrodite inala com força.

— O que você está fazendo?

Dou tapinhas na sua mão, um pedido silencioso para que confie em mim. Sei que essa é a solução. Continuar falando. Mas não só para fazê-lo parar. Isso é o que ele e eu somos. É disto que se trata.

Nossa comunicação é pautada na sinceridade brutal.

— Lutei pra fugir — continuo, com a voz firme. Convicta. — Te falei que eu conseguia me safar de qualquer situação, e me safei. Dei o fora daquele buraco maldito, e o único rosto que quero ver é o seu.

O tentáculo se ergue mais uma vez, não para atacar, e sim para se contorcer, como se com dor, o fogo pulsando sob a fumaça em lampejos de azul que ficam cada vez mais brancos. Mais quentes.

Oro para todo deus e deusa do amor e da esperança para que ele esteja me ouvindo. Só tenho que insistir um pouco mais.

— Agora. Tira essa merda do caminho, Hades. Preciso te abraçar.

O tentáculo fica tão imóvel que nem a fumaça se mexe.

— Por favor... — sussurro. — Por favor, me escuta. Preciso de você.

O fogo e a fumaça se dissipam, virando tufos tênues nas margens de um caminho estreito, até eu ver o templo lá na frente.

Afrodite me solta.

— É contigo agora, querida. Vai.

Já fui, cambaleando e tropeçando, enquanto corro. Para encontrar o Hades. Subo a montanha tão rápido que é como se eu estivesse com as sandálias aladas do Hermes, passando pelas colunas externas escurecidas e destroçadas do templo e seguindo para o sacrário interno, e lá estaco no lugar.

Porque está puro breu aqui dentro.

Não só por causa da fumaça bloqueando a luz, e sim porque as paredes do templo estão pretas como a noite. Não mais o mármore branco reluzente e, sim, obsidiana. O lampejo do que imagino ser

fogo vindo lá de longe reflete nas paredes pretas vítreas, e vou andando com cuidado na direção da luz.

O templo menor no centro do edifício também tem colunas, como a parte externa. Também virou obsidiana. Entro, e mil impressões me assolam de uma só vez.

A única coisa no espaço é o trono na outra ponta com o Hades sentado nela.

Dominando tudo, até sua postura é... indolente.

Como se ele não desse a mínima para quem tem que matar ou o que tem que destruir.

A morte é brincadeira de criança para esse deus.

Não era para ser assim, mas um tremor intenso de fascínio atravessa meu medo dele.

Não consigo desviar o olhar, mas de algum modo assimilo o resto dos detalhes. O trono quadrado de assento largo, como o próprio templo, agora é feito de obsidiana, o assento acolchoado com couro preto, e em vez de entalhes de todos os deuses do panteão grego, só há o símbolo do bidente e do cetro esculpido nas pontas dos braços. Isso se repete no topo dos pilares aos lados do encosto do trono. E no topo do assento, acima da cabeça dele, há um bidente curvo esculpido na obsidiana, polido até formar pontas requintadas no alto do círculo, parecendo os chifres do diabo e uma auréola ao mesmo tempo.

Ao redor do trono, brotando como asas da escuridão, está a origem do fogo e da fumaça. E o jeito como as chamas se movimentam, se debatem e fluem, as faz parecer vivas, formando imagens dignas de pesadelos no escuro atrás dele — criaturas, troncos de árvores queimados, asas, rostos gritando. Acima do trono, os tentáculos desaparecem, obscurecendo o buraco em que antes havia o teto. O fogo vem de uma fonte só: uma lava tão quente que tem um tom azul-arroxeado, com as pontas mais frias sendo vermelhas e amarelas. A lava reluz e flui em uma cachoeira incessante atrás do trono, e então se ergue nos pilares de chama e fumaça.

Não que importe.

Porque a parte mais aterrorizante é Hades.

Um Hades como nunca vi.

Ele não está vestido com a armadura de metal líquido moderna. Em vez disso, usa algo que o faz parecer algo entre um fora da lei medieval e um assassino de videogame. Botas de couro grossas com aço nas pontas chegam até abaixo dos joelhos, e é difícil distinguir o que usa debaixo da capa que o encobre, o capuz tapando a cabeça, tão baixa que só vejo sombras em vez das feições dele. O alto do capuz parece bordado com um fio metálico, uma representação elaborada do mesmo bidente e cetro, como se usasse uma coroa.

Ele está com as mãos fechadas em punhos nos braços do trono, com luvas de couro e metal que vão até o meio do braço. Correntes grossas atravessam seu peito — prendendo a capa, talvez.

Mas... olho mais perto... talvez não.

Porque, mesmo na pouca luz do espaço, estou bem certa de que vejo correntes mais finas atreladas às luvas e botas, fincadas no piso entre os pés dele e os braços do trono — prendendo-o. Meu coração se aperta ao ver esse homem atormentado que se acorrentou ao trono na tentativa de acreditar em mim e não partir com tudo de si para cima do mundo.

A energia que emana dele é... palpável.

Preenche o espaço com poder e fúria.

Porém, não sinto medo. Não por mim. Só por ele. Ah, Elísio, quem me dera ainda pressentir as emoções dele como aconteceu depois que ele me deu um pouco do próprio sangue para salvar minha vida na Provação, mas o efeito já passou. Ele parece tão distante, separado por toda essa escuridão que mascara sua alma. Mesmo com todo esse pavor, sinto meu corpo reagir.

Como se Hades fosse meu verdadeiro norte, magnético, imponente, furioso, e... gostoso para um caralho.

Meu coração agitado se acalma, o rubor cobre meu rosto, e uma pulsação de prazer familiar me toma em um ritmo elementar.

— Seu cabelo tá comprido. — Sua voz parece não ecoar dele, mas de tudo ao redor, profunda e ressonante.

E fria.

O que quero é me jogar nos braços dele e soluçar de chorar. Isso, ou sentar no colo dele e beijá-lo até que desperte. Reações tão contrárias, e não posso escolher nenhuma delas.

Ele não é ele mesmo. Comedido demais. Imprevisível demais. E... sei o que a pergunta significa. Quando saí do Tártaro, recuperei a roupa, as armas e as tatuagens, mas meu cabelo continua comprido, indo até a cintura.

O cabelo que ele associa à Lyra que o abandona.

Dou um passo lento para perto dele, e mais outro, do jeito como se aproxima de um animal feroz preso em uma armadilha, precisando ser salvo.

— Meu cabelo cresceu quando eu tava no Cadeado de Héstia no Tártaro.

Seguro uma mecha que escapou para meu ombro em algum momento da briga contra os outros deuses da morte e do Submundo.

— Cabelo comprido. — A voz ecoante dele é mais um murmúrio, mas ainda ressoa em volta. — Então você não vai ficar muito tempo.

Balanço a cabeça.

— Não vou mais embora. Esta sou eu. A Lyra do presente.

— Não acredito. — Sua voz fica mais baixa. Mais letal. Só que ele também deve ficar tenso porque as correntes ao redor dos seus pulsos rangem, e faíscas escapam de debaixo das botas. — Você já mentiu pra mim.

— Até parece — digo, continuando a andar.

— Quê?

— Fala uma mentira que eu te disse.

— Para — ordena Hades.

Não dou ouvidos. Continuo caminhando devagar até ele. Uns dez passos mais, e estarei aos seus joelhos.

— Para.

Estremeço toda com a ordem — como estou excitada uma hora dessas? —, mas dou outro passo. Mais nove.

— Mandei *parar*.

A última palavra reverbera ao redor, e cordas finas de fumaça irrompem da massa atrás dele e envolvem meus pulsos e tornozelos, como algemas, me detendo.

Meu coração dispara. A esperança vira faíscas patéticas dentro de mim. Só oito passos mais. Tão perto. Não posso deixar que ele me

detenha aqui.

As próximas palavras dele parecem mais frias, mais baixas. De um jeito brutal.

— É por *sua* causa que a Lyra tá presa lá embaixo.

— Não menti pra você pra fazer isso acontecer. — Forço as amarras, tentando me aproximar dele, focando o olhar no que espero ser o dele, tentando deixar que me veja por completo. — Pensa bem. Já menti alguma vez?

As restrições de fumaça se afrouxam a ponto de eu dar mais um passo. Só mais sete. Falta pouco. Faz esse favor, Cosmos.

Tento dar outro passo, mas as restrições me apertam de novo.

— Você falou pra eu confiar em você.

— E você fez bem em confiar. — Abro um sorriso paciente. Sei que vai irritá-lo, mas é nosso jeitinho. A gente se irrita. — Você continuou confiando em mim mesmo depois de eu ir parar naquela prisão porque ouviu o que te falei no passado. Não ateou fogo no mundo. Você só me protegeu até eu conseguir resolver as coisas... E eu resolvi.

Hades chega para a frente, com as correntes aos seus pés tilintando por meio das alças de metal enquanto ele abre mais as pernas, apoiando os cotovelos nos joelhos. Beleza. Provavelmente, não era para eu ter mencionado a última parte, porque pode ter sido mentira. Foi algo que eu não sabia com certeza.

— Ninguém jamais ia entrar por vontade própria naquele lugar.

Que se dane a paciência.

— Eu entrei. Por um motivo. — Luto contra o que me prende, usando toda a força que ele me deu como deusa para avançar mais um passo, os músculos tensos, o maxilar trincado. — Como acha que fui te encontrar no passado?

Dou mais um passo com muito esforço. Se eu conseguisse *tocar* nele...

O que ele diz em seguida sai como um grunhido ameaçador tão sombrio que faz meus dentes tremerem.

— O Cronos que mandou você. Foi assim.

Ele não dá conta de saber de tudo agora. Todos os motivos. O que vai convencê-lo?

— O Cronos... — eu me engasgo, ainda fazendo força contra as restrições. — ... morreu. — O nome do titã na minha boca tão cedo assim é como uma facada no peito. — Agora *eu* sou a deusa do tempo.

Hades fica todo tenso.

— Mais mentiras.

— É a verdade. Ele morreu quando... quando a gente tava fugindo do Tártaro, e o poder dele passou pra mim.

— Prove.

Provar? Merda. Demorei uma eternidade para aprender o lance do teletransporte e do feitiço. E, mesmo assim, foi mais eu ter que esperar que os poderes se firmassem do que aprender na prática. Será que consigo provar?

— Me solta e eu provo.

A fumaça se esvai devagar, virando um vento inexistente.

— Prossiga — diz Hades.

Eu estava pretendendo correr até ele assim que pudesse, mas ele me soltou tão rápido que eu não estava pronta. Não estava pronta e... percebo que me tocar não vai ajudar. Ele já tocou minha versão do futuro no passado dele também. Isso não a fez ficar. Não transformou em verdade as palavras dela.

Então, em vez disso, respiro fundo e fecho os olhos. Invoco a parte dentro de mim que não sou eu, a luz incandescente que é só do rei dos titãs.

Para o meu choque, a luz me obedece, iluminando as minhas pálpebras, e me espanto. Então, como aprendi a fazer com o teletransporte e os feitiços, só sussurro meu ímpeto à luz.

Em um instante, tudo fica imóvel. Abro os olhos e vejo que tudo está congelado — até o som cessa, e a fumaça para de se mexer, assim como o escoamento de lava às costas dele — porque o tempo parou.

Eu parei o tempo.

E foi tão... fácil.

Dou os últimos passos e caio de joelhos aos pés do Hades. Considero, por um momento, tirar o véu de feitiço dos olhos dele, mas não. É coisa demais ao mesmo tempo. Ele precisa se acalmar primeiro antes que eu revele isso.

Então só libero o tempo.

O som e o movimento retomam, e Hades pula para trás no trono com minha súbita aparição.

As lágrimas que surgiram com a menção ao nome do Cronos continuam escorrendo enquanto apoio o queixo no joelho dele, em cima das minhas mãos.

— Sou eu. Consegui sair de lá. Tô aqui com você. Você sempre conseguiu sentir a verdade de nós dois. Larga da fúria e do medo e *olha* pra mim, Hades. Olha pra mim de verdade.

Sei que estou suplicando. Implorando a ele.

Mesmo enquanto pronuncio as palavras, também estou orando a ele. *Por favor, não me manda embora. Não estou mentindo. Por favor, me veja. Estou aqui. Eu te amo, e estou mesmo aqui. Nunca mais vou embora...*

O tremor que sacode Hades por inteiro é tão violento que me afasta do joelho dele, e chego para trás, observando-o com cautela.

Esperando pelo golpe da morte.

No entanto, ele avança à frente, tocando minhas bochechas, e o capuz cai para trás e revela seu rosto, seus olhos volúveis de um prata real que foca nos meus, na minha face, no meu corpo, como se não acreditasse que sou de verdade.

— Lyra? — indaga, em um tom hesitante. — É você? — Ele franze a testa, o prata dos olhos ficando um pouco tempestuoso. — Não você do futuro nem do meu passado nem de qualquer outra porra que tem feito pra me atormentar a vida toda. Mas *de agora*. A que transformei na minha rainha.

Cubro suas mãos com as minhas. As lágrimas escorrem mais rápido pelas minhas bochechas, mas fico piscando para afastá-las porque não quero que o rosto dele fique embaçado. Quero ver tudo.

— Nunca mais vou te deixar — sussurro.

— Graças aos céus. — A voz dele falha, e Hades desaba ao meu redor, me abraçando tão apertado que não consigo respirar, e não ligo para isso.

97

ESTRELAS, ESCONDAM O FOGO

LYRA

Não quero parar para respirar se significa que vou ficar um segundo sem ele. Não consigo... não acho que consiga fazer isso de novo. Perdê-lo. Ser separada dele. Não sei como ele virou parte tão integral, tão necessária da minha felicidade, tão rápido.

Mas é.

Hades tenta me puxar para o colo, mas as correntes nos pulsos e pés tilintam e se distendem. Com um som impaciente, ele as quebra no mesmo instante.

— Não era muito útil isso aí, né? — provoco, sorrindo.

Aí ele cola a boca na minha, me beijando como se eu fosse o oxigênio de que ele precisa para respirar.

— É você mesmo — diz contra meus lábios, grunhindo.

Mas não para de me beijar, então não dá para perguntar como ele sabe.

Ele faz um sonzinho gutural desesperado quando consegue enfim me puxar para o colo, aí o ar frio acerta minha pele, e quando abro os olhos, vejo que estamos no quarto dele no Érebo.

Fecho os olhos de novo com um sorriso, retribuindo o beijo. Tão frenética. Tão desesperada.

Agora, não é como nossa primeira vez, feita de toques lentos e Hades em total controle. Ou como alguma das outras vezes antes de eu ir para o Tártaro, que eram como canções de amor, nós entusiasmados com nosso futuro juntos. Ou até como a vez

enquanto eu ainda estava no Tártaro, que foi como um sonho no meio de um pesadelo.

Esta vez é... libertação.

Um alívio tão intenso, tão absurdo, tão aguçado que nossos corpos não aguentam conter a sensação, e assim a compartilhamos em um desabafo violento.

Não consigo me cansar da sua boca na minha. Pelos deuses, ele tem gosto do chocolate preto e amargo, que também é seu cheiro. Quando ele suga minha boca na parte inferior, solto um gemido de prazer que me atravessa a cada movimento.

Para mim, nosso amor foi um vendaval, mesmo com o tempo a mais que passei no Tártaro.

Para Hades... nosso amor foi milênios de espera.

Ele me amou a vida toda. E agora vou amá-lo por toda a minha eternidade.

Os dedos ávidos não são gentis quando arrancam minhas roupas. O som do tecido se rasgando acompanha uma pontadinha de dor no meu corpo. Uma dor que recebo de bom grado quando ele rasga minha calcinha e me expõe.

Nem faz uma pausa para olhar à vontade como de costume, porém.

Está fora de si. Muito além.

Hades me pega no colo e me prensa na parede, e estou só um pouco ciente de algo caindo no chão. Sabendo como é o quarto, deve ter sido uma arma.

Mas quem liga quando ele se posiciona em mim, grunhindo ao perceber que já estou molhada, e me penetra?

Nós dois gememos.

Aí ele segura meus quadris com um aperto forte; se eu ainda fosse humana, com certeza ficaria marcada por semanas.

Também aceito essa dor de bom grado. Porque as mãos dele também tremem.

Hades ficou apavorado assim por minha causa, com medo de que eu ficasse presa lá embaixo para sempre, separada dele para sempre.

Meu deus da morte, meu rei do Submundo, que nunca precisou de ninguém. Não de verdade.

Ele precisa de mim dessa maneira.

Tanto quanto preciso dele. Acho que é a primeira vez que vejo isso de verdade. Que minha necessidade não é, e nunca foi, mais intensa nem mais impactante que a dele.

Pelos deuses, preciso dele. De tudo nele.

Recebo cada estocada brutal, rigorosa, fora de controle do seu corpo no meu. Não é punição. É uma reivindicação.

É a sensação de uma alegria selvagem.

Enfio os dedos no seu cabelo e puxo com força, e ele joga a cabeça para trás e me olha, as pupilas dilatadas e tão escuras que o prata virou só uma tirinha ao redor da circunferência, como um eclipse.

— Você disse que conseguia se safar de qualquer problema.

— E me safei — confirmo, sorrindo.

— Queriam te enterrar.

Eu o aperto mais.

— Entendi o que você tava fazendo. Sabia que você ia resistir à profecia.

— Não fiquei bem sem você — responde, grunhindo em sincronia com cada impulso dos quadris.

Faço isso com tanta sinceridade, tanto choque, que enfim me permito sentir todas as emoções que reprimi à beça para sobreviver.

— Eu também não.

Um soluço sobe pela minha garganta, e ele segura minha nuca, grudando nossas bocas, absorvendo minha angústia, medos e perda, substituindo tudo com um júbilo incandescente na percepção de que os medos e a perda não duraram para sempre.

— A gente tá junto agora — brada ele próximo à minha boca, grunhindo, enquanto continua metendo.

— Sim. Deuses, sim.

Hades me levanta e nos gira até cairmos na cama, ainda conectados. Assim que nos acomodamos, está metendo de novo. Sem pena.

Ele se apoia no cotovelo para ver meu rosto e enrola minhas pernas na sua cintura, conseguindo ir mais fundo ainda. Aí entrelaça nossos dedos, um aperto tão forte que dói.

E eu adoro.

Assimilo a beleza que é meu deus da morte, sua estrutura, seu poder, sua intensidade. Absorvo tudo.

Vou dar a ele o que precisa. Mesmo que me mate.

— Mais... — sussurro, brusca. — Me castiga.

Hades fica imóvel por um único instante, os olhos faiscando, e aí algo malicioso — até ameaçador — toma suas feições até ele dar impulso para trás e socar com força. Com tanta força que dói. Uma dor que recebo de bom grado.

E de novo. E de novo. Mais devagar, mas não devagar.

Quem imaginaria que eu ia curtir esse tipo de sexo? Mas porque é ele, porque somos nós dois, por causa do que enfrentamos, do que tive que fazê-lo passar, meu corpo reage como se cada estocada fosse um sílex, e eu, um pavio prestes a estourar. A tensão cresce dentro de mim, se aquece e se contorce com cada encontrão entre os corpos.

— Eu aguento — afirmo. — Mais forte.

— Cacete. — Ele segura e aperta meu pescoço. — Você me *abandonou*.

— Eu sei.

Não estou com medo. Sei que ele não vai me machucar. Pelo contrário, eu amo. A não ser pela sensação do meu peito se apertando por causa do que ele passou. Talvez nós dois precisemos disto.

Ele aperta mais forte, tanto que minha vista fica afunilada, mas alcanço um novo nível de prazer.

— Você sabia bem o que tava fazendo, indo pro Tártaro, e, caralho, Lyra, você me *abandonou*.

No entanto, uma vez que estava lá, não mudaria nada. Não depois da promessa que fiz à Reia.

— Eu sei. Você tem razão. — Mal consigo pronunciar as palavras.

Depois conto tudo a ele.

Ele contrai o rosto todo.

— Você me obrigou a te fazer passar por aquela papagaiada dos julgamentos letais, e aí me fez te perder pro pior dos infernos. Você me mandou...

Ele se engasga com a palavra seguinte e mete com ainda mais força antes de pressionar o quadril contra o meu, acionando cada uma das minhas terminações nervosas.

— Foi minha culpa — sussurro, o som muito rouco por causa da pressão dos seus dedos no meu pescoço.

Ele aperta mais.

— É, minha estrela. Foi mesmo.

Começo a ver as estrelas graças à carência de oxigênio, mas também sinto a proximidade do clímax. Como a fumaça e o fogo dele, que entraram com tudo no Tártaro, acumulando calor e colidindo comigo.

Ele abaixa a cabeça, com a boca no meu ouvido.

— E agora você vai gritar pra mim.

Aí ele morde meu pescoço. Bem forte.

E eu grito.

Grito enquanto o orgasmo me assola em um rompante violento. Eu me contorço e gemo quando ele chupa a marca da mordida, tomada por um prazer tão pulsante e intenso que acho que vou desmaiar.

Não por muito tempo.

Porque, quando volto a mim, é sentindo a pressão da boca dele na marca da pele — tão suave que lágrimas brotam nos meus olhos de novo.

— Pela deusa mãe, Lyra, você me deu um susto do caralho. — A voz dele falha.

Aí ele me abraça e beija meus olhos, meu rosto, antes de voltar à minha boca.

Ainda está duro dentro de mim e volta a fazer o movimento de vai e vem, mas agora é como nossa primeira vez. Como se, agora que me castigou, o caráter do ato pudesse enfim mudar para algo tocante de tão tenro.

A tempestade passou. O relâmpago também. Em vez disso, uma chuva gentil que talvez me desmonte por completo.

Acaricio cada parte dele que consigo alcançar, percorrendo cada relevo, cada curva, voltando quando um ponto específico o faz suspirar ou estremecer. Sorrio toda vez que acontece. O contentamento é um lugar curioso de se estar enquanto ele adora

meu corpo, movimentando os quadris e fazendo o prazer crescer em mim de novo.

Mas é o que isso é.

Este lugar perfeito, turvo e nebuloso com Hades.

Nos braços dele, sempre vou me ver contente. Espero que eu seja esse refúgio para ele também.

Continuo o tocando, o beijando, me mexendo debaixo dele, retribuindo prazer com prazer. Sinto-o se expandir dentro de mim, com o senso de urgência se intensificando no seu corpo, o fazendo se movimentar com determinação e, então, abrindo mão do controle.

Estamos os dois ofegantes, e ele afasta a boca da minha e enfia o rosto no meu pescoço, continuando a me penetrar. Mais rápido. Mais rápido. Grunhe e fica ainda mais grosso, me dilatando.

— Caralho, Lyra...

Um segundo orgasmo começa a nascer dentro de mim, e me dá um frio na espinha, se intensificando mais e mais a cada estocada. Mas também sinto que ele está se segurando, tentando me esperar.

Mas já estou aqui. Sempre vou estar aqui com ele.

— Sempre vou ser sua estrela — sussurro no seu ouvido, aí dou um beijo no ponto bem embaixo. — Porra, eu te amo demais pra ser qualquer outra coisa. E nunca mais vou te deixar.

É como se o alívio de ouvir isso liberasse algo dentro do Hades.

Ele chega para trás e choca os quadris nos meus mais uma vez, e nós dois somos arrebatados juntos, os corpos suados e trêmulos, um abraçando o outro, nos encontrando em um tipo diferente de limbo. O mais próximo do Elísio fora daquele céu.

E não retornamos até estarmos os dois esgotados.

Enrolados um no outro, um dentro do outro. Acaricio suas costas em círculos, e ele afaga meu cabelo, agora comprido.

— Diz de novo... — sussurra ele.

98

DANDO UM NOME À ANGÚSTIA

LYRA

"Diz de novo." Sei o que Hades está pedindo.

— Eu te amo — repito, dando uma risadinha.

Ele nos vira para não ficar pesando em cima de mim e sorri, as covinhas à mostra, embora desapareçam outra vez quando fica sério.

— Nunca achei que ia ouvir isso de novo. Achei que nosso fim era o Tártaro.

Acaricio a mecha branca do seu cabelo.

— Desculpa.

Ele faz uma careta.

— Eu que devia pedir desculpa, Lyra. Se eu soubesse, nunca teria...

Coloco o dedo na sua boca.

— Foi por isso que não te falei.

Uma expressão parecendo dor passa pelo seu rosto.

— Como você pôde fazer isso com você mesma? Sabendo o que ia passar?

— Eu só tava tentando voltar pra você.

Ele me encara, passa um bom tempo focando o olhar no meu, aí beija a ponta do meu dedo.

— Você tem razão. Eu devia ter confiado que você ia encontrar uma solução. Que você ia conseguir sair. — Ele abre um meio-sorriso autodepreciativo. — Acho que nós dois sempre soubemos que você seria minha ruína, minha estrela.

— Nunca quis isso.

Estou esperando que as outras verdades se revelem. O irmão que ele matou. O caos que desencadeou.

— Eu sei. — Ele me dá um beijo rápido nos lábios. — Mas o amor nem sempre é justo ou racional. Como você tá aqui nos meus braços agora, eu te perdoo.

Suspiro.

— Tenho muitas perguntas pra te fazer. Embora eu ache que já sei a maior parte das respostas.

Ele sorri e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Tipo o quê?

— Bem... da primeira vez que a gente fez amor, na piscina, você falou que não podia me dar um futuro nem gostar de mim do jeito que os mortais precisam. Mas também conhecia uma versão futura minha que já era deusa e já tinha ido te encontrar no passado, então...

Hades solta um grunhido, fazendo uma leve careta.

— Você me deixou muito ferrado da cabeça. Eu não sabia qual era a coisa certa a fazer. Não fazia ideia de como nem quando você viraria deusa. E a forma como sua versão do futuro era tão convicta do que dizia, de um jeito que assustava até, me deixava com medo de fazer alguma merda por te contar coisa demais. E eu não queria prometer nada que não sabia ao certo se conseguiria cumprir.

— Imaginei que fosse isso — murmuro, derretendo um pouco.

Porque Hades tem um motivo para *tudo* o que faz e diz.

Ele franze as sobrancelhas.

— Como foi que você *escapou*, caramba?

Solto o ar devagar. Queria que ficássemos aqui para sempre, no paraíso que criamos quando estamos assim, mas há muitas coisas a serem feitas primeiro. Isso precisava ser dito. E parece que ele ainda não lembra o que fez em meio à fúria.

— Te conto depois, mas antes infelizmente tenho que te causar... mais dor.

Hades fica sinistramente imóvel, empalidecendo tão rápido que perco o fôlego.

— Você... você não vai desaparecer de novo. Você falou...

— Não! — Ai, deuses, sou uma tonta. Eu o abraço bem apertado. — Não vou embora.

Hades respira fundo, trêmulo.

— Contanto que não vá embora, aguento qualquer pancada.

Queria que fosse verdade. Queria poder esperar. Dar tempo para ele se recuperar. Mas os titãs estão esperando, e ele não vai conseguir entender a menos que eu o magoe primeiro.

Eu o solto e o encaro.

— Lembra quando falei que tinha alguém por aí enfeitiçando os deuses?

Ele faz uma careta.

— É difícil esquecer. Isso fez com que eu questionasse cada momento com você. Foi um feitiço? Uma mentira? Foi verdade?

— Desculpa — sussurro com a voz engasgada.

Hades balança a cabeça.

— Chega de pedir desculpas. Combinado?

Depois de um minuto, dou uma segurada na culpa e faço que sim com a cabeça.

— Combinado.

— Então... — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha outra vez. — O que é que tem essa pessoa misteriosa que faz feitiços?

— Mais gente foi enfeitiçada do que a gente achou de início. — Engulo em seco. — Preciso que confie em mim.

Ele retorce a boca.

— Contanto que não me faça passar pelo horror de achar que fui o responsável por você acabar presa no Tártaro de novo... — Hades para de falar ao ver minha expressão. — Tá cedo pra brincar com isso?

Engulo em seco de novo.

— Desculpa.

Aí retiro o véu do feitiço do seu rosto e o jogo atrás de mim, ouvindo o sussurro moribundo da coisa.

Hades me aperta tão forte que dói, me encarando. Praticamente vejo o rompante das lembranças verdadeiras substituindo as falsas, a compreensão incipiente de quem são os titãs de verdade e como foram injustiçados... bem como sua responsabilidade nisso.

Aí ele respira fundo.

— O que eu fiz?

Com os pais? Com os irmãos e deuses da morte ao tentar me proteger? Ou ambos os casos?

Não tenho tempo de perguntar, porque ele enfia o rosto no meu cabelo... e chora de soluçar.

É mil vezes pior do que quando o abracei depois de ele ter destruído o Olimpo. Saber que esse deus, que é o melhor homem, o mais forte que conheço, que consegue aguentar o baque emocional de cuidar de almas mortas por milênios sem ficar insensível, cruel nem cínico... saber que isso o machuca tanto assim reduz meu coração a pó.

Quando Hades chorou da última vez, foi algo silencioso, mas agora é como se ele não conseguisse engolir a profundidade da dor. Sinto cada soluço como uma adaga, e cada ofegar me destrói.

Só posso abraçá-lo.

— Lyra? — Ele precisa tomar fôlego duas vezes. — Meu pai morreu...

Meu próprio luto me dá uma rasteira.

Nem percebi o sentimento vindo, mas não tive tempo de sentir a morte do Cronos.

Considero dar a ele a borboleta do Cronos — a que o Hades mesmo esculpiu para o pai tanto tempo atrás. Está no meu bolso. Mas é muito cedo. Depois que o pior do sofrimento dele passar, talvez.

Em vez disso, só o abraço enquanto ele sofre. Ficamos assim.

99

TUDO VEM ABAIXO

LYRA

É Hades que rompe o silêncio.

— Vou achar quem fez isso com meus pais.

Sua voz soa tão obscura, tão gélida, que olho ao redor, esperando ver sombras brotando dele como asas de um anjo sombrio esperando que ele volte a ser o rei soturno da fúria que acabei de fazer com que ele deixasse de ser. Mas não tem fumaça nem fogo visíveis.

— Vou colocar a pessoa num *novo* Tártaro. — Suas palavras são um juramento, uma promessa obscura.

Ainda assim, não aparece fogo nenhum, e não escondo o suspiro de alívio.

Hades me olha e me abraça mais apertado, a compreensão fazendo o cinza dos olhos virar uma tempestade rodopiante.

— Estou bem. — Hades me dá um beijo na testa. — Contanto que você esteja comigo, ninguém precisa se preocupar.

Percebo bem quando ele assimila o que fez.

Cai a ficha do peso completo das suas ações, e Hades fica imóvel e frio como uma geleira. Aí seus olhos ficam quase pretos.

— Caralho! — esbraveja. — Caralho!

Ele pula da cama em um rompante e estala os dedos, já vestido de novo. Não com a capa e as correntes de antes, e sim com o terno preto que escolhe só quando tem que tratar de negócios com outros deuses.

E Hades *vai* ter que lidar com todo mundo.

— Tenho que consertar as coisas.

— Não vai sem mim.

Saio da cama e corro até minhas gavetas. Ainda não dominei a arte do "pronta num estalar de dedos".

Ouço um estalo atrás de mim, e então estou vestida e, imagino eu, maquiada. Uso um terno similar ao dele, mais feminino, com um paletó peplum e saltos que me fazem ficar na altura do seu queixo. Coloco a mão no cabelo, que está preso em um tipo de coque.

Eu me viro para ele, sem ligar para minha aparência, porém é óbvio que Hades espera que eu esteja ao seu lado.

— *Tem* como você consertar as coisas?

Ele não franze a testa se opondo às minhas palavras. Está confuso mesmo.

— A fumaça já sumiu faz tempo. Só afetou o Tártaro...

Ai, deuses. Ele ainda não sabe tudo o que fez.

Não há um jeito delicado de falar.

— Você... destruiu o Olimpo. — Não incluo o "de novo".

Não é preciso.

Vejo como ele fica tenso, como se eu tivesse lhe dado um tapa. Ele passa a mão pelo cabelo, olhando ao redor como se conseguisse captar tais lembranças também.

— Não é possível...

— Vi com meus próprios olhos. Você tava se defendendo dos deuses que tentaram te deter enquanto evitava que os deuses da morte me enterrassem viva. O Tártaro virou... escombros. Não sei como está o resto do Submundo, mas não acho que tenha escapado ileso. Mas tem uma coisa pior.

— Pior... — A palavra é um grunhido baixo e sombrio.

— Você matou...

Hades me encara, imóvel, calado.

Demora tanto que vou lá segurar suas mãos, frias que nem gelo.

— Quem? — pergunta ele.

— O Zeus. Quando tentou te deter.

— Eu *sou* um monstro — sussurra ele. — Como meu avô falou. Meu pai devia ter deixado o Urano me matar...

— Não!

Minha reação não parece se infiltrar pelo estado letárgico dele, mas a batida à porta, sim. Sobretudo quando, sem esperar resposta, Caronte sai entrando.

— Porra, que alegria ver vocês dois, mas a gente tá com um problemão!

— Fala! — brada Hades.

— O fogo e a fumaça sumiram, mas os tentáculos que entraram no Submundo deixaram buracos lá na Superfície. Os oceanos tão invadindo o Tártaro.

Quê? Não. Eles foram do rio do Olimpo para o Estige. Aí eu me toco. Tinham três lá embaixo. Achei que um tinha se dividido, mas deviam ter mais.

Hades estremece com um novo sentimento de culpa, mas endireita a postura, determinado.

— Você comigo — ordena ele a Caronte. — Agora.

Começo a ir atrás.

— Mas e...

Hades se vira e vem até mim, segurando meus braços.

— Fica aqui...

— Não.

— Não vou conseguir consertar as coisas se...

— Os titãs — argumento às pressas. — Deixei eles lá embaixo. Aposto que já estão tentando resolver.

Percebo-o compreender isso, entender as implicações, e então dar um passo para trás.

Chego mais perto dele.

— Me leva até eles. Eu posso ajudar.

Ele balança a cabeça bruscamente.

— Acabei de conseguir você de volta...

— Você fez tudo isso pra me proteger até eu conseguir escapar. Me deixa ajudar a consertar tudo.

Ele fica me olhando. Retribuo o olhar.

— Chega de fazer as coisas separados — declaro. — Por favor.

— Cacete!

Aí ele olha para Caronte.

— Vai lá no Olimpo. Pede ao Poseidon pra fazer o que puder.

Hades e eu desaparecemos. Descer para o Tártaro com ele é muitíssimo rápido.

Quando minha visão retorna, a imagem diante de mim é saída de um pesadelo. Com um rugido violento, a água se derrama para dentro da câmara e desce pelo buraco que já foi o Tártaro. Hiperião, Céos, Crio e Jápeto estão ao redor da coisa, um em cada canto. Os quatro pilares de titãs que já contiveram os céus agora contêm as águas. Seus poderes se espalham de cada titã e se fundem, turvos, formando uma espécie de recipiente, direcionando a água.

Aí vejo a figura dentro do dilúvio. Euríbia. A titânide dos mares. Embora seus braços estejam erguidos, não dá para saber o que a titânide reservada está fazendo, mas acho que é uma tentativa de conter ou redirecionar o fluxo para cima.

Antes que eu possa piscar ou perceber mais coisas, Reia está na nossa frente.

— Mãe... — A voz do Hades falha.

O olhar que Reia lança a ele... Por um segundo, acho que ela tem a intenção de abraçar o filho e nunca mais soltar. Só que tão rápido quanto, Reia olha para mim.

— Você tirou o feitiço dele?

Assinto.

Ela engole em seco.

— Eu queria que a gente tivesse mais tempo — diz ela a Hades. — Mas você precisa ir pra outro lugar. A gente cuida de tudo aqui embaixo. Vê o que combina com seus irmãos e irmãs no Olimpo e nos níveis superiores do Submundo. Parem o fluxo se conseguirem.

— Entendido.

Hades tenta segurar minha mão, mas Reia é mais rápida, me puxando para longe do alcance dele.

— Preciso da Lyra.

De imediato, ele nega com a cabeça.

— Nunca mais vou deixar ela...

— A gente não tem tempo — contrapõe Reia. Como ela ainda consegue manter a calma no meio desse caos apocalíptico? Então complementa com a promessa: — Eu cuido dela.

— Tudo bem — respondo. — Ainda tô com você em tudo.

É uma tortura ver a indecisão no rosto dele. Não que eu não esteja sentindo todas as coisas horríveis que ele sente. O medo de termos acabado de nos reencontrar e de as Moiras parecerem determinadas a não deixar a gente ser feliz junto por muito tempo.

— Cacete! — A palavra que lhe escapa abriga todos os segundos dos milênios que ele passou me esperando. Então Hades me dá um beijo rápido e seco. — Vê se não morre, hein!

Ele olha para a mãe, os dois compartilhando um momento silencioso que faz meu coração se partir todinho.

Em um instante, Hades some.

Reia não perde tempo e me segura pelos ombros.

— Você tem que usar o poder do Cronos. Agora.

100

MOMENTO PATERNAL

LYRA

Chego para trás.

— Quê? Não. Eu acabei de...

— Aquilo ali não dá pra consertar — diz ela, apontando para a água que os cinco titãs contêm.

— Você acabou de falar pro Hades...

— Porque, se estivesse aqui vigiando, ele não deixaria você fazer o que precisa.

Ah! Tento não entrar em pânico. Tento respirar. Ai, deuses!

— Não sei se...

— Encontre o Cronos. Ele vai te ajudar com o resto.

Encontrar o Cronos? Quase rio na cara dela. Claro, pô! Seria facinho sair atrás do Cronos no passado sendo que tudo que eu fiz até agora foi manipular o poder para dar uns passinhos no tempo. Ainda mais com a corda no pescoço, o tempo correndo e sem o Hades saber a coisa doida que estou prestes a tentar.

Aham!

Moleza.

Melzinho na chupeta.

— Tenta — insiste ela. — Você é nossa única esperança.

— Cara, eu tô bem cansada de ser a única esperança toda hora, viu?! — resmungo.

Fecho bem os olhos, ouvindo as últimas palavras do Cronos ecoando na mente. “Quando estiver pronta... quando precisar de mim... vai me encontrar... na nossa cela.”

Imagino o exato momento, a sala. Tento me recordar dos cheiros, da sensação, de onde Cronos estava sentado e onde eu estava quando o tempo levou embora minha versão de antes para outro lugar.

Está funcionando? Acho que não. Porque nada acontece, bem diferente de quando as fendas me arrastavam para a pressão e o silêncio. Não sinto mudança alguma.

— Pode olhar agora, Lyra.

Abro os olhos ao ouvir uma voz que escutei tão recentemente e que achei que jamais ouviria de novo. Lágrimas brotam nos meus olhos. Mais uma vez, merda! E me jogo no peito do Cronos. Sinto que o surpreendi porque ele leva um segundo para retribuir o abraço.

— Que isso? — pergunta ele, achando graça, perto do meu cabelo.

Engulo em seco e chego para trás, vendo aqueles olhos azuis brilhantes que não se desbotaram ao longo de todo o tempo, mesmo com ruguinhas nos lados.

— Nem sei por onde começar.

Ele me analisa, atento.

— Morri faz pouco tempo, né?

Eu me encolho, com um choramingo, olhando-o.

— Como...? — Balanço a cabeça. — Como você sabe?

Ele abre um sorriso horrível de tão resignado.

— Você não é a que está presa aqui embaixo no meu presente. Conseguiu escapar.

Ai, deuses. Um tremor me assola, vindo das entranhas. Será que eu vir para cá o fez acreditar que sua morte era a única solução? Mas ele me mandou vir.

— O que acontece? — questiona.

Balanço a cabeça.

— Talvez tenha outro jeito.

— Não tem.

— Você não sabe!

Eu me levanto, chegando para trás na sala minúscula na qual outrora ele me levou para San Francisco. Continuo andando até bater na porta, com as mãos na boca, contendo o pavor.

— Sei, sim. Venho influenciando o tempo há bem mais tempo que você, minha cara.

— Não! — grito por entre os dedos. — Você se sacrificou por minha causa. Não tinha que...

— Faz muito tempo que sei como seria meu fim.

O que eu dizia é interrompido por outro som engasgado, entre um choramingo e uma reclamação.

— Há quanto tempo?

Ele não responde.

— Por que veio agora? — indaga em vez disso. — Pra me dizer o quê? Pra me avisar?

Por tudo isso.

— Você me mandou vir.

— Mandei? — Desvia o olhar, pensativo. — Parece uma coisa que eu faria mesmo.

— E a Reia também. Depois que...

Ele fica sério e abre a boca como se fosse dizer algo, mas balança a cabeça e a fecha novamente.

— Ah!

— Ah?

— Meu poder. — Ele assente. — É novidade pra você?

— É.

— O que precisa fazer?

— Reverter o que o Hades fez com o mundo sem afetar nossa fuga do Tártaro.

Cronos ergue tanto as sobrancelhas que chegam até o cabelo escuro com mechas grisalhas.

— E o que meu filho fez? Seja precisa.

Descrevo. Tudo. O Olimpo. Zeus. O templo. O Tártaro. Os oceanos.

Quando termino, Cronos fica inquieto.

— Que... complicado!

A decepção já é uma sensação à qual eu devia estar me acostumando, que me foi familiar a vida toda. Mas desta vez... Hades já passou por tanta coisa. Eu o fiz passar por muita coisa. Achei que talvez conseguisse ajudar com uma coisa ao menos...

Ele coloca a mão no meu ombro.

— Eu posso te ensinar.

— A gente não tem tempo.

Cronos sorri, os olhos se enrugando, achando graça de verdade.

— Você não tá presa pelas proteções do Tártaro. Pode ir a qualquer lugar do passado que quiser, pelo tempo que quiser, e voltar para o exato momento que quiser. E posso te ensinar, pelo tempo que for, antes que você volte para onde começou.

Fico encarando o titã que se sacrificou por mim. Pela Reia. Por todos nós. Que agora sabe que o futuro dele acaba neste lugar. Tenho que morder os lábios para conter a tremedeira.

Ele percebe mesmo assim, com um olhar tanto triste quanto compreensivo.

— Vai ficar tudo bem, Lyra.

Não. Não vai.

Ele me abraça de novo.

— A gente tem todo o tempo do mundo agora.

Mesmo que seja verdade, quero fazer tudo depressa. Quero voltar logo para eles. Para Hades.

— Bora começar, então.

Ele ri.

— É essa a Alani digna do meu Hades. — O titã chega para trás. — A gente começa pelo simples.

101

TEMPO CERTO, HORA CERTA

LYRA

— A gente começa pelo quê? — pergunto a Cronos.

Ele aperta os lábios, refletindo.

— Você já conseguiu vir me encontrar. Então pode ir pra onde quiser. O próximo passo é algo pequeno, mas impactante. Um momento do seu próprio passado. A primeira vez que for lá, não interaja, só observe. Da segunda vez, seu objetivo é influenciar algo lá. Entendeu?

Assinto.

— Como?

Cronos sorri.

— Essa é a parte fácil. Do mesmo jeito que veio pra cá. — Aí ele me guia mesmo assim. — Pronta?

Não. Confirmo com a cabeça.

— Então fecha os olhos. Vou te guiar de novo.

Estou relutante em fazer a primeira parte, sem querer me despedir dele, sabendo que não vou ter mais muito tempo para vê-lo, mesmo que eu demore milênios pra aprender isto. No entanto, quando fecho os olhos, Cronos começa a falar. Ouvindo suas instruções firmes, imagino o lugar para onde quero ir. Imagino o momento e como ele era, onde cada pessoa estava.

— Agora — sussurro.

Funcionou? Espio e suspiro.

Porque ainda estou no Tártaro. Cronos aperta meu ombro.

— Tudo bem. A gente tem tempo.

Então volto a tentar.

E tento de novo.

Até perder as contas.

Até por fim eu sentir o ar na pele mudar. Está funcionando?

Abro um olho, provavelmente fazendo uma cara ridícula, e então arfo e arregalo os olhos. Consegui. Viajei no tempo. Estou no passado.

Estou dentro do templo do Zeus em San Francisco, em toda a sua glória moderna, de mármore branco, revestimentos dourados e coberturas de relâmpagos. O chiado no ar me confirma.

— Puta merda!

Penso.

Franzo a testa e procuro a pessoa que vim ver.

Percebo um homem com um terno sob medida incrivelmente caro e um cabelo loiro-claríssimo.

Lá está ele.

Zeus.

O deus bebê em tamanho adulto e pirracento. Hades o matou. Meu coração dói um pouco, mesmo por Zeus.

Ele está diante do sacrário interno no templo.

Através de dois conjuntos de colunas, vejo o cintilar da famosa ponte com suas colunas coríntias acima da baía enegrecida pela noite. Aí percebo para onde Zeus está olhando.

Um casal na parte externa do templo; a mulher grávida, com um barrigão.

Acho que acertei o timing porque ela para de andar de súbito. Arregala os olhos quando uma pocinha se forma ao redor dos seus pés, desimpedida, porque ela usa um vestido solto. Minha mãe.

Este é o momento.

Mas... Zeus não se mexe. É óbvio que ele vê o que acontece, mas só torce o nariz com um desgosto visível.

Alterno o olhar entre todos, e ainda assim o deus nem se aproxima deles. Nada de raiva. Nada de maldição. Mas que...

Ai. Meus. Deuses.

O universo só pode estar de sacanagem. É por *minha* própria culpa que fui amaldiçoada?

Cronos falou que eu deveria observar na primeira vez, influenciar na segunda. Mas já sei o que devo fazer aqui. Agora. A certeza se assenta no meu peito. A mesma sensação que tenho com Hades.

Então, em vez de voltar ao titã, chego por trás do Zeus sem fazer barulho. De lado, dá para ver o véu enfeitiçado no seu rosto. Quando me aproximo, Zeus nem se mexe, não há nenhum indício de que percebeu que estou aqui. Franzo a testa. Aí agito a mão na frente do seu rosto. Nada. Nem pisca. Nem franze a testa. Nem espirra. Ele não faz nada.

Espera aí!

— Tá me vendo? — pergunto, com a voz alta demais.

Nenhuma reação. Nem dele nem de ninguém.

Agora fico invisível quando viajo no tempo? Isso teria vindo a calhar antes, hein?

— Merda.

É melhor que isso não signifique que estou errada.

Dou um passo para mais perto do deus do trovão e, usando a técnica que Cronos tentou me ensinar sobre feitiços, me inclino para sussurrar no ouvido de Zeus e projetar minha vontade na mente dele, mas me afasto de repente antes de abrir a boca.

Porque a mente dele já está... estraçalhada.

Os corredores escuros são iluminados por neurônios apressados, e estão... contorcidos e embolados. Um labirinto de lembranças cortado, enterrado, queimado, destruído. De caminhos restaurados, enfiados na cabeça como os túneis do Tártaro.

Tem outra pessoa controlando o Zeus. Enfeitiçando-o.

Controlando-o demais e por um bom tempo, ao que parece.

Por quê?

Puta que pariu! Isso é problema para outra hora. Primeiro...

Adentro sua mente com o poder e sussurro na sua orelha:

— Você vai acatar minha ordem, Zeus.

O rosto do antigo rei dos deuses fica inexpressivo, com os olhos focados em algum ponto distante que só ele vê.

Foi fácil.

Fácil demais.

Quem quer que esteja bagunçando a mente dele fez um trabalho de milhões.

Aponto para o casal enquanto minha mãe geme com uma contração e meu pai está falando ao telefone, pedindo ajuda.

— Você tá *ofendido*. Ousaram profanar seu templo. Amaldiçoe a criança no ventre dela a nunca ser amada.

Faço uma pausa, pensando no Hades. Em como ele se apaixonou por mim. Acho que talvez ele tenha me amado antes de eu ser amaldiçoada, ou depois que a maldição foi rompida, dependendo de como se olha. Independentemente disso, explica como minha maldição não *o* afeta.

Mas os outros... Afrodite, Zai, Meike e até Boone, considerando que o levei ao Olimpo durante os jogos — meus amigos que me amam —, de repente tudo parece muito simples.

Sussurro mais uma instrução:

— A maldição só vai funcionar na Superfície. No Olimpo ou no Submundo, perde o poder. E uma vez que alguém começar a gostar da criança um tiquinho que for, não importa como comece, a maldição não vai funcionar mais, nem na Superfície.

Acho que isso cobre a maior parte dos cenários. A única exceção possível é Boone.

Sei que uma vez Boone me contou, logo antes de morrer no Trabalho de Hefesto, que sempre quis ser meu parceiro, que me admirava, que eu afastava ele e todos os ladrões, impossibilitando uma amizade. Ele me levou as ferramentas e o colete para eu competir na Provação. Só não sei bem quando a amizade começou para ele, nem como, mas sei que começou. Vou ter que acreditar que ou vai ser a exceção que criei agora ou alguma outra coisa no futuro a possibilitar isso.

— Vai... — sussurro para Zeus. — Faz o que mandei.

Peço desculpas silenciosas para minha versão bebê quando o deus avança na minha mãe e sela meu destino, então desaparece em um redemoinho de nuvens e raios, deixando meus pais chocados. Minha vida, até a pior parte, esteve mesmo sob meu controle desde o início. E é assim que acabei onde estou agora. A única forma de libertar os titãs.

Sou eu a desgraçada que fez da minha vida um inferno.

Que maravilha!

Estou prestes a fechar os olhos e ir encontrar a Reia quando uma luz vermelha cintilante chama a minha atenção. Abro a boca, espantada, ao ver uma fenda temporal familiar aparecer no espaço e um homem sair lá de dentro logo antes que a coisa suma.

Boone olha ao redor, confuso, e aí seu olhar foca em algo à esquerda que não consigo ver. Avanço até que uma das colunas saia da frente e eu veja... ele.

Boone, mais jovem. Talvez com uns dezessete ou dezoito anos.

Não está sozinho, e sim debruçado sobre uma menina, encurralando-a com os braços na coluna, um de cada lado da sua cabeça. De início, não a reconheço — uma morena pequenininha que arregala os olhos para ele —, mas aí o feitiço no rosto dela reluz e muda, e arfo, engasgada.

Perséfone.

Ele a reconheceu no Tártaro, porém. De imediato. Já estava apaixonado por ela na época? Foi assim que soube?

O Boone da viagem no tempo observando o casal desvia o olhar, dando as costas, uma expressão tão amarga que fica quase irreconhecível.

Então ele vê meus pais.

Percebo que os reconhece e fica com os ombros tensos.

O Cadeado de Héstia. Ele viu os rostos dos meus pais. Sabe quem são.

Então ele se inclina à frente, estreitando os olhos, e uma nova emoção surge.

Decisão.

Aproxima-se deles, se ajoelhando diante da minha mãe, que está curvada para a frente. Fala com ela bem baixinho, e não sei o que ele pede nem o que ela responde, mas ele se assusta.

— Caralho... — balbucia ele.

Aí acho que fala meu nome.

Assim como fiz com Zeus uns instantes antes, ele chega perto e sussurra alguma coisa no ouvido da minha mãe. Com minha habilidade de identificar feitiços, vejo o véu cobrindo o rosto dela. Não um furta-cor, e sim verde. Como a cor do poder dele.

Ele se endireita e lança um olhar duro para meu pai, e eu corro até lá.

O que ele está fazendo?

Chego a tempo de ouvi-lo dizer:

— Quando sua filha tiver três anos, você vai entregá-la à Ordem dos Ladrões.

Um suspiro de choque me escapa.

Mas Boone não ouve. Nem sabe que estou observando.

Ele dá um passo para trás, lançando um olhar duro aos dois.

— Vocês não a merecem. Ela vai ficar melhor com a gente, com ladrões, do que ficaria com vocês.

Ele está me salvando dos dois? Porque sabe que não são boas pessoas. Merda! Eu mesma devia ter pensado em fazer isso.

Mas o Boone...

Sei que não fui a única que a fenda temporal levava ao passado. Boone sumiu várias vezes, indo para outros lugares. O que eu não sabia é que não fui a única que ficou alterando o *meu* passado. Ainda que, ao contrário de mim, Boone esteja tentando melhorar minha vida.

Olho para seu rosto: os ângulos familiares, a barba por fazer, a boca torta que, quando sorri, me lembra um pirata.

— Você é um bom homem, Boone Runar.

Uma fissura temporal irregular e reluzente surge atrás dele, que vira a cabeça, lançando um último olhar à minha mãe, aí entra e desaparece.

Fico olhando para onde ele estava por um bom tempo, mesmo enquanto meu pai ajuda a minha mãe a ir embora cambaleando.

— A gente vai ter uma conversinha depois — prometo ao futuro Boone.

Ainda tenho que consertar o mundo e tal.

Então fecho os olhos e volto para Cronos.

Para continuar aprendendo. Pelo tempo que for necessário, porque o tempo está, enfim, ao meu lado. Na moral, preciso mesmo conhecer a deusa da ironia um dia. Talvez, se ficarmos amigas, ela pare de me sacanear.

102

UM PLANO RUIM É MELHOR QUE NADA

LYRA

Faço questão de que, quando encontro a Reia no mesmo momento em que a deixei, eu esteja de costas para ela. Tenho que fazer isso, para ter um segundo para me recompor. Para apagar do rosto a dor de dar adeus ao Cronos de novo. Não a deixo ver isso.

— E então? — pergunta ela atrás de mim.

Eu me viro para a titânide.

— Funcionou.

A tristeza deixa seus olhos mais escuros, e ainda assim vejo um quentinho no olhar.

— O Cronos deve estar muito orgulhoso.

Ela não faz ideia. Ou talvez faça.

— Sabe o que fazer?

Sei o que tentar fazer. Mesmo depois de me ensinar tudo o que podia, me fazendo treinar de novo e de novo, Cronos não conseguiu esconder a dúvida. O que vou fazer é perigoso e muitíssimo delicado.

— A gente precisa reunir todo mundo que tava com a gente no Tártaro. E o Hades também. Rápido.

Ela balança a cabeça.

— A gente não tem tempo de explicar pra ele...

— Não vou fazer um negócio enorme desses sem ele saber.

Ponto. Não depois do que o fiz passar. Se der merda...

Reia deve perceber a intensidade da minha convicção, porque assente e manda o Boone e a Perséfone irem buscar o Hades. Não

posso correr o risco de alguém se lembrar de ter visto os titãs.

Enquanto vão buscá-lo, destrinchamos o plano. Para isso funcionar, não podemos ser vistos, sobretudo pelos deuses do Submundo que estavam aqui antes. Mas também precisamos que os quatro titãs dos pilares mantenham a água longe de nós no começo. Por sorte, estão espalhados de um modo que o restante de nós pode se posicionar por entre eles, formando um círculo com as mãos unidas. Todos precisam estar conectados fisicamente para eu fazer isso.

— Que porra você acha que está fazendo? — brada Hades, com o barulho da voz precedendo sua chegada na caverna.

Em um instante, ele me pega pelo pulso e tenta me levar para - longe.

Então eu paro o tempo.

Só com meu ímpeto, tudo vira silêncio e imobilidade, a coluna de água estranhamente suspensa no meio do dilúvio. A não ser por ele e eu.

Hades arregala os olhos, observando ao redor. Percebo que ele se dá conta do que está acontecendo, porque seu maxilar fica duro que nem aço e me observa com um olhar escaldante.

— Você é...

— A deusa do tempo.

Ele já sabe. Já me viu parar o tempo antes, mas estava preso na cápsula da própria ira. Desta vez, está totalmente no momento comigo.

Hades balança a cabeça uma vez. Duas.

— Não pode ser.

— Vou te contar tudo, mas primeiro a gente tem que salvar o mundo.

Seus ombros ficam tensos.

— No caso, *você* tem que salvar o mundo, não é?

— É...

— Não vou deixar.

Ele estica a mão — sem dúvida, para me teletransportar para longe.

Imobilizo sua mão e lanço a ele um olhar paciente.

— Vou fazer isso. Você me salvou durante o Trabalho de Zeus na Provação. Agora é minha vez.

Fumaça emana do corpo dele, mas imobilizo isso também. Vejo, pelo fogo ficando azul nos seus olhos, que ele quer usar tudo que tem para me impedir.

Então me aproximo dele, toco seu rosto e dou um beijo na sua boca.

— Você sabe que tenho que fazer isso — sussurro.

O barulho que ele faz é algo entre um grunhido de raiva e um choramingo aterrorizado. Um ruído que nunca imaginei que ouviria do deus imponente e todo poderoso.

— *Não posso* — argumenta ele, com um tom atormentado. — Não posso te perder de novo.

Respiro fundo.

— Não posso prometer que não vai acontecer, mas seu pai me ensinou muito bem.

Seus olhos faíscam de novo, mas são de uma cor prateada normal desta vez, não tão quente.

— O que você fez, Lyra?

— Tô pronta — respondo apenas. — Mas eu não conseguiria fazer isso sem você saber. Te fiz sofrer por milênios com todos aqueles segredos. Não vou fazer isso de novo. A não ser que me obrigue. Posso voltar para antes de mandar te buscarem. Você nunca saberia.

Uma rachadura minúscula, como vidro começando a se partir, aparece no braço dele. Está lutando contra mim? Contra o que a imobilidade do tempo está causando no seu corpo?

— Hades... — sussurro, acariciando seu rosto, memorizando os detalhes. — Por favor. Preciso de você do meu lado pra ter uma chance de conseguir fazer isso.

Sinto seus músculos ficarem tensos um instante antes de ele abaixar a cabeça... e sei que vai permitir que aconteça. Não vai me impedir.

No seu olhar, há mil emoções envoltas em uma chama espiralada.

— Tô aqui — diz ele. — Vai em frente.

Eu o solto e nos posiciono nos lugares certos junto com os outros, explicando o mais rápido que dá o que vai acontecer.

O Hades *odeia* tudo neste plano.

Vejo que está tão tenso que se mexe como um robô, a mão dele apertando tanto a minha que dói.

— Tô pronta — declaro.

O fogo azul queima no olhar do Hades de novo, mas aí, com um olhar que pede que ele não dificulte mais as coisas para mim, sua expressão se suaviza. E ele se inclina à frente, encostando a testa na minha.

— Eu devia estar aqui pra te ajudar. Pra te proteger. Pra fazer... alguma coisa... merda.

— Você já fez o suficiente, sobrinho — intervém Jápeto lá do canto, ainda na função de canalizar a água.

— Cala a boca — bradamos nós dois, junto com todo mundo.

Hades me aperta com força e toma fôlego, calado.

— Acho que vou vomitar — murmura Jápeto.

— Nunca gostei de você, tio — diz Hades.

Mas também me solta. Em vez de recuar, ele me beija. Não é rápido. Nem suave. É demorado, intenso e desesperado outra vez.

Aí ergue a cabeça, e a máscara pública do meu deus da morte arrogante está de volta.

— Se fizer merda, dou um jeito de ir atrás de você.

— Quanta grosseria! — Eu me afasto e seguro a mão da Reia. — Se eu fizer merda, sou eu que vou ter que ir atrás de *você*.

Ele estreita os olhos, e sorrio. Um sorriso forçado. Porque nunca estive tão apavorada na vida, mas não quero que ele perceba.

— Você sempre vem atrás de mim — responde.

Meu coração se parte e se expande ao mesmo tempo.

— Sempre.

Então o olhar dele se volta para o rosto da mãe, e, atrás dela, para Perséfone. Não tiveram tempo de trocar mais do que um breve cumprimento. E o que vou tentar fazer...

Pelo amor do Cosmos, que isso funcione.

— Você entende que, embora os mortais talvez se esqueçam do que viram, os deuses não vão esquecer — explica Reia a ele. — Das

poucas vezes em que o Cronos fez algo assim, os imortais se lembraram. Ainda não vão estar contentes com o que você fez.

Hades assente, com um gesto breve.

Também assinto. Cronos já me explicou isso. Não é como a redefinição do tempo no Tártaro, que só era lembrada por quem estava lá. Ele e eu bolamos um plano, uma teia de histórias a ser tecida. Já contei aos outros.

Cronos também me falou outra coisa. Um plano para proteger a Reia. Apesar de estar aqui ao meu lado junto com os outros, é visível que está de coração partido. O pedido dele é o tipo de proteção que agora entendo muito bem.

— Talvez a gente perca aliados entre os deuses da morte — alerta Jápeto.

Já tocamos neste assunto, mas repito:

— Se lembrarem do feitiço sendo tirado, vão vir perguntar. E tenho que tirar o feitiço de mais gente.

Ele faz uma cara ressabiada.

— É melhor a história de vocês três estar alinhada, então.

Troco um olhar com o Boone e a Perséfone, que retribuem com menos confiança do que eu gostaria. Mas Cronos e eu também pensamos nisso.

O poder sobre o tempo tem suas vantagens.

Tenho problemas maiores a abordar primeiro.

— Primeiro vamos ver se consigo fazer isso. Todo mundo pronto?

Ficamos ali, de mãos dadas. Teia segura a mão da Tétis enquanto o cadáver da titânide está caído no chão ao seu lado, lá na ponta.

Hades está separado de nós. As únicas pessoas conectadas a mim são as que estavam no Tártaro comigo esse tempo todo.

Ele não é uma delas.

Olho para ele, e ele me olha. Aí... ele sorri. Nada de covinhas. Nada de provocações. Mas... é *isso* que significa confiança.

Foi muito difícil a gente chegar aqui.

— Se eu não conseguir proteger as coisas que tenho que proteger, já sei que consigo te trazer pra mim de novo. — Eu me refiro a não conseguir manter o Tártaro aberto e acabar trancada lá

embaixo outra vez, e ele perder o controle e entrar no modo *atear fogo no mundo*.

— Se acontecer de novo, também vou saber disso. Tenho fé em você. Sempre.

Concordo com a cabeça, aí foco nos destroços do Tártaro, que está se afogando bem depressa.

— Que isso funcione. — Não sei para quem estou orando a esta altura.

Para todos nós, talvez.

Invoco o poder do Cronos. Agora é tão fácil. Como um filhotinho ávido que só quer brincar de pegar a bolinha.

Não me mata, digo ao poder em silêncio. O Hades não conseguiria lidar com isso.

Não avisei a ele desse pequeno risco. Da parte em que a magnitude do que estou prestes a fazer talvez me esgote, primeiro extraindo os poderes imortais, e então minha imortalidade, e aí minha mortalidade, deixando só uma carcaça seca para trás.

Por sorte não vai rolar.

O truque é preservar a simplicidade.

Não posso bancar o Super-Homem e sair voando pelo mundo, revertendo o tempo. Porque isso reverteria tudo o que foi feito. Aquelas crianças no ônibus cairiam da ponte se ele salvasse a Lois da segunda vez. Há coisas que preciso que fiquem como estão, e coisas separadas que precisam mudar.

Até a Reia concordou, embora eu ache que outra partezinha dela morreu com o Cronos ao fazer isso.

Mas foi Cronos que me ajudou a decidir o que era mais importante e o que tinha que ser deixado para trás ou refeito.

Começo com... a gente.

Fecho os olhos e vislumbro um domo de proteção iluminado ao nosso redor. Como uma bolha. E, dentro da bolha, mantenho o tempo como está.

— Tá funcionando — afirma Hades.

Abro os olhos e, dito e feito, o poder flui do meu peito — a mesma luz incandescente que se dividiu para criar as fendas temporais vermelhas, e aí se reintegrou dentro de mim. Emana direto do meu coração para fora, formando uma camada de

proteção vítrea entre mim e Hades. A coisa se espalha e vai crescendo, até envolver todo mundo.

Com Hades do lado de fora.

Com a outra mão, espalho os dedos sobre película suave e fina de poder. Hades faz o mesmo, mão a mão comigo. Não consigo senti-lo, porém. Só a efervescência do poder do Cronos.

— Eu te amo... — murmura ele.

Estou tão tentada a responder "eu sei", mas não sei se ele já viu o filme, e neste momento, não vou privá-lo das palavras.

— Eu te amo.

Aí o vejo sorrir de novo.

Não quero desviar o olhar.

— A água vai te acertar até eu conseguir fazer ela recuar. Se prepara.

Porque, assim que a bolha que criei envolver os quatro titãs dos pilares, eles não vão conseguir mais conter o dilúvio.

Hades confirma com a cabeça.

Olho para a direita, no ponto em que os lados da bolha quase se encontram. Três. Dois. Um.

Bum.

A água explode caverna adentro, e meio que espero que Hades seja arremessado para fora de vista, mas o fogo e a fumaça o circundam, protegendo-o, e ele continua diante de mim. Vai ficar comigo o máximo de tempo possível. Vejo isso em seus olhos.

Então me concentro na função.

Imagino duas coisas acontecendo, e aqui fica difícil. Primeiro, paro o tempo atual dentro da nossa bolha de proteção.

De imediato, Hades franze a testa e abaixa a mão, olhando ao redor.

— Lyra? — chama ele.

Não consegue mais nos ver. Está funcionando.

Depois, no ponto externo a nós, onde ele está junto ao resto do mundo, incluindo o Tártaro, começo a reverter o tempo.

— Caralho, olha só — brada Jápeto.

Ninguém o manda calar a boca.

103

SE EU PUDESSE VOLTAR NO TEMPO

LYRA

Cronos me avisou, até me preparou para o que eu veria, mas ainda é um choque ver Hades retroceder, observar versões passadas de todos nós aparecendo e interagindo com ele, também se movendo para trás. Ver a versão passada de mim mesma, de minutos antes, discutindo com ele.

Não posso ficar observando Hades ou vou perder a concentração, então desvio o olhar, focando no Tártaro nessa parte. Quando volto a olhar, ele sumiu.

Precisa ser mais rápido. Quanto mais tempo eu demorar a fazer isso, pior para mim.

Aumento a velocidade do mundo externo, como se rebobinasse uma fita VHS antiga. Aí nossas versões passadas desaparecem, eu indo para o Submundo e depois para o Olimpo com o Hades, e os outros indo para onde quer que tenham ido se esconder antes.

Depois de um tempo, os tentáculos de fumaça e fogo do Hades se reformulam e voltam ao Tártaro, cavando bem fundo, me procurando, embora eu não esteja mais lá.

— Ali estão eles — sussurra Mnemosine.

Os deuses da morte voltam, reaparecendo na caverna, seguidos pelos titãs, Boone e Perséfone saindo de onde tinham ido se esconder.

Todos observam a luta ao contrário, mas acontece atrás de mim. Estou focada por completo no Tártaro. Esperando pelos dois

momentos específicos no tempo que busco. Vão aparecer a qualquer instante.

Um som engasgado ressoa à direita, seguido pela voz da Teia:

— Não solta a minha mão, irmã.

Tétis.

Conseguimos salvar a Tétis.

O alívio me atravessa, intenso e irregular, e o mundo externo oscila — o monstro de fumaça e fogo diante de mim faz a mesma coisa três vezes até que eu consiga controlá-lo.

— Se concentra — sussurra Reia.

Concordo com a cabeça.

Em algum momento, nossa luta com os deuses vai acabando, até nossas antigas versões estarem dentro do Tártaro com os portões bem abertos e os deuses do Submundo diante deles, suas luzes agrupadas lá em cima, já tendo causado dano enquanto os tentáculos do Hades lutam contra eles.

De propósito, desacelero o ritmo do mundo externo, buscando o momento. O momento único e perfeito. Aí os destroços desaparecem, e a ponte acima do abismo fica inteira. A luz dos deuses da morte sai do interior do Tártaro, mas os portões continuam abertos.

— Agora — sussurro. Pauso o mundo externo, e a fumaça fica imóvel. — Depressa.

Ainda um segurando o outro dentro da bolha, corremos a toda velocidade imortal. Mas, a cada passo dissonante, sinto o tempo me escapando aqui dentro. Sinto a tração do poder no meu peito, e a cada passo fica mais difícil, minhas pernas ficam pesadas.

Mas chegamos lá, aos portões duplos enormes do Tártaro, ainda abertos.

Um choramingo me escapa assim que paro, e tenho que respirar fundo várias vezes.

— Lyra? — A voz da Reia soa preocupada.

— Tô bem.

Contudo, estou precisando empregar muita energia para responder. Preciso fazer tudo mais depressa.

Levo a mão livre aos portões e estendo a bolha que nos cerca. Eu a imagino fluindo pelas portas, por cima da ponte, descendo o

abismo até os sete Cadeados lá embaixo, indo até os pilares que nutrem o Cosmos, então voltando túneis adentro, cobrindo cada centímetro da prisão que abrigou os titãs por tanto tempo e todas as almas presas lá.

Quando enfim termino, estou tremendo tanto que mal consigo levantar o braço. Escorrego a mão pelo portão até ficar na altura da cintura, então me recosto ali, imprensando-a no portão com a força do corpo todo.

— Jápeto! — chamo.

Ele está mais perto. Também se ofereceu para exercer essa função. O titã se solta da nossa corrente, conectando as mãos da - Mnemosine e da Febe atrás de si. O fato de ele não desaparecer nem ficar imobilizado é um bom sinal. Ele fecha os portões enquanto ainda estamos lá fora. Então testa. Nenhum Cadeado se ativa de novo, e ele consegue abri-los outra vez.

O titã assente.

E o enjoo me toma.

Mais um sinal de que estou me esgotando rápido demais. Cronos me alertou sobre os sinais aos quais eu devo me atentar.

Vai mais rápido, Lyra.

Jápeto volta para perto de nós, dando um beijo na mão da Mnemosine e ganhando um sorriso em troca. Torcendo à beça para eu ter conseguido abarcar o Tártaro por inteiro, seguro todo o espaço — a gente e a prisão — neste momento do tempo depois que a porta já foi aberta e recebi o poder do Cronos.

Cronos me alertou a não voltar no passado antes disso. Nem para salvá-lo. Quebra de paradoxos temporais catastróficas etc. e tal. Eu perderia meu poder. Ainda ficaríamos presos lá dentro. Ele me fez prometer.

Então fiz a promessa de tirá-lo de lá. De algum jeito. Em outro momento.

Tento não pensar na tristeza implícita e no sorriso que ele deu enquanto respondia que era para eu fazer isso, sim. Cronos já devia saber a esta altura que meu tipo de teimosia é o que faz a porra toda acontecer.

Talvez eu não tenha aprendido a lição com a Isabel.

Mas, neste momento, não tenho escolha alguma quanto a isso.

Continuo revertendo o tempo do lado de fora da bolha.

Fazendo o mundo ir para trás. Demora, mesmo que eu esteja fazendo isso o mais rápido possível. A luz, a fumaça e o fogo duelam pela câmara. Não é de se admirar que estivéssemos sentindo os terremotos. Aí os tentáculos do Hades somem, e em algum momento os deuses da morte atrás de nós também empacotam a própria luz e desaparecem.

Depois disso, não sabemos bem o que está acontecendo, porque rola do lado de fora dali. Nem sei quanto tempo já estive aqui embaixo a esta altura. Graças à viagem no tempo, parece que se passaram muitas vidas. Mas ali fora? Não perguntei quanto tempo se passou, o que dificulta a redefinição. Só sei que o tempo ainda está retrocedendo por causa do efeito no meu corpo.

Minha cabeça tomba para a frente porque não consigo mais mantê-la erguida.

— O que tá acontecendo com ela? — pergunta Boone, com um tom exigente.

Não ligo tanto porque estou fazendo esforço para continuar de pé. Minhas pernas tremem tanto que não sei se meus joelhos vão aguentar.

Tenho que continuar. Eu consigo.

E tenho que olhar para saber quando parar.

Forço um olho a se abrir, e a imagem fora da bolha oscila outra vez. Mas não repetindo o mesmo segundo várias vezes, como antes. Agora a imagem alterna entre os portões sólidos e os destroços.

— Que porra é essa? — questiona Céos.

— Lyra...

Acho que Reia olha para mim. Não tenho certeza porque mantenho meu único olho aberto fixo nos portões, esperando para ver o momento exato, e se eu me mexer sequer um pouco, não vou dar conta. Sinto os dois momentos do tempo escapando do meu controle. Vai ser o puro suco do caos.

Cronos também me avisou sobre isso. Que quando eu começasse, quando eu avançasse demais, não poderia parar até acabar.

— Lyra? — Reia ainda parece preocupada.

Como uma mãe.

Lágrimas brotam dos meus olhos e escorrem, mas até isso é esquisito. Rolam para baixo e depois para cima.

— Lyra... — A voz dela soa distante.

Aí ela manda alguém segurá-la no ombro.

Quando percebo, dois braços me abraçam por trás, me mantendo ereta.

— O que tá acontecendo? — Mnemosine parece assustada.

Ela nunca fica assustada. Não quero que fique assustada. Depois de tudo que passaram para sair daquele lugar, tudo o que perderam, elas merecem nunca mais sentir medo.

— O poder tá esgotando ela — explica Reia, perto do meu ouvido. — Uma das limitações que o Cronos tinha. Ele não conseguia ver o futuro, e o poder de ver o passado o esgotava.

É ela que está me segurando?

Reia perdeu o Cronos hoje. Em parte, por minha causa. Não posso consertar isso. Não posso salvá-lo. E ela luta para me ajudar.

— Não se preocupa, querida — murmura ela. — Vou te dar todo o poder de que precisa.

A energia me invade.

É como pegar um dos raios do Zeus. Lembra o dia em que virei deusa.

Não sei como a Reia está fazendo isso, mas arfo à beça, colocando oxigênio para dentro dos pulmões, que pararam de funcionar.

O mundo ao redor para de girar. As lágrimas no meu rosto escorrem em uma direção só.

— Se acha que não tem como, para agora — sussurra Reia. — Já basta. A gente pensa em outra coisa. Mas já basta.

— Não. Não quero que ele se arrependa...

Não quero que Hades se arrependa de nada. Posso poupá-lo dessa dor.

— Então vai depressa, meu amor. Depressa.

Prossigo. Continuo retrocedendo o tempo do lado de fora. Não paro até de repente Caronte, Cérbero e Deméter aparecerem no espaço.

Então desacelero. E Hades aparece. Vejo como tiveram que arrancá-lo para longe da porta, enquanto ele grita meu nome. Consigo parar ali, quando estão todos diante dos portões fechados,

chocados, logo depois de Boone e eu termos sido puxados lá para dentro.

Paro tudo do lado de fora.

Teria parado antes, mas precisava vê-los aparecendo aqui para saber que era o momento certo.

— Funcionou? — pergunta Febe, trêmula.

Se funcionou, o Tártaro ainda está aberto. Cronos ainda está morto. Só o mundo externo à bolha, externo a nós e ao Tártaro, se redefiniu.

Assim espero.

Ainda estou contendo nosso tempo na bolha, mas libero o mundo lá fora. Observamos na velocidade normal o Hades perder o controle, esmurrando as portas e gritando meu nome. A Lyra do passado teria estado do outro lado com a mão na porta, preocupada com ele. Mas ela não está mais lá. A linha do tempo do Tártaro está sendo contida na minha linha do tempo atual — à minha versão de agora, e não a do passado.

Assim espero. Não quero mesmo que tenham duas de mim por aí.

Quase acabou.

Temos que esperar até os outros tentarem levar Hades para longe, mas aí ele se teletransporta de repente. Sei para onde. Para implorar aos irmãos que destranquem cada um dos Cadeados para eu sair.

E por fim... por fim... eu liberto o controle sobre ambos os lugares.

O escudo protetor ao redor estoura como uma bolha de sabão.

Não percebi o quanto eu tinha nos apartado do mundo até o som voltar sutilmente e o ar soprar na minha pele.

Olho para os portões fechados do Tártaro.

Por favor, deuses, que tenha funcionado.

Com sorte, também não há réplicas de todos que estavam na minha bolha temporal. Cronos não tinha certeza disso.

— Jápeto? — pede Reia.

Ele testa os portões de novo, e estes se abrem e se fecham com facilidade. O Tártaro segue destrancado. E Cronos não está aqui. Estaria se eu tivesse feito merda e duplicado todo mundo.

Ao menos isso, graças aos titãs.

Reia ainda está me abraçando, do contrário eu já teria desabado.

— Graças à deusa mãe — sussurra ela, ecoando meus pensamentos.

— Pra mim, já vale — afirma Jápeto.

Recostando-me na parede, puxo a Reia para a minha frente e percebo que ela está a cara da morte, com a pele pálida e olheiras fundas. Acho que quase a matei. Graças ao Cosmos, não aconteceu.

— Obrigada.

Ela afaga minha cabeça.

— Você é tão minha filha quanto era pra ele.

Para Cronos, no caso.

Ela o perdeu, não me culpa, e não consigo lidar com isso agora. Talvez depois. Temos coisas a fazer aqui ainda.

Abro um sorriso choroso.

— Vão — digo.

Os titãs correm para dentro do Tártaro, fechando os portões e deixando apenas Boone, Perséfone e a mim do lado de fora. Vão dar um jeito de fazer parecer que a prisão está trancada. Sem dúvida, os deuses da morte vão vir aqui verificar depois de lembrarem o que aconteceu.

Minhas pernas cedem, que nem gelatina.

— Ei, ei, ei. — Boone meio que me segura, mas acaba agachado na minha frente. — Você tá bem, Keres?

— Pô, que merda isso! — Abro um sorriso. — Acho que não consigo andar até eu me recuperar.

Não sinto as pernas, nem nada abaixo do pescoço.

Boone olha para Perséfone.

— Se a virem assim, podem desconfiar de que foi ela que fez isso em vez do Cronos.

Cronos foi categórico quanto a escondermos meu poder de todo mundo. Ser rainha do Submundo e deusa dos feitiços já é perigoso o bastante — agora controlar o tempo também? Eu seria vista como uma ameaça. Sobretudo depois do que Hades fez. Vão todos lembrar.

Então Cronos é parte do nosso disfarce. Precisamos que o mundo acredite que, enquanto morria nos destroços, ele reverteu

o tempo, bolando um novo plano para tentar sair, e mandando nós três — eu, Boone e Perséfone — lá para fora enquanto Hades passava pelas proteções com a Caixa de Pandora. Todo mundo vai presumir que ele fez isso para que o filho não o enterrasse vivo outra vez.

Perséfone aperta os lábios.

— Tenho uma ideia.

104

NÃO TINHA COMO PREVER ISSO

LYRA

Boone carrega Perséfone no colo. A deusa da primavera vive para a renovação. Sua ideia foi basicamente me dar a própria energia como a Reia fez. Ela nos teletransportou quase ao topo primeiro. Boone vai nos levar pelo restante do caminho.

Foi a grande ideia dela.

Então eu consigo andar. Mais ou menos. Ela, não. O plano é justificar a fraqueza dela como algo que aconteceu durante a briga com os deuses da morte.

Acho que estamos todos nos preparando para o teatro.

Eu estou.

Depois que contarmos nossa história, depois de nos encontrarmos com quem amamos... todo mundo pode ir para casa e descansar enfim. Lamber as feridas. Assimilar tudo. Viver o luto. E então definir que merda fazer depois.

— Pronta? — indaga Boone.

Perséfone e eu assentimos.

O ruído some, mas quando volta, o que vejo não é Hades berrando com os irmãos para me soltarem. Não é o caos de todos tentando conciliar lembranças do que aconteceu antes com o fato de serem trazidos de volta à força a este momento do tempo. Nem é uma luta.

É o Hades de joelhos na frente dos deuses da morte, com o cajado do Anúbis ao redor do pescoço dele.

— Parem! — grito, tentando correr, mas não consigo.

Tem alguém ou alguma coisa me segurando.

Todos os deuses ao redor, do Olimpo e além, assumem uma posição de luta.

— Como vocês escaparam? — questiona Anúbis, com um tom autoritário.

Estou tremendo de novo, agora de medo, revezando o olhar entre ele e Hades. Não é assim que deveria acontecer.

— Cronos... — gaguejo, explicando a história.

Anúbis já estreita os olhos caninos quando termino de falar.

Ele se lembra... de eu ter tirado o feitiço dele, mesmo que esteja ali de novo. Também temos uma história que explica isso. Mas Anúbis não pergunta. Talvez não saiba ao certo no que acreditar.

Será que o deus egípcio já chegou à mesma conclusão que nós? A de que no momento precisamos guardar segredo sobre o feitiço. Precisamos ludibriar e fazer com que a pessoa responsável se acomode. Assim, vamos conseguir caçar quem quer que seja.

— Vão verificar os portões do Tártaro — ordena ele a Exu e Hela.

A deusa nórdica mexe o ombro.

— Não sou sua cadelinha, não...

— Tá bem — concorda Anúbis. — Outra pessoa.

— Eu vou — anuncia Yeomra.

Não demoram nem de longe o que demoramos. Mantenho o olhar no Hades, que me encara sem expressão, sem me enxergar.

Sem enxergar a volta dos deuses. Sem ver nada.

— Tá trancado — informam a Anúbis.

— Então... — Revezo o olhar entre ele e o Hades outra vez. — Tá tudo bem...

O deus com cara de chacal repuxa os lábios, mostrando os dentes.

— Perdão, jovem deusa, mas não tá, não. O... egoísmo... do Cronos pode ter consertado o dano causado, mas todo mundo aqui lembra o que o Hades fez.

— Ele tava se controlando. A profecia era pior...

— Ele mostrou do que é capaz e o quanto é fácil pra ele perder o controle. Um poder assim não pode permanecer nas mãos de alguém que faria tudo isso só por causa de uma amante.

O pavor só aumenta o meu entorpecimento. Meus ouvidos estão zumbindo.

— Como assim? — pergunto com a voz trêmula.

Anúbis não responde.

Em vez disso, gesticula para os outros deuses da morte, e estes cercam Hades, um com a mão no outro.

Uma balança se materializa diante de Hades, e então uma luz azul na forma de um orbe também surge, emanando do peito dele. Vai parar em um dos lados da balança, e aí uma pena — branca e macia, mas leve — aparece do outro lado. A pena da Maat, a deusa egípcia da verdade e da justiça.

E prendo a respiração enquanto a balança decide.

Só que... o poder do Hades é pesado, e a culpa dele também.

O lado dele da balança se abaixa.

— Não! — exclamo. — Não matem ele.

— Hades — pronuncia Anúbis com um tom quase mecânico. — Você foi julgado.

Não. Obrigo meu corpo a se mexer. Incito as pernas a correrem até ele. A me colocar entre ele e os deuses. A teletransportá-lo para longe.

Procuro Caronte ao redor. Cérbero. Impediriam isso se estivessem aqui. Não é? Mas não estão.

Isso não pode estar acontecendo. Os deuses não podem matar Hades. Não agora que finalmente passamos por tudo isso. Consertamos. Consertamos tudo, merda.

— Não matem ele...

Anúbis ergue a mão.

— Você está, a partir deste momento, privado dos poderes e da imortalidade. Não será mais um deus, e sim um mortal.

Hades sai do torpor, e sua cabeça cai para trás em um grito de angústia que abala as bases do Olimpo, o chão tremendo.

Em um piscar de olhos, o orbe azul na balança fica escuro como a morte, e o tremor cessa. Anúbis afasta o cajado dele, e Hades cai no chão.

Aí a luz escura que já foi o poder dele só... se esvai.

Deixando todo mundo ali encoberto por um silêncio sepulcral. Nenhum deus ou deusa tentou impedi-los. Ninguém argumentou.

Os deuses da morte soltam uns aos outros, e desaparecem um a um, retornando aos próprios domínios até só restar Anúbis.

— A gente não pode ficar sem um deus da morte — afirma Zeus, vivo de novo.

Parece que ele está tão chocado quanto os outros.

Ele tem razão. Como rainha do Submundo, estou limitada sem o poder do Hades sobre a morte.

— Façam uma competição — sugere Anúbis. — Pra um novo deus da morte dos planos do Olimpo. E a gente volta pra conceder o poder ao vencedor.

O chacal olha para mim e para Perséfone, então estende a mão. O bidente do Hades se manifesta no ar diante do Anúbis. Ele sussurra algumas palavras para o objeto. O bidente brilha num tom de laranja muitíssimo vívido, e aí tem um lampejo, e a coisa se parte em duas.

Dois bidentes idênticos.

Com outro sussurro, as armas vêm na minha direção e na de Perséfone.

— Por enquanto, as rainhas do Submundo de vocês conseguem dar conta do recado, com alguma ajuda — prossegue Anúbis.

Perséfone e eu nos entreolhamos, cada uma aceitando um bidente. Em meio ao choque e ao medo, uma faísca de esperança se acende. Amigas, ela disse, e agora sei que tinha razão. Talvez juntas consigamos lidar com as coisas.

E, assim, Anúbis some.

Corro até Hades, ou ao menos tento, com as pernas bambas. Ainda está imóvel no chão, e estou completamente perdida.

Hades não morreu; sinto sua pulsação. Graças aos deuses, estrelas, universos e todas as Moiras por ele não estar morto. Mas agora é mortal.

Ele é mortal, e eu, não.

Luto contra o pânico que ameaça me tirar do prumo. Meus pensamentos estão a mil. Hades uma vez me disse que o que vê no Elísio — o paraíso que aquele lugar criaria para ele — é ele junto comigo como sua rainha. Mas será que é para lá mesmo que ele vai depois da morte, agora que é mortal?

É assim que vamos parar no Elísio juntos? Eu o sigo até lá?

Não. Não posso pensar assim. Isso não vai acontecer.

Não podemos levar o Hades para o Submundo. Ainda não. Sua alma mortal ficaria presa lá até que eu conseguisse protegê-lo, seja com o que quer que tenha usado para permitir as visitas dos outros campeões na Provação, seja com o mesmo beijo que me deu.

— A gente vai levar o Hades pro quarto no Olimpo — declaro.

— Não... — contrapõe Deméter.

Sei que é ela pela forma como Perséfone olha para trás de mim e fica pálida. Boone parece perceber também. Ele a leva até a mãe e a coloca nos braços da Deméter.

— Fica aqui com sua mãe — sussurra ele. — Fica aqui. Não vou demorar.

Ninguém diz nada nem discute quando Boone me leva com Hades para nossa casa aqui, colocando Hades na nossa cama. Vou me deitar também e fico de frente para ele.

— Vou lá buscar o Asclépio — informa Boone.

— Não. Ninguém pode saber que tô fraca. Deixa a gente aqui. Vou me recuperar.

— E ele? — pergunta, gesticulando para Hades.

Boone está sério e quieto. Não como de costume. Mas não tenho forças para lidar com isso agora. Ainda não.

O rosto do Hades está a centímetros do meu. Chego mais perto, afagando sua face. Será que ouso reverter isso também? Acho que não. Os deuses lembrariam.

— Vou estar aqui quando ele acordar — afirmo.

Chega de lágrimas. Chega de pânico. Tenho que ser forte agora. Pelo Hades.

Boone hesita por um momento antes de assentir e sair do quarto, e fico deitada ali, esperando, o olhar fixo no rosto do Hades. Retiro o feitiço enquanto isso, acariciando os ângulos do seu rosto com a ponta dos dedos.

Ele não morreu. Nem eu. Vamos nos curar. Vamos dar um jeito nisso juntos.

Seus olhos tremem e se abrem devagar, e tenho que engolir o choramingo. Não estão mais prateados.

Estão... azuis.

Não o azul sobrenatural de Cronos ou Zeus, mas um azul-acinzentado opaco.

Hades foca no meu rosto, e vejo, assim que a névoa do sono se dissipa, que ele se lembra do que acabou de acontecer. Aí sua expressão fica tensa por um instante, e acho que vejo um lampejo prateado na raiva faiscando em seus olhos, até a expressão se suavizar quando ele percebe minha preocupação e segura minha nuca para me dar um beijo suave.

— Não se preocupa, minha estrela — murmura Hades, contra minha boca. — Tenho um plano.

Epílogo

FARSANTE

Enfeiticei o mundo imortal milênios atrás, e os efeitos ainda estão intactos em todos os rostos que vejo ao redor.

Com exceção do Hades, mas acho que virar mortal anulou a necessidade de tal magia.

Tive que enfeitiçar todo mundo, usando deuses influenciáveis para me ajudarem a fazer isso simultaneamente, e assim os mantendo sob meu domínio por todo esse tempo.

Os titãs, aqueles monstros, mereceram a punição que garanti que recebessem.

Mas os outros deuses jamais teriam feito isso. A não ser que eu os obrigasse. E tive razão ao fazer isso. Olha só o que o Hades fez, no que se transformou. Nem eu sabia o que estava desencadeando quando mandei a Perséfone para o Tártaro. Os desdobramentos da minha ação. A jovem deusa da primavera pode ter cara de tontinha, com os sorrisos e o jeitinho doce, mas é mais esperta do que parece. Ela estava quase lá, descobrindo coisa demais. Acabaria me encontrando.

No fim, Hades quase cumpriu a profecia. Teria feito isso, se Lyra não o tivesse impedido. Ele é perigoso. Era para ter sido morto quando criança.

Agora não é mais uma ameaça — o mundo está a salvo do Hades.

Talvez não haja mais nada a fazer.

A não ser continuar vigiando tudo... e, para fazer isso, vou me aproximar daquela que é mais importante para o Hades.

Lyra.

Vamos nos tornar tão próximas que vai parecer que nos criaram lado a lado; vou virar sua pessoa de maior confiança. Talvez até a use do jeito como usei o Zeus, se sua mente for maleável o suficiente.

Que pena! Sempre gostei dela.

GLOSSÁRIO DE DEUSES, TITÃS & OUTROS

AFRODITE: deusa grega do amor, do desejo, da beleza, do prazer e da procriação.
ANÚBIS: deus egípcio da mumificação, do pós-vida e dos mortos.
APOLO: deus grego da música, da poesia, da luz, da profecia e da cura; em geral, é associado ao sol (irmão gêmeo de Ártemis).
ARES: deus grego da guerra, do combate físico, da carnificina e da proteção.
ÁRTEMIS: deusa grega da caça, da selva, dos animais selvagens e do parto; em geral, é associada à Lua (irmã gêmea de Apolo).
ATENA: deusa grega da sabedoria, da estratégia militar e do artesanato.
BOONE: deus grego recém-deificado, deus dos ladrões... e mais por vir.
CARONTE: barqueiro grego dos mortos pelos rios Estige e Aqueronte no Submundo.
CÉOS: titã grego do intelecto.
CÉRBERO: criatura grega — o cão infernal de três cabeças de Hades; guardião do Submundo.
CRIO: titã grego das constelações; ordenador do ano.
CRONOS: rei grego dos titãs; titã do tempo, da agricultura, dos céus, da força, da comunicação animal.
DEMÉTER: deusa grega da agricultura, da colheita e da fertilidade; mãe de Perséfone.
DIONÍSIO: deus grego do vinho, da festa, do êxtase religioso e do teatro.
ERESQUIGAL: deusa suméria da morte e rainha do Submundo.
EURÍBIA: titânide grega de todas as coisas que influenciam os mares, incluindo o tempo e os ventos.
EXU: espírito mensageiro iorubá e divindade ardilosa.
FEBE: titânide deusa da profecia e da lua.

GAIA: mãe grega primordial dos titãs.

HADES: deus grego da morte e dos mortos; antigo rei do Submundo, atual rei dos deuses gregos/olímpicos.

HÉCATE: deusa grega da magia, da bruxaria, das encruzilhadas, dos fantasmas e da necromancia.

HEFESTO: deus grego do fogo, da metalurgia, das habilidades e dos vulcões.

HELA: deusa nórdica do Submundo e dos mortos.

HERA: deusa grega do casamento, das mulheres e do parto; antiga rainha dos deuses gregos/olímpicos, como esposa de Zeus.

HERMES: mensageiro grego dos deuses; deus dos viajantes, dos comerciantes, dos atletas e dos oradores; antigo deus dos ladrões.

HÉSTIA *(falecida)*: deusa grega da lareira, do lar e da família.

HIPERIÃO: titã grego da ordem cósmica, pai da luz e dos céus.

JÁPETO: titã grego da vida e da dor; pai dos mortais; pilar ocidental do céu.

LYRA: deusa grega recém-deificada, recém-coroada rainha do Submundo... e mais por vir.

MEDUSA *(falecida... ou será que não?)*: górgona grega com cabelo de serpentes; conseguia transformar qualquer coisa viva em pedra com um olhar até Perseu cortar sua cabeça para derrotar o kraken.

MICTLANTECUHTLI: deus asteca da morte e governante do Submundo Mictlán.

MNEMOSINE: titânide grega da memória.

OCEANO: titã grego que é a origem de todas as águas: oceanos, mares, rios e nascentes.

ODIN: "Pai de Todos" nórdico e governante dos deuses Aesir; deus da sabedoria, da poesia, da morte, da magia e da guerra.

PERSÉFONE: deusa grega da primavera, da vegetação e da agricultura; antes chamada de rainha do Submundo.

POSEIDON: deus grego do mar, das tempestades, dos terremotos e dos cavalos.

REIA: rainha grega dos titãs; titânide da Terra, da furtividade, da fertilidade, da maternidade e da geração.

TA'XET: deus haida da morte violenta (irmão gêmeo de Tia).

TEIA: titânide grega da cura, da visão e da profecia.
TÊMIS (*falecida*): titânide grega da lei divina, da ordem, da justiça e do hábito.
TÉTIS: titânide grega da água fresca e da amamentação.
TIA: deusa haida da morte pacífica (irmã gêmea de Ta'xet).
URANO: pai grego primordial dos titãs.
YEOMRA: deus coreano dos mortos e o quinto dos dez reis do Submundo (Shi-wang); governante supremo do Submundo e juiz dos mortos.
ZEUS: deus grego do céu, do trovão, do relâmpago e de todos os parentes; o rei anterior e original dos deuses.

AGRADECIMENTOS

Querida pessoa leitora,

Os jogos dos deuses é o livro que me tirou de uma crise severa de *burnout*. Achei que era isso, que era hora de desistir do sonho. E aí tive a ideia do livro, e a Liz amou, e a história meio que explodiu de mim, revigorando meu amor pela escrita, cada palavra configurando alegria. Ter sido recebida pelos leitores como eu fui só tornou a história ainda mais especial.

Então, para meus colegas escritores por aí... não tem um jeito certo de executar o ofício. Encontre a forma que funciona para você, que alimenta sua alma e te deixa feliz.

Agora, sobre *Os erros dos deuses*... Assim que terminei de digitar as últimas palavras do primeiro rascunho de *Os jogos dos deuses*, tive uma epifania sobre o que eu queria para o segundo livro. Amo histórias e personagens que não são o que parecem, sempre escondendo uma coisinha ou outra, porque quando todos os detalhes se juntam, a imagem é ainda mais linda. Para mim, isso define a história de amor de Hades e Lyra, e espero muito que você tenha amado cada segundo da jornada (que ainda não acabou!) (E, também, desculpa (só que não) por ter terminado o livro com um *cliffhanger*.)

Tenho muitos agradecimentos a fazer por todo o apoio que me fez chegar aqui.

Obrigada, Deus. Que dom incrível é conseguir desbravar e criar tantos mundos e conhecer tantos personagens só usando o poder da imaginação. E conseguir ver o mundo enorme no qual vivo e conhecer pessoas reais que amam este gênero tanto quanto eu é algo que sempre me deixa maravilhada e grata.

Às incríveis pessoas que me leem pelo mundo... como posso expressar o quanto o apoio, a bondade e o divertimento de vocês

são importantes para mim, para além de um sincero e emocionado obrigada? Amo me conectar com as pessoas, então espero que me mandem um oi lá nas redes sociais!

Ao meu agente, Evan Marshall... pela orientação, pelo apoio e pela bondade, obrigada demais!

À minha editora, Liz Pelletier... pela amizade, pela orientação e por realizar todos os sonhos de autora que meu coração poderia ter, mil obrigadas! Embarquei nessa aventura com tudo e, cacete, que aventura tem sido!

À minha equipe de edição, Mary, Hannah, Stacy e Rae, bem como aos leitores internos, preparadores, revisores, diagramadores e todo mundo que trabalha tanto nos bastidores... obrigada por me ajudarem a criar a melhor versão possível deste livro.

À minha família editorial na Red Tower/Entangled... é incrível trabalhar com todos vocês, e me traz ainda mais satisfação de fazer o que faço.

Aos meus editores internacionais pelo mundo todo que estão fazendo este livro chegar a ainda mais leitores... obrigada. Ver meu trabalho em tantos idiomas e conseguir conversar com leitores de todos os lugares é a experiência mais incrível de todas. Sério mesmo: todos os meus sonhos de autora estão se realizando!

Às minhas artistas... Bree Archer, LJ Anderson, Elizabeth Turner Stokes e Kateryna Vitkovska... não achei que fosse possível, mas talvez o segundo livro seja ainda mais incrível que o primeiro. Fico muito entusiasmada cada vez que chega um e-mail de vocês.

Às minhas assistentes talentosas e fenomenais, Pam & Chrissy... obrigada por me fazerem funcionar, me atualizarem dos detalhes, por cuidarem tão bem das redes sociais, e mais ainda por me fazerem companhia e pelo amor de vocês.

Aos meus extraordinários amigos escritores e minha comunidade de escrita... vocês são a família que escolhi e sempre serão.

À minha equipe de colegas de *sprint* de escrita, leitores beta, companheiros de crítica, grupos de escritores da Cathy, de TXRW e de MAKEs e à galera incrível dos retiros de escrita... seus debates, feedbacks, apoio e amizades fazem de mim uma escritora e uma pessoa melhor.

À minha família e aos meus amigos, tanto os que estão perto quanto os de longe... vocês são e sempre serão luzes na minha vida.

Por fim, ao meu marido e aos meus filhos... vocês são minhas estrelas, a âncora da minha vida, e a fonte de sentido e alegria no meu mundo. Amo vocês!

Beijinho, Abigail Owen

abigailowen.com

SÉRIE A PROVAÇÃO

vol. 1:
Os jogos dos deuses

vol. 2:
Os erros dos deuses

Copyright © 2025 by Abigail Owen
Publicado originalmente por Red Tower Books, um selo de Entangled Publishing, LLC.
Publicado mediante acordo com Alliance Rights Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Things Gods Break
CAPA LJ Anderson e Bree Archer
IMAGEM DA SOBRECAPA Anton_Tokarev/Gettyimages
DESIGN DO MAPA Elizabeth Turner Stokes
IMAGEM DO MAPA Nadia Murash/Shutterstock e ekosuwandono/Shutterstock
PREPARAÇÃO Aline Canejo | BR75
REVISÃO Clarisse Cintra | BR75 e Ingrid Romão

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Owen, Abigail
Os erros dos deuses / Abigail Owen; tradução Gabriela Araujo. – 1a ed. – São Paulo: Paralela, 2026. – (Série A provação; 2).
Título original: The Things Gods Break.
isbn 978-85-8439-625-2
1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

26-336592.1 CDD-813

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB-8/8415

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
x.com/editoraparalela